

YouTube



I



NARRATIVAS AUDIOVISUAIS COMO ESTRATÉGIAS DE VISIBILIDADE SOROPOSITIVA A PARTIR DO YOUTUBE

Estreou em 16 de set. de 2022



Joseyson Fagner dos Santos ✓

INSCRITO



Doutorado • Estudos da Mídia



Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia

Joseylson Fagner dos Santos

Luz, câmera, positHIVação!

narrativas audiovisuais como estratégias de
visibilidade soropositiva a partir do YouTube

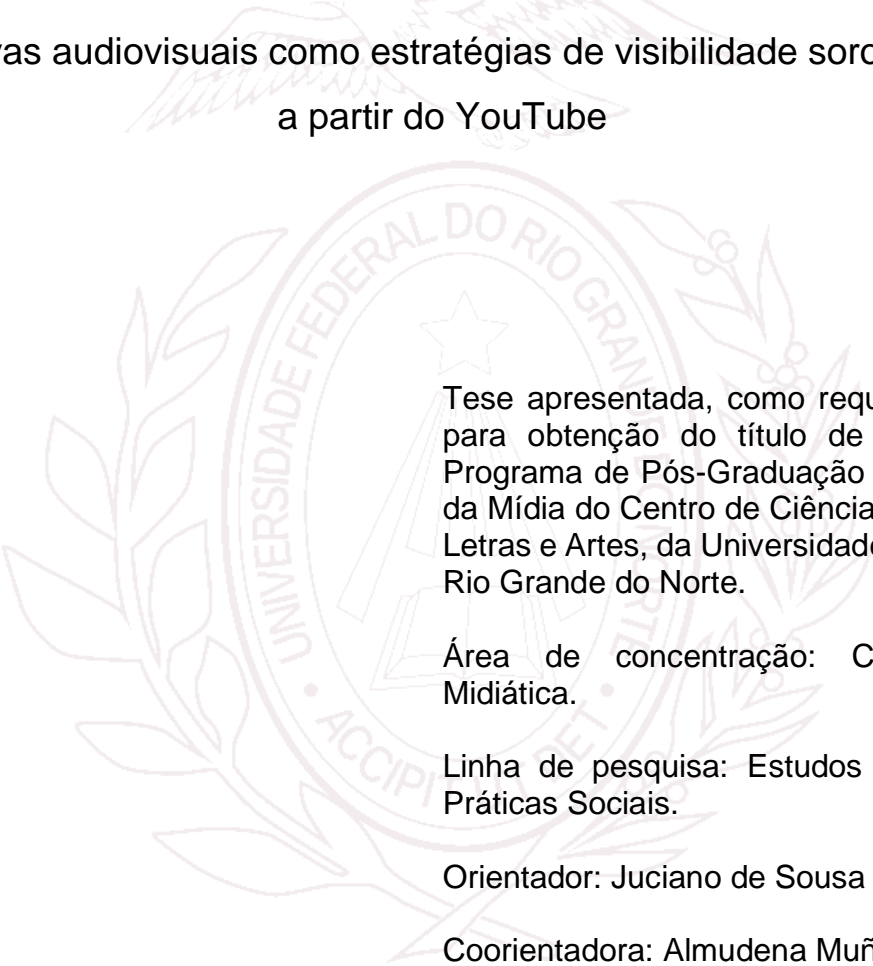
Natal, RN

2022

Joseylson Fagner dos Santos

Luz, câmera, positHIVação!

narrativas audiovisuais como estratégias de visibilidade soropositiva
a partir do YouTube



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Área de concentração: Comunicação Midiática.

Linha de pesquisa: Estudos da Mídia e Práticas Sociais.

Orientador: Juciano de Sousa Lacerda.

Coorientadora: Almudena Muñoz Gallego.

Natal, RN

2022

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de
Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Santos, Joseylson Fagner dos.

Luz, câmera, positHIVação! Narrativas audiovisuais como estratégias de visibilidade soropositiva a partir do YouTube / Joseylson Fagner Dos Santos. - 2023.

340f.: il.

Tese (doutorado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Juciano de Sousa Lacerda.

Coorientador: Prof. Dr. Almudena Muñoz Gallego.

1. Esfera pública digital. 2. Influenciadores digitais. 3. AIDS (Doença). 4. HIV (Vírus). I. Lacerda, Juciano de Sousa. II. Gallego, Almudena Muñoz. III. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 616.98:578.828

Joseylson Fagner dos Santos

Luz, câmera, positHIVação!
narrativas audiovisuais como estratégias de visibilidade soropositiva
a partir do YouTube

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Aprovada em 16 de setembro de 2022. *Sessão realizada na modalidade remota, por videoconferência, através da plataforma Google Meet.*

Banca Examinadora: **JUCIANO DE SOUSA LACERDA, Dr.**
Presidente/Orientador (PPgEM/UFRN)

ALMUDENA MUÑOZ GALLEGO, Dra.
Coorientadora (Universidad Complutense de Madrid, UCM)

MARIA DO SOCORRO FURTADO VELOSO, Dra.
Examinadora Interna (PPgEM/UFRN)

ELIZABETHE CRISTINA FAGUNDES DE SOUZA, Dra.
Examinadora Interna (UFRN)

SANDRO TÔRRES DE AZEVEDO, Dr.
Examinador Externo (UFRJ)

CARLOS ALBERTO DE CARVALHO, Dr.
Examinador Externo (UFMG)

Natal, RN
2022

Trabalho dedicado...

...à memória das pessoas que foram vítimas da intolerância, do preconceito e da falta de assistência e proteção institucionais em suas vivências na condição soropositiva;

...aos familiares, amigos e mentores acadêmicos que foram o alicerce para a continuidade da pesquisa, mesmo diante dos inúmeros obstáculos no percurso;

...às pessoas que resistem, sobrevivem e se dedicam a construir um mundo melhor e mais igualitário a todas as pessoas, sem distinção de pele, origens, desejo ou credo.

CULTIVAR A GRATIDÃO

Eu nada seria sem as mãos, palavras e sorrisos de cada um de vocês. Agradecer é preciso, reconhecer é fundamental. Cada linha nessa tese é tecida a partir de fragmentos das relações construídas ao longo da minha existência. Serei sempre grato a tudo, por tudo, em tudo o que levar minha assinatura. Nada fiz sozinho, sempre estive com cada um(a) de vocês.

Às minhas mães, pelos esforços e sacrifícios em prol da realização profissional e humana que alcança essa tese: Marluce, pela possibilidade de vir ao mundo e pelos cuidados e afetos compartilhados até hoje, à Maria das Dores (*in memoriam*), avó querida e guerreira que me ensinou que não se pode desistir diante das adversidades na vida, à Marleide, tia-mãe que me apresentou desde criança o valor da educação.

Aos legítimos defensores da educação e da justiça social, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a presidenta Dilma Vana Rousseff, e a governadora do Rio Grande do Norte Maria de Fátima Bezerra, em reconhecimento às lutas pela construção da universidade pública, da pesquisa científica e do ensino superior de qualidade, e pelas muitas oportunidades que mudam o curso das histórias de vida, e que fazem renovar a esperança por dias melhores.

À UFRN, pela excelência educacional, estrutura e incentivo à pesquisa científica, e por ser mais do que uma universidade, e sim um lar onde os sonhos se ergueram e se concretizaram em realidades.

Ao prof. Dr. Juciano Lacerda, e a Dra. Almudena Muñoz Gallego, pelo aceite e condução na orientação deste trabalho, pelas contribuições e acima de tudo pela empatia, que foi de fundamental importância pra renovar a motivação na condução da pesquisa e conclusão do trabalho.

Ao corpo docente e técnico administrativo do PPgEM, por toda contribuição e suporte aos trâmites burocráticos, pela relação construída em cada demanda solicitada, e pela atenção aos esclarecimentos recebidos.

A todas as professoras maravilhosas que tanto contribuíram para que esse trabalho chegasse até aqui, de forma direta ou indireta: à tia Lércia Maria, que me ensinou as primeiras letras, números, cores e, sobretudo, o exemplo de ensinar com amor; à minha madrinha Aurina Medeiros, que na sua figura materna, de tanta relevância, ainda despertou a paixão pelo magistério; à professora Maria Ângela Pavan, orientadora na graduação, que me fez reconhecer o potencial à pesquisa científica e investir na área; à professora Socorro Veloso, por todo o acolhimento nas vezes em que as curiosidades científicas se transformaram em parcerias e conversas elucidantes; e à professora Berenice Bento, pela condução na pesquisa de mestrado e por ter sido inspiração de uma jornada pelos estudos de sexualidade e de gênero. Vocês são minhas divas.

À Banca Examinadora, pelos apontamentos e contribuições ao desenvolvimento da versão final desta tese.

Aos queridos influenciadores, que tanto contribuíram com suas narrativas para que eu mudasse meus pontos de vista, aprendendo muito sobre HIV, cidadania, empatia e sobre sexualidade, a saber aqui: Léo Cezimbra, Gabriel Estrela, João Geraldo Netto, Drew Persí, Allan Bruno, Caio Régis, Daniel Fernandes, Diego Krausz, Gabriel Comicholi, Geovanni Henrique, Hannis Ferreira, Lucas Raniel, Lucían Ambrós, Rafael Bolacha, Vinícius Borges e todos os demais que se dedicam a debater o tema nas redes da internet (perdão se faltou mencionar alguém, não é por falta de mérito, mas apenas por conflitos cronológicos com a escrita).

À turma de doutorado em Estudos da Mídia, em ordem alfabética, Ben-Hur Bernard, Cândida Nobre, Carla Souza, Dahiana Araújo, Dayana Oliveira, Mayara Dantas, Mayara Guimarães, Raul Ramalho e Renata Othon, por todas as conversas, mensagens de apoio e trocas de conhecimento que acompanharam cada uma de nossas jornadas.

Às amigadas queridas, companheiras na angústia e no êxtase, por acreditar no trabalho, e não me deixar sentir abandonado, em especial às queridas Daiany Dantas, Juliana Bulhões, Raquel Souza, Fernanda Aragão, Juliana Teixeira e Shemilla Paiva, e aos queridos Samir Magoya e John Willian Lopes, pelas conversas, lampejos intelectuais e motivações diárias.

À Kalina Myrna, por todo o suporte e companhia da irmã de afeto, que sempre acolheu meus sonhos e sempre motivou a seguir em frente.

À toda força divina, cósmica, espiritual, afetiva e política que me acompanhou na condução do trabalho.

A todos que duvidaram, eu era apenas o filho de mãe solteira, neto de Maria do Avon, sem pai, mas com cinco mães carinhosas que me acolheram em diversas fases da vida; cresci com mainha trabalhando como “empregada doméstica” e vovó vendendo produtos de porta em porta na cidade de Acari/RN, pra gente ter o que comer na mesa e eu ter condições de estudar, coisa que sempre valorizei e jamais desisti. Agora torno-me doutor, e se tem três coisas que aprendi nessa trajetória, é que a sociedade é cruel com as pessoas de origem humilde, que a educação transforma vidas, e que a política precisa ser ocupada por gente que prioriza justiça social e o combate à desigualdade.

“Receba esse Shalom!”

Uma foto, uma foto
Estampada numa grande avenida

Uma foto, uma foto
Publicada no jornal pela manhã

Uma foto, uma foto
Na denúncia de perigo na televisão

A placa de censura no meu rosto diz:
Não recomendado à sociedade

A tarja de conforto no meu corpo diz:
Não recomendado à sociedade

Perverso, mal amado,
menino malvado, muito cuidado!

Má influência,
péssima aparência,
menino indecente, viado!

— Caio Prado



© 1989 by Keith Haring Foundation.

RESUMO

SANTOS, J. F. **Luz, câmera, positHIVação!** — narrativas audiovisuais como estratégias de visibilidade soropositiva, a partir do YouTube. 2022. Tese (Doutorado em Estudos da Mídia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2022.

Esta é uma tese positiva. Produziu-se na perspectiva de retratar fluxos e circulações de conteúdos audiovisuais nas redes digitais interconectadas, materializados em torno dos sentidos culturais e políticos a respeito da soropositividade. Apresenta narrativas e roteiros de pessoas que reconhecem, nas vivências pessoais, energia para conduzir processos de empoderamento e de mudança social, em relação a contextos históricos de violência e discriminação aos quais foram condicionados indivíduos em virtude da sua condição sorológica. A internet é o ambiente onde se observam tais práticas, nas quais pessoas que vivem com HIV se apropriam dos recursos tecnológicos criativos para, a partir das suas experiências, promover espaços para troca de conhecimentos e produção de saberes, estabelecendo condições para consumir atos coletivos em nome da visibilidade soropositiva. Nesse sentido, a pesquisa é desenvolvida com os propósitos de analisar os conteúdos compartilhados a partir do YouTube, no que se refere às características dos produtos midiáticos, e dos itinerários de realização dos canais, no âmbito sobre como são concebidas e praticadas as táticas de produção audiovisual nas plataformas de vídeo online. Para tanto, a investigação foi conduzida no horizonte da pesquisa etnográfica, pelo interesse de obter uma “descrição densa” das dinâmicas e significados estabelecidos nessas ações (GEERTZ, 2008). Na condução do estudo, foi procedida uma observação acompanhante (MISKOLCI, 2017) das práticas digitais em relação às rotinas de circulação de vídeos nos canais e, através do mapeamento das páginas, determinado o recorte empírico constituído por 18 canais produzidos por homens gays soropositivos. A partir desse material, foi aplicada a análise de conteúdo (BAUER, 2002; BARDIN, 2002) pela qual se alcançou a complexidade do emaranhado de discursos organizados sob gêneros discursivos, formatos de produção audiovisual e abordagens temáticas das variadas camadas da vida social. O material é referência, junto as transcrições e análises de falas e histórias de vida (BECKER, 1999; MYERS, 2002) dos quatro canais com maior volume de conteúdos, produzir inferências sobre os modelos de ação social e política na construção da #EsferaPositiva. A partir dos quadros obtidos, foi possível conceber politizações dos ambientes conversacionais na internet, com base na cultura libertária e emancipatória fundada nos alicerces de uma sociedade interconectada (CASTELLS, 2003; 2005; 2015; 2017). Os canais de vídeo consistem de ações fomentadoras dos processos de empoderamento, tendo em vista a tomada crítica da produção de subjetividades através de atos performativos para se contrapor aos enquadramentos históricos de precariedade das vidas soropositivas (BUTLER, 2015; 2018; 2020). Ao mesmo tempo, revelam processos de transformação das estruturas sociais e organizacionais de uma sociedade midiaticizada, decorrentes da apropriação criativa e interativa dos aparatos tecnológicos digitais (HJARVARD, 2014). Há, por fim, o entendimento de que a figura dos influenciadores digitais emerge na articulação com o ativismo, no que se refere às possibilidades de se fazer circular, na esfera interconectada, sentidos políticos e narrativas contestadoras do estigma e das condições subalternas a que os sujeitos são historicamente estabelecidos.

Palavras-chave: Esfera pública digital. Influenciadores digitais. YouTube. Narrativas audiovisuais. HIV/Aids.

ABSTRACT

SANTOS, J. F. **Light, camera, positHIVity!** — audiovisual narratives as seropositive visibility strategies, from YouTube. 2022. Thesis (Doctorate in Media Studies) – Federal University of Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2022.

This is a positive thesis. It was produced from the perspective of portraying flows and circulations of audiovisual content in interconnected digital networks, materialized around the cultural and political meanings regarding seropositivity. It presents narratives and scripts of people who recognize, in their personal experiences, energy to lead processes of empowerment and social change, in relation to historical contexts of violence and discrimination to which individuals have been conditioned due to their serological condition. The internet is the environment where such practices are observed, in which people living with HIV appropriate themselves of creative technological resources to, based on their experiences, promote spaces for the exchange and production of knowledge, establishing conditions to consummate collective acts in name of seropositive visibility. In this sense, the research is carried out with the purpose of analyzing the contents shared from YouTube, with regard to the characteristics of the media products, and the channels' realization itineraries, in the context of how are conceived and practiced the audiovisual production tactics on online video platforms. To this end, the investigation was conducted within the scope of ethnographic research, in the interest of obtaining a “thick description” of the dynamics and meanings established in these actions (GEERTZ, 2008). While conducting the study, an accompanying observation (MISKOLCI, 2017) of digital practices was carried out in relation to the video circulation routines on the channels and, through the mapping of the pages, the empirical cut consisting of 18 channels produced by HIV-positive gay men was determined. From this material, content analysis (BAUER, 2002; BARDIN, 2002) was applied through which the complexity of the tangle of discourses organized under discursive genres, formats of audiovisual production and thematic approaches of the various layers of social life was reached. The material is a reference, together with transcriptions and analyzes of speeches and life stories (BECKER, 1999; MYERS, 2002) from the four channels with the highest volume of content, to produce inferences about the models of social and political action in the construction of the #PosithiveSphere. From the frames obtained, it was possible to conceive politicization of conversational environments on the internet, based on the libertarian and emancipatory culture founded on the foundations of an interconnected society (CASTELLS, 2003; 2005; 2015; 2017). The video channels consist of actions that promote empowerment processes, with a view to critically taking the production of subjectivities through performative acts to oppose the historical frameworks of precariousness of HIV-positive lives (BUTLER, 2015; 2018; 2020). At the same time, they reveal processes of transformation of the social and organizational structures of a mediatized society, resulting from the creative and interactive appropriation of digital technological devices (HJARVARD, 2014). There is, finally, the understanding that the figure of digital influencers emerges in articulation with activism, with regard to the possibilities of circulating, in the interconnected sphere, political meanings and contesting narratives of the stigma and subaltern conditions to which the subjects are historically established.

Keywords: Digital public sphere. Digital Influencers. YouTube. Audiovisual narratives. HIV/Aids.

RESUMEN

SANTOS, J. F. **¡Luz, camera, *positiVHidad!*** — narrativas audiovisuales como estrategias de visibilidad seropositiva, a partir del *YouTube*. 2022. Tesis Doctoral (Doctorado en Estudios de Media) – Universidad Federal de Rio Grande del Norte, Natal, RN, 2022.

Esta es una tesis positiva. Se produjo en una perspectiva de retratar el flujo y circulaciones de contenidos audiovisuales en las redes digitales interconectadas, materializados alrededor de los sentidos culturales y políticos respecto a las personas con VIH positivo. Presenta narrativas y guiones de personas que reconocen, en sus experiencias personales, energía para conducir procesos de empoderamiento y cambio social, en relación con contextos históricos de violencia y discriminación a los cuales fueron llevados individuos debido a su condición serológica. La internet es un ambiente en donde se observa tales prácticas, en las cuales personas viven con VIH se apropian de los medios tecnológicos creativos para, a partir de sus experiencias, promover espacios para cambio de conocimientos y producir enseñanzas, estableciendo condiciones para firmar actos colectivos en nombre de la visibilidad seropositiva. De esta manera, este estudio es desarrollado con el objetivo de analizar los contenidos compartidos a partir del *Youtube*, a lo que se refiere a los atributos de los productos mediáticos, y de los itinerarios de realización de los canales, en el ámbito sobre cómo son creadas y practicadas las estrategias de producción audiovisual en los portales de video en línea. Por lo tanto, la investigación fue hecha por medio de un estudio etnográfico, con el interés de obtener una “descripción sólida” de las dinámicas y significados establecidos en las acciones (GEERTZ, 2008). En la conducción del trabajo fue acompañada de observación acompañante (MISKOLCI, 2017) de las practicas digitales en relación con las rutinas de circulación de videos compuestos por 18 canales producidos por hombres *gays* seropositivos. A partir de este material, fue aplicada un análisis de contenido (BAUER, 2002; BARDIN, 2002) por el cual alcanzó una complejidad de entrelazos de discursos organizados subgéneros discursivos, forma de producción audiovisual y abordaje temática de los variados estratos de vida social. El material de referencia, junto a las transcripciones y análisis de hablar y historias de vida (BECKER, 1999; MYERS, 2002) de los cuatro canales con el volumen más grande de contenidos, producir comprensión sobre los modelos de acción social y política en la construcción de la #EsferaPosithiva. A partir de los cuadros obtenidos, fue posible crear politizaciones de los ambientes de habla de internet, con base en la cultura libertaria y apropiadora establecida con las bases de una sociedad interconectada (CASTELLS, 2003; 2005; 2015; 2017). Los canales de video son hechos de acciones conductoras de procesos de empoderamiento, teniendo en vista el aporte crítico de producción de subjetividades a través de actos performativos para se contraponer a los escenarios históricos de la fragilidad de vidas seropositivas (BUTLER, 2015; 2018; 2020). Al mismo tiempo, revela procesos de transformación de estructuras sociales y organizaciones de una sociedad mediatizada, debido a la apropiación creativa e interactiva de los aparatos tecnológicos digitales (HJARVARD, 2014). Existe, por fin, la comprensión de que la imagen de influenciadores digitales surge en la articulación con el activismo, a lo que se refiere a las posibilidades de hacerse circular, en el ámbito interconectado, sentidos políticos y narrativas contestatarias del estigma y de las condiciones empobrecidas a lo que los sujetos son históricamente establecidos.

Palabras clave: Ámbito público digital. Influenciadores digitales. *YouTube*. Narrativas audiovisuales. VIH/Sida.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa da revista alemã <i>Der Spiegel</i> , de 6 de junho de 1983	48
Figura 2 – Capa da revista norte-americana <i>Life</i> , de 1 de julho de 1985	48
Figura 3 – Capa da revista <i>Veja</i> , de 10 de agosto de 1989	48
Figura 4 – Capa da revista <i>IstoÉ</i> , de 13 de janeiro de 1988	52
Figura 5 – Capa da revista <i>Amiga TV Tudo</i> , de 6 de março de 1989	52
Figura 6 – Capa da revista <i>Veja</i> , de 26 de abril de 1989	52
Figura 7 – Capa da revista <i>Galileu</i> , edição de agosto de 2017	75
Figura 8 – Capa da revista <i>Época</i> , edição de abril de 2018	75
Figura 9 – Capa da revista <i>Veja São Paulo</i> , edição de abril de 2020	75
Figura 10 – Cartaz do documentário <i>Estou com AIDS</i> , 1986	77
Figura 11 – Cartaz do documentário <i>Carta para Além dos Muros</i> , 2019	77
Figura 12 – Capa da série documental <i>Deu Positivo</i> , 2021	77
Figura 13 – Campanha “ <i>The HIV+ Issue</i> ”, Saatchi & Saatchi, 2015	79
Figura 14 – Campanha “Eu Sou Um Cartaz HIV Positivo”, Ogily Brasil, 2015	79
Figura 15 – Infográfico “Aspectos da Produção Audiovisual”	102
Figura 16 – Colagem de telas “Ambientes de gravação”	104
Figura 17 – Infográfico “Propriedades Narrativas dos Conteúdos”	108
Figura 18 – Colagem de telas “Formatos de produção”	111
Figura 19 – Infográfico “Interloquções e Abordagens Temáticas”	116
Figura 20 – Página <i>Confissões de um Soropositivo</i> > Envios > Vídeos mais populares	133
Figura 21 – Infográfico “Atividades em <i>Confissões de um Soropositivo</i> ”	135
Figura 22 – Página <i>Projeto Boa Sorte</i> > Envios > Vídeos mais populares	138
Figura 23 – Infográfico “Atividades em <i>Projeto Boa Sorte</i> ”	141
Figura 24 – Página <i>Super Indetectável</i> > Envios > Vídeos mais populares	144
Figura 25 – Infográfico “Atividades em <i>Super Indetectável</i> ”	146
Figura 26 – Página do <i>Drew</i> > Envios > Vídeos mais populares	150
Figura 27 – Infográfico “Atividades no <i>Drew</i> ”	153

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Canais no YouTube realizados por PVHIV, com conteúdos sobre a soropositividade	59
Quadro 2 – Sinergia entre fontes de estigma ao HIV e Aids	70
Quadro 3 – Abordagens iniciais de ativismo midiático na internet por PVHIV	89
Quadro 4 – Mapeamento do debate público brasileiro sobre HIV e Aids no YouTube	99
Quadro 5 – Tematização dos conteúdos produzidos pelos influenciadores digitais soropositivos	118
Quadro 6 – Vídeos com maior quantidade de visualizações, no quadro geral dos canais estudados	123

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tendências de pesquisas por vídeos sobre “HIV” e “Aids” no YouTube (2017-2022).....	97
Tabela 2 – Produção discursiva nos canais durante o período 1 (2010-2013)	120
Tabela 3 – Produção discursiva nos canais durante o período 2 (2014-2017)	120
Tabela 4 – Produção discursiva nos canais durante o período 3 (2018-2021)	120

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIA	Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS
AC	Análise de Conteúdo
Aids	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (do inglês <i>acquired immunodeficiency syndrome</i>)
AZT	Azidotimidina (zidovudina)
CID	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde
EPI	Equipamento de Proteção Individual
GIV	Grupo de Incentivo à Vida
GRID	Imunodeficiência Relacionada aos Gays (do inglês <i>Gay-Related Immune Deficiency</i>)
GSK	GlaxoSmithKline plc (companhia farmacêutica britânica)
HIV	Vírus da Imunodeficiência Adquirida (do inglês <i>human immunodeficiency vírus</i>)
HIV+	Indivíduo soropositivo (termo comum em textos no campo da saúde)
HSH	Homens que fazem Sexo com Homens
I=I	Indetectável = Intransmissível
IST	Infecção Sexualmente Transmissível
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexuais e Assexuais e + (outras identidades de gênero e sexuais que escapam às convenções cis-heteronormativas)
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONG	Organização Não Governamental
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PEP	Profilaxia Pós-Exposição
PrEP	Profilaxia Pré-Exposição
PVHIV	Pessoa Vivendo com HIV
PVHA	Pessoas Vivendo com HIV e Aids
SRS	Site de Rede Social
SUS	Sistema Único de Saúde
TARV	Terapia Antirretroviral
UGC	Conteúdo Gerado por Usuários (do inglês <i>user generated content</i>)
UNAIDS	Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (do inglês <i>Joint United Nations Program on HIV/AIDS</i>)

APRESENTAÇÃO

Trago aqui, em primeira pessoa, um breve relato sobre o desenvolvimento da pesquisa e a construção da tese, por entender que essa é uma forma de situar e de justificar a redação apresentada nas páginas seguintes. Penso que, enquanto sujeito e pesquisador, situo-me em entrelugares atravessados por memórias, desejos, currículos e por nuvens de palavras (entre conceitos teóricos, fragmentos empíricos, inserções da alteridade) que, a todo momento, elucidam a construção da tese. Sinto-me inspirado, através de meus interlocutores, a transcender formalidades acadêmicas para compartilhar essa vivência, publicizar os aspectos que remontam a história da investigação, e que se transparecem na forma textual em forma de decisões – uma vez que o objeto de estudo é amplo, sua percepção aqui é resultado de decisões no âmbito das estratégias metodológicas, referências teóricas, estrutura textual etc.

Meu propósito inicial para a tese de doutorado foi de analisar a produção de vídeos para o YouTube que eu costumava assistir no cotidiano, tais como o *Põe na Roda*, *Canal das Bee* e *Chá dos 5*. Esses canais apresentam debates acerca de questões políticas e culturais sobre gênero e sexualidade por meio de uma linguagem acessível, característica aos espaços de conversação da internet, e me fascinava a maneira como seus apresentadores ampliavam debates que antes estavam restritos às universidades ou movimentos sociais, fazendo chegar ao celular de cada pessoa. Assim comecei a explorar páginas, um cenário que cada vez mais se expandia na tela sob forma de títulos recém-criados que se dedicavam a discussões gerais ou de pautas específicas, como transexualidade, fluidez de gênero e ainda relacionadas a temáticas emergentes.

Quando cursei o segundo semestre no doutorado, conversei com uma pessoa através de aplicativo digital de encontros, que me perguntou como eu estava. Formulei minha resposta de modo não convencional, ao que tange a essa situação, quando se espera que se diga “está tudo bem”. Digitei algo como “Está uma droga, minha vida tá um caos, tudo bagunçado e eu nem sei pra que lado estou indo, nunca me senti tão mal”, com toda carga dramática que pude descrever, naquele momento, um carrossel acelerado de dúvidas, frustrações, angústias, insatisfações. E isso fazia referência a contextos profissionais, acadêmicos, pessoais, o que perpassava em um momento da vida que eu não estava conseguindo organizar, raciocinar, mas que eu sabia que

precisava dar continuidade, pra ver o que viria pela frente. Aquela resposta surgiu num instante de fragilidade, marcada por pressões individuais.

Àquela altura, a mensagem que obtive do outro lado também foi inesperada. O que achei que teria prosseguimento para um instante de silêncio, tornou-se uma troca de desabafos: “Então você acha que isso é caos? Imagina pra mim, porque hoje testei positivo pra HIV”. Eu não soube como reagir. Não sabia como continuar a conversa. Não consegui entender o que se passava na mente dele, e muito menos o que estava se passando pela minha cabeça. O que eu sabia sobre HIV e Aids era mais produto das imagens que cresci vendo pela TV do que dados de boletins epidemiológicos ou textos científicos sobre o assunto. Eu só consegui acessar os significados sobre o vírus a partir de um repertório de expressões e estereótipos construídos em torno da figura do “aidético”, ritualizado em tom pejorativo. Porém, também senti que evitar a conversa com aquela pessoa não resolveria nem meu drama, muito menos o dela, e o vácuo precisava ser preenchido com informação.

Busquei por vídeos sobre o assunto no YouTube, e encontrei canais realizados por homens gays que vivem com HIV, e que abordam experiências pessoais diversas em torno da soropositividade. Me dispus a “maratonar” os vídeos que esclareciam maior parte das dúvidas guardadas sobre o vírus, e comecei a conhecer vertentes no sentido de despertar sensibilidade para palavras discriminatórias, quadros clínicos e evoluções na medicalização, e também para um conjunto de situações de forte apelo emocional na trajetória dessas pessoas. Tamanha a curiosidade que desenvolvi, e do interesse pelas questões exploradas na tela, me senti finalmente apto para continuar conversas apoiadas no respeito e solidariedade com quem revelava tal condição pra mim e, sobretudo, instigado para reconduzir a pesquisa em direção a outros sujeitos.

Optei, então, pela reformulação do projeto, contemplando o enfoque nos canais realizados por pessoas soropositivas. Primeiro, por questões políticas, por acreditar no potencial transformador das ações investidas por esses indivíduos no combate ao preconceito e na construção de um ambiente acolhedor na internet. Segundo, por estratégia metodológica, uma vez que o cenário anterior pretendido constituía de um universo amplo, fragmentado, e eu teria que definir um recorte para viabilizar o estudo. Terceiro, pela fascinação pessoal diante de um universo de informações que me fez repensar as relações humanas, e desconstruir estruturas culturais cristalizadas pelo preconceito. A decisão por estudar o ativismo soropositivo na criação de narrativas audiovisuais a partir do YouTube é, portanto, marcada por olhares afetivos, manifestos

políticos e perspectivas metodológicas que se entrelaçam na operação das análises até a organização e redação da tese.

Para tanto, penso na importância do currículo que desenvolvi até aqui, desde a graduação até o doutorado. Foi ainda no bacharelado em Comunicação Social que realizei os primeiros estudos sobre gênero e sexualidade, atreladas à produção de um documentário sobre os significados de ser drag queen na capital potiguar. A discussão prosseguiu ao mestrado, na área de Antropologia Social, onde aprofundei os estudos e conheci áreas de conhecimento sobre corpo, saúde e doença, colonialidades e, já mestre, os estudos sobre consumo. Pela vivência docente no curso de Rádio, TV e Internet, mantive-me atualizado sobre as práticas midiáticas emergentes no ambiente digital, pois a sala de aula favorece constantes intercâmbios de saberes com outras gerações. Por fim, os conhecimentos construídos no doutorado nas discussões sobre imagens contemporâneas e teorias da cultura aprimoraram as perspectivas analíticas para o exame das dimensões comunicacionais tratadas no projeto.

Destaco, ainda, outro contexto que marcou a produção da tese. Em março de 2020, o Brasil inteiro interrompeu suas atividades para enfrentar uma nova pandemia, e precisamos readaptar nossas práticas para desacelerar as estatísticas de casos e óbitos por COVID-19. Senti-me duplamente afetado, primeiro na condição de pessoa exposta à infecção e adoecimento por esse novo agente, e depois na atuação como pesquisador, porque em alguns momentos eu tive a impressão de realizar análises sobre um evento pandêmico em tempo real. Tais fatores representaram entraves que foram superados na condução da investigação, mas que em determinado momento tiveram influências emocionais sobre os procedimentos estipulados para a conclusão das etapas de pesquisa.

Por fim, o texto é balizado por tantos tópicos de elaboração, elencados até aqui, e assim nos resta escapar aos protocolos acadêmicos para a construção dessa seção de apresentação. Assim faço com o intuito de, em primeiro lugar, manter um registro dessas vivências e interferências na realização da pesquisa. Depois, por entender que a exposição do objeto e as análises em terceira pessoa, no texto a seguir, é um dos meios de se garantir o distanciamento necessário à objetividade científica. E por fim, em estar ciente de que o texto se destina ao domínio público, para a inspiração de novas trajetórias de pesquisa, novos modos de se ver, conversar e assimilar objetos de conhecimento a partir da pesquisa comunicacional.

SUMÁRIO

1	NOTAS.REAGENTES.*; TÓPICOS INTRODUTÓRIOS.....	18
1.1	Fundamentos teóricos	23
1.2	Propósitos da pesquisa	29
1.3	Delineamentos metodológicos.....	31
1.4	Estrutura da tese	36
2	A "PESTE", O "PORTADOR" E O "RISCO": VIDAS COM HIV ENTRE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E NARRATIVA MIDIÁTICA.....	38
2.1	Saberes, conhecimentos e percepções da Aids	40
2.2	Retratos da Aids na comunicação de massa	46
2.3	Expressões do HIV nas redes de colaboração da internet.....	54
3	<!SOROPOSITIVIDADES> RE_IMAGINADAS: COMUNICAÇÃO, ESTIGMA E VISIBILIDADE	62
3.1	Marcas de violência e de dominação	64
3.2	Cultura midiática e visibilidade soropositiva	72
3.3	Fluxos de informação e ondas de ativismo digital.....	81
4	#ESFERAPOSITIVA: A INFORMAÇÃO COMO “VÍRUS POLÍTICO” NAS REDES DIGITAIS.....	91
4.1	Tramas e <i>trends</i> da rede	94
4.2	Narrativas confessionais interconectadas	100
4.3	Fluências audiovisuais da subjetividade.....	106
4.4	Matizes da vida soropositiva	112
4.5	Fluxos e permanências na produção discursiva	119
5	(TRANSMITIR_TRANSFORMAR.HIV): MEMÓRIAS E ROTEIROS EM CANAIS SOROPOSITIVOS	127
5.1	<i>Confissões de um Soropositivo</i>	131
5.2	<i>Projeto Boa Sorte</i>	137

5.3	<i>Super Indetectável</i>	143
5.4	<i>Drew</i>	148
6	{A REDE COMO UMA FORÇA POSITIVA}: POTÊNCIAS DE SI E TRANSFORMAÇÃO COLETIVA	155
6.1	Reverberar as vozes soropositivas	159
6.2	Acolher, (sobre)viver e reimaginar	165
6.3	Relatar a si e reescrever o outro	176
7	/SOBRE+VIVER: ÚLTIMOS APONTAMENTOS	187
	REFERÊNCIAS	194
	Notícias, reportagens, relatórios e sites consultados	205
	APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ANÁLISE DE CONTEÚDO	209
	APÊNDICE B – RESULTADOS SINTÉTICOS DA ANÁLISE	214
	APÊNDICE C – VOLUME DE VÍDEOS ANALISADOS	232
	APÊNDICE D – TRANSCRIÇÕES DE VÍDEOS SELECIONADOS	237
	APÊNDICE E – CLASSIFICAÇÕES GERAIS DOS CONTEÚDOS	284
	ANEXO A – CANAIS OBSERVADOS DURANTE A PESQUISA	292
	ANEXO B – COLABORAÇÕES EM VÍDEOS DE OUTROS CANAIS	314
	ANEXO C – TELAS SOBRE DESEMPENHO NO SOCIALBLADE	317
	ANEXO D – PEÇAS DE CAMPANHAS MUDIÁTICAS	325

1 NOTAS.REAGENTES.*; TÓPICOS INTRODUTÓRIOS

Pânico social, conflitos narrativos, um vírus letal: o que parece ambientar uma obra de ficção científica de terror não se distancia tanto daquilo que se descobre nos episódios vividos pela civilização humana. Mais recente, o início da década de 2020 encontra-se marcado pela pandemia de COVID-19, doença infecciosa respiratória que culminou em milhões de óbitos em todo o território mundial. O combate ao avanço do contágio pelo coronavírus¹ é dado, desde o período inicial, pela adoção de normas preventivas individuais e coletivas recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), tais como a adoção de hábitos de higiene respiratória, o uso obrigatório de máscaras como equipamento de proteção individual (EPI) em espaços públicos e o distanciamento social. Os protocolos sanitários apresentaram reflexos na economia global, uma vez que as medidas estabelecidas por meio dos decretos governamentais limitaram a atividade comercial, a realização de eventos de massa, e a circulação de pessoas em áreas urbanas. Diante desse cenário, também se destacaram as ações contrárias ao enfrentamento da pandemia, marcadas pela ampla, massiva e acelerada difusão de informações falsas, discursos negacionistas e protestos que reivindicavam o fim das restrições determinadas pelo poder público.

Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (2020), os meses iniciais de COVID-19 foram caracterizados por uma espécie de “infodemia”, termo usado para se referir a “um grande volume de informações associada a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual” (p. 2). Numa atmosfera de conflitos entre saberes e narrativas, circularam informações imprecisas e falsas em relação a diversos aspectos da doença e do vírus, alcançando bilhões de pessoas no mundo inteiro. Os contextos de desinformação foram dados por meio de conteúdos enganosos, elaborados e distribuídos com intenções duvidosas, expressivamente em torno de rumores e teorias da conspiração acerca da natureza do vírus, dos sintomas e implicações da doença, dos óbitos registrados e dos grupos sociais vulneráveis. De modo notável, o comportamento das pessoas em relação aos riscos e às medidas de proteção adotadas pela OMS e pelos governos tornaram-se alvos de questionamento

¹ Denominado de SARS-CoV-2 (do inglês *Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2*).

e de contestação, comprometendo a tomada de decisões estratégicas no combate à pandemia, como também no domínio das ações individuais para conter o avanço das transmissões do coronavírus.

No âmbito da cobertura jornalística, as imagens que exploravam os riscos reais de adoecimento e de morte estiveram presentes nas capas de revistas e jornais, em portais informativos e nos noticiários da TV. A gravidade da situação foi retratada nas cenas em que eram mostrados pacientes em crises respiratórias, atendidos por profissionais de saúde em roupas e escudos de proteção, os contrastes entre lugares públicos desertos e as lotações das unidades sanitárias, além do colapso funerário estampado nos enterros em massa e até em cadáveres queimados em vias públicas. Houve, em meio a tantas imagens, um sentimento de pânico social instaurado na medida em que pouco se conhecia acerca do agente causador da COVID-19, da inexistência de tratamentos que garantissem a sobrevivência das pessoas infectadas, ou ainda de um imunizante contra a ação do vírus. Porém, a abordagem adotada na imprensa foi categórica para contrapor aos conteúdos produzidos e compartilhados por todo o mundo, em grande parte com informações imprecisas ou enganosas, que se caracterizaram pela negação às evidências científicas, às atualizações estatísticas e às medidas protetivas das agências e organizações sanitárias.

O repertório de imagens do evento pandêmico de 2020 aproxima-se do cenário vivenciado quatro décadas antes, no que se refere às origens sociais da Aids. Embora preservem diferenças nos aspectos epidemiológicos, quando se trata dos contextos delimitados pela de um vírus letal, conflitos narrativos e de pânico coletivo, é possível observar semelhanças entre os dois. De acordo com Mann, Tarantola & Netter (1993), a pandemia de Aids foi descrita pela primeira vez na primeira metade da década de 1980, diante de um quadro de infecções pelo HIV² em cerca de vinte países e, diante da ausência de uma estrutura global para compreender a situação, sucedeu-se que “imagens mais antigas, ressuscitadas de epidemias passadas, misturaram-se aos estereótipos predominantes sobre sexo, raça e geografia, formando uma imagem inadequada do mundo” (p. 14). Essa dimensão é evidenciada pelo fato histórico de que, antes de ser denominada como Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS),

² Somente no ano de 1986 que o retrovírus recebe a denominação de *Human Immunodeficiency Virus* (HIV), traduzido como vírus da imunodeficiência humana. Os termos pelos quais foi conhecido antes são *Lymphadenopathy Associated Virus* (LAV), ou Vírus Associado à Linfadenopatia, e ainda *Human T-Lymphotropic Virus* (HTLV-III) ou Vírus T-Linfotrópico Humano tipo III (PERLONGHER, 1987).

a “doença misteriosa” ficou conhecida como “Doença dos 5H” – representados pelos homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroinômanos (que sofrem de dependência de heroína injetável) e *hookers* (profissionais do sexo) – como uma forma de demarcar uma população específica afetada pelo vírus, como também em referência às vias de transmissão pelo sangue e pelo contato sexual.

Uma vez que grupos sociais isolados foram fixados em perfil de risco, indicando maior vulnerabilidade à infecção ou agravamento do quadro clínico, se pode visualizar os contornos de uma “doença social”, tomando como referência os desdobramentos ocorridos em torno de uma população. Trevisan (2007) resgata que, em matéria de veiculação midiática, a atuação da imprensa durante as primeiras notícias de Aids foi caracterizada pela abordagem especulativa e de cunho sensacionalista, centrada na alegoria de “câncer gay” que se aliou a uma espécie de terrorismo moral. Os meios de comunicação de massa tornaram-se espaço privilegiado para a divulgação de generalizações alarmistas por parte de “empresários morais” provenientes de variados setores da sociedade, tais como especialistas médicos, lideranças religiosas, etc., que se serviram da doença como vetor para discursos homofóbicos. Desse modo, o autor aponta que a atividade jornalística foi pautada expressivamente pelo conservadorismo vigente, no sentido em que as capas e manchetes em revistas e jornais, bem como as reportagens na TV, reforçaram a hipótese de que a síndrome estaria associada ao comportamento homossexual masculino, reduzido à clandestinidade e promiscuidade das relações eróticas entre homens que fazem sexo com homens (HSH), elemento que amplificou a marginalização desse segmento da população.

Mecanismo semelhante ocorreu durante a pandemia de COVID-19, embora em cenários de disputas políticas diferentes. Enquanto o recorte da Aids foi inscrito numa conjuntura de controle moral, dado no desvio sexual de condutas normativas, o evento de 2020 demonstrou-se traçado pelos interesses da economia de mercado. Tratou-se de atribuir o conceito de risco a pessoas idosas ou que vivem com doenças crônicas e/ou respiratórias, como meio de indicar vulnerabilidade ao agravamento da infecção. Dessa maneira, se a população mais jovem, avaliada como componente fundamental ao mercado de trabalho, fosse eximida da ameaça pelo vírus, seria mais viável cumprir a premissa de “a economia não pode parar³”, que circulou através das propagandas e discursos oficiais na defesa do setor produtivo brasileiro, e por outro lado em posição

³ Cf. ECONOMIA... (2020).

contrária às medidas protetivas pela OMS. Portanto, através da ponte entre Aids e COVID-19 se constata modelos de operação de “infodemia”, através da criação e propagação maciça de informações falsas ou imprecisas, com a provável manipulação da opinião pública acerca de um assunto de ordem sanitária.

Os enquadramentos ilustrados até aqui contribuem para a reflexão sobre como, em situações de crise, a informação midiática pode ser ordenada ou recombinaada ao redor de finalidades e estratégias de classes específicas, assim como em detrimento de grupos sociais ou de interesses coletivos. Efetivamente, tais práticas podem tornar-se obstáculos para a prosperidade de programas e ações de enfrentamento de crises, a exemplo de uma epidemia, em quaisquer níveis territoriais. Cada vez que um grupo ou classe social se converte em alvo dessas intervenções de desinformação, com elas se aceleram também os processos de exclusão social. Quando a homossexualidade masculina foi estimada enquanto uma das possíveis origens da proliferação de Aids no mundo, mesmo diante das evidências científicas que refutaram esse pensamento, tal população continuou marcada pelo estigma. Daí se sucederam diversos episódios de discriminação por orientação sexual, acesso a cuidados relativos à saúde sexual, ou mesmo da negação de direitos básicos, onde se constatam tratamento desigual e injusto. Tendo como exemplo, somente no ano de 2020, diante dos baixos níveis nos estoques dos hemocentros em todo o país em decorrência da pandemia de COVID-19, foi derrubada a restrição que até então impedia homossexuais de doarem sangue, um resquício histórico do preconceito oriundo da epidemia de Aids no país⁴.

Para entender os circuitos alternativos de partilha de informações a respeito da síndrome, sobressaltam-se dois aspectos basilares. O primeiro deles diz respeito aos modos de veiculação, dados pela influência dos meios de comunicação de massa na construção da opinião pública, o que ocasionou na rápida proliferação de discursos preconceituosos e de abordagens sensacionalistas alicerçadas a partir do binômio Aids=homossexualidade. Como o grande expoente de resistência durante as duas primeiras décadas de pandemia destacou-se a atuação da imprensa especializada na audiência gay, a título de publicações como a revista *Sui Generis*, com circulação entre os anos de 1995 a 2000. Tratou-se de uma publicação impressa, com editoriais de arte, cultura, política, entretenimento e um leque de temáticas que despertaram o interesse para o debate público da sexualidade. O segundo aspecto refere-se aos

⁴ Cf. GYURICZA (2020).

modos de produção, uma vez que os conteúdos eram realizados a partir de uma equipe editorial, integrada por jornalistas, ativistas e especialistas que se dedicaram à discussão de assuntos relevantes a cada período de comercialização dos exemplares.

Em relação aos contextos recentes à primeira década de 2020, o quadro de estratégias comunicativas se inscreve numa realidade em que predominam os meios digitais interativos e colaborativos proporcionados pelas tecnologias da informação e da comunicação. Com a popularidade dos Sites de Rede Social (SRS) na internet, quaisquer pessoas que detenham conhecimentos tecnológicos podem abrir canais próprios e dispor de conteúdos nas variadas modalidades de mídia, desde textos e imagens até áudios, vídeos, etc., garantindo assim a participação em debates públicos acerca dos mais diversos temas ou perspectivas. Além disso, com as transformações estruturais nos modos de produção e consumo informacional, principalmente no que se refere à linguagem, ao ritmo, aos recursos técnicos e aos fluxos, cada vez mais indivíduos tem oportunidades para gerar conteúdos personalizados na comunicação em rede. Então, tornou-se possível que denúncias, respostas e contestações culturais aos estigmas sociais fossem transmitidas através de páginas pessoais em rede, como blogs, vlogs, podcasts e outras alternativas para a criação e difusão de mensagens.

Situam-se nessa esteira de ações midiáticas os criadores de conteúdos digitais que atuam por meio de narrativas audiovisuais partilhadas por meio de sites como YouTube, Facebook e Instagram. Se antes foram tratados como invisíveis, silenciados e reduzidos à culpabilidade da “contaminação” pelo vírus, em quatro décadas de Aids, as pessoas vivendo com HIV (PVHIV) dispõem de meios e recursos para contarem as próprias histórias. Ao realizarem vídeos para o YouTube, esses atores oportunizam a discussão aberta sobre o vírus e a síndrome, ao documentar experiências pessoais, desde as memórias de diagnóstico às rotinas de medicalização, e ao percorrer por temáticas plurais que se entrelaçam no convívio com a soropositividade, exercendo uma atuação de grande relevância no combate ao preconceito e na conscientização acerca da prevenção, detecção e tratamento do HIV⁵. Desse modo, ampliam o acesso à informação especializada, traduzidas na linguagem característica daquele que narra os diferentes aspectos da condição soropositiva na concepção das suas vivências.

Monta-se aqui o cenário da atual investigação, à perspectiva de conhecimento ao qual o presente estudo pretende alcançar. Tendo em vista que existe um estigma

⁵ Cf. EIROA, 2017; GRATÃO, 2018.

residual no que concerne às relações entre sexualidade e soropositividade, mesmo diante de estereótipos refutados pela ciência, e do progresso biotecnológico ao longo dos anos, os relatos e opiniões pessoais emitidas em páginas de vídeos na internet tem potencial para gerar transformações políticas e culturais no enfrentamento ao HIV e Aids. Questiona-se, então: de quais modos as narrativas audiovisuais realizadas por PVHIV, e distribuídas na rede mundial de computadores a partir do YouTube, podem se constituir enquanto práticas sociais de construção da visibilidade soropositiva? É de se reconhecer que os contextos de desinformação se apresentam desde os meios de massa até a comunicação em redes digitais, e há de se considerar a pertinência por compreender como sujeitos afetados por esse processo se apropriam de recursos e conhecimentos específicos para participar de disputas narrativas a fim de legitimar seus direitos e a garantia de uma vida plena e sem danos sociais.

1.1 Fundamentação teórica

“Acreditamos que todos merecem ter voz e que o mundo é um lugar melhor quando ouvimos, compartilhamos e construímos comunidade por meio de nossas histórias⁶”: a maneira como o YouTube é apresentado em página institucional sugere um espaço acolhedor, propício à manifestação da pluralidade, ao encontro entre falas, olhares e escutas mediadas pela tela digital, independente de barreiras geográficas ou culturais. Fundado em 2005, nos Estados Unidos, o site foi lançado enquanto uma plataforma para o compartilhamento social de vídeos na internet, pela qual usuários cadastrados a partir de uma conta de e-mail poderiam enviar arquivos de filmes curtos e interagir por meio de comentários. O primeiro vídeo publicado na plataforma é uma sequência com apenas 18 segundos de duração, e que mostra Jawed Karim, um dos três programadores responsáveis pela idealização do YouTube, ao lado de elefantes em um zoológico. No ano seguinte, o site foi comprado pela Google e se integrou aos demais serviços da empresa. Diante de um novo nicho produtor de informações que, de forma anônima, contribuíram de forma significativa para a geração e consumo de conteúdos em sites colaborativos e de rede social, tais como Wikipedia, Facebook, MySpace e YouTube, no ano de 2006, a revista *TIME*, em edição anual comemorativa

⁶ “We believe that everyone deserves to have a voice, and that the world is a better place when we listen, share and build community through our stories” (tradução nossa). YouTube. Disponível em: <https://about.youtube/>. Acesso em: 11 mar. 2022.

de Pessoa do Ano, ilustrou na capa um computador com os dizeres: “Você. Sim, você. Você controla a era da informação. Bem-vindo ao seu mundo⁷”. Pela homenagem, a publicação reconheceu uma multidão de indivíduos que contribuíram para a criação de informações em rede, e sua influência em eventos globais.

Da ideia de um repositório de vídeos caseiros a um veículo para a transmissão de expressões pessoais⁸, a popularização do site seguiu acompanhada de mudanças no âmbito dos circuitos de produção e de distribuição de produtos audiovisuais. Para Burgess e Green (2009), o YouTube se desenvolveu enquanto “uma plataforma para viabilizar a participação cultural dos cidadãos comuns” (p. 105), estreando um modelo comunicacional híbrido pelo qual os consumidores também podem atuar na condição de produtores. Segundo o entendimento dos autores, a dinâmica do vídeo amador no site identifica-se com o filme caseiro, ora com intenções de documentação cotidiana de gente comum, sem participação ativa na vida pública, ora com fins exibicionistas de quem aspira a mera exposição midiática. Seu aspecto “revolucionário” reside, de forma peculiar, pelo fato de impulsionar a produção cultural, no sentido de atribuir valor à participação ativa dos usuários na geração das peças audiovisuais para consumo a partir do site.

Enquanto fenômeno cultural, as experiências de apropriação tecnológica dos recursos digitais, com enfoque na disseminação de informações, originam-se com as redes descentralizadas de comunicação, concatenadas pelo avanço da cibernética, da microinformática e da rede mundial de computadores. Com o aprimoramento dos *smartphones*, os usos sociais da internet transpassaram o simples acesso de páginas à geração de conteúdos para serem consumidos em larga escala global. Dessa forma, uma gama de alternativas se dispôs à produção em mídia digital, abrangendo textos, imagens, áudios, vídeos, aplicações interativas, entre outras possibilidades. No que diz respeito aos paradigmas tecnológicos e práticas comunicativas que caracterizam tal contexto, Castells (2015) analisa que os SRS têm se convertido em plataformas para diversos tipos de atividades baseadas nos vínculos sociais constituídos em rede,

⁷ “You. Yes, you. You control the information age. Welcome to your world” (tradução nossa). TIME, New York City, 25 dez. 2006.

⁸ Burgess e Green (2009) rememoram a mudança de conceito do site “de um recurso de armazenagem pessoal de conteúdos em vídeo par uma plataforma destinada à expressão pessoal” (p. 21), que se expressiu especialmente na mudança de slogans: de “*Your Digital Video Repository*” (que se traduz por “Seu Repositório de Vídeos Digitais”) para “*Broadcast Yourself*” (traduzido por “Transmita a Si Mesmo”).

uma vez que se definem enquanto “espaços de convivência que conectam todas as dimensões das experiências das pessoas” (p. 41). Expande-se, então, o alcance de ações educativas, recreativas, mercadológicas, culturais e sociopolíticas que o autor observa serem balizadas pelas “sociedades autoconstruídas em rede em conexões a outras redes” (p. 40).

É possível visualizar, pelo interior das dinâmicas de concepção e distribuição de mensagens por ambientes de comunicação digital, a emergência de convenções culturais fundadas na capacidade criativa da audiência, em contraste aos padrões anteriores dos mercados midiáticos. Jenkins (2009) descreve tal circuito pelo viés de uma cultura participativa, onde “fãs e outros consumidores são convidados a participar ativamente da criação e da circulação de novos conteúdos” (p. 378), oportunos para transformar o consumo em direção a uma fonte alternativa de poder midiático. Desse modo, o pesquisador contempla a ascensão de modelos de fluxo das mensagens por múltiplos canais, com potencial para modificar o consumo de encontro a um processo coletivo, em contraposição às conveniências estabelecidas na esfera das indústrias e corporações de comunicação de massa. O controle da informação, antes demarcado pela produção centralizada, em acordo com interesses corporativistas, transfere-se a um cenário de construção comunitária de significados, de forma descentralizada. De tal maneira, tanto no sentido das finalidades recreativas, quanto dos propósitos com enredos sociais e políticos, os debates públicos em rede passam a ser determinados pela polifonia de vozes, pluralidade de causas e pela multiplicidade de vias de ação que se alargam para além das telas interconectadas.

Diante das conjunturas expostas, atenta-se a um panorama de reconfigurações insufladas pelas interações sociais nas redes digitais, a fim de se visualizar os modos pelos quais tais mudanças repercutem através de processos culturais e de formas de sociabilidades. Nessa linha de entendimento, Sodré (2008) discorre a respeito de uma redefinição de relações sociais e de regimes de visibilidade pública proporcionada nas dinâmicas das tecnologias da informação. Para o sociólogo, por meio da proliferação de imagens híbridas em ambientes virtuais e hipermidiáticos afloram modalidades de representação do real que, na metáfora de um espelho, acionam “uma nova forma de vida, com um novo espaço e modo de interpelação coletiva dos indivíduos, portanto, outros parâmetros para a constituição das identidades pessoais” (SODRÉ, 2008, p. 23). Ao refletir sobre tais representações, o autor menciona o filme estadunidense *O Show de Truman* (1998), para situar uma trama de ações cotidianas que, pensadas

para serem transmitidas em tempo real a um público mundial, recebem um tratamento de cenarização e, assim, constituir “um arremedo da forma social midiática” (SODRÉ, 2008, p. 26). Trata-se, pois, de uma noção relevante à compreensão dos arranjos aos quais os sujeitos recorrem para conceber e distribuir narrativas personalizadas nos SRS, como é o caso do YouTube, segundo lógicas de produção midiática.

Desse ponto em diante, ao considerar as facetas de uma rede descentralizada de intercomunicações, cujas relações sociais se instituem em ambiências discursivas estetizadas, é possível presenciar diferentes tipos de participação que os atores das interlocuções exercem sobre variados setores da sociedade. Com subsídios na cultura *hacker*⁹, no que se refere à mobilização de competências e recursos individuais para organizar ações de interesse coletivo, e com alicerce na cultura participativa, observa-se por meio de plataformas digitais como blogs, vlogs, podcasts, wikis e outros sites a ascensão de células para ação política que atuam no compartilhamento de saberes e, por conseguinte, em direção à democratização do conhecimento. Constituem-se aí fluxos alternativos de informação, com capacidade para superar entraves burocráticos condicionados pelas instituições e as fronteiras culturais de indivíduos pertencentes a múltiplos contextos. É o que se observa, por exemplo, na situação de um podcast que se dedica a divulgar relatos, informes e notícias em torno de um assunto específico, com teor de conversa particular com um grupo social oprimido. Hospedado em uma rede mundial, o conteúdo estará disponível para dispor de instruções ou esclarecer dúvidas, geralmente restritas a salas e consultórios profissionais, em linguagem oral que amplia o alcance da mensagem a pessoas analfabetas, conectadas à internet a partir de qualquer localidade.

No YouTube, as narrativas audiovisuais que tratam das temáticas relacionadas ao HIV e Aids são observadas acerca de horizontes de intervenção social, divulgação científica, diálogos baseados em pontos de vista, histórias de cunho testemunhal e demais enfoques que constituem a pluralidade de falas e significados compartilhados no site. São elementos originados de um conjunto de medidas adotadas e progressos conquistados ao longo de quatro décadas, desde os primeiros casos de Aids, nos mais diversos setores da sociedade, sejam nas esferas científica, política, social, cultural

⁹ Silveira (2010) frisa que a matriz do pensamento hacker “está enraizada a ideia de que as informações, inclusive o conhecimento, não devem ser propriedade de ninguém, e, mesmo se forem, a cópia de informações não agride ninguém dada a natureza intangível dos dados” (p. 34). Segundo o autor, a ideia de um poder distribuído, inspirado pela emancipação das pessoas por meio do acesso às informações, é a base para o movimento social que dá origem à própria internet.

ou jurídica. De acordo com Galvão (1994), com a pandemia foi proporcionado uma série de respostas da sociedade civil, advindas de pessoas, entidades, organizações e grupos que se mobilizaram em defesa dos sujeitos afetados pelo vírus. Segundo a pesquisadora, foram despertadas novas formas de solidariedade para constituir os mecanismos de enfrentamento da doença, estabelecidos na diversidade de formas de atuação e de projetos para a mobilização da sociedade, sendo que o maior expoente do período o surgimento de Organizações Não Governamentais (ONGs), enquanto respostas comunitárias. As atuações insurgidas nesse campo afetam, de forma direta e indireta, a composição de redes de acolhimento e ajuda mútua, também a discussão pública com responsabilidade, sobre a síndrome.

Através da criação de páginas de rede, indivíduos soropositivos que atuam na produção de conteúdo digital se entrelaçam à história dos movimentos, organizações e ações de ativismo de suporte social e enfrentamento da Aids. No que se refere às estratégias culturais e políticas em torno da epidemia, é possível conceber que a ação dos atores se configura como uma soma aos esforços direcionados ao que Parker (2000) projeta enquanto transformação social em resposta ao HIV e Aids¹⁰, uma vez que tratam de assuntos que interessam à promoção à saúde e ao bem-estar. Entre as medidas para tal transformação, apontadas pelo pesquisador, situa-se o programa de educação libertária pela obra de Paulo Freire, enquanto um processo social que visa, a partir do diálogo, construir a consciência coletiva para corrigir injustiças sociais. Por isso, diante das contribuições nesse campo destaca-se a figura dos produtores na qualidade de agentes formadores de opinião pública, ou pela expressão popular de influenciadores digitais, pois ocupam posição relevante nas agendas de debate sobre a doença, e no combate às desigualdades acarretadas nesse processo histórico.

No âmbito das pesquisas acadêmicas é possível contemplar uma reunião de esforços para conhecer as experiências e propósitos dessa discussão e da produção de conteúdo nas variadas modalidades de comunicação pela internet. Entre os objetos dos estudos, as análises de Borges (2018) consideram os blogs escritos por PVHIV enquanto ambientes produtivos à divulgação científica e ao processo de normalização da vida com HIV ou Aids, pelas dinâmicas de compartilhamento de informações e de

¹⁰ Conforme pondera Parker (2000), “a prevenção do HIV/AIDS deve ser entendida como parte de um processo mais amplo de transformação social, objetivando não apenas a redução do risco, mas a correção da desigualdade e da injustiça social e econômica que, quase universalmente, está relacionada à vulnerabilidade crescente da epidemia” (p. 76).

experiências com a condição sorológica, pois fornecem descrições detalhadas sobre rotinas, hábitos e percepções sociais no processo saúde-doença. Os blogs constituem também o material de pesquisa de Bastos (2018), pela ótica da criação de existências afirmativas que, por meio de movimentações estético-ético-políticas, favorecem uma educação em saúde capaz de produzir agência política aos corpos soropositivos. Em relação aos ambientes conversacionais dos SRS, a pesquisa de Melo (2020) traz as experiências de interlocução no Facebook, visualizando o grupo de discussão como espaço para acolhimento e ajuda mútua, e pelo qual são engendradas gramáticas políticas e emocionais que, por sua vez, atribuem sentido aos contornos sociopolíticos do HIV e da Aids.

No que tange aos conteúdos audiovisuais a partir do YouTube, os cenários de investigação são delimitados pelas análises das narrativas autobiográficas que são produzidas e compartilhadas em canais por PVHIV. A pesquisa de Azevêdo (2019) explora as ambiências textuais que constituem as trajetórias narradas nos vídeos, por sua vez reforçadas na lógica da resiliência enquanto exercício de “positivação da soropositividade” pela experiência de cada sujeito. No estudo realizado por Santos Filho (2020), a proposição do espaço biográfico é dada na intencionalidade informativa e didática, e valendo-se de um discurso de autoajuda e superação, sustentado pela premissa de preencher lacunas causadas pela escassez ou abordagem equivocada sobre o vírus que se encontram na internet. Os relatos autobiográficos também estão presentes nas análises de Silva e Melo (2020), pela percepção de que ao expressar a sorologia em primeira pessoa, os criadores de conteúdo propiciam um movimento dialógico que abarca contradições entre esferas pública e privada, e que permitem questionamentos históricos e discursivos relacionados ao vírus.

O presente estudo é desenvolvido com respaldo no pressuposto teórico de que, ao elaborar narrativas audiovisuais para transmitir vivências e trajetórias pessoais, as PVHIV empreendem, por meio das representações midiáticas, células de ação política cooperantes com as respostas coletivas de enfrentamento ao HIV/Aids, de combate ao estigma social e de efetivação da visibilidade soropositiva. Nessa perspectiva, os eixos de análise na articulação teórica são propostos: a) pelo empoderamento político, no sentido de que tais atores vivem realidades de opressão marcada por cenários de discriminação, e que se alinham à tomada de atitude tendo em vista a transformação desse quadro; b) pelo ativismo digital, dos quais os sujeitos acionam competências técnicas e saberes individuais para produzir textos sob conteúdos em vídeo, por sua

vez distribuídos em redes sociotécnicas, com a finalidade de agregar participação a uma causa política; e c) pela visibilidade soropositiva, considerando o amplo espectro de movimentos que visam a garantia de direitos básicos às PVHIV e as lutas contra o preconceito baseado na sorologia, e que são possíveis de despertar no campo de ações coletivas por meio do fluxo de informações na internet.

1.2 Propósitos da pesquisa

O plano de investigação conduzido aqui destina-se a conhecer esferas sociais, culturais e políticas desenhadas na atividade criativa de produtores de conteúdo digital em redes distribuídas na internet. Parte da concepção de comunicação enquanto uma prática, ato humano que compreende objetos, ações e indivíduos, efetivando-se como um fenômeno concreto da realidade vivida (FRANÇA, 2016). A pesquisa desenvolve-se com o objetivo de desvendar os significados inerentes às práticas desempenhadas por tais sujeitos na utilização estratégica dos SRS¹¹. Trata-se de um projeto orientado pela expectativa de apreender as conexões entre o debate público sobre HIV e Aids, e a (re)produção de subjetividades, postas pelo conjunto de narrativas pessoais que são elaboradas na linguagem audiovisual e propagadas nas redes sociotécnicas. Há uma ideia central de que as trajetórias individuais destes atores são atravessadas por episódios sociais, culturais e políticos – especialmente no que diz respeito à pandemia de Aids e suas aproximações com marcadores de gênero e de sexualidade – que se vinculam às experiências observadas na fundação dos canais.

Tem-se, portanto, um estudo norteado pelo objetivo principal de interpretar as aproximações culturais e políticas que impulsionam dinâmicas de criação e difusão de narrativas audiovisuais na internet, por homens gays soropositivos. O recorte exposto faz referência a um legado de preconceitos históricos concentrados sobre esse grupo social, materializado em injúrias, violências e negações de direitos, que se estendem durante quatro décadas após a eclosão da pandemia. É reconhecido que, apesar dos avanços científicos, políticos e jurídicos em benefício das PVHIV, ainda se preservam resíduos dos principais estigmas voltados contra essas pessoas: da culpabilidade pela

¹¹ Chizzotti (2003) entende que a pesquisa qualitativa “implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível” (p. 221).

infecção à demarcação de um corpo sentenciado ao sofrimento, ocasionado por um desejo desviante. Trata-se, portanto, de uma investida de análise e compreensão dos aspectos que orientam a construção de histórias, tendo em vista o seu potencial de ressignificação junto a esse público.

Considerando que o objeto de conhecimento possui historicidade, pauta-se a relevância de reconstituir panoramas dos contextos discursivos que caracterizam a circulação de significados até o momento da pesquisa. Assim sendo, a investigação é encaminhada pelo objetivo específico de explorar e discutir as conjunturas históricas da informação midiática sobre o HIV e Aids, passando pelos meios de comunicação de massa até a intercomunicação nas redes de tecnologia digital, a fim de visualizar as articulações entre cultura, mídia e sociedade na construção de significados sobre a soropositividade e a sexualidade humana. Importa, por tal rumo, como se compõe o imaginário atrelado às pessoas soropositivas e intersecções de sexualidade e gênero, entre outros marcadores sociais.

Entre os objetivos específicos à pesquisa, ressalta-se o debate sobre os modos pelos quais os estigmas perpetuados nas instâncias midiáticas atuam na instauração de desigualdades que afetam a vida social de indivíduos e, por conseguinte, geram entraves às respostas coletivas de enfrentamento ao HIV e Aids. Pelo estudo, busca-se examinar as mobilizações de visibilidade soropositiva no combate ao preconceito e outras formas de discriminação que se opõem à defesa da cidadania, em especial ao que se refere aos ativismos. Tem-se como princípio a ciência de episódios recentes que ilustram o poder mobilizador das redes sociotécnicas em todo o mundo, e de como os SRS são ambientes férteis, com potencial para despertar ações individuais em torno de interesses coletivos.

O estudo desdobra-se, portanto, aos quadros de produção discursiva que se observam no debate público a respeito do HIV e Aids na internet, em que instituições e indivíduos compartilham a rede para disseminar mensagens informativas, opinativas e testemunhais, acessíveis às pessoas interconectadas em rede. Segue-se com a finalidade de identificar espectros de ativismo digital na discussão sobre o tema, e de visualizar o protagonismo dos sujeitos soropositivos enquanto fontes de informação para variados assuntos relacionados. Pretende-se explorar as tramas narrativas que são realizadas por esses atores e, dessa maneira, obter paisagens que possibilitem distinguir prioridades de conhecimento na elaboração dos textos em vídeo divulgados na internet.

Por fim, almeja-se através do presente estudo alcançar o entendimento sobre como as mensagens propagadas na rede de computadores a partir do YouTube se qualificam como ações de transformação social e política. Depreende-se que, através da iniciativa de gerar espaços como esse para a discussão pública, os interesses para tal gesto se destinam a suprir demandas individuais ou coletivas de ordem econômica, social, política, midiática, cognitiva, entre outros. A pesquisa é desenhada de modo a contemplar os fluxos informativos acerca da discussão sobre o HIV e Aids, as marcas subjetivas nas falas e imagens compartilhadas, e sobre como, pontualmente, o debate conduzido pelos sujeitos soropositivos constituem fluxos alternativos às narrativas midiáticas, estereótipos e referências enganosas originadas dos estigmas sociais, e aos obstáculos determinados por burocracias institucionais e pela linguagem formal de fontes técnicas científicas.

1.3 Delineamentos metodológicos

A proposta inicial da atual tese foi a de investigar as tensões entre o movimento LGBT¹² e as emergentes denominações LGBT+¹³ através dos conteúdos informativos e opinativos distribuídos no YouTube, no sentido de verificar os alinhamentos entre o ativismo digital e as disputas no movimento organizado brasileiro. O enfoque na ação política dos sujeitos sociais soropositivos foi despertado enquanto um desdobramento possível, diante do amplo universo de páginas existentes no YouTube para abarcar as discussões do plano anterior, como também por exercício de alteridade, no que se refere à empreitada metodológica de imergir na singularidade do outro como princípio que orienta e inflete a prática investigativa (GOLDMAN, 2006). Seguindo a linha de raciocínio, optou-se por estudar os percursos do ativismo soropositivo pela produção

¹² A denominação LGBT representa aqui a deliberação aprovada durante a I Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, ocorrida em Brasília (DF) durante os dias de 05 a junho de 2008, para se referir a esse segmento da população brasileira, adotada como designação predominante em ações ativistas, bem como em materiais de comunicação específicos. Entretanto, tal fórmula é aberta e sujeita a contestações, variações e mudanças para acrescentar outras letras e se remeter a outras identidades (SIMÕES e FACCHINI, 2008).

¹³ A variação popular LGBT+ é utilizada aqui para se referir às comunidades e grupos sociais baseados em identidades sexuais e de gênero, além das categorias presentes no acrônimo instituído em 2018 como LGBT. O sinal de + ao final das letras é adicionado como um modo de tratar outras formas de identificação emergentes nas redes emancipatórias e movimentos sociais. Cabe ressaltar que, no momento de construção da tese existe outra denominação circulante, representada pelo acrônimo LGBTQIA+ (que engloba as demandas de pessoas queers, intersexuais, assexuais, pessoas não binárias, pansexuais etc.).

dos canais de vídeo online a partir do YouTube, e suas conexões com o campo social da homossexualidade masculina. Tal recorte se relaciona às estruturas históricas de violência e segregação desse grupo, como também pelas experiências de mobilização política em torno da Aids.

O elemento central à condução do estudo a noção de projeto de pesquisa como artefato, pelo entendimento de se constituir uma ferramenta designada por escolhas particulares para se para abordar a realidade¹⁴. Por esse viés, o mapa que organiza as táticas para a apreensão de registros e significados sobre o objeto estudado é dado menos por uma fórmula rígida, estável, e mais em direção às possibilidades de “rever cada passo e refletir sobre a justeza de seu direcionamento, corrigindo-o no próprio andamento da pesquisa” (BRAGA, 2011, p. 10). Trata-se, aqui, de pesar que o sujeito pesquisador, na investigação em andamento, ser desafiado em diversos momentos tanto em termos de sua opção metodológica quanto dos quadros e situações expostas pelo objeto pesquisado. É sob esse aspecto que se manifesta a ideia do projeto de pesquisa enquanto um artesanato intelectual (DESLANDES, 2011) uma vez que, da primeira concepção a todos as revisões realizadas em seu processo, é guiado pela articulação criativa entre esforços cognitivos e estratégicos do autor, e também pelas dimensões viáveis à prática investigativa.

Constrói-se na qualidade de objeto de conhecimento a malha dos vídeos online compartilhados por meio do YouTube, realizados por meio de homens gays soropositivos que dispõem de tais conteúdos em um canal específico, ou seção apropriada a essa discussão. Interessam aqui as narrativas audiovisuais produzidas a partir de atributos criativos distintos, e que se propõem ao debate acerca do HIV e Aids no Brasil, tais como aqueles baseados em vivências pessoais, informações especializadas, crítica cultural, conjunturas políticas e demais assuntos relacionados. As características do YouTube propiciam delimitá-lo como ponto focal para acompanhar as discussões, seja pelo aspecto instigador à produção e distribuição de mídia independente, quanto pela sua expressão propagável, relacionada à capacidade de circular por mensagens em outros sites e blogs, podendo assim se recompor para diferentes públicos (JENKINS,

¹⁴ Com base em Deslandes (2011), ao refletir sobre a pesquisa em ciências sociais, quando infere que “ao se construir um projeto, fabricamos também uma ferramenta, um artefato, cuja materialidade não se apresenta somente no número de páginas escritas ou num arquivo de um editor de textos, mas que se concretizará na realização do trabalho investigativo. Artefato porque tanto é fruto da mão de obra humana, intencionalmente criado, quanto no sentido de ser resultado do uso de métodos particulares em pesquisa” (p. 32).

2009). Visualizando que o fluxo de informações para análise no site são produto das experiências individuais de homens gays, agregam-se à malha dos vídeos analisados as narrativas pautadas pelo tema das identidades sexuais e militâncias LGBTQ+, uma vez que a pandemia de Aids é elemento substancial à história cultural e política desse grupo social.

O ambiente digital no YouTube é marcado por categorias de identificação dos sujeitos que abastecem o site com peças de vídeo, ao mesmo tempo em que refletem práticas midiáticas e modos de apropriação da plataforma. Bernadazzi e Costa (2017) tratam sobre a adoção de termos como “*vlogger*”, “*youtuber*” ou ainda de produtor de conteúdo audiovisual para se referir ao segmento em um momento de hibridismo entre profissionais e amadores, diante dos novos formatos de concepção e distribuição que ocorrem ali. Opta-se pela expressão “influenciadores digitais”¹⁵, como uma tentativa de transpassar, pelo estudo, os esforços criativos na geração de fluxos informacionais, sobretudo, para observar como tais mensagens estão relacionadas a esferas sociais, culturais e políticas que atravessam a própria história do HIV e Aids no Brasil. Assim, o extracampo da tela é incorporado à análise dos vídeos, tornando-se um indicador de relevância para compreender os significados atrelados às narrativas realizadas, bem como à propagação em si.

No que corresponde ao tratamento das interpretações construídas, o estudo é inspirado pela abordagem etnográfica¹⁶, não pelos aspectos formais de seus modos e instrumentos de operação, mas pelo empenho em conduzir a pesquisa pelo enfoque nas estruturas culturais presentes em diversos fatores simbólicos dos vídeos, para além das materialidades expostas na tela. Pontos como a hierarquização temática na

¹⁵ Karhawi (2021) relata que essa expressão passou a ser integrada em textos acadêmicos, midiáticos e mercadológicos no ano de 2015, e pontua que “de forma geral, os influenciadores digitais não são capazes apenas de interferir nas decisões de consumo material de seus públicos, mas também de impactar em processos de sociabilidade. Desse modo, são sujeitos que constroem relações de confiança que resultam de vínculos construídos na rede por meio de estratégias de relacionamento. (...) Ser influenciador digital é ser legitimado pelos públicos – incluindo, aí, o próprio mercado sobre o qual o influenciador fala ou do qual se aproxima” (p. 5).

¹⁶ Orienta-se por seguir tal abordagem, de acordo com o que é tratado por Geertz (2008): “Praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa” (...) uma hierarquia estratificada de estruturas significantes socialmente estabelecidas, a partir de códigos estabelecidos, com exemplos transitórios de comportamento modelado” (p. 15).

discussão de um influenciador, as interlocuções percebidas com outros setores da sociedade civil, as características da linguagem na produção das narrativas e outros atributos constituem decisões baseadas na cultura das redes sociais na internet. Portanto, a descrição etnográfica baliza as etapas do processo investigativo, seja pela seleção de técnicas ou pelo tratamento analítico das informações construídas. Não se trata, pois, de eleger uma metodologia fixa, mediante um contrato rigoroso, ortodoxo, mas de afirmar as contribuições de um método e das suas interrelações no esboço de cenários viáveis à execução do estudo. A seguir descrevem-se as fases e processos envolvidos.

A etapa inicial foi dada pelo trabalho explorativo, observacional e sistemático, com a intenção de mapear canais realizados por influenciadores digitais soropositivos do Brasil, e de manter registros atualizados sobre as movimentações nas páginas. No Anexo A estão reunidas capturas de tela que propiciam constatar a permanência dos canais na rede, além de detalhes sobre modificações na identidade visual e sobre a interrupção das atividades. Durante a pesquisa, as migrações foram constantes, tanto na direção do surgimento de canais como da inatividade de outros, pela exclusão de páginas, arquivamento de vídeos, ou pela estagnação do fluxo dos novos conteúdos. Desenvolveu-se, no ato de reconhecimento dos personagens, um tipo de “observação acompanhante”, consoante ao que Miskolci (2017) pondera na construção de hábitos de acompanhamento da vida e das rotinas dos interlocutores, mesmo sem se efetivar uma participação em campo. Por meio da inscrição nos canais, e em outras páginas de SRS – como Instagram, Facebook e Twitter – foi possível assistir rotinas pessoais e estratégias para divulgação dos conteúdos no YouTube. Outro aspecto observado diz respeito ao deslocamento de plataforma, quando alguns influenciadores passaram a publicar mais vídeos em serviços como *IGTV*, *Instagram Reels* e *Instagram Stories*, no Instagram, impulsionados pelo engajamento presenciado no site.

Na etapa seguinte, os procedimentos adotados foram de caráter descritivo, a fim de captar esquemas informativos sobre aspectos criativos e estruturas narrativas dos conteúdos audiovisuais publicados pelos personagens. Levando em conta que os vídeos são compostos por mensagens, depoimentos, conversas, discursos ou mesmo encenações, e formam matéria textual para ser lida, ouvida, assistida e decomposta em partes, optou-se pela análise de conteúdo (AC), posto que a técnica sistematizada por Bardin (2002) permite a obtenção de indicativos presentes nas mensagens, que se relacionam aos mais variados aspectos de produção e ou veiculação dos materiais.

Considera-se que os textos materializados na fala e em elementos artísticos (música, cenografia, efeitos de computação gráfica etc.) engendram-se pela condição de “meio de expressão”, e podem se referir ao plano de memórias, emoções, valores e demais construtos de subjetividade, implícitos na oralidade das pessoas¹⁷. No que se refere à unidade de registro selecionada, optou-se pela análise temática, tendo como base o norte para “descobrir «núcleos de sentido» que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 2002, p. 105). O Apêndice A elucida o roteiro de análise de conteúdo aplicado, e abrange a totalidade de vídeos públicos em cada canal, tendo estipulado o limite para os conteúdos divulgados até o último dia de 2021¹⁸.

Diante do cenário construído acerca do debate público do HIV e Aids, produzido na instância cultural e política dos influenciadores digitais soropositivos, a etapa final da pesquisa se concentrou na análise de canais específicos, guiada pela pertinência dos projetos individuais e de saberes particulares presentes na difusão de conteúdos. Foram selecionadas quatro páginas, atendendo o critério central do volume de vídeos originais transmitidos nos canais e, tendo em mente os resultados sintéticos da AC presentes no Apêndice B, traçadas interpretações sobre os aspectos predominantes à construção das narrativas. Optou-se pela transcrição de vídeos classificados pelo cruzamento de índices (atualidade da discussão, frequência do tema nos resultados do canal, quantidade de visualizações e de engajamento), submetidos a um posterior tratamento por vias de análise da conversação e da fala (MYERS, 2002), nos termos de se alcançar camadas de subjetividade que possam ter sido inexploradas na AC, e que estão pressupostas nas representações discursivas elencadas pelos atores em narrações de si e dos contextos sociais nos quais estão inseridos.

Portanto, a experimentação metodológica conduzida até aqui se exprime no exame minucioso dos conteúdos audiovisuais elaborados por indivíduos marcados pelo estigma da Aids e que, quarenta anos após a eclosão da pandemia, sentem-se

¹⁷ Nesse sentido, a adoção pela técnica corrobora com as ponderações de Bauer (2002), ao entender que “textos atribuídos contêm registros de eventos, saberes, regras e normas, entretenimento e traços do conflito e do argumento. A AC nos permite reconstruir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades. Em outras palavras, a AC é pesquisa de opinião pública com outros meios” (p. 192).

¹⁸ Em termos iniciais, a análise de conteúdo estava prevista para incluir os vídeos até o mês limite de 2020. Os cenários determinados pela pandemia de COVID-19 representaram a oportunidade de se observar a produção intensiva de conteúdos, tanto pelas conjunturas de distanciamento social que caracterizaram o período, quanto pelos fluxos informativos notados em relação ao HIV e Aids, em questões envolvendo informações enganosas, calendários de vacinação e outras dúvidas pontuais.

impulsionados por forças políticas para atuarem online, alçados pelas contribuições dos movimentos sociais em rede e pelas práticas culturais da internet. Resulta de todo esse processo a confecção de uma tese com potencial para explorar o tema desde as variantes mais abrangentes, na constituição de um cenário social amplo percebido por dinâmicas, valores e militâncias, até um quadro mais específico, o qual é desenhado por sentimentos, estratégias e ativismos. Acredita-se que, para entender a multidão de vozes que ecoam no grito de um movimento, o exercício intelectual se torna mais enriquecedor quando se podem identificar as aspirações e pretextos individuais, ainda mais quando as dinâmicas na sociedade interconectada valorizam os atributos como as marcas identitárias.

1.4 Estrutura da tese

O estudo navega por falas, janelas, cliques e trilhas musicais no sentido de elucidar questões sobre os vínculos entre narrativas e práticas midiáticas, posto que tais ligações condicionam a atividade dos influenciadores soropositivos no YouTube. Desponta-se na percepção das vidas com HIV como trajetórias circunscritas em um processo histórico de deterioração social, cujas cicatrizes são transfiguradas nas experiências cotidianas de privação e de violência, para o entendimento de que as redes sociotécnicas e tecnologias da informação e da comunicação ampliaram o potencial das PVHIV atuarem como agentes de transformação política, uma vez que por meio dessa participação no debate público sobre a Aids produzem descrições que ressignificam a sorologia positiva em diversos aspectos. Os itinerários percorridos até aqui contribuem para visualizar a concepção de um esquema textual para a disposição de ideias, fatos, fragmentos metodológicos, sínteses analíticas e demais reflexões que acompanham a compreensão desse fenômeno.

As seções iniciais revelam estados e circunstâncias na visão sobre preconceito e discriminação motivadas pela soropositividade. Pelo primeiro capítulo se tem uma retrospectiva de acontecimentos midiáticos, balizados por valores sociais e contextos de informação científica, no sentido de anunciar a pandemia de Aids e de fabricar um emaranhado de imagens acerca da doença. Discute-se a respeito da exposição criada para representar o risco, e das suas confluências com abstrações morais em torno da sexualidade no desenho conceitual de vulnerabilidade aplicada a grupos específicos.

O segundo capítulo dedica-se ao debate sobre o estigma social e da sua efetivação por meio dos discursos midiáticos, até as principais estratégias políticas de combate à intolerância e exclusão dos sujeitos soropositivos. Discorre-se como os ambientes digitais na internet proporcionaram estender o alcance e as iniciativas individuais na ação coletiva, seja por vias de exposição de si ou de contestação cultural.

As seções intermediárias apresentam os resultados analíticos da investigação sobre canais de conteúdos audiovisuais no YouTube, nas óticas do empoderamento político e do ativismo digital. O terceiro capítulo introduz o debate público brasileiro do HIV e Aids pela perspectiva dos influenciadores digitais soropositivos, com a proposta de identificar os painéis informativos gerados por tais personagens. Reúne referências que possibilitam visualizar a ação estratégica dos atores no agendamento de temas para debate, a apropriação de discursos científicos e políticos para efetivar um modo de ressignificação da experiência, e as formas de interlocução com outros setores da sociedade civil. O quarto capítulo explora as trajetórias particulares na produção dos canais, com base na noção de que o debate produzido e protagonizado pelas PVHIV é constituído pela pluralidade de falas, lugares sociais e marcas discursivas. Conduz-se pelo interesse por revelar, na individualidade dos projetos e elaborações narrativas, as marcas identitárias valorizadas no ambiente digital do YouTube.

A última seção, reservada ao fechamento do texto atual, se dá pela dimensão dialógica, na articulação entre pensamento comunicacional e contribuições teóricas pelas quais se dedica à compreensão do fenômeno estudado. O quinto capítulo se faz pela articulação entre idealizações de transformação social, dinâmicas ativistas no âmbito das sociedades interconectadas em rede, e engendramentos da visibilidade soropositiva a partir das narrativas confessionais distribuídas via internet. O processo investigativo desvelado aqui é pautado, pois, pela responsabilidade em tratar de um fenômeno observado na esfera comunicativa, dando importância às marcas afetivas que se materializam na linguagem oral e visual, e desse modo representam uma trama de significados para serem assistidos, lidos, interpretados e assimilados no combate às desigualdades sociais, por um mundo mais justo de existir e de viver.

2 A "PESTE", O "PORTADOR" E O "RISCO": VIDAS COM HIV ENTRE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E NARRATIVA MIDIÁTICA

O debate público acerca do HIV/Aids envolve, atualmente, questões que, para além das informações clínicas e biomédicas, fornecidas por agências, ONGs e outras instituições de saúde pública, também estão centradas nas experiências subjetivas. Quando no início da epidemia no Brasil, com casos relatados partir do ano de 1982, a cobertura jornalística nos meios de comunicação de massa esteve concentrada em apresentar casos de pessoas infectadas pelo vírus, ou de pacientes doentes, em manchetes e notícias que retratavam situações de condenação à morte, ou de pouca expectativa para uma vida “normal”. A dimensão de “normalidade” se constrói através de rotinas que envolvem, de um lado a fruição da sexualidade, que se relaciona aos prazeres corporais e às relações afetivas e sexuais, e do outro a participação em variados aspectos da vida social, como a inserção no mercado de trabalho, os serviços de assistência médica e hospitalar, e as demais ações relativas à inclusão na atuação coletiva¹⁹. Os registros midiáticos desse período, tais como as expectativas clínicas sobre o HIV/Aids, constroem um universo simbólico instituído na dor, no isolamento e perecimento da pessoa diagnosticada com o vírus.

Os avanços clínicos e biomédicos com o passar dos anos contribuíram para superar esse modelo. Com mais conhecimento a respeito da doença e de seu agente infeccioso, foram desenvolvidas e implementados no sistema público de saúde uma série de tratamentos terapêuticos e de profilaxias preventivas, que ao longo dos anos acompanharam a redução nas estatísticas de infecção por HIV e nos óbitos por Aids. Entre o final da década de 1980 e o início de 1990, o coquetel anti-aids composto por AZT e o Videx foram as primeiras drogas aprovadas para inibir a síndrome. Na última década, em 2013, o Brasil já apresentava a produção nacional de medicamentos, bem como a substituição de três drogas individuais por um único comprimido (Lamivudina,

¹⁹ Nesse sentido, a Constituição Brasileira reúne uma série de legislações específicas que se referem à garantia de obrigações e direitos às pessoas vivendo com HIV. Destacam-se a “Declaração dos Direitos Fundamentais da Pessoa Portadora do Vírus da Aids”, documento aprovado no ano de 1989 por profissionais da saúde, membros da sociedade civil, e com apoio do Departamento de IST, HIV/AIDS e Hepatites Virais, em Porto Alegre (RS); a Lei nº 12.984, de 2 de junho de 2014, que “define o crime de discriminação dos portadores do vírus da imunodeficiência humana (HIV) e doentes de aids”; além de procedimentos e instruções normativas relativos a benefícios, tais como “Auxílio Doença” e “Aposentadoria por Invalidez” (Instrução Normativa INSS/PRES nº 45, de 6 de agosto de 2010).

Tenofovir e Efavirenz) distribuído na rede pública de saúde em todo o país. Diante de todos os avanços, a terapia antirretroviral (TARV) mostrou-se capaz de reduzir a carga viral no organismo, tornando a pessoa “indetectável” e “intransmissível”²⁰. Ainda nesse campo, a Profilaxia Pós Exposição (PEP) e Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) – este último incorporado ao Ministério da Saúde em 2017 – são tratamentos médicos preventivos fornecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) que se caracterizam pela combinação de medicamentos e outros métodos preventivos (como a camisinha), e que podem impedir a infecção e disseminação do HIV pelo organismo.

Apesar do cenário promissor no combate ao HIV/Aids, bem como do acesso às alternativas médicas e terapêuticas para reduzir impactos clínicos e sociais causados pelo histórico de discriminação contra as PVHIV, existe ainda um longo caminho de disputas de cunho político para assegurar a cidadania destas pessoas. Na década de 2020, as tecnologias de informação e de comunicação são compostas por dispositivos móveis, conectados à rede mundial de computadores, a partir das quais qualquer pessoa é capaz de produzir e difundir conteúdos em seus vários suportes midiáticos para quaisquer outras pessoas em todo o planeta. Ampliam-se as formas de se poder participar do debate público a respeito de temas diversos, como também os sujeitos se potencializam enquanto protagonistas da criação e da circulação de narrativas. Torna-se comum, portanto, a existência de páginas digitais em sites de rede social, plataformas de áudio e vídeo, e de aplicativos de comunicação instantânea que se dedicam a narrar experiências, discutir acontecimentos, informar a respeito de códigos e boletins, estabelecer diálogos com outros setores e representantes da sociedade civil, além de incitar abordagens sobre diversas temáticas relativas à soropositividade.

Observa-se, a partir daí, possibilidades de organização de ações políticas e de estratégias discursivas que se incluem no debate público sobre HIV/Aids por meio das tecnologias digitais de informação e de comunicação. Os sujeitos realizadores desse tipo de conteúdo podem, através de aparatos e plataformas de mídia digital, articular formas para expor falas, trajetórias, questionamentos e denúncias sociais no contexto das suas vivências e das vivências do outro. Nessa perspectiva, constituem-se como

²⁰ As nomenclaturas “indetectável” e “intransmissível” ou ainda “soroindetectável”, tratadas pela sigla I=I, foram adotadas para designar a pessoa vivendo com HIV em tratamento antirretroviral com supressão viral. Em outros termos, a carga viral da pessoa, ou seja, a quantidade de HIV presente no sangue, é tão baixa a ponto de não ser detectada em exames laboratoriais. A importância de tal medida reside no fato de assegurar os benefícios de saúde individual, ao mesmo tempo em que contribui para evitar a replicação do vírus, de assegurar também benefícios de saúde pública.

questionamentos à pesquisa: De que forma se observam tais práticas no contexto do HIV/Aids? Como se relacionam os conteúdos produzidos para os meios de suporte digital na internet ao contexto histórico das informações veiculadas pelos meios de comunicação de massa, datados do período inicial da epidemia? Quais os aspectos que ressaltam a construção de regimes de visibilidade sobre a pessoa vivendo com HIV através dessas narrativas?

Sendo assim, esta seção tem como propósito abordar a respeito dos regimes de visibilidade na esfera pública digital, e como se deu o enfoque das narrativas sobre o HIV/Aids desde o período de emergência no Brasil até o contexto atual. Destaca-se, para tanto, um panorama da enunciação midiática sobre a epidemia, problematizado em torno da homossexualidade masculina. Desse ponto em diante, constrói-se uma análise reflexiva sobre as relações entre HIV/Aids e os meios de comunicação de massa, a fim de entender aproximações entre personagens midiáticos e sujeitos vivendo com o vírus. Tal percurso, que contribui para entender a composição do estigma em relação à soropositividade, importa para se chegar a uma descrição das práticas sociais organizadas por realizadores de conteúdo que atuam a partir dos sistemas de mídia digital.

2.1 Saberes, conhecimentos e percepções da Aids

Desde os primeiros casos de Aids, notificados no Brasil e no mundo, as informações a respeito da síndrome foram tratadas sob variadas modalidades para atender a finalidades específicas de comunicação. Os primeiros registros iniciados no prontuário médico documentam laudos e cuidados clínicos, e são realizados por profissionais da saúde na assistência prestada a qualquer paciente, servindo de fonte de dados na comunicação, tanto com outros setores hospitalares como com os órgãos governamentais. Na esfera do poder público, as secretarias de vigilância em saúde editam e fornecem o boletim epidemiológico, documento público que dispõe de um conjunto de elementos essenciais ao monitoramento de doenças específicas, e pelo caráter técnico e científico, atua na disseminação de dados qualificados e relevantes para toda a sociedade. Nesse sentido, os profissionais dos veículos de comunicação social, tanto quanto do segmento da saúde, servem-se das mesmas informações para construir relatórios e modos de contar histórias a respeito da Aids.

Se por um lado, o boletim epidemiológico fornece relatos e eventos, em sua maioria convertidos em números, tabelas quantitativas, gráficos e mapas estatísticos, por outro lado os meios de comunicação traduzem as informações especializadas em textos, imagens e sons com outra orientação narrativa. A atividade da imprensa, por tal aspecto, revela um problema histórico na representação e mediação da informação sobre o HIV/Aids, através da repetição de “rituais de agonia” que, repetidos de forma insistente na televisão, encadearam um processo decisivo na espetacularização da morte de pacientes com Aids (PERLONGHER, 1987). Nos períodos iniciais em que a síndrome foi deflagrada no Brasil, os episódios de casos clínicos com pacientes de Aids foram construídos e transmitidos através de uma modelagem fúnebre, dada pela exploração incessante de imagens e depoimentos que expunham o corpo/desejo homossexual associado a quadros de debilitação e de óbito. Nessa perspectiva, existe um conflito ético envolvendo o direito à informação ampla em saúde, e a participação das organizações midiáticas na efetivação de tal garantia.

Conforme é descrito por Sontag (2007), o contexto da primeira década de Aids é cercado por metáforas, que incidem sobre os modos de representação da síndrome a partir das primeiras reações a ela. Figuras como a do “sangue contaminado”, para se referir a indivíduos específicos isolados em um “grupo de risco²¹”, por apresentarem sintomas de um estado clínico ocasionado por “condenação divina”, até receberem a denominação de “aidético”, todas refletem construções discursivas que povoaram as falas na medicina clínica, nas instituições religiosas e também na imprensa quando a epidemia foi deflagrada. Tornaram-se evidentes as metáforas da delinquência, como forma de culpabilizar sujeitos por comportamentos ditos “perigosos”; da poluição, no sentido de designar o sangue ou fluidos sexuais de pessoas infectadas pelo vírus; do sofrimento degradante, para demarcar os processos e alterações no corpo e no rosto de quem desenvolve doenças em decorrência da Aids; e da peste, que se traduz na visão clássica para anunciar uma calamidade pública implacável. Assim, todas estas roupagens contribuíram para que o HIV, enquanto agente infeccioso, fosse concebido

²¹ O conceito de “grupo de risco” é marcante na literatura médica do início da Aids, observado de modo específico no sentido de isolar grupos sociais específicos – homossexuais masculinos e toxicômanos por via intravenosa – na construção de um perfil clínico sobre as pessoas mais expostas à doença e, de forma consequente, à propagação da síndrome (POLLAK, 1990). Carregada de estigmatização, preconceito e marginalização de sujeitos, a nomenclatura caiu em desuso e foi substituída pela categoria “comportamentos de risco”, que se refere às possibilidades de exposição ao vírus através de práticas sexuais desprotegidas, além do compartilhamento de materiais perfurocortantes (agulhas, seringas, ampolas etc.).

na qualidade de um “inimigo” público, por si só definido em uma atmosfera de medo, de condenação e de morte, pela qual se impõe uma moderação da sexualidade.

Ao lado das metáforas produzidas sobre a Aids, também um conjunto de termos e expressões sublinham a relação estabelecida com a homossexualidade por meio do saber médico, assim como pelas lideranças religiosas, e que ressonaram nos meios de comunicação de massa. Tal relação está revelada nas variadas denominações circulantes naqueles anos em que foram notificados os primeiros casos clínicos da síndrome. Através dos discursos veiculados na televisão e em jornais impressos, foi disseminada uma linguagem para se referir à Aids como “GRID²²”, “câncer gay”, “peste gay” ou ainda “peste rosa”, centrada na ideia de “grupo de risco”. Num contexto social em que a homossexualidade era considerada transtorno mental, e integrava o catálogo de doenças da Organização Mundial de Saúde (OMS)²³, os modos de nomeação ressaltaram como, por meio de ondas de terrorismo e pânico, operavam mecanismos de moralização e controle das sexualidades desviantes (PERLONGHER, 1987). Embora os dados epidemiológicos nos anos seguintes tenham demonstrado a fragilidade dessa ligação, no imaginário popular o estigma social em decorrência da Aids continuou a existir e afetar sujeitos homossexuais, pela exposição a contextos de exclusão, discriminação e de violência.

No limiar entre o moral e o patológico, constituiu-se uma articulação de forças reacionárias que vincularam a Aids ao binômio desejo/morte, e que caracterizou uma política repressiva contra indivíduos homossexuais. Seguindo essa lógica, Perlongher (1987) observa, inclusive, uma ênfase profilática no envolvimento entre a medicina e a homossexualidade, notadas a partir de estratégias de disciplinamento corporal. O reconhecimento do sexo “medicalizado”, impulsionado numa conduta de controle dos desejos homoeróticos (associados tanto aos encontros clandestinos com numerosos parceiros sexuais, quanto à exposição à troca de fluidos sexuais pela região anal) qualifica entre as técnicas de regulação dos corpos acionadas pelo poder médico. Sob tal aspecto, o antropólogo pontua que “uma vez que a medicina deixa de considerar a

²² Denominação extraoficial, em inglês, para *Gay-Related Immune Deficiency* (“Deficiência Imunológica Relacionada à Homossexualidade”). Reflete o contexto de uma época de conhecimentos ainda escassos sobre o vírus, a síndrome e seu tratamento, marcado fortemente pela noção de “grupo de risco” (POLLAK, 1990).

²³ Adicionada no ano de 1948 à categoria de “desvio sexual”, somente em 17 de maio de 1990, a Organização Mundial de Saúde retirou a homossexualidade – referida como “homossexualismo” – da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID).

homossexualidade uma doença, parece dedicar-se então a curá-la, ou melhor, a regra-la” (p. 74). Há, portanto, esforço mobilizador no sentido de designar um regime de vida, sob a pena de condenação e morte, pelo qual os sujeitos deveriam orientar seus comportamentos eróticos.

Para entender o caráter regulador instituído pela sexualidade, Foucault (1999) resgata estratégias para o controle de corpos, populações e subjetividades a partir de um regime discursivo caracterizado por mecanismos de interdição, censura e negação que formam a ordem repressiva sobre o desejo e as condutas sexuais. Na análise do filósofo sobre a história das sociedades ocidentais, pelo início do século XVII, uma série de disposições políticas sobre o sexo constituíram tecnologias e táticas de poder submetidas aos interesses hegemônicos do Estado, da medicina e da economia. As sexualidades periféricas, não enquadradas no modelo social de matrimônio para fins procriadores representado pela heterossexualidade monogâmica, foram incorporadas na qualidade de “perversões sexuais” através de um quadro de categorias médicas, psiquiátricas e psicológicas que especificaram “espécie” homossexual. Na perspectiva de Foucault (1999), a sexualidade reside na condição de um dispositivo²⁴ histórico pelo qual são coordenadas “a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências [...] segundo estratégias de saber e de poder” (p. 100). Nesse sentido, os comportamentos e personalidades sexuais que desviam daquele modelo estiveram sujeitos à medicalização e à criminalização.

Através da noção de dispositivo da sexualidade se desenham os percursos de patologização-despatologização-repatologização das identidades homoafetivas nos momentos históricos das instituições médicas. Diante da matriz heteronormativa²⁵ enraizada nos mecanismos da ordem social, os desejos homoeróticos foram tratados

²⁴ Em outro momento, Foucault (1996) explica esse conceito, pelo estudo histórico das sexualidades: “Através desde termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos” (p. 244).

²⁵ Os estudos de Adrienne Rich, em 1980, com a ideia de “heterossexualidade compulsória”, são fundamentais para compreender a heterossexualidade enquanto uma instituição de poder pela qual se organizam estruturas e processos de regulação, compreendidos por meio de padrões e discursos que legitimam desejos do ponto de vista do homem heterossexual. O conceito de heteronormatividade, desenvolvido em 1991 por Michael Warner, entende que as relações sociais são fundadas no heterossexismo, e mantidas a partir da hegemonia heterossexual – assimilada enquanto natural e moralmente desejável – em detrimento de sexualidades dissidentes.

pelas instituições de poder pela ótica de uma perturbação, desvio ou perversão de comportamento sexual, restando-lhes a categorização de “doença”, “distúrbio” ou ainda “transtorno”. Mesmo com o progressivo reconhecimento da homossexualidade nos campos médico e psiquiátrico enquanto identidade sexual, que compõe traços da personalidade individual, os estigmas sociais foram pronunciados por meio de novas descrições que resgataram o vínculo com a percepção de doença. Pelo dispositivo da Aids (PERLONGHER, 1987), o controle social dos corpos e prazeres sexuais assumiu uma roupagem atualizada para recriar códigos de existência.

Conforme a discussão apresentada por Pelúcio e Miskolci (2009), observa-se pelo dispositivo da Aids a fabricação de “subjetividades marcadas pela culpa e pela impureza, sintetizadas nos seus desejos tomados como ameaçadores pela ordem social” (p. 130). Na emergência da figura do paciente “aidético”, caracterizado pela debilitação do organismo, pela desfiguração do rosto e pelo desencadeamento de doenças oportunistas até o óbito inevitável, é possível situar um sentimento de pânico sexual instaurado na vigilância em saúde pública, pela associação entre a ameaça do homoerotismo e o vírus mortal. Por meio da imagem do “aidético” abstrai-se a noção de perigo e de culpa inferidas ao sujeito, sendo a leviandade de suas práticas sexuais a principal fonte de exposição ao vírus que, uma vez carregado no sangue a partir da infecção, assinala o seu caráter impuro, demarcando a condição de risco sanitário à população. No saber epidemiológico, “a ameaça da doença mortal foi convertida pelos discursos moralizantes em uma estratégia de convencimento para que os “desviantes” adotassem condutas não-arriscadas” (PELÚCIO; MISKOLCI, 2009, p. 138), passando a constituir modelos oficiais de prevenção para o combate ao HIV/Aids.

Tendo o discurso preventivo como o principal componente para a operação do dispositivo de Aids, Pelúcio e Miskolci (2009) refletem sobre a constituição subjetiva das sexualidades vigiadas a partir de procedimentos discursivos efetivados em torno dos programas governamentais de combate à síndrome. No âmbito das estratégias adotadas em políticas preventivas imperam mecanismos e operações pautadas por discursos moralizantes, em razão aos usos de corpos e de prazeres. Desse modo, a retórica do “risco” organiza, através de disposições hierárquicas, modelos antagônicos em direção ao “sexo seguro”, marcado pelo viés heteronormativo²⁶. Sobre os sujeitos

²⁶ Propõe-se entender, a partir desse viés, o entendimento de que o “sexo seguro” está relacionado aos usos de corpos e prazeres através da lógica heterossexual monogâmica e familiar, que regulam a penetração (o pênis para a vagina), a quantidade de parceiros sexuais e o casal procriador.

desregrados, que contraem o vírus a partir do sexo “arriscado”, estes experimentam sentimentos de acusação e de culpa, incorporados à alegoria da “irresponsabilidade” reforçada na linguagem de campanhas preventivas. Ainda sob tal aspecto, o sangue soropositivo assume propriedades de “poluição”, tal qual o sêmen, tratados enquanto fluidos corporais “contaminados” que estabelecem alianças entre prazer e perigo na intimidade dos parceiros sexuais. Tanto a identidade epidemiológica das pessoas vivendo com HIV, como os discursos preventivos que integram as políticas públicas de saúde salientam as tramas do dispositivo da Aids e sua capacidade de ampliação para outros saberes e poderes, nos discursos jurídicos, educativos e midiáticos, que de maneira específica confirmam o caráter residual do estigma da homossexualidade.

Na teia desses discursos, os conhecimentos e percepções da Aids estruturam medidas que impactam, além da produção de subjetividades, na garantia de direitos fundamentais no âmbito da saúde pública. Ao examinar a resposta governamental brasileira à epidemia Aids, Galvão (2000) descreve um cenário de transformações, sobre quando uma “doença mortal” se tornou uma “doença crônica”, representando a mudança que designa um “momento em que as pessoas são vistas não somente como *morrendo de Aids*, mas *vivendo com HIV/Aids*” (p. 191, grifos da autora). De acordo com a antropóloga, além do “pânico moral” evidente no delineamento das vias regulatórias da sexualidade, outro aspecto que incide nas questões da síndrome é o “pânico econômico”, para se referir aos custos relativos ao tratamento e assistência das pessoas vivendo com HIV, presentes nos discursos técnicos e institucionais pela formulação de políticas de saúde. Tais elementos reforçam a complexidade de uma discussão que envolve, além dos saberes médicos, também as dimensões culturais, políticas e econômicas que se articulam na produção de sentidos e na organização de práticas sociais que envolvem a soropositividade no debate público brasileiro.

Diante do exposto até o momento, fica ressaltada a produção e efetivação de discursos sobre a sexualidade, que ilustram a operação de dispositivos de saber e de poder, e sobre como a Aids encarna tais dispositivos. Para se obter, nessa dimensão, uma análise da operação por meio da comunicação midiática, é relevante reconhecer que tais processos constituem espaços privilegiados para a construção de sentidos sobre a epidemia, pois atuam na elaboração, distribuição e recepção de informações, referências e narrativas sobre a patologia. Das matérias e reportagens veiculadas em programas no rádio e na televisão, como nas publicações impressas, das concepções artísticas e culturais propagadas pelas artes visuais e em campanhas publicitárias, até

a disseminação de conteúdos entre redes de computadores, marcados pelas múltiplas narrativas possibilitadas pelas interações digitais, diferentes representações podem ser visualizadas quanto ao tratamento das questões sobre o HIV/Aids. É possível observar, desde os meios de comunicação analógicos às redes digitais interativas e colaborativas, modelos informativos transformados, assim como suas relações com as tessituras históricas, culturais e políticas, pelas quais agem os dispositivos citados anteriormente.

2.2 Retratos da Aids na comunicação de massa

Quando se deflagra uma doença epidêmica, nos termos de uma localidade específica ou em escala global, corresponde aos meios de comunicação a tarefa de divulgar notícias e dados estatísticos, promover ações educativas, elucidar relatos e interpretações, entre outras modalidades de conteúdos informativos, com o intuito de manter a população atualizada e consciente dos problemas vividos. Em tais situações, a responsabilidade social dos canais de informação incide na reprodução de discursos e na confecção de uma série de modelos, gerados pelo debate público, destinados ao enfrentamento coletivo das crises sanitárias e/ou hospitalares. No entanto, os modos como se aciona o conhecimento científico a respeito de uma doença – ou a ausência desse conhecimento – podem se tornar combustível para a disseminação de valores e crenças, que por sua vez alimentam tabus e estereótipos na direção dos estigmas sociais. Em vez de cooperar com a erradicação de transmissões de doenças, os meios de comunicação podem assumir outras direções, devido aos enunciados carregados dos conflitos morais que predominam em determinada época.

Com a Aids, a abordagem midiática seguiu as notificações sobre uma doença desconhecida no início da década de 1980, pela descrição de um tipo raro câncer que havia sido registrado entre pacientes homossexuais. Segundo Perlongher (1987), uma atmosfera de curiosidade e medo foi causada pela estranha sucessão de mortes que se deu naquele período, cercado por controvérsias e descobertas científicas no estudo da moléstia até a descoberta do HIV. Nesse percurso, caracterizado pela proliferação de mitos que envolvem desde as formas de transmissão até o isolamento de “grupos de risco”, predominou em reportagens o tratamento de reportar a atribuição dos casos clínicos aos comportamentos sexuais de homens gays. O antropólogo menciona o

exemplo da revista alemã *Der Spiegel*, periódico semanal de jornalismo investigativo de grande circulação na Europa, que na edição da segunda semana de junho de 1983 (Figura 1) destacou-se pela manchete sobre a Aids, então denominada “misteriosa doença” que foi ilustrada pela “imagem de dois rapazes nus, sendo que um deles apresentava a genitália ocupada por um círculo com uma ampliação de microscópicos germes (simbolicamente, a morte no alvo preciso do desejo)” (PERLONGHER, 1987, p. 9). É possível observar, nos contextos sociais daquele período, o uso de artifícios discursivos para vincular o prazer homoerótico à ameaça de propagação da doença.

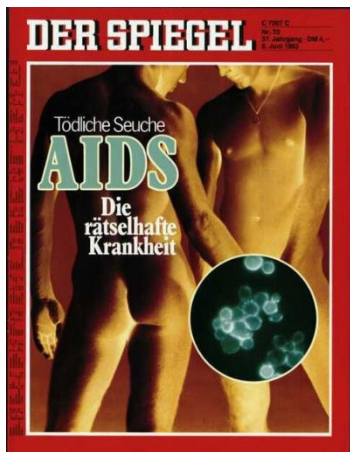
Entre as capas emblemáticas na imprensa mundial, a revista norte-americana de fotojornalismo *Life* estampou, na capa da edição de julho de 1985 (Figura 2), uma manchete com os dizeres “Agora, ninguém está seguro da AIDS²⁷”, tom generalista para se referir aos pacientes da síndrome. Conforme relatado por Dolgin (1985), o tabloide retratou por meio de suas páginas histórias de indivíduos não identificados pela designação de “grupo de risco” da época, mas configuradas pela expressão de “vítimas inocentes” da epidemia. Tratou-se, pois, de expor comportamentos ou atividades específicas que, percebidos pela ordem moral enquanto condutas irresponsáveis, resultam na condenação daqueles personagens a uma doença mortal. Nessa perspectiva, foi generalizada a ideia de que manter relações sexuais com pessoas do “grupo de risco” seria uma forma de se expor à infecção pelo HIV, aspecto que agravou ainda mais o estigma contra homossexuais. Tal episódio interessa para visualizar os modos de operação pelos quais foram ampliadas as estratégias discursivas em torno da Aids, ao incluir espectro do medo da contaminação os prazeres pela troca de fluidos sexuais que envolvem pelo menos uma pessoa daquele grupo social representativo.

Das revistas de circulação nacional, a *Veja* é uma das mais influentes no setor das publicações na imprensa semanal, ressaltada na cobertura jornalística sobre a Aids em seções destinadas à divulgação de assuntos da medicina e sobre o comportamento humano. No estudo realizado por Ebertz (2017) é possível verificar a predominância, entre os anos de 1982 e 1985, de reportagens informativas que se caracterizam pelo emprego de denominações como “mal particular”, “síndrome do medo” ou ainda “a multiplicação do mal”. O pesquisador percebe a existência de uma carga catastrófica em anunciar a Aids, no sentido de classificá-la como uma “doença

²⁷ “Now No One is Safe From AIDS” (tradução nossa).

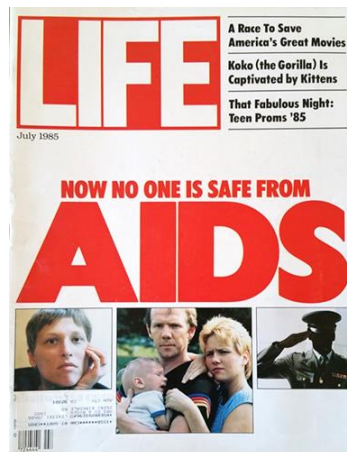
terrível e mortal”, materializada em imagens e textos que atribuíram mais destaque às investigações sobre o comportamento sexual, em detrimento àquelas que tratavam sobre a prevenção. É nesse sentido em que a publicação deu ressonância a enfoques especulativos sobre a sexualidade, que assinalavam os altos índices de transmissão do HIV entre casais não monogâmicos e homens gays. Em uma das edições mais simbólicas da *Veja*, veiculada na segunda semana de agosto de 1989 (Figura 3), pelo subtítulo “Os que vão morrer contam sua agonia” se pode visualizar o efeito nefasto empreendido nas abordagens sobre a epidemia, que reforça a ideia de ritualização do pânico sexual marcante no período.

Figura 1 – Capa da revista alemã *Der Spiegel*, edição de 6 de junho de 1983.



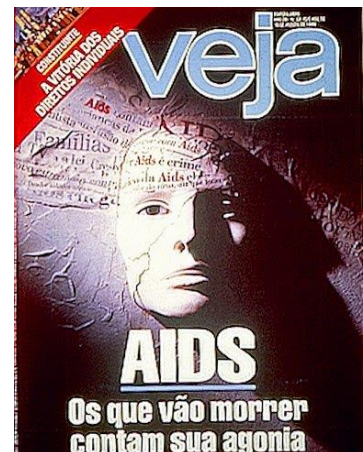
Fonte: site da revista *Der Spiegel*.

Figura 2 – Capa da revista norte-americana *Life*, edição de 1 de julho de 1985.



Fonte: site *Old Life Magazines*.

Figura 3 – Capa da revista *Veja*, edição de 10 de agosto de 1989.



Fonte: site da Editora Realize.

No contexto comunicacional da época, datado pela predominância do rádio, da televisão e do jornal impresso como fontes informativas hegemônicas, as reportagens sobre a epidemia tornaram-se o meio primordial pelo qual a população brasileira obteve as primeiras notificações de casos clínicos, e que serviu às formulações das percepções iniciais sobre o perfil epidemiológico da síndrome. Diante de um agente infeccioso de características e estruturas de difícil compreensão pela biomedicina, o monitoramento dos pacientes foi essencial para a elaboração de informações a respeito da epidemia. O trabalho da imprensa, então, foi fertilizado no centro de um conflito entre o conhecimento médico e científico incipiente sobre a doença e as falas moralizantes emitidas pelas instituições de poder em relação aos casos divulgados. Exprime-se na atuação jornalística o recurso fundamental à operação do dispositivo

da Aids, dado na propagação de um imaginário revigorado pelos discursos que associaram a condição de doença/morte a segmentos sociais peculiares, sendo os homossexuais masculinos o mais notório. Tal vinculação está presente na expressão de “grupo de risco”, assim como por meio de sentidos como os de “poluição” ou de “contaminação” explorados exaustivamente nos conteúdos textuais, audiovisuais e sonoros veiculados pela imprensa.

Conforme o estudo de Fausto Neto (1999), as mídias se configuram enquanto “lugares de passagem” para tudo o que é produzido discursivamente pela sociedade, no sentido de que “pela sua ação ritualística e cotidiana, as mídias vão, não só anunciando a noção de realidade, mas convertendo-se, elas mesmas, como lugar pelo qual a realidade não só passa por elas, mas também se faz nelas” (p. 16). O raciocínio do pesquisador contempla as mídias como dispositivos de construção da realidade, uma vez que instituem o espaço público através de falas e ações implementadas por outros atores. Trata-se de um aspecto fundamental para compreender as tarefas de publicização de episódios de grande impacto social, por entender que ao discurso dos meios de comunicação de massa se incorporam posturas, pensamentos e falas de outras instituições para construir representações sobre a epidemia. Sendo assim, as manchetes e reportagens que narram a descoberta do HIV apresentam como principal característica a tendência a reverberar preconceitos e estigmas contra sexualidades dissidentes, que por sua vez incidem na invenção do estereótipo do “gay aidético”²⁸ que representa uma ameaça à ordem social.

Percebe-se, então, a Aids também fenômeno midiático, “não só pelo papel que esses dispositivos dão à sua visibilidade, mas também pelo trabalho discursivo com que vão construindo a própria AIDS” (FAUSTO NETO, 1999, p. 19-20). Tal aspecto é dado na disputa das diferentes estratégias discursivas mobilizadas pelas instituições em diferentes circuitos, no sentido de anunciar e dar significado à epidemia. Articulam-se aí diferentes falas, como as da pesquisa médica e farmacêutica, da administração pública, da confessionalidade de vítimas e pacientes, da opinião pública e dos próprios canais de mídia, através de protocolos discursivos descritos por Fausto Neto (1999) para entender que “A AIDS é um efeito de sentido das diferentes falas e de suas

²⁸ A expressão é revestida de conotação negativa, referida aqui nos contextos da violência homofóbica, e que expõe os mecanismos de patologização da homossexualidade, por meio da associação entre sexualidade e doença. Trata-se de uma nomeação utilizada, na maioria das vezes, com o intuito de atribuir ofensas a homens gays em espaços públicos, representando um processo histórico de negação, culpabilização e de condenação da homossexualidade.

transações que se realizam no contexto do espaço público” (p. 21). As competências midiáticas relativas à anunciabilidade e visibilidade adquirem maior importância para a análise de ações e significados a partir dos meios de comunicação, quando nestas é possível detectar o acionamento de estruturas de poder na organização das práticas e condutas profissionais para a abordagem de quadros epidemiológicos.

As estratégias da imprensa, na década que sinaliza a aparição pública da Aids, refletem a apropriação de discursos médico-científicos e sociais para a definição dos primeiros contornos sobre a patologia, segundo explica Carvalho (2009). Na análise sobre o jornal *Folha de S. Paulo*, o pesquisador verifica a definição de uma política editorial, a partir do ano de 1985, definida nos termos de uma cobertura “equilibrada”, nos termos de se assumir neutralidade em relação a posicionamentos ou correntes a respeito da epidemia. O conteúdo informativo foi ampliado, de forma que representa o maior volume de matérias de matérias sobre comportamento, de avaliações por especialistas, até a elaboração de um caderno especial sobre a síndrome. Ao mesmo tempo, a linguagem permaneceu radicada à retórica do pânico, especificamente em títulos com alusão ao medo vivenciado por membros dos “grupos de risco”. Diante de tais medidas, a Aids foi progressivamente incorporada ao cotidiano das pessoas, por meio de mediações com discursos científicos, e pela sua apreensão destas falas em opiniões através de enquetes, depoimentos e declarações públicas nas mais variadas esferas da sociedade.

Em relação aos contextos de produção discursiva da Aids na imprensa, Soares (2001) destaca que, além das falas médicas-científicas, políticas, sociais e morais, há também a influência de outras conotações, como por exemplo, conotações literárias, estético-culturais e empresariais. Ao analisar matérias veiculadas pelo jornal *Folha de S. Paulo* entre os anos de 1994 e 1995, a pesquisadora observou a predominância, mesmo em materiais de abordagem científica, de termos como “encontro”, “salvação” e “esperança”, associados ao discurso religioso. No estudo também foi identificada a prevalência do discurso moral ao se referir à homossexualidade, com associação ao sentimento de culpa por formas verbais como “fazem farrá”, “definham” ou ainda “são condenados”. Tais elementos elucidam os modos de enunciação articulados pelos órgãos de imprensa para pautar e construir narrativas sobre a Aids, e também sobre a pessoa que vive com HIV, de modo a configurar o imaginário em torno da síndrome. Nessa perspectiva, a autora entende que a epidemia é posicionada na sociedade através de construções discursivas, as quais se constituem pela atuação fundamental

das mídias no arranjo desses discursos, além disso na possibilidade de distribuição global de imagens da Aids.

Se, por um lado, nos canais de notícia foram explorados modelos de divulgação da epidemia em torno do pânico moral, por outro nas narrativas da ficção televisiva as discussões apresentaram contornos acerca de outros meios de transmissão do HIV. O trabalho de Baron (2006) caracteriza a discussão do tema através das telenovelas, um relevante produto cultural na mídia brasileira, e que se constitui na mediação de valores e normas de comportamento a partir das representações sociais. Ao tratar de conflitos individuais e coletivos vivenciados pela população no cotidiano, e promover a abertura para a discussão sobre problemas históricos e episódios da atualidade, as tramas da ficção desenvolvem ações e campanhas de merchandising social. Desse modo, a temática da Aids foi englobada às histórias das telenovelas no ano de 1989, em títulos exibidos pela extinta Rede Manchete²⁹, e se tornou o enredo principal na minissérie *O Portador* no ano de 1991, pela Rede Globo. A autora observa que os personagens apresentaram em comum o fato de terem se infectado a partir de transfusões de sangue e, além de proporcionar o debate público sobre a discriminação contra soropositivos, as produções coincidiram com campanhas de esclarecimento a respeito a síndrome, e com denúncias envolvendo sistemas de transfusão em bancos e comércios de sangue.

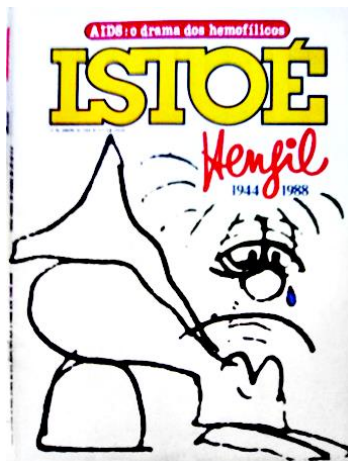
No jogo entre ficção e realidade, que compõe alternâncias da exposição pública dos dramas na TV às manchetes na imprensa, personalidades dos circuitos artísticos no Brasil foram pautas para o debate sobre a Aids entre os anos finais da década de 1980 e o início da década de 1990. O óbito da primeira personalidade pública brasileira em decorrência da Aids foi o estilista mineiro Markito, em 1983, num episódio contado por Perlongher (1987) pela forma com que “sua agonia, detalhada minuciosamente pelos meios de divulgação, desencadeia a primeira onda de pavor local” (p. 50). De acordo com o antropólogo, a síndrome chegou a ser designada pelos termos de uma “doença chique”, restrita aos circuitos de homens gays com condições financeiras para realizar viagens ao exterior. Mais tarde, em 1988, o cartunista mineiro Henfil, que havia sido infectado por meio de transfusão de sangue, veio a falecer em decorrência da Aids, episódio de notória repercussão nos canais de comunicação do país. Nesse

²⁹ A autora destaca a telenovela “Carmem”, de 1989, como a primeira obra da teledramaturgia a abordar o tema. Entretanto, a produção antecessora “Corpo Santo”, exibida no mesmo ano e emissora, já havia apresentado o problema da Aids através da personagem Marina.

contexto, a abordagem a respeito da epidemia assumiu as facetas de uma produção discursiva elaborada em torno de marcadores de gênero, sexualidade e classe social, repetidos também a partir de rostos conhecidos pelo público brasileiro, pela qual se potencializa a associação com o perigo epidemiológico.

No âmbito do destaque midiático atribuído aos casos de Aids entre pessoas do campo artístico, as percepções em torno da sexualidade foram articuladas acerca de declarações públicas, como também de ocultamentos. Reconhecido sob o título de galã na década de 1980, o ator carioca Lauro Corona tinha em seu currículo uma série de protagonistas românticos com sucesso na televisão. Durante as gravações de *Vida Nova*, telenovela da Rede Globo no ano de 1988, o intérprete afastou-se da produção para cuidar da saúde. Faleceu por complicações por HIV em 1989, sem ter assumido publicamente a soropositividade, apesar das aparições nas quais demonstrou estar fisicamente debilitado, o que abriu margem às especulações por parte de periódicos especializados na vida pessoal de pessoas famosas. No início daquele ano, o cantor e compositor carioca Cazuza havia declarado à imprensa ser soropositivo, e continuou a carreira artística, espaço de visibilidade que também foi utilizado para a promoção de campanhas de conscientização social. Assumidamente bissexual, a imagem de Cazuza foi registrada na imprensa numa das capas mais emblemáticas do jornalismo, na qual foi usada uma imagem do cantor visivelmente debilitado, com os dizeres “uma vítima da Aids agoniza em praça pública”.

Figura 4 – Capa da revista *IstoÉ*, de 13 de janeiro de 1988.



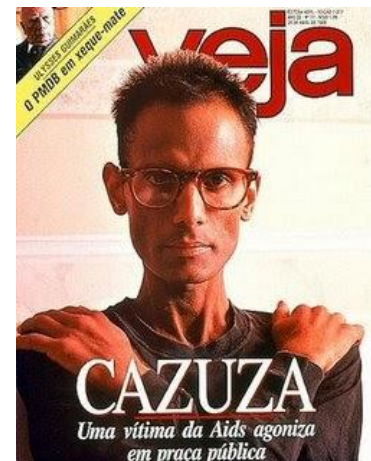
Fonte: site *Medium*.

Figura 5 – Capa da revista *Amiga TV Tudo*, de 6 de março de 1989.



Fonte: blog *Astros em Revista*.

Figura 6 – Capa da revista *Veja*, de 26 de abril de 1989.



Fonte: site *Medium*.

Na configuração dos significados sociais sobre a Aids explorados a partir dos canais de comunicação midiática, é perceptível o modo como determinados veículos de imprensa apropriaram-se do efeito moralizante sobre a sexualidade para compor narrativas acerca da epidemia. “Desregrados”, os indivíduos que não se encontravam no núcleo heterossexual-monogâmico-familiar tornaram-se alvos da ameaça perigosa exprimida na infecção por HIV. “Contaminados”, os pacientes que passaram a viver com o vírus foram submetidos a assimilar o sentimento de culpa, bem como a negociar a dimensão pública da soropositividade a partir dos códigos morais. “Sentenciados”, os sujeitos foram condicionados a conviver com os riscos de uma infecção sem cura, e a coordenar as próprias interações e relações afetivas e sexuais sob a ética do cuidado delimitado pela transmissibilidade do vírus. De acordo com tais moldes, a homossexualidade masculina é revelada como uma espécie de “bode expiatório³⁰” da Aids e, mesmo com o progresso científico em torno dessa epidemiologia, permanece o estigma social que desencadeia formas de violência e discriminação. Elaboram-se, desse modo, referências a um jogo discursivo que opera com o sentido de distinguir, na ordem moralizante da palavra, os “normais” e os “anormais”, os “saudáveis” e os “doentes”, a “vida” e a “morte”, aqueles que transgrediam a ordem social.

Por fim, reside na cobertura de temas relacionados à ordem da saúde pública um dilema na atividade dos veículos de imprensa. Através de abordagens inspiradas em princípios moralistas ou religiosos, que regem a produção discursivas em canais de comunicação, podem ser constatados embates contra direitos à liberdade sexual e à identidade de minorias sexuais (KUCINSKI, 2000). Com a criação de estereótipos negativos, ao mesmo tempo em que se reforçam antigos, o debate público nas mídias representa o potencial de oportunizar a proliferação de preconceitos, a negação de humanidade, e a redução do alcance dos conhecimentos científicos a quem precisa de tratamento terapêutico adequado. Enquanto a geração que conheceu os primeiros contornos da Aids incorporou ao seu cotidiano um conjunto de enunciações midiáticas elaboradas sob o signo do medo/pânico, os consumidores das tecnologias digitais de informação e comunicação tem acesso a uma multiplicidade de sentidos capaz de reorganizar as experiências e conhecimentos sobre o HIV.

³⁰ Trevisan (2007) usa a expressão para se referir às formas de manipulação da Aids no contexto dos puritanismos morais vigentes, através da associação à homofobia para exteriorizar outras fobias coletivas, tais como o pânico à morte, à guerra etc.

2.3 Expressões do HIV nas redes de colaboração da internet

As práticas comunicacionais são constituídas por fenômenos tecnológicos que, no decorrer da história das civilizações, foram associados a interesses estratégicos no âmbito da vida em sociedade. Desde o simples desejo de expressão de ideias até os efeitos de mobilização política ou de especulação mercadológica, os sistemas de comunicação representam usos sociais da palavra, imagem e som para a transmissão de informações entre indivíduos. Durante a década de 1990, período em que os meios eletrônicos e impressos foram os sistemas predominantes na construção de narrativas do HIV/Aids pelos variados campos do saber, também foi presenciado ao redor do planeta a emergência da rede mundial de computadores. No final da década, com a exploração comercial da internet, qualquer pessoa com habilidades de informática e equipamentos com conexão à rede poderia acessar informações através de páginas digitais, e acrescentar ao seu cotidiano conhecimentos sobre os mais variados temas. Com o advento das comunidades virtuais, dos sites de rede social e das plataformas de blog, na primeira metade da década de 2000, ampliou-se não somente o acesso, sobretudo, a construção de informações abrangentes aos diversos contextos culturais vivenciados por membros da sociedade em rede³¹. Trata-se de contemplar mudanças nas formas de produção, distribuição e consumo de mensagens partilhadas para além das fronteiras geográficas, sociais, culturais ou econômicas.

De acordo com Castells (2003), “os sistemas tecnológicos são socialmente produzidos. A produção social é estruturada culturalmente. A internet não é exceção. [...] A cultura da internet é a cultura dos criadores da internet” (p. 34). Ressalta-se, no pensamento do sociólogo, o desenvolvimento colaborativo entre camadas culturais³² da sociedade que resulta em um ambiente marcado por ideais de liberdade, uma vez que todo o conhecimento para inovar, modificar e redistribuir formam as engrenagens

³¹ O conceito de “sociedade em rede” é desenvolvido por Castells (2005) para pensar em uma nova estrutura social potencializada na emergência das tecnologias digitais de informação e comunicação, cujas relações de poder são permeadas pelos fluxos de troca de informações definidos através da velocidade de disseminação, ao mesmo tempo em que reorganiza ações políticas e sociais em torno de marcadores de identidade.

³² Observa-se, através de Castells (2003), que o desenvolvimento da internet é atribuído aos esforços de quatro camadas culturais: “a cultura da internet é uma cultura feita de uma crença tecnocrática no progresso dos seres humanos através da tecnologia, levado a cabo por comunidades de hackers que prosperam na criatividade tecnológica livre e aberta, incrustada em redes virtuais que pretendem reinventar a sociedade, e materializada por empresários movidos a dinheiro nas engrenagens da nova economia” (p. 53).

da interconexão na rede mundial de computadores. Nessa perspectiva, prosperam os esforços criativos e empreendedores para desenvolver um ambiente de comunicação que, além de incorporar as características das mídias de massa, também possibilita a abertura a dinâmicas individuais e comunitárias que, posteriormente, caracteriza os espaços de conversação e trocas de informações a partir da rede. As marcas culturais presentes no advento da internet acompanham as ações políticas e econômicas que retratam constantes transformações nas estruturas sociais, tanto em seus aspectos identitários ou comportamentais, quanto na produção de linguagens, narrativas e de modos para circulação de informações.

Tem-se aí, a partir do que Lévy (1999) denomina de ciberespaço³³, um cenário de práticas comunicacionais emergentes que abriga o desenvolvimento de técnicas, atitudes, modos de pensamento e de valores que representam a apropriação social dos fluxos informacionais. Organizadas através do “aspecto participativo, socializante, descompartmentalizante, emancipador” (LÉVY, 1999, p. 30) enunciado no espírito da inteligência coletiva³⁴, as dinâmicas culturais na internet passaram a se instituir pelo reconhecimento de competências e saberes, onde qualquer indivíduo tem capacidade para se envolver num espaço colaborativo e promover o enriquecimento mútuo da comunidade. É nesse contexto que se visualiza a diversificação de conteúdos que são formulados e propagados em rede, e exploram a pluralidade de habilidades, opiniões, vivências individuais e coletivas, referências artísticas e outras formas de expressão. Em comparação aos meios analógicos, a comunicação digital se exprime no ideal de ruptura com padrões tradicionais, pelos quais se entende que as informações são expostas à manipulação para atender interesses estratégicos de grupos específicos, e em seguida transmitidos segundo uma ordem vertical e unidirecional.

A informação sobre o HIV/Aids disponível na internet é distribuída em páginas digitais que concentram conhecimentos técnicos científicos, governamentais, políticos

³³ O termo é utilizado por Lévy (1999) para identificar, nos contextos da interconexão mundial dos computadores, “não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (p. 17). Nesse sentido, o ciberespaço é estabelecido a partir dos vínculos criados nesse espaço aberto de comunicação.

³⁴ Ao apresentar como um dos principais motores da cultura do ciberespaço, Lévy (1999) descreve a inteligência coletiva como sendo “o estabelecimento de uma sinergia entre competências, recursos e projetos, a constituição e manutenção dinâmicas de memórias em comum, a ativação de modos de cooperação flexíveis e transversais, a distribuição coordenada dos centros de decisão, [que] opõem-se à separação estanque entre as atividades, às compartimentalizações, à opacidade na organização social” (p. 28-9).

e testemunhais, formando uma teia de múltiplos saberes e significados a respeito da síndrome. A página do Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis³⁵, vinculado ao Ministério da Saúde, é uma ferramenta que dispõe de dados estatísticos, notícias e conteúdos relativos a programas do governo federal, e mantém informações atualizadas sobre campanhas preventivas, perfil epidemiológico, notas jurídicas, boletins e recursos terapêuticos que difundem as políticas públicas de controle ao HIV/Aids no Brasil. Por outra iniciativa, o portal Agência de Notícias da Aids³⁶ é uma página fundada no ano de 2003 pela jornalista Roseli Tardelli, que atua na divulgação de artigos, notícias e eventos da agenda global da Aids, e também confere visibilidade a projetos sociais, serviços e campanhas que envolvem a soropositividade. Nesse quadro ainda se destaca o website do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS³⁷ (UNAIDS), que fornece relatórios, publicações, materiais informativos sobre recursos preventivos e terapêuticos, além de divulgar ações do programa em escalas global e regional. Constata-se aí a ação coordenada de variados setores da sociedade civil, para proporcionar conhecimentos que desmistifiquem estigmas e tabus sobre a síndrome, e que ampliem o alcance de estratégias para a conscientização acerca da prevenção e tratamento da Aids.

Com as configurações da cibercultura apresentadas por Lévy (1999), desenha-se um terreno fértil de possibilidades alternativas para a obtenção de informações a respeito do HIV/Aids por meio de blogs, vlogs, aplicativos para dispositivos móveis, sites de rede social e outros canais para a propagação de conteúdos na internet. É nessa conjuntura que se multiplicam narrativas e discursos que escapam aos moldes formais da comunicação institucional, de modo que são ampliados os espaços para a proliferação de falas e representações de identidade antes não contempladas pelas mídias de massa. De acordo com Sibilia (2008), a evolução nos usos sociais da rede mundial de computadores tem propiciado a ascensão de “estratégias individuais e coletivas que sempre desafiam as tendências hegemônicas de construção de si” (p. 26), no sentido em que se deriva um extenso universo de práticas profissionais que, por sua vez, oportuniza a experimentação e criação de novas subjetividades. Sob o princípio da pluralidade, os canais de informação originados à luz da cibercultura são

³⁵ Disponível em: <http://www.aids.gov.br/>.

³⁶ Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/>.

³⁷ Disponível em: <https://unaids.org.br/>.

espaços que potencializam a participação na construção discursiva do HIV/Aids, como também viabilizam a produção de novos significados, apoiados na vivência pessoal, a respeito da síndrome.

A respeito da criação de blogs para relatar vivências e partilhar informações sobre a condição HIV positiva, Borges (2018) observa como as páginas concebidas se constituem enquanto estratégias para enfrentamento da síndrome, como também para a negociação de subjetividades, e para impulsionar o engajamento político em torno da soropositividade. No estudo sobre o blog *Jovem Soropositivo*, o pesquisador identifica que as dinâmicas de divulgação, de acesso à informação e socialização dos relatos de si na página são operadores na produção de novos agenciamentos e experiências subjetivas, atuando como uma espécie de suporte social pela criação e atualização de vínculos de solidariedade entre autores³⁸. Na articulação entre saberes científicos e narrativas cotidianas, o blog contribui para estabelecer uma “gramática emocional” capaz de proporcionar acolhimento, conforto e resiliência para lidar com a soropositividade.

O blog *Jovem Soropositivo* também é objeto de estudo em Bastos (2018), que analisa as potencialidades do canal enquanto um acontecimento micropolítico, tendo que os estigmas sociais acumulados sobre o HIV/Aids agem na construção de uma imagem “monstruosa” sobre a condição HIV positiva, e que geram “uma culpa por ter falhado mesmo em uma época com tanta informação de como devem ser os modos de vida dito seguros” (p. 69). Ao se referir aos saberes coercitivos através dos quais se exerce o dispositivo da sexualidade, o pesquisador propõe que os saberes nas tramas rizomáticas do blog atuam na percepção de si, e simbolizam um processo de ruptura com marcadores monstruosos acumulados historicamente sobre a figura da pessoa soropositiva. Sendo assim, os discursos inscritos no blog suscitam um tipo de transvaloração e de transcrição dos modos de existência, em direção a um devir HIV positivo marcado pela vontade de potência, pela potência de viver.

Uma vez que a textualização de si se apresenta como marca fundamental na produção do blog, a possibilidade de anonimato se traduz como uma característica comum às interações verificadas naquele espaço (BASTOS, 2018; BORGES, 2018),

³⁸ Considero, aqui, “autores” no plural, por entender que, conforme os princípios de horizontalidade, a distinção entre autor/leitor é dissolvida, no momento em que o leitor contribui para o entendimento do texto a partir dos comentários, que complementam informações, apresentam questionamentos ou corroboram com os conteúdos escritos, formando, também, parte do texto.

fator que incide na estratégia para apresentar queixas e esclarecer dúvidas sem, com isso, que se revele a identidade real do indivíduo. De tal modo, essa dimensão revela o espectro do medo da rejeição e da discriminação, alimentado desde as primeiras publicações sobre a epidemia de Aids no Brasil. A interação anônima manifesta, no contexto do blog, um artifício na gestão do segredo sorológico, como recurso de autoproteção contra os estereótipos negativos que recaem sobre a sexualidade pelas metáforas que associam o sujeito ao perigo, à ameaça social. Essa tendência é encontrada, inclusive, posteriormente em vlogs como o do *Positivo Matheus* (cf. Anexo B), no YouTube, cujos depoimentos em vídeo são gravados com enquadramentos que não permitem a identificação do rosto, e ainda tendo efeitos aplicados à voz, para modificar o timbre do realizador.

Na modalidade de produção dos vlogs, Burgess e Green (2009) descrevem que os conteúdos são geralmente estruturados em uma proposta de conversação, a partir de monólogos estabelecidos com a câmera, pelos quais são abordados assuntos que vão desde debates políticos até trivialidades da vida cotidiana. Ao vlog são conferidos o caráter informativo, de entretenimento e de persuasão, que se alinham às narrações de experiências pessoais por meio de ligações entre a realidade social e a realidade do protagonista/narrador, bem como um espaço fértil para o debate de temas de interesse comum, para a denúncia social, crítica ideológica e para as crônicas do cotidiano (DORNELLES, 2015). Dessa forma, os vlogs constituem-se na qualidade de ferramentas para uma sociedade que, tendo à disposição equipamentos simples ou complexos de captação e edição de áudio e vídeo, mesmo nos dispositivos móveis de comunicação, e a partir de uma conexão à rede mundial de computadores, detém o poder para manifestar falas em diversos debates. Assim, os indivíduos no vlog podem expor ideias, sentimentos e opiniões a respeito de assuntos da atualidade, e garantir representatividade na esfera pública digital.

Constituem o objeto de análise nesse estudo os materiais audiovisuais que são distribuídos a partir do YouTube, empresa de mídia apresentada como plataforma e agregador de vídeos online, que funciona “atraindo a atenção para o conteúdo ao mesmo tempo em que oferece uma participação em dinheiro nas vendas de anúncios no site” (BURGESS, GREEN, 2009, p. 21). Para a elaboração desses conteúdos, é possível utilizar-se de variados recursos narrativos, tais como sonoplastia e linguagem musical, efeitos gráficos, transmissão ao vivo e outras técnicas de montagem que, de acordo com o nível dos conhecimentos aplicados na produção dos vídeos, resultam

em produtos finais amadores ou profissionais. É possível narrar histórias a partir de formatos consolidados na TV, no rádio ou no cinema – como dramatizações, paródias, entrevista, cobertura de evento, videoclipe musical, etc. – e, ao mesmo tempo, aderir a linguagens elaboradas no interior das comunidades virtuais – que se referem aos formatos emergentes na combinação dos recursos audiovisuais e hipermediáticas, bem como das estéticas partilhadas nos circuitos culturais. Assim, por meio do estudo dos canais no YouTube espera-se conhecer os modos pelos quais se acionam competências e habilidades para a confecção de espaços discursivos, e onde se articulam saberes e relatos para a gestão da identidade HIV positiva. Após realizar o levantamento e observação dos canais dedicados às narrativas sobre o HIV/Aids, chegou-se à lista exposta no Quadro 1.

Quadro 1 – Canais no YouTube realizados por PVHIV, com conteúdos sobre a soropositividade.

Nome do canal	1º vídeo sobre HIV	Realizador(es)
<i>Caio Régis</i>	2019, Maio 16	Caio Régis
<i>Chá dos 5</i>	2015, Maio 14	Rafael Bolacha (e outros 3)
<i>Confissões de um Soropositivo</i>	2016, Abr 27	Léo Cezimbra
<i>Diego Krausz</i>	2018, Set 13	Diego Krausz
<i>Discordantes</i>	2015, Ago 25	Jeandro Borba e Geovanni Henrique
<i>Drew</i>	2019, Jan 14	Drew Persí
<i>Gabriel Comicholi (HDIário)</i>	2016, Abr 1	Gabriel Comicholi
<i>Há Vida com HIV</i>	2017, Maio 14	Lucas Martins
<i>HIVIVA</i>	2019, Ago 6	Allan Bruno
<i>João Geraldo Netto</i>	2010, Dez 11	João Geraldo Netto
<i>Lucas Raniel – Falo Memo!</i>	2017, Dez 1	Lucas Raniel
<i>NossaHannis</i>	2018, Dez 3	Hannis Ferreira
<i>Posithividades</i>	2017, Maio 25	Lucian Ambros
<i>Positivo Matheus</i>	2014, Abr 30	Matheus (fictício)
<i>Projeto Boa Sorte</i>	2015, Nov 28	Gabriel Estrela
<i>Prosa Positiva</i>	2016, Ago 1	Daniel Fernandes
<i>Super Indetectável</i>	2017, Jan 28	João Geraldo Netto
<i>Vivendo Positivamente</i>	2017, Set 18	Jardiel Cavalcante

Fonte: YouTube, com base nas informações consultadas em 23 fev. 2022. Elaboração do autor.

A lista acima refere-se aos canais no YouTube, que dispõem de conteúdos em vídeo para visualização pública, e que são elaborados, realizados e distribuídos a partir dos sites de rede social na internet por pessoas do gênero masculino, que se apresentam como pessoas vivendo com HIV, e se identificam como homossexuais, bissexuais ou outra sexualidade não heterossexual. A atividade destes canais se caracteriza pela difusão, com periodicidade e estética próprias, de vídeos lúdicos e

informativos pelas perspectivas das experiências individuais com a soropositividade. Ressalta-se, no entanto, que não foram os únicos canais mapeados no período do estudo, uma vez que outras páginas encerraram as atividades através da exclusão ou arquivamento dos conteúdos, razões pelas quais não foram mencionadas na lista acima (cf. Anexo A).

Com o intuito de conduzir o estudo, seguindo a orientação para verificar as diferentes apropriações culturais do vídeo online e de seu potencial de politização e de conscientização social, tem-se como principal referência o projeto *It Gets Better Project*³⁹, desenvolvido no ano de 2010. Trata-se de uma importante iniciativa que alcançou proporções globais, em favor da cidadania da população LGBT. Diante de uma série de notícias sobre suicídios cometidos por adolescentes homossexuais, o jornalista estadunidense Dan Savage e seu marido Terry Miller criaram a plataforma de vídeos para distribuição a partir da internet, no sentido de disseminar mensagens de combate e prevenção contra o *bullying* homofóbico (PHILIPS, 2013). A estratégia adotada recebeu o apoio de celebridades dos mais diversos setores da sociedade, e teve a adesão de lideranças de vários outros países em suas próprias versões, além da publicação de livros e espaços conquistados na programação dos canais na comunicação de massa. O início do *It Gets Better Project* se deu através do YouTube, e entre artistas, atletas e empresários, recebeu mensagem também do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. Trata-se de um episódio relevante, que promoveu a abertura para outros projetos ao redor do mundo, inspirando coletivos sociais, sujeitos e organizações no engajamento político de causas humanitárias.

No âmbito dos canais que realizam vídeos online sobre as experiências com o HIV positivo, Azevêdo (2019) ressalta em seu estudo a importância de considerar o deslocamento geracional daqueles que presenciaram o afloramento da epidemia de Aids dos que vivenciam um período caracterizado pela gestão de qualidade da vida, diante dos tratamentos e profilaxias disponíveis na atualidade. Para o pesquisador, a atividade na criação e compartilhamento de vídeos está relacionada, sobretudo, a uma “perspectiva resiliente de vivenciar a cronicidade possível do HIV. [...] uma forma de resposta diante de um evento da vida que tem, em alguma medida, força de reconfiguração de trajetórias” (AZEVEDO, 2019, p. 124). Sob esse aspecto, através

³⁹ IT GETS BETTER PROJECT. Los Angeles, Califórnia, EUA. Fundada em 21 set. 2010. Disponível em: <http://www.itgetsbetter.org/>. Acesso em 25 set. 2016.

da publicização de narrativas os canais são apropriados não somente para dispor conhecimentos a quem busca por informações na plataforma, mas também agem na tentativa de desconstruir preconceitos e ressignificar o corpo soropositivo. Tendo a presença e a fala desses atores legitimada pela força da experiência pessoal, o estudo de Azevêdo (2019) identifica na resiliência o elemento central na organização de experiências soropositivas através dos canais. Por meio de linguagens próprias às comunidades virtuais, as produções discursivas realizadas pelos criadores no YouTube oportunizam novas modalidades para o consumo de informações a respeito do HIV/Aids, e também se constituem como um importante aliado na produção de sujeitos políticos.

Em um estudo anterior (SANTOS, 2019) foi discutido que, entre os formatos utilizados pelos criadores do YouTube com a estratégia de promover a aproximação entre o discurso formal da medicina e os nativos consumidores de mídia digital. Em parceria com entidades que atuam no combate ao HIV/Aids, os formatos lúdicos na plataforma de vídeos – sejam na forma de encenação, de desafios entre membros, ou na forma de jogos de perguntas e respostas – representam estratégias importantes à ação preventiva do HIV, bem como para o esclarecimento de dúvidas e dissolução de mitos a respeito da síndrome. Considera-se, assim, a relevância de entender os meios pelos quais as narrativas sobre a soropositividade são construídas, mesmo de modo artesanal, no manuseio de habilidades técnicas de produção de vídeo e de veiculação de mídias em rede.

Propõe-se, nesse momento, seguir com a análise das trajetórias individuais na realização de conteúdos audiovisuais, e de seus deslocamentos e aproximações com dinâmicas culturais e ações políticas do ativismo soropositivo. Considerando que os contextos da comunicação de massa são demarcados pelo dispositivo histórico da Aids, no sentido de reforçar estigmas sociais contra grupos sociais específicos, como é o caso da homossexualidade masculina, o estudo sobre as práticas de construções discursivas nos vídeos online pelo YouTube é um ponto de referência para visualizar ações coordenadas em direção à humanização da identidade soropositiva, bem como para o reconhecimento de direitos das pessoas vivendo com HIV.

3 <!SOROPOSITIVIDADES> RE_IMAGINADAS: COMUNICAÇÃO, ESTIGMA E VISIBILIDADE

Corpos pálidos, esguios, debilitados, marcas na pele, no rosto e no olhar sem brilho, culpados e condenados: assim eram as imagens que retratavam os primeiros pacientes de Aids, quando a então “doença misteriosa” atingiu a população mundial, e mostrava a ação de um vírus capaz de sugar a força vital e transformar os dias de alguém em um corredor da morte. Presentes em fotografias nas revistas e jornais, nas reportagens televisivas ou na ficção cinematográfica, essas representações ocuparam por muito tempo as discussões sobre o HIV, no estabelecimento de conexões entre agente infeccioso e sujeito infectado. Tais estruturas operam como distinções sociais que, incorporadas à linguagem sob sentenças dicotômicas – inocente/transgressor, saudável/doente, limpo/contaminado – demarcadas pela sorologia, indicam posições ou espaços que o sujeito ocupa em uma sociedade. Dispõe-se, deste modo, de um repertório de imagens, vocabulários e artifícios de assimilação da soropositividade que são acionados pelos indivíduos na constituição de vínculos, nas trocas culturais e no acesso às políticas públicas, além de outras esferas da vida social.

O imaginário coletivo em torno da Aids é fabricado a partir dos estereótipos que foram repetidamente disseminados nos meios de comunicação de massa entre o final da década de 1980 e a década de 1990. Portinari e Wolfgang (2017) analisam que o tratamento discursivo e imagético característico daquele período permanece ativo em narrativas televisivas mais recentes, que as pesquisadoras situam na década de 2010, e assim evidenciam a manutenção de um sensacionalismo mórbido. No enfoque das abordagens dos programas observados, destaca-se a exploração visual de pacientes em estado terminal, das rotinas desgastantes de medicação, da reclusão ou solidão das pessoas em razão da sorologia, como também de lacunas das informações de prevenção, da persistência na noção de “grupo de risco” ou no paradigma preventivo reduzido ao discurso do “sexo seguro”. Além dos danos ocasionados aos programas de assistência social e das estratégias em políticas públicas para o enfrentamento do HIV, pelo imaginário da Aids se origina uma atmosfera de demonização da sorologia positiva dada pela capacidade de impulsionar situações de discriminação, intolerância e mesmo de privação de direitos fundamentais às PVHIV, associadas a formas mais antigas de preconceito.

Pelo discernimento da revelação da sorologia como uma espécie de marco na vida dos sujeitos, o relatório do Índice de Estigma⁴⁰ (REDE GLOBAL..., 2019) contém informações relevantes à visualização de cenários de discriminação e de violência que afetam experiências individuais com a soropositividade. De acordo com o relatório, o estigma atravessa diferentes momentos na trajetória das PVHIV, estando presente mesmo antes da descoberta pelo diagnóstico. O temor ao resultado do exame é visto como uma causa significativa da procrastinação ou resistência ao conhecimento do estado sorológico do HIV, fator que influencia diretamente na elaboração de políticas públicas e de estratégias programáticas efetivas. Uma vez que o resultado do exame de sangue é definido como “amostra reagente para HIV”, os esforços concentram-se na superação do estigma internalizado, pelo qual se produzem sentimentos de culpa, vergonha e depreciação, e impactam as relações com os outros e consigo mesmo. Ainda se incluem no relatório as experiências negativas que se expressam sob formas de discriminação vivenciadas no cotidiano, tais como comentários especulativos ou pejorativos, expressões de assédio verbal ou de violência física, culminando na perda de fontes de renda ou do emprego. Referem-se, portanto, a marcadores importantes para se constatar os impactos que o estigma possui na qualidade de vida e no acesso aos serviços básicos de saúde.

É possível observar, desde então, o quanto as narrativas midiáticas a respeito da Aids – notadamente aquelas oriundas da fase inicial de pandemia – são alinhadas a um legado de valores morais sobre corpo e sexualidade, e reincidem na preservação de estereótipos. As imagens e discursos provenientes dessa abordagem ecoam por meio de condutas, sentimentos ou convicções de repulsa ou negação contra PVHIV, culminando em falas culpabilizantes ou até mecanismos de violência contra indivíduos em razão do estado de HIV, seja ele real ou deduzido. Ademais, o imaginário social da Aids apresenta efeitos diretos sobre a gestão da saúde sexual, pois se estabelece antes do diagnóstico, como um prenúncio ou sentença de morte, e prejudica tanto o conhecimento do estado sorológico, por meio da testagem regular, como a adesão ao tratamento do vírus. Se, por um lado, o progresso científico tem colaborado para que

⁴⁰ O Índice de Estigma é uma metodologia global, aplicada em mais de 100 países, que tem como principal finalidade a de mensurar tendências relacionadas ao estigma e à discriminação em relação ao HIV, e de verificar como o estigma e a discriminação afetam tais populações, especialmente no que diz respeito à saúde e ao acesso aos serviços públicos de maneira mais geral. No Brasil, foi aplicado mediante a parceria entre diversas organizações e instituições, pela documentação de experiências em áreas e localidades com maior incidência de casos de Aids ou de alta mortalidade.

as pessoas soropositivas tenham melhor expectativa e qualidade de vida, e também um conjunto de leis e políticas públicas que asseguram sua cidadania, por outro lado permanecem resíduos de um estigma cristalizado nas metáforas da poluição, do corpo desviante, mórbido e condenado.

Portanto, nesta seção se discute as formas de propagação do estigma na vida das PVHIV, e as principais ações no sentido de conferir visibilidade social e política à soropositividade. Depreende-se que a desinformação e o preconceito consequente se qualificam como forças antagônicas ao enfrentamento da Aids, e perpetuam-se nas situações de discriminação em razão da sorologia, no sentido de acentuar os quadros de desigualdades sociais e econômicas pelo mundo. Ao mesmo tempo, atenta-se que as campanhas sociais e educativas coordenadas por organizações e instituições em defesa dos direitos das PVHIV são apoiadas pelo vasto panorama de ações iniciadas através das redes distribuídas na internet. Tendo o enfoque na cultura visual, por meio do YouTube, o conhecimento sobre as ações e fluxos de informação que constituem a esfera pública digital é elementar para apreender como são concebidas as disputas políticas no campo da visibilidade soropositiva, e sobre como tais narrativas são peças primordiais para o combate à discriminação e ao preconceito.

3.1 Marcas de violência e de dominação

Pele, sangue, ossos, pelos, fluidos, carne: através do corpo o indivíduo se nota sujeito, parte de um organismo maior, organismo social, pelo qual interage com outros indivíduos e dá sentido às suas ações, pensamentos, emoções, e assim percebe-se enquanto elemento do mundo. Relaciona-se com imagens, texturas, palavras, sons, temperaturas, sabores, e para cada informação fisiológica há uma inscrição cultural carregada de significados construídos historicamente e negociados entre instituições de poder, pelos quais o sujeito se torna pessoa e se conecta ao coletivo, desenvolve laços familiares, amorosos, profissionais, comerciais, de amizade etc. São relações valoradas, classificadas por códigos morais de cada época ou lugar, e se estabelecem na constituição de hierarquias. Por meio de marcadores específicos de superioridade, como o exemplo das categorias “normal”, “saudável”, “belo” ou “correto”, inscrevem-se posições sociais a sujeitos em decorrência dos seus atos, circunstância ou desejos, que ultrapassam as fronteiras da situação para integrar-se a outras dimensões da

existência da pessoa. Dessa forma, temos a metáfora do “rótulo”, como uma forma de delimitação fixa sobre a vida social do sujeito, pela qual todas as suas vivências são afuniladas para uma única extremidade, onde as perspectivas convergem para um aspecto único, negativo ou positivo.

O rótulo funciona como a embalagem de algo, peça que expõe a totalidade de propriedades físicas e químicas de um produto, pronta para ser lida e, por meio dela, ter acesso simplificado a todas as informações sobre o objeto rotulado. A metáfora do rótulo é promissora pra observar como operam os estigmas na existência da pessoa, como também para perceber os obstáculos erguidos na construção da sua cidadania. O estigma é descrito por Goffman (2008) como um atributo altamente depreciativo que é instituído na linguagem das relações com o estereótipo, e possui efeito de descrédito no plano da aceitação social⁴¹. Conforme o cientista social, os sentimentos do indivíduo estigmatizado podem ser confundidos, desorientar a própria percepção como “pessoa normal”, predestinado à posição de “criatura impura”, reservado à vergonha e mesmo destituído de um porvir agradável. Ao absorver tais convicções e projetá-las na relação com o outro, ao sujeito que sofre o estigma podem ser acarretados danos ao convívio em sociedade, à saúde física e psicológica, que podem interferir de maneira decisiva nos demais aspectos da sua vida.

A dinâmica da estigmatização é retratada por Elias e Scotson (2000), no estudo sobre grupos estabelecidos, que “fundam o seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros” (p. 7), e nos outsiders⁴², aqueles que estão fora do grupo anterior. Os pesquisadores observam o estigma como elemento de sociodinâmica nas disputas de poder, com finalidades de manutenção de supremacia social de determinado grupo a partir da fixação de rótulos de inferioridade humana. No campo das relações entre estabelecidos e outsiders, as características depreciativas são acionadas no sentido de provocar sentimentos de medo e de vergonha, por meio de sistemas de figuração específica, e que consistem de artifícios para garantir a

⁴¹ Ao caracterizar o estigma, Goffman (2008) recorre à seguinte situação: “enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considera-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída” (p. 12).

⁴² Essa expressão está presente em Becker (2003) para caracterizar processos políticos marcados pela figura do “desvio”, sendo outsiders aqueles que desviam das normas estabelecidas por grupos sociais: “Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como um outsider” (p. 15).

preservação da identidade e a manutenção da superioridade social. Entre os traços constantes dessa figuração, os pesquisadores citam a utilização estratégica de termos difamatórios⁴³ e a circulação de fofocas depreciativas. Nessa perspectiva, o estigma é compreendido na qualidade de um mecanismo e estratégia de exclusão apoiada na linguagem, pela qual se criam rótulos, expressões ou histórias, disseminadas de forma habitual e que podem durar longos períodos de tempo, com propósitos de estipular ou conservar hierarquias de poder em detrimento de grupos que não se observam nos ideais de uma norma.

Estando presente na linguagem e nas convivências, essas atitudes negativas que são erguidas em torno de atributos específicos da identidade humana arquitetam cenários de desigualdade. Parker (2013) discorre sobre o estigma de modo a percebê-lo enquanto um processo social, vinculado às estruturas de poder, uma vez que se desdobra em relações de dominação e resistência, e logo “faz com que alguns grupos sejam desvalorizados e outros valorizados de forma inerentemente discriminatórias” (p. 29). Ao analisar as aproximações entre o estigma, o preconceito e a discriminação nos arranjos da exclusão social, Parker (2013) recorre ao pensamento sobre “violência estrutural⁴⁴” para inferir “a discriminação em relação à saúde não meramente como resultado do estigma ou do preconceito, mas como resultado de estruturas sociais e econômicas fundamentalmente desiguais” (p. 34-5). Para o pesquisador, a doença e a vulnerabilidade do sujeito são concebidas ao redor de eixos de desigualdade, que por sua vez estão situados na base dos sistemas sociais contemporâneos, e causam efeitos negativos, tanto sobre a saúde e bem-estar da população, como às lutas por

⁴³ Ao abordar sobre a utilização dos termos depreciativos, Elias e Scotson (2000) entendem que certas palavras fazem parte de um vocabulário de inferiorização, tendo como exemplos as palavras “sapatão” (para se dirigir às mulheres lésbicas), “crioulo” (em referência aos negros, descendentes de africanos), ou ainda “carcamano” (com teor xenofóbico). Segundo os pesquisadores, “Seu poder de ferir depende da consciência que tenham o usuário e o destinatário de que a humilhação almejada por seu emprego tem o aval de um poderoso grupo estabelecido, em relação ao qual o do destinatário é um grupo outsider, com menores fontes de poder. Todos esses termos simbolizam o fato de que é possível envergonhar o membro de um grupo outsider, por ele não ficar à altura das normas do grupo superior, por ser anômico em termos dessas normas” (p. 27).

⁴⁴ Parker (2013) discute a perspectiva da “violência estrutural” a partir de conceitos, entre os quais: “A violência é construída na estrutura e revelada como poder desigual e, conseqüentemente, oportunidades de vida desiguais” (GALTUNG, 1969, p. 171 *apud* PARKER, 2013, p. 32), no que diz respeito às situações de desvantagens sistemáticas na base das estruturas sociais; ou ainda no que se refere à violência estrutural como “a consequência, direta ou indireta, da ação humana” (FARMER, 2005, p. 40 *apud* PARKER, 2013, p. 33), pela qual a pobreza tem papel fundamental na construção da vulnerabilidade à doença.

direitos humanos e justiça social. Trata-se, no campo político, de um dos mais notáveis desafios às ações de saúde pública ou coletiva desde o século XX.

Para compreender o estigma que recai sobre o HIV é preciso, antes, que se estabeleça uma reflexão crítica fundada nos estudos da sexualidade humana como dispositivo de poder (FOUCAULT, 1999). Tal via remete à hipótese repressiva, que se sustenta nas práticas discursivas observadas desde meados do século XVII e que tem como objeto a regulação dos prazeres dissidentes. Por meio da alegoria do “adulto perverso”, presente nos discursos médicos e científicos como estratégia de produção da sexualidade, as técnicas de controle sobre corpos e desejos materializam relações de poder fundadas na centralidade do relacionamento matrimonial, da prática sexual procriativa e, destarte, do desejo heterossexual. Com efeito patologizador, os saberes multiplicados em torno das condutas que desviam dessa matriz construíram códigos que, segundo Foucault (1999), fixaram margens entre o lícito e o ilícito, entre a virtude e o pecado, entre normalidade e abjeção: “romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam de qualquer modo, condenação” (p. 38). Sendo assim, o estigma elaborado em torno da sorologia de um indivíduo é algo que, no cerne das políticas sexuais, reduz o corpo à ordem da perversão, à sentença de morte, ou a uma vida regrada pela medicalização.

Observa-se, dessa maneira, processos de fabricação de sujeitos embasada na sorodiferença, que vinculam a informação sanguínea à ideia de limpeza/poluição pelo HIV. Não se trata, pois, da mera constatação de um resultado reagente ao vírus, mas na visão de sujeira instituída num campo simbólico, que se ordena aos elementos de pureza⁴⁵ dados por determinado sistema (DOUGLAS, 1976). Diante dessa perspectiva, é considerado “puro” aquele indivíduo que não se expôs ao risco de infecção, em conformidade com a cartilha reguladora da prática sexual, e o “contaminado” é quem se deixou levar pela pulsão dos desejos carnis, que sucumbiu ao sexo clandestino, promíscuo, distanciado das condições de segurança e de confiabilidade que sugerem o matrimônio e a monogamia. Integra-se à dicotomia sujeira/pureza a consciência de responsabilidade individual perante a exposição ao

⁴⁵ Sobre esse aspecto, Douglas (1976) aborda a noção de sujeira ao entender que “Implica duas condições: um conjunto de relações ordenadas e uma contravenção desta ordem. Sujeira, então, não é nunca um acontecimento único, isolado. Onde há sujeira há um sistema. Sujeira é um subproduto de uma ordenação e classificação sistemática de coisas, na medida em que a ordem implique rejeitar elementos inapropriados. Esta ideia de sujeira leva-nos diretamente ao campo do simbolismo e promete uma ligação com sistemas mais obviamente simbólicos de pureza” (p. 50).

vírus, que resulta na atitude de culpabilização da pessoa. Tal aspecto está implícito no sentido de se atribuir “falha” àquele indivíduo que agiu com descuido em relação aos métodos preventivos ou até mesmo a comportamentos ditos mais seguros quando se referem à prática sexual. No entanto, nem sempre se consideram as demais formas de transmissão além do sexo, seja pelo compartilhamento de objetos perfuro cortantes, ou pela transmissão vertical.

No que tange a diferença sorológica, portanto, a distinção social é operada para atender as estruturas de dominação elaboradas acerca das lógicas heteronormativa, monogâmica e reprodutiva. Nos termos de Bourdieu (2005), tais estruturas são dadas historicamente como produtos de um trabalho incessante de reprodução realizado por agentes específicos e pelas instituições. É possível reconhecer alguns elementos que permitem visualizar, nas relações de poder, concepções de negatividade em torno da sorologia. Sob a caricatura pejorativa do “aidético”, característica dos anos iniciais da pandemia, emergiu a posição de um corpo mórbido, desprovido de forças, intocável, assim demarcado em decorrência da conduta sexual desregrada e desviante. Ao passo que se reconhece alguém como reagente para HIV, essa imagem é passível de resgate, atravessada por sentimentos depreciativos sobre o sujeito, e que incidem nas sociabilidades, na forma das posturas de exclusão e discriminação, como também na subjetividade. As emoções corporais assumidas pelo indivíduo no momento de seu diagnóstico, sejam de culpa, de vergonha, de temor ou de humilhação, são reflexos psicossociais da violência simbólica⁴⁶ que se incorporam ao resultado do exame, e que fazem com que a pessoa que acaba de conhecer a sorologia positiva tenha, em si mesma, sensações de autodesprezo, de punição, ou de reclusão.

Para compreender o estigma do HIV, então, é necessário visualizá-lo não como um fato isolado, alheio às interferências de outros preconceitos, mas no âmbito das interrelações com outros mecanismos de discriminação, que incluem as sexualidades dissidentes, bem como no nível dos arranjos e fruições de afetos e prazeres. De modo mais evidente, o surgimento da Aids é um episódio catalisador da homofobia, segundo

⁴⁶ Bourdieu (2005) define a violência simbólica como uma força que “se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos tem em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto” (p. 47).

ênfatisado por Perlongher (1987), e mesmo diante da decadência do “grupo de risco”, conceito que tipificou a exposição ao vírus à população homossexual, tal associação assumiu outras expressões pela linguagem, de forma mais sutil, como uma espécie de preconceito latente. Entretanto, ao se conduzir o debate das práticas e discursos discriminatórios que envolvem o HIV na formulação da sorofobia⁴⁷, ou de sua variação como aidsfobia, promove-se um deslocamento analítico, tanto no sentido de englobar outras identidades sexuais afetadas pelo vírus, como para abranger dilemas sociais, culturais, econômicos e políticos relativos aos direitos dessas pessoas. Depreende-se, por fim, que a sorofobia é uma forma de violência que atinge não somente o grupo social LGBTQ+, também qualquer outro indivíduo HIV+ está exposto aos efeitos dessas estruturas de dominação, embora seja o grupo social primeiro o menos favorecido nas relações de poder.

O trabalho de Parker e Aggleton (2021) contribui para formar um panorama das ações relacionadas ao enfrentamento do HIV, tanto no campo da linguagem quando no domínio das políticas públicas de saúde. Para os pesquisadores, encontra-se em andamento uma terceira fase de epidemia de Aids, sendo que após dois períodos de infecções e doenças propriamente ditas, a última é definida pelas “reações que vem se caracterizando, principalmente, por níveis excepcionalmente altos de estigma, discriminação e, certas vezes, por negação coletiva” (p. 22). Trata-se, pois, de atentar para a sinergia entre fontes preexistentes ao vírus e de outras formas mais específicas que se encontram “entrelaçadas em uma nova teia de significados relacionando HIV e Aids aos mecanismos de poder, desigualdade e exclusão” (p. 51). O Quadro 2 expõe as fontes em interação que, na análise dos autores, podem acarretar efeitos negativos e círculos viciosos de estigmatização e de discriminação de pessoas, e com pouca ou nula contribuição para a elaboração de ações de enfrentamento ao problema. Como

⁴⁷ A expressão aparece no texto de Barbosa Filho e Vieira (2021) para compreender “o conjunto de crenças irracionais, discriminatórias e medos infundados sobre o HIV/Aids que resultam em episódios de violência institucional, física, psicológica e política não só contra as populações soropositivas, mas também contra grupos sociais considerados mais vulneráveis à pandemia de HIV/Aids. A sorofobia se sustenta em discursos e dispositivos de poder que vão desde a tutela, interdição, segregação, punição e controle sobre os corpos soropositivos até o extremo de reduzir vidas humanas à condição de despesas que devem ser evitadas pelo Estado, por meio de medidas que articulam uma simbiose entre moralismo, populismo, culpabilização individual, meritocracia e austeridade neoliberal. Ela foi produzida no arsenal discursivo de respostas neoliberais e conservadoras ao HIV/Aids, tendo se manifestado no Brasil desde o ano de 2012, quando houve uma guinada conservadora no discurso político governamental, com o desmonte de algumas das principais estratégias de enfrentamento à pandemia de HIV/Aids e censura das campanhas e programas fundamentados na pedagogia da prevenção” (p. 135).

consequência, os danos impactam de significativamente nas medidas de resposta à epidemia, bem como na formulação de programas de prevenção e de cuidado⁴⁸.

Quadro 2 – Sinergia entre fontes de estigma ao HIV e Aids.

Fontes preexistentes ao HIV e Aids	Sexualidade	Homossexualidade, prostituição, promiscuidade e desvio sexual.
	Gênero	Em tipificação à prostituição feminina como “vetor de infecção”.
	Raça ou etnia	Associada às convicções racistas em relação à população haitiana e a sexualidade dos povos africanos.
	Pobreza ou marginalização econômica	Em reprodução da exclusão econômica de pessoas sem-teto, sem-terra, da população desempregada e outros grupos marginalizados.
Fontes específicas ao HIV e Aids	Doença ameaçadora à vida.	
	Medo público de infecção pelo HIV.	
	Associação entre HIV e Aids a comportamentos estigmatizantes.	
	Pessoas com HIV e Aids são responsáveis pela própria infecção.	
	HIV e Aids como punição pra uma falta moral.	

Fonte: PARKER; AGGLETON, 2021 (quadro elaborado pelo autor).

Ainda há de se considerar o estigma internalizado, que é tratado por Parker e Aggleton (2021) no sentido de se perceber os efeitos da discriminação na experiência individual. Segundo os pesquisadores, pela linguagem são elaboradas e reforçadas metáforas negativas sobre a soropositividade “que são usadas para falar e pensar sobre HIV e Aids, [que por sua vez] tende a reforçar o medo, a exclusão e o isolamento de pessoas afetadas” (p. 60). No plano particular, a internalização dessas marcas tem efeito sobre o funcionamento das políticas de promoção da saúde, e sobre o êxito das ações preventivas, pois há uma tendência ao auto-isolamento pelo indivíduo HIV+ que pode culminar em situações extremas, que vão desde um tipo de “morte social⁴⁹”, ou até mesmo de óbito, no caso do suicídio. O segredo, então, sucede como uma espécie de refúgio para a pessoa recém-diagnosticada, carregada por sentimentos de culpa, de vergonha ou de punição pelo resultado do exame, e que compromete à adesão à

⁴⁸ Destaca-se, nesse sentido, a afirmação de Parker e Aggleton (2021) de que “a interação entre as diversas fontes de estigma fez com que muitas vezes os indivíduos e grupos se tornassem alvo de culpa e castigo, gastando energia e capital social que seria empregado de forma mais produtiva no combate ao vírus responsável pela infecção. (...) As pessoas são vitimadas e culpadas, as divisões sociais são reforçadas e reproduzidas, e novas infecções continuam a ocorrer enquanto as pessoas continuam a entender mal, sistematicamente, a natureza da epidemia e suas causas” (p. 51).

⁴⁹ Expressão usada pelo sociólogo Herbert Daniel, citado para descrever o estado “em que a pessoa não se sente parte da sociedade civil, sem conseguir acesso aos serviços e ao apoio que necessita” (Daniel e Parker, 1991 *apud* Parker e Aggleton, 2021, p. 60).

terapia antirretroviral (TARV), pela qual se pode reduzir a carga viral até o nível de indetectável e intransmissível (I=I). O segredo também torna-se presente na vida de outro perfil, o do sujeito sorointerrogativo, que é representado pelo indivíduo que se expôs ou que se expõe rotineiramente à infecção pelo vírus, mas que não conhece ou que não se propõe a testar e conhecer o seu estado sorológico – por receio ou temor ao estigma que acompanha o resultado. Constitui, portanto, uma barreira à formulação e avaliação de programas de resposta ao HIV e Aids.

A gestão do silêncio, ou da exposição sobre a condição sorológica, constitui o que se pode designar como “armário soropositivo”, figura central nas negociações entre a subjetividade e o campo de relações sociais. Inicialmente, é preciso levar em consideração a garantia de sigilo, estabelecida em lei, da informação sorológica do indivíduo⁵⁰. Outro fator relevante é dado no âmbito dos protocolos médicos, quando pelo conceito I=I se tem um quadro de supressão viral nos exames, como também a eficácia da TARV torna a pessoa HIV+ em padrões de intransmissibilidade do vírus. Dessa forma, a revelação da sorologia parte de uma decisão pessoal, que pode ser motivada por questões políticas, interesses afetivos ou na ética das relações. Posto isso, a noção de “armário” aqui presente se estabelece no sentido de orientar reflexões posteriores acerca da percepção interna e das práticas que visam a publicização da sorologia, e de verificar suas aproximações com os contextos de produção discursiva a respeito do assunto.

O “armário” é uma categoria central no estudo de Sedgwick (2007) para refletir sobre as estruturas de opressão que caracterizam a vida social e as identidades dos homens gays ao longo do século XX. Enquanto presença formadora do sujeito, na acepção de que ao ocultar a própria sexualidade põe-se em jogo uma estratégia de autoproteção contra os potenciais prejuízos dessa exposição, a teórica entende que “a imagem do armário é indicativa da homofobia de uma maneira que não o pode ser para outras opressões” (p. 32). Em tal linha de raciocínio, o segredo que se estabelece em torno da homossexualidade se difere de outras formas de opressão por não lidar com atributos visíveis, tais como gênero, etnia, idade, ou deficiência física. Para o

⁵⁰ Conforme disposto na Declaração dos Direitos Fundamentais da Pessoa Portadora do Vírus da Aids, de 1989 ao proclamar que “Todo portador do vírus tem direito a comunicar apenas às pessoas que deseja seu estado de saúde e o resultado dos seus testes”. E ainda, conforme a Lei nº 12.984, de 2 de junho de 2014, em seu artigo 1º constitui crime punível, com reclusão e multa, dada pelo inciso “V – divulgar a condição do portador do HIV ou de doente de aids, com intuito de ofender-lhe a dignidade”.

homem gay, há algo que pode ser omitido, e que só se revela através de atos, falas, gestos e toda uma gramática que faz parte do “sair do armário”, enquanto forma de publicizar-se ou assumir-se gay. Menos visível também é a condição sorológica de uma pessoa, pois a imagem do corpo esguio, pálido e maculado reverteu-se em uma figura do passado, quando inexistiam formas de tratamento eficientes no controle do vírus. Contudo, no que se refere à autoaceitação, expressa na atitude internalizada de assumir-se ou reconhecer-se como PVHIV, e que desperta a adesão à TARV, o “armário soropositivo” originado pelo estigma constitui um desafio a ser superado.

Contemplando o papel que a linguagem exerce nas dinâmicas ou processos de estigmatização, interessa aqui abordar os modos pelos quais, após quarenta anos do surgimento da Aids, os discursos midiáticos estão organizados para atualizar sentidos e potencializar transformações sociais. Tal exercício não abrange apenas as múltiplas modalidades de conteúdos, como também os conjuntos de posicionamentos que se observam nas práticas editoriais e em ações coletivas. De acordo com essa proposta será possível analisar manifestações sobre o visível, uma vez que tais simbologias se fazem presentes na consolidação do invisível, do íntimo, seja ele expresso pelo estado sorológico ou pelos saberes do HIV que arquitetam as estruturas de dominação.

3.2 Cultura midiática e visibilidade soropositiva

Explorou-se até aqui os modos pelos quais foram construídos os significados culturais da Aids, através da cobertura jornalística sobre a pandemia, e da forma como tais sentidos provocaram dinâmicas de estigmatização de sujeitos e das sexualidades dissidentes. Por meio da espetacularização do sofrimento, na veiculação de cenas, manchetes e capas em periódicos, e da propagação de estereótipos, concentrados na identidade do homem gay como representação social da doença, a abordagem praticada nos meios de comunicação de massa contribuíram, na opinião pública, para assimilar a síndrome como um acontecimento letal, mais associado a vulnerabilidade de grupos sociais do que a comportamentos de exposição à infecção pelo vírus. Além disso, pelo semblante da fraqueza, da culpa, da vergonha e da morbidez estampados em rostos e falas, imprimiu-se, naquele período inicial, “a cara da Aids”, que mais tarde seria assimilado à cultura, como forma de diferenciar sujeitos em razão de seu estado de saúde aparente, e a partir daí incorporar outros preconceitos sexuais.

As maneiras de se ver a soropositividade, de entendê-la como tal, enviesam-se pelas narrativas construídas, disseminadas e reiteradas nas dinâmicas discursivas da atividade jornalística, e que dialogam com os valores e códigos morais vigentes na sociedade. Diante desse panorama, Valle (2002) destaca a emergência de categorias identitárias que circularam na imprensa, através de termos como “vítima”, “portador” e “aidético”, no sentido de demarcar uma condição clínica e, por meio dela, suportar formas de distância social. No conjunto de representações culturais da Aids, limitadas a interpretações de cunho ideológico, Valle (2002) afirma que “todas essas categorias e imagens enfatizavam a degradação passiva e inevitável vivida pelos soropositivos” (p. 185), direcionadas a uma identidade comum, estigmatizada sob o signo da morte, que em seu interior “manifestava, sobretudo, uma forma de violência simbólica que a imprensa produziu ao longo de todos esses anos” (p. 187). Para o pesquisador, tais expressões caracterizam processos pelos quais se confere visibilidade à epidemia e, em vista disso, atuam na definição de modos pelos quais se vivencia as concepções de saúde e de doença.

Os modos pelos quais se visualizam e são assimiladas as identidades culturais advém de uma vinculação primordial com as formas pelas quais são retratadas nos discursos mediados pelos agentes, linguagens e tecnologias de comunicação. No que se refere às relações de poder, Miguel e Biroli (2010) reconhecem a mídia como lugar essencial à produção de visibilidade social de personagens, visto que ela influencia a construção de um mundo simbólico dado pela hierarquia dos temas que torna visíveis. Trata-se, pois, de considerar o campo de disputas por posições políticas daqueles que conquistam a visibilidade, em detrimento de outros atores. Tal característica remete à ordem de matriz heteronormativa, da produção discursiva e de regulação dos corpos em torno de saberes sobre a sexualidade (FOUCAULT, 1999), pelos quais o prazer dissidente é estabelecido no nível da abjeção. É por essa via que Biroli (2011), quando contempla a mídia como instrumento central para a reprodução do poder hegemônico, entende o papel dos estereótipos nas dinâmicas de dominação, incluído sob o aspecto em que “a propagação de representações unilaterais e homogêneas da realidade, apresentadas como sendo a própria realidade ou o que importa dela” (p. 73). Sendo assim, estereótipos constituem-se, em seu caráter simplificador ou reducionista sobre a identidade, como “artefatos morais e ideológicos que tem impacto para a reprodução das relações de poder” (BIROLI, 2011, p. 80).

Os rótulos sociais fabricados em torno da Aids são estruturas ainda ativas nos circuitos midiáticos, mesmo diante do acúmulo de quarenta anos em avanços no progresso científico e na evolução das políticas públicas de saúde e cidadania sobre o tema. Em programas de televisão como o *Big Brother Brasil*, o produto cultural de maior audiência na TV aberta, transmitido desde o ano de 2002 pela Rede Globo, é possível situar exemplos de como o preconceito está presente, desde o imaginário social até os discursos circulantes nos meios de massa. Por meio de declarações que integram o elenco do programa, como quando no ano de 2010 um participante afirmou em alusão ao conceito de “grupo de risco”, que “hétero não pega Aids”, sendo uma doença relacionada ao homem gay⁵¹, ou quando em 2014 uma participante sugeriu o extermínio de pessoas HIV+ como “solução” para acabar com a infecção pelo vírus no mundo⁵². Ambos os episódios foram acompanhados com repercussão negativa pela sociedade, bem como das intervenções de órgãos como o Ministério Público, o Ministério da Saúde, e ainda dos movimentos sociais que atuam nas causas LGBTQ+ e no combate à discriminação por HIV. A emissora de TV ficou encarregada de realizar campanhas informativas para corrigir as declarações, mas em relação à popularidade dos participantes envolvidos, estes foram consagrados como campeão e vice-campeã em suas edições, por votação popular.

No que diz respeito às capas de revistas veiculadas na imprensa brasileira, que foram objeto no capítulo anterior para tratar das estratégias de cobertura jornalística da Aids, é possível situar na segunda metade da década de 2010 abordagens que, por um lado, acompanham as transformações na visibilidade soropositiva, mas que por outro mantêm resíduos do tratamento discriminatório reservado a essa pauta. É o que se pode verificar na polêmica edição da revista *Época*, em abril de 2018 (Figura 8), através de uma reportagem sobre a PrEP, recém-implantada no SUS como método de prevenção combinada contra a infecção por HIV, tratado na manchete da seguinte forma: “A outra pílula azul: o novo medicamento que está fazendo os gays abandonar [sic] a segurança da camisinha”. Carvalho e Azevêdo (2019) observam que se exerce, pelo texto, sugestão por associar a homossexualidade à promiscuidade ocasionada pela distribuição do medicamento na rede pública de saúde, e em decorrência desse fator, ao aumento no quadro de infecções por HIV. Para os pesquisadores, a revista

⁵¹ Cf. JUSTIÇA..., 2010.

⁵² Cf. RANGEL, 2014.

atuou por meio de uma descrição moralista e investida nos estereótipos que, ao narrar a visita do repórter a uma casa noturna frequentada por esse público, finda por reforçar preconceitos históricos, na tentativa de responsabilizar homens gays pelo crescimento estatístico nos índices de HIV, como na indicação de falhas das respostas brasileiras para conter o avanço das infecções. Os autores acrescentam que, após a veiculação da revista, entidades, organizações e profissionais manifestaram-se em repúdio sobre o teor discriminatório das informações divulgadas.

Figura 7 – Capa da revista *Galileu*, edição de agosto de 2017.



Fonte: site da revista *Galileu*.

Figura 8 – Capa da revista *Época*, edição de abril de 2018.



Fonte: site da revista *Época*.

Figura 9 – Capa da revista *Veja São Paulo*, edição de abril de 2020.



Fonte: site da revista *Veja*.

Em contrapartida, outras publicações construíram sentidos de superação e de resiliência, que passaram a integrar as rotinas de quem vive na condição soropositiva. Exemplos como a revista *Galileu*, na edição de agosto de 2017 (Figura 7), e a revista *Veja São Paulo*, em abril de 2020 (Figura 9) ilustram o posicionamento editorial pela abordagem humanizada, focada nas histórias de vida, que tratam a soropositividade no ponto de vista que quem convive com o vírus após tantos avanços científicos na área. A *Galileu*, cuja capa é apresentada pela fotografia do youtuber Gabriel Estrela, com os dizeres “Eu vivo com HIV e o preconceito é a pior parte”, apresenta uma série de relatos de pessoas de diferentes gêneros e faixas etárias, combinados com dados e gráficos sobre testagem, tratamento e prevenção. Na mesma via, a *Veja São Paulo* apresenta histórias de pessoas que, em virtude dos progressos terapêuticos e dos programas públicos nas formas de se diagnosticar e tratar do vírus, vivenciam circunstâncias que se traduzem na manchete de capa “Vivendo há décadas com o HIV: avanços científicos permitem uma vida normal a 70 000 paulistanos que portam

o vírus, alguns deles há mais de vinte anos”. Nesta última edição, destaca-se também a abordagem comparativa entre marcos temporais da síndrome, tanto no sentido de resgatar uma capa anterior do mesmo título, veiculada no auge da epidemia com tom sensacionalista e com o uso de expressões pejorativas, como para lembrar pessoas famosas que faleceram em razão da inexistência ou do acesso ainda restrito aos medicamentos antirretrovirais⁵³.

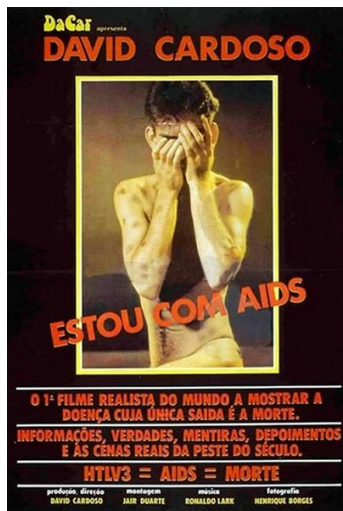
Também pela cultura audiovisual é possível observar contrastes entre as formas de narrar a soropositividade ao longo dos anos. O filme *Estou com Aids* (Figura 10), dirigido por David Cardoso em 1986, ilustra o sensacionalismo característico dos primeiros anos de pandemia, ao combinar depoimentos reais a cenas de ficção, com ênfase nas metáforas de morte que predominavam naquele período. Sendo uma produção independente, o longa-metragem é ambientado a partir da sobreposição de entrevistas realizadas com profissionais da saúde, ativistas, personalidades públicas e figuras anônimas, com encenações de rotinas cotidianas de pessoas supostamente adoecidas pela síndrome, em situações de preconceito e dos problemas de saúde. O filme foi vendido em seu cartaz como realista, ao apresentar “informações, verdades, mentiras, depoimentos e as cenas reais da peste do século”, pela associação viciosa entre Aids, “grupos de risco” e a morte inevitável, tratamento bastante inclinado ao pânico moral vigente nos meios de comunicação de massa.

Comparado às produções realizadas na segunda metade da década de 2010, a atmosfera terrorista do filme de 1986 revela não somente o pouco conhecimento da medicina sobre o vírus, mas, sobretudo, como as formas visíveis da doença voltavam-se à exploração da dor e da descrença na vida. De fato, há de se considerar a cortina cronológica que separa o filme oitentista das obras na última década em seus fatores sociais, científicos e políticos. Há um longo percurso demarcado por progressos que, ao mesmo tempo em que transformaram as condições de saúde e expectativas de vida das pessoas que vivem com HIV, também promoveram melhoras em relação à cidadania. O que se revela pertinente de observação nessa passagem são as formas pelas quais as narrativas audiovisuais são carregadas de significados culturais sobre o HIV e sobre a sexualidade, e de relações de poder impregnadas nos discursos sobre o indivíduo soropositivo. Se antes essas narrativas repetiam a condenação de corpos

⁵³ Trata-se da edição de junho de 1992, quando a revista *Veja São Paulo* apresentou em sua capa um homem entrando em um consultório médico, identificado como o comerciante José, com os dizeres em destaque: “A vida por um fio: dramas e esperanças dos aidéticos no Hospital Emílio Ribas”.

e sujeitos à morte em decorrência da Aids, os enfoques na era pós-coquetel⁵⁴ são aquelas que evidenciam a superação e sobrevivência, e que priorizam relatos sobre o combate ao estigma sorofóbico, produto histórico das estratégias discursivas em torno do HIV desde os anos iniciais de pandemia.

Figura 10 – Cartaz do documentário *Estou com AIDS*, 1986.



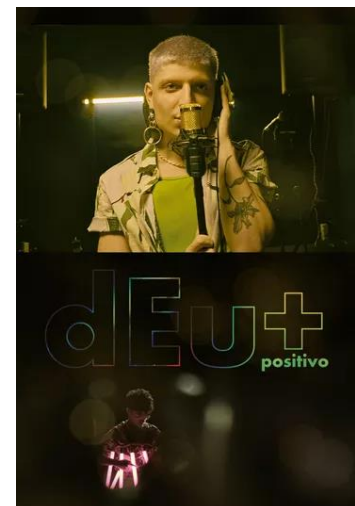
Fonte: IMDB.

Figura 11 – Cartaz do documentário *Carta para Além dos Muros*, 2019.



Fonte: IMDB.

Figura 12 – Capa da série documental *Deu Positivo*, 2020.



Fonte: Globoplay.

Figuram como obras relevantes nesse último período o documentário *Carta para Além dos Muros* (Figura 11), dirigido por André Canto, em parceria institucional com o UNAIDS, e a série documental *Deu Positivo* (Figura 12), com direção de Jorge Brivlati em projeto de coprodução entre a farmacêutica GSK/ViiV *Healthcare* e as produtoras VBrand e Cine Group. O documentário de 2019 é constituído por memórias que são apresentadas por pessoas ligadas a diversos setores da sociedade, desde a medicina, os movimentos sociais, artes e figuras públicas na internet, e relatam sobre as principais transições vivenciadas por quem presenciou o surgimento e auge da Aids no Brasil e as conjunturas sociais dos anos mais recentes. Com tom de retrospectiva, o filme aborda, no olhar das diferentes gerações, os dilemas que quem testemunhou o pânico moral e as experiências de quem atua para superar os estigmas excedentes.

⁵⁴ Melo e Penna (2017) utilizam-se dessa expressão para discorrer a presença, na literatura, de obras caracterizadas por uma mudança de paradigma em relação à Aids: “O foco deixa de ser a iminência da morte e um inevitável senso de urgência e imediatismo, e passa a ser como encarar a vida com HIV, em suas mais diferentes facetas. O coquetel antirretroviral, que representou a possibilidade de sobrevivência e de construção de um porvir com o vírus, torna-se uma presença marcante nos textos, que passam a se debruçar em planos para o futuro, o que muitas vezes era impensável nos anos 1980 e 90.” (p. 5).

Em contraparte, a série documental de 2020, dividida em três episódios, direciona-se pelo retrato das perspectivas geracionais de jovens que se apropriam de linguagens artísticas como forma de lidar com preconceitos e para atualizar referências a respeito da soropositividade.

Ressaltam-se ainda, nesse período, estratégias multimidiáticas promovidas em torno de estigmas e preconceitos de ordem sorofóbica, em graus de interação com o público. Em 2015, a revista alemã *Vanguardist* lançou a “*The HIV+ Issue*” (Figura 13) enquanto edição limitada, que advertiu na capa que os exemplares foram impressos com tinta infundida no sangue de indivíduos soropositivos. De acordo com Köppert e Sekuler (2016), o público leitor da revista foi mobilizado a vivenciar a potencialidade de infecção e, por meio dessa visão estética, promover a reflexão sobre as lógicas do risco que contribuem para o estigma da infectividade do vírus. Para os pesquisadores, a campanha expôs, por meio de uma economia afetiva, as sensações de paranoia e de medo que se apresentam à memória cultural da epidemia, principalmente diante da repercussão midiática e das reações das pessoas durante a divulgação da edição. Elaborada pela agência Saatchi & Saatchi, a campanha obteve alcance global e foi premiada em eventos de relevância na área de criação e publicidade, como o Leão de Ouro no Festival de Publicidade de Cannes.

No cenário local, também no ano de 2015, a agência Ogily Brasil desenvolveu a campanha publicitária “Eu Sou Um Cartaz HIV Positivo” (Figura 14) para a ONG Grupo de Incentivo à Vida (GIV), veiculada inicialmente nos mobiliários urbanos da cidade de São Paulo, tais como em pontos de ônibus, muros e postes. Semelhante ao caso da revista alemã, em cada cartaz foi gotejada uma amostra de sangue doado por voluntários soropositivos, acompanhada por um texto, em primeira pessoa, que conscientizava a respeito dos riscos de infecção representados naquela peça⁵⁵, em analogia com a lógica da exposição apresentado pelas pessoas HIV+ em tratamento. A campanha foi integrada pela realização de um minidocumentário, distribuído a partir do YouTube, cujas cenas retratam os bastidores do desenvolvimento da campanha, as diferentes reações e interações de transeuntes com os cartazes nas ruas, assim como os encontros com os doadores das amostras de sangue presentes nas peças. No site também foram veiculados vídeos curtos com depoimentos das nove pessoas

⁵⁵ A peça do cartaz e o texto transcrito podem ser consultados no Anexo D (Figura D.1).

doadoras do sangue utilizado nas peças, em micronarrativas de cunho confessional⁵⁶ sobre vivências com o preconceito e discriminação em decorrência da sorologia. A ação foi premiada com o Leão de Bronze no Festival de Publicidade de Cannes, no mesmo ano, na categoria *Press*, e repercutiu internacionalmente.

Figura 13 – Campanha “*The HIV+ Issue*”, Saatchi & Saatchi, 2015



Fonte: site da revista *Vanguardist*.

Figura 14 – Campanha “Eu Sou Um Cartaz HIV Positivo”, Ogily Brasil, 2015



Fonte: YouTube, captura de tela.

As situações expostas propiciam a observação de deslocamentos nos campos de produção discursiva sobre a epidemia nos meios de comunicação. As publicações na segunda metade da década de 2010, tanto na mídia impressa e audiovisual como nos ambientes digitais, refletem as transformações culturais decorrentes dos avanços científicos e da ação dos movimentos sociais. Pelúcio (2007) recupera as percepções de “transgressão, morte e incurabilidade, entre outras noções, [que] passaram, então, a fazer parte da “rede semântica” da AIDS, que adquiriu estatuto de peste, castigo e, portanto, de doença moral” (p. 124). Tal estatuto é defasado, quando se considera o cenário das ações de enfrentamento à infecção, tanto em respostas governamentais, na formulação e implementação de políticas públicas, como na incansável atuação de cientistas em esforços globais para o desenvolvimento de métodos terapêuticos e preventivos. Dessa maneira, a associação entre o vírus e a morte, a debilitação ou a “grupos de risco” configura um equívoco que, de maneira consciente, atenta contra os princípios éticos da profissão, pois é formatado não pelas informações precisas da realidade, mas pela persistência de preconceitos históricos.

Entretanto, essas estruturas de opressão ainda se encontram presentes nas sociabilidades e modalidades de conversação ampliadas pelo acesso às tecnologias

⁵⁶ Página do GIV no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/GIVGrupodeIncentivoàVida>.

digitais de informação e de comunicação. A reportagem de Fernandes (2017b) para a revista *Galileu*, em agosto de 2017, retratou pessoas que convivem de forma saudável com o vírus, devido às rotinas de medicalização, na superação de medos e pela busca constante pelo fim da discriminação. Nas ações de promoção da edição, através da divulgação na página do Facebook, o material foi alvo de comentários carregados de intolerância, que foram respondidos por meio de uma publicação no site da revista (cf. FERNANDES, 2017a) sobre a importância de se debater o tema do estigma da Aids. Na resposta, o repórter lista as principais reações negativas ao conteúdo da edição, denunciando a falta recorrente de informações sobre o assunto, sendo os quais: a) a confusão terminológica entre HIV (o vírus) e Aids (o possível quadro de adoecimento em decorrência do não tratamento do vírus); b) a ignorância em torno das condições de infecção, na permanência de tabus sobre o sexo; c) a insistência em modelos de vulnerabilidade (os “grupos de risco”) e categorias identitárias pejorativas (no emprego do termo “aidético”); d) a falta de conhecimento sobre métodos preventivos recentes, tais como a PrEP e a PEP, bem como da supressão viral I=I; e e) as alegações que dizem haver uma tentativa de “glamourização” ou de “romantização” do HIV, tornando-o como algo belo ou desejável de se vivenciar. Formam um quadro de significados circulantes em contextos de sociabilidades, e que corroboram a hipótese de escassez informativa no sentido às configurações atuais do HIV e Aids.

Há, portanto, outra epidemia a ser vencida pelas pessoas soropositivas e pela sociedade em geral, que se expressa no pensamento de Parker e Aggleton (2021) a respeito da epidemia do estigma, que acarreta prejuízos não apenas nas trajetórias de PVHIV, pois atuam de maneira negativa sobre as respostas coletivas construídas sobre a Aids. Nesse sentido, os pesquisadores enfatizam a necessidade de modelos conceituais que contemplem ações de mobilização, resistência e intervenção contra os processos de discriminação e negação do HIV, levando em conta as relações de poder que estão na base da exclusão social. Trata-se de expor e combater estruturas de dominação que afetam o bem-estar mental, o acesso às políticas públicas de saúde e o pleno exercício da cidadania, os modos de representação artística e midiática e os demais níveis da vida em sociedade. Diante de tal, segue-se às reflexões sobre como os ambientes na internet e as práticas mediadas pelas tecnologias digitais de informação e de comunicação tem disposto de recursos estratégicos na concretização de iniciativas coletivas e individuais em defesa da visibilidade social soropositiva.

3.3 Fluxos de informação e ondas de ativismo digital

As memórias culturais de cada época abarcam, em suas páginas, marcas de corpos silenciados ou reprimidos pelas forças ideológicas dominantes, que atuaram na fabricação de sujeitos em conformidade com a ordem moral de cada período ou lugar. Por essa linha de raciocínio se admite a circulação de práticas e discursos em torno de padrões de gênero, de identidades sexuais, relações étnicas e raciais, classe social e tantos outros indicadores da condição humana e em suas vias de inserção na sociedade. Tais práticas e discursos estiveram presentes nos meios de comunicação de massa por meio de fragmentos visíveis da realidade, criteriosamente selecionados para relatar acontecimentos, expor situações, conduzir questionamentos públicos, ou evidenciar problemas das mais variadas ordens. Além dos estereótipos persistentes na elaboração de narrativas, o ocultamento – ou falseamento – das falas subalternas pode revelar estratégias de invisibilidade social, uma vez que ressaltam os aspectos negativos de uma identidade ou grupo, enquanto esses grupos apresentam demandas no combate às desigualdades históricas. Trata-se de um argumento recorrente entre as pautas de mobilizações contra o racismo, o machismo, a transfobia, a homofobia, a lesbofobia, o capacitismo e outras formas de violência expressas nas estatísticas: da falta ou inadequação da representatividade midiática das minorias.

Na evolução cronológica da internet, com a Web 2.0⁵⁷ emergiu uma geração comprometida com a troca de informações online, com o trabalho cooperativo em volta de interesses comunitários, e com a constante atualização dos modos de interação e de representação de si. Santaella (2013) apresenta esse panorama de reordenações, dadas em especial pela “criação de ambientes de convivência instantânea entre as pessoas. [...] [em que] a circulação e a polissemia consolidam-se como características básicas desta sociedade interconectada em rede” (p. 29). Em paralelo, a indústria das tecnologias de informação e de comunicação tem investido no desenvolvimento de aparatos, tais como os sites de relacionamento social, os aplicativos em dispositivos eletrônicos móveis, e um arsenal técnico cada vez mais sofisticado e multitarefa que propicia a produção em texto, imagem e som para distribuição em rede. À vista disso,

⁵⁷ Assinala-se aqui a modernização da internet em três fases, que se distinguem tanto em termos das tecnologias de interatividade como pelo uso feito delas. O termo cunhado por Tim O'Reilly, Web 2.0, designa a segunda nessa linha, sendo reconhecida pelo aspecto dinâmico das informações, e que formam as bases para a produção e distribuição de conteúdos culturais na internet.

o cenário de práticas comunicacionais descrito por Lemos (2003) evidencia o quanto “a sociedade da informação é marcada pela ubiquidade e pela instantaneidade, saídas da conectividade generalizada⁵⁸” (p. 14). Segundo o pesquisador, pela cibercultura se pode observar a instauração de uma estrutura midiática que é acompanhada por novas dinâmicas técnico-sociais, expressas tanto nas modalidades de relacionamento social quando nos fluxos de informação.

As lógicas interacionais proporcionadas pela interconexão digital nas redes de computadores ampliaram o caráter polifônico e polissêmico das narrativas construídas e compartilhadas na coletividade. Perante a gradativa disponibilidade dos aparatos – equipamentos cada vez mais sofisticados para a produção e distribuição de conteúdos multimídia – e de recursos tecnológicos – programas e serviços para a automação de habilidades criativas – identificam-se quadros pelos quais se constata o acentuado envolvimento de sujeitos anteriormente reprimidos na construção de pautas e debates de interesse público através da internet. Observam-se aí as vozes dos movimentos em defesa dos povos indígenas, da população negra, da população LGBT, da classe trabalhadora, das mulheres, e de outros segmentos reprimidos através das relações de poder. Essa participação se dá pela apropriação do sistema técnico com propósito de uma prática social, concretizada na geração de espaços conversacionais capazes de se organizar ao redor de intenções, interesses, tendências ou de sentimentos, que passam a constituir novos modos de “ser” social (RECUERO, 2014). Os contextos de mobilização política na internet são firmados na lógica da conversação em rede.

Se antes o distanciamento físico impediu a aproximação entre as multidões e vozes em prol das causas representativas de um grupo social, com as interconexões da rede tal aproximação foi oportunizada na dimensão comunitária das conversações. O estabelecimento de formas de sociabilidades mediadas pelo computador, fundadas em afinidades e atributos individuais, são os elementos que definem as comunidades virtuais, um dos pilares da cibercultura. Recuero (2009) sintetiza as principais noções de comunidade virtual de modo a entendê-la como uma modalidade de agrupamento

⁵⁸ Essa ideia é desenvolvida por Lemos (2003) no plano que chama de “leis da cibercultura”: a primeira é a da reconfiguração de “práticas, modalidades mediáticas, espaços, sem a substituição de seus respectivos antecedentes” (p. 22), a segunda é a da liberação do pólo da emissão, manifestada pela “emergência de vozes e discursos anteriormente reprimidos pela edição da informação pelos *mass media*” (p. 22), e a terceira como a lei da conectividade generalizada, que pelos computadores móveis e conectados “põe em contato direto homens e homens, homens e máquinas, mas também máquinas e máquinas que passam a trocar informação de forma autônoma e independente” (p. 22).

social cujos atores se vinculam a um tipo de pertencimento (podendo ser identidades culturais, estilos de vida, causa política etc.), cujas relações são dadas na expansão geográfica dos laços entre esses atores, constituindo uma estrutura dinâmica passível de transformação no tempo. A pesquisadora explica que “o território da comunidade pode estar associado com algum espaço institucionalizado no próprio espaço virtual ou mesmo restrito a um elemento de identificação” (p. 144), sendo que tais espaços podem consistir de canais de chat ou blogs, onde os atores se põem a interagir. Vê-se, dessa maneira, o potencial de agregação como uma das características de maior relevância na comunicação mediada pelas tecnologias digitais.

No que se refere às análises de Castells (2003), ao ponderar sobre a produção social dos sistemas tecnológicos, as células comunitárias que são coordenadas por meio da conversação em rede remetem aos princípios da ética hacker, elemento de relevância na produção da internet e na composição da sociedade da informação. De acordo com o teórico, o valor essencial da prática hacker traduz-se pela “liberdade para criar, liberdade para apropriar todo conhecimento disponível e liberdade para redistribuir esse conhecimento sob qualquer forma ou por qualquer canal” (p. 42). O sentimento comunitário é instituído na autonomia criativa e intelectual, combinada à ação cooperativa e no compromisso político com ideais libertários. São aspectos que também se visualizam nas interações geradas com a Web 2.0, quando se considera a inteligência coletiva como matriz impulsora da criação de conteúdos multimídia para a circulação através da internet. Sendo assim, as trocas informativas presenciadas nos espaços conversacionais são enriquecidas pelo intercâmbio de significados e de referências culturais e subsidiam a disseminação de conhecimentos em benefício de transformações aplicadas à realidade de cada agente envolvido.

Quando se examina o fluxo de mensagens permutadas no relacionamento com os membros da comunidade virtual, constata-se uma espécie de tradução cultural das informações para a linguagem nativa dos programadores da internet. Devido ao uso massivo de emoticons, abreviaturas, combinações entre letras e números, e de outros códigos amplamente propagadas nas salas de bate papo online, nota-se a existência de um idioma comum que predomina nas situações dialógicas e que incorpora, com o tempo, as expressões provenientes das tecnologias difundidas em cada período. É sob esse aspecto que as gírias, memes, virais e demais “febres” disseminadas pelas páginas dos SRS integram o vocabulário dos atores interconectados, e introduzem as variadas discussões despertadas em outras dimensões da sociedade. Um exemplo

recente consistiu na utilização dos recursos de dublagens e de filtros animados no site TikTok que o blogueiro Pedro Daher adotou para abordar, num esquete humorístico, os conflitos geopolíticos entre Rússia, Ucrânia e Estados Unidos no primeiro semestre de 2022, ao mesmo tempo em que sintetizou informações relevantes à compreensão dos fatos eclodidos⁵⁹. O vídeo, intitulado “Meu vizinho tá putin”, combinou explicações simplificadas do evento com o tom de deboche atribuído aos diálogos entre lideranças mundiais, pela apropriação das linguagens e recursos nativos dos SRS.

Acerca dos modos de elocução instituídos na conversação em rede, as marcas discursivas fabricadas na proliferação dos blogs configuram elementos distintivos aos modos de abordagem fabricados pelos atores. Schittine (2004) discute as práticas de escrita autobiográfica na dimensão dos blogs com a elaboração de diários íntimos, abertos a vários leitores a partir da internet que, por sua vez, são convidados a contribuir ou opinar diretamente sobre o texto. Tais relações são definidas por modos de narrar as vivências e pensamentos cotidianos, propensos à combinação entre estilos factuais e literários, pelos quais “esse autor estabelece uma maneira de contar sua intimidade em meias palavras” (SCHITTINE, 2004, p. 19). Para a pesquisadora, os diários virtuais são estabelecidos em um contrato de cumplicidade, na abrangência de códigos comuns à conversação estabelecida, materializada na instauração de uma “escrita mais rápida, informal e direta, na forma de *posts*, pequenos fragmentos, opiniões e comentários. [...] [tecendo] as marcas de uma nova maneira de escrever sobre si mesmo, mas ao mesmo tempo comunicando ao outro” (SCHITTINE, 2004, p. 23). Com as práticas confessionais dos blogs, e mediante as características dessa produção discursiva, as exposições de relatos construídos no interior de comunidades virtuais atuam na conversação em rede para conferir atenção para temas, problemas ou questões de relevância para a coletividade social.

As estruturas da cibercultura, das linguagens e produtos midiáticos gerados por esse domínio contribuem para alinhar um campo de ações variadas que, por via de regra, se dispõem à difusão de conhecimentos por meio das narrativas e abstrações de si partilhadas através das redes sociotécnicas. Quando apreciadas nas esferas das disputas políticas de populações subalternas, integram-se na qualidade de esquemas fundamentais às estratégias de atuação contra sistemas históricos de violência e de dominação, fundadas nas desigualdades das relações de poder. Compreendem-se

⁵⁹ Cf. RIBEIRO, 2022.

sob tal aspecto as iniciativas germinadas no âmbito das comunidades virtuais, que se apresentam na manifestação de reivindicações políticas, contestações culturais ou de denúncias sociais. São os ativismos em rede, ora coordenados em ações coletivas de entidades da sociedade civil, ora realizados espontaneamente por sujeitos através de uma página digital.

Tendo em vista as experiências de mobilização reunidas sob a denominação de midialivrisimo, Malini e Antoun (2013) discorrem a respeito das práticas de ativismo midiático que ocorrem nos contextos da mídia de massa e da interação ciberativista, que possuem como base as lutas antidisciplinares dos anos 1960 e 1970 e o espírito de liberação do poder concentrador dos meios de comunicação. Os pesquisadores entendem a figura midialivrista como “hacker das narrativas”, compreendido como “um tipo de sujeito que produz, continuamente, narrativas sobre acontecimentos sociais que destoam das visões editadas pelos jornais, canais de TV e emissoras de rádio de grandes conglomerados de comunicação” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 23). Designa, então, a atitude impulsionada para a elaboração e ampla disseminação de conteúdos multimídia nas instâncias da cibercultura, na abrangência dos recursos criativos e do potencial de alcance dos blogs, serviços de *livestream* e das mensagens instantâneas em páginas e aplicativos digitais. Encaminha-se rumo à pluralidade, à subjetividade e às múltiplas perspectivas sobre os fatos e seus desdobramentos, equivalendo-se, portanto, como via de ciberativismo⁶⁰ que se determina pelo enfoque das narrativas.

De acordo com as observações de Malini e Antoun (2013), sobre a emergência das dinâmicas ativistas a partir das tecnologias interacionais do ciberespaço, fatores como o valor da cooperação social construído pelas comunidades virtuais, a quebra do monopólio da narração presenciado com o advento da internet, e a linguagem do diário pessoal difundida pelos blogs são essenciais para entender a ação midialivrista. Ela agrega o valor de circulação oriundo da cultura hacker, o regime de atenção que surgiu como efeito das tecnologias de vazamento e de denúncias contra instituições autoritárias, a estética confessional dos relatos de si partilhados com a blogosfera, e

⁶⁰ Numa crítica do termo, Di Felice (2017) recapitula o conceito de ciberativismo, originado nos anos 1990 “para indicar uma ampla e heterogênea quantidade de movimentos, caracterizados por um novo tipo de participação que ocorria por meio do uso das tecnologias digitais e que começava a se manifestar em diversas partes do mundo. [...] Em termos gerais, nessa primeira fase, o ciberativismo referia-se ao uso da Internet para dar suporte aos movimentos globais e às causas locais, utilizando as arquiteturas informativas do primeiro tipo de Internet para disseminar informações, promover a discussão coletiva de ideias e a proposta de ações, criando canais de participação e difundindo estilos e práticas experimentais de conflitualidade” (p. 139).

os ideais biopolíticos que contemplam a apropriação das plataformas midiáticas como atos de resistência. Nessa linha de raciocínio, os pesquisadores completam que “a Internet se revelou um megaspaço público onde qualquer um tem voz e pode falar por si mesmo. [...] A verdade do enunciante se liberta da servidão do enunciado e da escravidão performática dos dispositivos de enunciação” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 174). Tais premissas contribuem para visualizar o potencial político das narrativas distribuídas nas redes sociotécnicas enquanto células de emancipação social, sendo um forte elemento estratégico no combate às estruturas de opressão que produzem desigualdades e preconceitos.

O ponto de encontro entre a mobilização midialivrista e o ativismo soropositivo situa-se no potencial da narrativa enquanto artefato cultural e estratégia política contra o estigma. Tanto devido ao fator da interconexão digital que aproxima as sociedades em rede, como pela infraestrutura técnica da cibercultura, caracterizada não apenas em decorrência de seus recursos criativos, mas das arquiteturas informacionais, uma vez que a mensagem pode ser “processada automaticamente, com um grau de precisão quase absoluto, muito rapidamente e em grande escala quantitativa” (LÉVY, 1999, p. 52). Isso equivale a perceber, ao mesmo tempo, uma mudança na estimativa orçamental das ações organizadas, pois dispensam custos diretos com a obtenção de peças físicas ou mesmo com despesas de veiculação por canais de mídia tradicionais (rádio, televisão, revista e jornal impresso etc.), e as possibilidades de se ampliar o alcance dos conteúdos e ações produzidas, pois os limites geográficos são superados na propagação através de sites e das redes sociais da internet.

A mobilização social enquanto mecanismo de resposta global à pandemia de HIV/Aids teve início em meados de 1985 e se estende desde a década de 1990 até os dias atuais, consolidada na articulação entre diferentes esferas da sociedade. Mann, Tarantola e Netter (1993) descrevem esse quadro pela sinergia entre ativismo e as pesquisas científicas, planos governamentais e programas preventivos que tem elaborado e implementado processos de monitoramento, cuidados e controle do vírus, incitados pelo “surgimento de uma atitude de solidariedade internacional em resposta ao sentimento comum de ameaça” (p. 110). Nesse pano de fundo, cientistas das áreas biomédicas, clínicas, epidemiológicas e sociais atuaram na identificação e refinamento de medidas terapêuticas e profiláticas, e no trabalho incessante pela descoberta de vacinas e da cura do HIV. No mesmo cenário, o envolvimento entre governos, ONGs e o setor privado na combinação de medidas coletivas para assegurar a proteção e o

bem-estar das pessoas afetadas e de populações vulneráveis, através dos Programas Nacionais de Combate à Aids. E ainda no desenvolvimento de programas preventivos, cujas táticas são voltadas às ações que objetivam mudanças de comportamento, por meio das campanhas de informação e de educação, dos serviços de assistência social e de saúde, e das normas comunitárias que estabelecem valores coletivos em torno da infecção.

Integraram-se à atuação sistemática contra a pandemia os grupos e redes que foram organizadas a partir de um campo próprio de práticas sociais. É como destaca Silva (1999), a respeito das ONG/Aids e de grupos de ajuda mútua por todo o mundo. Segundo a pesquisadora, essas são as primeiras modalidades de organização como respostas coletivas no enfrentamento da doença, ambas nortadas pelas experiências individuais com a soropositividade, pelo engendramento de intermediações entre sujeitos e as instituições do poder público ou privado. Recupera-se em Silva (1999) a classificação ONG/Aids, que surge na demarcação de “uma identidade coletiva e que ganha sentido na configuração de um espaço maior de composição entre atores sociais diversos” (p. 68), o que imprime novas reflexões sobre o espectro de operação das ONGs⁶¹, pautadas através do caráter reivindicativo e propositivo. A respeito dos grupos de ajuda mútua, são entendidos como redes primárias de solidariedade, cuja dinâmica é orientada pela construção de “um espaço propício para que se possa falar sem críticas ou julgamentos. [...] [de maneira que] tornam-se espaços que levam ao restabelecimento e a manutenção da saúde pessoal” (SILVA, 1999, p. 77-8). Ao se considerar o horizonte das redes formadas pelo trabalho composto e conjunto pelas organizações e grupos, a multiplicidade de parcerias e a ausência de rupturas entre sujeitos e instituições firmam-se na qualidade de bases principais para o ativismo e a militância soropositiva.

No plano das ações comunitárias, os projetos desempenhados como respostas à pandemia de Aids são canalizados, conforme observa Galvão (1994), pelas noções centrais de biografia, trajetória e memória. Tal roteiro permite compreender formas de envolvimento distintas com a atuação das entidades, grupos e organizações, que por sua vez caracterizam a escolha, pelos sujeitos, por determinado tipo de projeto ou de

⁶¹ De acordo com Silva (1999), isso se explica tendo em vista “a centralidade nos indivíduos portadores de HIV, as intervenções nos significados das pesquisas médicas, as denúncias públicas, o seu caráter ativista nas manifestações de rua e na capacidade de estruturar serviços, [tudo isso] lhes confere atribuições diferentes das ONGs que vem se constituindo desde os anos 1970 a partir dos Centros de Educação Popular.” (p. 66).

mobilização pessoal⁶². De acordo com a pesquisadora, é por meio dos corpos cultural e historicamente marcados que se encaminham as primeiras respostas comunitárias, vivenciadas e assinaladas pelos indivíduos que transmitem os acontecimentos para outras gerações. São vias pelas quais, conforme observa Pelúcio (2007), se permite a construção e rearticulação identitária, em fluxos de passagem de uma classificação clínica para uma identificação política, por meio da experiência subjetiva da infecção: “a construção de uma subjetividade soropositiva é também a construção do indivíduo político soropositivo, do cidadão, portador de direitos civis, representante da versão moderna de uma sociedade centrada nos valores de liberdade e igualdade” (p. 126). Observa-se, dessa maneira, processos de tomada de consciência de si, percebidos como instâncias para a ação coletiva, na qual os saberes inscritos no corpo reúnem conhecimentos indispensáveis ao adoecimento fisiológico e psicossocial.

Ao considerar o ciberativismo em torno do HIV e Aids, inicialmente se faz uma distinção entre as condições dessa produção discursiva. De um lado localizam-se as iniciativas realizadas por ONGs, redes de apoio e solidariedade, ou entidades do setor público ou privado, que utilizam a internet como ferramenta de divulgação institucional e para a promoção esporádica de campanhas. Paralelamente situam-se as pessoas soropositivas, comuns, que encontram na cibercultura uma fonte para expressão de si, construção de sociabilidades e propósitos politizadores. Esse campo é observado por Gillett (2003), ao descrever a criação de sites de orientação ativista, com o intuito de representar identidades, experiências e circunstâncias de vida pela perspectiva das PVHIV. O pesquisador classifica essa produção sob eixos temáticos que organizam as discussões propostas nos sites, conforme dispostos no Quadro 3.

De modo geral, Gillett (2003) expõe que as narrativas construídas pelos atores soropositivos e disseminadas via internet são elaboradas em torno de características comuns, tais como a contraposição de práticas e discursos que promovem opressão e desigualdade, a atitude questionadora sobre discursos institucionais e uma forma orgânica de interação com pessoas que buscam por algum tipo de apoio, instrução ou mesmo de defesa de seus direitos. O pesquisador explica que o distanciamento em relação ao ativismo midiático no âmbito institucional consiste na possibilidade de auto

⁶² Galvão (1994) ressalta a trajetória individual como categoria importante para pensar o ativismo relacionado à Aids no Brasil: “o exercício de uma proximidade pessoal; um espaço onde o indivíduo pode vivenciar uma certa dose de *gratuidade* e de *sociabilidade*, pondo em prática a sua concepção de mundo e buscando exercer a sua individualidade tendo, como pressuposto, estar prestando benefício para a comunidade.” (p. 343, grifo da autora).

representação, sem que isso implique a presença de referências explícitas a qualquer organização ou comunidade centralizadora. Conforme o raciocínio do autor, a internet simboliza um campo propício à ação democrática, por meio das práticas de expressão de si que permitem desestabilizar os estereótipos difundidos na mídia de massa, e assim humanizar o HIV enquanto uma condição crônica e administrável, que se opõe ao estado terminal⁶³.

Quadro 3 – Abordagens iniciais de ativismo midiático na internet por PVHIV.

Temática organizadora	Características dos assuntos
Autobiografia	Narrativas de histórias pessoais, reconstruídas pelo uso de textos e imagens, com a intenção de documentar ou arquivar as experiências e compartilhar com outros indivíduos durante suas próprias vivências. Assimilam, muitas vezes, as gramáticas ativistas da resiliência, tais como “você não tem culpa”, “você não está sozinho” etc.
Saber especializado	Espaços dedicados à informação e educação sobre a infecção, tais como a memória cultural da epidemia, conhecimentos da área de saúde sobre diagnósticos, medicações e terapias, dicas sobre como lidar com profissionais de saúde, e compilações de links para páginas com conteúdo confiável.
Autopromoção	Espaços criados para divulgar atividades ou projetos específicos nos quais os autores estão envolvidos, mas que, ao descrever cenas sobre suas carreiras ou eventos, também incorporam reflexões e narrativas do cotidiano, assim como na autobiografia. Assim, costumam fazer uso de suas habilidades para promover educação pelos debates da Aids.
Dissidência	Constroem-se a partir de discursos questionadores sobre todas as informações divulgadas em relação à Aids, e autoexpressão se dá na elaboração explicações alternativas para o que foi propagado nos meios de comunicação, além de experiências positivas ou negativas com os medicamentos, além de depoimentos de outros dissidentes.

Fonte: GILLETT, 2003 (quadro elaborado pelo autor).

No contexto brasileiro, Giacomini (2011) reconstitui as sociabilidades online em comunidades virtuais, denominadas de “blogosfera posithiva”, que agrega discussões a respeito de interesses pela qualidade de vida, da reivindicação de políticas públicas, além das lutas sociais contra o estigma. Os blogs são compreendidos na qualidade de espaços para promover interações e relacionamentos, especificamente através de fóruns de discussão, pelas quais a conversação é pactuada por indivíduos na mesma condição (de pessoas vivendo com HIV) e se desencadeia em volta de depoimentos, mensagens de apoio e trocas de

⁶³ “By contesting the meanings generated by the mass media, activists can challenge and transform the representation of what it meansto be a person with HIV/AIDS. One of the key successes of AIDS media activists in their efforts to ‘give the disease a human face’ has been promoting and legitimating an understanding of HIV/AIDS as chronic and manageable as opposed to terminal. The Internet sites in this study drew on and advanced activist representations of what it means to live with HIV/AIDS” (GILLETT, 2003, p. 621, tradução nossa).

experiências, que exploram desde o nível emocional, pela superação de traumas internos após o diagnóstico, até as rotinas individuais no cuidado com a saúde. O pesquisador percebe que, através dos portais, blogs e listas de discussão, as comunidades virtuais compõem lugares habitados por diferentes tópicos que norteiam as vivências cotidianas com a soropositividade, e se constituem como fontes de informação, de intercâmbio cultural, e de reinterpretação de si, o que demarca os processos de percepção da condição soropositiva.

Os blogs narrados por PVHIV, na qualidade de estratégias micropolíticas para o enfrentamento da infecção, a negociação de subjetividades, a ruptura com figuras depreciativas, e para impulsionar o engajamento político (BORGES, 2018; BASTOS, 2018), são os embriões para contemplar o advento dos vlogs, que inauguram um novo período vivenciado pelo ativismo midiático, marcado pela proliferação de imagens que questionam as formas de visibilidade entranhadas pela vergonha e culpabilização associadas à infecção. Na passagem da escrita de si para a escrita audiovisual de si, os mecanismos de publicização da sorologia HIV+ nas redes sociais da internet são domínios relevantes ao estudo das trajetórias e processos culturais de representações da soropositividade, como também para compreender o potencial político midialivrista dado na construção e circulação de narrativas. Os personagens que debatem o tema no YouTube, Facebook, Instagram, TikTok e outros SRS são atores reconhecidos no âmbito das organizações e grupos de apoio, e que participam de produtos midiáticos, campanhas publicitárias e outras estratégias de mobilização promovidas por essas instituições. São, portanto, agentes relevantes num contexto de articulação das lutas para o enfrentamento da epidemia.

O estudo é encaminhado, a seguir, com a construção dos panoramas do debate público do HIV no YouTube, de modo a explorar estratégias comunicacionais, padrões na construção das narrativas audiovisuais e demais aspectos que se podem perceber através da produção discursiva desses atores. Na ambiência dos vídeos confessionais e das linguagens emergentes no circuito cultural dos criadores de conteúdos digitais, interessa conhecer os elementos que norteiam tais práticas, e que contribuem para o campo de ações no combate ao estigma e em defesa da saúde sexual coletiva. Serão explorados, nas análises, o conjunto dos conteúdos audiovisuais distribuídos a partir do YouTube, realizados por influenciadores digitais soropositivos, e as articulações que se concretizam no alcance desses vídeos para um público cada vez mais amplo e engajado.

4 #ESFERAPOSITHIVA: A INFORMAÇÃO COMO “VÍRUS POLÍTICO” NAS REDES DIGITAIS

Mostrar, discutir, confessar, denunciar: vários podem ser os sentidos atribuídos às práticas de quem inaugura uma página pessoal nos ambientes digitais da internet para relatar experiências, partilhar opiniões e interpretações sobre os acontecimentos, educar para o desenvolvimento de conhecimentos ou técnicas específicas, entre uma imensidão de possibilidades agregadas às potências dos conteúdos multimídias nas interconexões em rede. Através de blogs, videocasts, podcasts, ebooks, games, perfis públicos nos SRS, e tantos outros formatos ofertados nas plataformas de mídia digital, qualquer pessoa pode elaborar mensagens de acordo com a linguagem que desejam e dispor à audiência global. Os recursos tecnológicos são mobilizados em favor das habilidades criativas pela intencionalidade de informar, sensibilizar, instruir, entreter, persuadir, demonstrar ou meramente exercer a liberdade de expressão nos ambientes digitais, cujas interações podem elaborar novas fontes de sociabilidade, manifestação política, expressão artística, e todo um repertório de ações humanas.

Os ambientes digitais tem se demonstrado como um território estratégico para as campanhas de conscientização a respeito do HIV e Aids, seja em datas específicas como o Dezembro Vermelho⁶⁴ ou no monitoramento constante da infecção através de notícias, vídeos documentais e outras modalidades de conteúdos. Entre os exemplos mais recentes que obtiveram repercussão expressiva foram as ações #DesafioUnaid, promovido pelo UNAIDS (que pode ser conferida no Anexo A, Figura A.40), e “Abraça a Positividade”, realizada pela farmacêutica GSK/ViiV Healthcare no ano de 2019 (que pode ser conferida no Anexo D, Figuras D.16 a D.18). O primeiro caso foi conhecido pelo engajamento de influenciadores digitais no YouTube em um jogo de perguntas e respostas, por meio de um kit enviado a cada participante contendo explicações e curiosidades sobre HIV, Aids, sexualidade e discriminação. O segundo foi inspirado pela campanha internacional *Free Hugs*, em que pessoas saem às ruas e oferecem abraços a estranhos no caminho, sendo uma ação documentada em vídeo e integrada a outros depoimentos disponíveis no site para distribuição em rede. Ambas tiveram a

⁶⁴ Dezembro Vermelho é uma campanha nacional anual dada pela Lei nº 13.504, de 7 de novembro de 2017, que institui um mês de atividades e mobilizações relacionadas ao enfrentamento do HIV e Aids, e outras IST, integrado com a administração pública, entidades da sociedade civil organizada e organismos internacionais.

participação de influenciadores digitais soropositivos, que atuam em páginas nos SRS em debates sobre o tema e através de relatos de vivências pessoais.

O reconhecimento midiático desses personagens pode ser constatado diante das publicações veiculadas em sites de notícia na internet (EIROA, 2017; GRATÃO, 2018; JOVENS..., 2019; DONEDA, 2020; ROCHA, 2021) e por reportagens especiais na mídia impressa (FERNANDES, 2017; VERAS, 2017) que exploram as trajetórias de engajamento em um debate aberto, amplo e participativo sobre o HIV a partir das plataformas digitais. Tais atores tem se integrado a outras formas de mobilização, no âmbito das respostas coletivas contra a Aids, como pela campanha “Indetectável” promovida através do Ministério da Saúde no ano de 2018 para estimular a adesão à TARV e para conscientizar sobre a supressão viral I=I como meio de prevenção (cujas peças podem ser conferidas no Anexo D, Figuras D.23 a D.30). Também atuaram em eventos como palestras, seminários e congressos nacionais, relatando não apenas a sua vivência com a soropositividade, também acerca das experiências com os relatos nas redes sociotécnicas, e dos processos de acolhimento com pessoas através das páginas. Em 2018, a Agência Nacional de Aids produziu o documentário “Youtubers e HIV” (ver Anexo D, Figura D.15), com depoimentos de seis criadores de conteúdo digital que se destacaram nessas redes mobilizadas a partir da internet. No mesmo ano, o UNAIDS lançou o site “Deu Positivo, e Agora?” (ver Anexo D, Figuras D.2 a D.14) com materiais didáticos e informativos que incluem gráficos, histórias de vida e uma série de vídeos protagonizados por influenciadores digitais e outras pessoas que são engajadas com o ativismo soropositivo.

Há, portanto, reconhecimento social por parte das instituições e grupos que constituem o movimento organizado no enfrentamento da Aids, uma valorização que é notada na visibilidade que os criadores expandem na integração a projetos, ações e eventos desenvolvidos pelas entidades. As histórias agregam valor às campanhas, pois além de evidenciar o sucesso das vias de tratamento, com a superação de medos pessoais e controle da carga viral, também vinculam as imagens das organizações às dos atores, enquanto figuras públicas na internet que realizam diálogos e debates em uma linguagem clara, acessível e interativa. Simultaneamente, provocam o interesse do público que ainda não os conhecia, convertendo numa audiência que começa a acompanhar as atividades nas páginas pessoais dos atores no YouTube, Instagram, Twitter, Facebook, TikTok entre outros perfis públicos que são abertos a esse tipo de projeção e de comunicação direta.

No que se refere à produção discursiva dos influenciadores digitais, as histórias narradas formam parte do debate público e da memória cultural do HIV e da Aids, pois se pode observar diversos cenários sociais e políticos da epidemia, documentam os acontecimentos, e fornecem análises e interpretações de eventos que se associam ao combate do estigma, nos demais elementos que englobam as vivências pessoais transformadas em textos, vídeos e ilustrações compartilhadas pela internet. Por essa razão, a pesquisa se interessa pelo exame das materialidades audiovisuais presentes no YouTube e dos aspectos que norteiam a realização e distribuição de vídeos através dos canais. Adota-se a denominação #EsferaPositiva para representar o conjunto da textualidade audiovisual disponível no YouTube, que pode ser localizada por meio dos motores de busca no site ou por meio dos algoritmos de recomendação, e que compõe a discussão pública sobre a soropositividade nas interconexões da rede. Sabe-se que, no YouTube, qualquer indivíduo pode se apropriar do vídeo para promover debates plurais, conforme o grau de aderência ou interesse, mas a #EsferaPositiva é aquela afetada diretamente pelo tema, expressa nos relatos protagonizados por pessoas que convivem cotidianamente na condição soropositiva.

Conforme a orientação metodológica dada pela técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2002), a fase inicial foi estabelecida na leitura – ou visualização – flutuante, momentos em que os canais foram explorados com a intenção de conhecer, elaborar impressões, anotar orientações gerais que remetem aos conteúdos expostos na tela. Tal etapa foi fundamental à estipulação de critérios de refinamento para estruturar o *corpus* da pesquisa: primeiramente, os canais deveriam ser realizados por indivíduos soropositivos, cujos conteúdos temáticos tratem sobre as dimensões do HIV/Aids, ou ainda que dispusessem de uma lista de conteúdos assim identificada; em seguida, o recorte optado foi pela homossexualidade masculina, uma vez que este foi o principal público afetado pelo estigma nos períodos iniciais da pandemia, e que se expressa no maior número de canais encontrados nessa delimitação temática; por último, alusivo aos vídeos, foram selecionados para análise aqueles que continham, seja pelo título, descrição ou objeto das falas, memórias, opiniões, performances e informações sobre a) o debate do HIV e Aids propriamente dito, b) a saúde sexual em sua pluralidade de aspectos, com ênfase nas IST, e c) pautas relacionadas à sexualidade masculina e contextos políticos do movimento LGBT.

Tendo como base as reflexões despertadas na fase de confecção do plano de análise (ao mesmo tempo em que também representa análises iniciais sobre o *corpus*)

foi concebido um roteiro de procedimentos sistemáticos de exploração do material (ver Apêndice A). Os índices foram codificados e agrupados em três categorias principais, enumeradas de acordo com indicadores com o objetivo de qualificar: *a)* as condições de realização dos produtos audiovisuais, tendo em vista as características técnicas do vídeo na tela, que atendem a convenções específicas ao meio, *b)* os contextos que demarcam a produção discursiva, e que refletem o direcionamento da abordagem na elaboração das narrativas, e *c)* os elementos empíricos que motivam a discussão no vídeo, e que orientam a construção das falas e outros recursos criativos na exposição dos assuntos. No total, as análises foram construídas sobre 1.114 vídeos disponíveis para visualização pública online, no período que compreende a publicação do primeiro conteúdo na página de cada canal até o último dia do ano de 2021. Nesse espaço de tempo, alguns canais foram desativados ou arquivaram seus conteúdos para o modo privado, mas até o momento em que estiveram online constituíram o *corpus* da análise e não foram excluídos dos resultados.

Em continuidade à sistematização proposta por Bardin (2002), os resultados dessa operação, dispostos num esquema sintético no Apêndice B, permitem visualizar as frequências com que determinados formatos audiovisuais, abordagens narrativas ou recorrências temáticas estiveram presentes nas falas dos sujeitos. A partir dessas informações, somadas às outras observações construídas no decorrer da pesquisa, foram elaborados infográficos, tabelas e quadros para condensar e sobrelevar dados obtidos pelas análises e que contribuem para o entendimento do fenômeno cultural e social em si. Sendo assim, as próximas seções no texto exprimem-se pelas inferências que dão sentido às discussões teóricas na articulação entre mídia, sociedade e cultura e o tratamento das diversas questões que abrangem o debate público sobre HIV e Aids nas variadas esferas da vida cotidiana.

4.1 Tramas e *trends* da rede

As transformações que o YouTube apresenta ao longo da sua existência não são perceptíveis apenas em sua interface, regida por botões e ícones para o controle do conteúdo visualizado, mas principalmente pelos modos como tem sido apropriado pelos diferentes públicos em oportunidades de produção e de consumo. Até o ano de 2010 só era permitida a importação de vídeos com até dez minutos de duração, uma

exigência que foi progressivamente alterada, paralela a outras mudanças percebidas no site, como os recursos de *live streaming* (transmissão de vídeos em tempo real pela plataforma), *shorts* (vídeos curtos, com duração limitada a 60 minutos), o uso de *rich media* (imagens animadas GIF, textos, enquetes e ilustrações gráficas) na aba de “Comunidade” para a interação com membros inscritos na página, e as políticas de monetização do canal, que propiciam a remuneração de produtores de conteúdo de acordo com receitas publicitárias ou mediante financiamento através do sistema clube dos canais (pelo qual são oferecidos benefícios a membros mediante pagamento em dinheiro). O ambiente foi gradativamente reconfigurado para se adaptar a um modelo de negócio audiovisual que estimula os criadores a desenvolver e alimentar o site com programas originais, que procura reter a atenção do público diante da multiplicidade de conteúdos ofertados e atrair o mercado publicitário com a oportunidade de alcançar nichos específicos através de motores cada vez mais personalizados, com base nas informações de consumo registradas pelos usuários no site⁶⁵.

Foi inaugurada, com o YouTube, uma série de modificações das dinâmicas de produção e de circulação do vídeo, que impulsionaram mercados e consumidores pela lógica do filme online. Strangelove (2010) já havia observado a respeito da alteração das práticas de gravação de filmes caseiros, afetadas pela presença cada vez mais constante de equipamentos de captação de imagem e som no cotidiano das pessoas. Com o advento do YouTube, esses vídeos amadores passaram a ser divulgados na internet em um contexto restrito de exibição, para nichos de público específicos e bem próximos, tais como familiares, amigos ou pequenos grupos. Gradativamente, o site foi apreendido na qualidade de “um repositório de comportamentos especiais, culturas locais, experiências compartilhadas e memórias coletivas⁶⁶” (STRANGELOVE, 2010, p. 40) que de certa maneira incrementaram novos hábitos ao vídeo caseiro, desde os temas retratados, as estéticas de apresentação, até as dinâmicas de circulação online. A partir disso se pode entender que, conforme o YouTube adquiriu popularidade, tanto nos termos de produção e de recepção dos vídeos, também emergiram mercados

⁶⁵ Aqui se faz a referência ao fenômeno *Big Data*, que compreende um volume massivo de dados que são capturados através das experiências de navegação em tecnologias de interconexão digital, e aplicados em diversos setores enquanto estratégias para análise e gerenciamento das inovações e da personalização de conteúdos nos domínios do marketing, jornalismo, publicidade e outras áreas. Mais informações sobre a natureza, estrutura e funcionamento do *Big Data* podem ser consultadas em Machado (2018).

⁶⁶ “Thus, YouTube acts as a repository idiosyncratic behaviour, local culture, shared experiences, and collective memories” (tradução nossa).

com enfoque nessas experiências, aspecto notado especialmente na evolução dos aparelhos de smartphone, cujas telas foram aprimoradas para proporcionar a melhor qualidade de visualização em alta resolução de imagem, e das câmeras fotográficas e filmadoras, equipadas para garantir a melhor qualidade de captação.

A geração mais recente do site é implementada por ferramentas que permitem ao usuário obter um panorama de desempenho do canal, no painel YouTube Studio, que dispõe de estatísticas sobre o número de inscrições, das visualizações, detalhes de tráfego, cujas métricas se classificam em seções de alcance, engajamento, público e pesquisa. Outra estratégia é o Youtube Creators, serviço que capacita as atividades de criação para o site por meio de dicas, sugestões e tutoriais relacionadas à produção audiovisual e gerenciamento do canal. Tais características contemplam o que Chau (2010) descreveu como a cultura participativa do YouTube, uma vez que a plataforma é fundada na lógica do conteúdo gerado por usuários (UGC), e favorece condições para desenvolver, interagir e aprender conhecimentos novos para serem aplicados ao site. Entre as características dessa cultura, o pesquisador explica que se trata de um ambiente que convida e motiva as pessoas ao exercício criativo e para as práticas de propagação de conteúdos originais na rede, seja conferindo maior liberdade para a expressão artística ou engajamento cívico (sendo permeada apenas pelas diretrizes de comunidade), seja oferecendo suporte e mentoria enquanto táticas para estimular e capacitar a produção midiática.

Em decorrência da arquitetura colaborativa, tem-se com as redes sociotécnicas um ambiente informacional rico em referências, imagens, discursos e significados, que são dispostas a qualquer indivíduo. Como descrevem Lemos e Lévy (2010), com as interconexões digitais formam-se redes de “captura de informações” tanto no plano da realidade empírica quanto da realidade simbólica, passo a passo mais assinaladas na vastidão e diversidade, e que potencializam obter ideias pelas mais variadas fontes. Partindo daí, os pesquisadores observam que “não são mais os atores da vida pública que entram no nosso espaço privativo pelo truque da televisão. É, ao contrário, pela nossa iniciativa que eles são *convocados* à tela do nosso computador” (p. 79, grifo do autor). Diante do oceano de conhecimentos à disposição de qualquer pessoa a partir da internet, tais escolhas interativas integram-se ao repertório de ações individuais e coletivas do cotidiano, tanto pela navegação recreativa, estimulada pela curiosidade, como pela navegação aplicada, orientada à solução de problemas das mais diversas ordens da vida social.

Nas circunstâncias expostas, foi realizada uma consulta ao Google Trends⁶⁷, a fim de verificar os principais termos de busca adotados nas pesquisas ao YouTube sobre as temáticas do HIV e Aids. É possível visualizar, por meio dos resultados na Tabela 1, os focos de interesse no conhecimento sobre o assunto, em específico pela predominância de palavras como “sintomas”, “teste” e “cura” digitadas pelos usuários na busca por conteúdos audiovisuais através do site.

Tabela 1 – Tendências de pesquisas por vídeos sobre “HIV” e “Aids” no YouTube (2017-2022).

Pesquisas relacionadas ao termo “HIV”			Pesquisas relacionadas ao termo “Aids”		
Nº	Termo de pesquisa	Popularidade	Nº	Termo de pesquisa	Popularidade
1º	hiv sintomas	100	1º	hiv	100
2º	sintomas do hiv	48	2º	hiv aids	100
3º	aids hiv	38	3º	aids sintomas	40
4º	teste hiv	38	4º	sobre aids	36
5º	aids	38	5º	aids cura	30
6º	cura hiv	29	6º	sintomas da aids	19
7º	sintomas de hiv	17	7º	cura da aids	19
8º	hiv positivo	15	8º	hiv e aids	15
9º	teste de hiv	12	9º	aids Bolsonaro	14
10º	vírus hiv	12	10º	sintomas da aids	13

Fonte: Google Trends (informações coletadas em 29 abr. 2022, a partir dos seguintes filtros: Termo de pesquisa > Brasil > Nos últimos 5 anos > Todas as categorias > Pesquisa do YouTube, na seção Pesquisas relacionadas > Principais). Dados compilados pelo autor.

Nota: os números representam o interesse de pesquisa, sendo que o valor de 100 representa o pico de popularidade do termo, o de 50 significa metade da popularidade, e o de 0 significa que não havia dados suficientes sobre o termo (Google Trends).

As tendências expressas nos termos de pesquisa acima sinalizam a demanda por informações relacionadas à detecção de HIV, ao diagnóstico e ao tratamento, que são pertinentes ao saber clínico. Abre-se um cenário que remete aos contextos sociais expostos por Miskolci (2017), no que diz respeito ao uso altamente individualizado e anônimo criado em torno das mídias digitais, de processos marcados por negociações de visibilidade, pelas quais é possível gerir e controlar riscos alusivos à expressão da sexualidade. Levando em consideração o estigma que recai sobre a sorologia positiva, a busca por conteúdo online no próprio aparelho de comunicação pode ser vista como uma forma de manter a confidencialidade do interesse, motivado por fatores quaisquer que sejam. Embora seja um tipo de informação abundante em páginas de domínio

⁶⁷ Ferramenta criada pela Google, em 2006, para monitorar a popularidade de assuntos através dos termos de pesquisa nos principais motores de busca (web, imagens, notícias, shopping, YouTube), e que apresenta gráficos para visualizar as tendências de pesquisa em quaisquer partes do mundo, idiomas, e em períodos de tempo personalizados. Está disponível em: <https://trends.google.com.br/>.

científico, através do YouTube se pode transitar pela pluralidade de conhecimentos, que abrangem desde os discursos construídos na esfera institucional até as histórias pessoais compartilhadas segundo a dinâmica das comunidades virtuais.

Tais aspectos corroboram as ponderações de Silveira (2008) sobre como as redes digitais tem ampliado os espaços democráticos de crítica, criação cultural e de diversidade, com alto grau de interatividade, e que assim ocasionam a emergência de uma esfera pública interconectada⁶⁸. Segundo o autor, as transformações percebidas com a transição de uma arquitetura unidirecional para uma arquitetura distribuída dos fluxos de informação despertam a capacidade democrática do ambiente informacional das redes, pelo qual se “amplia o potencial dos cidadãos de articular resistência ao poder a partir dos espaços públicos” (SILVEIRA, 2008, p. 32). Expande-se, em vista disso, o campo de atuação dos sujeitos sociais no que se refere ao desencadeamento de práticas discursivas por meio da internet. Na acepção de Trivinho (2010), prospera um campo marcado pela partilha consciente e gratuita de bens simbólicos (saberes, opiniões, técnicas etc.), pelo envolvimento comunitário e colaborativo em projetos ou experiências de grupo, pelas intervenções politizadas ao redor de causas ou questões pontuais, pelas trocas culturais em salas de chat ou fóruns de discussão, e ainda pela participação fragmentária que caracteriza as contribuições opinativas em programas de rádio, TV e outros produtos midiáticos.

Com a intenção de mapear a produção discursiva no debate público brasileiro de HIV e Aids a partir do YouTube, procedeu-se com a categorização dos principais canais que se dedicam à abordagem direta sobre o tema, mesmo que isso se dê em vídeos unitários. Foram considerados, na elaboração do mapa, as experiências que compõem os itinerários de pesquisa, nas rotinas de constante “garimpo” de vídeos por meio dos motores de busca, de visitação aos canais de origem dos materiais, também de visualização parcial ou total dos produtos divulgados. Ressalta-se aqui a influência dos sistemas de recomendação, aplicados à programação algorítmica do site que, com base nas informações personalizadas de tráfego registradas e correlacionadas entre os dados de navegação, funcionam como predições para determinar o interesse de cada usuário por conteúdos relacionados. As descrições estão reunidas no Quadro

⁶⁸ O pesquisador fundamenta suas reflexões a partir da definição de esfera pública interconectada como um “quadro de práticas que os membros de uma sociedade usam para comunicar questões que eles entendem ser de interesse público e que potencialmente requerem uma ação ou reconhecimento coletivos” (BENKLER, 2006, p. 177 *apud* SILVEIRA, 2008, p. 31-2).

4, em tipologias que identificam os principais grupos de interlocutores, os conteúdos das suas mensagens, e exemplos de canais encontrados na plataforma.

Quadro 4 – Mapeamento do debate público brasileiro sobre HIV e Aids no YouTube.

Interlocutores	Mensagens	Exemplos
Poder público e organizações da sociedade civil	Campanhas sociais, reportagens e matérias veiculadas em outros canais, boletins epidemiológicos, vídeos explicativos, registros de palestras e conferências científicas etc.	<i>Ministério da Saúde, Departamento de Doenças Crônicas e IST, Agência de Notícias da Aids, UNAIDS Brasil, Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS etc.</i>
Emissoras de televisão, empresas de mídia e sites de notícias	Reportagens e matérias especiais, entrevistas com médicos e ativistas, notícias e boletins científicos, etc.	<i>UOL, TV Brasil, Veja Saúde, CNN Brasil, Huff Post Brasil etc.</i>
Profissionais médicos e institutos científicos	Registros de palestras e conferências científicas, boletins científicos e resumos explicativos, entrevistas com ativistas, etc.	<i>Dra. Keilla Mara de Freitas, Doutor Maravilha, Drauzio Varella, MD.Saúde, Renato Cassol, Doutor Ajuda, etc.</i>
Estudantes e instituições de ensino	Webaulas, slides e apresentações de trabalhos acadêmicos, animações, minidocumentários, encenações pedagógicas, narrações com imagens etc.	Vídeos unitários ou conjuntos de vídeos em páginas pessoais, de organizações ou instituições de ensino, de projetos pedagógicos ou similares.
Ativistas LGBT+ e coletivos sociais progressistas	Conversas e entrevistas com PVHIV, vídeos de retrospectiva histórica, informações e boletins de divulgação científica sobre o HIV e Aids.	<i>Põe na Roda, Canal das Bee, Quebrando o Tabu, Lorelay Fox, Pheeno TV, Tempero Drag, Transdiário etc.</i>
Ativistas e influenciadores digitais soropositivos	Narrativas autobiográficas, análise de produtos culturais, reflexões críticas e opinativas sobre acontecimentos, diários sobre rotinas pessoais, perguntas e respostas comuns sobre a soropositividade, etc.	<i>HDiário, Projeto Boa Sorte, Super Indetectável, Falo Memo!, Prosa Positiva, Confissões de um Soropositivo, Drew, Discordantes etc.</i>

Elaboração do autor.

Constata-se, pelo mapeamento, o papel agregador representado pelo YouTube ao compilar, na mesma fonte, referências mistas, oriundas das diferentes posições na sociedade, e que atuam na construção da visão heterogênea sobre a soropositividade. Evidencia-se como um repositório digital que oportuniza a promoção e divulgação de conhecimentos científicos, a notificação acerca dos acontecimentos políticos e sociais e seus desdobramentos nas respostas coletivas à epidemia, a apreensão de modelos conceituais em estudos biomédicos para compreensão epidemiológica e, pela difusão da linguagem do blog, a proximidade com vivências soropositivas em primeira pessoa, pelos relatos e interpretações pessoais compartilhadas em rede. Nas condições dadas em virtude da arquitetura hipertextual da internet e dos algoritmos de recomendação

do SRS, são narrativas que se complementam no sentido de proporcionar a imersão no assunto, conforme o teor dos vídeos reproduzidos na tela.

4.2 Narrativas confessionais interconectadas

Pra entender a constituição dos ambientes virtuais de discussão pública sobre as vivências com o HIV é preciso, antes de tudo, introduzir a evolução desses espaços e as questões que envolvem a visibilidade dos sujeitos. Em uma reportagem veiculada na seção de autoajuda da revista *H Magazine*, destinada ao público gay, a temática dos blogs escritos por homens que convivem com o vírus é apresentada sob o título “Rede de coragem⁶⁹”. Em três páginas ilustradas por fotografias que mostram homens sentados, de costas para a câmera, o texto relata sobre os blogs brasileiros de maior popularidade na internet, no que diz respeito à abordagem desse tema. Foram citados o *Blog do Tiago +*, escrito por Tiago Quintana, iniciado em 2006 e que foi integrado ao Portal Mix Brasil, pioneiro e uma das mais relevantes páginas dedicadas ao segmento de público LGBT+, o *Eu e o HIV*, escrito por Renato Franceschetti Filho, o blog *Saúde e Aids*, escrito por Paulo Giacomini, e o *Diário de um Jovem Soropositivo*, cujo autor manteve sua identidade anônima. Entre as principais qualidades atribuídas aos blogs pelos autores, justificaram-se pelo interesse em partilhar conhecimentos por meio de uma linguagem acessível, em registrar experiências individuais, como reações aos medicamentos, fotos de procedimentos médicos, mudanças na rotina pessoal, e por manter o espaço enquanto “válvula de escape” diante de questionamentos cotidianos e os medos recorrentes em relação ao tratamento.

Na passagem das textualidades às audiovisualidades de si, com a proliferação dos vlogs no YouTube, a presença de indivíduos soropositivos na criação de espaços pertinentes e particulares a esse debate se pode observar a partir do ano de 2010, no canal pessoal de João Geraldo Netto. A página, até então utilizada para compartilhar vídeos curtos com registros de viagens, passeios e eventos familiares, começou a ser também o meio pelo qual foram publicados os primeiros relatos e experiências com a soropositividade, bem como registros de suas participações em campanhas sociais e programas de TV. Seguindo a ordem cronológica⁷⁰, o início do canal *Positivo Matheus*

⁶⁹ Cf. ALVES, 2012.

⁷⁰ O Apêndice C, Quadro C.1, dispõe de uma linha do tempo para observar essa evolução.

foi marcado pela narração anônima, através de recursos de modificação da voz e pelo enquadramento sempre abaixo do queixo e em ambientes pouco iluminados, que não permitem a sua identificação, o que remete à artificialidade do pseudônimo comum na literatura como meio para evitar a identificação do interlocutor. Em 2015, o *Chá dos 5* foi começado para apresentar entrevistas e reportagens com enfoque na audiência do público LGBT+, e Rafael Bolacha, um dos participantes, iniciou uma série de vídeos sobre o HIV e Aids. O produtor cultural já havia escrito o blog *Uma Vida Positiva* desde 2009, de título homônimo ao livro publicado no ano de 2012⁷¹. Os anos seguintes foram marcados pelo surgimento de novos canais, o que denota um processo gradual de abertura à exposição do tema e visibilidade política sobre o assunto na plataforma.

A decisão de criar uma página na internet para abordar assuntos relacionados às vivências soropositivas podem estar associadas a experiências pessoais negativas de *bullying* ou outro tipo de discriminação sofrida. Em 2017, em entrevista concedida ao programa matinal Encontro com Fátima Bernardes, na Rede Globo⁷², o realizador do canal *Discordantes*, Geovanni Henrique, relatou que o ato de publicizar a sorologia positiva para o HIV através de uma postagem nas redes digitais foi uma solução contra abordagens especulativas e de rumores com caráter depreciativo que influenciavam seus relacionamentos interpessoais. A publicação original foi narrada pela voz do ator Gabriel Chadan, em tom de desabafo: “*Sei que assim eu vou acabar afastando mais gente de mim, mas eu já não me importo mais. Eu tô tirando um grande peso da minha vida. Agora, enfim, vou poder ser quem eu sou*”. No mesmo ano, Geovanni importou o primeiro vídeo ao YouTube ao lado de seu parceiro Jeandro, com quem apresentou diversos conteúdos sobre a vivência soropositiva e sobre relações sorodiferentes, em especial voltados para os tabus envolvidos nessa relação.

Do mesmo modo, a decisão por excluir ou ocultar vídeos de um canal já iniciado são atravessados por motivações de ordens diversas, sendo que diante da reputação conquistada no site um gesto como esse pode ser entendido como uma tentativa de desvincular a temática discutida da sua imagem pessoal. Foi o caso do *Projeto Boa Sorte*, de Gabriel Estrela, que em 2019 sofreu alteração de toda a identidade visual (incluindo o nome da página) para *Som de Gaê*, convertendo-se em página para a divulgação da carreira musical profissional de Gabriel, que passou a se chamar Gaê.

⁷¹ Cf. JANSEN, 2012.

⁷² Cf. ZERO..., 2017.

Foram percebidos casos semelhantes durante a pesquisa, como ocorreu com o *Diário de um Soropositivo*, *Há Vida com HIV*, *Vida Positiva* e o *Vivendo Positivamente*, cujos conteúdos foram ocultados da página, ou excluídos, fato que tanto pode acontecer em decorrência de interesse próprio quanto pela violação às diretrizes de comunidade do YouTube. Tais deslocamentos foram registrados em capturas de tela e constam no Anexo A como forma de observar transformações visuais, de organização da página, entre outros aspectos.

Habilidades avançadas de desenvolvimento web, design gráfico ou produção audiovisual não são requisitos para produzir vídeos ou iniciar um canal no YouTube. A dinâmica do site é enredada, conforme o sistema UGC, na valorização do conteúdo amador, a partir das estruturas mais simples e caseiras até esquemas mais complexos de realização. A Figura 15 retrata as condições de realização audiovisual nos canais que englobam o estudo, e que também se refletem na composição de uma linguagem específica para a comunicação.

Figura 15 – Infográfico “Aspectos da Produção Audiovisual”.



Elaboração do autor (cf. Apêndice B).

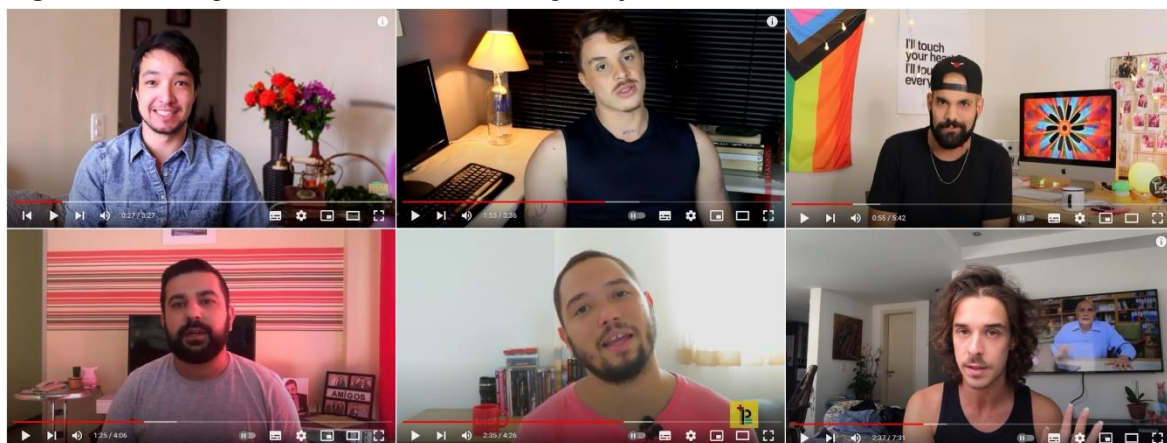
Prevalecem os vídeos editados, porém sem recursos sofisticados na finalização que sinalizem uma estética profissional. Vinhetas gráficas simples na introdução e/ou no encerramento, corte seco entre as falas, inserção rápida de pequenos trechos de peças virais, ou mesmo efeitos de cor ou filtros aplicados à imagem, todos fazem parte da organização sintática no processo de edição. Além das produções originais, cujo processo é totalmente realizado pelos criadores de conteúdo digital, são apresentados nos canais materiais de fontes terceiras, na disposição de listas temáticas (*playlists*) ou pela republicação na própria página (*repost*), cuja prática é inspecionada pelo site para impedir a violação dos direitos autorais. As transmissões em tempo real também se incorporam à página como registros para visualização posterior, a critério do autor responsável pelo canal. Ainda no que tange as dinâmicas de produção, o ambiente doméstico é a principal locação na captação das imagens, realizada em um cômodo específico da casa (quarto, escritório, sala de estar etc.) ou por meio de um cenário artístico que simule as características desse espaço. A respeito da ambiência sonora, a trilha musical é usada em momentos estratégicos, para dar ritmo ou destacar a carga emocional de alguma passagem, sendo que predomina a ênfase no conteúdo falado em sua expressão mais orgânica.

Tais propriedades se aproximam do fenômeno da criatividade vernacular citada por Burgess e Green (2009) para designar “a criação e o compartilhamento de vídeos [que] atua do ponto de vista cultural como um meio de estabelecer redes sociais em oposição ao modo de ‘produção’ cultural” (p. 47). Segundo o raciocínio dos autores, o repertório cultural do YouTube é imperado pelas lógicas do conteúdo amador e pelo princípio da autenticidade, o que faz com que seus produtores se orientem mais pela expressão pessoal, na valia de “se transmitirem”, do que pelo refinamento exagerado na construção do vídeo online. Também incluem elementos para refletir sobre a ordem do performativo nas narrações do cotidiano, que recorrem ao quarto enquanto espaço semiprivado de participação e ao modelo de exposição de si pela webcam como uma relação social insuflada por “tensões entre ‘expressão’ e ‘exibicionismo’, desempenho e vigilância [de modo que] são ativamente negociadas entre os próprios participantes” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 49). Percebe-se, assim, uma busca pela representação do espaço íntimo, ou senão pela sua ritualização através de técnicas cenográficas.

O vlog, enquanto prática e gênero predominante no YouTube, é desenvolvido em torno de um conjunto de regras, que Coruja (2017) sistematiza na ideia de que tal produto é sustentado por atmosfera de intimidade. A pesquisadora cita características

como a perspectiva do sujeito narrador, o contato visual com a câmera, o plano de enquadramento na captura do rosto/corpo, a imperfeição mantida na qualidade das imagens e do áudio captado, e um produto editado com curta direção. Os elementos fazem parte da composição visual nos vídeos analisados, conforme se aprecia pela Figura 16, como uma espécie de linguagem comum. Geralmente, os enquadramentos são dados em planos fixos, quando gravados a partir de uma única filmadora, ou por imagens intercaladas, que permitem explorar outros ângulos. Frequentemente usam-se os planos médio (a figura humana do peito pra cima) ou americano (da cintura pra cima), pelos quais se pode visualizar o ator em seu ambiente de narração.

Figura 16 – Colagem de telas “Ambientes de gravação”.



Fonte: YouTube (a partir de capturas de tela e manipulação do autor). Da esquerda para a direita, de cima para baixo: *Diego Krausz*, *NossaHannis*, *Lucas Raniel – Falo Memo!*, *Posithividades*, *Prosa Positiva* e *Gabriel Comicholi*.

Pela prática do vlog, na construção de narrativas sobre experiências pessoais do cotidiano, Dornelles (2015) observa uma iminência emancipadora, tendo em vista que “verbalizar uma confiança é experimentar uma forma de libertação” (p. 15). Em ambientes que valorizam a autobiografia, os conteúdos são construídos na articulação entre recortes da realidade social e as realidades vivenciadas pelo narrador, conforme os contextos dos aprendizados diários. Isso é realizado, segundo o pesquisador, de modo autodirigido, fator que denota uma construção subjetiva de si alimentada pela interação com respectivos públicos na plataforma. Ao considerar o vlog enquanto um tipo de “arquivo de memória social de um tempo”, Dornelles (2015) pondera sobre o seu caráter histórico, em que “cada vídeo é carregado de uma linguagem específica que denota uma época. Assim como o tema, os cenários e o figurino” (p. 23). Tornam-se, pois, artefatos culturais que abarcam, além da própria elocução do narrador, os fatos sociais e as interpretações que despertam na vida dos sujeitos envolvidos pelo

diálogo na página do vlog. Tal aspecto explica porque, no acervo de alguns canais, determinados assuntos são abordados por mais de uma vez, em intervalos de tempo variáveis, pois se manifesta como uma ferramenta para revisitar conceitos e opiniões por meio da própria trajetória e das mensagens trocadas a partir dos comentários.

No âmbito da publicização de histórias, posicionamentos, ou dos intercâmbios informativos que ocorrem no espaço do vlog, a perspectiva do narrador é um elemento valioso, aliado à legitimidade do depoimento em contextos de lutas políticas. Trata-se da noção de lugar de fala, argumento que tem se interposto às discussões na esfera pública digital, e que compõe a base das narrativas nos vlogs. Para compreender esse conceito, Ribeiro (2017) propõe reconhecer a linguagem como estrutura dominante nas relações de poder, capaz de atuar na exclusão de indivíduos em sistemas sociais. Os ambientes virtuais tem constituído espaços propícios à disputa de narrativas, nos quais as vozes dissonantes, historicamente discriminadas, tem encontrado condições para causar fissuras nas narrativas hegemônicas e visões universalizantes. De acordo com Ribeiro (2017, p. 90), “pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia” e, por fim, os saberes produzidos por esses indivíduos “para além de serem discursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias” (p. 75).

Diante do exposto, ao mobilizar recursos criativos e arsenais tecnológicos na produção de um espaço na internet dedicado à propagação de saberes especializados e de interpretações baseadas na experiência pessoal, tem-se o vídeo confessional na qualidade de um dispositivo, nos termos propostos por Valadares (2011) sobre pensar o YouTube como “um espaço dinâmico, aberto e em constante desterritorialização, [...] que surge historicamente para atender, dentre outras, a demanda da *confissão*, sendo, por isso, um operador de poder, de governo e também de subjetivação” (p. 56, grifo do autor). Essa constatação se dá por linhas de estratificação e de fissura, que são materializados nos vídeos nos atributos da adesão à fala, da composição visual pelo enquadramento de câmera, do ato discursivo em si, e dos jogos de enunciação e de silêncio pela escritura do vídeo. São elementos comuns às rotinas de produção audiovisual, que se manifestam na decisão por um tema, no plano de filmagem, no roteiro das falas e na edição final.

Seriam, portanto, os vlogs produzidos por indivíduos soropositivos uma prática comunicacional instituída na desestabilização das narrativas dominantes sobre o HIV

e Aids – fabricadas pelo sensacionalismo midiático e cristalizadas no imaginário social por meio das relações de poder – que estigmatizam pessoas em razão da condição sorológica em seus processos de subjetivação. Mediante a consciência assumida ao redor do potencial educativo e tensionador que as narrativas pessoais apresentam na conversação em rede, os vídeos confessionais fazem-se como objetos da vontade de se fazer ser visto, ser compreendido, ser incluído enquanto portador de cidadania e de humanidade. Ao expor histórias de descobertas, medos e superações, entre relatos e opiniões que compõem uma agenda de debates sobre a existência soropositiva, os interlocutores criam células de ação política que se incorporam aos processos sociais históricos em direção às respostas coletivas de enfrentamento à epidemia.

4.3 Fluências audiovisuais da subjetividade

Quando se explora a prática autobiográfica nos espaços da internet, nota-se como um hábito constante em diferentes fases de evolução, mesmo com as salas de *chat* online e das moderadas ferramentas para a textualização de si. Os modos de se descrever, apresentar-se para o outro, seja pela descrição física ou pela síntese das atividades cotidianas, são texturas iniciais da narratividade nos ambientes digitais. Na ascensão do blog, e em progressividade para o advento dos flogs e vlogs, os diários virtuais tornaram-se, gradualmente, produto cultural e linguagem midiática peculiar à cultura digital. A escrita autobiográfica na tela e em rede proveu um espaço para que os indivíduos expusessem anseios, pontos de vista e contos de vida, interconectados por identificação, acolhimento ou pela busca constante de aprendizado sobre o outro. Vozes subalternizadas acessam, por meio dos ambientes online para narrativas de si, um canal propício à construção da memória individual e coletiva que, mediante a troca de informações, referências, pensamentos e sentimentos acerca dos mais variados temas, viabilizam a tomada de consciência enquanto sujeitos sociais. Narrar a própria história, fazer-se ser lido, visto e compreendido, transforma-se em um ato político de resistência, na medida em que desobedecem às estruturas de opressão que atuam no ocultamento e subalternação das identidades.

Pensar a escrita autobiográfica como um tipo de pacto que supõe uma verdade anterior ao texto, nos termos abordados por Lejeune (2008), é considerar a existência de atitudes de sensibilidade que são negociadas pelo engajamento em uma dimensão

discursiva que “se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) e no campo da ação (promessa de oferecer essa verdade aos outros), tanto quanto no campo da criação artística” (p. 104). Segundo a perspectiva do autor, os procedimentos narrativos da ficção situam-se em um plano bem próximo ao relato autobiográfico, no que se refere à proposição de formulas gerais constantes às quais o narrador recorre para compor sua representação. Entretanto, a verdade do narrador não se extravie à invenção, uma vez que tais recursos se dão pela intenção de estilizar ou simplificar suas vias de narrativa, sem distanciar-se da verdade individual. Tem-se a linguagem audiovisual como procedimento narrativo da escrita autobiográfica nos vlogs, dado pelo uso estratégico de componentes artísticos (cenográficos, fotográficos e computacionais) ou dos gêneros midiáticos (cinematográficos, televisivos ou ainda as intertextualidades emergentes via internet) na construção dos relatos.

Na transposição da memória individual para a materialidade audiovisual, outros aspectos podem ser observados, como a coloquialidade e a fragmentação. É como Schittine (2004) verifica nos circuitos de produção dos blogs, “o diarista virtual precisa escrever *posts* frequentemente, daí o texto rápido e em cápsulas que, de certa forma, serve também para prender a atenção do leitor” (p. 155). Invoca-se enquanto um tipo de convenção, no que tange à escrita para a internet, a adoção de marcas discursivas em tom de diálogo, na elaboração dos textos e vídeos de caráter pessoal. Isso porque se pressupõe, desde o momento do registro, a existência de um ouvinte, espectador ou leitor desconhecido, que fará a escuta ou leitura do relato e, em seguida, poderá deixar uma apreciação ou resposta sobre o conteúdo visualizado. Assim como ocorre no blog, o vídeo curto é episódico, seriado, fragmentado segundo uma ordem temática ou cronológica, que favorece a organização em *playlists*, a periodização em torno de uma agenda de publicações regulares, da aderência a campanhas esporádicas e às ações elaboradas por outros agentes, e dos demais componentes que se estabelecem nas rotinas criativas do YouTube.

O desenvolvimento dos vlogs é crivado, também, pelo paradigma da cultura da convergência, no âmbito da reconstrução da mensagem midiática, conforme descrito por Martino (2014), ao contemplar que elas “tendem a ser agregadas e ressignificadas na experiência dos indivíduos, gerando novas articulações na maneira como esses fenômenos são vivenciados” (p. 36). Diante da convergência, o produtor de conteúdos assume a possibilidade de recriar textualidades conforme os próprios códigos culturais e, assim, incrementar maneiras alternativas para se experienciar narrativas. Um dos

parâmetros mencionados por Martino (2014) é a frequente demanda pela emulação do estilo dos produtos midiáticos nos meios de massa incorporados à elaboração das mensagens, tais como o programa jornalístico, o show de entretenimento televisivo e que, mais recente, abarcam os gêneros difundidos pelas provedoras de filmes e séries via *streaming*. Enquanto prática, o vlog é cruzado por tais processos de atualização e de recriação dos códigos e referências semânticas, segundo as lógicas de produção e os repertórios culturais dos produtores.

Pelo cenário exposto, compreende-se que o estudo das narrativas audiovisuais no YouTube é permeado pelo cruzamento criativo dos estilos propagados na mídia sonora, televisiva, cinematográfica e das indústrias emergentes com os sistemas de transmissão via internet. Com a intenção de classificar os conteúdos realizados pelos influenciadores soropositivos no YouTube, recorreu-se às categorizações propostas por Aronchi (2004) dadas pela divisão gênero/formato, como forma de reconhecer as estratégias de comunicabilidade e os tipos de produção envolvidos nesse processo.

Figura 17 – Infográfico “Propriedades Narrativas dos Conteúdos”.



Elaboração do autor (cf. Apêndice B).

Evidencia-se, com a Figura 17, os gêneros opinativo, testemunhal e informativo entre os mais realizados, considerando o volume de publicações originais nos canais. Tais categorias expressam, pela discussão de Aronchi (2004), enquanto unidades de informação, operadas por mecanismos de recomposição da memória e do imaginário coletivo, e que se articulam às dimensões históricas de seu espaço de produção e de apropriação. Refletem o propósito do vídeo, de o narrador envolver-se com situação ou problema específico a fim prover a interpretação a respeito de um fato ou assunto, dispor o relato pessoal baseado na vivência, e de contribuir com explicações ou novos conhecimentos adicionados sobre algum fenômeno. No que diz respeito ao formato, ancorado no jargão mercadológico, equivale ao encaminhamento em Aronchi (2004) por apreciar forma e substância como unidades que resultam no modelo de produção a ser adotado. Enquanto formato, o vlog diário prevalece sobre os demais, tanto pela simplicidade de realização (ligar a câmera e conversar a respeito de alguma temática da esfera privada do narrador) quanto pela pertinência ao meio de divulgação. Os dois a seguir na lista, bate-papo e perguntas & respostas (Q&A, *Questions and Answers*), consistem de formatos amplamente adotados na programação dos vlogs.

Há uma diversidade de formatos emergentes nas práticas culturais no YouTube que refletem maneiras de explorar a visibilidade alcançada no site em torno de uma habilidade artística ou intenção narrativa. O Q&A, por exemplo, consta de um tipo de vídeo em que o narrador ou apresentador responde uma série de perguntas enviadas pela audiência (através da área de comentários ou mensagens privadas submetidas ao site), estruturado em um momento de leitura ou projeção das perguntas, seguido de outro para resposta. Tem sido um recurso assíduo nos canais para solucionar dúvidas, explanar curiosidades e explorar saberes específicos por meio de respostas rápidas. Outro formato popular é o *unboxing*, em que a câmera é focada no objeto ou no personagem segurando o objeto a ser desembalado, fornecendo impressões e acrescentando comentários sobre o seu uso, ou simplesmente com um fundo musical. Esse formato tem sido adotado pelos influenciadores soropositivos para promover produtos como o autoteste de HIV comercializado em redes de farmácias. Abre-se a embalagem, mostra-se os itens, cada um com sua função esclarecida, e demonstra-se o seu uso, fornecendo a explicação e interpretação dos resultados.

Os vídeos de *challenge* são desafios compartilhados ao redor de uma prova (dança, relato, brincadeira etc.) que o indivíduo desafiado deverá cumprir e, no ato de divulgação, desafiará outra pessoa a fazer o mesmo. Os *challenges* podem assumir

múltiplas versões, dependendo dos sujeitos e do contexto envolvido. No ano de 2020, durante os primeiros meses de distanciamento social em decorrência da pandemia de COVID-19, o “*Don’t Rush Challenge*” foi um vídeo viral compartilhado via TikTok⁷³, no qual os membros de um grupo apareciam de um jeito natural e, por efeito de transição, seguiam “transformados” por algum procedimento de maquiagem ou roupa, de modo a enaltecer a beleza ou habilidades artísticas das pessoas representadas na tela. Os vídeos eram finalizados com a pessoa passando algum tipo de objeto para a próxima da imagem, através de recursos de edição digital. O #PositiveChallenge foi uma entre as variações que surgiram do viral, que mostrava PVHIV registrando o momento em que tomam seus medicamentos de TARV, e repassando o frasco para outra pessoa na tela, que aparece em seguida. Apesar de elaborada e difundida no âmbito de um site distinto, o TikTok, os conteúdos foram republicados em outras páginas de redes dos influenciadores participantes, como no YouTube.

Os desafios podem ser reapropriados nos contornos de campanha didática ou estratégia de ampla mobilização social suscitada por alguma entidade ou organização. O #DesafioUNAIDS foi promovido pelo UNAIDS durante o mês de dezembro de 2017, na data em alusão ao Dia Mundial de Combate à Aids, e consistiu do envio de um jogo para incentivar o debate público em torno do HIV, sexualidade e estigma (SANTOS, 2019). Com o kit foi enviado a dezenas de influenciadores digitais de variados nichos de audiência, o jogo era composto de fichas e cartões de perguntas e respostas para uma dinâmica em dupla ou grupo, com curadoria do médico psiquiatra Jairo Bouer⁷⁴. Outra campanha institucional, realizada em parceria com influenciadores digitais, foi o #MatchdeResposta, promovido pela GSK/ViiV Healthcare no ano de 2019⁷⁵, e que adotou a estratégia *publieditorial*⁷⁶ (*publi*) para ampliar a discussão em torno do HIV e Aids por meio de informações sobre saúde sexual, relatos de experiências pessoais e de mensagens de conscientização relacionadas ao preconceito.

Dado o caráter recombinate dos conteúdos realizados pela comunidade dos criadores no YouTube, algumas observações sobre os gêneros e formatos expostos

⁷³ Cf. IZA..., 2020.

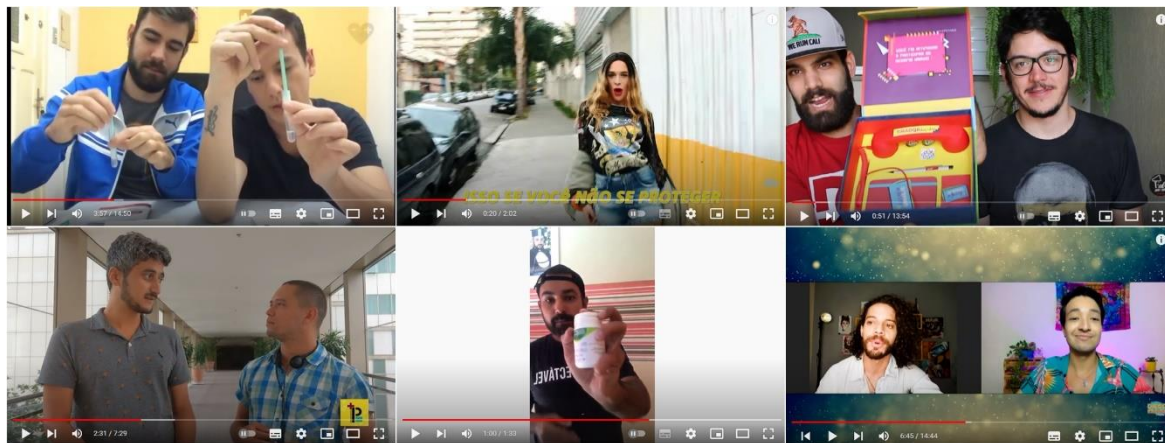
⁷⁴ Os materiais do kit, registros de participação e demais informações sobre a ação estão disponíveis em: <https://unaid.org.br/desafiounaids/>.

⁷⁵ Cf. CAMPANHA..., 2019.

⁷⁶ Junção das palavras “publicidade” e “editorial”, e consiste na modalidade de parceria estabelecida entre uma organização ou entidade e algum site ou página especializada, no sentido de promover ou divulgar a marca através de publicações orgânicas, sem características de peça publicitária.

são relevantes. Em primeiro, que novos formatos estão sempre em experimentação nas práticas videográficas, em virtude das tendências em determinado momento e da capacidade de viralizar, engajar novas criações e alcançar mais pessoas. Ao mesmo tempo que novas linguagens emergem, outras se tornam obsoletas, caem em desuso e podem até se tornar “*cringe*”, termo originado nos fluxos conversacionais da internet para designar comportamentos ou expressões desconfortáveis ou constrangedoras de se ler ou ver⁷⁷. Segundo, os conteúdos realizados podem demonstrar-se híbridos em seus formatos, pela capacidade de combinar, na mesma produção, linguagens ou recursos provenientes de mais de uma tipologia através de gravações espontâneas ou improvisadas. Um vídeo com abordagem mais informativa pode se enveredar por falas opinativas e ainda recorrer a passagens dramatizadas como forma de atrair a atenção do público para um assunto específico. Em relação à AC, nesses casos foram considerados os atributos predominantes na maior parte do vídeo. A Figura 18 reúne algumas das telas que exploram a pluralidade dos formatos visualizados enquanto estratégias criativas pelos realizadores dos canais.

Figura 18 – Colagem de telas “Formatos de produção”.



Fonte: YouTube (a partir de capturas de tela e manipulação do autor). Da esquerda para a direita, de cima para baixo: *Discordantes* (unboxing), *Gabriel Comicholi* (paródia), *Lucas Raniel – Falo Memo! (#DesafioUNAIDS)*, *Prosa Positiva* (Bate papo), *Posithividades (#PositiveChallegne)* e *Diego Krausz* (live stream).

O repertório das estratégias de comunicabilidade é notado em outros contextos da produção, além da organização narrativa. O YouTube Creators fornece uma série de recomendações para que os criadores cativem o desenvolvimento da comunidade, o crescimento do canal e a rentabilidade de suas visualizações. Estimular o público a

⁷⁷ Cf. O QUE..., 2021.

curtir, compartilhar e comentar o conteúdo é uma forma de induzir o engajamento e manter o vídeo em evidência no site, situando-o em uma posição de prestígio entre os tópicos mais relevantes e na ordem dos algoritmos de recomendação. Seguir uma rotina regular de novas publicações é uma espécie de pacto com a audiência, que se associa aos calendários editoriais para SRS, modelos de cronograma que identificam datas e eventos oportunos para a estreia de conteúdos temáticos, fator que estimula a elaboração constante de produtos audiovisuais. Selecionar palavras ou frases que estimulem a curiosidade do público, para usar no título e nas etiquetas de indexação (*hashtags*), o que favorece localizar o vídeo por meio dos motores de busca. E, ainda, utilizar imagens personalizadas nas miniaturas do vídeo (*thumbnails*) que viabilizem o aumento na taxa de cliques. Geralmente, as *thumbnails* são compostas em cores de alto contraste nos elementos gráficos e tem conotação apelativa, tanto nas palavras empregadas – que podem variar das que constam no título – quanto nas expressões faciais das fotos selecionadas para ilustrar o conteúdo.

Tem-se, portanto, um panorama das principais ações que descrevem o campo de atuação de influenciadores digitais no YouTube – e que se estendem para outros SRS. Levando em consideração que a comunicação nesses espaços digitais tem valor definido pela circulação das mensagens através dos índices ou potenciais métricos (BURGESS; GREEN, 2009), tais estratégias respondem enquanto códigos culturais responsáveis pelo êxito de um projeto comunicativo, reformuladas periodicamente a partir das interações sociais em rede, e estimuladas pelos desenvolvedores do site em programas de capacitação e mentoria. Formam, também, modulações narrativas acionadas pelos influenciadores que captam o UGC como um modelo de negócio, ao mesmo tempo em que responde às demandas sociais e políticas da sua comunidade.

4.4 Matizes da vida soropositiva

Com a câmera ligada, os relatos biográficos são investidos por um desejo de se fazer conhecer, de dar brado a vozes suprimidas, explorar tramas da subjetividade e, com o suporte das interconexões digitais, promover reflexões e aprendizagens por meio das crônicas de vida. As narrativas autobiográficas no vlog são produzidas nas camadas culturais do cotidiano, que abarcam as diversas situações temáticas pelas quais se desenvolve a história contada. Em cada camada, o narrador transparece um

pouco de si, desvela seu universo emocional, conecta palavras aos sentimentos que experimentou nas vivências pessoais, e imprime sob tela as nuances que representam a condição de sujeito histórico. As memórias são capturadas, registradas, publicadas, compõem interações na rede e, revisitadas, podem ser redesignadas a partir de outros sentidos atribuídos à experiência, no âmbito das conversas online. A prática narrativa do vlog permite reconhecer as gradações da cotidiana, na tomada de consciência de posição social, memória cultural, unidade política, de todas as facetas que o indivíduo é capaz de desenvolver ao longo da sua existência.

Ao discorrer sobre o ato narrativo nas práticas clínicas e terapêuticas, Garro e Mattingly (2000) contemplam os modos de atribuir significado às vivências cotidianas, e sobre como as mediações discursivas podem abrir possibilidades alternativas para a leitura e compreensão das experiências na construção da realidade. De acordo com as antropólogas, as incursões na vida social assumidas pelos desdobramentos dos dramas pessoais permitem elucidar pressupostos morais impregnados aos eventos explanados e reconstituídos. Assim, as relações entre forma narrativa, performance e contexto referencial são os esquemas expressivos de uma prática retórica que o narrador se apropria para contar certos aspectos da sua vida, com o propósito de convencer alguém sobre a forma peculiar retratada. Tais esquemas são relevantes para interpretar e assimilar processos cognitivos que mediam entendimentos sobre si e sobre o mundo, e que se apresentam nas percepções e significados que o indivíduo atribui aos atos, motivações e consequências para cada estágio da própria vida.

Os atos de ressignificação da existência são processos relevantes às vivências da pessoa soropositiva, e se tornam frequentes de modo mais categórico a partir do momento em que se detecta o HIV por meio de exame de sangue. Agostini, Maksud e Franco (2017, p. 498) descrevem que “o diagnóstico é uma ruptura biográfica que acaba por virar um marco na trajetória e orientar as biografias”. Os pesquisadores consideram que, diante da necessidade de readequar hábitos e comportamentos, da subjugação pelo estigma, das novas rotinas de medicalização, das incertezas que se desatam em relação ao futuro, entre outros fatores, os sujeitos são condicionados a um reposicionamento sobre suas vidas e ao agenciamento da revelação da sorologia. A noção de reordenamento das trajetórias individuais, da gestão do segredo sobre a condição sorológica e da reorientação das práticas são elementos que modificam as percepções da vida, no plano das ações cotidianas e das emoções que o sujeito passa desde os estágios de diagnóstico até as etapas que seguem o tratamento da infecção.

Cada vez que uma incerteza, medo ou o próprio estigma é superado, cria-se uma nova percepção sobre aquela vida, uma nova metáfora para simbolizar aprendizados, evoluções, crescimento individual diante das adversidades. São imagens anexadas à narrativa para demarcar processos cognitivos em torno da experiência.

No curso da escrita biográfica, o sujeito projeta deslocamentos, enfrentamentos e refigurações identitárias que marcam os conhecimentos sobre si, seu corpo e as interações com o outro. Ao analisar os depoimentos publicados na seção “Conte sua História” da revista *Saber Viver*⁷⁸, Souza (2018) explicita como “as relações que se colocam entre narrativas e aprendizagens biográficas implicam formas discursivas e ações dos sujeitos sobre a própria vida e suas identidades” (p. 68), no sentido que ao refletir sobre diagnósticos, processos de adoecimento, movimentos de aceitação e de enfrentamento ao estigma, são elaboradas representações sobre a cronicidade de se conviver com a infecção pelo HIV. São traduções culturais que Souza (2018) observa na qualidade de textos reminiscentes manifestados na temporalidade, nos processos de subjetivação e de ressignificação inseridas nas circunstâncias sociais e individuais, e que por sua vez “desvelam modos como superam as adversidades da vida, dos preconceitos e discriminações que são acometidos em diferentes espaços sociais e como constroem dispositivos para viverem com a soropositividade” (p. 73). Refletem, pelo raciocínio do pesquisador, modos dialéticos entre o singular o social, dos quais o sujeito se apropria ao narrar sobre a experiência para reelaborar figuras identitárias a partir dos aprendizados com a exposição à doença.

Transpor a escrita autobiográfica ao suporte digital, na linguagem audiovisual do vlog, demanda incluir as estruturas semânticas e as lógicas de interação nos SRS como recursos para o ato narrativo. Dispõe-se um composto de gêneros e formatos de produtos midiáticos, de estratégias de comunicabilidade e de modelos discursivos para a conversação ou exposição de si em rede. Rojas (2015) pondera que a câmera atua, ao mesmo tempo, como um reflexo do “eu” e como um “outro”, em contraponto à escrita programada que caracteriza práticas como cartas e blogs. A pesquisadora alega que a prática do vlog promove um diálogo horizontal, instituído na performance de si pela expressão corporal e verbal – que também podem incluir elementos gráficos

⁷⁸ Tratou-se de uma publicação periódica que circulou em 50 edições impressas durante os anos de 1999 a 2013, organizada pela ONG e editora Saber Viver Comunicação, com impressão financiada pelo Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde. Foi uma iniciativa para contribuir com informações sobre qualidade de vida, enfrentamento e resistência aos preconceitos, direcionados ao público formado por leitores soropositivos (SOUZA, 2018).

gerados por computação – como instrumento de afirmação de um modo de ser, sendo este reinventado continuamente na interação com o outro. Para Rojas (2015, p. 102), “há, na contemporaneidade, um momento onde a ‘experiência vivida’ está interligada à ‘experiência mediada’, compreendendo as esferas do público e do privado”, aspecto que possibilita compreender, pelo vlog, um processo de negociação da memória que se dá pela maneira com que as modalidades de mídia e as dinâmicas nos contextos de interconexões digitais auxiliam na expressão de si e na construção das percepções individuais sobre das experiências vividas.

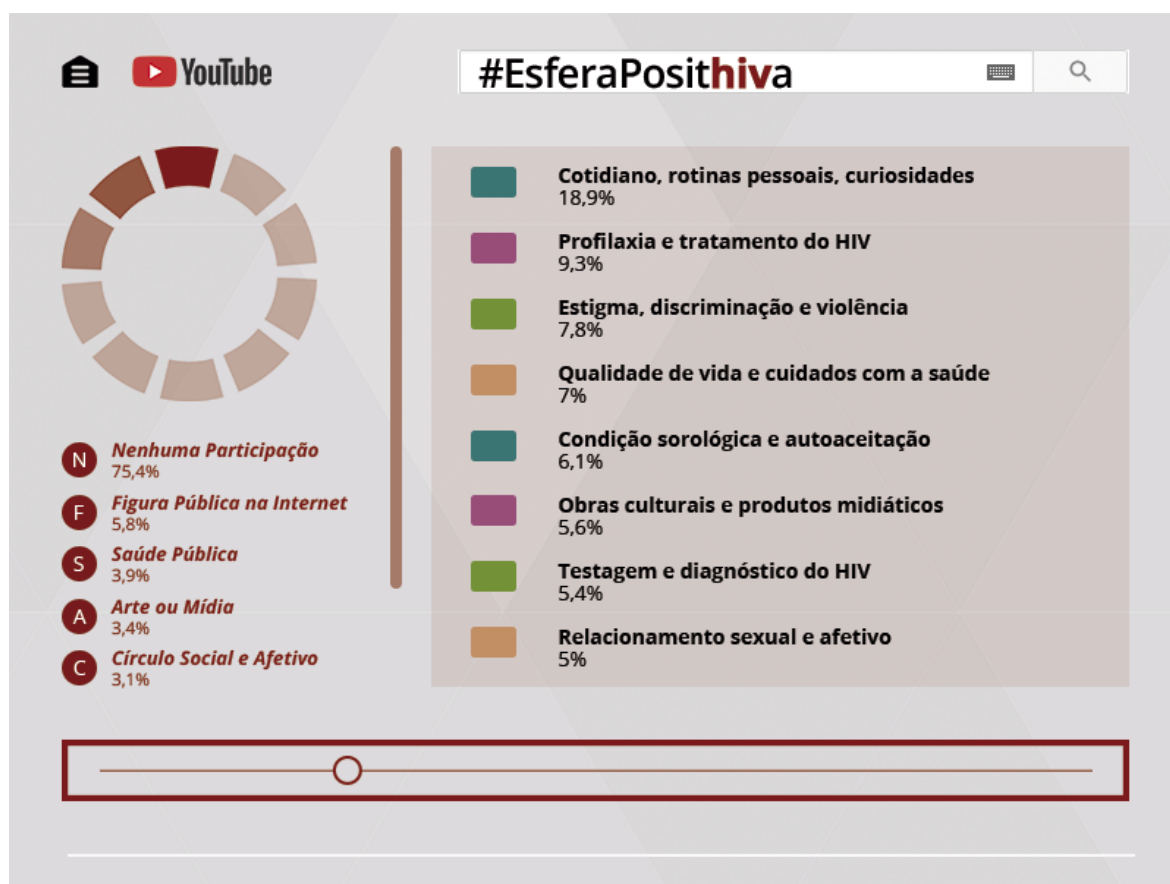
Nesse ponto, a serialidade do ambiente midiático é um aspecto que confere mais flexibilidade à autobiografia pelo vlog, como um documento ininterrupto que pode ser alterado e aprofundado mediante comentários, respostas e mensagens enviadas a partir do relato publicado. A má repercussão de um conteúdo sugere que se exclua o vídeo ou que se produza um novo conteúdo de retratação, do mesmo modo que a repercussão positiva sugere que o realizador explore tal vertente em novas produções e que isso incremente relevância à página, agregando ao número de visualizações, de inscrições e outras métricas que contribuem para aumentar o valor de circulação do canal. Assim, tanto no que se refere ao desempenho métrico do conteúdo realizado como ao intercâmbio cultural expresso nas interações sociais acerca do vídeo, narrar a vida a partir do vlog pressupõe a performance da vida enquanto uma obra aberta, tal qual acontece com a teledramaturgia, pois assim como os rumos dos personagens na telenovela são estipulados na recepção do público, a repercussão de determinado vídeo no YouTube pode sugerir o desenvolvimento de vídeos de continuação, cujas sequências são intituladas como novos episódios⁷⁹ ou como histórias derivadas, para incluir elementos e personagens citados na produção anterior.

Constatou-se, pela AC, a recorrência a algumas abordagens temáticas gerais na qualidade de unidades narrativas para a construção dos vlogs, como também a formas de interlocução com outros atores para desenrolar as variadas discussões. A representação gráfica desses elementos está presente na Figura 19, que de imediato possibilita visualizar a predominância da autoexpressão na constituição dos vídeos, em relação a presença de outras pessoas nos ambientes de filmagem. Tal atributo é

⁷⁹ Esses episódios costumam ser identificados a partir de linguagens específicas de ordenação, como adicionar o símbolo # ao número. Exemplos: #2 como o segundo episódio de uma série de conteúdos sobre tal tema. Ainda podem ser identificados como “parte 2”, ou pela variação “pt. 2”, e adotando a linguagem das séries de TV: “S01E02”, traduzidas por “S” de *Season* (temporada) e “E” de *Episode* (episódio).

resultado de uma série de fatores de influência, como a manifestação voluntária por participar de uma gravação – incluídas aí as propriedades relacionadas à imagem – e as conjunturas dessa participação – em especial, no que diz respeito ao deslocamento para o espaço onde será filmado.

Figura 19 – Infográfico “Interloquções e Abordagens Temáticas”.



Elaboração do autor (cf. Apêndice B).

No que se refere às interloquções presentes nos canais, sendo o bate-papo ou entrevista um formato popular na elaboração narrativa dos vídeos, evidencia-se pela presença de figuras públicas na internet – influenciadores digitais oriundos de outros sites – a intensidade que o modelo *collab* (derivado de colaboração, em inglês) como estratégia de promoção dos conteúdos. Trata-se de um modelo de produção no qual um criador participa da filmagem do outro, e vice-versa. É uma modalidade pela qual se potencializam ganhos no desempenho métrico do canal, pois a audiência de um passa a conhecer as produções do outro e, com isso, conquistam-se novas inscrições, visualizações, interações e outros atributos que agregam valor de circulação e de engajamento. Outrossim, são participações que propiciam a fragmentação de áreas

de interesse da página, uma vez que viabilizam emitir opiniões, considerações e textos sobre os variados temas transversais aos conteúdos do canal (SCHITTINE, 2004). É dessa maneira que profissionais de áreas de atuação especializada são convidados a contribuir com as discussões sob determinados assuntos.

Médicos especialistas em saúde pública, provindos de áreas como infectologia e psicologia, constituem saberes técnicos peritos na compreensão do HIV enquanto fenômeno epidemiológico, e participam de entrevistas, conversas e outras dinâmicas nos canais para esclarecer dúvidas, explicar processos terapêuticos e para promover a testagem e adesão à TARV. Também pode ser compreendida enquanto estratégia de colaboração mútua, sendo que os profissionais contribuem para agregar valor de credibilidade às informações científicas tratadas a partir do canal, e os influenciadores para demonstrar a eficiência do tratamento no monitoramento e controle da infecção, aspecto importante que publiciza as respostas coletivas de enfrentamento à epidemia. Uma das participações recorrentes é o médico infectologista Vinícius Borges, que se tornou conhecido pela página *Doutor Maravilha*, ao compartilhar informações sobre saúde sexual com enfoque na população LGBTQ+ através de sites como Instagram, Twitter e mesmo o YouTube, onde mantém um canal.

Em relação às pessoas que fazem parte do círculo social e afetivo, é comum que o influenciador realize conteúdos com o envolvimento de familiares, namorados e amigos, como forma de explorar momentos de acolhimento, superações de estigma e reações às discriminações que são vividas no âmbito dessas relações. Nesses vídeos, relatos sobre como se deu a revelação da sorologia, as impressões e incertezas pós diagnóstico, as reinvenções da dimensão erótica pela sorodiferença e as rotinas de cuidado mútuo são temáticas desenvolvidas pelo diálogo, e que remetem à gestão da visibilidade sobre a condição sorológica, sobretudo, às negociações entre a identidade clínica e a identidade social constituída por essas relações. Percebe-se, diante disso, o engajamento adjacente de componentes do núcleo familiar, no sentido de prestar apoio, acolher, se fazer presente desde os momentos iniciais de refiguração identitária que acompanham as modalidades de tratamento da infecção. Através desse gesto, publicizam rostos e nomes e tornam-se partes ativas⁸⁰ às ações contra preconceitos vividos pelos filhos, sobrinhos, netos, namorados ou quaisquer laços de atividade.

⁸⁰ Há uma expressão circulante nos vídeos, de Pessoa Convivendo com HIV, no sentido de denominar pessoas que não são soropositivas, mas convivem diretamente com alguém que vive nessa condição – parentes, profissionais médicos etc. – estando também expostos ao estigma.

Para visualizar os desdobramentos narrativos que se podem materializar na discussão das temáticas gerais dos vídeos, o Quadro 5 propõe tematizar os conteúdos realizados sob cinco eixos discursivos, aos quais se agrupam os principais assuntos invocados pelos sujeitos, seja na apresentação dos relatos de si, ou pelos diálogos empreendidos com interlocutores de outros sites ou áreas. É uma sistematização que exprime como a vida soropositiva é vivenciada através de matizes culturais, políticas e sociais que não se reduzem ao nível clínico implícito nas rotinas de medicalização. Ao explorar todas essas camadas, e outras desenvolvidas continuamente na relação com temporalidades e espacialidades, incita-se pela aprendizado autobiográfico no vlog, a possibilidade de atribuir sentidos às experiências cotidianas pela expansão de referências, tanto para o criador de conteúdos, que se dedica à pesquisa e seleção constante de temas para explorar no canal, como para a audiência, que igualmente explora as nuances apresentadas na tela como novos sentidos à vida social.

Quadro 5 – Tematização dos conteúdos produzidos pelos influenciadores digitais soropositivos.

Eixo discursivo	Palavras-chave
Saúde sexual	Aids. Carga viral. Cura. Diagnóstico. Doação de sangue. Estética. Exposição. Hábitos saudáveis. IST. Janela imunológica. Maternidade. Medicamentos. Preservativo. Prevenção combinada. Saúde mental. Sexo mais seguro. Sintomas. TARV. Testagem. Transmissão.
Estigma psicossocial	Armário. Autoaceitação. Bullying. Culpabilização. Discriminação. Discurso de ódio. Gênero. Homofobia. Homossexualidade. Intolerância. Laços familiares. Orgulho LGBT. Relações afetivas. Revelação. Sorofobia. Terminologias. Violência.
Cidadania e direitos	Atenção básica. Censura. Direitos. Leis. Ministério da Saúde. SUS. Trabalho. Turismo.
Memória cultural	Aplicativos digitais. Cinema. História. Imprensa. Internet. Literatura. Pessoas famosas. Quadrinhos. Televisão. Websérie.
Ações políticas	Ativismo. Campanha. Dezembro Vermelho. Eventos. ONG. Terceiro setor. Trajetória. UNAIDS. Visibilidade.

Elaboração do autor.

De fato, as perspectivas narrativas do vlog formam um panorama assinalado pela pluralidade de experiências, mas isso também faz parte de um aprendizado das ferramentas da plataforma, das técnicas de produção audiovisual, das estratégias para a distribuição de conteúdos, elementos que são desenvolvidos cotidianamente em comunidade, seja mediante as ações de capacitação promovidas em programas institucionais, tutoriais e manuais publicados em vídeos ou revistas impressas, e das habilidades aprendidas através da experimentação e da prática. Não há como separar

tais aspectos da decisão individual de publicizar a experiência, através do primeiro vídeo, e de interagir com outros sujeitos na rede. A continuidade do vlog é comumente motivada pela repercussão estabelecida nos próprios sistemas de classificação do site (número de *likes* e *dislikes*⁸¹, visualizações, inscritos, comentários etc.), então há os que desejam usar o espaço com o propósito de “desabafo”, buscando uma rede de apoio na internet para superar um momento desafiante, em contraponto aos que são fascinados pela oportunidade que o YouTube representa de capitalizar a experiência.

4.5 Fluxos e permanências na produção discursiva

Com a tematização da vida soropositiva organizada em eixos discursivos, pela produção dos influenciadores digitais, observa-se como estão tipificadas as condições de conversação através dos atos narrativos. Há uma demanda por informações, que se expressa no volume de conteúdos realizados a partir do mesmo eixo discursivo, e que se notam ao lado das diferentes disposições para a abordagem de temas conexos à experiência do narrador. As unidades temáticas não são fixas, de modo que possam demonstrar a imutabilidade da discussão, mas se encontram abertas à reelaboração, conforme as circunstâncias temporais. Isso porque as visibilidades atribuídas ao HIV são acompanhadas de transformações nas conjunturas políticas e sociais, com efeito na maneira como os significados coletivos são reformulados e se tornam visíveis por meio de campanhas de conscientização programadas, tanto no âmbito das entidades e organizações de mobilização social, como na circulação de textos em comunidades virtuais acerca dos progressos no campo clínico. Em vista disso, surge a via de análise por se considerar as semelhanças e diferenças sobre tal processo de tematização.

Compõem a AC o conjunto dos vídeos realizados pelos influenciadores digitais soropositivos entre os anos de 2010 e 2021, e que compreendem o intervalo de doze anos. Foi adotada a estratégia metodológica de periodizar a produção em três turnos, cada um com o espaço de quatro anos. As Tabelas 2, 3 e 4 apresentam informações sobre os principais tipos de produtos audiovisuais e as respectivas unidades temáticas em relação ao tempo, um panorama das reconfigurações da discussão sobre o HIV.

⁸¹ Ao assistir o vídeo, o espectador pode classificar de acordo com a sua impressão, através dos botões “Gostei” ou “Não Gostei”, retrospectivamente simbolizados com o ícone do dedo polegar para cima ou para baixo. Esse sistema contribui para considerar um vídeo enquanto relevante para a leitura dos algoritmos de recomendação.

Tabela 2 – Produção discursiva nos canais durante o período 1 (2010-2013).

Gêneros mais produzidos	%	Assuntos frequentes	%
Testemunhal	45,5	Tratamento antirretroviral	36,4
Informativo	27,3	Eventos sobre HIV	18,2
Opinativo	9,1	Aids	9,1
Temáticas mais debatidas	%	Filmes sobre HIV	9,1
Profilaxia e tratamento do HIV	36,4	Participação em programas de TV	9,1
Cotidiano, assuntos pessoais etc.	9,1	Preservativos	9,1
Prevenção contra HIV/Aids	9,1	Relação sorodiferente	9,1
Enfoques mais adotados	%	-	-
Depoimento pessoal	36,4	-	-
Ação educativa	27,3	-	-
Histórico	9,1	-	-

Fonte: AC, com resultados recombinaados por período (n=11). Elaboração do autor.

Tabela 3 – Produção discursiva nos canais durante o período 2 (2014-2017).

Gêneros mais produzidos	%	Assuntos frequentes	%
Testemunhal	38,6	Tratamento antirretroviral	7,8
Opinativo	24,3	Respostas e informações do canal	5
Informativo	20,2	Rotinas pessoais	5
Temáticas mais debatidas	%	Trajetórias soropositivas	5
Cotidiano, assuntos pessoais etc.	23,7	Diagnóstico soropositivo	4,4
Profilaxia e tratamento do HIV	10,3	Dúvidas gerais sobre o HIV	3,1
Condição sorológica e autoaceitação	7,8	Participação em programas de TV	3,1
Enfoques mais adotados	%	Ativismo soropositivo	2,8
Depoimento pessoal	49,2	Carga viral	2,8
Ação educativa	13,1	Desejo e relações afetivas	2,8
Dicas, recomendações, orientações	11,8	Revelação sorológica	2,8

Fonte: AC, com resultados recombinaados por período (n=321). Elaboração do autor.

Tabela 4 – Produção discursiva nos canais durante o período 3 (2018-2021).

Gêneros mais produzidos	%	Assuntos frequentes	%
Opinativo	39,3	Tratamento antirretroviral	4,5
Testemunhal	22,5	Dúvidas gerais sobre HIV	4,3
Informativo	19,8	Rotinas pessoais	3,7
Temáticas mais debatidas	%	Coronavírus e HIV	3,5
Cotidiano, assuntos pessoais etc.	17	Diagnóstico soropositivo	2,9
Estigma, discriminação, violência	8,8	Cura do HIV	2,8
Profilaxia e tratamento do HIV	8,6	Desejo e relações afetivas	2,7
Enfoques mais adotados	%	Eventos sobre HIV	2,7
Depoimento pessoal	32,1	Orgulho LGBT	2,7
Ação educativa	18,2	Prevenção combinada	2,4
Conscientização social	11,5	Revelação sorológica	2,4

Fonte: AC, com resultados recombinaados por período (n=782). Elaboração do autor.

O primeiro período retratado (2010-2013) refere-se à distribuição de conteúdos no canal *João Geraldo Netto*, até então a única página de vlogs realizados por uma pessoa soropositiva. É a época dos videologs, quando vlogueiros e *videomakers* eram exploradores do YouTube, experimentavam recursos expressivos nas produções para a internet, como o *jump cut* (cortes em sequência na montagem do vídeo), bem como surgiram as primeiras celebridades da esfera pública digital. Alguns desses atores são retratados por Dornelles (2015), caracterizados como *vloggers* de grande notoriedade nesse campo, como Felipe Neto e PC Siqueira, personagens que contribuíram para popularizar as gramáticas do vlog. Os vídeos de João Geraldo foram produzidos num contexto promissor ao HIV, quando os estudos científicos apontavam o êxito da pílula Truvada (posteriormente adotada como PrEP no Brasil) contra os riscos de infecção pelo vírus, e quando o mundo conhecia a história de Timothy Ray Brown, paciente de Berlim, primeiro caso confirmado em que o HIV foi totalmente removido do organismo de alguém⁸². Em poucos vídeos, predominantemente testemunhais, o *vlogger* dividia o espaço entre registros da sua vida pessoal para documentar informações sobre o tratamento do HIV, e para mostrar sua vivência entre eventos e campanhas. Em 2012, João Geraldo protagonizou a campanha nacional “Fique Sabendo”, em alusão ao Dia Mundial de Luta contra a Aids, que marcou a estratégia de mobilização do Ministério da Saúde de testagem para detecção do vírus (ver Anexo D, Figuras D.31 e D.32).

O período seguinte (2014-2017) é marcado pelo volume de canais criados por *youtubers* soropositivos. Somente no último ano foram oito espaços no site ocupados por criadores de conteúdo para propagar autobiografias e disseminar conteúdos sobre as vivências individuais (cf. Apêndice C, Quadro C.1). O último ano desse intervalo é destacado por dois eventos importantes: o primeiro é a adoção, pelo Ministério da Saúde, do conceito de I=I para ampliar os cenários efetivos de tratamento e prevenção da infecção, assim como o início da distribuição, pelo SUS, da PrEP em sequência à implementação da PEP no ano de 2015, formando modelos de prevenção combinada. Há um equilíbrio entre conteúdos testemunhais, opinativos e informativos, mas cujo enfoque é concentrado na difusão de depoimentos pessoais. Também no último ano os criadores de conteúdo começaram a ocupar as páginas de revistas como *Galileu* e *Continente*⁸³ para falar das experiências de sucesso com o tratamento, e também com

⁸² Cf. SEGATTO; BUSCATO; HUBNER, 2010.

⁸³ Cf. FERNANDES, 2017; VERAS, 2017.

os espaços abertos no YouTube para dialogar com diferentes públicos sobre suas trajetórias e informações gerais sobre o HIV. Conquistaram notoriedade para além da plataforma, evidenciando um campo de produção discursiva em expansão na internet.

Com o terceiro período (2018-2021), os conteúdos opinativos sobressaíram-se aos testemunhais, mantendo o equilíbrio com os informativos nesse panorama. Nesse intervalo, o Brasil acompanhou a campanha eleitoral para a presidência da República, e as frequentes declarações de ódio às minorias pelo então candidato Jair Bolsonaro, entre elas falas de caráter homofóbico e sorofóbico⁸⁴. Em resposta, foram organizadas ações do movimento ciberativista #EleNão, em fluxos comunicacionais nos SRS para manifestar posicionamentos políticos e conscientizar a população sobre a importância de votar contra o candidato no pleito (FRIGO; ROMERO; BORELLI, 2022). Após a ascensão ao cargo, o então chefe de estado fez posicionamentos contra as políticas públicas brasileiras de enfrentamento ao HIV e Aids, pelos quais qualificou as pessoas tratadas pelo SUS como “despesas para todo o país⁸⁵”. Destarte, o tom de denúncia social foi incorporado de forma mais efetiva à produção dos influenciadores digitais, que usaram a plataforma para se posicionar contra as declarações do presidente, e em favor das políticas públicas em benefício das PVHIV. Outro evento que influenciou bastante os circuitos de produção foi a pandemia de COVID-19, que representou uma demanda por informações sobre vulnerabilidade, imunização e *fake news* circuladas na internet em associação ao HIV.

Ao observar a produção discursiva dos influenciadores digitais, constata-se a presença de temáticas permanentes entre os dois períodos com maior volume de vídeos (tratamento antirretroviral, rotinas pessoais, diagnóstico soropositivo, dúvidas gerais sobre o HIV, desejo e relações afetivas e revelação sorológica), e de temáticas sazonais (ativismo soropositivo, carga viral, coronavírus e HIV, cura do HIV, orgulho LGBT e prevenção combinada). A sazonalidade é aqui percebida nos fluxos narrativos que estão atrelados a momentos específicos, relacionados aos acontecimentos que se anexam à agenda pública. O primeiro grupo de assuntos é tido como na referência à “perspectiva resiliente de vivenciar a cronicidade do HIV. [...] uma forma de resposta diante de um evento da vida que tem, em alguma medida, força [política] de reconfiguração de trajetórias” (AZEVEDO, 2019, p. 124). Integra a narrativa como

⁸⁴ Cf. O QUE..., 2018.

⁸⁵ Cf. BOLSONARO..., 2020.

prática de reorganização de rotinas e de reformulação identitária, pela qual os relatos são carregados de conhecimentos que cooperam para o preenchimento das lacunas nos meios de comunicação de massa, para a democratização da informação em uma linguagem acessível e atualizada, e para a contestação cultural do estigma residual em torno da soropositividade.

Ao compilar métricas da circulação dos vídeos, tem-se no Quadro 6 um perfil dos conteúdos mais relevantes, em termos de alcance, distribuídos pelos canais. No que tange à parcela representativa, corresponde a 10% (dez por cento) do quantitativo de vídeos analisados, dos quais foram destacados os quinze vídeos que detêm maior volume de visualizações.

Quadro 6 – Vídeos com maior quantidade de visualizações, no quadro geral dos canais estudados.

Miniatura	Título	Dados do Envio	Síntese analítica
	Como descobri que estava com HIV	<i>Lucas Raniel – Falo Memo!</i> , 2018 (Mar., 22)	Testemunhal (vlog diário), depoimento pessoal – diagnóstico soropositivo: detecção do HIV; superação; estigma.
	Como descobri que tinha HIV	<i>Super Indetectável</i> , 2018 (Maio, 30)	Testemunhal (vlog diário), depoimento pessoal – diagnóstico soropositivo: detecção do HIV; superação; estigma.
	Primeiros sintomas do HIV	<i>Super Indetectável</i> , 2018 (Maio, 7)	Informativo (vlog diário), ação educativa – sintomas do HIV: fases de infecção; sintomas iniciais; detecção do HIV.
	Deu positivo (HIV +)	<i>Diego Krausz</i> , 2018 (Out., 4)	Testemunhal (vlog diário), depoimento pessoal – diagnóstico soropositivo: detecção do HIV; reação pessoal; procedimentos.
	HIV/Aids – como eu descobri que eu tenho HIV	<i>Léo Cezimbra</i> , 2018 (Dez., 27)	Testemunhal (vlog diário), depoimento pessoal – diagnóstico soropositivo: detecção do HIV; reação pessoal; estigma.
	🔗 A história de como contrai HIV	<i>Caio Régis</i> , 2019 (Maio, 16)	Testemunhal (vlog diário), depoimento pessoal – diagnóstico soropositivo: transmissão; detecção do HIV; superação.

	Autoteste anti-HIV comprado da farmácia	<i>Super Indetectável</i> , 2017 (Ago., 8)	Instrucional (<i>unboxing</i>), experimentação de produto – teste rápido para HIV; detecção do HIV; autoteste; indústria.
	O dia em que recebi meu diagnóstico HIV + positivo Aids	<i>Drew</i> , 2019 (Fev., 20)	Testemunhal (vlog diário), depoimento pessoal – diagnóstico soropositivo: detecção do HIV; reação pessoal; superação.
	Como descobri que sou soropositivo – Sintomas do HIV	<i>Positivo Matheus</i> , 2016 (Nov., 11)	Testemunhal (vlog diário), depoimento pessoal – sintomas do HIV: medo pessoal; detecção do HIV; sintomas do HIV.
	HIV/Aids – Como tratei o meu HPV	<i>Léo Cezimbra</i> , 2019 (Abr., 24)	Testemunhal (vlog diário), depoimento pessoal – IST: HPV; saúde sexual; tratamento do HPV.
	HDiário # 1 Descoberta	<i>Gabriel Comicholi</i> , 2016 (Abr., 1)	Testemunhal (vlog diário), depoimento pessoal – diagnóstico soropositivo: detecção do HIV; reação pessoal; estigma.
	HIV/Aids – Como eu descobri que tenho HIV	<i>HIVIVA</i> , 2019 (Ago., 6)	Testemunhal (vlog diário), depoimento pessoal – diagnóstico soropositivo: detecção do HIV; estigma; acolhimento.
	HDiário # 2 Início de tratamento	<i>Gabriel Comicholi</i> , 2016 (Abr., 6)	Testemunhal (vlog diário), depoimento pessoal – tratamento antirretroviral: estigma; atendimento médico; rotina de terapia.
	Eu tenho certeza que tenho HIV	<i>João Geraldo Netto</i> , 2016 (Dez., 25)	Opinativo (vlog diário), conscientização social – diagnóstico soropositivo: HIV psicológico; detecção do HIV; tipos de exames.
	HIV/Aids - O que a família Bolsonaro pensa sobre as pessoas que vivem com HIV	<i>Léo Cezimbra</i> , 2018 (Set., 16)	Opinativo (vlog diário), denúncia social – Bolsonaro: sorofobia; campanha eleitoral; violência e preconceito.

Elaboração do autor (com base nas informações detalhadas no Apêndice E, Tabela E.3).

As *thumbnails* possibilitam visualizar, em comparação ao título, as estratégias para ampliar a taxa de clique, e em sua maioria exploram a imagem do influenciador digital que narra o vídeo. O emprego constante da sigla HIV nos títulos é outro recurso

que favorece a localização por meio dos motores de busca e das palavras-chaves que alimentam os algoritmos de recomendação. Predominam os conteúdos associados ao diagnóstico (detecção do HIV), que também exploram depoimentos sobre a superação do estigma, construção do processo de autoaceitação, e sobre a convivência com a cronicidade da infecção. Percebe-se, também, que vídeos mais atuais detêm números elevados de visualizações, paralelos a vídeos mais antigos, vinculados à permanência no apelo (emocional, cultural ou político) que determinadas mensagens apresentam na conversação em rede. No que diz respeito aos formatos, o vlog diário ressalta-se em relação aos demais, fator que evidencia a predileção pela narrativa em estrutura e linguagem coloquial, fundada na expressão da intimidade.

Pelo Quadro 6 se pode depreender a confiabilidade depositada nas narrativas pessoais dos vlogs, seja pela acessibilidade atribuída à coloquialidade da fala, seja pelo nível da experiência que fundamenta a interpelação nos vídeos. Diante da história de alguém que viveu os mesmos dramas, superou contingências cotidianas ao redor de um vírus, e se fortaleceu diante das adversidades impostas pela infecção, tudo isso agrega valor de confiança sobre o relato apresentado na tela. Assim, não se trata de substituir a relação médico-paciente, muitas vezes desenvolvidas a partir de um léxico rebuscado, mas de instaurar uma fonte de orientação e de motivação para entender a necessidade de se iniciar essa relação. Tais elementos são coerentes com o hábito cotidiano de recorrer à internet e pesquisar informações variadas, para a satisfação de interesses específicos, como exemplos, identificar sintomas de uma enfermidade, recomendações sobre serviços oferecidos pelos centros ou unidades de saúde, ou mesmo para entender os riscos de transmissão nos diversos contextos de exposição nas vivências diárias.

A internet, enquanto ambiente que reúne um universo imensurável de dados e informações para quaisquer curiosidades despertadas, é qualificada como ambiente “seguro⁸⁶” para suprir as demandas multiformes da rotina, figurada na manutenção da privacidade. Apresenta-se como possibilidade para conhecer realidades visíveis, sem que isso represente ser visto, para conversar e interagir com outras pessoas, sem que

⁸⁶ O uso de aspas para sublinhar o significado de “segurança” se dá no sentido de questionar o estatuto de privacidade atribuído à navegação da internet. Com as tecnologias de conexão, que tornam o smartphone um dispositivo capaz de rastrear todos os passos de um indivíduo, seu histórico de conteúdos e relações interconectadas, e com as possibilidades de vazamento dessas informações, são evidências que permitem refletir “até que ponto a navegação é privada?”. Essa discussão é matéria para outros estudos, mencionada aqui como posicionamento crítico.

isso implique em ser reconhecido, em outras palavras, é uma maneira de transitar por espaços antes condicionados pela visibilidade social na presença física do sujeito, porém amparados pelo anonimato imediato que a interconexão digital providencia ao indivíduo. É sobre consultar uma infinidade de informações e referências restritas a ambientes formais, sem “o risco” disso modificar as relações ou posições sociais que o indivíduo exerce em sua vida cotidiana.

Uma vez ressaltadas as informações que conduzem ao entendimento sobre as condições de produção e os valores de circulação dos vídeos, propõe-se examinar as trajetórias dos atores enquanto fontes de conhecimento na ressignificação das vidas soropositivas. O próximo capítulo é baseado nas experiências de quatro canais e de seus realizadores, que são exploradas com o intuito de visualizar as relações entre os saberes acumulados em formas de vivências narradas com o anteparo da tela, e os processos culturais e políticos que constituem os espaços conversacionais em rede. Pretende-se entender os aspectos que configuram o vlog como tecnologia para o lugar de fala, e a internet como ambiente emancipador das estruturas históricas de opressão e de estigma contra grupos sociais soropositivos.

5 (TRANSMITIR_TRANSFORMAR.HIV): MEMÓRIAS E ROTEIROS EM CANAIS SOROPOSITIVOS

Entre páginas de diários, prosas e confissões escritas na tela, positivities são trocadas por quem alguém que “fala memo”: diante da câmera se abrem as janelas do quarto, revelam-se histórias e partilham-se pensamentos, instaura-se na linguagem audiovisual um universo comum interconectado. No YouTube, o canal é uma página que agrega vídeos, conteúdos que motivam a entreter, informar, emocionar, conhecer no espaço conversacional da rede. Em sentido figurado, o canal é a passagem pela qual dois pontos se ligam, em fluxos ou no vácuo, pelo qual se pode acessar outros ambientes, conhecer novos mundos, modos de ser. É uma imagem que se transpõe facilmente ao cenário dos criadores, produtores audiovisuais, influenciadores digitais e demais nomenclaturas que surgem para designar atores sociais que se dedicam à realizar narrativas para a plataforma de vídeos na internet. O canal é o percurso digital por onde correm significados culturais, textos ideológicos fundados na ação política de ocupar a rede, conferir visibilidade, promover discussões sobre temáticas sub-representadas em outros espaços. Traduzem-se no movimento de imagens, palavras, sons, animações gráficas, múltiplos recursos que materializam as vozes dissonantes, desejos pulsantes, inquietações fundadas na malha do cotidiano.

Há em evidência um modelo participativo de criação e distribuição online que o faz anunciá-los como produtores de conteúdos audiovisuais (BERNADAZZI; COSTA, 2017), ao mesmo tempo em que existe uma atmosfera de fama e notoriedade que se confere aos nativos das redes sociotécnicas pela espetacularização de rotinas através das plataformas de conversação online (KARHAWI, 2021). Observa-se, também, o exercício de papéis sociais e políticos designados na qualidade de midialivristas, que se apropriam da infraestrutura técnica virtual da internet para cooperar em disputas narrativas que multiplicam modos de pensar e de agir (MALINI; ANTOUN, 2013). São posições que ainda se articulam a processos de subjetivação, motivados pela superação do estigma para assumir um engajamento político de cunho ativista no campo das lutas contra as estruturas opressoras em torno do HIV e Aids (PELÚCIO, 2007). É diante de todos os esforços para ancorar um significado sobre as práticas dos criadores soropositivos do YouTube que a perspectiva de Hall (2006) parece a mais apropriada, no sentido de pensar que tais identidades não estão dadas numa

entidade unificada, mas são fragmentadas, “atravessadas por diferentes divisões e antagonismos que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ – isto é, identidades – para os indivíduos” (p. 17). Trata-se de uma proposição para pensar que tais lugares são articulados sob diferentes formas, estratégias mobilizadas para atender interesses mútuos na sociedade interconectada.

É um trabalho que obteve notoriedade de outros agentes midiáticos, que em momentos específicos – tais como o Dezembro Vermelho – retém atenção dos sites de notícias e são mencionados nos textos que recomendam “influenciadores digitais com HIV que você precisa conhecer”. Recente à pesquisa, a reportagem de Rocha (2021) relaciona criadores de conteúdos com atuação no YouTube, no Instagram e no Twitter, e compila informações sobre espaços para compartilhamento de experiências, cuja discussão é centrada na diminuição do estigma, na desmitificação do tema e pela conscientização em favor do diagnóstico e da adesão ao tratamento. Listas como essa propiciam o encontro entre alguém que busca um ambiente confidencial e confiável para receber orientações, ou mesmo para suprir curiosidades, e os narradores que se apropriam dos SRS para publicizar suas vivências e gerar narrativas que atendam às finalidades variadas desse público, seja para informar, entreter ou sentir-se acolhidos diante de determinada situação. O que se destaca na composição da lista de Rocha (2021) é exatamente a pluralidade de vozes, tanto por marcadores geracionais, como por linguagens e propósitos que se agregam ao objetivo comum de promover o debate público sobre a soropositividade.

No âmbito das dinâmicas estabelecidas por meio das redes sociotécnicas, tais personagens se apropriam de capital social⁸⁷, definido nas conexões e modalidades de ação envolvidas nos SRS. Refere-se aqui ao valor de circulação da informação em rede, percebido nas transações organizadas em torno de objetivos ou de benefícios peculiares, no nível interacional das estruturas sociais (RECUERO, 2017). Durante os minutos iniciais de qualquer vídeo, os personagens comumente incitam a audiência a se inscrever, ativar notificações de conteúdo e “curtir” ou “deixar joinha”, expressões

⁸⁷ Em Recuero (2009; 2017), a noção de capital social é construída a partir da percepção de padrões de fluxos informacionais que compõem a esfera pública digital, fator que motiva à difusão de saberes e conhecimentos nos vários ambientes dos sites de rede social por quaisquer atores sociais. De acordo com a pesquisadora, os indivíduos são dotados de interesses, percepções ou quaisquer outros estímulos na criação e manutenção de espaços nos ambientes digitais. Recuero (2009) cita tipos de capital social discutidos por Bertolini e Bravo (2001), entre os quais o capital social relacional no estabelecimento de relações sociais a partir de semelhanças e diferenças em grupos, e o capital social cognitivo na troca de informações para geração de conhecimentos.

que remetem aos mecanismos algorítmicos de classificação do YouTube. Aos minutos finais, pedem para comentar e compartilhar o vídeo em outras páginas, com a intenção de proporcionar engajamento ao canal e replicá-lo em outros ambientes, ampliando o alcance. São táticas que exprimem o interesse por otimizar o desempenho do canal, materializado posteriormente em métricas digitais (o Apêndice E dispõe de tabelas e quadros para visualizar esse desempenho), e que contribuem para a formação desse capital. O reconhecimento obtido nesses espaços propicia, em alguns casos, prestígio para atuar em campanhas e eventos públicos, participação em obras e programas na TV ou na internet, divulgação de marcas e produtos, entre outras oportunidades.

No que tange a dimensão comunicativa dos projetos desenvolvidos, os canais são perpassados por ideais de democratização do conhecimento e de transformação da realidade. As vivências dos narradores compõem a principal matéria dos relatos, posicionamentos e recomendações elaboradas a partir dos vídeos, pelas quais se percebe a pluralidade de experiências, opiniões e de protagonistas na discussão sobre os variados assuntos. Cada narrativa é explorada em um contexto situacional, a partir da posição que o indivíduo ocupa na sociedade, dado pela intersecção entre os vários indicadores das sociabilidades humanas, tais como classe, etnia, gênero, geração, condição sexual, identidade de gênero, religião, nacionalidade, entre outros. Formam os repertórios do capital cultural, termos de Bourdieu (2007) para denominar os modos de objetivação da experiência em suportes materiais, a exemplo de obras literárias, artes visuais ou artes plásticas, cuja materialidade incorpora os diferentes contextos da vida humana e os torna transmissíveis. Sendo assim, cada narrador partilha seus aprendizados de um lugar específico, e suas narrativas são carregadas de sentidos individuais, peculiares a sua trajetória.

Enquanto categoria de análise, a noção de trajetória é evidenciada nas falas dos narradores, nos históricos das páginas digitais, e formam também a unidade de ação política que constitui o ativismo de base comunitária em torno do HIV/Aids, como bem registra Galvão (1994). São camadas também para compreender as transações discursivas presentes em fluxos informativos no YouTube, de maneira que contribuem para preservar a memória cultural da soropositividade. Compõem registros do debate público sobre o HIV, pelos quais se podem acessar momentos de abertura política, da gramática de si, de identidades sociais e culturais, aspectos relevantes ao fenômeno da epidemia. Na qualidade de procedimento metodológico, a análise dos percursos criativos dos canais são elementos de compreensão das diferentes posições sociais

que promovem a discussão na esfera pública digital, ao mesmo tempo que fornecem subsídios para pensar as variações de subjetividade que engendram o caleidoscópio de referências nos relatos partilhados em rede.

Conhecer as trajetórias dos atores que constroem a #EsferaPosithiva é, pois, uma forma de se ler o tecido social, cultural e político da Aids que atravessa a biografia desses sujeitos. Becker (1999) avalia a história de vida como uma base sobre a qual se pode fazer pressuposições de modo realista, metaforizada na imagem de mosaico, no qual cada peça “contribui um pouco para nossa compreensão do quadro como um todo. [...] Diferentes fragmentos contribuem diretamente para nossa compreensão: alguns são úteis por sua cor, outros porque realçam os contornos de um objeto” (p. 104). Segundo o sociólogo, o relato autobiográfico é uma técnica investigativa pela qual se permite obter riqueza de detalhes, orientado na seleção de acontecimentos e de evidências que se aproximem da realidade que se busca conhecer. Os vídeos nos canais observados, por si só, apresentam-se como materiais dessa natureza, uma vez que se propõem à escrita biográfica, guiada pela organização da vivência soropositiva em fragmentos que destacam fases de superação, resistência e resiliência diante das condições de cronicidade do HIV.

As trajetórias em análise aqui remetem aos relatos elaborados pelos narradores da #EsferaPosithiva e publicizados nas páginas digitais do YouTube, e consistem de produtos audiovisuais finalizados, após processos de seleção, tratamento narrativo e hierarquização de conteúdos considerados relevantes às mensagens que se deseja transmitir. Com base no volume de publicações originais⁸⁸ entre os anos de 2010 e 2021 (cf. Apêndice C, Tabela C.1), foram designados os quatro canais com maior quantidade de publicações, de tal maneira que tais personagens detêm capital cultural sobre a temática, do mesmo modo que ocupam posições de destaque em ordens de classificação com base em métricas de audiência (cf. Apêndice, Tabelas E.1 e E.2). Nesses termos, os canais selecionados foram *Confissões de um Soropositivo*, de Léo Cezimbra, *Projeto Boa Sorte*, por Gabriel Estrela, *Super Indetectável*, de João Geraldo Netto, e *Drew*, por Drew Persí. As margens para delimitação temática são dadas na opção pelos vídeos que abordam, retrospectiva ou introspectivamente, memórias dos

⁸⁸ Aqui se referem como publicações originais os conteúdos realizados e distribuídos pelo próprio criador da página. Nesse sentido, convém observar que, no conjunto de materiais que são postados, certos conteúdos são republicações de outras fontes, tais como peças de programas de TV, trechos de documentários ou propagandas, e produções de outra natureza.

atores sociais na esfera pública digital – pelo viés da produção de conteúdos para a plataforma online – e as memórias individuais sobre como as vivências crônicas com o HIV foram acompanhadas pelas experiências mediadas.

Após selecionar os quatro canais, sendo o mesmo número aplicado aos vídeos em análise de cada canal, foram adotados os procedimentos seguintes: a) construção de perfil, a partir da combinação das informações obtidas na AC individual dos canais, posteriormente tratadas em infográficos; b) documentação de reportagens, entrevistas e outros materiais da imprensa que ilustram o nível de visibilidade social e midiática dos personagens; e c) transcrição, a partir da plataforma, dos conteúdos audiovisuais selecionados. Nesta última etapa, foram adotados parâmetros conforme orientações de Marcuschi (2003) nos contextos investigativos da análise da conversação, de onde foram concebidas convenções gráficas para a reprodução real dos detalhes da fala e da narrativa audiovisual. Desse modo, as transcrições contemplam a apreensão das formas verbais e entonacionais, assim como as formas não verbais dos recursos de edição, como cortes, efeitos visuais e sonoros, e outras especificidades. Os conteúdos transcritos estão dispostos no Apêndice D, e serão mencionados nos tópicos a seguir em suas extensões, a partir do Vídeo D.1 ao Vídeo D.16, conforme a ordem em que se relacionem às descrições e análises conduzidas.

5.1 Confissões de um Soropositivo

Natural do município de Uruguaiana, no estado do Rio Grande do Sul, entre as fronteiras com a Argentina e o Uruguai, o profissional de educação física Leonardo Cezimbra é o idealizador e realizador da página *Confissões de um Soropositivo*. Em 2013, aos 31 anos de idade, foi comunicado sobre o resultado de reagente para HIV durante exames clínicos preventivos. No ano de 2016, as rotinas de tratamento e de autocuidado, sentimentos e vivências pessoais, opiniões sobre fatos e informações de campanhas sociais e políticas passaram a compor o tema dos relatos compartilhados em textos e vídeos transmitidos pelo site Facebook, e republicados com o YouTube. No início, os conteúdos audiovisuais consistiam de adaptações dos depoimentos em notas de texto no Facebook, que posteriormente foram compilados em livro de título homônimo à página, lançado de forma independente (CEZIMBRA, 2018). Tanto pelas notas quanto nos vídeos, o narrador explora sentimentos e percepções sobre partes

da sua existência, em reflexões sobre a condição sorológica, superação de estigmas e as reconfigurações da própria vida que acompanharam o processo de diagnóstico até os dias recentes.

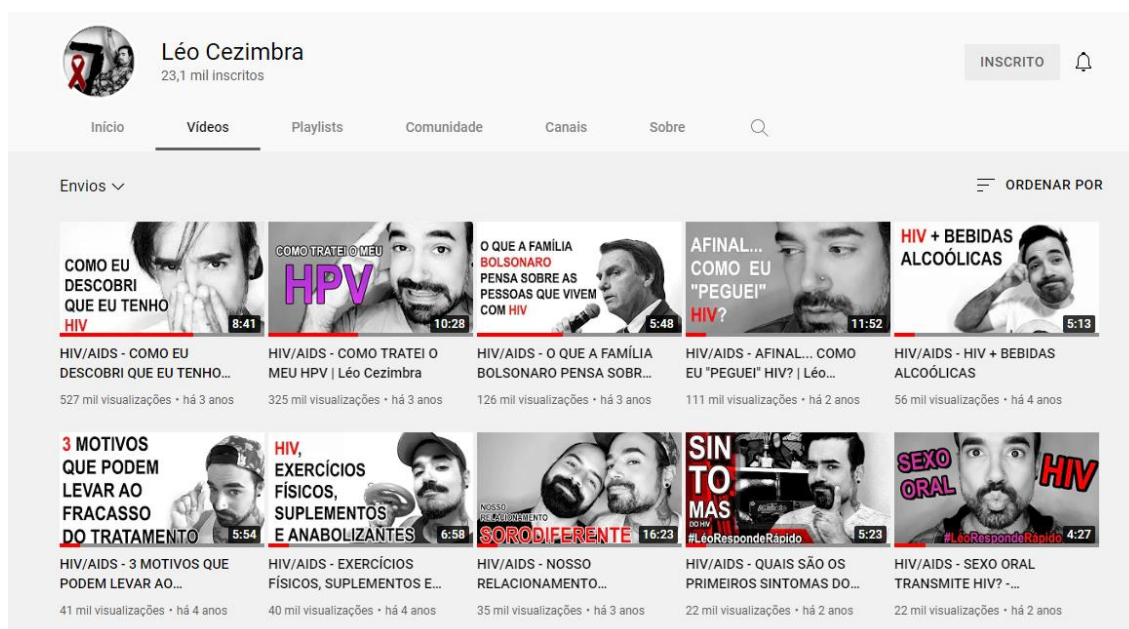
Inicialmente, os vídeos foram tematizados e agrupados em notas⁸⁹, assim como está dado na própria organização do livro, e as faixas de áudio extraídas dos vídeos geraram *audiobooks* em podcast, distribuídos em plataformas digitais como Spotify, Soundcloud e Apple Podcasts. O projeto configurou, então, como um tipo de biografia multimidiática com propagação na internet por meio de distintas modalidades e pontos de acesso. Pela continuidade com o vlog no YouTube, o desdobramento temático das narrativas foi explorado através de formatos específicos, que integram o repertório da comunidade virtual, e que foram apropriados para tratar assuntos e perspectivas do cotidiano, dadas pela rotina de criação e publicações no site. Os conteúdos que mais ocasionaram debate na plataforma, na interação por comentários, são aqueles que se desenvolvem entre abordagens testemunhais e opinativas, de cunho pessoal, cultural e político (cf. Apêndice E, Tabela E.4). As “confissões” representam um *continuum* de reflexões estabelecidas nos processos de subjetivação e ressignificação da vida social que, materializadas no espaço autobiográfico digital, expandem as narrações do livro e propiciam novos relatos pelos quais Léo se reconstrói no calor das discussões que envolvem a cronicidade do HIV e os lugares onde está inserido.

Os vídeos no canal são segmentados em *playlists*, seções organizadas a partir de unidades narrativas, agrupadas ao redor do tema ou formato adotado na produção. Na seção #LéoRespondeRápido são agrupados os conteúdos desenvolvidos em torno de um questionamento central expresso no título, espécie de fio condutor que convida para desvendar aspectos correlacionados. São perguntas formuladas de modo que captam a atenção, tanto pelo teor informativo quanto pela curiosidade despertada, a exemplo de expressões como “Qual a diferença entre PrEP e PEP?”, “Quais são os primeiros sintomas do HIV?”, ou ainda “Estão colocando HIV nas bananas?”, “Pode usar duas camisinhas ao mesmo tempo?”. Outras seções são dedicadas a discussões politizadas, como a *playlist* Visibilidade Soropositiva, que reúne conversas com outros influenciadores digitais e ativistas, como forma de ampliar o debate na rede, ou ainda da *playlist* O (Des)Governo Bolsonaro, pela qual o narrador apresenta conjunturas da

⁸⁹ No YouTube, os vídeos estão organizados na *playlist* “HIV/AIDS - Confissões de um soropositivo - as confissões”, totalizando 28 vídeos, organizados da Confissão #1 até a Confissão #28, mesma estrutura vista no livro.

campanha eleitoral de 2018 até os anos que sucedem o mandato do chefe de estado, marcados pelo desmonte de políticas públicas e por declarações de cunho sorofóbico. A lista Conversa Positiva é a seção que agrupa mais conteúdos, cujas temáticas são diversas, predominantemente gravadas em formato vlog diário, pela maneira como se atribui o tom de diálogo aos relatos partilhados.

Figura 20 – Página do *Confissões de um Soropositivos* > Envios > Vídeos mais populares.



Fonte: YouTube. Captura de tela (07 maio 2022).

Sendo a formação profissional de Léo na área da saúde física, os envios que detêm maior número de visualizações no canal indicam a prevalência de conteúdos relacionados aos hábitos e rotinas saudáveis, conforme retratado na Figura 20. Os vídeos publicados por Léo articulam percepções e sentimentos individuais no plano das “confissões”, aos saberes técnicos que envolvem procedimentos medicalizantes, rotinas de cuidado de si, descrições diagnósticas, e esclarecimentos gerais de dúvidas recorrentes sobre corpo. O capital cognitivo do canal é estipulado nos conhecimentos gerados em torno de uma expertise, que tanto abrangem a perspectiva do tratamento contra o vírus, como da informação especializada a respeito de práticas corporais e outras praxes no âmbito terapêutico. São aspectos que qualificam o vlog na qualidade de “um espaço de divulgação científica e de compartilhamento de informações e experiências que auxiliam nos processos de ‘normalização’ e ‘aprimoramento’ da vida com o HIV/Aids” (BORGES, 2018, p. 92), uma fonte informativa que parte do saber prático para estabelecer discernimentos mediados pelo saber científico.

Em uma visão ampla do canal, verifica-se a predominância de conteúdos que, de acordo com a ordem de predominância, são desenvolvidos em abordagens do tipo testemunhal, opinativa e informativa (cf. Apêndice B, Tabela B.1). É uma característica que acompanha a tomada de consciência do vlog em seu potencial de ação política, conforme Léo descreve em suas falas. É algo evidenciado desde os primeiros relatos no livro e pelos vídeos, como quando a situação descrita a partir de um atendimento, quando percebeu que haviam lacunas até mesmo para as pessoas que estavam em tratamento (cf. Vídeo D.1): “percebi a importância que é falar sobre o HIV, não só para as pessoas que estão fora desse círculo [...] mas para os próprios soropositivos, que às vezes não tem a informação necessária, por falta de curiosidade”. Demonstra-se, portanto, que há demandas por esclarecimentos pontuais sobre a respeito das rotinas de medicalização, e que podem ser supridas a partir do intercâmbio de experiências entre sujeitos, sendo que as comunidades virtuais promovem um ambiente interativo para que essas trocas aconteçam.

O entendimento do ato narrativo enquanto potência política é registrado por Léo no vídeo alusivo a seis anos de vivência soropositiva (cf. Vídeo D.3): “era apenas fazer um *audiobook* né, porque eu já tinha escrito um livro, e aí eu comecei a fazer o canal, [...] contando os capítulos do livro, pra deixar vinculado com as confissões, e a partir disso o canal começou a crescer”. O influenciador digital recorre a expressões como “fortalecimento”, “acolhimento” e “conscientização” para se referir às ações realizadas no âmbito do canal, e sobre como essa atividade também possibilitou mudanças em relação aos modos de pensar e agir a partir da internet. No mesmo relato (cf. Vídeo D.3), Léo expõe que após determinado momento “essa luta se intensificou de uma maneira, de sobrevivência mesmo, que a gente tá passando. Principalmente com tudo o que acontece com as políticas públicas de Aids né, HIV, aqui no país”. São palavras que integram o léxico das redes de solidariedade criadas ao redor da Aids desde os contornos iniciais de pandemia (SILVA, 1999) e que indicam um grau de engajamento cívico perante situações críticas, onde o vlog qualifica-se como plataforma para formar pontos de acesso a mobilizações sociais através de conteúdos denunciante.

A responsabilidade ativista é simultânea às tarefas de influenciador digital, uma categoria que Léo reconhece quando faz alusão aos quatro anos de atividade no canal e avalia a relevância da página (cf. Vídeo D.4): “eu percebo o impacto que tem na vida dos outros, o trabalho que todos nós fazemos enquanto influenciadores que falamos sobre essas questões de saúde, principalmente questões que tem tanto estigma e

discriminação quanto o HIV”. Para o criador, esse é um papel que se dá na interação com outras pessoas, e que se expressa através de redes de apoio elucidadas por meio de mensagens de conforto trocadas nos ambientes digitais. Frequentemente são produzidos vídeos explorando tais interações, cujos depoimentos são exibidos com o intuito de demonstrar a dimensão cordial e acolhedora do canal. Ao mesmo tempo, essa publicização acarreta outras manifestações de estigma, a exemplo das queixas de “romantização” do HIV tomadas pelo fato de se abrir a discussão na internet. A respeito disso, Léo enfatiza em outro momento (cf. Vídeo D.2), que o propósito do debate não é de banalizar a infecção, mas pelo viés de que “contamos a nossa história pra mostrar que existe uma superação ali, e que caso um dia qualquer pessoa fizer um exame e der positivo pra HIV, der reagente pra HIV, existe sim uma alternativa”. São narrativas que exploram a perspectiva da resiliência (AZEVEDO, 2019), figura de oposição às metáforas de condenação e de morte elaboradas no imaginário social da Aids durante as primeiras coberturas noticiosas.

Figura 21 – Infográfico “Atividades em *Confissões de um Soropositivo*”.



Elaboração do autor (cf. Apêndice B e Apêndice C).

As projeções sobre a atividade do canal (Figura 21) propiciam localizar uma atuação mais intensa no ano de 2019, em relação aos demais. Refere-se a um período a partir do qual os conteúdos foram explorados, incisivamente, em críticas a respeito do presidente da República em exercício – e todo o contexto associado à sorofobia evidente nas declarações e políticas públicas do HIV – e nas estratégias de visibilidade soropositiva desenvolvidas em conjunto com influenciadores de outros canais. Reflete um momento em que os vídeos de abordagem opinativa se tornaram mais frequentes, em conformidade com a conjuntura social e política específica àquela situação, e que inserem o vlog na qualidade de espaço de mobilização comunitária e de contestação cultural, modelo experimental para capacitação e transformação coletiva em reação às estruturas opressoras da sociedade (PARKER, 2000). Revela-se, portanto, como um tipo de marco divisor entre o “relatar a si” e o “incitar a partir de si”, que caracteriza o cunho político das narrativas autobiográficas.

Quando se considera o panorama geral dos conteúdos no canal, os subtemas ressaltados na Figura 21 permitem mapear a produção discursiva da página em torno dos eixos discursivos: *a*) saúde sexual (transmissão de HIV; tratamento antirretroviral; hábitos mais saudáveis; prevenção combinada), *b*) estigma psicossocial (armário soropositivo; auto-aceitação; desejo e relações afetivas; discurso de ódio – como fio condutor para os vídeos sobre Bolsonaro), *c*) cidadania e direitos (distribuição de medicamentos); e *d*) ações políticas (campanha social; visibilidade soropositiva). Os vídeos sobre rotina pessoal permitem explorar múltiplos desdobramentos da vida, de modo sutil, através das narrativas e crônicas do cotidiano. Outro aspecto em evidência na observação das atividades do canal consiste na mudança da identidade visual, que se associa ao nome utilizado aqui, de *Confissões de um Soropositivo*. O canal passou a se denominar *Léo Cezimbra*, pelo qual se nota a reivindicação de um caráter mais subjetivo, tom pessoal, assinatura ou vínculo mais efetivo à imagem do realizador. É um aspecto que também se percebe na mensagem introdutória dos vídeos, quando comumente era usada a expressão “E aí, pessoal, aqui é o Léo, do Confissões de um Soropositivo”, sendo o cumprimento reduzido para “E aí, pessoal, aqui é o Léo”. São detalhes que permitem compreender deslocamentos no sentido de distanciar a ideia inicial, vinculada ao livro, do canal atual, como uma espécie de reconfiguração dada apropriação das lógicas de marketing – cuja marca se expressa pelo próprio nome do influenciador – enquanto elemento estratégico para firmar a identidade pessoal nos discursos que passam a integrar a #EsferaPositiva.

5.2 *Projeto Boa Sorte*

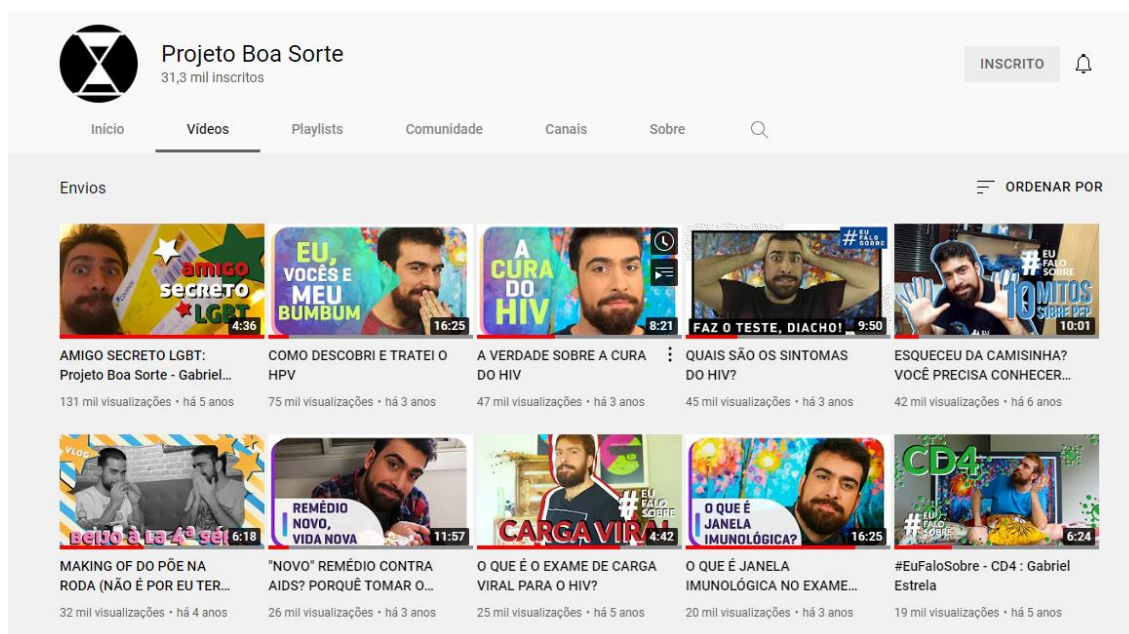
“Poético e confessional” são os adjetivos que Maggio (2015) usa ao descrever o musical “Boa Sorte”, escrito e dirigido por Gabriel Estrela. Na peça, o ator reconstitui, no recurso da arte dramática, os fatos que sucedem a descoberta de viver com HIV, que aconteceu no ano de 2010, aos 18 anos de idade. O choque diante do diagnóstico, a superação de estigmas, revelação à família e amigos, adaptação às rotinas médicas, todos os momentos foram convertidos em atos no teatro musical, que fazem parte da sua formação em Artes Cênicas. Nascido em Goiânia, criado em Brasília, Gabriel viu a linguagem artística como forma de expressão e como meio para sensibilizar pessoas a respeito dos preconceitos que envolvem a vida soropositiva. No YouTube, o canal *Projeto Boa Sorte* foi iniciado com a publicação de vídeos curtos, que remetem à peça, e com falas de profissionais médicos e do meio artístico na qualidade de adesão à campanha #EuFaloSobre, lançada por Gabriel na internet como forma de promover a discussão e debater questões relacionadas ao HIV e Aids. Foi a partir desse instante que ele começou a publicar conteúdos em vlog no canal, explorando narrativas sobre os aspectos sociais e culturais da síndrome, entre rumores e rotinas que englobam as vivências da PVHIV.

Gabriel escolheu o nome “Boa Sorte”, tanto para a peça quanto para a página na internet, em alusão simbólica ao momento em que conheceu o resultado do exame reagente para o HIV. Em entrevista a Knoploch (2015), o ator lembra que eram trechos de uma música que estava ouvindo na sala de espera do laboratório, e que remeteram a uma sensação de tristeza, de estar tudo acabado diante do diagnóstico positivo. Há, na escolha do nome, um gesto ressignificador da trajetória e do teste em si, no que se refere às associações entre laudo médico e o imaginário social da Aids, elaborados em torno de imagens mórbidas, histórias de sofrimento e de morte retratadas por meio das principais narrativas nas décadas de 1980 e 1990. Ao se desdobrar na campanha #EuFaloSobre, na ocupação de espaços através da internet, o projeto encaminha-se no sentido de romper silenciamentos e de promover fissuras desse imaginário, sendo que pela figura do criador de conteúdos se assume o caráter subjetivo, performativo e dialógico para a abordagem do tema, incipiente na esfera pública digital⁹⁰.

⁹⁰ O Quadro C.1, no Apêndice C, possibilita visualizar o volume de publicações em vídeo no YouTube, por ano, pelos criadores digitais. O *Projeto Boa Sorte* é antecedido pelos conteúdos pessoais no canal *João Geraldo Netto*, pela lista temática no *Chá dos 5*, e pelo anonimato de *Positivo Matheus*.

As ações desenvolvidas no âmbito do canal do YouTube prosperaram e deram a Gabriel Estrela reconhecimento social e visibilidade midiática, expresso não apenas em números de visualizações nos conteúdos da página, mas pela repercussão obtida nos demais veículos de comunicação. O ator protagonizou a capa da revista *Galileu*, em agosto de 2017, participou do documentário “Youtubers e HIV”, realizado no ano de 2018 pela Agência Nacional de Notícias da Aids, também das peças audiovisuais da campanha “Deu Positivo, e Agora?”, promovida pela UNAIDS em 2018, e ainda do documentário “Carta para Além dos Muros”, lançado em 2019 e veiculado através da plataforma Netflix. Segundo os relatos no canal, o engajamento com outros setores da sociedade foi firmado através de palestras e oficinas ministradas, pelas quais seu papel de influenciador articulou-se ao trabalho de ONGs, instituições públicas e outras entidades que atuam no enfrentamento do HIV e Aids no Brasil.

Figura 22 – Página *Projeto Boa Sorte* > Envios > Vídeos mais populares.



Fonte: YouTube. Captura de tela (07 maio 2022).

O vídeo mais visualizado no canal faz parte de uma série de conteúdos que foram realizados em conjunto com outros criadores LGBT+ no YouTube, e integra a dinâmica “Amigo Secreto”, concebida na troca de presentes mediante sorteio. É uma narrativa lúdica, contextualizada nas festividades de réveillon, cuja estratégia midiática se define pela associação com quatorze outros atores da rede, organizados em uma *playlist*, onde cada página teve seu próprio vídeo e, a partir delas, toda a brincadeira se desenvolve na perspectiva de adivinhação da pessoa sorteada da vez. Os outros

conteúdos na relação dos envios mais populares são desenvolvidos em abordagens explicativas de elementos pertinentes à detecção do HIV, como sistema imunológico, quadros sintomáticos da infecção e modelos preventivos de transmissão do vírus. São histórias que contemplam os aprendizados individuais de Gabriel acumulados a partir das consultas médicas, dos estudos técnicos para aprofundamento informativo sobre os assuntos, e das respostas observadas em relação ao próprio corpo durante o tratamento. Expressam, assim, conhecimentos práticos construídos nas vivências de medicalização e nos âmbitos investigativos para a construção dos conteúdos para o canal, ambos textualizados na ordem da experiência pessoal.

Segundo o ator, a criação do canal é determinada pela vontade de promover espaços seguros, redes de apoio e de afeto, simbolizados como encontros benéficos, que priorizem a troca de informações, referências e perspectivas humanizadas, como bem descreve uma de suas falas: “Espaços em que a gente pode confiar que existem pessoas ao nosso redor que vão nos fazer bem, ou que talvez não vão nos fazer bem, mas que não nos façam mal, talvez nos façam companhia só” (cf. Vídeo D.5). Nessa mesma transmissão, Gabriel explica a metáfora da ampulheta, em alusão ao tempo enquanto agente de aprendizado, de transformação que perpassa as reconfigurações da vida: “considerem-se grãosinhos já nessa ampulheta, grãosinhos dessa ampulheta que se vira e revira nessa perspectiva e começa processos novos, e que está sempre em movimento, e nós somos todos grãos dessa ampulheta juntos” (cf. Vídeo D.5). Trata-se, pois, de apresentar o *Projeto Boa Sorte* como um ambiente gerado no ideal da comunicação não violenta⁹¹ e, então, propício ao diálogo, à construção de redes baseadas no acolhimento, com as quais o indivíduo pode se expressar, se afetar, interagir e reconstruir-se de forma constante.

O “espaço seguro” idealizado por Gabriel se contrapõe ao ambiente de regras e convenções fixas que se inscrevem no discurso das instituições de poder. Santos (2007) as narrativas individuais em torno da sorologia como, entre outros aspectos, uma relação intersubjetiva que implica na incorporação de saberes e na reorganização da pessoa em torno da corporalidade. O pesquisador discorre que “se o conhecimento

⁹¹ É um princípio tratado por Rosenberg (2006), baseada no desenvolvimento de “habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas” (p. 21). Refere-se a um estado de atenção, no sentido de observar e identificar comportamentos e condições que afetam os indivíduos em suas relações e, diante disso, elaborar respostas que minimizem posturas defensivas e reações violentas (presentes no estado compassivo das pessoas) em diversos níveis de comunicação, de relacionamento e situações.

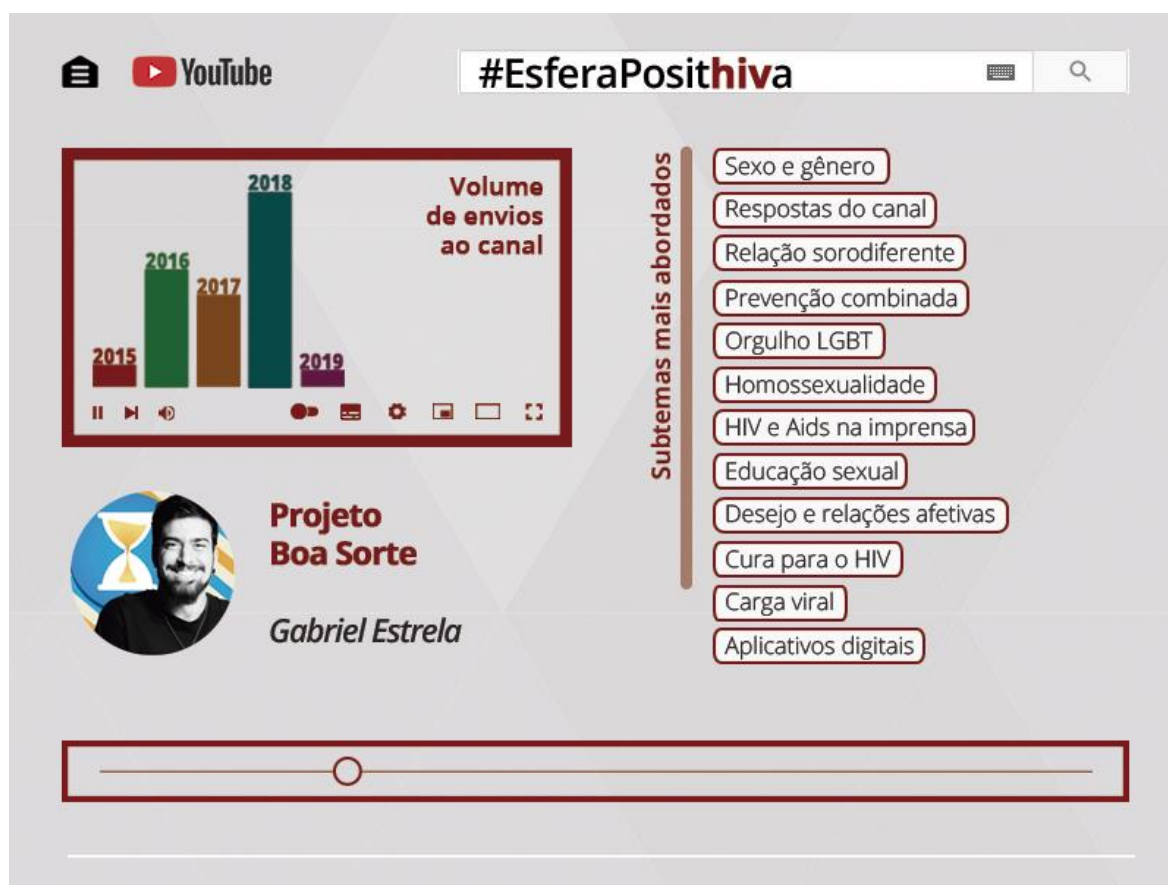
biomédico tende a reduzir a doença ao domínio físico, a explicação dada pelos atingidos remete a um entrelaçamento entre lógica simbólica e ordem social empírica” (SANTOS, 2007, p. 155). O narrador no *Projeto Boa Sorte* é um personagem que se apropria da linguagem coloquial do vlog diário para apresentar itinerários da condição soropositiva e, no ambiente conversacional gerado pelos comentários na página e por mensagens diretas, amparar narrativas despertadas pela troca informativa, de pontos de vista e de vivências plurais. É um espaço que contempla o diálogo promovido em convites frequentes a outros personagens, entre profissionais, ativistas, criadores de conteúdo da internet e pessoas de seu convívio social, para expor e debater questões atravessadas em suas representações sociais.

Em outra transmissão, o ator enfatiza o valor das relações como a mensagem principal do canal: “eu não venho do lugar de um profissional de saúde, e eu não quero vir desse lugar, eu gosto de passar por esse lugar, [...] eu acho muito importante que a gente veja o corpo não como fisiologia, mas como um lugar onde atravessam relações” (cf. Vídeo D.6). Há um posicionamento crítico em relação às normatividades que constroem discursos da ordem clínica que, para o criador digital, são vinculados a saberes tradicionais que não contemplam desejos e identidades dissidentes. É uma visão que cativa a linguagem como atributo de empatia, de partilha de significados, e que pode representar modos de agir sobre a fisiologia do corpo, aproximando-se da noção apresentada por Alves e Rabelo (1999), que propõem entender a enfermidade como “experiência que se constitui e adquire sentido no curso de interações entre indivíduos, grupos e instituições” (p. 171). Segundo o pensamento dos pesquisadores, as construções intersubjetivas, instituídas por meio das metáforas que se formam nos processos comunicativos, contribuem para pensar as práticas no campo da saúde e doença. A linguagem é concebida, portanto, na qualidade de elemento-chave para se alcançar a experiência subjetiva nas situações de sofrimento individual.

Além da consciência da produção discursiva no canal, Gabriel também assume a consciência do seu papel enquanto influenciador na esfera pública digital. No vídeo alusivo ao aniversário de três anos da página (cf. Vídeo D.7), o ator descreve os principais acontecimentos que qualificaram a atividade no YouTube como um negócio que o permitiu participar de eventos, receber prêmios, aparecer em revistas e em programas de TV, assim como participar de eventos internacionais especializados na comunicação digital. A estrutura profissional foi anunciada como uma das mudanças, com o apoio de uma equipe remunerada para realizar processos de gravação e de

edição, o que resulta num produto audiovisual esteticamente bem elaborado, com maior potencial de retenção e alcance pelas propriedades técnicas dos vídeos. Para o influenciador, a plataforma do YouTube é relevante para promover processos de educação e de saúde, e ao projetar o ambiente enquanto empreendimento, o ator apreende a atividade no ponto de vista de carreira profissional e, assim, demanda compromisso com o nível de qualidade da produção realizada.

Figura 23 – Infográfico “Atividades em *Projeto Boa Sorte*”.



Elaboração do autor (cf. Apêndice B e Apêndice C).

Dos vídeos disponíveis para visualização pública na página do canal⁹², pode-se verificar que são predominantes os conteúdos, considerando a ordem decrescente, de abordagem opinativa, informativa e testemunhal. A respeito do volume de vídeos, levando em consideração os conteúdos em modo público, a maior atividade no ano

⁹² Alguns vídeos estavam em modo privado na página, num segundo momento em que as informações da análise de conteúdo foram realizadas, o que foi possível verificar quando os links disponíveis no perfil do canal pelo Twitter direcionavam para uma página que informava “Vídeo indisponível – Este vídeo é privado”. Sendo assim, o total dos vídeos que compõem a análise de conteúdo no *Projeto Boa Sorte* não corresponde ao total de vídeos publicados durante todos os seus anos de atividade.

de 2018 coincide, entre outros fatores, à notoriedade obtida na participação em textos divulgados na mídia sobre a atuação no YouTube, no ano anterior, das colaborações realizadas com influenciadores de outros canais, e do aprimoramento na estrutura de produção audiovisual, ocasionado no trabalho em equipe. Em 2019, ano em que se constata o menor volume de publicações, Gabriel anunciou o “fim do canal” através de uma transmissão (cf. Vídeo D.8), justificando que naquele período “eu preciso de tempo e espaço pra fluir a minha arte. [...] as pessoas começaram a me ver mais como produtor de conteúdo de saúde do que como artista, e isso começou a me doer”. Em tom de despedida, o ator agradeceu todos os apoios recebidos, as relações sociais e parcerias construídas, mas também alegou o preconceito sofrido por marcas que não queriam incentivar a página e vincular sua imagem ao canal, o que limitou a viabilidade das atividades no modelo que estava seguindo. Anunciou o nome artístico adotado na carreira musical, Gaê, e algum tempo depois alterou toda a identidade da página, que passou a chamar *Som de Gaê* (cf. Anexo A, Figura A.7). Mais tarde, o canal voltou a se chamar *Projeto Boa Sorte*, alguns vídeos retornaram ao modo público (cf. Anexo A, Figura A.8), e outro canal foi criado para a divulgar carreira musical de Gaê.

Dos conteúdos analisados, foram identificados os seguintes eixos discursivos na produção narrativa: a) saúde sexual (prevenção combinada; educação sexual; cura do HIV; carga viral); b) estigma psicossocial (relação sorodiferente; desejo e relações afetivas; orgulho LGBT; homossexualidade; aplicativos digitais – cujo enfoque era pela comunicação violenta em aplicativos de relacionamento); e c) memória cultural (HIV e Aids na imprensa). O indicador “respostas ao canal” refere-se ao conjunto de vídeos destinados a responder comentários gerais deixados pelos “grãozinhos”, e para prestar informações sobre produções futuras no âmbito da página. A identidade visual da página no YouTube, após o retorno, remete simbolicamente ao período em que recebeu o diagnóstico reagente para HIV. A ampulheta, antes colorida, foi substituída por uma figura em preto e branco. A nova imagem do cabeçalho ficou composta por três fotografias: uma da época do início do canal, a que estampou a capa da revista *Galileu* em 2017, e a última com o novo visual de Gaê. Abaixo das imagens, a mesma letra de música que ouviu enquanto esperava o resultado do seu exame, aos 18 anos: “É só isso. Não tem mais jeito. Acabou”. Em outra seção, um texto informa: “[CANAL DESATIVADO] Vídeos sobre HIV/Aids, saúde sexual, prevenção e diversidade. Sem previsão de novos vídeos. [...] Gabriel Estrela agora se dedica 100% a sua carreira artística sob o nome artístico de Gaê”.

5.3 *Super Indetectável*

Um personagem com super poderes, adquiridos na eficiência da TARV, com a supressão viral I=I, é como se constrói a figura do *Super Indetectável*, criada por João Geraldo Netto para dar nome ao canal no YouTube. Natural do município de Anicuns, que se localiza a 74 km de Goiânia e a 282 km de Brasília, João Geraldo tem formação profissional em marketing, e atuou como analista de mídias sociais no Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, do Ministério da Saúde. Recebeu informação sobre a sorologia positiva pra o HIV em 2008, aos 26 anos, mas a percepção do risco veio do médico que solicitou exames de rotina, conforme descreve em entrevista a Pereira (2019). Naquela época, a dinâmica do tratamento pelo SUS se dava de outra maneira, o que fez com que a terapia medicamentosa tivesse início somente quatro anos após o diagnóstico e, por isso, ficou dez anos sem receber tratamento contra o vírus, pois nunca havia adoecido. Com a mudança na sistemática do SUS, conseguiu iniciar a TARV e, com isso, a documentar as rotinas do tratamento através de uma página de vídeos pessoais no YouTube.

Em uma transmissão com o propósito de descrever sua trajetória, João Geraldo relata sobre quando surgiu a ideia de usar o vlog como espaço pra falar de HIV, numa época em que pouco se debatia o assunto nos SRS: “eu falava da minha vida, das minhas coisas, e eu percebi, até mesmo na minha terapia, que enquanto eu falava eu também me sentia melhor. Então eu ia identificando algumas questões, que estavam dentro de mim, e que eu não percebia ainda” (cf. Vídeo D.12). Sendo assim, havia um efeito terapêutico sobre o hábito de ligar a câmera e relatar as percepções, impressões e entendimentos a respeito da infecção, viabilizado pela linguagem confessional dos blogs. O primeiro vídeo criado para o *Super Indetectável* foi divulgado em janeiro de 2017, e estabelece uma espécie de marco divisor entre as narrativas pessoais e os conteúdos enfocados na abordagem do fenômeno cultural e político do HIV, conforme justifica: “eu também quis desvincular o meu canal pessoal, onde eu colocava coisas sobre a minha vida, e profissionalizar o conteúdo, fazer um conteúdo mais organizado, mais bonito, com um som melhor, com uma imagem melhor” (cf. Vídeo D.12). Nessa lógica, o *Super Indetectável* é compreendido como estratégia de comunicação digital que faz parte da vida de João Geraldo, mas que busca um distanciamento da esfera íntima para abordar a soropositividade através de outra perspectiva.

Os conteúdos estão organizados na página em *playlists* e seções conforme a natureza do vídeo e o tipo de abordagem realizada. As duas principais são “Ciência Descomplicada”, que agrupa as listas “É preciso falar de...” e “Rapidinhas”, destinadas à divulgação de informações científicas acerca do HIV, e “Vlog”, que reúne as listas “Opinião” e “Pelo mundo”, que exploram posicionamentos e registros documentais de viagens. Há também a seção “Colab”, que agrupa listas como “Super papo”, “Ciência com pipoca”, “Super resenha”, “Lives” e “Participações”, onde se encontram os vídeos realizados em parcerias com outros influenciadores, conversas e entrevistas para o canal, e colaborações diversas em conteúdos externos. Na lista “Participações” foram adicionados os vídeos temáticos do HIV e Aids que foram divulgados no canal anterior, *João Geraldo Netto*, de modo a compor anexos da trajetória do influenciador através do YouTube.

Figura 24 – Página *Super Indetectável* > Envios > Vídeos mais populares.

Super Indetectável
64,4 mil inscritos

SEJA MEMBRO INSCRITO

Início Vídeos Playlists Comunidade Canais Sobre

Envios

ORDENAR POR

Vídeo	Visualizações	Data
RETIRADA DE SPLINTS NASAIS APÓS CIRURGIA NO NASALIZ	2,1 mil	há 1 ano
COMO DESCUBRI QUE TINHA HIV SUPER INDETECTÁVEL	839 mil	há 3 anos
PRIMEIROS SINTOMAS DA INFECÇÃO PELO HIV	813 mil	há 3 anos
AUTOTESTE ANTI-HIV COMPRADO DA FARMÁCIA ...	365 mil	há 4 anos
NOVA VARIANTE DO HIV CHAMA A ATENÇÃO DA...	191 mil	há 3 meses
CIRURGIA DE CORREÇÃO DE SEPTO, PÓLIPOS NASAIS E...	185 mil	há 1 ano
QUAL É A JANELA IMUNOLÓGICA DO HIV ...	122 mil	há 3 anos
QUAL O MAIOR RISCO PARA SE INFECTAR COM HIV...	107 mil	há 3 anos
COMO NAMORAR ALGUÉM QUE VIVE COM HIV OU AID...	105 mil	há 3 anos
EXPECTATIVA DE VIDA DE PESSOAS COM HIV ...	91 mil	há 4 anos

Fonte: YouTube. Captura de tela (07 maio 2022).

Numa visão geral sobre os vídeos mais assistidos do canal, constata-se que os conteúdos mais populares são os desenvolvidos em torno de abordagem informativa a respeito do vírus, e os que se dedicam a tratar a temática a partir na perspectiva da subjetividade. Há, portanto, um equilíbrio entre o vídeo confessional e o de divulgação científica, também notado na proporção do material produzido. Para João Geraldo, a atividade na manutenção da página é motivada pela pretensão de constituir uma fonte para informações seguras, “eu sempre falo que são baseados em evidência científica,

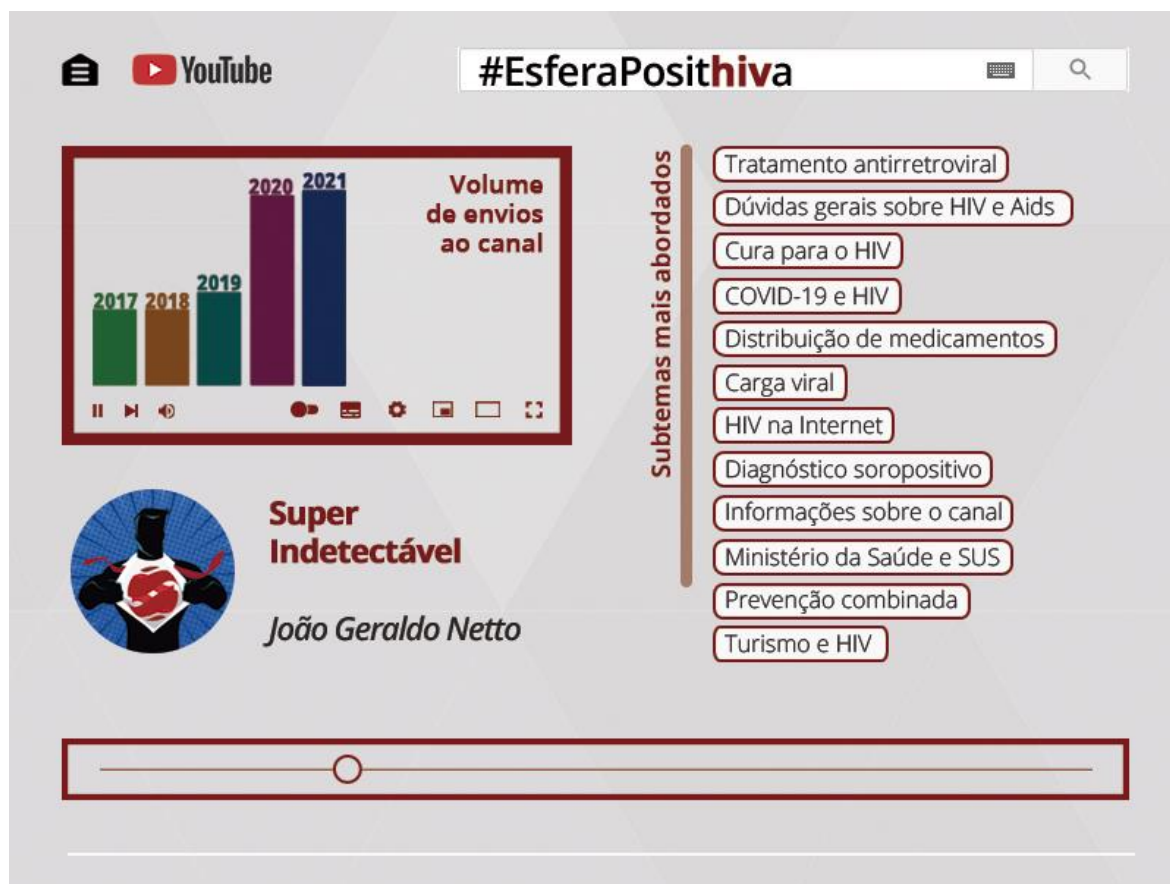
exceto, é claro, os que eu faço que são opinião. [...] são todos baseados em evidências científicas e evidências comunitárias, que também são muito importantes” (cf. Vídeo B.12). Nesses termos, a informação segura é construída em oposição às abordagens sensacionalistas, ambíguas, que provocam interpretações equivocadas da realidade e contribuem para os processos de sofrimento da pessoa com HIV.

Quando se refere às ações que desenvolve no canal, João Geraldo enfatiza o caráter político que se exprime na produção dos vídeos, do lugar social que assume na plataforma online: “Eu costumo dizer que eu não sou youtuber, apesar de fazer vídeos para o YouTube, eu me considero um ativista que faz vídeos, tá? [...] o meu interesse é levar informação pr’as pessoas” (cf. Vídeo D.9). Embora o ambiente dos SRS seja definido em função de métricas de desempenho, em razão do mercado de atenção baseado na programação algorítmica, o criador de conteúdos reconhece a influência dos quantitativos acumulados na página, mas dedica-se a um trabalho que prioriza a informação à lógica comercial. Ao mesmo tempo, os contextos produtivos são balizados por um *modus operandi* que filtra os pontos de vista relevantes ao canal, quando o influenciador afirma que “a gente não vai compartilhar coisas negativas, a gente não quer compartilhar protestos é... negativos [...] matérias vão ser sempre compartilhadas, matérias positivas, vídeos vão ser sempre feitos com visão positiva” (cf. Vídeo D.9). Destaca-se no princípio da posituação evidenciado pela última fala o tratamento narrativo de selecionar aquilo que potencializa o conhecimento científico, em detrimento ao que reforça o estigma que recai sobre as PVHIV. Exprime-se, acima de tudo, uma produção audiovisual enquanto prática de acolhimento, mas um tipo de acolhimento pautado pela informação como motor para a gestão de si.

É uma estratégia que Bastos (2018) havia observado, quando analisou os blogs como práticas de transvaloração do corpo soropositivo, em desassociação à sentença de morte ou ao sentimento individual de fracasso ou de culpa em razão do diagnóstico reagente para HIV. Acolher a faceta “positivada” numa discussão que envolve corpos e desejos estigmatizados, ao contrário do que se tem queixado em conversações nas redes, não representa um gesto de “romantização” do HIV. De outro modo, aproxima-se mais do que Bastos (2018) interpreta sobre a apropriação dos meios narrativos no ambiente digital como “potência para a desconstrução dos monstros que assombram nossa cultura e reconstrução de modos outros” (p. 114). À medida que tais discursos elaboram um movimento de desconstrução e de reconstrução da figura do HIV, são oportunizados processos críticos e emancipatórios em torno das lógicas e estruturas

de subjetivação, instituídas na valoração monstruosa da soropositividade. Ao mesmo tempo, refere-se como um posicionamento “neuro” do canal em relação às cenas de polarização política emergentes na esfera pública digital.

Figura 25 – Infográfico “Atividades em *Super Indetectável*”.



Elaboração do autor (cf. Apêndice B e Apêndice C).

Caracteriza a produção discursiva no *Super Indetectável* os vídeos realizados, pela ordem descendente de predominância, em abordagens opinativas, informativas e testemunhais. O maior volume de conteúdos publicados engloba o período de 2020 e 2021, que coincide com a deflagração da pandemia de COVID-19, e que se projetou na atividade do canal em torno de discussões acerca do coronavírus e suas relações com o HIV. Ao observar os subtemas mais explorados na página, situam-se os eixos discursivos seguintes: a) saúde sexual (tratamento antirretroviral; dúvidas gerais sobre HIV e Aids; cura para o HIV; COVID-19 e HIV; carga viral; diagnóstico soropositivo; prevenção combinada); b) cidadania e ação política (distribuição de medicamentos; turismo e HIV; Ministério da Saúde – no que se refere às políticas públicas brasileiras); e c) memória cultural (HIV na internet; informações sobre o canal). Um recurso que é

bastante utilizado nos vídeos do canal é o auxílio de gráficos na tela para representar as informações faladas, assim como acontece nos textos de divulgação científica. No campo de descrição do vídeo, João Geraldo costuma dispor links de redirecionamento para os estudos que embasam as falas no vídeo, como notas de referência para quem deseja conferir ou aprofundar os conhecimentos narrados nos vídeos.

O canal *Super Indetectável* no YouTube coexiste com o site, do mesmo nome, que dispõe alguns dos conteúdos publicados na plataforma de vídeos, e reúne outros elementos do projeto (cf. Anexo D, Figuras D.19 a D.22). É mais um ponto de acesso aos produtos audiovisuais, e também para outras estratégias de comunicação digital elaboradas por João Geraldo. Uma delas é a Rede Mundial de Pessoas que Vivem e Convivem com HIV, grupo virtual instalado a partir do Facebook, reservado a membros mediante aprovação de moderadores, com a função de centralizar conversas sobre a soropositividade, estabelecer e fortalecer vínculos comunitários e dispor de redes para apoio e acolhimento através da internet a pessoas em qualquer lugar do planeta. Bem assim ocorre nos aplicativos do WhatsApp e Telegram, serviços do tipo mensageiro instantâneo que oferecem a ferramenta de conversação temática. Nesse cenário, o *Super Indetectável* pode ser visualizado como uma entre as ações iniciadas por João Geraldo, tanto para promover a discussão sobre o HIV na esfera pública digital, como na extensão que finda por assumir, de prover informações gerais sobre saúde sexual e reprodutiva.

A modalidade de conversação através da Rede Mundial é mencionada por João Geraldo como um fator impulsionador para a criação de relações sociais por meio da internet. Segundo o influenciador, esse tipo de interação foi despertado em alternativa aos encontros presenciais em ONGs e centros de saúde, dos quais tinha dificuldade em participar devido a conflitos com horários de trabalho, pelo qual relata: “por que a gente não cria um grupo fechado, o mais fechado possível, onde a gente pode trocar ideia e conversar sobre coisas que fazem parte da nossa realidade, mas não fazem parte da realidade de todo mundo?” (cf. Vídeo D.11). Com o *insight*, veio a iniciativa em criar tal espaço na internet, e construir relações mais próximas com outras pessoas que viviam a mesma situação, ideia que funcionou e se tornou uma ferramenta para sociabilidade e debate público, tanto para indivíduos soropositivos quanto para “quem não vive, mas convive, por exemplo parcerias né, de pessoas que vivem com HIV, e familiares, amigos muito próximos e até mesmo profissionais de saúde, que não vivem com HIV necessariamente, mas convivem” (cf. Vídeo D.11).

Ao analisar os espaços de conversação na Rede Mundial, Oliveira Neto (2015) destaca elementos relevantes ao tipo de associação nesse tipo de interação, entre os quais a praticidade em integrar redes de acolhimento, dispensando a necessidade de deslocamento para centros urbanos, manutenção da privacidade, com a qual se pode permanecer nestes espaços mediante acordos de visibilidade, e ainda do recurso de ajuda mútua para o esclarecimento de dúvidas gerais sobre o tratamento, ou ainda de situações familiares específicas, sem que isso acarrete julgamentos pessoais. Há, na análise do pesquisador, um aparente conforto na privacidade a partir desses espaços, e que consolidam a comunidade virtual como um ambiente confiável para a obtenção de informações e expressão da intimidade, uma fonte de amparo pela qual socializam-se modos de lidar com as adversidades na infecção pelo HIV, e também estimulam o cuidado de si. Tais práticas são entendidas como forma de suprir lacunas existentes nos serviços públicos de saúde, no que contempla as iniciativas para o acolhimento e para o enfrentamento do estigma relacionado ao HIV e Aids.

Tendo em vista que o *Super Indetectável* é parte de uma estratégia combinada de comunicação digital de João Geraldo Netto, os conteúdos audiovisuais partilhados a partir do YouTube são percebidos enquanto uma instância discursiva, dentro de uma rede semântica mais ampla, e que atua na produção de significados a respeito do HIV e Aids, enquanto fenômeno epidemiológico, social e cultural. Ao conduzir as narrativas pelo viés da divulgação científica, conduz a discussão pelo viés objetivo, mediante o acompanhamento e embasamento em pesquisas na área, ao mesmo tempo em que atravessa questões de subjetividade, marcadas na experiência pessoal. João Geraldo carrega em suas falas os múltiplos lugares por onde transitou, seja pela condição de indivíduo soropositivo em determinado estágio dos tratamentos do vírus, pelos rumos profissionais na formação em marketing, ou pelas fluências em espaços de ativismo social e político. São espaços plurais captados na palavra, e acessados pela escrita audiovisual nos itinerários digitais que elaborou para se fazer fluir.

5.4 Drew

Rotinas de preparação artística, bastidores de espetáculos, *making off* da vida teatral retratados na tela online: assim foi criado o canal *ENTREATO*, com o intuito de registrar o cotidiano profissional de Andrew Persí, ator e produtor teatral, e do coletivo

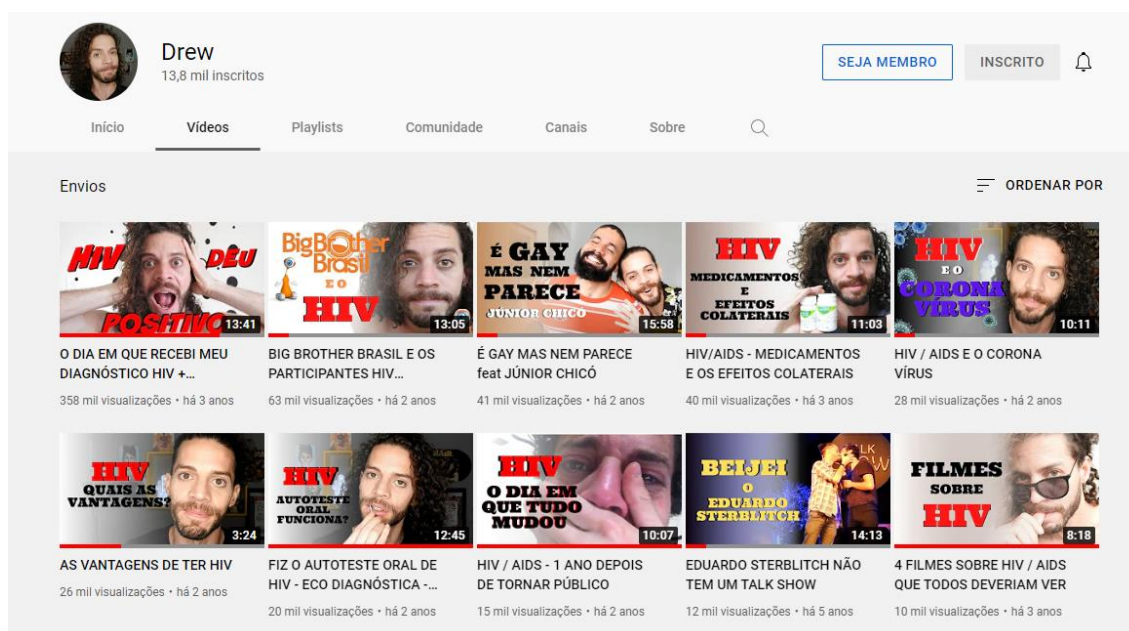
artístico que recebeu o nome da página. Seguindo a dinâmica narrativa do vlog, outras temáticas foram incorporadas aos itinerários retratadas nos vídeos, pelo engajamento do criador nos debates sobre relações de gênero, culturas e políticas da sexualidade humana, violências simbólicas e formas de opressão na sociedade. Na linha do tempo do canal, já denominado apenas *Drew*, em 14 de janeiro de 2019 foi quando publicou um vídeo pelo qual tornou pública sua condição sorológica para o HIV, data simbólica na vida do ator, dia de seu aniversário. A partir de então, construiu a rotina de publicar conteúdos sobre percepções, sentimentos, contestações, combinando performance teatral e narrativa audiovisual com a intenção de partilhar aprendizados e informações sobre a soropositividade. Drew é natural de São José dos Campos, interior do estado de São Paulo, e cresceu em Santa Rita do Sapucaí, município mineiro que se localiza a 420 km da capital Belo Horizonte. Conheceu sua condição HIV+ em 2013, aos 27 anos de idade, e as memórias que compõem essa trajetória são a principal fonte para inspirar os relatos e intervenções através do YouTube.

A disposição dos conteúdos no canal é dada através de *playlists* organizadas de acordo com os contextos da vida e atuações profissionais de Drew. A seção “Tudo Que Já Foi – Entretato” reúne os vlogs diários gravados nos primeiros anos da página, os itinerários da produção artística na carreira teatral. Na lista “HIVida” são agrupados, de forma geral, os relatos e registros sobre a vivência soropositiva, e os temas que se desdobram dessa narrativa central. “Prosa Boa” é o nome da seção que reúne debates polêmicos, abordagens embrionárias à discussão assumida mais tarde pelo ator, bem como a seção “Pretexto” é composta por monólogos, leituras poéticas e interpretações de fragmentos literários, conduzidos na sensibilidade artística de Drew. Listas como “LGBTQIA+” e “Histórias de Orgulho” são compartimentos da página que demonstram o engajamento político com pautas coletivas em torno da sexualidade humana. São camadas pelas quais o mineiro se revela artista, cidadão, ativista e, no papel assumido pela difusão de conteúdos na rede, também influenciador digital.

A narração autobiográfica é explorada por Drew nas redes sociotécnicas e fora delas. Publicou um livro pela editora Literando (PERSÍ, 2020), que intitulou de *VIDAS: sobre todas as vezes que morri para que pudesse nascer outra vez*, onde refaz suas memórias e reelabora, no simbolismo da escrita, nascimentos e renascimentos dadas pelas circunstâncias vividas. As escritas de si no vídeo são carregadas de poesia, tão como no livro, e remixadas entre reminiscências audiovisuais, fragmentos da vida sob a forma de imagens e sons, acervo constantemente combinado e recombinação pelas

situações do tempo, sincronizadas para atribuir sentido às experiências cotidianas. É possível compreender os conteúdos produzidos para a internet à luz dos jogos cênicos no teatro, pela expressão com que a realidade se torna sensível e ganha significado, tanto pela carga emocional das palavras quanto da cinegrafia em si. O canal do Drew é construído pelas performances que a câmera e o software de edição possibilitam ao ator explorar, o âmbito da escrita biográfica, as narrativas de si e os percursos pelos quais deseja informar, emocionar e politizar as redes em torno da soropositividade.

Figura 26 – Página Drew > Envios > Vídeos mais populares.



Fonte: YouTube. Captura de tela (07 maio 2022).

Quando se observa a tela dos vídeos mais assistidos no canal, ressaltam-se elementos em comum, tais como a grafia da palavra “HIV” quase sempre dominante nas *thumbnails* em cor vermelha, não só enquanto modo de revelar o tema central do vídeo, mas pela carga dramática – associada à cor do sangue – que o próprio design representa, e que também exerce influência sobre a taxa de clique nos vídeos, quando aparece nas listas de recomendação. O contato visual com a câmera, estabelecido por meio dos planos de enquadramento fechados no rosto, é um fator que remete à personalidade, à efetivação de um laço mais próximo entre narrador e espectador⁹³. É

⁹³ Em outro momento, Drew revela que entende essa proximidade como uma intenção, que inclusive faz parte do nome atribuído ao canal: “eu pensei: o que é que me faz querer voltar a um canal, o que faz me sentir é... à vontade, e com vontade de assistir um conteúdo de um influenciador, é quando me sinto amigo dele, me sinto próximo, íntimo, e aí eu pensei: como é que eu me sinto querido pelas pessoas próximas, e íntimas, é quando me chamam de Drew. E aí eu pensei: então é isso, então eu quero que quem estiver do lado de lá, do lado daí, me chame de Drew. E que tenha

uma relação construída para abordar conteúdos são diversos, que exploram informações sobre mídia, saúde e a história de vida do ator. Um ano após publicar o primeiro vídeo expondo a sorologia, Drew recupera as imagens que gravou um dia antes de receber o resultado do exame, e o contrasta com o período atual à gravação: “eu tinha muito medo de tornar isso público, e medo de que eu sofreria, sofreria muito preconceito, sofreria muita rejeição [...] já foi incrível eu ter tirado um peso gigante das minhas costas como eu tirei, daquele silêncio todo onde eu vivia, mas foi além disso” (cf. Vídeo D.14). Há uma mensagem de superação de estigma, de medo, de segredo que havia sido instaurado em razão da sorologia, mas que havia se rompido e atingido outros níveis para sua vida social.

Na mesma transmissão, o produtor ainda reflete os deslocamentos vivenciados na prática do vlog, que derivam de um momento de ruptura com o silêncio, instituído nas lógicas de interdição discursiva (FOUCAULT, 1999) à tomada de consciência ao redor da causa política, quando expressa que tal rotina “se transformou num propósito, propósito de ajudar pessoas, propósito de através da informação chegar até essas pessoas e acolhê-las, e abraça-las e tentar mostrar de alguma forma pra elas que vai ficar tudo bem” (cf. Vídeo D.14). As informações produzidas por Drew dizem respeito não apenas aos contextos de superação do estigma, mas nas percepções do estigma em diversas outras situações, como textos na mídia, relacionamentos no cotidiano, e outras manifestações sensíveis. Na série #HistóriasdeOrgulho, o influenciador resgata as memórias do preconceito contra a população LGBTQ+ em minidocumentários sobre personalidades representativas no Brasil e no mundo, tais como Virgínia Woolf, Frida Kahlo, Marsha P. Johnson, Freddie Mercury, Cazuza, Renato Russo, Cássia Eller, e outros nomes na lista.

Enquanto narrativa documental, a série “O Som das Décadas” é outra produção marcante no canal, constituída em quatro episódios que buscam retratar as diferentes percepções sobre o diagnóstico de HIV+ ao longo das décadas, desde o surgimento da pandemia, nos anos 1980, às conjunturas em 2020. Trata-se de episódios criados e desenvolvidos na colaboração com dois influenciadores digitais, Diego Krausz e Thaís Renovatto, cuja trama reporta à evolução dos significados sobre o HIV e Aids no imaginário social, envolvendo questões relacionadas à noção de “grupo de risco”,

essa intimidade, que possa se sentir também meu amigo, e como se a gente estivesse ali numa mesa, tomando uma cerveja, conversando sobre assuntos” (cf. Vídeo D.16).

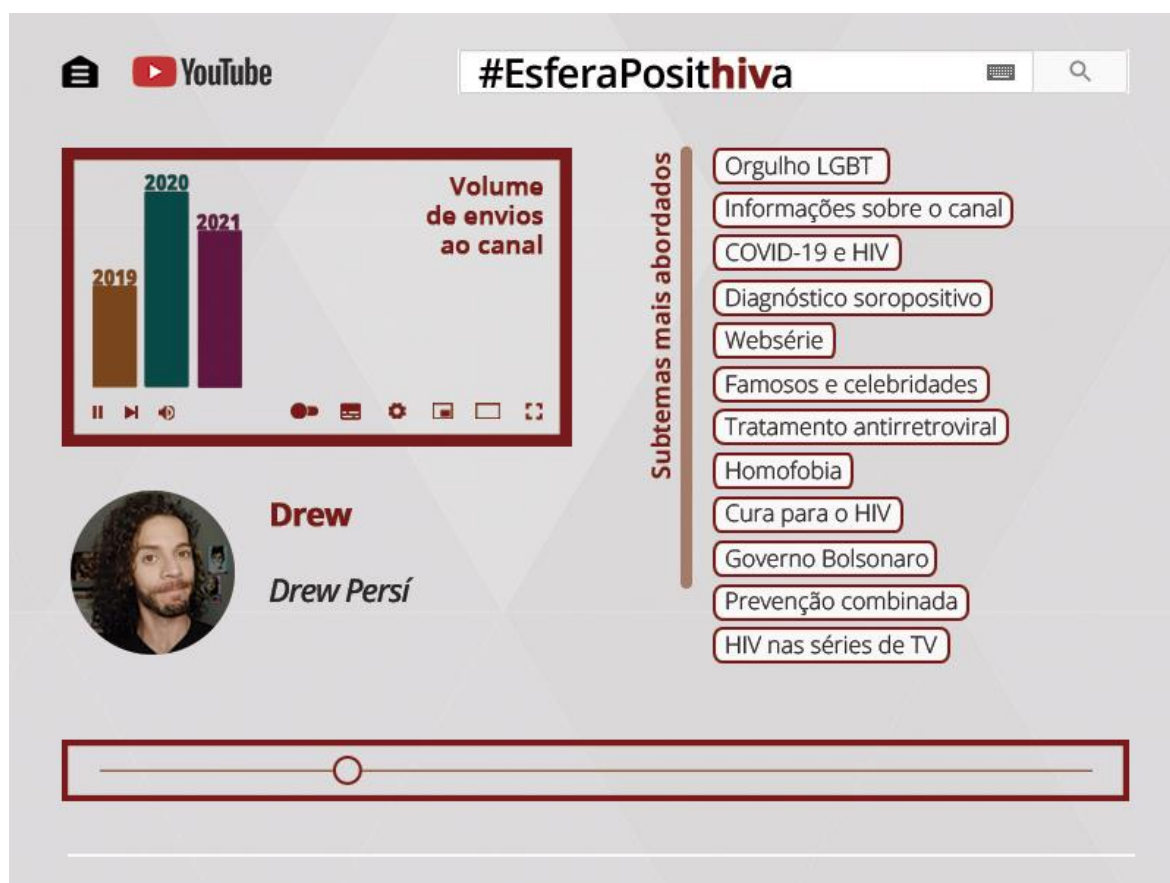
rotinas de medicalização, expectativas de vida e demais enredos que são enraizadas na subjetividade soropositiva no decorrer dos anos. Os episódios são acompanhados pela narração dos atores, sobre como a memória cultural da epidemia teve impactado nas suas próprias percepções, de modo que se demarcam os preconceitos erguidos, naturalizados através da linguagem, e como as redes de acolhimento se demonstram relevantes aos processos de tratamento e de constituição dos sujeitos.

A perspectiva do acolhimento é desenvolvida no canal do Drew por meio do campo de comentários que fazem parte da página do vídeo, e expandidas para outras plataformas. O influenciador mantém um grupo virtual no Telegram, denominado de “Escolha Viver”, que foi criado durante o período de distanciamento social ocasionado em decorrência da pandemia de COVID-19 (GRUPO..., 2021). Foi uma iniciativa de promover espaços de sociabilização e acolhimento para PVHIV, tendo em vista que as condições para frequentar ambientes presenciais ou para recorrer a redes de ajuda mútua tornaram-se escassas naquele período, e as plataformas de conversação pela internet foram bastante utilizadas para encurtar distâncias e promover interações que antes se davam apenas no espaço físico. É no âmbito das relações firmadas a partir nessas plataformas que Drew define o que significa ser um influenciador digital: “talvez influenciar seja motivar pessoas, ou talvez seja simplesmente salvar vidas. [...] Influenciar é olhar para o outro, se conectar, falar a sua língua, acolher e fazê-lo entender que sempre vale a pena escolher viver” (cf. Vídeo D.15). São configurações que atravessam as ações combinadas na promoção de debates públicos e interativos através da internet.

Durante a transmissão de aniversário de cinco anos do canal, Drew rememora sobre o ato de publicar o primeiro vídeo, ao qual atribui a mudança de posicionamento no YouTube: “a ideia era desabafar, ligar a câmera e falar, e colocar isso pra fora, pra que não tivesse mais especulações, e que ninguém falasse mais absolutamente nada porque eu já estaria ali dizendo tudo” (cf. Vídeo D.16). Para o ator, naquele momento o vídeo era um diário, no que se refere à escrita confessional, mas de caráter público, uma vez que essa exposição seria uma forma de lidar com a própria condição e impor fim ao sofrimento causado pelo silêncio. Na mesma transmissão, Drew revela: “eu não tinha pretensão de dali pra frente falar sobre esse assunto, e que isso viraria tudo isso que se transformou assim né, eu não tinha essa noção” (cf. Vídeo D.16). Foi quando veio o entendimento de responsabilidade acerca desse conteúdo, pois na visibilidade alcançada através do vídeo, obteve reconhecimento de ONGs e de pessoas que, nas

narrativas publicadas, encontraram algum tipo de conforto, orientação, dado o teor das mensagens que começava a receber através dos SRS. Para o ator, acostumado a sensibilizar audiências através dos palcos, a tela apresenta-se como extensão do tablado, cujos atos entrelaçam-se às tramas da própria existência. Rascunha-se, então, como via de expressão “ativista”⁹⁴, no que tange às capacidades de articular vida e arte na construção de saberes, na fabricação de discursos de resistência, na potencialização de ambientes para desconstrução e reconstrução de subjetividades, dados no espaço fluido e aberto pela interconexão digital, proveitoso à discussão e às constantes reconfigurações de si.

Figura 27 – Infográfico “Atividades em Drew”.



Elaboração do autor (cf. Apêndice B e Apêndice C).

⁹⁴ Raposo (2015) identifica “ativismo” como um neologismo que “estimula os destinos potenciais da arte enquanto ato de resistência e subversão. Pode ser encontrado em intervenções sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, através de estratégias poéticas e performativas [...]. A sua natureza estética e simbólica amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas e situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência. *Artivismo* consolida-se assim como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística – nomeadamente, pela proposição de cenários, paisagens e ecologias alternativas de fruição, de participação e de criação artística” (p. 6, grifo do autor).

Ao visualizar a produção discursiva de Drew, na temática da soropositividade⁹⁵, contempla-se a abordagem em torno dos seguintes eixos discursivos: *a*) saúde sexual (COVID-19 e HIV; diagnóstico soropositivo; tratamento antirretroviral; cura para o HIV; prevenção combinada); *b*) estigma psicossocial (orgulho LGBT; homofobia; governo Bolsonaro – em consideração às declarações sorofóbicas e riscos de desmontes às políticas públicas de saúde); e *c*) memória cultural (websérie; famosos e celebridades; HIV nas séries de TV). Os conteúdos realizados, a respeito dos gêneros audiovisuais, foram realizados na predominância de narrativas, em ordem descendente, opinativas, documentais e informativas. Consta-se também a presença de performances mais artísticas, mediante a interpretação de textos literários como poemas, fragmentos de obras, onde são exploradas nuances emotivas do influenciador e das camadas da sua trajetória social.

As narrativas audiovisuais em *Drew* constituem um espaço autobiográfico de valor lírico, dado pela poesia transbordada nos depoimentos, nas críticas da realidade, nas performances que desvelam emoções e percepções de si nos variados níveis que a escrita permite revelar. São relatos e histórias que se conectam aos outros escritos distribuídos na rede, tais como as notas científicas nos vídeos do *Super Indetectável*, as interpelações afetivas construídas através do *Projeto Boa Sorte*, ou às confissões e críticas políticas por meio do *Confissões de um Soropositivo*. Complementam-se às teias de sentido pelas vozes de outros influenciadores, fazendo da #EsferaPositiva uma rede semântica alternativa, em resistência aos discursos hegemônicos instituídos nas mídias de massa, e que convergem na qualidade de micropolíticas, tanto no que se refere à reinvenção do imaginário social da Aids – pela associação enquanto mal irremediável, sentença de morte inevitável – como naquilo que diz respeito ao estigma que recai sobre o HIV.

⁹⁵ Os vídeos anteriores ao primeiro conteúdo publicado sobre o tema do HIV não foram considerados na análise de conteúdo no e no infográfico.

6 {A REDE COMO UMA FORÇA POSITIVA}: POTÊNCIAS DE SI E TRANSFORMAÇÃO COLETIVA

Corporalidades vívidas, saudáveis, ativas, marcadas no semblante e no olhar pela vontade de resistir, sobreviver e reviver: imprimem-se novas expressões ao que antes era debilitado, esguio, pálido, numa época em que a “peste” transformou desejo em castigo, identidade em culpa, corpo em vergonha. Compõem-se como imagens fabricadas e reconstruídas no imaginário social da soropositividade, carregadas na semântica de capas de revista, como a emblemática da *Veja*, em 1989, da “vítima que agoniza publicamente”, e seguem à da *Galileu*, em 2017, do sujeito que “vive com HIV” e assume tal condição, ao mesmo tempo em que denuncia que “o preconceito é a pior parte”. No intervalo de 28 anos entre as duas publicações, com os progressos no campo científico e as intervenções na esfera política ascenderam novas formas de ser e de ocupar espaços, firmar relações sociais, escapando à lógica de condenação à morte para conferir outros sentidos à vida, pautada pelo cuidado de si e com o outro. Embora não se retrate como uma “guerra” vencida contra o vírus, muito se avançou para o controle da mortalidade em decorrência da Aids, bem como da expectativa e qualidade de vida pelo tratamento para a infecção do HIV no Brasil.

Conforme os dados do Boletim Epidemiológico de HIV/Aids (BRASIL, 2021), é possível constatar a diminuição nas taxas de detecção de síndrome⁹⁶, um dado que se relaciona à TARV enquanto estratégia preventiva que tem possibilitado o controle da carga viral e impedido a evolução para um quadro clínico de Aids. É diante dessa possibilidade que Bastos (2006) reflete sobre os cuidados que emergem com a nova condição: “cabe observar que a imensa maioria das doenças que nos afetam não são curáveis, mas sim manejáveis, a partir de um processo de sua transformação em uma doença crônica” (p. 91). Ao equiparar a infecção por HIV a casos clínicos de diabetes e hipertensão, o pesquisador remete às demandas de monitoramento que fornecem perspectivas de vida plena e prolongada, assim como a erradicação das suas vias de transmissão, expressas pela carga viral indetectável. São informações que alteram a

⁹⁶ Segundo o Boletim (BRASIL, 2021), “observa-se uma diminuição na taxa de detecção de aids no Brasil, que passou de 22,0/100 mil habitantes (2012) para 14,1/100 mil habitantes em 2020” (p. 7). A título de acompanhamento dessa estatística, o Boletim (BRASIL, 2021) confirma que “O número anual de casos de aids vem diminuindo desde 2013, [...] A taxa de detecção de Aids vem caindo no Brasil desde o ano de 2012” (p. 12).

percepção de sentença de morte, enraizada no diagnóstico de HIV, sob o prisma da cronicidade, que se encontra enredado na adesão ao tratamento por antirretrovirais e às rotinas para acompanhamento e manutenção da intransmissibilidade do vírus.

O contraste entre duas capas de revista, duas maneiras de se jogar com a linguagem visual para construir significados da realidade, revela memórias culturais nos períodos singulares da epidemia. A capa ilustrada por Cazuzza, ao final da década de 1980, tem sido referenciada como um dos símbolos mais evidentes do estigma que recai sobre a Aids: o pânico moral em torno da sexualidade, a exploração mórbida do homossexual “aidético” em seu leito de morte, em decorrência do desejo desviante, da perversão sexual. Quase três décadas depois, a capa protagonizada por Gabriel Estrela eleva-se como signo da resiliência: o corpo resiste ao pânico, reincorpora vida à amostra de sangue reagente, ressignifica sua existência e ocupa lugares para falar de medos, angústias, das feridas superadas e da plenitude no presente. Icônicas, são duas capas que anunciam não apenas contextos geracionais, delimitados em virtude de fronteiras biotecnológicas no tratamento da infecção por HIV, bem como modelos culturais de publicização da soropositividade em contraposição aos estigmas residuais da síndrome. Diferentes leituras podem ser feitas para compreender as visibilidades construídas, em cada recorte temporal, e que tomam as trajetórias individuais como objeto de discussão pública na agenda da Aids.

Se, por um lado, a abordagem sensacionalista em produtos midiáticos nos anos 1980 e 1990 exploraram a imagem de pessoas famosas como “evidências de perigo e de risco” do comportamento sexual, tal exposição era compreendida por outro viés, no domínio do movimento ativista. É o que Silva (1999) contempla ao discutir relações de engajamento entre a cena pública e a esfera dos grupos organizados, ponderando que personalidades como o sociólogo Betinho, o escritor Herbert Daniel e o cantor e compositor Cazuzza “respondem à aids trazendo características pessoais, intimidades, formas de sociabilidade e referências de pertencimento a ambientes políticos e sociais próprios” (p. 87). Segundo a pesquisadora, a manipulação da trajetória individual, pelo modo como se tornam públicas as suas vivências, irradia-se em quadros importantes de representação pelos quais se assimilam as vivências com a soropositividade e com a doença. Erguem-se como figuras emblemáticas no enfrentamento coletivo, uma vez que “no lugar da fatalidade, surge a presença responsável das pessoas e seu poder sobre a resposta à pandemia. [...] [elas] assumem os efeitos trazidos pela aids, doam-se à sensibilização a respeito da pandemia e contribuem na prevenção” (SILVA, 1999,

p. 86). É a partir das posições sociais ocupadas por esses sujeitos que se exploram inserções individuais da soropositividade, especialmente através dos testemunhos em campanhas, e por onde se incitam condições para minimizar efeitos negativos, para despertar ações coletivas, e também para a construção de referências simbólicas.

Com o fenômeno das redes sociotécnicas, as estruturas sociais reconfiguram-se, tendo em vista os tipos de capital e os graus de conexões estabelecidos entre os atores (RECUERO, 2009), o que propicia a observação de outras dinâmicas em torno das figuras de responsabilidade. Diante da possibilidade de se desenvolver ambientes em SRS, enfatizados pela individualidade, esses atores podem conquistar prestígio e participar de discussões públicas, agregar com significados e referências da vivência pessoal, contribuir para reações ou contestações coletivas, entre outros efeitos dados na comunidade virtual. Qualquer indivíduo pode ocupar posição social de destaque e se engajar com causas públicas ou ações populares, mesmo que não esteja filiado a uma organização governamental, instituição política, entidade comercial, ou desfrute de renome em circuitos artísticos, midiáticos etc. Sua relevância será dada em razão do conteúdo informativo que acrescenta às conversações nas redes interconectadas, das conexões e interações originadas em volta desses conteúdos e, em decorrência disso, do reconhecimento como especialista em determinado assunto.

No âmbito da #EsferaPositiva do YouTube, são os criadores audiovisuais que promovem espaços de partilha da vivência pessoal, elemento central às crônicas da soropositividade, por onde são abordadas tensões da vida cotidiana, hábitos rotineiros de cuidado de si, e abstrações nos processos de subjetivação. Fazem isso a partir de uma perspectiva resiliente, enquanto força de reconfiguração da trajetória, fração de um projeto político que reivindica outros repertórios de ação e de significados para a condição soropositiva (AZEVEDO, 2019). Elaboram narrativas pela incorporação de linguagens, dinâmicas e outros elementos culturais contemporâneos à geração das comunidades virtuais, pelas quais as memórias individuais são criadas, armazenadas e divulgadas, e transparecem a natureza performativa, devido aos recursos de edição, montagem e estratégias de publicação dos vídeos no site (ROJAS, 2015). Assim, são personagens que atuam no sentido de democratizar a informação para uma dimensão mais acessível, sensível e contemporânea ao consumo dos SRS, de modo que tanto desvendam preconceitos e superstições que envolvem o HIV, como geram ambientes confiáveis para a troca de aprendizados e inquietações sobre a vida pós-diagnóstico. À vista disso, é perceptível como os influenciadores digitais da #EsferaPositiva se

aproximam daquelas figuras de responsabilidade nas redes ativistas, uma vez que conquistam posição de prestígio na esfera pública digital, constroem capital social e daí se integram às atividades presenciais de grupos e organizações civis.

Em face das configurações expostas, os vlogs não se reduzem a um repositório digital de vídeos públicos, mas se qualificam como “zona de confidencialidade”, lugar pelo qual se negociam visibilidades da experiência, no que tange às narrativas criadas e transmitidas na página, que por sua vez organizam a conversação pública através dos comentários, ou ainda nas mensagens privadas trocadas com o criador do vídeo. Apresentam-se, então, como um lugar de ação, no qual a trajetória pessoal revela os contornos de um propósito maior, de engajamento coletivo, conforme destaca Silva (1999, p. 20) quando diz que “o sofrimento deixa de ser o ponto limite para se tornar o ponto de partida”. Aqui, os vlogs conferem imagem e voz às biografias de superação, reordenações da experiência individual que explicitam transmutações de identidades, rotinas, relações interpessoais e, sobretudo, dos estigmas que convertem o momento do diagnóstico em um anúncio de sofrimento e de morte. Os relatos autobiográficos exploram reposicionamentos em torno desse diagnóstico e contrapõem os imaginários sobre o HIV deixados pela pandemia de Aids, centralizando na adesão às TARV os principais meios para se obter uma vida plena e, em modelos prescritivos, sobre como lidar com a cronicidade da infecção.

Discute-se nesta seção como as práticas observadas nos ambientes dos vlogs constituem elementos de ativismo soropositivo, e sobre como as estruturas das redes digitais contribuem para diferentes modalidades de participação no debate público da Aids. Para além da exposição de si, as narrativas audiovisuais conferem, quando se consideram os contextos conversacionais, a possibilidade de engajamento com ações politizadas em volta de pautas sociais e culturais do HIV. Tem-se, em princípio, que a própria decisão por iniciar o canal temático gera uma ruptura na ordem da interdição: abre-se uma via para tornar visível aquilo que antes era entendido como segredo, para demandar respeito àquilo que antes era visto como vergonha ou culpa. Com as redes sociotécnicas, obtém-se a infraestrutura para reunir sujeitos, promover o intercâmbio de experiências, comparar pensamentos e propagar ideais de cidadania, para além das fronteiras geográficas. No percurso disso, toma-se pela premissa da reinvenção de si os projetos de refiguração identitária e de reorientações biográficas dados nos roteiros, performances e interlocuções, que fazem do vídeo um dispositivo capaz de realizar transformações em torno de questões sociais mais amplas.

6.1 Reverberar as vozes soropositivas

“Descoberta” é a palavra mais recorrente nos títulos das primeiras transmissões e dos vídeos mais visualizados entre os canais da #EsferaPositiva. Referem-se aos conteúdos que apresentam as percepções e significados atribuídos ao diagnóstico, a passagem para uma nova condição humana, dada quando o termo “reagente” consta no resultado do exame de sangue para HIV. Por vezes, tais sensações são registradas em vídeo e integradas a outras narrativas pelo seu valor documental. Nas outras falas, constituem o ponto de partida das reflexões sobre vida, cotidiano, saúde e doença, na perspectiva das histórias reconfiguradas pela cronicidade da infecção. De modo geral, a descoberta é a representação inicial das biografias nos vlogs, no sentido de explorar pressentimentos de finitude que acompanham o diagnóstico clínico, entranhados nas cenas de padecimento e de morbidez oriundas do imaginário da Aids, até os estágios de (re)assimilação da vida iniciados com as rotinas de medicalização e dos cuidados integrais com a saúde. O ato de descobrir surge como processo de revelação de algo que atravessa o diagnóstico e, por meio dele, desdobra-se nas infinitas possibilidades de existir, de se relacionar e de pretender o futuro.

Nos contextos sociais da detecção do HIV, a formação de redes de apoio é um aspecto fundamental à superação do estigma, ao resgate na valorização da vida e ao exercício pleno da cidadania por parte dos indivíduos soropositivos. De acordo com o estudo de Kern (2004), “a angústia provocada pelo HIV desencadeia uma histeria social que promove a morte social mesmo antes que a morte física aconteça” (p. 131). Nesses termos, a pressão introjetada pela identificação do vírus faz com que também se experimente a sensação de perda dos direitos sociais, das relações que compõem a existência. O pesquisador observa a tomada de comportamentos de depreciação da vida, exclusão e isolamento que se concretizam no âmbito individual, por intermédio do estigma por ser “portador do vírus da Aids”. Em compensação, Kern (2004) destaca a importância dos circuitos de cooperação global através das ONGs, da visão solidária impressa na dimensão das inter-relações instituídas em favor da igualdade social, que se valem da linguagem para confrontar estereótipos depreciativos e produzir verdades sobre os sujeitos, uma vez que “na vivência e na construção das relações, tendo como base o simbólico e o imaginário, o poder institucional constitui-se como elemento de base para a compreensão das relações interpessoais” (p. 142). Dessa maneira, ao se

compor elos de assistência e de solidariedade, são potencializadas unidades de ação para o reconhecimento de direitos sociais, do indivíduo enquanto cidadão, do paciente enquanto pessoa, enquanto figura ativa na produção de uma nova trajetória.

Com as estruturas tecnomidiáticas das plataformas digitais na internet, e diante dos usos dos SRS, intensificam-se as condições para que o sujeito assuma posição de protagonismo na vida social e política, uma vez que se reduzem as intermediações e se ampliam as possibilidades de se obter repercussão pública mediante a partilha da experiência pessoal (MISKOLCI, 2016). É nesse panorama que relatos e opiniões individuais, queixas e abstrações do cotidiano, expressões e intervenções artísticas, toda a gama de conteúdos gerados e distribuídos diariamente nas redes sociotécnicas participam de circuitos de conversação online, e captam atenção e engajamento para assuntos específicos. A escrita íntima na esfera pública digital é uma atitude que, tanto para o narrador quanto para o espectador, favorece não apenas a exposição de si, mas também o exercício crítico das vivências sob determinado ponto de vista, tendo o apoio materializado nas ferramentas automatizadas nas redes sociais, tais como os botões de curtir e de compartilhar (MISKOLCI, 2016). Mediante essa interação, tem-se um ambiente virtual propício à concretização de laços em razão da identificação com contextos emocionais, espaços de sociabilidade digital onde acontecem trocas simbólicas e produções de subjetividades.

Uma vez mais, invoca-se à representação da descoberta como percurso para entender as dinâmicas dos vlogs na #EsferaPositiva. Há, num primeiro momento, a noção de conhecer o diagnóstico reagente para o HIV, de aquisição de informações sobre um quadro clínico, dos aprendizados com a cronicidade, enfim, da tomada de consciência a partir de um devir soropositivo. Segue-se ao pensamento crítico sobre como a lacuna informativa é capaz de promover condutas receptivas, no sentido de aderir às rotinas de tratamento da infecção, e discordantes, no que se refere à recusa de estereótipos e preconceitos dados na historicidade do estigma. No reconhecimento individual de uma demanda coletiva, a decisão por oferecer conteúdos multimídia para finalidades explicativas, confessionais ou mesmo lúdicas, parte do lugar de agente de transformação da realidade⁹⁷, a mesma que antes causara sofrimento e exclusão, em direção à inclusão, ao diálogo, à educação. Descobre-se, pela reflexão de si, o ato de expor a individualidade enquanto ato político em nome da coletividade.

⁹⁷ Com base nos depoimentos transcritos no Apêndice D.

A partir dos vlogs, e dos relatos de descoberta e redescobertas, tem-se acesso aos transursos de empoderamento soropositivo, levando em consideração o estado de conhecimento anterior, marcado por sentimentos de finitude e depreciação da vida. Berth (2018) discorre que o empoderamento se constitui na qualidade de um trabalho essencialmente político de superação individual de estruturas opressivas, que tem na informação um instrumento de manipulação e manutenção de hierarquias sociais. É o que se visualiza no panorama das práticas discursivas sobre a Aids, datadas no início da pandemia, enquanto dispositivos da sexualidade (FOUCAULT, 1999), associando a infecção pelo HIV à ordem da culpa, da vergonha e da condenação. Por outro viés, Berth (2018) reconhece o potencial da informação como instrumento para a libertação dos grupos subalternizados, e que parte da tomada de consciência crítica da realidade e se volta à prática transformadora: “pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da história” (p. 16). Encaminha-se no rompimento com práticas de silenciamento, que se constata historicamente como tecnologias de opressão: à medida que existe culpa, vergonha, há interdição, omissão, inibição de determinado assunto.

O que se constrói a partir da #EsferaPositiva no YouTube é resultado da ação transformadora pela informação, visto que se contrapõem aos ocultamentos impostos pelo estigma do HIV. A (re)descoberta de si é o ponto de partida para se questionar os modelos de poder que interferem sobre a compreensão do quadro clínico, de modo mais amplo, na visão dos direitos políticos, do lugar reservado à cidadania, além da percepção de continuidade da própria vida. Berth (2018) pondera sobre a natureza desse processo, ao afirmar que “não é possível *empoderar* alguém. *Empoderamos* a nós mesmos e amparamos outros indivíduos em seus processos, conscientes de que a conclusão só se dará pela simbiose do individual com o coletivo” (p. 130, grifo da autora). Aprecia-se, em primeiro plano, o exercício crítico das características culturais que engendram a subjetividade para perceber-se como efeito da transformação e, no segundo ato, assimilar o potencial transformador do saber construído pela dimensão comunicativa, para enfim irradiar a outros processos de empoderamento.

Quando se leva em consideração o espaço conversacional aberto no site, seja pelas mensagens trocadas no campo dos comentários, na caixa de entrada dos e-mails ou pelas mensagens diretas nos aplicativos de SRS, entende-se que a narrativa audiovisual se dá mediante negociações constantes de visibilidade. Constantemente

os influenciadores, durante as transmissões, solicitam que a audiência responda aos vídeos com sugestões para novos conteúdos, relatos pessoais, indicações de temas ou referências para aprofundar os conhecimentos expostos, entre outras modalidades de participação. São estratégias que intensificam engajamento com a página, refletem sobre as métricas digitais do vlog e atuam nos algoritmos de recomendação, mas por outro lado também permitem o diálogo frequente com pessoas em seus processos de empoderamento. Ao mesmo tempo, as conversas estabelecidas proporcionam novos processos criativos, tanto no sentido do intercâmbio cultural com o narrador e de seus modos de pensar a trajetória, como no sentido de impulsionar a abrangência do canal em torno de aspectos sociais, políticos ou midiáticos da soropositividade.

O exercício narrativo na escrita autobiográfica remete, portanto, aos modos de existir e de se exprimir, diante da consciência de si e do mundo no qual faz parte. Com a palavra se exerce o diálogo crítico e libertador, nos termos do que Freire (2017) situa ao afirmar que “existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*” (p. 108, grifo do autor). O pensamento do educador, ao inferir a respeito da emancipação do sujeito oprimido através da prática problematizadora, é uma maneira de visualizar o potencial de empoderamento soropositivo⁹⁸ através dos conteúdos narrativos dos vlogs que se instituem, simultaneamente, na qualidade de fonte midiática informativa, dado pelo teor performático dos vídeos, e igual de relação pedagógica, dada no âmbito da comunidade virtual, nas práticas de conversação. São iniciativas que despertam de circunstâncias particulares e, ao propagarem-se na rede, alteram-se à ordem do global, projetam formas alternativas de concepção da realidade por múltiplas interpretações, tendo em vista a pluralidade das referências culturais, sociopolíticas, artísticas e outros indicadores da complexidade humana.

Tencionar o YouTube como campo para tais práticas requer avaliar os modos como as tecnologias digitais de informação e de comunicação foram incorporados às relações sociais. Wolton (2007) discute sobre o advento da internet nos discursos das elites, da classe política e dos agentes midiáticos, e dos ideais de modernização e de

⁹⁸ Paulo Freire reflete, para além do individualismo, que “a questão do *empowerment* da classe social envolve a questão de como a classe trabalhadora, através de suas próprias experiências, sua própria construção de cultura, se empenha na obtenção do poder político. Isto faz do *empowerment* muito mais do que um invento individual ou psicológico. Indica um processo político das classes dominadas que buscam a própria liberdade da dominação, um longo processo histórico de que a educação é uma frente de luta” (FREIRE; SHOR, 2013, p. 145-6).

progresso que acompanham a evolução tecnológica. Conforme o teórico, sonda-se um movimento de emancipação, sentimento de liberdade que aflora com os sistemas automatizados, tendo na abertura à modernidade a ampliação da capacidade criativa, enquanto reduzidas as pressões de tempo e de espaço. Wolton (2007) observa que “acessar, escolher, circular por si mesmo e fazer sua própria informação permitem não somente ganhar tempo, mas também acessar ‘reservas’ de conhecimento totalmente imprevisíveis” (p. 87), e assim destaca espaços de criação da cultura contemporânea a partir dos sistemas multimídia e das redes distribuídas de comunicação. Valoriza-se o domínio sobre a modernidade, e as habilidades de apropriação desta para promover abertura a informações antes restritas.

No âmbito das práticas comunicativas que englobam as tecnologias digitais, as ações dos criadores são investidas, além do ideal progressista implícito pela inovação, também dos paradigmas introduzidos pela economia informacional, pelas mudanças nas estruturas organizacionais e nas dinâmicas sociais e políticas (CASTELLS, 2005; 2015; 2017). Diante dos fluxos de informações dados nas intercomunicações digitais, o uso criativo das plataformas tecnológicas tem propiciado interferir sobre realidades locais ou participar de discussões globais, aspecto que tem centralizado mais atenção sobre a atividade humana no sistema técnico produtivo. Castells (2005) observa que a mente humana é promovida enquanto força direta de produção, no sentido de aplicar conhecimentos e informações à geração de outros conhecimentos e dispositivos para processar ou comunicar informações. Para o sociólogo, o que se denomina de “novas tecnologias” designa, mais apropriadamente, os processos desenvolvidos nos ciclos de retroalimentação entre inovação e uso que caracterizam o ideal revolucionário das redes de comunicação.

O cenário delineado com o advento da autocomunicação de massa⁹⁹ amplia as possibilidades comunicacionais a partir da internet e das redes sem fio, especialmente

⁹⁹ Castells (2015) explica que, com a difusão da internet, se verifica a emergência histórica de uma forma de comunicação interativa, em contraposição aos padrões unidirecionais dos meios massivos, e que denomina de “autocomunicação de massa”, como assim descreve: “é comunicação de massa porque tem o potencial de atingir um público global, como é o caso de um vídeo divulgado no YouTube, um blog com links RSS para várias fontes na internet, ou uma mensagem para uma lista gigantesca de e-mails. Ao mesmo tempo, é autocomunicação porque a produção da mensagem é autogerada, a definição do(s) receptor(es) potencial(ais) é autodirecionada e a recuperação das mensagens específicas, do conteúdo da World Wide Web (WWW, a rede de alcance mundial) e das redes eletrônicas de comunicação é autosselecionada. As três formas de comunicação (interpessoal, comunicação de massa e autocomunicação de massa) coexistem, interagem e se complementam em vez de se substituírem” (p. 102).

no que diz respeito às probabilidades de se interferir sobre estruturas e dinâmicas das relações de poder. Os movimentos sociais conectados em rede, conforme descritos por Castells (2017), são um indicativo do contrapoder exercido quanto às instituições da sociedade. Contempla-se a plataforma tecnológica como elemento de autonomia atribuída ao ator social, pela qual se pode elaborar projetos e programas com base no compartilhamento da experiência e se reprogramar as redes em torno de interesses e valores, dado o potencial de difusão rápida de imagens e ideias a partir da internet. É dessa forma que o teórico concebe a autocomunicação como ação estratégica para o debate coletivo e tomadas de decisões, fundada na premissa de se transformar medo em indignação e indignação em esperança. Refere-se, pois, a uma prática subversiva da comunicação usual, pela qual o sujeito ocupa o veículo, envolve-se com a produção e distribuição das mensagens e abre espaços públicos possíveis de visibilidade nos lugares da vida social.

Os panoramas apresentados esquematizam a mecânica para reverberação do empoderamento soropositivo, tendo o vídeo online enquanto tecnologia discursiva na expressão e posicionamento de si em relação aos cenários históricos de estigma, e o vlog enquanto prática de libertação das estruturas que operam no silenciamento e na inferiorização dos indivíduos em razão da sorologia. A narrativa audiovisual assume, nesse contexto, sua dimensão politizadora, perante a capacidade de dialogar com as experiências do outro e de produzir reflexões acerca da própria existência. Há valor prescritivo, que se estabelece nas construções descritivas das rotinas, nos relatos de vivências afetivas e emocionais, ao mesmo tempo em que se forma valor crítico, uma vez que se negociam modos de existir e ocupar espaços, de reconhecer e reivindicar direitos, além de responsabilizar-se do cuidado de si e com o outro. À vista disso, com a decisão de expor a condição sorológica na internet, mesmo tendo resguardado o direito à privacidade, e em vias de engajamento com a produção discursiva sobre o HIV na esfera pública, o criador digital se orienta por um programa de contestação cultural, na medida que promove fluxos de informação com potencial para enriquecer as referências sociais e para democratizar a composição dos repertórios narrativos sobre a soropositividade.

Apresentadas as análises de conteúdo, percebe-se o espaço autobiográfico no YouTube, da #EsferaPositiva, constituído na abrangência de diversas facetas da vida cotidiana (organizadas em eixos discursivos), organizadas pela multiplicidade plástica de gêneros e de formatos audiovisuais, tanto pela intenção de explorar a pluralidade

de camadas nas vivências soropositivas como pela possibilidade de imprimir leveza e otimismo nas variadas performances investidas diante da câmera. Formulam novos significados para o diagnóstico laboratorial, contrariando a sentença de fatalidade, de culpabilidade, de finitude, pela transmissão de trajetórias pessoais de resistência, de adaptação, de empoderamento. A partir dos canais, nas possibilidades interativas que a página digital representa, são inaugurados espaços na rede sociotécnicas para se projetar histórias e, além disso, também para amparar o outro, conversar e dar início a processos coletivos de conscientização sobre saúde preventiva, cidadania e direitos humanos, identidades culturais e políticas da sexualidade, cabendo ainda os debates emergentes no que se refere à complexidade das relações humanas.

6.2 (Sobre)viver, acolher e reimaginar

“Tudo vai ficar bem, vai passar”: a sentença pela qual os criadores de conteúdo se dirigem aos seus públicos anuncia um retorno à descoberta, aquela que se reflete nos aprendizados sobre o corpo, sobre os desejos, identidades e visibilidades que são adquiridas na consciência da cronicidade do HIV. Os relatos se apresentam como as materializações discursivas dos saberes, percepções e projeções do sujeito em uma situação determinante, de ressignificação da vida. Fabricam-se na performance dos vídeos, arranjos em um campo de cena, pelo qual se fabrica a dimensão visível das narrativas. Dispostos no vlog, assumem a ambiência de um campo de ação e para a interação social, dadas pelas características de conversação nos SRS e do potencial de rápida difusão que os vídeos possuem. Ao compartilhar histórias pessoais, esses criadores propõem maneiras de reordenar o senso comum, à medida que propõem a ação questionadora das experiências cotidianas a partir dos conteúdos expostos nas mensagens, no sentido de refutarem lógicas que situam o corpo soropositivo no lugar da precariedade.

Na publicação do primeiro vídeo no vlog se inaugura um modelo de historicizar a experiência na dimensão pública, onde toma forma para ser acessada e socializada para múltiplos públicos, podendo integrar repertórios culturais variados. Scott (1998) reflete a experiência enquanto metáfora da visibilidade, no sentido de conferir caráter histórico às identidades que ela produz, e assim implica o exame crítico das categorias explicitadas por ela. A historiadora compreende a experiência como uma construção

discursiva dos sujeitos, ao nível do acontecimento linguístico, não confinado em uma ordem fixa de significados¹⁰⁰. Desse modo, a autora entende que relatar a experiência é estabelecer sentidos à história vivenciada, produzir as condições de existência do sujeito. Em vista disso, tem-se a narrativa audiovisual como um processo pelo qual a vivência pessoal é organizada em atos, combinada com elementos cênicos, gráficos e sonoros para se tornar público na internet, fazendo com que a produção discursiva do sujeito incorpore um campo de ação marcado pelas propriedades conversacionais das redes sociotécnicas.

Tendo o vlog na qualidade de tecnologia para a produção discursiva do sujeito, compreende-se que por meio das práticas de autoexpressão e de performatização de si nas narrativas audiovisuais também são processadas informações e conhecimentos do mundo tendo como ponto de referência a trajetória individual. De acordo com Rojas (2015), o vlog é um “instrumento de afirmação de um modo de ser, de fomentação de um sentido de comunidade, pretendido ou não pelos sujeitos partícipes” (p. 87), o que estima a presença do outro na construção de si. A pesquisadora observa que aí se dá o desenvolvimento de uma perícia performativa, fundada na imagem que o indivíduo realiza, interage e intervém com o outro no cotidiano da prática. Nessa orientação, o vídeo online equivale a uma memória editável, pela sua capacidade de ressignificação e de atualização estabelecida na relação interativa com outros sujeitos, revelando o caráter dinâmico das memórias em suas intersecções cronológicas. Evidencia-se em razão de um vetor temporal, no que se refere à possibilidade de se olhar ao passado, acompanhar evoluções e refletir sobre as diferentes transições que acompanham a negociação de si mesmo no mundo.

Na #EsferaPositiva, os criadores de conteúdo abordam o devir soropositivo e a incursão no mundo social da Aids¹⁰¹, enfatizando na trajetória pessoal as distintas variações no enfrentamento à infecção e ao estigma do HIV. Reflexionam-se entre as

¹⁰⁰ Scott (1998) pondera que “experiência tanto pode confirmar o que já é conhecido (vemos o que aprendemos a ver), quanto perturbar o que parecia óbvio (quando sentidos diferentes estão em conflito nós reajustamos nossa visão para tomar conta do conflito ou resolvê-lo – isto é, o que significa ‘aprender com a experiência’, muito embora nem todos aprendam a mesma lição, ou aprendam da mesma forma, ou ao mesmo tempo). Experiência é a história de um sujeito. A linguagem é o campo no qual a história se constitui.” (p. 320).

¹⁰¹ É uma expressão usada por Valle (2002) como categoria analítica para compreender o “composto de prédios, hospitais, laboratórios, centros de testagem, ONGs, grupos gays, agências governamentais, entidades religiosas, etc. Esse mundo reúne uma heterogeneidade de pessoas relacionadas entre si por meio de interações de diferentes tipos e por meio de vários níveis sociais” (p. 180-1).

narrativas os transcurros dados no diagnóstico e com o início do tratamento, aspectos que abrangem desde a detecção da infecção, as rotinas de medicalização e cuidados de si, a revelação da sorologia para o círculo familiar e social, e a supressão da carga viral, quando se torna soroindetectável. Ademais, inclui-se nessa produção discursiva a crítica política e científica dos elementos que correspondem à apreciação de fatos e produtos culturais, bem como das informações pertinentes aos campos das políticas públicas de saúde, do ponto de vista do usuário. Assim fazendo, exprimem certo grau de adesão a um programa político de visibilidade soropositiva, dada na incursão ao debate público, pela articulação com outros personagens e setores no raio de atuação política em torno do HIV e Aids. Os canais passam a ser entendidos enquanto projetos que atuam nas reelaborações constantes das categorias identitárias, do mesmo modo em relação aos repertórios de ações individuais e coletivas, e das reconfigurações biográficas ocasionadas com o devir soropositivo.

O vídeo online, então, é despertado enquanto estratégia comunicativa de ação política, no que tange às possibilidades de organização da narrativa audiovisual, como em virtude da capacidade de disseminação, instituída na incorporação a outras redes, páginas e modalidades de conversa a partir da internet. Nessa lógica, o YouTube se destaca enquanto canal de exibição para conteúdos gravados e transmissões ao vivo de personagens e grupos populares, promovendo a retroalimentação de informações e o debate em torno de questões da contemporaneidade. É como Porto Renó (2015) assimila o vídeo-ativismo, que se difere do cinema profissional pela despreocupação com a construção artística padronizada. Tal modalidade apresenta maior enfoque no conteúdo, e consiste na apropriação social da tecnologia para atender necessidades gerais de grupos, com interesse na elaboração de narrativas que produzam efeitos na opinião pública, seja para abranger temas desconhecidos ou que foram manipulados pelas organizações midiáticas. Conforme ressalta Porto Renó (2005), são contextos de produção dinâmica, bem como os processos criativos, em que a narrativa importa no sentido de constituir prova audiovisual, com valor atribuído ao registro em si, e não à arte aplicada na produção, uma vez que o vídeo online é qualificado como fator de mobilização a respeito de situações da atualidade.

O valor político das tecnologias visuais distribuídas em rede, portanto, é dado no uso cultural da internet, pelas diferentes apropriações e recombinações que fazem parte dos ambientes de conversação digital. Conforme se pode observar nas primeiras décadas do século XXI, emergiram nas redes sociotécnicas uma série de ações que

interagem com as trajetórias dos movimentos sociais, no âmbito de revoltas ou zonas de conflitos populares, com o uso massivo de recursos audiovisuais, fotográficos, textuais e outras vertentes de conteúdo amplamente difundidos com os movimentos sociais em rede (CASTELLS, 2017). Diante desses quadros, Askanius (2013; 2019) reflete que o vídeo ativista se constitui como “cena de ação”, considerando a produção orgânica dos cidadãos para os cidadãos, ou ainda para incitar engajamento em ações e campanhas já existentes, citando aqui o Orgulho LGBT, Dezembro Vermelho etc. A pesquisadora aprecia o vídeo enquanto modalidade de ação política, tendo em vista o potencial das dimensões da estrutura narrativa para expressar posicionamentos e propor debates públicos mais amplos, mais as condições de proliferação dadas pela plataforma digital. Askanius (2013) menciona o vídeo remix como possibilidade que é apresentada para explorar a criatividade do ativista, utilizando-se da intertextualidade digital, dos hibridismos e das conexões pertinentes à política. São configurações que apontam para as múltiplas facetas do vídeo online enquanto estratégia politizadora, e que abarcam a ampla escala de combinações criativas possíveis entre os repertórios das comunidades virtuais.

Diante do exposto, a ação política apresentada na apropriação das referências audiovisuais e hipertextuais pelos influenciadores digitais soropositivos, e dos modos de se invocar a discussão a respeito dos mais variados subtemas que compreendem a vida social. Incluem, na rotina de transmissão de vídeos, contextos de: a) consumo e crítica cultural, quando se propõem a pensar nos níveis de representação social em produtos midiáticos, artísticos ou ainda na literatura, bem como valorizam tais espaços como estruturas para a expressão e produção de si; b) instrução e atualização, no que se refere ao aprendizado de informações sobre saúde reprodutiva e sexual, efeitos e rotinas de medicação, à interpretação de dados epidemiológicos, geralmente a partir de fontes científicas ou mediante entrevistas com profissionais de saúde coletiva; e c) denúncia e mobilização, no que tange a revelação e problematização de fatos atuais, do ponto de vista da inserção social e na seara dos direitos da pessoa soropositiva, ou ainda na produção do estranhamento sobre práticas e discursos que naturalizam o estigma contra PVHIV. Através do vlog observam-se reconfigurações que não se dão apenas no plano individual, dos significados da experiência pessoal, também se abrem à esfera coletiva, abarcando interesses e necessidades de grupo.

Os canais de exibição audiovisual na internet elucidam-se como meios para conferir visibilidade a corpos e vozes subalternizadas ou depreciadas nas práticas

sociais ou midiáticas. Butler (2018) discute as condições de precariedade¹⁰² que se ligam aos esquemas normativos e discursos regulatórios, e por sua vez se manifestam nas situações de violência e de assédio no cotidiano dos indivíduos. Seguindo a linha de raciocínio da teórica, entende-se a vida da PVHIV enquanto “vida precária”, dada a condição política atribuída pelo estigma, corporificando-se na pessoa destituída de vitalidade (desprovida de desejos, de saúde, de vigor), de cidadania (tratada enquanto “despesa” governamental ou quando são negados direitos básicos) ou de segurança (vista como portadora de risco econômico, moral, sexual, social). Assim, Butler (2018) introduz a performatividade como exercício político pelo direito de aparecer, “fazendo um conjunto de reivindicações sobre o direito de ser reconhecido e de ter uma vida visível, mas também é uma maneira de reivindicar para si a esfera pública” (p. 48). É nessa perspectiva que as transmissões no YouTube insurgem na lógica performativa, sendo um espaço pelo qual não apenas é possível se tornar visível, como também se produz conhecimento e novas formas de visibilidade sobre o corpo soropositivo.

Butler (2018) entende a performatividade¹⁰³ como um modo de ação que parte da precariedade e se manifesta contra ela, de se reivindicar um poder que é negado para expor uma negação, e que em sua proposição plural “busca produzir uma fenda na esfera do aparecimento” (p. 67). Assim, é pela composição e fortalecimento de uma #EsferaPositiva que se pode demonstrar “uma aliança crítica [...] a fim de estabelecer novas formas de aparecimento que busquem superar essa forma diferencial de poder” (BUTLER, 2018, p. 58). Ao transmitir-se através do vlog, e de constituir pluralidade na comunidade virtual, os criadores de conteúdo reivindicam o espaço público para expor suas trajetórias, e para denunciar as estruturas opressivas que atuam por atribuir o sentimento de vergonha, de culpa, de silêncio às suas vidas, e do quanto romper com

¹⁰² Por precariedade, Butler (2018) entende “a situação politicamente induzida na qual determinadas populações sofrem as consequências da deterioração de redes de apoio sociais e econômicas mais do que outras, e ficam diferencialmente expostas ao dano, à violência e à morte” (p. 40), e que assim caracteriza “a condição politicamente induzida de vulnerabilidade e exposição maximizadas de populações expostas à violência arbitrária do Estado, à violência urbana ou doméstica, ou a outras formas de violência não representadas pelo Estado, mas contra as quais os instrumentos judiciais do Estado não proporcionam proteção e reparação suficientes” (p. 41).

¹⁰³ Butler (2018) revisa o conceito de performatividade para formular como “aquela característica dos enunciados linguísticos que, no momento da enunciação, faz alguma coisa acontecer ou traz algum fenômeno à existência. [...] Um enunciado dá existência àquilo que declara (ilocucionário) ou faz com que uma série de eventos aconteça (perlocucionário). [...] a performatividade é um modo de nomear um poder que a linguagem tem de produzir uma nova situação ou de acionar um conjunto de efeitos. Não é por acaso que Deus geralmente receba o crédito pelo primeiro ato performativo: ‘Faça-se a luz’, e então de repente a luz passa a existir” (p. 35).

o manto da invisibilidade, do armário soropositivo, representou para suas trajetórias biográficas. É nessa orientação que a filósofa avalia o poder de atuação da linguagem na produção de novas situações, efeitos ou para materializar ideias na vida social das pessoas, ainda mais considerando a pluralidade que se pode instituir por meio dela, em eventual reunião ou associabilidade. Há, portanto, um modelo de ação ativista na exposição de si, uma maneira de negociar demandas políticas, que os atores sociais da #EsferaPositiva fazem para expor os riscos estabelecidos pelo estigma, no que diz respeito aos danos que apresentam à eficácia das respostas coletivas contra a epidemia de Aids.

Ao corporificar os processos violentos e de desigualdade que decorrem das experiências do estigma, a própria vivência pessoal surge na qualidade de objeto da ação política, designando a natureza performativa dos vídeos. Elucida-se, conforme Butler (2018), uma prática de crítica que recai sobre categorias e estruturas geradoras do apagamento e desigualdade, diretamente sobre o que desvalorizam a vida com HIV em detrimento das outras. Então, através dos atos performativos se concebem pensamentos que contestam mecanismos depreciativos, tendo a valorização da vida em si como via de persistência e de resistência contra a condição precária. Ainda segundo Butler (2018), “o ato verbal se tornou a ação do espaço público e do espaço deliberativo da política” (p. 224), aspecto pelo qual se pode apreender o vídeo online como linguagem designada para apresentar, instruir, disseminar novas maneiras de se viver, e ao mesmo tempo expor as tensões acarretadas nas ordens do privado e em conflito com o público. Elaboram-se, ao redor da narrativa audiovisual, programas de reconhecimento social da vida soropositiva, especialmente quando os criadores mencionam, repetidas vezes em suas falas, a capacidade de resiliência (AZEVEDO, 2019) perante as circunstâncias de adversidade dispostas no diagnóstico.

No horizonte do *médium digital*, que designa o espaço público do século XXI, caracterizado em termos de liberdade de expressão, na perspectiva das escolhas das fontes de informação, e ainda pela liberdade de associação nas dinâmicas florescidas na rede (LÉVY, 2017), o YouTube surge enquanto plataforma que se estrutura sobre a difusão de informações e estilos de vida segundo as lógicas da narrativa audiovisual, e das plasticidades que combinam linguagens do cinema, da TV, do vídeo amador e das hipertextualidades da internet. É um site que desperta o interesse por manter nos fluxos informacionais diversos tipos de conteúdo, que por sua vez agregam demandas apresentadas nas sociabilidades contemporâneas através dos discursos e práticas

dos criadores da rede. Kyncl e Peyvan (2019) utilizam a expressão *streampunk* para se referir à “geração de diretores e apresentadores que construíram seu sucesso na plataforma, inspirados pelo desejo de compartilhar sua criatividade com o mundo” (p. 12), numa alusão à figura dos *cyberpunks*¹⁰⁴. Para os autores, a estrutura aberta do site, que permite a distribuição gratuita, instantânea e global dos vídeos, tem incitado a participação cada vez mais efetiva nas práticas de UGC, com repercussão sobre os monopólios corporativos e estatais sobre o que é assistido e ouvido. Diante do cenário de transformação nos modos de produção, distribuição e consumo midiático, que os autores observam em relação ao YouTube, na qualidade de um ambiente da internet que impulsionou o surgimento de talentos criativos e empreendedores.

Com a transmissão em vídeos nos canais do site, a narrativa audiovisual se reforça como ato criativo e prática crítica, no sentido em que se manipulam elementos de linguagem para integrar-se às dinâmicas de reconfiguração da trajetória pessoal. Isso pode ser visualizado na capacidade de selecionar momentos específicos da vida, e atribuir significados por meio da construção das cenas, seja quando se dá de forma espontânea (a partir de ambientes domésticos, com recursos limitados na realização e na montagem do filme) ou de maneira mais artística (com cenários projetados, mais recursos na captação da imagem e som, e de efeitos aplicados na edição final). Nesse pensamento, o vídeo representa uma prática política por meio da partilha do sensível, nos termos que Rancière (2005) afirma ser “um recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, da palavra e do ruído que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política como forma de experiência” (p. 16). Contempla-se, no pensamento do filósofo, a própria vida como a mensagem midiática, pela capacidade de articular às experiências diárias uma série de recursos da linguagem audiovisual e dos ambientes interativos para compor a narrativa. Ao ser integrado aos espaços de conversação, os relatos do vídeo online participam dos atos de circulação da palavra, das relações entre falas e corporeidades que se erguem no imaginário social.

Compondo-se em repositórios de narrativas, experiências e percepções sobre o cotidiano, o vlog se consolida como espaço de produção de visibilidades, a partir do

¹⁰⁴ Amaral (2006) descreve o *cyberpunk* como parte de uma tendência, originada no movimento de ficção científica, e que foi imbricado à estética da cibercultura através dos objetos comunicacionais. Designa uma atitude em relação à sociedade da informação e ao mundo contemporâneo através dela, no sentido de explorar a criatividade humana através das informações disponíveis a partir da tecnologia. Expressa o ideário do livre-fluxo da informação, que influencia comportamento como o ciberativismo, o jornalismo colaborativo, movimento do *software* livre, entre outros.

qual se podem redes de saberes, de afetos, de contestações culturais e políticas, entre outras finalidades que motivam a *streaming*. Mediante a partilha de conhecimentos e referências, os atores da rede podem iniciar debates, conduzir aprendizados e incitar mobilizações ao redor de questões sociais mais amplas, podendo se desdobrar para os espaços físicos. Thompson (2008) discorre que tal visibilidade mediada tem valor estratégico, aplicada no enfrentamento de lutas diárias, e que contém traços comuns do que se vivencia socialmente, bem como daquilo que representa em relação aos territórios de disputas políticas. Para o sociólogo, isso se dá em razão do ambiente informacional mais intenso, em razão do volume de material simbólico em circulação, mais extensivo, pela quantidade de atores sociais envolvidos nos processos, e menos controlável, no que se refere às imagens e informações que são tornadas públicas na ordem da previsibilidade dos efeitos de tais aparições. Visibilidade é o emblema para a ação política nos vlogs, pelos quais se concretizam outros processos e formas de solidariedade contemporâneas.

Na epígrafe da resiliência, ao pronunciar que “tudo vai ficar bem, vai passar”, os criadores declaram a continuidade do projeto de vida, no caminho adverso à ideia de finitude que muitas vezes se instaura durante o diagnóstico de soropositividade. É na imposição de sentimentos de vergonha, de fracasso ou de culpa que posicionaram o debate do HIV no domínio clínico, na esfera privada da sala fechada, do consultório, ou das salas das ONGs. À esfera pública, a discussão é tomada no campo preventivo, das campanhas de conscientização sobre o uso de preservativo e de outros métodos para evitar IST. Em contrapartida, as imagens de cronicidade enquanto possibilidades de existência são vistas como esforços de “romantização” do HIV, confundem-se com a banalização ou esvaziamento das lutas de prevenção, ao invés de propiciar meios de valorização de si, na assimilação dos cuidados que envolvem a medicalização, das garantias conquistadas no direito civil, sobre maneiras de lidar com o estigma. Tratam-se de enfoques que compõem novos enquadramentos ao imaginário do HIV, e assim produzem rupturas com o silenciamento, o vazio informacional gerado em torno da soropositividade. “Tudo vai ficar bem” porque, diante da viabilidade de uma vida plena proporcionada pela TARV, especialmente nas condições de indetectabilidade, tantas imagens de pânico moral perdem o sentido, à medida em que outros são formados.

Entre as principais enunciações dos influenciadores, destaca-se a perspectiva do acolhimento, presente na elaboração das mensagens, que se propõem a reordenar a corporeidade, e na interação com outros indivíduos, nas situações de intercâmbios

em comentários, mensagens diretas e nas respostas que fundamentam roteiros para outras narrativas audiovisuais. Percebe-se aí a articulação entre atividades humanas e dinâmicas midiáticas, visto que se observa a progressiva integração das esferas da vida social às operações nos vídeos do canal. São processos que correspondem ao fenômeno da midiaticização¹⁰⁵ da sociedade, que Hjarvard (2014) pondera quando se refere às transações entre as mídias e as relações humanas e práticas sociais, e que acarretam em alterações nas atividades. O pesquisador faz alusão à presença cada vez mais constante das lógicas midiáticas no cotidiano das pessoas, que promovem adaptações sem que os indivíduos ou as instituições renunciem às características que os definem. Na concepção relacional sob a qual se explana a midiaticização, os sujeitos relacionam as práticas cotidianas às expectativas suscitadas nos contextos midiáticos, de forma a se pensar nas ações estabelecidas. Portanto, o acolhimento é pensado e convertido a partir das ferramentas tecnológicas, pelas quais se formulam mensagens de amparo e de assistência, e na produção de novos conteúdos que incorporem as transações sociais que se originam dessas situações.

Os elementos expostos permitem situar o canal de exibição no YouTube como estratégia comunicativa direta, tendo em vista as características para a produção e distribuição de narrativas, e para o desenvolvimento de interações a partir dos campos destinados aos comentários. Com a página, também se podem elaborar estratégias conexas, como a criação de grupos de mensagens instantâneas, fóruns em páginas de SRS, incorporação do conteúdo em outras páginas da internet, ou mesmo diante do lançamento de produtos específicos, que fazem circular o nome do canal. É como se pode visualizar nas ações do *Super Indetectável* e *Drew*, que se propuseram a criar e manter grupos para acolhimento que funcionam por meio de aplicativos como o WhatsApp e Telegram, com o propósito de se criar redes para prestar atendimento a dúvidas pontuais, compartilhando informações rápidas e referências. Ou ainda como o *Projeto Boa Sorte* e o *Confissões de um Soropositivo*, em seus projetos de literatura,

¹⁰⁵ Hjarvard (2014) descreve a midiaticização da cultura e da sociedade como “o processo pela qual ambas as esferas se tornam cada vez mais dependentes da mídia e da sua lógica” (p. 36), enquanto um fenômeno acelerado nas sociedades modernas e altamente industrializadas, notadamente ao final do século XX, enquanto “um processo de mais longo prazo, em que as instituições sociais e culturais e os modos de interação são alterados em consequência do crescimento da influência dos meios de comunicação” (p. 39). O teórico considera que tal influência é percebida tanto na ordem simbólica quanto econômica, pelos mecanismos midiáticos, e reforça que “os processos de midiaticização afetam a relação entre o indivíduo e a sociedade, particularmente a forma pela qual os meios de comunicação possibilitam, estruturam e alteram a maneira como os indivíduos adquirem orientação normativa e estabelecem relações sociais recíprocas” (HJARVARD, 2014, p. 217).

podcast e teatro, que fazem circular as mensagens do canal por outros espaços além da plataforma audiovisual, divulgando o YouTube como um espaço centralizador dos conteúdos e das interações.

Em meio às dinâmicas de criação e transmissão dos vídeos, os influenciadores demonstram-se ativistas, levando em conta as finalidades de interferir na realidade de outras pessoas, promover transformações, ajudar em processos de assimilação da condição soropositiva. Ainda que inicialmente não se reconheça tal responsabilidade, é no seguimento das atividades que se dá a percepção desse papel, com as relações que se estabelecem na rede, mensagens de agradecimento e pedidos de orientação, e ainda da notoriedade obtida nos debates públicos da Aids, quando são mencionados como referências no assunto por outros canais de comunicação. Santos (2007) afirma que o ativismo se dá na ligação simbólica entre doença e política, imbricada na relação intersubjetiva, com o sentido de politizar a experiência com a infecção. Engendra-se a partir daí uma nova condição pessoal, através dos processos de empoderamento e da reconfiguração das trajetórias de vida. O pesquisador tipifica como “ser ativado” o processo de “conversão” ao ativismo, dado através da incorporação de um *habitus* que deflagra a iniciação nesse universo de práticas, ainda na adesão à gramática da mudança pessoal e na produção de novos itinerários de existência, que oportunizam a reorganização da pessoa em torno da corporalidade. A consciência de ser ativista é adquirida perante o reconhecimento de tais responsabilidades, gradativamente no discurso dos criadores de conteúdo, e no ponto de vista das instituições, quando eles passam a atuar em campanhas e ações comunicativas.

No âmbito das instituições, os canais da #EsferaPositiva se complementam ao trabalho das instituições que compõem o mundo social da Aids, ao anunciá-las na qualidade de centros de referência para assistencialismo e enfrentamento à epidemia. Inserem-se aí a superação de barreiras geográficas ou burocráticas que pressupõem a presença física como condicionante de participação nas atividades de assistência e acolhimento oferecidas por essas instituições. Pelo pensamento de Castells (2005), ao anunciar a emergência do espaço de fluxos em oposição ao espaço de lugares, são evidenciadas as transformações nas instâncias do espaço e do tempo, no que se refere aos padrões de localização apresentados pelos paradigmas tecnológicos. O sociólogo reflete que, no que tange à manifestação espacial, percebe-se um conjunto de alterações na “organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos [de informação]” (CASTELLS, 2005, p. 501). Trata-

se de entender, para além das dinâmicas organizacionais, como as redes de apoio e de ajuda mútua se reconfiguram perante os fluxos de informação que se formam nas redes sociotécnicas, tanto no sentido de motivar os indivíduos a participarem de tais espaços quanto de mediar essa participação, tendo em vista que constantemente são convidados profissionais desses setores para interagir através dos vídeos no canal.

Exprime-se, pois, com as ramificações da esfera pública interconectada, maior potencial de participação política pela ocupação de territórios informacionais entre indivíduos, organizações e pessoas. Guzzi (2010) analisa a emergência da sociedade informatizada como elemento essencial ao surgimento de práticas sociais coletivas, pela penetrabilidade em todas as esferas da atividade humana. Para a pesquisadora, é como se vê na geração de “redes inteiramente permeáveis, capazes de inaugurar novas composições, formar uma, duas ou mais redes que por sua vez podem se rizomatizar em outras redes mais, nos quais um mesmo sujeito pode intervir em diferentes esferas sociais” (GUZZI, 2010, p. 60). São formuladas, assim, um conjunto de novas composições para pensar as relações de poder, ou ainda em no que tange às antigas relações sociais instituídas, propiciadas pelas atitudes de cooperação em rede e pelas discussões de conteúdos especializados ou em debates políticos, pelas quais se inauguram novas formas de conhecimento, percepções, afetos e ou sentidos políticos aliados às práticas.

Os elementos expostos permitem observar a narrativa audiovisual enquanto ato performativo, no sentido de ocupar espaços de visibilidade pública para repensar as condições de precariedade do corpo soropositivo, ao mesmo tempo que abarcam outras modalidades de ação política. São processos ocasionados pelas propriedades de horizontalidade da comunicação em rede, que promovem fissuras nas disposições dominantes da comunicação e situam o criador de conteúdos como produtor de fluxos informacionais. Através das narrativas audiovisuais, e do potencial politizador da rede, as escritas de si são capazes de promover rupturas com o imaginário estabelecido e materializado nos discursos e práticas estigmatizantes, que tanto acarretam situações de discriminação, violência e negação de direitos. Nesse sentido, os intercâmbios que se constroem a partir dos vlogs revelam instâncias discursivas de estranhamento das categorias instituídas sobre a PVHIV, e ainda potencializam as reconfigurações das formas de identificação social, constituindo-se assim como agentes fundamentais à condução de processos de empoderamento mediados pela rede.

6.3 Relatar a si e reescrever o outro

A sentença “é sobre mim, é sobre você, é sobre todos nós” sobressai como um pensamento organizador dos encontros promovidos a partir das redes sociais digitais, e que tem a narrativa de si como elemento fundante das trocas comunicativas e para as ações comunitárias. O vlog, na concepção de um diário íntimo escrito para a leitura pública, se define pelo propósito de dimensionar a experiência pessoal e privada para redes abertas de produção de sentido, onde esses encontros acontecem e adquirem novas proporções. O autor narrador, blogueiro ou influenciador, criador e produtor de conteúdos digitais, entende a sua narrativa como elemento de ingresso nos circuitos de conversação, por onde se constrói valor no âmbito das interações estabelecidas. O leitor participante, outro polo da escrita compartilhada, pode revelar-se na qualidade de reflexo do autor, através dos fluxos de afetos e indignações que são investidas nos fragmentos de si por meio das relações comunicativas. Acionam-se, no interior dessas transações, um conjunto de interesses e motivações em conformidade com as várias circunstâncias sociais, culturais e políticas nas quais estão inseridos os indivíduos e seus grupos.

Cada vez que um novo aparato tecnológico é anunciado, surge em torno dele uma série de discursos de modernização, evolução, progresso, otimização e demais benefícios que são adquiridos pela participação naquela inovação apresentada, e que designa alterações na vida cotidiana. Por um lado, refletem aprendizados de mundos possíveis, aquisição e atualização de repertórios culturais, compreensão de aspectos identitários emergentes, mudanças de comportamento e outras formas de negociação de conhecimento que resultam nas transformações de si. Incluem, nessa perspectiva, as capacidades de transmissão aos outros, seja para informar, persuadir, emocionar, introduzir novas referências aos horizontes de existência das pessoas, o que permite imaginar a transformação do outro. Com as possibilidades apresentadas nos quadros das redes sociotécnicas, fascina a ideia de que tais vínculos possam representar oportunidades para se interferir imediatamente nas teias afetivas humanas, ao mesmo tempo em que se pode promover reuniões e disputas ao redor de temas ou demandas específicas. Observa-se um cenário no qual a difusão da informação é dada em larga escala, de maneira veloz, tanto quanto se torna a circulação de discursos e saberes, que podem atuar em causas individuais ou coletivas.

Entre as práticas efervescentes visualizadas a partir dos espaços de interação nos SRS, a geração de tendências de discussão pública sobre tópicos, no sentido de evidenciar questões para a esfera pública, revelar personagens ou expor situações de conflito, é um modo de constatar a aceleração os modos de construção de significados da realidade nos ambientes conversacionais. Nesse sentido, Han (2018) contempla o encerramento da época da representação, no ritmo frenético das reivindicações por participação e transparência, que se definem como pilares da sociedade da opinião e da informação contemporâneas, ao redor das plataformas de mídia como Facebook, Twitter, YouTube etc. Segundo o filósofo, isso ressalta o imperativo da transparência como essência da informação, que assume o aspecto cumulativo e aditivo enquanto efeito da rápida circulação de informações e também de capital. O teórico descreve a “era da informação total”, na qual o modo de proceder do digital se opõe aos regimes de verdade estabelecidos na manutenção do sigilo¹⁰⁶, e originam espaços simétricos de comunicação. São espaços caracterizados pela escrita coletiva e transparente, na qual se dissolvem as fronteiras entre o polo destinatário e o remetente, no âmbito de reunir elementos aditivas para romper com o silêncio, produzir “barulho comunicativo” e provocar mudanças de paradigmas.

Com a velocidade das interações, que incidem em novos padrões de produção, circulação e de consumo midiático, ressalta-se a abundância de falas, imagens e de fragmentos do privado que flutuam sobre os emaranhados das redes sociais digitais, e que acarretam em reconfigurações do espaço público. É dessa maneira que Bosco (2017) concebe o “novo espaço público brasileiro”¹⁰⁷, composto em sua grande parte pelas disputas por reconhecimento identitário que eclodiram no país nos usos culturais das redes sociotécnicas, tanto para finalidades de denúncias, flagrantes, críticas e até mesmo em situações de linchamento virtual. Segundo o autor, trata-se de um espaço

¹⁰⁶ Han (2018) pondera que “poder e informação não combinam um com o outro. O poder gosta de se ocultar no segredo. Ele inventa a *verdade*, a fim de se entronar e se inaugurar. O poder, assim como o segredo, é caracterizado pela *interioridade*. A mídia digital, em contrapartida, é *desinteriorizante* [*entinnerlichend*]. As instâncias de poder aparecem aos caçadores de informação como barreiras para a informação. Assim, a demanda por transparência é a sua estratégia” (p. 76-7, grifo do autor).

¹⁰⁷ Bosco (2017) descreve, através de uma abordagem simplista, que o “novo espaço público brasileiro” é consequência de três fatores: “As revoltas de junho de 2013, momento de instauração de uma nova cultura política da sociedade, desde então indócil, explicitando sistematicamente todos os seus conflitos. O colapso do lulismo, que foi uma espécie de correlato político-institucional da cultura social da cordialidade, isto é, da tendência ao não enfrentamento direto das tensões sociais. E, finalmente, a emergência, ainda na década anterior, das redes sociais digitais, tornadas, nesse contexto, plataformas de explicitação generalizada dos conflitos” (p. 10-1). Embora esse fenômeno seja mais complexo, a descrição do autor fornece pistas para situar a emergência de tais práticas.

público que detém características próprias, dadas pelo acesso mais democrático à fala, de produção relativizada da realidade midiática, e da viabilidade das informações globais serem autoeditadas. Sendo assim, constitui um terreno fértil para movimentos sociais e mobilizações por mais lutas de conhecimento, que se tornam mais fáceis de serem auto-organizados por meio das redes digitais. Bosco (2017) entende que o ideal de um ambiente mais democrático é o traço distintivo do “novo espaço público” em questão, organizado na reunião entre pessoalidade e coletividade, quando considera a copresença imaginária de participantes em grande escala quantitativa na qualidade de destinatários das mensagens. São ambientes propícios para as lutas identitárias, sistematizadas e intensificadas pela arquitetura dos ambientes digitais, mais capazes de operar no âmbito do reconhecimento e também pela transformação mais direta das instituições de poder.

As dinâmicas de abertura política despertadas nos contextos da comunicação em rede e dos aparatos tecnológicos digitais proporcionam o aparecimento de novas práticas culturais, afloradas no âmbito das audiências criativas. Tais comportamentos são examinados por Shirky (2011) a respeito do “excedente cognitivo”, expressão que denomina “o tempo livre como um bem social geral que pode ser aplicado a grandes projetos criados coletivamente” (p. 15), e que remete ao uso voluntário dos ambientes virtuais interconectados para reforçar oportunidades de participação comunitária e de compartilhamento online. O pesquisador atenta às potencialidades de reunião coletiva de pequenas e sucessivas informações para formar quadros mais amplos de sentidos, agregando assim as capacidades individuais de criar e compartilhar. Nesse raciocínio, a tecnologia social é compreendida em seu papel facilitador, lugar pelo qual se pode acionar desejos e motivações de tornar comum materiais simbólicos, entendidos pela premissa “torne-se público para encontrar pessoas que pensam como você”. Perante o valor social, pessoal e cívico que a comunicação digital pode representara um sujeito ou grupo, Shirky (2011) pondera que “a internet é uma máquina de oportunidades, a baixo custo e com menos obstáculos do que nunca, e com a possibilidade de anunciar essas oportunidades ao maior número de potenciais participantes da história” (p. 118). Assim, o autor idealiza a produção social da cultura, com base nos modos de ocupar os ambientes sociais para dispor, à esfera pública interconectada, conhecimentos que antes existiam numa dimensão restrita, e que agora são aptos à edição coletiva.

Com as probabilidades de invocar ações coordenadas, surgem personagens e classes profissionais para nominar e segmentar os tipos de atividades em relação aos

tipos de conteúdos e dimensões de compartilhamento, em esforços classificatórios em torno de tais práticas. Primos, Matos e Monteiro (2021) assim descrevem o termo “influenciadores digitais”, na acepção mercadológica e pelos contextos promocionais, que designam os produtores independentes de conteúdo online. As autoras realizam a crítica no sentido de englobar a multiplicidade de formas de ação afloradas a partir das redes sociotécnicas, e que nelas a influência não se constrói ao redor da figura do influenciador, num plano particularizado¹⁰⁸, mas sobre uma rede de influências que se correlaciona entre atores e interações nesses espaços. O conteúdo, e não a figura do influenciador, é qualificado como a ponte para estabelecer relações de confiança no processo. Os atores sociais se especializam em um nicho de atuação, e produzem níveis especializados de conhecimento e de linguagem, em graus de envolvimento com variados setores da sociedade (educação, saúde, entretenimento etc.). Assim, é possível compor discursos que atravessam fronteiras do saber e, nas circunstâncias da conversação na plataforma, alcançam pessoas em quaisquer lugares do mundo.

As conexões simbólicas desenvolvidas com os fluxos de mensagens e bens simbólicos são objeto da discussão de García Canclini (2015), ao conceber a ideia de sujeitos interculturais¹⁰⁹. O antropólogo complexifica os percursos para se combater desigualdades e garantir a diversidade cultural, o pleno acesso à cidadania através da condição globalizada. Alguns elementos que podem ser mencionados, que vão de encontro ao pensamento do autor, são a democratização do acesso à informação e à fala pública, aspectos apresentados pela arquitetura aberta da internet e dos SRS, ao favorecer a expressão do lugar de fala, de modo que propicia que sujeitos em cenários de exclusão ou subalternidade possam construir narrativas e participar dos processos de formação de subjetividade mediante a criação e de compartilhamento de materiais

¹⁰⁸ É nesse sentido que Primo, Matos e Monteiro (2021) argumentam que “o potencial persuasivo dos influenciadores digitais não pode ser abordado como fruto de um talento nato, nem tampouco como consequência inevitável do número de seguidores/inscritos/curtidas (o que representaria uma causalidade linear). A influência não acontece no vácuo, como decisão monocrática de alguém. Não existe influenciador sem influenciado” (p. 30).

¹⁰⁹ Para García Canclini (2015), interculturalização é um fenômeno que se demonstra em um cenário de globalização, no qual se observa que “as identidades dos sujeitos se formam agora em processos interétnicos e internacionais, entre fluxos produzidos pelas tecnologias e as corporações multinacionais; intercâmbios financeiros globalizados, repertórios de imagens e informação criados para serem distribuídos a todo o planeta pelas indústrias culturais. Hoje, *imaginamos o que significa ser sujeitos não só a partir da cultura em que nascemos mas também de uma enorme variedade de repertórios simbólicos e modelos de comportamento. Podemos cruzá-los e combiná-los.* [...] Por causa da sua maior liberdade de escolha ou da redução de oportunidades impostas pelas crises econômicas ou políticas, os sujeitos vivem trajetórias variáveis, indecisas, modificadas muitas vezes” (p. 201, grifo nosso).

culturais. Há uma sucessão de enfrentamentos no que se refere à cidadania global, especialmente em direção à inclusão digital, mas os contextos de desterritorialização dos sujeitos são promissores para os processos educacionais, tanto no que tange à formação e mobilização política, quanto às trocas culturais lúdicas, fins de consumo e de entretenimento, entre outras vias de acesso aos conteúdos digitais.

São múltiplas as finalidades que modelam os usos politizados das ferramentas de comunicação digital, também múltiplos são os discursos, mecanismos e linguagens de ação. O senso de contestação, reivindicação ou de denúncia surge incorporado às expressões artísticas e midiáticas para revelar posições a serem conquistadas, tabus a serem rompidos, opressões a serem revertidas. Nessas condições, Manovich (2009) explicita panoramas de estratégias e táticas¹¹⁰ que são invocadas pelos sujeitos nas esferas das relações de poder, que refletem modos de adaptar os sistemas sociais às suas necessidades, com o propósito de tornar a sociedade moderna habitável. Para o pesquisador, os sistemas hipermidiáticos de comunicação possibilitam que “o que antes era efêmero e invisível, torna-se permanente, mapeável e visível” (MANOVICH, 2009, p. 290). São estruturas técnicas que ampliam as capacidades de organizar, de promover e difundir pensamentos, opiniões, comportamentos e outras manifestações humanas, com enfoque na flexibilidade e nos intercâmbios constantes, vinculadas à relação interativa pela qual se pode responder uns aos outros. Como Manovich (2009) afirma, embora tais sistemas componham estratégias definidas pelos conglomerados de mídia, eles são reorganizados a partir das táticas que os participantes das redes aplicam, ao se apropriar das ferramentas.

No que tange às textualidades disseminadas, as mensagens podem contribuir para reelaborar condições de humanidade, aquelas submetidas à sub-representação ou manipulação midiática, no interior das lógicas normativas das instituições de poder, e que por sua vez são exercidas na produção e reprodução de estigma. Butler (2020) explana a representabilidade do humano ao discutir enquadramentos em coberturas

¹¹⁰ Manovich (2009) faz uma interpretação de Michel De Certeau (1980) para entender as maneiras pelas quais os objetos produzidos em massa são incorporados à vida cotidiana: “As pessoas constroem seus mundos e identidades baseados nesses objetos facilmente disponíveis, utilizando diferentes táticas: bricolagem, montagem, personalização e – para usar uma expressão que não foi parte do vocabulário de De Certeau, mas que se tornou importante hoje – remix. As pessoas raramente usam todas as peças de um só designer como elas aparecem nos desfiles de moda, por exemplo: elas costumam misturar e combinar diferentes peças de diferentes lugares. [...] Estratégias e táticas estão agora geralmente bem ligadas em uma relação interativa, e muitas vezes suas características são inversas” (p. 288).

jornalísticas de guerra, nas operações de regulações de conteúdo que definem modos visuais de participação naquele evento. De acordo com a filósofa, constituem-se como perspectivas construídas para fabricar, direcionar ou validar um ponto de vista, sendo capazes de alocar a condição de ser reconhecido e configurado como sujeito passível de luto. Há um paralelo entre os “quadros de guerra” explanados por Butler (2020) e a cobertura da Aids nos estágios iniciais de pandemia, ao inferir que “a interpretação acontece em virtude dos condicionamentos estruturadores de estilo e forma sobre a comunicabilidade do sentimento” (p. 105), e que sob esse aspecto ilustram a maneira pela qual a síndrome foi narrada através de imagens, para influenciar diretamente os tipos de julgamentos formulados em relação ao mundo.

Os usos criativos das mídias digitais representam, por outro lado, modelos de atuação direta sobre os imaginários sociais construídos nesses enquadramentos, pela possibilidade das autonarrativas enquanto estruturas de interpelação¹¹¹ pelas quais os sujeitos podem produzir questionamentos sobre as circunstâncias de produção de si. Desenvolve-se nelas uma postura autocrítica, que se funda na relação com o outro, concatenadas às condições de articulação no interior das redes de relações, e que se desdobram em processos coletivos. As escritas autobiográficas compreendem, nesse aspecto, táticas para revisitar o sujeito moral nas suas conjunturas de produção social e incitar reflexividades em torno dos arranjos opressivos que operam para consolidar desigualdades. Outros imaginários são escritos para reelaborar a sopositividade, bem como para reconduzir subjetividades nos contextos de refiguração biográfica, que do mesmo modo se expandem às modalidades preventivas, uma vez que as narrativas conceituam as TARV (e de outras medidas de prevenção combinada) como vias de acesso à vida plena, potencializadora de rotinas saudáveis, eliminadora de riscos de transmissão e infecção pelo vírus.

No curso da tomada de consciência crítica, a soropositividade reforça o poder de ressignificar as experiências pessoais, das que remetem ao quadro clínico às que se estabelecem na dissolução de estereótipos e imagens preconceituosas em relação

¹¹¹ Butler (2015) compreende, nesse ponto, que “a estrutura de interpelação não é uma característica da narrativa, não é um de seus muitos e variáveis atributos, mas sim uma interrupção na narrativa. No momento em que o relato é direcionado a alguém, ele assume uma dimensão retórica que não é redutível a uma função narrativa. Ele presume esse alguém e busca recrutá-lo e agir sobre ele. Algo acontece na linguagem quando começo a fazer um relato de mim mesma: meu relato é invariavelmente interlocutório, espectral, carregado, persuasivo e tático. Pode muito bem buscar comunicar uma verdade, mas só pode fazê-lo, se puder realmente fazê-lo, exercendo uma dimensão relacional da linguagem” (p. 85-6).

às PVHIV. A condição crônica soropositiva está atrelada a um emaranhado de falas e representações, as quais inscrevem o sujeito no campo da transgressão moral, e por onde o corpo com HIV carrega o efeito mórbido da culpa, consequência do fracasso da gestão do desejo e da segurança sexual. Os discursos estigmatizantes, tais como descritos por Parker (2000; 2021), são formados no sentido de deslocar a percepção do risco para grupos sociais específicos, e que fortalecem a metáfora da Aids como o Outro, espécie de problema atribuído aos sujeitos situados às margens das normas dominantes, em detrimento ao juízo de uma “epidemia de todos”, dadas pelas iguais condições a quais todos estão expostos à transmissão do vírus. Com a emergência das subjetividades na esfera pública interconectada, esses modelos são postos em contestação, bem como os distanciamentos estabelecidos sobre os comportamentos de risco e as necessidades de se entender o outro como pessoa digna de respeito, de acolhimento e de cidadania.

Pela diversidade dos formatos midiáticos que são apropriados pelas audiências criativas para estabelecer culturas políticas, na abrangência dos movimentos sociais em rede, a premissa do “faça você mesmo” faz com que os criadores, influenciadores e *streamers*¹¹² recombinaem constantemente falas, imagens e modos de ver e perceber o mundo ao redor. A emergência de novas linguagens para a prática ativista reflete o “momento intenso de potencialização política e da emergência de discursos e atores que usam as redes sociais e se organizam conectando as redes com os territórios e os campos” (BENTES, 2015, p. 44). Assim, passam a integrar os repertórios culturais dos personagens que exploram as potencialidades criativas para suprir demandas de informação no universo de significados das relações interativas. Nesses termos, por si só a criação independente de conteúdos pressupõe um modelo de ativismo, quando os sujeitos assumem um lugar discursivo sobre interesses específicos nos domínios da esfera pública. Evidencia-se a democracia de participação interativa, determinada numa rede de ação direta, em que “resistir tornou-se também inventar os movimentos através dos quais os modos autônomos de viver e governar a própria vida possam ser, ao mesmo tempo, as formas de lutar e se manifestar publicamente” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 142). Ao se gerar conteúdos criativos, expressar os pensamentos

¹¹² Trata-se de uma denominação recente (que passou a circular em meados do ano de 2019) para se referir à categoria dos criadores de conteúdo que realizam transmissões ao vivo, através de serviços de *live streaming* nas plataformas sociais da internet, ou que publicam registros de gravação em áudio/vídeo das transmissões. As transmissões mais comuns são *gameplays* (partidas de jogos digitais), bate-papos e ainda procedimentos de maquiagem.

contextuais de uma posição social, elucidar saberes até então subrepresentados nas mídias de massa, os participantes da rede mantêm as forças vitais da comunidade, e criam novos modelos de resistência social.

A insurgência da mídia digital enquanto território da ação política é sustentada pela arquitetura aberta das redes interconectadas e pelos ideários de liberdade para informar, opinar, contestar na cena pública sem os filtros institucionais que mediam os canais anteriores. O espaço público inaugurado é protagonizado pelos movimentos sociais e pelos insurgentes políticos¹¹³, na apropriação dos sistemas de comunicação multimídia para construir itinerários das disputas por mudança social. É nessa direção que Castells (2015) argumenta sobre a reprogramação das redes de comunicação, a considerar as práticas de subversão da ordem existente para moldar novos ambientes simbólicos em vias de transformação da sociedade, quanto à autonomia dos atores para introduzir mensagens que questionam os valores e estruturas dominantes. Aí se formam as possibilidades para agir e produzir novas realidades, que contrastam com os esquemas regulatórios e normativos instituídos nas relações de poder, na medida que são agregadas novas referências, práticas e atores ao sistema político. Percebe-se aqui o quanto tornar visível o que antes era interdito, oculto, passível de vergonha, esse ato por si só constitui o ato político, pois se contrapõe aos regimes de verdade convencionados no domínio das estruturas de poder, e assim podem contribuir para alterar mecanismos de produção de visibilidade.

Não só pela capacidade de incluir, mas de se fazer disseminar, circular, difundir as informações e referências para audiências e participações cada vez mais amplas, e aumentar o alcance dos produtos e mensagens elaborados. Perante as modalidades de se distribuir, ou melhor, de se propagar as narrativas em rede, o indivíduo também pode planificar o seu conteúdo, adaptar às lógicas de programação algorítmica, para então se efetivar cada vez mais nos encontros em rede. Jenkins, Green e Ford (2014) argumentam que o modelo de circulação, em comparação ao de distribuição, refletem um modelo mais participativo de cultura, pelo qual visualizam novas modalidades de

¹¹³ A ideia de “política insurgente” é adotada por Castells (2015) em razão dos “processos cujo objetivo é a mudança política (mudança institucional) em uma descontinuidade com a lógica incorporada nas instituições políticas [...] [propondo que ela] opera a transição entre mudança cultural e mudança política ao incorporar os sujeitos mobilizados para a mudança política ou cultural em um sistema ao qual eles não pertenciam antes, por várias razões. [...] [e que] podem se originar da afirmação de um projeto cultural ou político ou de um ato de resistência contra instituições políticas, quando as ações dessas instituições são consideradas injustas, imorais e, em último caso, ilegítimas” (p. 354).

construir sentidos, verificando as condições em que “pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia de maneira que não poderiam ter sido imaginadas antes” (p. 24). Os autores chamam a atenção para os aspectos de recombinação das mensagens, em que os atores reelaboram narrativas e incorporam significados pertinentes à realidade em que vivem ou às características comunitárias de um grupo. A propagabilidade, nesse entendimento, se relaciona aos recursos técnicos que facilitam a circulação de textos de mídia, quando comparados a outros sistemas técnicos, o que faz com que os conteúdos se difundam de maneira ampla e rápida através do engajamento por um nicho. É como se observa através da produção de memes, paródias e remixes ou de outras versões sobre um texto, dando a possibilidade de refletir ou assumir postura crítica sobre tal.

Os raciocínios expostos até então redimensionam o olhar para as tendências apresentadas às agendas de lutas, nas expectativas de inclusão e reordenação sobre os circuitos de produção cultural, enquanto exercícios contínuos de relativização pela participação nas mobilizações ativistas. Para tanto, recorre-se ao debate proposto por Colling (2015) sobre o ativismo *queer* em relação ao movimento LGBT, ao entender a crítica à ação política do movimento em torno das propostas de marcos legais (como as leis matrimoniais, antidiscriminatórias, normativas de afirmação identitária) pois, de certa maneira, tais estratégias e leis contribuem para reforçar normas ou instituições disciplinadoras das sexualidades e dos gêneros. Em vez disso, o ativismo é dado nas táticas de atuação no campo da cultura, pelo desenvolvimento de produtos, discursos ou artefatos culturais, no que Colling (2015) esclarece que tal ponto de vista remete ao fato de que “ativistas entendem que os preconceitos nascem na cultura e que a estratégia de sensibilização via manifestações culturais é mais produtiva, mas desde que elas também confrontem as normas [...] que já estão instituídas” (p. 239). É dessa maneira que as narrativas audiovisuais produzidas para o YouTube constituem atos performativos e produtos culturais, e que despertam ramificações e intersecções em torno de novas vozes para participarem do movimento de modo mais concreto.

Convém ressaltar que o ativismo observado na #EsferaPositiva não tensiona ou deslegitima os movimentos sociais e respostas coletivas em torno da epidemia de Aids, mas promove outros contratos de participação nele. Corresponde às situações contempladas por Hjarvard (2014) ao visualizar a interação como forma de participar de uma atividade social independente da presença física, condicionado apenas pela escolha individual, em que se possa afetar as modalidades de ocupação de espaços

e de envolvimento em processos sociais e culturais. Abre-se, com a participação em rede, a atenção para os desdobramentos temáticos em torno da soropositividade, que abrange a população feminina, idosa, transexual, as pessoas com deficiência (PcD), além de se incluir o debate para incorporar os sentidos do HIV na infância (pelas vias de transmissão vertical). Dessa maneira, toda a gama de pessoas são integradas às discussões, e incluem outras referências para ampliar os conteúdos narrativos ou para compartilhar seus dramas particulares. Isso é viabilizado pela infraestrutura conectiva, que instaura um novo espaço global para ação social, esse “que se encontra a todo momento ‘carregado’ de potencial de ação, pronto para ser acionado de/para múltiplas distâncias e direções, através de múltiplas modalidades” (COULDRY, 2019, p. 23). É a partir desse fundamento que as estruturas do ativismo soropositivo são estendidas, para abranger diferentes formas de representabilidade e, a partir das oportunidades de criação e propagação, fazer-se conhecer e validar suas narrativas enquanto vidas possíveis de existência, passíveis de empatia e dignas de respeito e igualdade.

Resgata-se aqui a morfologia da #EsferaPosithiva para compreender os modos pelos quais se podem notabilizar as dinâmicas políticas em torno da informação sobre o HIV e o estigma social da Aids. As narrativas construídas e compartilhadas a partir do YouTube representam, em primeiro contato, relatos de experiências comuns entre os atores sociais, no que diz respeito aos momentos de detecção da infecção, sobre como foram conduzidas as incursões em rotinas de medicalização e de reordenação das práticas cotidianas, e assim revelam trajetórias singulares, tendo em vista que os protagonistas das falas provém de gerações, ocupações profissionais, localizações e outros indicadores que tornam cada vivência única. Os interesses coletivos em torno do mesmo assunto, pelo que se observa na repetição de vídeos em torno de tópicos e eixos discursivos, demonstram as interpretações individuais sobre os processos e domínios de conhecimento, permitindo relativizar situações, efeitos e até mesmo as formas de violência sentidas por cada integrante. Sendo assim, é na heterogeneidade das falas que se constrói a #EsferaPosithiva, na pluralidade cultural que se atribui à soropositividade multifacetada nos termos atuais, tanto para se pensar em termos de políticas públicas, quanto para questões de humanização do atendimento e suporte médico ou às condições de representação midiática.

Os autores das biografias audiovisuais, tanto aqueles que utilizam a plataforma como diário para o desabafo, quanto aqueles que reconhecem tal atuação nos termos do influenciador ou ativista digital, são personagens de uma insurgência política, pela

urgência de se reconhecer a polifonia dos desejos, afetos, subjetividades sociais e vozes políticas. Os projetos biográficos retratados na tela emergem não apenas com o propósito de valorizar histórias de superação, mas também de reivindicar imagem, lugar e fala em relações de desigualdade, por meio das interpretações culturais que se abrem à participação de outros atores, para incorporar perspectivas, sentimentos e vontades de transformação política. São realçados, em torno dos eixos discursivos, formas plurais de existir, de ocupar espaços, de engendrar fissuras nos imaginários historicamente estabelecidos e despertar para novas visibilidades, em contraposição aos estigmas que também impedem maior eficácia das respostas coletivas contra a Aids. Nesses espaços de práticas individualizadas, estatísticas métricas são aspectos relevantes, mas o espírito de solidariedade, acolhimento e de modificação social que se abre com o relato de si remetem ao cenário de lutas por abertura política, seja pela exposição de si enquanto ato libertário, pela possibilidade de transformar trajetórias de outras pessoas tendo a própria narrativa como referência, ou pelo despertar de um senso crítico sobre a precariedade da vida soropositiva.

São atitudes que se conectam ao que Parker (2020) estipula rumo à construção de uma agenda afirmativa e emancipatória dos direitos sexuais, através de uma nova compreensão da saúde sexual, como forma de avançar no debate em um movimento mais amplo de saúde e direitos humanos. Espaços entendidos como ambientes para a interação lúdica, como o Instagram, Twitter, YouTube, TikTok, entre outros, podem constituir importantes oportunidades para atuar em conscientização social, ou como canais de mobilização em torno de causas políticas. Linguagens baseadas no humor, no teatro, no bate-papo ou até numa receita culinária podem investir-se de sentidos políticos e integrar realidades plataformizadas, fazendo surgir entendimentos críticos sobre formas de pensar e agir no mundo. O ativismo soropositivo amplia-se, além dos espaços físicos, para transformar o mundo interconectado num pátio intercultural, de trocas de conhecimentos, de afetos, de percepções e formas de acolher os medos, as inseguranças e até preconceitos, convertendo em “forças positivas” pela vida plena adquirida através dos progressos que, com a mesma responsabilidade que inativaram o HIV no organismo, lutam para desativar o estigma que tanto impede o acesso a essa plenitude. Nunca é o fim.

7 /SOBRE+VIVER: ÚLTIMOS APONTAMENTOS

Para entender os processos de transformação em sociedades interconectadas, as ideias não tem fim, continuam em fluxo, são observadas em constantes mutações, adaptações, impossível de se captar em uma última página. Tanto há para descobrir, muito há para se viver, infinitas são as realidades a se conhecer, se compreender, das escritas que ainda surgirão. Os objetos de pesquisa não se esgotam, o que se finda é o cronograma de estudo, o conjunto de procedimentos adotados com o propósito de observar, descrever, construir análises e interpretar resultados a respeito da realidade vivenciada. À última página fecha-se o texto, apresentam-se as considerações finais sobre o que se pode adicionar ao entendimento de algo, e do que se pode apreender para os próximos avanços na construção do conhecimento. É dessa maneira que se pretende introduzir as reflexões conclusivas a respeito dos processos e articulações aqui desenvolvidos.

A esfera pública digital tem sido contemplada pela efervescência de vozes, de filtros, de sons, de histórias e perspectivas que são construídas e recombinaadas a todo instante, diante da pluralidade de apropriações que os participantes das conversações em rede fazem dos recursos e aparatos tecnológicos digitais. Contemplam-se os SRS como principais ferramentas utilizadas para a expressão de si, a exposição de cenas do cotidiano, a transmissão colaborativa de pensamentos que ajudam a transformar a rotina dos outros, tanto por meio de conteúdos de entretenimento, educativos, informativos, opinativos e das demais variações que a fala pode assumir na interação humana. Conversar em rede pode ser uma prática construída em torno de histórias pessoais, dos fatos públicos, dos mitos e superstições, das violências diárias vivenciadas ou ainda combinar todos esses elementos num texto para chamar a atenção sobre algo. Ao exibir, comunicar para outros, tornar comum o conhecimento ou o sentimento de empatia ou indignação, abre-se a possibilidade para corrigir injustiças, reverter desigualdades, ou somente para mudar as perspectivas no olhar sobre determinado aspecto.

Os caminhos percorridos na construção da tese foram conduzidos na tentativa de capturar as múltiplas representações acessadas na dimensão comunicacional dos vídeos circulados a partir do YouTube, elaborados por pessoas que vivem com HIV. É um cenário de pesquisa marcado pelos encontros com narrativas que ainda revelam

preconceitos velados na sociedade brasileira, no que diz respeito aos modos de se pensar e se relacionar com a condição sorológica do outro. Os vlogs possibilitaram o acesso às realidades de pessoas situadas em diversas regiões no Brasil, um mix de culturas, de sotaques, de particularidades vivenciadas em cada trajetória reconstituída e compartilhada na rede. A condição crônica da soropositividade é notabilizada nos matizes sociais, culturais e econômicas, que se vinculam aos aspectos de classe, de gênero, geração e orientação sexual, e que tornam cada experiência singular, única, capaz de ser textualizada e trazer à tona outras análises sobre a sociedade brasileira.

Entre os criadores de conteúdo, no decurso da investigação foram encontrados canais audiovisuais em aparecimento, outros em desfecho, aspectos que desafiaram a construção de informações, dada a natureza fluida dos espaços. Após demorados investimentos na observação das dinâmicas, das rotinas compartilhadas e algumas trocas de mensagens através das páginas pessoais dos realizadores, numa espécie de observação acompanhante (MISKOLCI, 2017), foi possível obter um mapa mais concreto dos empreendimentos da pesquisa. Incluíram-se aí os canais realizados por homens gays, desde o primeiro vídeo que se propõe à discussão pública sobre a vida soropositiva, até os conteúdos publicados na última data de 2021. Trata-se de trazer às vias de análise uma série de acontecimentos que representam influências sobre os modos de compartilhar e as matérias dos compartilhamentos, incluindo comentários politizados, estratégias informativas, maneiras de despertar a consciência coletiva em torno da situação das PVHIV diante de cenários de pandemia de COVID-19, que por si só instaurou quadros de instabilidade, de um chefe de governo que se expressava por meio da linguagem violenta, além das numerosas manifestações sorofóbicas na esfera pública interconectada e na mídia de massa.

Os eventos que compõem as pautas e roteiros nos vídeos dos produtores de conteúdo possuem ligações profundas com um contexto histórico de construção dos saberes e da veiculação de sentidos nos meios de comunicação de massa. Por meio da imprensa se elaborou um imaginário social da Aids e da pessoa soropositiva, cujos principais recursos foram as capas de revistas, fotografias nos jornais impressos e as reportagens na TV que, em obediência ao código moral, estamparam a “cara da Aids” e as metáforas da doença nas expressões faciais, nos relatos de sofrimento, dor e de condenação à morte. Com isso, foram gerados protótipos de violência sobre os grupos populacionais “expostos ao risco”, equivocadamente demarcando identidades como o alvo das opressões, entre elas a população homossexual. Tal-qualmente se verifica a

homofobia, na qualidade de manifestações discriminatórias, o estigma ocasionado por marcadores sorológicos pode ser entendido na condição de dispositivo de poder sobre a sexualidade humana, conforme a ordem regulatória dos desejos, práticas corporais e que se estende às formas de identificação.

Em compensação, através das modalidades comunicativas instauradas com o surgimento das sociedades interconectadas, os usos criativos dos aparatos e recursos tecnológicos de mídia digital representam formas de causar fissuras nesse imaginário, quando os participantes da comunicação em rede podem criar os próprios conteúdos, construir e fazer circular imagens e vozes alternativas. Com os avanços na medicina, nas leis e nas políticas públicas de enfrentamento à Aids, gradualmente alteraram-se algumas perspectivas narrativas nos meios de comunicação de massa, como modelos de adaptação às novas realidades despertadas através da evolução biomedicalizante que transformou a expectativa de vida das PVHIV. Ao mesmo tempo, os resíduos do estigma permanecem nas práticas conversacionais, nos discursos institucionais pelas lideranças políticas, em alguns enquadramentos construídos em produtos midiáticos, e isso faz entender que a discriminação não é uma página virada na história do HIV, ainda atinge a vida dos brasileiros e compromete a eficácia das respostas coletivas desenvolvidas no enfrentamento da epidemia.

Percebe-se, diante desse cenário, o retorno do vírus ideológico, sustentado no tripé estigma, preconceito e discriminação, que se disseminou exponencialmente nos espaços por onde transita o vírus biológico e tem acarretado em ondas de retrocesso nas respostas brasileiras à Aids (PARKER; GROTZ, 2015). Remete aos anos iniciais de pandemia no Brasil, quando a Aids foi noticiada nas mídias de massa conforme o regime discursivo do pânico moral, especialmente em direção aos intitulados “grupos de risco”. Cristalizadas no imaginário social, as imagens de dor, sofrimento e morte, e as confissões de vergonha e de culpa são o principal mantimento da sorofobia, tanto da que se expressa na fala como da que adquire efeito nos atos institucionais. Formam práticas até então naturalizadas no senso comum, incorporadas ao cotidiano, mas que produzem condições de subalternidade, violência simbólica, repressão e precarização da vida soropositiva. Entretanto, perante os ambientes interativos abertos pelas redes de comunicação digital, foram criadas condições para que os indivíduos promovessem a circulação de outras narrativas, de projeções fundadas na experiência pessoal, em contraposição às imagens estabelecidas, alinhadas à cartilha do ativismo soropositivo,

no que se refere às trajetórias pessoais como pontos de partida para o enfrentamento coletivo do estigma.

Ao tomar a #EsferaPositiva como modelo observacional e compreensivo das narrativas audiovisuais em circulação na rede a partir do YouTube, foi possível traçar mapas analíticos sobre os conteúdos que integram as tramas, matizes, permanências e fluências na materialização discursiva dos produtores. Ficou demonstrado que, para muito além das escritas autobiográficas, o debate público assume características de politização das falas, que se direcionam à reivindicação da visibilidade soropositiva, tanto no âmbito das contestações culturais por representabilidade, como para expor situações que ameaçam os direitos conquistados através dos movimentos sociais em torno da população LGBT+ e das PVHIV. Destacou-se, a partir de um recorte dessa esfera, trajetórias de sujeitos que entendem o canal no YouTube como na qualidade de projeto político que se alinha aos processos de empoderamento vivenciados, e que podem ser multiplicados com a natureza performativa dos vídeos. A infraestrutura da hipermídia, combinada com a linguagem audiovisual e as culturas da internet, revelam um potencial de ação social para contrapor aos regimes discursivos que depreciam indivíduos em razão de sua sorologia.

Foi possível, através da análise de conteúdo, verificar que entre as estratégias comunicativas adotadas pelos produtores digitais em torno de vlogs em SRS, a escrita de si é motivada pela circulação em fluxos contínuos, em que os campos sociais são atravessados por circuitos contemporâneos diversos, dados na experimentação para moldar os usos das tecnologias disponíveis aos seus objetivos (BRAGA, 2012). À vista disso, os desenhos de um espaço confessional, que também pode servir às reflexões de um lugar político, como em *Confissões de um Soropositivo*, ou nos moldes de uma rede de afetos, para estabelecer comunicações não violentas, como em *Projeto Boa Sorte*, na configuração de um espaço seguro para a divulgação e crítica científica, e de outros aspectos sociais em *Super Indetectável*, ou mesmo no reconhecimento de um status de influenciador digital para produzir e propagar o discurso contestador e o olhar de estranhamento sobre as práticas estigmatizantes, em *Drew*. Constituem-se dinâmicas de apropriação das linguagens e formatos de produção advindas da mídia de massa (tais como TV, cinema e telejornal) e de recombinação compatíveis com os contratos de conversação na hipermídia (o recurso aos memes, paródias, hashtags e correntes, entre outras tendências emergentes nas plataformas).

Também foi possível visualizar o entrelaçamento entre narrativas e trajetórias individuais aos episódios sociais, culturais e políticos vivenciados pelos produtores de conteúdo. Isso se reflete na aderência a temáticas e acontecimentos da atualidade, o que se observa nas explicações em torno dos modelos de prevenção combinada que foram implantados no SUS até o ano de 2017 (PEP e PrEP), na atitude questionadora durante a campanha eleitoral de 2018 (tanto para se posicionar contra o discurso de violência, assim como contra a ameaça de sucateamento dos Programas Nacionais de Combate à Aids), no engajamento em campanhas sociais e eventos de alusão às lutas identitárias (nos exemplos do mês do Orgulho LGBT e do Dezembro Vermelho), no acompanhamento das notícias e atualizações rumo a uma perspectiva de cura da infecção por HIV, e nas demais formas de articulações entre os projetos biográficos dos criadores de conteúdo e os debates na esfera pública interconectada. Demonstrou-se que, em meio aos fluxos informacionais, aparecem processos de empoderamento e de intervenção social sobre os regimes discursivos que dotam a pessoa soropositiva de significado depreciativo, em virtude da herança do sujeito histórico.

As vozes soropositivas na internet, assim como as multidões *queer*, emergem no sentido de criticar os efeitos normalizantes e disciplinares que operam na formação de identidades, e problematizam os regimes de representação política e os sistemas de produção de saberes para expor a vastidão de diferenças e de potências de vida além das questões que envolvem a sexualidade (PRECIADO, 2011). E assim fazem diante das modalidades expressivas para negociar, a partir das suas visualidades, as visibilidades do outro, nos contextos das disputas por reconhecimento e das lutas por emancipação. Socializam novos conhecimentos para remodelar pensamentos e para instigar comportamentos em torno da linguagem, categoricamente instituída em nome de uma gramática da responsabilidade, tais como as terminologias comuns adotadas na conversação e que são carregadas de estigma (UNAIDS, 2017). Partilham também as condutas responsáveis no plano das relações, e que atuam tanto para entender a gestão da identidade, como a ética do relacionamento com o outro, pela negociação da sorologia visível.

Admite-se que o cenário observado hoje em torno do HIV não é aquele mesmo vivenciado entre as décadas de 1980 e 1990, de pouco conhecimento sobre o vírus, de ausência de controle sobre a infecção, e do reconhecimento sobre o que favorece a transmissão são comportamentos com risco de exposição. Não há porque continuar a reproduzir esquemas normativos que fortalecem códigos morais superados diante

de tantas conquistas sociais sobre a sexualidade humana. O que mudou também foi o universo das pessoas afetadas pela Aids, de maneira que atualmente é fácil de se constatar que “a nova cara da Aids é não ter cara” (TIMERMAN; MAGALHÃES, 2015), seja pela decadência das noções estigmatizantes de “grupo de risco” ou nas vias de maior controle epidemiológico que tem reduzido as notificações de casos ou mortes em decorrência da síndrome em todo o país. As práticas culturais e políticas iniciam-se para, tal como se conseguiu inativar o vírus no organismo humano, igualmente para inativar o vírus ideológico na sociedade, garantindo que as pessoas sejam cada vez menos expostas às formas de violência ocasionadas pela diferença sorológica.

As audiências criativas transformas as telas dos aparatos digitais em universos de significado, acessíveis ao toque dos dedos, percorridos entre barras de rolagens, complementados pela programação algorítmica de modo a conduzir o espectador por imersões nas imagens da alteridade. Na medida que são reconhecidos na qualidade de influenciadores digitais, os criadores de conteúdo passam a constituir referências em processos e interações com as instituições sociais, como se percebe no caso das organizações e programas para o enfrentamento da Aids, refletindo as modalidades de ação em uma sociedade midiaticizada (FAUSTO NETO, 2008). Desse jeito, o capital construído em torno das práticas criativas posiciona esses atores em campos de ação social sobre o ativismo soropositivo, e sobre estratégias na promoção da saúde sexual e reprodutiva. Tal reconhecimento é explícito nas campanhas governamentais, assim como nos produtos culturais (séries e documentários) que são protagonizados pelos influenciadores, e nas inúmeras participações em outros canais e programas de TV, além das matérias e reportagens que os recomendam como fontes informativas.

Em reiteração ao que foi declarado no início da seção, aqui não se encerra um estudo, muito menos a necessidade de se compreender as características e efeitos da mídia digital nos cotidianos políticos e sociais. As questões comunicacionais são fontes de conhecimento para entender os espaços urbanos, regidos por mercados e por democracias representativas, e a partir das tecnologias de interconexão se pode visualizar codificações da cultura e suas intervenções na vida social, criados em um mundo sensível (SODRÉ, 2014). São reproduções da realidade que se atualizam na rapidez dos fluxos informacionais, por onde se (re)elaboram as imagens da cultura e os produtos do saber que compõem subjetividades. Além do mais, a #EsferaPositiva aqui representada é apenas um recorte da realidade circulante na internet, e mesmo no YouTube, podendo ser explorada em novas vertentes, a partir de novos referentes.

Os procedimentos em fechamento aqui foram conduzidos para considerar as narrativas audiovisuais em circulação a partir do YouTube, e abrange os vídeos que foram publicados desde o ano de 2010 até 2021 (ressaltando que nesse intervalo de tempo, os anos iniciais são retratados em uma produção inexpressiva, comparados aos demais). Mas partem de um ponto de vista de captação do sensível, do alcance obtido durante os mapeamentos diários por novos canais e novos atores, como pela permanência dos canais e atores já conhecidos, todos eles homens gays. Abre-se a perspectiva para, em empreendimentos posteriores, ampliar a #EsferaPositiva rumo às intersecções de gênero, classe, etnia, de modo a aprofundar as análises sobre tais especificidades, comparar aos quadros mais amplos e perceber como o HIV atinge as populações de diferentes maneiras, dados os seus recortes sociais. De outra maneira, as narrativas audiovisuais realizadas pela audiência criativa são providas em outras plataformas, como Instagram, TikTok, Facebook, cada uma em suas particularidades comunicativas, o que representa englobar outros recursos e lógicas interativas, e as naturezas performativas de cada site ou aplicativo digital. Há mais e muitos olhares a serem explorados, biografias a serem descobertas, sentidos a serem construídos, e a pesquisa em torno das tecnologias digitais é promissora nesses aspectos.

Enfim, numa tese inteiramente construída sobre o sentimento de continuidade da vida, rejeitando qualquer imposição simbólica de finitude, reporta-se, para efeito de arremate, às palavras de Daniel (1994): “a vida não vence. Acontece. Teça, portanto, coração de homem e alma de cidadão” (p. 12). O sentimento solidário que organiza as práticas dos produtores digitais se expressa em potência de mudança social, pela consciência crítica de que a violência destitui projetos de vida, nega aos sujeitos o direito de existir. As biografias de si, ampliadas mediante os recursos tecnológicos de produção discursiva e de circulações em fluxos, são ferramentas para se efetivar a cidadania nos espaços urbanos ou virtuais, e diante desse potencial os criadores acreditam na rede como uma “força positiva”, capaz de aproximar pessoas em seus processos de reorganização da vida, como também para erradicar o estigma que tanto causa sofrimento, dor e perda. Se Cazuza estivesse entre nós, hoje, poderia celebrar: sim, agora vai haver poesia.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, R.; MAKSUD, I.; FRANCO, T. “Essa doença para mim é a mesma coisa que nada”: reflexões socioantropológicas sobre o descobrir-se soropositivo. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 496-509, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-12902017170072>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- ALVES, P. C. B.; RABELO, M. C. M. Significação e metáforas na experiência da enfermidade. *In*: RABELO, M. C. M.; ALVES, P. C. B.; SOUZA, I. M. A. **Experiência de doença e narrativa**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999. p. 171-185.
- AMARAL, A. Visões perigosas: para uma genealogia do *cyberpunk*. **E-compós**, Brasília, v. 6, p. 1-20, ago. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.30962/ec.v6i0.81>. Acesso em: 01 maio 2022.
- ARONCHI, J. C. A. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.
- ASKANIUS, T. Online video activism and political mash-up genres. **JOMEC Journal – Journalism, media and cultural studies**, [S.l.], n. 4, p. 1-17, 4 nov. 2013. Disponível em: <http://doi.org/10.18573/j.2013.10257>. Acesso em: 26 abr. 2022.
- ASKANIUS, T. Video activism as technology, text, testimony – or practices? *In*: STEPHANSEN, H. C.; TRERÉ, E. (Ed.). **Citizen media and practice: currents, connections, challenges**. London: Routledge, 2019. p. 136-150.
- AZEVEDO, J. H. P. **Textualizando experiências com o HIV: a resiliência em canais do YouTube criados por pessoas soropositivas**. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- BARBOSA FILHO, E. A.; VIEIRA, A. C. S. A expansão da sorofobia no discurso político brasileiro. **Argumentum**, Vitória, v. 13, n. 3, p. 134–147, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/argumentum.v13i3.35656>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BARON, J. **Merchandising social na teledramaturgia brasileira: o caso da AIDS**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Comunicação, com ênfase em Comunicação Midiática) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.
- BASTOS, F. I. **Aids na terceira década**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

BASTOS, V. C. **Existências positivas**: um *blog* como (não) lugar e outros modos de [r(e)]existir com HIV. 2018. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 189-217.

BECKER, H. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BENTES, I. **Mídia-multidão**: estéticas da comunicação e biopolíticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

BERNADAZZI, R.; COSTA, M. H. B. V. Produtores de conteúdo no YouTube e as relações com a produção audiovisual. **Communicare**, São Paulo, v. 17, p. 146-160, 2017. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/Artigo-7-Communicare-17-Edi%C3%A7%C3%A3o-Especial.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021

BERTH, J. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BIROLI, F. Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução de estereótipos no discurso jornalístico. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, Brasília, n. 6, p. 71-98, jul.-dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522011000200004>. Acesso em: 20 mar. 2022.

BORGES, R. E. A. **“O blog deveria ser complemento das TARVs”**: divulgação científica, compartilhamento de informações e a experiência com o HIV/AIDS. 2018. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

BOSCO, F. **A vítima tem sempre razão?** Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro. São Paulo: Todavia, 2017.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 73-79.

BRAGA, J. L. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-compós**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 1-33, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.665>. Acesso em: 18 dez. 2021.

BRAGA, J. L. Circuitos *versus* campos sociais. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (Org.). **Mediação & midiatização**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 31-52.

BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a revolução digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, J. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CARVALHO, C. A. **Visibilidades mediadas nas narrativas jornalísticas**: a cobertura da Aids pela *Folha de S. Paulo* de 1983 a 1987. São Paulo: Annablume, 2009.

CARVALHO, C. A.; AZEVÊDO, J. H. P. Do AZT à PrEP e à PEP: Aids, HIV, movimento LGBTI e jornalismo. **Reciis** – Rev Eletr Com Inf Inov Saúde, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 246-260, abr.-jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.29397/reciis.v13i2.1698>. Acesso em: 16 mar. 2022.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. v. I. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CASTELLS, M. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CEZIMBRA, L. **HIV/Aids**: confissões de um soropositivo. 2. ed. Uruguaiana: publicação independente, 2018.

CHAU, C. YouTube as a participatory culture. **New Directions for Youth Development**, [S.l.], n. 128, p. 65-74, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/yd.376>. Acesso em: 12 abr. 2022.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37416210>. Acesso em: 14 mar. 2022.

COLLING, L. **Que os outros sejam o normal**: tensões entre movimento LGBT e ativismo *queer*. Salvador: EDUFBA, 2015.

CORUJA, P. Vlog como gênero no YouTube: a profissionalização do conteúdo gerado por usuário. **Comunicologia**, Brasília, v. 10, n. 1, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.24860/comunicologia.v10i1.8128>. Acesso em: 20 abr. 2022.

COULDRY, N. Media e modernidade: uma bela desarrumação de instituições. **Revista de Comunicação e Linguagens**, Lisboa, n. 51, p. 8-31, 2019. Disponível em: <https://rcl.fcs.unl.pt/index.php/rcl/article/view/39>. Acesso em: 22 maio 2022.

DANIEL, H. A alma do cidadão. In: PARKER, R. *et al.* (Org.). **A AIDS no Brasil (1982-1992)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p. 11-12.

DESLANDES, S. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 31-60.

DI FELICE, M. **Net-ativismo**: da ação social para o ato conectivo. São Paulo: Paulus, 2017.

DOLGIN, J. L. AIDS: social meanings and legal ramifications. **Hofstra Law Review**, Hempstead, Nova York, v. 14, n. 1, 1985, p. 193-209. Disponível em: <https://scholarlycommons.law.hofstra.edu/hlr/vol14/iss1/9>. Acesso em: 06 mar. 2021.

DORNELLES, J. P. **O fenômeno vlog no YouTube**: análise de conteúdo de vloggers brasileiros de sucesso. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

EBERTZ, D. **AIDS no Brasil**: uma análise das publicações da revista *Veja* e do jornal *Tribuna da Imprensa* entre os anos de 1982 e 1985. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAUSTO NETO, A. **Comunicação e mídia impressa**: estudos sobre a AIDS. São Paulo: Hacker, 1999.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma «analítica» da midiatização. **MATRIZES**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i2p89-105>. Acesso em: 22 mar. 2022.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FRANÇA, V. V. O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. *In*: MOURA, C. P.; LOPES, M. I. V. (Org.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2016. p. 153-174.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2013. *E-book Kindle*. ISBN: 978-85-7753-224-7.

FRIGO, D.; ROMERO, L. M.; BORELLI, V. #EleNão e eleições brasileiras de 2018: a circulação de sentidos em grupos de mulheres no Facebook. **Chasqui** – Revista Latinoamericana de Comunicación, Quito, n. 148, p. 89-106, mar. 2022. Disponível em: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/4566/3448>. Acesso em: 02 maio 2022.

GALVÃO, J. AIDS e ativismo: o surgimento e a construção de novas formas de solidariedade. *In*: PARKER, R. *et al.* (Org.). **A AIDS no Brasil (1982-1992)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p. 341-350.

GALVÃO, J. **AIDS no Brasil: a agenda de construção de uma epidemia**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

GARCÍA CANCLINI, N. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

GARRO, L. C.; MATTINGLY, C. Narrative as construct and construction. *In*: GARRO, L. C.; MATTINGLY, C. (Ed.). **Narrative and the Cultural Construction of Illness and Healing**. Berkeley: University of California Press, 2000. p. 1-49.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIACOMINI, P. R. **Constelações sociais no ciberespaço positivo: as comunidades virtuais como espaços de promoção da saúde das pessoas que vivem com HIV/Aids**. 2011. Dissertação (Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

GILLET, J. Media activism and Internet use by people with HIV/AIDS. **Sociology of Health & Illness**, New Jersey, v. 25, n. 6, p. 608-624, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1467-9566.00361>. Acesso em: 17 jun. 2020.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOLDMAN, M. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. **Etnográfica**, Lisboa, v. 10, n. 1, p. 161-173, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3723/372339147008.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2021.

GUZZI, D. **Web e participação**: a democracia no século XXI. São Paulo: SENAC São Paulo, 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAN, B. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HJARVARD, S. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: UNISINOS, 2014.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H.; GREEN, J.; FORD, S. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

KARHAWI, I. Notas teóricas sobre influenciadores digitais e Big Brother Brasil: visibilidade, autenticidade e motivações. **E-compós**, v. 24, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.2182>. Acesso em: 14 mar. 2022.

KERN, F. A. **Redes de apoio no contexto da AIDS**: um retorno para a vida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

KÖPPERT, K.; SEKULER, T. Sick memory: on the un-detectable in archiving Aids. **Drain**, Savannah, v. 13, n. 2, 2016. Disponível em: <http://drainmag.com/sick-memory-on-the-un-detectable-in-archiving-aids/>. Acesso em: 22 mar. 2022.

KUCINSKI, B. Jornalismo, saúde e cidadania. **Interface** – Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 4, n. 6, p. 181-186, fev. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832000000100025>. Acesso em: 16 mar. 2021.

KYNCL, R.; PEYVAN, M. **Streamponks**: o YouTube e os rebeldes que estão transformando as mídias. Rio de Janeiro: Best Business, 2019.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LEMOS, A. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. *In*: LEMOS, A.; CUNHA, P. (Org.). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 11-23.

LEMOS, A.; LÉVY, P. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, P. A esfera pública no século XXI. *In*: DI FELICE, M.; PEREIRA, E.; ROZA, E. (Org.). **Net-ativismo**: redes digitais e novas práticas de participação. Campinas, SP: Papyrus, 2017. p. 29-38.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MACHADO, F. N. R. **Big Data**: o futuro dos dados e aplicações. São Paulo: Érica, 2018.

MALINI, F.; ANTOUN, H. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MANN, J.; TARANTOLA, D. J. M.; NETTER, T. W. (Org.). **A AIDS no mundo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

MANOVICH, L. A prática da vida (midiática) cotidiana. **Lugar comum** – estudos de mídia, cultura e democracia, Rio de Janeiro, n. 28, p. 283-296, maio-ago. 2009.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes e redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MELO, D. R.; PENNA, J. C. Literatura e HIV/Aids: reflexões sobre a era pós-coquetel. **Z Cultural**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 01, p. 1-7, 1. Semest. 2017. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufri.br/literatura-e-hiv-aids-reflexoes-sobre-a-era-pos-coquetel/>. Acesso em: 10 abr. 2022.

MELO, L. P. Aids, tempo e suas renitências: socialidades, emoções e políticas em uma rede social on-line. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 1-23, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe179821>. Acesso em: 09 mar. 2022.

MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. Visibilidade na mídia e campo político no Brasil. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 3, p. 695-735, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0011-52582010000300006>. Acesso em: 22 mar. 2022.

MISKOLCI, R. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MISKOLCI, R. Sociologia digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea**, São Carlos, SP, v. 6, n. 2, p. 275-297, jul.-dez. 2016. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/525/211>. Acesso em: 16 maio 2018.

MYERS, G. Análise da conversação e da fala. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 271-292.

OLIVEIRA NETO, A. **Internet e HIV/AIDS: o poder da informação e da desinformação**. 2015. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

PARKER, R. Intersecções entre estigma, preconceito e discriminação na saúde pública mundial. In: MONTEIRO, S.; VILLELA, W. (Org.). **Estigma e saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2013. p. 25-46.

PARKER, R. **Na contramão da AIDS: sexualidade, intervenção, política**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

PARKER, R.; AGGLETON, P. **Estigma, discriminação e AIDS**. 2. ed. Rio de Janeiro: ABIA, 2021.

PARKER, R.; GROTZ, F. O retorno do vírus ideológico. **Boletim ABIA**, Rio de Janeiro, n. 60, p. 19-21, jun. 2015.

PELÚCIO, L. Ativismo soropositivo: a politização da AIDS. **ILHA R. Antr.**, Florianópolis, v. 9, n. 1, 2, p. 119-141, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/7947>. Acesso em: 10 jun. 2021.

PELÚCIO, L.; MISKOLCI, R. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, salud y sociedad** – revista latino-americana, Rio de Janeiro, n. 1, 2009, p. 125-157. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/29/27>. Acesso em: 22 jan. 2020.

PERLONGHER, N. **O que é AIDS**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PERSÍ, D. **VIDAS: Sobre todas as vezes que morri, para que pudesse nascer outra vez**. São Paulo: Literando, 2020.

PHILIPS, L. M. Offering hope and making attributions through YouTube: an exploratory ethnographic content analysis of the social change-oriented “It Gets Better Project”. **The Journal of Social Media in Society**, Stephenville, n. 2, v. 1, p. 30-65, spring 2013. Disponível em: <https://thejsms.org/index.php/JSMS/article/view/11/17>. Acesso em: 02 ago. 2020.

POLLAK, M. **Os homossexuais e a AIDS**: sociologia de uma pandemia. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

PORTINARI, D. B.; WOLFGANG, S. M. B. M. Imagens e marcas: um imaginário ligado à epidemia de HIV-Aids no Brasil. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 34, p. 45-60, jan./jul. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.46391/ALCEU.v17.ed34.2017.132>. Acesso em: 27 mar. 2022.

PORTO RENÓ, D. Vídeo-ativismo e a imagem documental cidadã. **Chasqui** – Revista Latinoamericana de Comunicación, Quito, n. 128, p. 101-111, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=16057400009>. Acesso em: 20 out. 2019.

PRECIADO, B. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100002>. Acesso em: 17 out. 2020.

PRIMO, A.; MATOS, L.; MONTEIRO, M. C. **Dimensões para o estudo dos influenciadores digitais**. Salvador: EDUFBA, 2021. *E-book*. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32746>. Acesso em: 22 mar. 2022.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Ed. 34, 2005.

RAPOSO, P. "Artivismo": articulando dissidências, criando insurgências. **Cadernos de arte e antropologia**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 3-12, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.909>. Acesso em: 08 maio 2022.

RECUERO, R. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RECUERO, R. **Introdução à análise de redes sociais online**. Salvador: EDUFBA, 2017. *E-book*. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/24759>. Acesso em: 02 dez. 2018.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROJAS, E. **Trans narrativas do self**: uma análise a partir de diários virtuais de transição transexual no YouTube. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

ROSENBERG, M. B. **Comunicação não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. 4. ed. São Paulo: Ágora, 2006.

SANTAELLA, L. O DNA das redes sociais digitais. *In*: BARBOSA, M.; MORAIS, O. J. de (Org.). **Comunicação em tempo de redes sociais**: afetos, emoções, subjetividades. São Paulo: Intercom, 2013. p. 23-43.

SANTOS FILHO, R. E. **Narrativas de si e imaginários sobre HIV**: uma análise do canal *HDiário*. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2020.

SANTOS, J. F. Paródias, desafios e confissões sobre HIV: os contextos de publicação de vídeos on-line no YouTube. *In*: GALENO, A.; FRANÇA, F. T. de (Org.). **Ensaio antropotécnicos**: máquinas e humanos. Curitiba: CRV, 2019. p. 111-128.

SANTOS, T. M. dos. Ativistas e ativados: subjetividade e política no movimento de soropositivos no Paraná. **ILHA R. Antr.**, Florianópolis, v. 9, n. 1, 2, p. 143-168, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/7459>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SCHITTINE, D. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SCOTT, J. W. A invisibilidade da experiência. **Proj. História**, São Paulo, n. 16, fev. 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11183>. Acesso em: 12 mar. 2022.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cad. Pagu**, Campinas, SP, n. 28, p. 19-54, jan.-jun. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>. Acesso em: 17 fev. 2022.

SHIRKY, C. **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SIBILIA, P. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, C. L. C. **Ativismo, ajuda mútua e assistência**: a atuação das Organizações Não-Governamentais na luta contra a aids. 1999. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

SILVA, P. D. R. Disputas pela significação no discurso do HIV/aids: um percurso na ciência, na literatura, na militância LGBTI e nos canais do YouTube. **Reciis** – Rev Eletr Com Inf Inov Saúde, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 857-869, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.29397/reciis.v14i4.2199>. Acesso em: 09 mar. 2022.

SILVEIRA, S. A. Ciberativismo, cultura *hacker* e o individualismo colaborativo. **Revista USP**, São Paulo, n. 86, 2010, p. 28-39. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i86p28-39>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SILVEIRA, S. A. Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública. *In*: PRETTO, N. D. L.; SILVEIRA, S. A. (Org.). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 31-50.

SIMÕES, J. A.; FACCHINI, R. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Perseu Abramo, 2008.

SOARES, R. L. **Imagens veladas: Aids, imprensa e linguagem**. São Paulo: Annablume, 2001.

SODRÉ, M. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SONTAG, S. **Doença e como metáfora, AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, E. C. POST-IT: Narrativas biográficas e doenças crônicas. **Linhas críticas**, Brasília, v. 24, p. 64-84, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc.v24i0.18956>. Acesso em: 28 mar. 2022.

STRANGELOVE, M. **Watching YouTube: extraordinary videos by ordinary people**. Toronto: University of Toronto Press, 2010.

THOMPSON, J. B. A nova visibilidade. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 15-38, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i2p15-38>. Acesso em: 08 mar. 2022.

TIMERMAN, A.; MAGALHÃES, N. **Histórias da Aids**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

TRIVINHO, E. Espaço público, visibilidade mediática e cibercultura: obliteração estrutural da esfera pública no *cyberspace*. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 266-277, set./dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2010.3.8194>. Acesso em: 08 mar. 2022.

VALADARES, M. G. P. F. Vídeos confessionais do YouTube: análise de um dispositivo. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 13, p. 49-72, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/544>. Acesso em: 25 mar. 2022.

VALLE, C. G. O. Identidades, doença e organização social: um estudo das "pessoas vivendo com HIV e AIDS". **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, n. 17, p. 179-210, jun. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832002000100010>. Acesso em: 08 mar. 2022.

WOLTON, D. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

Notícias, reportagens, relatórios e sites consultados

ALVES, I. Rede de coragem. **H Magazine**, São Paulo, n. 1, p. 28-30, mar. 2012.

BOLSONARO diz que pessoa com HIV é "despesa" e elogia plano de abstinência. **UOL**, [S.l.], 05 fev. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/02/05/bolsonaro-pessoa-com-hiv-e-despesa-para-o-pais.htm>. Acesso em: 02 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Boletim epidemiológico de HIV e Aids**. Brasília: Ministério da Saúde, dez. 2021.

CAMPANHA aposta em mobilização nas redes sociais para estimular conscientização sobre HIV. **Jornal SP de fato**, São Paulo, 19 mar. 2019. Disponível em: <https://www.saopaulodefato.com/noticia/campanha-aposta-em-mobilizacao-nas-redes-sociais-para-estimular-conscientizacao-sobre-hiv>. Acesso em: 02 maio 2022.

DONEDA, P. Youtuber comemora sucesso de canal que fala sobre combate ao HIV. **CLAUDIA**, [S.l.], 21 jan. 2020. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/youtuber-comemora-sucesso-de-canal-que-fala-sobre-combate-ao-hiv/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

ECONOMIA não pode parar por coronavírus, diz Bolsonaro a empresários. **Exame**, [S.l.], BTG Pactual, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://exame.com/economia/economia-nao-pode-parar-por-coronavirus-diz-bolsonaro-a-empresarios/>. Acesso em 09 mar. 2022

EIROA, C. Expor para acolher: jovens youtubers, influenciadores e ativistas digitais debatem o HIV abertamente na internet para acabar com a discriminação no Brasil. **Revista Trip**, [S.l.], 13 dez. 2017. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/super-indetectavel-prosa-positiva-e-hdiario-de-gabriel-comicholi-hiv-e-aids-no-youtube>. Acesso em: 02 dez. 2018

FERNANDES, N. 8 comentários que provam que a nossa capa sobre HIV é necessária. **Galileu**, São Paulo, 03 ago. 2017a. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2017/08/8-comentarios-que-provam-que-nossa-capa-sobre-hiv-e-necessaria.html>. Acesso em: 02 dez. 2018.

FERNANDES, N. A síndrome do preconceito. Reportagem: Gabriel Estrela. **Galileu**, São Paulo, n. 313, ago. 2017b, p. 34-45.

GRATÃO, P. Youtubers HIV positivos ampliam o debate sobre o vírus no Brasil. **VICE**, [S.l.], 30 nov. 2018. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/43943m/youtubers-hiv-positivos-ampliam-o-debate-sobre-o-virus-no-brasil>. Acesso em: 08 mar. 2022.

GRUPO criado por Drew Persí acolhe pessoas vivendo com HIV/aids de todo o Brasil e diversas partes do mundo. **Agência de Notícias da Aids**, [S.l.], 13 dez. 2021. Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/grupo-criado-por-drew-persi-acolhe-pessoas-vivendo-com-hiv-aids-de-todo-o-brasil-e-diversas-partes-do-mundo/>. Acesso em: 03 maio 2022.

GYURICZA, J. V. Doação de sangue por homens gays: o fim de uma proibição preconceituosa. **Veja Saúde**, [S.l.], 14 jun. 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/coluna/com-a-palavra/doacao-de-sangue-por-homens-gays-o-fim-de-uma-proibicao-preconceituosa/>. Acesso em 09 mar. 2022.

IZA, Taís Araújo fazem desafio viral de beleza natural à 'montação': vídeo. **Universa UOL**, [S.l.], 05 abr. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/05/iza-tais-araujo-fazem-desafio-viral-de-beleza-natural-a-montacao-video.htm>. Acesso em: 02 maio 2022.

JANSEN, R. 'Não posso dizer que minha vida é normal, eu tenho muitas limitações'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 01 dez. 2012. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/nao-posso-dizer-que-minha-vida-normal-eu-tenho-muitas-limitacoes-6895912>. Acesso em: 10 jun. 2020.

JOVENS que vivem com HIV disseminam informações sobre prevenção na web. **Catraca Livre**, São Paulo, 13 dez. 2019. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/saude-bem-estar/jovens-que-vivem-com-hiv-disseminam-informacoes-sobre-prevencao-na-web/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

JUSTIÇA determina que 'BBB 10' esclareça como se contrai o vírus HIV. **G1**, São Paulo, 29 mar. 2010. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL1549511-7084,00-JUSTICA+DETERMINA+QUE+BBB+ESCLARECA+COMO+SE+CONTRAI+O+VIRU+S+HIV.html>. Acesso em: 10 abr. 2022.

KNOPLOCH, C. 'Eu tenho HIV e vivo bem', diz ator que criou musical sobre a Aids. **O Globo**, Rio de Janeiro, 01 dez. 2015. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/saude/eu-tenho-hiv-vivo-bem-diz-ator-que-criou-musical-sobre-aids-18186070>. Acesso em: 28 mar. 2022.

MAGGIO, S. Poético e confessional, musical põe em cena a vivência de um garoto de 18 anos com o vírus HIV. **Metrópoles**, [S./], 01 dez. 2015. Disponível em: <https://www.metropoles.com/tipo-assim/poetico-e-confessional-musical-poe-em-cena-a-vivencia-de-um-garoto-de-18-anos-com-o-virus-hiv>. Acesso em: 05 maio 2022.

O QUE Bolsonaro já disse de fato sobre mulheres, negros e gays. **El País**, 07 out. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/06/politica/1538859277_033603.html. Acesso em: 02 maio 2022.

O QUE significa ‘cringe’? Entenda a expressão que viralizou na internet. **IstoÉ Dinheiro**, São Paulo, 23 jun. 2021. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/o-que-significa-criunge-entenda-a-expressao-que-viralizou-na-internet/>. Acesso em: 02 maio 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19**. [S./], OPAS, 30 abr. 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=16. Acesso em: 06 mar. 2022.

PEREIRA, B. ‘Com o HIV pude enxergar o copo meio cheio’, diz ativista LGBT sobre convivência com o vírus. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 jun. 2019. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,com-o-hiv-pude-enxergar-o-copo-meio-cheio-diz-ativista-lgbt-sobre-convivencia-com-o-virus,70002880387>. Acesso em: 28 mar. 2022.

RANGEL, A. Médica visita ‘BBB14’ após estupidez de Angela sobre aids. **Veja**, Rio de Janeiro, 20 mar. 2014. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/medica-visita-bbb14-apos-estupidez-de-angela-sobre-aids/>. Acesso em: 10 abr. 2022.

REDE GLOBAL DE PESSOAS VIVENDO COM HIV et al. **Sumário Executivo: Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV e AIDS – Brasil**. Brasília: UNAIDS, 2019. Disponível em: https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2020/01/Exec_Sum_ARTE_2_web.pdf. Acesso em: 12 mar. 2022.

RIBEIRO, A. Vídeo no TikTok que explica tensão na Ucrânia viraliza. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 3 fev. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/hashtag/2022/02/video-do-tiktok-que-explica-tensao-na-ucrania-viraliza.shtml>. Acesso em: 12 abr. 2022.

ROCHA, L. 8 coisas que digital influencers que vivem com HIV gostariam que você soubesse. **CNN Brasil**, [S./], 03 dez. 2021. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/8-coisas-que-digital-influencers-que-vivem-com-hiv-gostariam-que-voce-soubesse-2/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

SEGATTO, C.; BUSCATO, M.; HUBNER, E. Ele está curado. **Época**, São Paulo, 17 dez. 2010. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI196843-15257,00-ELE+ESTA+CURADO+TRECHO.html>. Acesso em: 02 maio 2022.

UNAIDS. **Guia de terminologia do UNAIDS**. Brasília: UNAIDS, 2017. Disponível em: https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2017/09/WEB_2017_07_12_GuiaTerminologia_UNAIDS_HD.pdf. Acesso em: 05 nov. 2021.

VERAS, L. A vida com HIV. **Continente**, Recife, n. 204, p. 22-41, dez. 2017.

ZERO discriminação: ONU lançou campanha contra preconceito. Encontro com Fátima Bernardes. Rio de Janeiro, Rede Globo, exibido em 6 mar. 2017. **Globoplay**, 1 vídeo (6min 41s). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5702339/>. Acesso em: 22 abr. 2022.

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ANÁLISE DE CONTEÚDO

I – ANÁLISE DO VÍDEO ONLINE: nesta categoria objetiva-se construir informações sobre o perfil dos tipos de arquivos importados para a página do canal, e verificar os níveis de conhecimento dos realizadores de canal e os recursos narrativos que se envolvem no processo de manutenção da página. Pretende-se visualizar as características específicas à produção dos conteúdos, tais como:

- A) Atributos sobre a natureza/origem ou processo de elaboração e finalização do material;
- B) Atributos discursivos sobre o gênero do conteúdo, especificando o tipo de abordagem realizada no vídeo;
- C) Características do formato ou estrutura do conteúdo através de especialidades narrativas próprias da internet ou de outros meios de comunicação;
- D) Especificidades sobre o tempo final do vídeo exibido na tela;
- E) Especificidades cenográficas ou de ambientação na produção do vídeo;
- F) Atributos sobre a produção sonora, e inclusão de demais detalhes narrativos;
- C) Identificação e localização dos termos de indexação dos conteúdos na rede (palavras-chave ou *hashtags* utilizadas para distribuir o conteúdo do vídeo em mecanismos de busca na internet;
- H) Recursos de interação com o canal presentes no conteúdo ou na tela de exibição, tais como endereços de e-mail, links para conversas em grupo etc.

II – ANÁLISE DA MENSAGEM: nesta categoria objetiva-se construir elementos sobre os contextos informativos apresentados a partir dos conteúdos, e verificar narrativas, linguagens e recursos comunicacionais que se envolvem nas falas dos atores dos vídeos. Pretende-se visualizar as características específicas à abordagem dos conteúdos, tais como:

- I) Temática do vídeo, em relação a uma série de assuntos que são abordados em relação à experiência com a soropositividade;
- J) Desenvolvimento narrativo da mensagem, pelo qual se especifica a perspectiva adotada para o tratamento dos conteúdos;
- K) Conotação em que a mensagem é elaborada ou transmitida no conteúdo do vídeo;
- L) Categoria do conteúdo em relação às classificações adotadas pelo YouTube;
- M) Linguagem adotada pelo(s) ator(es) no vídeo, através da interação com os elementos de cena e com as potencialidades da tela na página digital;

N) Participação de outras pessoas na abordagem condução dos conteúdos no vídeo;

O) Presença de interlocuções entre os realizadores dos canais com variadas áreas ou setores da sociedade, a partir da atuação da pessoa convidada no vídeo, quando houver.

P) Referência a formas de interação com o público através da tela.

III – ANÁLISE DO CONTEXTO NARRATIVO: nesta categoria objetiva-se a construção de informações descritivas sobre assuntos frequentes, tais como episódios, personalidades, temáticas e aspectos cotidianos que se observam frequentes na discussão dos conteúdos presentes nas páginas, e que se relacionam às temais variações assumidas no debate público sobre HIV/Aids a partir dos canais.

As categorias e indicações de classificação dos conteúdos nos vídeos se enumeram no quadro a seguir, e tem como base o levantamento prévio dos elementos e características que compõem os conteúdos frequentes no YouTube, e abrangem não somente nos canais analisados, como também as páginas com temáticas e abordagens próximas aos do objeto de observação.

Quadro A.1 – Tipologias para codificação do material na Análise de Conteúdo

TODAS AS CATEGORIAS	
0	Vídeo não incluído na temática sobre HIV/Aids
I – ANÁLISE DO VÍDEO ONLINE	
A) Natureza do vídeo	
1	Gravado sem edição
2	Gravado com condição
3	Arquivo de vídeo gravado ao vivo
4	Vídeo repostado de outro canal ou site
B) Gênero do conteúdo	
1	Artístico
2	Cobertura de evento
3	Didático
4	Documental
5	Informativo
6	Lúdico
7	Opinativo
8	Propagandístico
9	Publicitário
10	Testemunhal
11	Instrucional
12	Dramático
13	Humorístico
14	Esportivo
15	Religioso
16	Sorteio
17	Culinário
18	Resenha (<i>review</i>)
19	Q&A (<i>questions and answers</i>)
20	Trailer ou teaser promocional
21	Tutorial
22	<i>Unboxing</i> (desembalagem de produtos)
23	Videoclipe musical
24	Episódio de websérie
25	Vinheta institucional
26	Teleaula
27	Retrospectiva
28	Noticiário
29	<i>Time lapse</i>
30	Outro formato
D) Duração do vídeo	
1	Menor que quatro minutos
2	Entre quatro e dez minutos
3	Entre dez e trinta minutos
4	Entre trinta e cinquenta minutos
5	Maior que cinquenta minutos
E) Ambientação do vídeo	
1	Ambiente doméstico
2	Cenário artístico
3	Cenário virtual
4	Bancada de telejornal

18	Variedades
C) Formato do conteúdo	
1	Animação
2	Debate ou mesa redonda
3	Bate-papo ou entrevista
4	Cover musical
5	Daily vlog
6	Desafio
7	Esquete
8	Haul (experiências de compras, produtos)
9	Game play
10	Dublagem
11	Lista
12	Paródia
13	Câmera oculta (pegadinha, trollagem)
14	Reação (reacting)
15	Remix
16	Reportagem
17	Registro documental
4	Links para vídeos do canal na descrição
5	Vários recursos combinados
II – ANÁLISE DA MENSAGEM	
I) Temática da mensagem	
1	Condição sorológica e aceitação
2	Campanha institucional
3	Cotidiano, assuntos pessoais e curiosidades
4	Estigma, discriminação e violência
5	Estilo de vida e cuidados com a saúde
6	Obras culturais e produtos midiáticos
7	Organização social e ativismo soropositivo
8	Personalidade da mídia e figuras públicas
9	Políticas públicas e direito à saúde
10	Prevenção contra HIV/Aids
11	Profilaxia e tratamento do HIV
12	Programas de resposta ao HIV/Aids
13	Boletins e informações sobre HIV/Aids
14	Relacionamento com a família
15	Relacionamento sexual e afetivo
16	Sexualidade, gênero e HIV/Aids
17	Testagem e diagnóstico do HIV
18	Linguagem, terminologias e nomenclaturas
19	Cidadania e direitos das PVHIV
20	Outra temática
J) Desenvolvimento narrativo da mensagem	
1	Conversa ao vivo
2	Data ou marco comemorativo
3	Pergunta, relato ou depoimento
5	Painel estático
6	Paisagem natural
7	Paisagem urbana
8	Vários ambientes
F) Trilha sonora	
1	Somente fala
2	Somente música
3	Fala e música
4	Vídeo mudo
G) Localização das palavras-chave (tags)	
1	Acima do título
2	No título
3	Na descrição
4	Em mais de um local
5	Em nenhum local
H) Recursos de interação com o canal	
1	Cartões para vídeos relacionados
2	Nenhum recurso para interação c/ o canal
3	Links para sites externos na descrição
9	Vídeo resposta
10	Experimentação de produto
11	Dica, recomendação ou orientação
12	Posicionamento em relação a notícia atual
13	Outra conotação
L) Categoria do conteúdo	
1	Filme e animação
2	Automóveis
3	Música
4	Animais
5	Esportes
6	Viagens e eventos
7	Jogos
8	Pessoas e blogs
9	Comédia
10	Entretenimento
11	Notícias e política
12	Instruções e estilo
13	Educação
14	Ciência e tecnologia
15	Sem fins lucrativos e ativismo
M) Linguagem usada no vídeo	
1	Conversa com a câmera
2	Conversa com especialista ou convidado
3	Conversa com parente ou amigo
4	Encenação
5	Vídeo musicalizado
6	Voz em OFF

4	Fato público de apelo polêmico	7	Registro documental
5	Tabus, estereótipos e boatos	8	Animação
6	Fatos e notícias atuais	9	Slide multimídia (textos, fotos etcl.)
7	Promoção ou colaboração institucional	10	Outra especificação
8	Vivência pessoal	N) Participação de pessoas no vídeo	
9	Divulgação de produto ou serviço	1	Mais de uma pessoa no set/ambiente
10	Informações científicas e clínicas	2	Duas a quatro pessoas no set/ambiente
11	Informações jurídicas e legislativas	3	Mais de quatro pessoas no set/ambiente
12	Cobertura de evento	4	Mais uma pessoa por videoconferência
13	Memória de fato ou personalidade histórica	5	Duas ou mais pessoas por videoconferência
K) Conotação da mensagem		6	Não há participação de outras pessoas
1	Ação educativa	O) Área/setor de atuação da pessoa convidada	
2	Curiosidades gerais	1	Arte ou mídia
3	Depoimento pessoal	2	Ciências humanas e sociais
4	Denúncia social	3	Familiar
5	Histórico	4	Figura pública dos sites de rede social
6	Conscientização social	5	Mercado e empresas privadas
7	Manifesto político	6	Movimentos sociais
8	Sátira	7	Pessoa de círculo social ou afetivo
8	Poder público	2	Inserção de mensagens em áudio/vídeo
9	Saúde pública	3	Leitura de relatos e depoimentos enviados
10	Setor jurídico	4	Resposta a comentários na página do vídeo
11	Não há participação de outras pessoas	5	Resposta a pedidos de dúvidas frequentes
12	Outra área/setor não listado	6	Resposta a mensagens em chat ao vivo
P) Formas de interação com o público no vídeo		7	Não há forma de interação com o público
1	Apresentação de presentes/brindes	***	
III – ANÁLISE DOS CONTEXTOS NARRATIVOS			
1	Diagnóstico soropositivo	40	<i>Fake news</i>
2	Informações sobre o canal	41	Intolerância
3	Revelação da sorologia	42	Religiosidade
4	Leis antidiscriminatórias	43	Bolsonaro
5	Relação sorodiferente	44	Ministério da Saúde e SUS
6	Rotina pessoal	45	Dezembro Vermelho
7	Ativismo soropositivo	46	Educação sexual
8	Terceiro setor e liderança social	47	Aids
9	Trajetórias soropositivas	48	Lipodistrofia
10	Infecções sexualmente transmissíveis	49	Sexo e gênero
11	Literatura especializada	50	Prevenção combinada (PrEP, PEP)
12	Tratamento antirretroviral	51	Carga viral
13	Programa de TV sobre HIV/Aids	52	Histórias em quadrinhos
14	Saúde mental e HIV	53	Direitos das PVHIV
15	HIV/Aids na imprensa	54	Gravidez e Maternidade
16	Homofobia	55	Transmissão de HIV
17	Relação com os pais	56	Mortalidade
18	Websérie	57	Orgulho LGBT
19	Campanha social	58	Visibilidade soropositiva
20	Desafio UNAIDS	59	Sintomas do HIV

21	Sexo mais seguro	60	Imunização
22	Exposição ao HIV	61	Respostas ao canal
23	Dúvidas gerais sobre o HIV	62	Censura
24	Distribuição de medicamentos	63	Boletim epidemiológico
25	Estigma e discriminação	64	Redes, ONGs e associações
26	Auto aceitação	65	HIV na internet
27	Armário soropositivo	66	Divulgação científica
28	Debate público sobre HIV	67	Expectativa de vida
29	Hábitos saudáveis	68	Relacionamento abusivo
30	Homossexualidade	69	Violência
31	Bullying e/ou discurso de ódio	70	Janela imunológica
32	Trabalho e HIV	71	TDAH
33	Cura do HIV	72	Cuidados estéticos
34	Terminologias e expressões	73	Turismo e HIV
35	Filmes sobre HIV	74	Eventos sobre HIV
36	Tatuagem	75	História do HIV/Aids
37	Teste rápido pra HIV (em casa)	76	HTLV
38	Livro autoral	77	Aplicativo digital
39	Mensagem de agradecimentos	78	Figura pública da internet
79	Notícias atuais sobre HIV	90	Desejo e relações afetivas
80	Conversa com inscitos	91	Participação em programa de TV
81	Dependência química	92	Culpabilização do HIV
82	HIV nas séries de TV	93	Transmissão vertical
83	Parentalidade	94	Problemas com a saúde
84	Sorofobia	95	Atendimento médico e hospitalar
85	Preservativos	96	Reinfecção por HIV
86	Retrospectiva anual	97	Coronavírus e HIV
87	Saúde dental	98	Desafio de corrente (<i>challenge</i>)
88	Doação de sangue	99	Famosos e celebridades com HIV
89	Mulheres com HIV	100	Desconstrução social

Elaboração do autor.

APÊNDICE B – RESULTADOS SINTÉTICOS DA ANÁLISE

Tabela B.1 – Parâmetro “Análise técnica do vídeo”

Estadísticas	Nome do canal	Caio Regis	Chá dos 5 (Rafael Bolacha)	Confissões de um soropositivo	Diego Krausz	Discordantes	Drew	Falo Memo!	Há Vida Com HIV	HDiário	HIVIVA	João Geraldo Netto	NossaHannis	Posithividades	Projeto Boa Sorte	Prosa Positiva	Positivo Matheus	Super Indetectável	Vivendo Positivamente	Nº TOTAL	PROPORÇÃO (%)	
A) NATUREZA DO VÍDEO		—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1 Gravado sem edição		0	0	2	2	0	0	0	1	0	0	5	0	1	0	0	13	5	3	32	2,9	
2 Gravado com edição		7	15	176	71	9	118	14	10	81	21	11	51	60	102	42	1	150	11	950	85,3	
3 Arquivo de vídeo gravado ao vivo		0	0	12	3	1	0	2	1	1	0	0	0	9	0	0	0	18	0	47	4,2	
4 Vídeo repostado de outro canal ou site		0	0	5	1	5	3	0	1	1	0	10	1	33	0	6	0	17	2	85	7,6	
B) GÊNERO DO CONTEÚDO		—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1 Artístico		0	0	0	2	1	5	0	0	3	0	1	0	5	0	0	0	0	0	17	1,5	
2 Cobertura de evento		0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	0	8	0,7	
3 Didático		0	0	1	0	0	2	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	5	0,4	
4 Documental		0	3	0	0	0	24	1	0	1	0	0	5	6	1	0	0	3	0	44	3,9	
5 Informativo		0	7	42	6	0	23	0	5	15	2	7	1	14	23	17	1	59	1	223	20,0	

6	Lúdico	0	3	3	3	1	0	2	1	11	1	0	1	8	3	1	0	1	0	39	3,5
7	Opinativo	3	0	61	40	4	42	9	3	27	8	6	11	21	43	18	0	86	4	386	34,6
8	Propagandístico	0	0	5	2	4	4	0	0	3	0	2	6	6	1	5	0	9	0	47	4,2
9	Publicitário	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	10	0	0	0	0	10	0,9
10	Testemunhal	4	1	71	23	2	18	4	3	22	9	10	25	41	21	7	13	20	11	305	27,4
11	Instrucional	0	0	9	0	1	1	0	0	0	1	0	3	0	0	0	0	6	0	21	1,9
12	Dramático	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0,1
13	Humorístico	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,3
14	Musical	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
15	Esportivo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
16	Religioso	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
17	Sorteio	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
18	Culinário	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,3
19	Variedades	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,3
C) FORMATO DO CONTEÚDO		—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	Animação	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2	Debate ou mesa redonda	0	3	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	0,4
3	Bate-papo ou entrevista	0	1	12	12	0	18	1	3	6	1	3	8	15	21	19	0	34	1	155	13,9
4	Cover musical	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
5	Daily vlog	7	1	135	54	5	59	11	9	55	19	12	36	50	63	15	14	109	14	668	60,0
6	Desafio	0	3	3	0	1	0	2	0	5	0	0	0	1	0	1	0	1	0	17	1,5
7	Esquete	0	0	0	1	0	2	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	4	0,4

8	Haul (experiências de compras, produtos)	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,1
9	Game play	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
10	Dublagem	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,1	
11	Lista	0	0	8	1	0	1	0	0	1	0	0	1	0	7	1	0	1	0	21	1,9
12	Paródia	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,1	
13	Câmera oculta (pegadinha, trollagem)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0	
14	Reação (reacting)	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	1	0	3	0,3	
15	Remix	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0	
16	Reportagem externa	0	5	0	0	0	0	0	0	0	5	0	8	0	1	0	0	0	19	1,7	
17	Registro documental	0	2	1	0	0	0	1	1	2	0	2	6	0	0	0	3	1	19	1,7	
18	Resenha (Review)	0	0	3	1	0	3	0	0	0	0	0	0	1	5	0	1	0	14	1,3	
19	Q&A (Questions and Answers)	0	0	25	5	1	0	1	0	6	1	0	1	0	0	1	0	23	0	64	5,7
20	Trailer ou teaser promocional	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2	10	0	0	0	0	14	1,3	
21	Tutorial	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0	
22	Unboxing	0	0	1	1	1	3	0	0	2	0	1	0	1	0	0	1	0	11	1,0	
23	Vídeoclipe musical	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,1	
24	Episódio (Webisode)	0	0	0	1	0	4	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	6	0,5	
25	Vinheta institucional	0	0	3	0	3	0	0	0	0	0	0	2	0	2	0	0	0	10	0,9	
26	Teleaula	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0	
27	Retrospectiva	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,1	
28	Noticiário	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2	0,2	

29	Time lapse	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
30	Outro formato	0	0	3	1	3	28	0	0	1	0	2	0	23	0	3	0	14	0	78	7,0
D) DURAÇÃO DO VÍDEO		—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	Menor que quatro minutos	2	0	29	11	7	19	1	1	10	0	9	6	62	13	12	0	25	0	207	18,6
2	Entre quatro e dez minutos	5	6	102	52	4	50	11	9	49	8	6	29	21	45	21	11	80	10	519	46,6
3	Entre dez e trinta minutos	0	7	58	12	3	52	2	2	23	13	9	17	10	43	15	3	48	5	322	28,9
4	Entre trinta e cinquenta minutos	0	2	6	1	0	0	0	1	0	0	2	0	2	0	0	0	7	1	22	2,0
5	Maior que cinquenta minutos	0	0	0	2	1	0	2	0	1	0	0	0	8	1	0	0	30	0	45	4,0
E) AMBIENTAÇÃO DO VÍDEO		—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	Ambiente doméstico	7	5	102	69	9	78	11	10	71	21	14	29	67	41	26	14	136	14	724	65,0
2	Cenário artístico	0	3	2	2	0	3	1	0	1	0	0	1	3	47	0	0	8	0	71	6,4
3	Cenário virtual	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2	0,2
4	Bancada de telejornal	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
5	Painel estático	0	0	78	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	79	7,1
6	Paisagem natural	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	2	0	1	1	0	5	0	10	0,9
7	Paisagem urbana	0	0	2	0	0	6	1	2	0	0	3	10	5	2	18	0	8	0	57	5,1
8	Vários ambientes	0	7	11	7	5	33	2	1	11	0	9	10	26	11	3	0	33	2	171	15,4
F) TRILHA SONORA		—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	Somente fala	7	0	155	59	9	11	15	12	82	21	20	40	78	3	44	14	99	16	685	61,5
2	Somente música	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	2	1	0	0	0	1	0	6	0,5
3	Fala e música	0	15	38	19	5	110	0	1	0	0	6	10	24	99	3	0	90	0	420	37,7
4	Vídeo mudo	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,3

G)	LOCALIZAÇÃO DAS PALAVRAS-CHAVE	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
1	Acima do título	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,1
2	No título	0	0	0	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0	2	0	1	0	6	0,5	
3	Na descrição	0	0	1	0	0	3	0	0	0	0	0	49	0	0	0	8	0	61	5,5	
4	Em mais de um local	7	0	133	22	2	92	1	0	7	21	0	0	1	102	0	0	130	0	518	46,5
5	Em nenhum local	0	15	61	56	12	24	14	13	76	0	26	52	53	0	46	14	51	16	529	47,5
H)	RECURSOS DE INTERAÇÃO C/ O CANAL	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
1	Cartões para vídeos relacionados	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,1
2	Nenhum recurso para interação com o canal	0	0	0	2	7	1	9	11	0	21	26	5	52	0	21	14	39	16	224	20,1
3	Links para sites externos na descrição	7	14	194	59	8	79	6	2	83	0	0	47	3	0	27	0	54	0	583	52,3
4	Links para vídeos do canal na descrição	0	1	0	17	0	41	0	0	0	0	0	0	48	102	0	0	97	0	306	27,5
5	Vários recursos combinados	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,1

Vídeos analisados – n: 1114

Elaboração do autor.

Nota:

Tabela elaborada com base nos materiais disponíveis para visualização pública nas páginas dos canais, observando o período entre o primeiro vídeo publicado (cuja temática seja relacionada ao HIV) e os vídeos publicados até a data de 31 de dezembro de 2021. Constam na análise de conteúdo os vídeos realizados nas temáticas que envolvem HIV/Aids, homossexualidade, orgulho LGBTQ.

Tabela B.2 – Resultados sintéticos em ordem de classificação: parâmetro “Análise da Mensagem”

Estatísticas	Nome do canal	Caio Regis	Chá dos 5 (Rafael Bolacha)	Confissões de um soropositivo	Diego Krausz	Discordantes	Drew	Falo Memo!	Há Vida Com HIV	HDIário	HIVIVA	João Geraldo Netto	NossaHannis	Positividades	Projeto Boa Sorte	Prosa Positiva	Positivo Matheus	Super Indetectável	Vivendo Positivamente	Nº TOTAL	PORCENTAGEM	
		—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
I) TEMÁTICA DA MENSAGEM		—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	Condição sorológica e aceitação	2	0	16	1	1	8	3	0	4	3	1	6	4	1	4	1	10	3	68	6,1	
2	Campanha institucional	0	2	3	0	4	1	0	0	0	0	2	0	2	0	2	0	0	0	16	1,4	
3	Cotidiano, assuntos pessoais e curiosidades	0	3	21	30	1	13	3	2	26	3	4	15	33	20	11	3	20	2	210	18,9	
4	Estigma, discriminação e violência	0	0	19	6	0	13	4	1	6	3	2	6	2	12	1	0	12	0	87	7,8	
5	Qualidade de vida e cuidados com a saúde	1	0	25	2	0	5	0	0	6	3	0	2	14	4	2	1	8	5	78	7,0	
6	Obras culturais e produtos midiáticos	0	1	12	4	0	17	0	0	2	0	0	0	6	6	5	0	9	0	62	5,6	
7	Organização social e ativismo soropositivo	0	2	8	2	0	3	0	0	0	0	0	2	0	1	5	0	6	0	29	2,6	
8	Personalidade da mídia e figuras públicas	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	3	0	5	0,4	
9	Políticas públicas e direito à saúde	0	1	3	1	1	4	0	0	1	0	1	0	0	2	1	1	12	0	28	2,5	
10	Prevenção contra HIV/Aids	1	0	18	0	1	4	0	0	4	1	1	1	0	4	3	0	7	1	46	4,1	

11	Profilaxia e tratamento do HIV	1	1	14	2	0	9	2	2	5	3	7	1	15	5	3	5	27	2	104	9,3
12	Programas de combate ao HIV/Aids	0	0	5	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	2	0	9	0,8
13	Boletins e informações sobre HIV/Aids	0	0	3	2	0	6	0	3	4	2	1	0	3	4	1	0	17	0	46	4,1
14	Relacionamento com a família	1	0	3	3	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	2	0	13	1,2
15	Relacionamento sexual e afetivo	1	0	9	5	1	1	0	0	4	0	2	5	4	16	3	1	3	1	56	5,0
16	Sexualidade, gênero e HIV/Aids	0	0	10	5	0	2	1	0	4	0	0	0	0	4	0	0	2	0	28	2,5
17	Testagem e diagnóstico do HIV	0	0	8	5	1	3	1	2	8	2	3	2	2	7	0	2	12	2	60	5,4
18	Linguagem, terminologias e nomenclaturas	0	0	2	1	1	4	1	1	3	1	0	0	1	2	0	0	2	0	19	1,7
19	Cidadania e direitos das PVHIV	0	2	6	0	0	2	1	0	1	0	0	3	3	1	2	0	4	0	25	2,2
20	Outra temática	0	3	10	9	4	24	0	2	3	0	2	8	12	13	4	0	32	0	126	11,3
J)	DESENVOLVIMENTO DA MENSAGEM	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	Conversa ao vivo	0	0	10	4	1	0	2	1	1	0	0	0	4	0	0	0	27	0	50	4,5
2	Data ou marco comemorativo	0	0	7	1	0	2	1	0	0	0	0	0	0	2	2	0	0	0	15	1,3
3	Pergunta, relato ou depoimento	0	2	28	6	1	10	3	0	13	4	1	5	3	3	3	1	25	0	108	9,7
4	Fato público de apelo polêmico	0	0	11	3	0	8	1	1	3	2	3	0	3	11	0	0	8	0	54	4,8
5	Tabus, estereótipos e boatos	3	1	15	6	2	17	1	2	8	0	3	2	19	13	1	0	11	1	105	9,4
6	Fatos e notícias atuais	0	1	20	2	0	9	1	0	6	2	1	0	2	9	3	0	34	0	90	8,1

7	Promoção ou colaboração institucional	0	1	3	1	0	0	0	1	0	0	1	0	5	2	2	0	1	0	17	1,5
8	Vivência pessoal	3	1	72	46	0	28	4	5	34	11	11	29	40	33	19	13	28	14	391	35,1
9	Divulgação de produto ou serviço	0	4	18	5	9	20	2	0	11	0	2	9	16	20	9	0	16	0	141	12,7
10	Informações científicas e clínicas	1	0	9	3	1	3	1	3	6	2	3	1	10	7	7	0	33	1	91	8,2
11	Informações jurídicas e legislativas	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	1	2	0	2	0	9	0,8
12	Cobertura de evento	0	4	1	0	1	2	0	0	0	0	0	5	0	1	0	0	4	0	18	1,6
13	Memória de fato ou personalidade histórica	0	0	1	1	0	22	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	26	2,3
K)	CONOTAÇÃO DA MENSAGEM	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	Ação educativa	0	4	40	3	4	16	0	1	11	2	4	1	17	20	8	0	55	1	187	16,8
2	Curiosidades gerais	0	2	6	5	0	7	2	0	6	3	3	0	7	12	1	0	18	1	73	6,6
3	Depoimento pessoal	3	1	73	51	0	31	5	6	36	10	12	33	43	31	19	14	31	14	413	37,1
4	Denúncia social	0	0	10	2	0	4	0	0	0	0	1	0	0	8	0	0	7	0	32	2,9
5	Histórico	0	0	1	0	0	22	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	3	0	28	2,5
6	Conscientização social	4	1	23	5	3	7	5	1	8	5	0	5	6	11	9	0	26	0	119	10,7
7	Manifesto político	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	4	0,4
8	Sátira	0	0	0	1	0	4	0	0	2	0	0	0	3	0	0	0	0	0	10	0,9
9	Vídeo resposta	0	0	5	3	0	4	2	1	5	1	1	1	0	1	1	0	19	0	44	3,9
10	Experimentação de produto	0	0	3	1	1	3	0	0	3	0	1	1	2	0	0	0	3	0	18	1,6
11	Dica, recomendação ou orientação	0	5	24	3	2	19	0	2	5	0	0	9	17	12	6	0	10	0	114	10,2

12	Posicionamento em relação a notícia atual	0	0	6	0	0	2	1	0	4	0	0	0	0	4	0	0	5	0	22	2,0
13	Outra conotação	0	2	3	4	5	2	1	2	3	0	3	1	7	2	4	0	12	0	51	4,6
L)	CATEGORIA DO CONTEÚDO	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	Filme e animação	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2	Automóveis	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
3	Música	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
4	Animais	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
5	Esportes	0	0	59	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	59	5,3
6	Viagens e eventos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
7	Jogos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
8	Pessoas e blogs	7	0	2	0	15	0	16	13	0	21	0	52	0	0	48	0	0	16	190	17,1
9	Comédia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	11	0	0	0	0	0	11	1,0
10	Entretenimento	0	15	109	78	0	121	0	0	0	0	0	0	0	102	0	0	0	0	425	38,2
11	Notícias e política	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
12	Instruções e estilo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
13	Educação	0	0	0	0	0	0	0	0	83	0	0	0	4	0	0	27	0	0	114	10,2
14	Ciência e tecnologia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
15	Sem fins lucrativos e ativismo	0	0	25	0	0	0	0	0	0	0	26	0	88	0	0	0	190	0	329	29,5
M)	LINGUAGEM USADA NO VÍDEO	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	Conversa com a câmera	7	1	179	61	13	96	12	10	55	20	22	45	74	64	21	0	160	14	854	76,7

2	Conversa com especialista ou convidado	0	10	0	8	0	16	2	2	10	1	0	4	16	28	13	0	16	1	127	11,4
3	Conversa com parente ou amigo	0	2	4	7	0	0	0	0	8	0	1	1	1	0	6	0	5	1	36	3,2
4	Encenação	0	0	6	1	0	4	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	12	1,1
5	Vídeo musicalizado	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	2	0	0	0	1	0	4	0,4
6	Voz em OFF	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	14	0	0	15	1,3
7	Registro documental	0	2	3	0	0	0	1	1	0	0	0	1	9	0	1	0	3	0	21	1,9
8	Animação	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
9	Slide multimídia (textos, fotos, etc.)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
10	Outra especificação	0	0	3	1	2	5	0	0	9	0	3	1	0	10	7	0	5	0	46	4,1
N)	PARTICIPAÇÃO DE OUTRAS PESSOAS	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	Mais uma pessoa no set de gravação	0	3	14	8	1	18	1	2	17	1	1	7	9	29	22	0	14	2	149	13,4
2	Duas a quatro pessoas no set de gravação	0	5	0	1	0	0	0	0	3	0	0	3	13	8	3	0	1	0	37	3,3
3	Mais de quatro pessoas no set de gravação	0	6	0	4	1	5	1	0	1	0	4	2	3	2	2	0	6	0	37	3,3
4	Mais uma pessoa por videoconferência	0	0	0	2	0	0	2	0	3	0	3	0	2	0	0	0	10	0	22	2,0
5	Duas ou mais pessoas por videoconferência	0	0	3	1	0	0	1	0	3	0	0	0	5	0	0	0	14	0	27	2,4
6	Não há participação de outras pessoas	7	1	178	62	13	98	11	11	56	20	18	40	71	63	20	14	142	14	839	75,3
O)	ÁREA/SETOR DE ATUAÇÃO DA PESSOA CONVIDADA	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

1	Arte ou mídia	0	1	3	2	1	4	3	0	0	0	0	1	3	11	4	0	4	1	38	3,4
2	Ciências humanas e sociais	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0,2
3	Familiar	0	0	1	2	0	1	0	0	4	0	0	2	0	0	1	0	1	0	12	1,1
4	Figura pública das redes sociais da internet	0	4	5	5	0	4	1	0	6	1	0	1	8	21	3	0	6	0	65	5,8
5	Mercados e empresas privadas	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,1
6	Movimentos sociais	0	3	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7	0	4	0	19	1,7
7	Pessoa de círculo social ou afetivo	0	0	2	5	0	1	0	0	8	0	5	4	0	1	5	0	3	1	35	3,1
8	Poder público	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2	0,2
9	Saúde pública	0	3	1	1	0	5	0	2	1	0	0	0	11	5	4	0	11	0	44	3,9
10	Setor jurídico	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2	0	4	0,0
11	Não há participação de outras pessoas	7	1	178	62	13	98	11	11	56	20	18	40	71	63	21	14	142	14	840	75,4
12	Outra área/setor	0	1	0	1	0	8	1	0	8	0	3	4	10	1	1	0	15	0	53	4,8
P)	FORMAS DE INTERAÇÃO C/ PÚBLICO	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	Apresentação de presentes/brindes recebidos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2	Inserção de mensagens em áudio ou vídeo	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,1
3	Leitura de relatos e depoimentos enviados	0	0	0	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,3
4	Resposta a comentários na página do vídeo	0	0	4	8	0	0	1	0	8	0	0	0	0	0	1	0	0	0	22	2,0
5	Resposta a pedidos de dúvidas frequentes	0	0	21	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	21	1,9

6	Resposta a mensagens em chat ao vivo	0	0	4	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	9	0,8
7	Não há forma de interação com o público	7	15	166	68	15	120	15	12	74	21	26	52	103	102	47	14	186	16	1059	95,1

Vídeos analisados – n: 1114

Elaboração do autor.

Nota:

Tabela elaborada com base nos materiais disponíveis para visualização pública nas páginas dos canais, observando o período entre o primeiro vídeo publicado (cuja temática seja relacionada ao HIV) e os vídeos publicados até a data de 31 de dezembro de 2021. Constam na análise de conteúdo os vídeos realizados nas temáticas que envolvem HIV/Aids, homossexualidade, orgulho LGBTQ.

Tabela B.3 – Resultados sintéticos em ordem de classificação: parâmetro “Análise do Contexto Narrativo”

Estatísticas	Nome do canal	Caio Regis	Chá dos 5 (Rafael Bolacha)	Confissões de um soropositivo	Diego Krausz	Discordantes	Drew	Falo Memo!	Há Vida Com HIV	HDiário	HIVIVA	João Geraldo Netto	NossaHannis	Positividades	Projeto Boa Sorte	Prosa Positiva	Positivo Matheus	Super Indetectável	Vivendo Positivamente	Nº TOTAL	PORCENTAGEM
1	Diagnóstico soropositivo	1	0	4	3	1	5	2	1	3	3	1	2	1	1	2	1	5	1	37	3,3
2	Informações sobre o canal	0	0	0	3	3	6	0	0	0	0	0	3	0	1	2	0	5	0	23	2,1
3	Revelação da sorologia	1	0	1	3	1	2	2	0	3	2	0	3	3	1	2	1	3	0	28	2,5
4	Leis antidiscriminatórias	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	0	1	0	5	0,4
5	Relação sorodiferente	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0	3	2	2	2	2	0	2	1	17	1,5
6	Rotina pessoal	0	1	7	10	0	0	0	0	9	0	0	4	6	2	2	1	3	0	45	4,0
7	Ativismo soropositivo	0	3	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	5	0	0	0	10	0,9
8	Terceiro setor e liderança social	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	2	0,2
9	Trajetórias soropositivas	0	0	1	4	0	3	0	0	0	0	2	2	9	0	5	0	0	0	26	2,3
10	Infecções sexualmente transmissíveis	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1	1	1	1	1	9	0,8
11	Literatura especializada	0	1	0	0	0	3	0	1	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	8	0,7
12	Tratamento antirretroviral	1	0	6	1	0	4	0	1	2	1	8	1	12	2	4	4	15	2	64	5,7
13	Programa de TV sobre HIV/Aids	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2	3	0	0	0	7	0,6
14	Saúde mental e HIV	1	0	2	1	0	3	0	0	0	1	0	0	2	0	1	0	4	0	15	1,3

15	HIV/Aids na imprensa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	1	0	1	0	5	0,4
16	Homofobia	0	0	3	1	0	4	0	0	2	0	1	0	0	1	1	0	1	0	14	1,3
17	Relação com os pais	0	0	1	3	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	1	0	1	0	9	0,8
18	Websérie	0	0	1	3	0	5	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	11	1,0
19	Campanha social	0	0	5	0	4	0	0	0	1	0	1	0	7	1	2	0	0	0	21	1,9
20	Desafio UNAIDS	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	1	1	1	0	0	0	6	0,5
21	Sexo mais seguro	0	0	4	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	3	0	10	0,9
22	Exposição ao HIV	0	0	2	0	0	2	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	3	1	11	1,0
23	Dúvidas gerais sobre o HIV	0	3	1	3	0	2	3	3	3	1	0	1	8	0	2	2	10	2	44	3,9
24	Distribuição de medicamentos	0	0	9	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	7	0	20	1,8
25	Estigma e discriminação	0	0	2	2	0	2	0	1	2	1	0	2	3	0	0	0	2	0	17	1,5
26	Auto aceitação	0	0	6	1	0	2	0	0	0	0	0	4	1	0	0	0	4	1	19	1,7
27	Armário soropositivo	0	0	11	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	12	1,1
28	Debate público sobre HIV	0	0	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	6	0,5
29	Hábitos saudáveis	0	0	7	0	0	2	0	0	0	0	0	1	2	0	0	0	0	4	16	1,4
30	Homossexualidade	0	0	1	4	0	2	0	0	1	0	0	0	0	6	0	0	1	0	15	1,3
31	Bullying e/ou discurso de ódio	0	0	1	1	0	3	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	1	0	8	0,7
32	Trabalho e HIV	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	4	0,4
33	Cura do HIV	0	0	2	0	0	4	0	0	2	2	0	0	0	4	0	0	10	0	24	2,2
34	Terminologias e expressões	0	0	2	1	1	3	0	1	2	1	0	0	1	2	0	0	2	0	16	1,4
35	Filmes sobre HIV	0	0	4	0	0	2	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	3	0	12	1,1

36	Tatuagem	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	4	0,4
37	Teste rápido pra HIV (em casa)	0	0	2	1	1	2	0	0	3	0	1	2	1	1	0	0	1	0	15	1,3
38	Livro autoral	0	0	1	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,3
39	Mensagem de agradecimentos	0	0	4	3	0	1	1	0	2	0	0	1	0	1	1	0	1	0	15	1,3
40	Fake news	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2	0	6	0,5
41	Intolerância	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	3	0,3
42	Religiosidade	0	0	2	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	7	0,6
43	Bolsonaro	0	0	10	1	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	18	1,6
44	Ministério da Saúde e SUS	0	0	2	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	5	0	10	0,9
45	Dezembro Vermelho	0	0	2	0	0	1	1	0	0	0	0	0	10	0	0	0	0	0	14	1,3
46	Educação sexual	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	3	0	0	2	0	7	0,6
47	Aids	1	0	1	0	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	6	0,5
48	Lipodistrofia	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,1
49	Sexo e gênero	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	3	0	0	1	0	7	0,6
50	Prevenção combinada (PrEP, PEP)	0	2	5	0	1	4	1	0	1	2	0	0	0	5	1	0	5	0	27	2,4
51	Carga viral	1	0	4	1	0	2	0	1	1	1	0	0	2	3	0	0	6	1	23	2,1
52	Histórias em quadrinhos	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,1
53	Direitos das PVHIV	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	2	0	0	0	2	0	7	0,6
54	Gravidez e Maternidade	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	4	2	0	0	0	0	8	0,7
55	Transmissão de HIV	0	0	9	0	0	3	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	1	0	17	1,5
56	Mortalidade	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	4	0,4

57	Orgulho LGBT	0	0	3	2	0	13	0	0	0	0	0	1	0	3	0	0	1	0	23	2,1
58	Visibilidade soropositiva	0	0	8	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8	0,7
59	Sintomas do HIV	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	3	0	7	0,6	
60	Imunização	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	0	2	1	0	0	3	0	9	0,8
61	Respostas ao canal	0	0	3	7	0	0	1	1	8	1	0	2	0	10	0	0	0	0	33	3,0
62	Censura	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0,2
63	Boletim epidemiológico	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	3	0	5	0,4
64	Redes, ONGs e associações	0	1	1	0	0	0	0	0	3	0	1	0	0	2	0	0	1	0	9	0,8
65	HIV na internet	0	0	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0	1	0	0	6	0	11	1,0	
66	Divulgação científica	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	3	0,3	
67	Expectativa de vida	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2	0,2	
68	Relacionamento abusivo	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	2	0,2	
69	Violência	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	0,2	
70	Janela imunológica	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	3	0,3	
71	TDAH	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
72	Cuidados estéticos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0,1
73	Turismo e HIV	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	5	0	8	0,7	
74	Eventos sobre HIV	0	3	0	2	1	2	0	0	0	0	2	8	0	1	0	0	5	0	24	2,2
75	História do HIV/Aids	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2	0,2	
76	HTLV	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0,1	
77	Aplicativo digital	0	0	0	2	0	1	0	0	1	0	0	1	3	0	0	1	0	9	0,8	
78	Figura pública da internet	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0,1	

79	Notícias atuais sobre HIV	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2	0,2
80	Conversa com inscritos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	4	0	5	0,4	
81	Dependência química	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	2	0,2		
82	HIV nas séries de TV	0	0	3	1	0	4	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	10	0,9		
83	Parentalidade	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	0,2		
84	Sorofobia	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,1		
85	Preservativos	0	0	2	0	0	1	0	1	0	1	0	1	1	0	0	1	0	8	0,7	
86	Retrospectiva anual	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	2	0,2		
87	Saúde dental	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	2	0,2		
88	Doação de sangue	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	2	0	5	0,4		
89	Mulheres com HIV	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	3	0,3		
90	Desejo e relações afetivas	1	0	5	4	0	1	0	2	0	0	2	2	11	0	1	1	0	30	2,7	
91	Participação em programa de TV	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	1	1	8	1	0	1	0	15	1,3	
92	Culpabilização do HIV	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	3	0,3		
93	Transmissão vertical	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	2	0	4	0,4	
94	Problemas com a saúde	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	1	4	0,4		
95	Atendimento médico e hospitalar	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	3	0,3		
96	Reinfecção por HIV	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	0,2		
97	Coronavírus e HIV	0	0	5	1	0	6	0	0	1	2	0	3	0	0	0	9	0	27	2,4	
98	Desafio de corrente (challenge)	0	1	3	0	0	0	1	0	3	0	0	2	0	0	0	1	0	11	1,0	
99	Famosos e celebridades com HIV	0	0	0	0	0	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	8	0,7	

APÊNDICE C – VOLUME DE VÍDEOS ANALISADOS

Quadro C.1 – Volume de canais (ou espaços nos canais) iniciados por ano (2010-2019).

Linha do tempo dos canais e espaços de interlocução no YouTube por atores HIV+		
Ano	Tipo	Nome
2010	Vídeos unitários	<i>João Geraldo Netto</i>
2011	-	-
2012	-	-
2013	-	-
2014	Canal temático	<i>Positivo Matheus</i>
2015	Lista de vídeos	<i>Chá dos 5 (Série HIV, por Rafael Bolacha)</i>
	Canal temático	<i>Projeto Boa Sorte</i>
2016	Canal temático	<i>Confissões de um Soropositivo (Léo Cezimbra)</i>
	Canal temático	<i>HDiário (Gabriel Comicholi)</i>
	Canal temático	<i>Vida Positiva (*)</i>
2017	Canal temático	<i>Diário de um Soropositivo (*)</i>
	Canal temático	<i>Discordantes</i>
	Canal temático	<i>Lucas Raniel – Falo Memo!</i>
	Canal temático	<i>Há Vida com HIV (*)</i>
	Canal temático	<i>Posithividades</i>
	Canal temático	<i>Prosa Positiva</i>
	Canal temático	<i>Super Indetectável</i>
	Canal temático	<i>Vivendo Positivamente (*)</i>
2018	Lista de vídeos	<i>Diego Krausz</i>
	Canal temático	<i>NossaHannis</i>
2019	Canal temático	<i>Caio Régis</i>
	Canal temático (**)	<i>Drew</i>
	Canal temático	<i>HIVIVA</i>

Elaboração do autor.

Notas:

Quadro elaborado com base nos materiais disponíveis para visualização pública nas páginas dos canais, observando o período entre o primeiro vídeo publicado (cuja temática seja relacionada ao HIV) e os vídeos publicados até a data de 31 de dezembro de 2021.

(*) A página específica teve suas atividades encerradas, e o conteúdo foi arquivado. Entretanto, os registros da pesquisa estão presentes no Anexo A.

(**) O canal específico iniciou com outra temática, e após alguns vídeos unitários, foi alterado para a categoria de canal temático, com abordagem dedicada ao tema HIV e Aids.

Quadro C.2 – Volume de conteúdos publicados por eixo discursivo.

Eixo discursivo	%	Subtemas tratados	Qtde.
Saúde sexual	33,3	Tratamento antirretroviral	64
		Diagnóstico soropositivo	37
		Prevenção combinada	27
		Coronavírus e HIV	27
		Cura do HIV	24
		Carga viral	23
		Transmissão do HIV	17
		Hábitos saudáveis	16
		Saúde mental e HIV	15
		Teste rápido caseiro para HIV	15
		Exposição ao HIV	11
		Sexo mais seguro	10
		Infecções sexualmente transmissíveis	9
		Imunização	9
		Gravidez e maternidade	8
		Preservativos	8
		Sintomas do HIV	7
		Aids	6
		Doação de sangue	5
		Tatuagem	4
		Mortalidade	4
		Transmissão vertical	4
		Problemas com a saúde	4
		Janela imunológica	3
		Mulheres com HIV	3
		Expectativa de vida	2
		Dependência química	2
		Saúde dental	2
		Reinfecção por HIV	2
		Lipodistrofia	1
Cuidados estéticos	1		
HTLV	1		
Estigma psicossocial	22,1	Revelação da sorologia	28
		Desejo e relações afetivas	30
		Orgulho LGBT	23
		Auto aceitação	19
		Bolsonaro (Estado e sorofobia)	18

		Relação sorodiferente	17
		Estigma e discriminação	17
		Terminologias e expressões	16
		Homossexualidade	15
		Homofobia	14
		Armário soropositivo	12
		Relação com os pais	9
		<i>Bullying</i> ou discurso de ódio	8
		Sexo e gênero	7
		Intolerância	3
		Culpabilização do HIV	3
		Relacionamento abusivo	2
		Violência	2
		Parentalidade	2
		Sorofobia	1
Memória cultural	11,9	Eventos sobre HIV	24
		Participação em programas de TV	15
		Filmes sobre HIV	12
		Websérie	11
		HIV na internet	11
		HIV nas séries de TV	10
		Aplicativo digital	9
		Literatura especializada	8
		Famosos e celebridades com HIV	8
		Programa de TV sobre HIV/Aids	7
		HIV/Aids na imprensa	5
		Livro autoral	3
		Divulgação científica	3
		História do HIV/Aids	2
		Notícias atuais sobre HIV	2
		Histórias em quadrinhos	1
		Figura pública da internet	1
Mistos	9,8	Rotina pessoal	45
		Dúvidas gerais sobre o HIV	44
		Religiosidade	7
		Debate público sobre HIV	6
		Fake news	6
		Desconstrução social	2

Ações políticas	8,6	Trajetórias soropositivas	26
		Campanha social	21
		Dezembro Vermelho	14
		Ativismo soropositivo	10
		Redes, ONGs e associações	9
		Visibilidade soropositiva	8
		Desafio UNAIDS	6
		Terceiro setor e liderança social	2
		Editorial (YouTube)	7,9
		Informações sobre o canal	23
		Mensagem de agradecimentos	15
		Desafio de corrente (<i>challenge</i>)	11
		Conversa com inscritos	5
		Retrospectiva anual	2
Cidadania e direitos	6,4	Distribuição de medicamentos	20
		Ministério da Saúde e SUS	10
		Turismo e HIV	8
		Educação sexual	7
		Direitos das PVHIV	7
		Leis antidiscriminatórias	5
		Boletim epidemiológico	5
		Trabalho e HIV	4
		Atendimento médico e hospitalar	3
		Censura	2

Elaboração do autor.

Nota:

Tabela elaborada com base nas informações constadas no Apêndice B.

Tabela C.1 – Volume anual de envios de vídeos por canal, segmentado por período (2010-2021).

CANAL/ PERÍODO	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	TOTAL
<i>Caio Regis</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7	0	0	7
<i>Chá dos 5 (Série HIV, por Rafael Bolacha)</i>	0	0	0	0	0	6	2	3	1	3	0	0	15
<i>Confissões de um Soropositivo</i>	0	0	0	0	0	0	18	31	17	76	40	13	195
<i>Diego Krausz</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	8	33	28	8	77
<i>Discordantes</i>	0	0	0	0	0	0	0	9	4	1	1	0	15
<i>Drew</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	27	52	42	121
<i>Falo Memo!</i>	0	0	0	0	0	0	0	2	5	0	8	1	16
<i>Há Vida com HIV</i>	0	0	0	0	0	0	0	12	1	0	0	0	13
<i>HDiário</i>	0	0	0	0	0	0	31	24	9	5	12	2	83
<i>HIVIVA</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	9	11	1	21
<i>João Geraldo Netto</i>	3	0	1	7	2	4	7	1	1	0	0	0	26
<i>NossaHannis</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	4	35	12	1	52
<i>Posithividades</i>	0	0	0	0	0	0	0	31	5	11	23	33	103
<i>Positivo Matheus</i>	0	0	0	0	1	3	6	4	0	0	0	0	14
<i>Projeto Boa Sorte</i>	0	0	0	0	0	5	27	21	45	4	0	0	102
<i>Prosa Positiva</i>	0	0	0	0	0	0	16	23	3	3	3	0	48
<i>Super Indetectável</i>	0	0	0	0	0	0	0	23	23	28	57	59	190
<i>Vivendo Positivamente</i>	0	0	0	0	0	0	0	9	7	0	0	0	16
SOMA POR PERÍODO	3	0	1	7	3	18	107	193	133	242	247	160	1114

Elaboração do autor.

Nota:

Tabela elaborada com base nos materiais disponíveis para visualização pública nas páginas dos canais, observando o período entre o primeiro vídeo publicado (cuja temática seja relacionada ao HIV) e os vídeos publicados até a data de 31 de dezembro de 2021. Constam na análise de conteúdo os vídeos realizados nas temáticas que envolvem HIV/Aids, e rotinas pessoais dos indivíduos realizadores.

APÊNDICE D – Transcrições de vídeos selecionados

Convenções adotadas na transcrição do vídeo

- (=)..... pausa curta na fala (menor que 3s).
 ((=)) pausa média na fala (entre 4s a 10s).
 (((=)))..... pausa longa na fala (entre 11s e valores maiores).
 (?)..... trecho ou palavra que não se conseguiu compreender.
 // *jump cut*, corte seco na fala, perceptível no vídeo.
 [car.]..... caracteres (apresentação de texto na tela).
 [ef.son.]..... efeito especial sonoro aplicado sobre a voz.
 [ef.vis.]..... efeito especial de animação baseada em computação gráfica.
 [fd.in] transição de *fade in* (aparecimento gradual da imagem).
 [fd.out]..... transição de *fade out* (desaparecimento gradual da imagem).
 [gráf.]..... gráfico inserido.
 [img.] imagem inserida no vídeo.
 [mús.] trecho musical, sem áudio falado.
 [p&b]..... efeito de imagem em preto e branco, e [/p&b] quando sai do efeito.
 [slide – 1; 2; 3...] slide de fotografias, gráficos ou ilustrações, descrito em sequência.
 [split]..... tela dividida em duas ou mais partes.
 [vinh.] vinheta de abertura ou de encerramento.
 [zoom] efeito de *zoom* (aproximação) da imagem.
 {hipótese}..... hipótese de escuta fonográfica (o som que se conseguiu entender).
 ~tosse~ tosse, espirro, som gutural ou outra interrupção involuntária da fala.
 “citação” citação à fala de outra pessoa, ou frase atribuída a outra pessoa.
 +Nome: *fala*+ fala de outra pessoa, não aparente no vídeo.
 <risos> risada, gargalhada, grito ou choro durante a fala.
 «gesto» sinais ou gestos com as mãos feitos em relação à fala.
 x palavra cortada antes de concluir.
 ►■ marcadores de transcrição (início ► e fim ■).
 →..... prolongamento de vogal ou consoante final.
 ♪cantado♪..... trecho cantado ou cantarolado.
 MAIÚSCULAS ênfase sonora em palavra.
 Marcação grifo do transcritor para destacar trechos da fala.

Nota: convenções organizadas pelo autor, com base em documentos de transcrição encontrados em pesquisa, e nos recursos técnicos mais comuns de edição em som e imagem. Todas as transcrições foram realizadas pelo autor.

Confissões de um Soropositivo



Vídeo D.1

HIV/AIDS - CONFISSÃO #18: EU PERCEBI QUE FALAR SOBRE HIV AJUDARIA OUTRAS PESSOAS. **YouTube.**

Enviado por Léo Cezimbra, 11 fev. 2017. Color., son., tela 4:3, 480p, 4min 49s. Disponível em: <https://youtu.be/p-4Y9qJWKdQ>.

► [vinh.] Primeiro de dezembro de 2014 tava chegando// já era uma outra situação// eu já tava me sentindo mais confiante, eu já tinha me aberto nos aplicativos// então eu decidi preparar no dia primeiro de dezembro de 2014 uma campanha// em favor da conscientização sobre o HIV e Aids.// Dessa vez eu fiz um pouco diferente, eu fui até um estúdio fotográfico profissional// eu consegui lá no COAS uma camiseta que dizia “Fique Sabendo”, que falava justamente sobre a importância de ficar sabendo sua sorologia.// Então eu tirei as fotos nesse estúdio, utilizei uma, e fiz uma campanha justamente com esse slogan #FiqueSabendo, e publiquei na minha página pessoal.// Muita gente entendeu né, que eu tava fazendo aquilo porque eu sou soropositivo, não era novidade, muita gente que não sabia disso ficou com uma pulga atrás da orelha, e muita gente passou despercebido. Mas o importante é que eu passei o recado ali// conscientizando da importância de fazer o teste, e o porquê que é importante saber da sua sorologia// Foi importante pra mim, foi um pequeno degrau numa militância que viria a acontecer futuramente, de exposição né?// Eu acho que esse processo gradativo foi muito bom// [mús.] [img.: peça publicitária; Léo veste uma camiseta branca onde se lê “Fique Sabendo”, segurando em uma das mãos três embalagens de preservativo. Na peça estão escritos os dizeres “1º de Dezembro – Dia Internacional de Luta contra a AIDS – #FiqueSabendo] Logo depois que passou o primeiro de dezembro// vieram as festas de fim de ano// foram muito melhores né, do que no ano passado, eu não tava passando por toda aquela situação, medicamento e tal que era recém novo, então já fazia um ano que eu tava fazendo tratamento// eu já não estava mais enjoando, já não estava mais passando mal.// No réveillon, como eu tinha conseguindo uns ingressos de cortesia pra ir numa festa aqui que é muito tradicional// e decidi beber, que é uma coisa que eu quase nunca fazia, mas né, eu já tinha até esquecido como era.// Eu tomei champanhe// e depois da meia noite fui passear com minha família, naquela situação agradável, eu tava feliz por estar bem, por estar conseguindo aproveitar aquele momento. Eu fui pra festa, que era duas quadras aqui da minha casa, junto com meu irmão// então eu levei meu remédio// porque eu não sabia que horas que eu iria voltar e a gente não pode ficar sem tomar o remédio. Foi então que eu decidi tomar o remédio logo que eu cheguei lá// acabei tomando ele com bebida alcoólica, tomei com uma cerveja que eu comprei lá, mas foi o que bastou

pra no máximo em cinco minutos eu quase que caí durinho// tive que me sentar// não conseguia mais fazer nada mais, não conseguia nem falar direito. A sorte que o meu irmão tava lá// vários amigos dele estavam lá// acabaram me trazendo aqui pra minha casa né// porque eu fiquei muito mal, eu não fiquei bêbado// eu fiquei sob o efeito do remédio misturado com a bebida, uma coisa que eu não costumava fazer, e eu não costumo fazer// acabou tendo esse efeito. Mas eu percebi também que eu já tinha feito isso algumas vezes e não tinha ficado tão mal. Eu percebi que depois desse primeiro de ano// eu comecei a sentir alguns sintomas novamente.// Fui no COAS, preocupado né, achando que eu ia passar por tudo aquilo de novo// e lá eu acabei perguntando no balcão mesmo pra atendente né// o que poderia ser que aconteceu comigo, porque que eu tava sentindo de novo alguns sintomas.// Lá me deram a justificativa que teria mudado o laboratório dos medicamentos/ e isso poderia ter dado alguma resposta no meu corpo, a esse novo laboratório. Normalmente isso não acontece, mas era uma das possibilidades// Enquanto eu conversava com a atendente, tinha uma senhora que tava buscando os medicamentos, e ela interrompeu nossa conversa e disse assim// “sabe o que é que eu faço, eu vou te dar uma dica// nos dias que eu bebo, eu não tomo o meu medicamento”. Na hora em que ela falou aquilo, eu e a atendente olhamos pra ela, com uma cara de surpresa, e falamos// [p&b] [zoom] “NÃO!” [p&b] ao mesmo tempo, chegou a ser engraçado até. E ela nos olhou um pouco assustada assim, e nós dois falamos “não, não pode, mesmo quando for beber tem que tomar o medicamento, ou toma antes, ou toma durante, ou toma depois, mas tem que tomar o medicamento// porque isso interrompe o tratamento que faz a manutenção do HIV”.// E aí ela ficou surpresa, porque eu acho que nunca tinham falado isso pra ela, e ela disse assim “ah, viu como é bom// tá aqui, ver alguém, conversar sobre isso, porque eu esclareci isso que eu nunca imaginei”. Eu fico pensando quantas vezes que ela deve ter quebrado com o tratamento dela fazendo isso, e quantas outras pessoas também devem fazer isso, achando que não tem problema algum. Foi aí que eu percebi a importância que é falar sobre o HIV, não só para as pessoas que estão fora desse círculo né// do tratamento// fora da convivência com soropositivos, mas para os próprios soropositivos, que às vezes não tem a informação necessária, por falta de curiosidade// ou por falta de informação mesmo. Foi aí que eu percebi como essa militância tinha que começar a crescer, já que pra mim essa exposição já não tava importando tanto assim. [fd.out] [mús.] [car.: * PEP – PEP significa Profilaxia Pós Exposição. É uma forma de prevenção da infecção por HIV usando os medicamentos que fazem parte do coquetel utilizado no tratamento da Aids, para pessoas que possam ter entrado em contato com o vírus recentemente, pelo sexo sem camisinha. Esses medicamentos, precisam ser tomado por 28 dias, sem parar, para impedir a infecção pelo vírus, sempre com orientação médica. Essa forma de prevenção já é usada com sucesso nos casos de violência sexual

e de profissionais da saúde que se acidentam com agulhas e outros objetos cortantes contaminados. Via PEP Sexual”].■

**ESTARÍAMOS
ROMANTIZANDO
O HIV?**



Vídeo D.2

HIV/AIDS - ESTARÍAMOS ROMANTIZANDO O HIV?.

YouTube. Enviado por Léo Cezimbra, 1 nov. 2017. Color., son., tela 4:3, 480p, 7min 39s. Disponível em: <https://youtu.be/hj9suZk8Pil>.

► E aí pessoal, aqui é o Léo, do Confissões de um Soropositivo.// Hoje a gente vai falar de um assunto bem importante e super delicado// e é uma pergunta que muito militante que fala sobre HIV e Aids se faz// e eu vejo às vezes essa questão circular pela internet, pelos grupos// e gera muita polêmica.// Então eu vou tentar ter muito cuidado pra falar sobre isso.// E primeiro eu queria falar que a intenção não é fazer polêmica,// a intenção é eu fazer alguns esclarecimentos sobre esse tema// que é:// estaríamos nós RO-MAN-TI-ZAN-DO// o HIV?// [img.: figura na miniatura do vídeo, com som] // E o que significa isso?// Muitas pessoas acham// que a militância atual// muitas vezes deixa o HIV como se ele fosse muito bonito, sabe?// Como se não tivesse problemas// e como se muito fácil ser soropositivo.// Eu vi esse questionamento quando o Gabriel Estrela foi capa da revista Galileu, o pessoal embaixo comentou muita coisa assim “ah, então quer dizer que agora é lindo ter HIV”, coisa e tal,// e eu vi o mesmo questionamento quando eu// e o Gabriel Estrela demos uma entrevista para o site da UOL a respeito de// HIV.// E também em respeito do que nós pensávamos que poderia ser// a causa do aumento de portadores de HIV no Brasil.// Os comentários realmente foram bem chocantes, assim na postagem tanto da revista Galileu, tanto quanto da página da UOL.// Isso me mostrou que a gente tem que falar sim, sobre o HIV,// tá mais que claro que as pessoas ‘tão sem informação.// Mas a gente tem que deixar claro nisso tudo é que// ninguém está romantizando o HIV,// a intenção nunca foi essa.// Às vezes pode parecer// por várias pessoas como o Gabriel, como o outro menino Gabriel, como o João Netto e “N” pessoas que fazem vídeos hoje contando sobre a sua sorologia.// Agora até findou que o YouTuber LGBT que era já mais conhecido e tal// que também se revelou como soropositivo,// o Felipe,// então algumas pessoas acham// que fica tudo muito bonitinho,// como se não tivesse problema algum.// Eu tenho HIV, e eu vou começar a fazer vídeo e vou começar a ficar «sinal de aspas com os dedos» famosinho.// E aí nos vídeos, o que é que gente costuma fazer? A gente costuma falar da nossa vida como soropositivo, e que não terminou, que tudo continua como era antes, se fizer o tratamento e tal.// Parece que tudo é muito lindo.// Parece que nós não temos problema.// E aí nós temos dois pontos nessa história.// O primeiro deles é que// muita gente acha// que viver com HIV é a coisa mais fácil do mundo.// Então se

percebe que muita gente tá se descuidando a respeito disso, // porque sabe que o tratamento é gratuito e os medicamentos estão aí. // E também que hoje em dia se vive uma vida praticamente normal // desde que se faça o tratamento. // Só que essas pessoas não tem noção que ser soropositivo engloba muitas outras coisas // e apesar do tratamento ser gratuito // o momento em que você começa a fazer ele, a sua vida muda 100%. // Quando a gente fala que a vida pode seguir como era antes, a gente fala que a gente pode seguir fazendo as mesmas coisas que nós fazíamos antes // mas aqui dentro «dedo encostando na cabeça» muda muita coisa. // Eu acredito que nenhum de nós, que fazemos esses vídeos, // queremos passar mensagem que as pessoas tem que parar de se cuidar porque ser soropositivo é muito fácil. Na verdade, nós contamos a nossa história pra mostrar que existe uma superação ali, e que caso um dia qualquer pessoa fizer um exame e der positivo pra HIV, der reagente pra HIV, // existe sim uma alternativa, // porque todo o nosso engajamento, ele é justamente pra essas pessoas, // pra essas pessoas que estão descobrindo agora a sua sorologia, e(=) não entrem em desespero. // Mas ninguém tá falando que vai ser muito fácil, a gente tá falando que pode ser tudo normal. // Ninguém tá falando que viver com HIV é a coisa mais linda do mundo, porque não é. // Ainda tem muita gente com dificuldade de adesão, e por isso que a gente fala sobre isso, // porque a gente quer que as pessoas tenham uma boa adesão ao tratamento, // e tudo pode ficar legal se a pessoa tiver uma boa adesão ao tratamento, // como nós já falamos aqui anteriormente. // Então esse ponto tem que ficar muito claro para as pessoas. // Talvez as pessoas estejam perdendo um pouco de medo // de um dia possivelmente ter // esse resultado positivo, // e talvez estejam se descuidando um pouco. // Mas a gente sempre fala // que as pessoas não podem parar de se cuidar, essa é a questão. // Mesmo tendo todo o tratamento gratuito hoje // ainda é melhor viver sem o HIV. // Ele é um tratamento que não vai parar nunca mais. // Mas é óbvio que isso não é o fim do mundo. // E aí que tem esse outro contraponto, // pra aquelas pessoas que tem // esse resultado como positivo, // E é pra essas pessoas que queremos falar, principalmente, e dizer mesmo se você tiver com resultado positivo pra HIV // não precisa entrar em desespero, tem como cuidar isso. // Não tem mais como reverter, // pelo menos não por enquanto, // mas tem como remediar. // Você vai seguir tendo a vida que tinha antes, // mas vai ter que fazer algumas escolhas, // e é disso que nós falamos. // Eu acho importante falar disso, porque às vezes as pessoas acham que a gente tá deixando isso como se tudo fosse muito lindo. // Eu li outro dia uma mensagem num desses grupos do Facebook // em que uma das pessoas que eram administradoras tava querendo ter o vírus // pra ficar famosa, pra falar sobre isso e sensibilizar as pessoas. // «mão na cabeça» Gente, vocês não tem noção // do quanto isso é irresponsável, // não se brinca com a saúde assim, conscientemente, // as pessoas não tem ideia que o início do tratamento às vezes é muito difícil, // e nós fazemos esses vídeos de conscientização justamente pra que // não aconteça com outras pessoas

o que aconteceu conosco, // porque apesar de a gente conseguir falar sobre isso abertamente, e ter uma boa aceitação, uma boa adesão ao tratamento, a gente sabe que tem muitas pessoas que não tem. // E a gente sabe o quanto isso é sério, o quanto isso modifica a nossa vida. // Então esse vídeo é basicamente pra gente falar sobre isso. // Se você não tem o HIV, não pense que tudo é muito lindo, a vida ainda é melhor sem o HIV. // Trata de se cuidar, se preservar, // e não acha que ter HIV é brincadedinho de criança, porque não é. // Porém, se você tem o HIV, descobriu agora há pouco, descobriu semana passada, descobriu há um mês, calma, não é o fim do mundo. // Tem como ajeitar isso, // só não pode se desesperar. // Talvez não vá ser fácil no início. // Com certeza vai ter muita lágrima pelo caminho, com certeza vai ter muito preconceito pelo caminho, e com certeza vai ter um longo caminho até conseguir se aceitar nessa nova condição. // Eu sei que não é fácil, // mas não é o fim do mundo. // Então é isso, pessoal, espero ter ajudado, espero ter mostrado essas diferenças, espero ter explicado pra vocês porque é que isso não é romantizado, nós apenas queremos acolher essas pessoas que descobriram a sua sorologia agora, // e mostrar pra elas que não há porque também entrar em pânico. // Tem sim uma luz no fim do túnel, // por mais que não seja fácil. // Um beijão no coração de todos, até semana que vem. // [fd.out] [car.: endereços de páginas do Léo na internet].■



Vídeo D.3

HIV/AIDS - 6 ANOS VIVENDO COM HIV | Léo Cezimbra.
YouTube. Enviado por Léo Cezimbra, 25 set. 2019. Color.,
 son., tela 16:9, 1080p, 8min 55s. Disponível em:
<https://youtu.be/Y1KjP3CJxrU>.

► [fd.in] E aí, pessoal, aqui é o Léo, do Confissões de um Soropositivo. // Antes da gente começar esse vídeo, eu quero pedir pra vocês não se esquecerem de curtir esse vídeo, não se esquecerem de se inscrever no canal, // e também de ativar o sininho para receber todas as notificações, assim que elas forem postadas. // Primeiro, eu quero falar aqui, essa semana, como vocês sabem, como eu já falei ali na comunidade do YouTube, esse vai ser o único vídeo dessa semana, eu não vou gravar outro vídeo, vai ser só esse vídeo, e aí semana que vem tudo vai voltar ao normal, com dois vídeos na semana, um na segunda e um na sexta. // [p&b] [ef.son] Com uma flexibilidade de um dia de atraso entre um vídeo e outro [/p&b] [/ef.son]. // O vídeo de hoje é um vídeo muito importante PRA MIM, // é um vídeo que eu tava esperando pra fazer, e no fim todo esse percurso que deu essa semana deu bem a calhar, porque? Porque esse vídeo é o vídeo no qual eu vou falar sobre eu estar completando seis anos vivendo com HIV. // [img.: figura da miniatura do vídeo, com som curto] É isso, no dia de hoje, no dia 25 de setembro de 2019, eu estou completando seis anos vivendo com HIV. // Eu lembro como se fosse ontem do dia em

que eu recebi aquele diagnóstico, que eu tava já esperando faz um tempo, inclusive pra quem não viu ainda esse vídeo, eu vou deixar aqui «dedo apontando para cima, região superior da tela» o card pra ir até ele, e eu tava esperando já fazia quase que uma semana a resposta do diagnóstico, já tava começando a me acostumar com a ideia de poder positivar, mas quando positivou de fato, // quando eu vi ali reagente, eu realmente fiquei em estado de choque. A primeira coisa que me passou pela cabeça, como já falei anteriormente, é que eu não ia durar mais nem dois meses e que eu iria morrer <risos>, é, e isso é uma coisa que eu acho que todo mundo quando recebe o diagnóstico pensa né, que vai receber o diagnóstico, // e que logo depois vai ficar doente, e que vai morrer, e que tudo vai terminar. // Eu vejo essa data, o dia 25 de setembro, como uma data de... comemoração, assim pra mim. // Não uma comemoração por estar vivendo com HIV, não é uma comemoração ao meu diagnóstico, mas é uma comemoração // a eu estar conseguindo, dia após dia, ano após ano, // viver com HIV de uma forma que eu consiga seguir em frente, que eu consiga seguir fazendo as coisas que eu amava, porque uma das minhas preocupações era que de repente eu ia ficar acamado, e que eu não ia conseguir fazer mais nada do que eu gostava, e ficar longe das pessoas que eu amo. // Mas não só por isso, viver com HIV me possibilitou coisas boas também. // É óbvio que eu tive muitos problemas decorrentes da sorologia, principalmente quando eu expus ela, // a gente sabe que // o estigma e a discriminação ainda são uma barreira muito grande // que a gente enfrenta, e eu, como quase todo mundo que vive com HIV, também enfrentei isso, principalmente no início, quando eu tinha muito medo de expor a minha sorologia, eu sempre achava que isso iria acontecer em algum momento, mas eu tava me preservando até certo momento, em que eu pensei: bom, agora não dá mais, eu vou expor. Só que até chegar nesse ponto eu passei por muito não, eu passei por muita situação com amigos, muitas situações principalmente quando eu tentava me relacionar com alguém, amorosamente falando. // Só que esses seis anos vivendo com HIV me mostraram que a gente tem sim muita luta né? Nós temos uma luta diária, principalmente agora, eu vou confessar que essa luta pra mim não se fez tão presente, sempre foi uma questão de conscientização, sempre foi uma questão de fortalecimento né, do movimento social, de eu com as pessoas do movimento social, eu com outros militantes ativistas, mas nunca foi uma questão de manutenção né, de direitos e tal, e a partir desse ano, realmente, essa luta se intensificou de uma maneira, de sobrevivência mesmo, que a gente tá passando. Principalmente com tudo o que acontece com as políticas públicas de Aids né, HIV, aqui no país. Eu também já fiz um vídeo falando sobre isso // [p&b] Aliás, eu já fiz vários vídeos falando sobre isso [/p&b], // eu vou deixar aqui em cima pra quem quiser ver. Então assim, o quê que eu tenho que comemorar? Eu comemoro muito o fato de eu poder ver as pessoas que eu amo perto de mim ainda, e espero que por muito tempo, eu comemoro muito o fato de eu poder ter o meu trabalho, poder seguir fazendo o que eu fazia, da

mesma maneira, mesmo com a sorologia exposta, porque a gente sabe que muita gente enfrenta problemas no momento em que expõe a sorologia.// E eu também tenho que comemorar muito// essa luta da Aids fez em mim, as mudanças que ela fez em mim, eu conheci pessoas maravilhosas no decorrer desse caminho, eu participei da campanha do Ministério da Saúde, o ano passado, indetectável igual a intransmissível,// eu escrevi um livro,// eu ganhei dois prêmios com esse livro,// eu consegui fazer um trabalho de conscientização que eu sempre quis fazer dentro das escolas,// não só falando sobre HIV e Aids, mas também sobre sexualidade, identidade de gênero,// é muito importante eu comemorar essa data e compartilhar isso com vocês, porque no momento em que eu fiz esse canal, eu não tinha muita pretensão, eu vou ser bem honesto, era apenas pra eu fazer um audiobook né, porque eu já tinha escrito um livro, e aí eu comecei a fazer o canal, pra fazer o... eu contando os capítulos do livro// pra deixar vinculado com as confissões, e a partir disso o canal começou a crescer, crescer, crescer, e hoje a gente tá aí// com toda essa quantidade de pessoas inscritas,// nós já vamos praticamente pra 15 mil inscritos, isso pra um canal que fala exclusivamente sobre HIV e algumas questões LGBT, É um número considerável,// então por isso eu tô fazendo esse vídeo hoje, um vídeo especial, agradecendo a todo mundo que tá fazendo parte dessa caminhada comigo, nesses seis anos, porque parece que fazem muito mais, parece que faz o dobro dos anos, parece que eu tô nessa batalha há muito tempo, e parece que vocês estão me acompanhando há muito mais tempo também.// Mas é claro que nesses seis anos a gente tem que reforçar o compromisso com a luta, reforçar o compromisso com a manutenção de políticas públicas pra HIV e Aids, fazer o máximo que puder pra que a gente não perca direitos, mas a principal coisa que eu tenho pra mim, agora, é o agradecimento por estar vivo. Na verdade, tudo isso, a gente tem que agradecer às pessoas que batalharam a todo esse tempo até chegar aqui,// porque a militância e o ativismo// em relação ao HIV e Aids não começou hoje, não começou ontem, muitas pessoas batalharam, muitas pessoas morreram, até que as pessoas pudessem ter acesso aos antirretrovirais, e hoje nós temos ele de forma gratuita, e espero que isso seja sempre.// Eu sei que muita gente tem dificuldade de acesso, eu sei que em muitos lugares o medicamento falta mesmo, mas a gente tem que tá aqui justamente pra fazer essa fiscalização, e fazer com que isso se mantenha, porque só assim a gente vai ter a garantia da nossa vida, que é um direito que nós temos.// Se eu for parar pra pensar lá no início, quando eu tinha aquele diagnóstico ali, reagente para HIV, eu jamais pensaria que eu estaria vivendo isso tudo agora, então eu só quero deixar esse recado para as pessoas que estão tendo o diagnóstico nesse momento, seis anos depois que eu, aquelas pessoas que estão tendo o diagnóstico muito recente, eu tenho que dizer pra vocês uma coisa que é o que eu sempre falo pra todo mundo, desde o início, desde que eu comecei a fazer acolhimento com pessoas que vivem com HIV: vai ficar tudo bem.// No início talvez seja um pouco

difícil, não vai ser a coisa mais maravilhosa do mundo, mas vai ficar tudo bem, e não desistam da vida.// A gente merece viver, eu mereço viver, vocês merecem viver, e não é um vírus que vai definir quando que é o nosso fim.// Muito obrigado, muito obrigado por esse apoio durante todo esse tempo,// eu confesso que o início eu pensava até às vezes em desistir do canal, mas agora eu sempre fico motivado, justamente porque eu tenho vocês aqui deixando comentário, compartilhando, interagindo, então muito obrigado de coração, são seis anos vivendo com HIV, seis anos com vocês vivendo aqui juntinho de mim, e com certeza muitos e muitos, muitos, muitos e muitos anos que vão vir pela frente.// Um beijo no coração de todos, até semana que vem «envia um beijo com a mão» [fd.out] [car.: endereços de páginas do Léo na internet].■



Vídeo D.4

HIV/AIDS - 4 ANOS DO CANAL + MENSAGEM PARA INFLUENCIADORES | Léo Cezimbra. **YouTube**. Enviado por Léo Cezimbra, 14 maio 2020. Color., son., tela 16:9, 1080p, 5min 56s. Disponível em: <https://youtu.be/filwDvI7iTE>.

► E aí, pessoal, aqui é o Léo.// Hoje eu tô aqui pra fazer, na verdade, um agradecimento,// porque esse canal completou no último dia 27 de abril quatro anos.// Eu deixei passar essa data, na verdade eu não lembrava, eu lembrava que era em algum momento em abril// que o canal fazia aniversário,// e eu acabei deixando passar porque sempre tinha alguma coisa na semana,// eu tinha que publicar um assunto importante,// e aí eu fui deixando, deixando, deixando, e aí eu falei: bom, eu vou ter que fazer isso agora, mesmo que seja// em maio.// Na verdade, esse canal existe faz dez anos, eu criei ele em 2010,// mas eu tinha ele pra coisas bobas, assim, postar montagens de fotos, homenagens pra pessoas que eu gosto, amigos,// e no fim ele tava ali só pra esse tipo de coisa.// Um dia, eu resolvi postar uma live nesse canal, que era a mesma que eu tinha postado no Facebook, de agradecimento a todos os comentários de apoio, quando eu revelei minha sorologia e deixei ela pública.// E aí foi aí// que eu comecei a criar o hábito de postar vídeos aqui no YouTube,// que na verdade nunca foi a minha intenção,// mas eu não consegui parar no início porque toda hora uma pessoa me pedia um vídeo, e eu comecei a fazer esses vídeos, e eu comecei a perceber que as pessoas precisavam de informação.// Quando eu fiz o canal, quatro anos atrás,// não tinha tanta gente que falava sobre HIV nas redes sociais, no YouTube, como hoje,// mas tinha pessoas já bem influentes// no que se trata de HIV,// hoje em dia a gente tem uma gama, tem muitos influenciadores aqui no YouTube, no Instagram, no Facebook falando sobre o HIV, e na verdade, quanto mais pessoas tiverem, melhor, a gente precisa que se fale, que se fale, que se fale, quanto mais se falar// melhor pra nós, melhor pra todo mundo que se tenha

informação.// Eu percebi// que o maior estímulo pra eu fazer esse canal é justamente eu perceber a falta de informação das pessoas, e o quanto os vídeos esclareciam principalmente as pessoas à minha volta,// porque no início o canal era muito pequeno, ele não chegava a ter nem mil pessoas,// hoje o canal já tem quase 19 mil// inscritos// e isso é uma coisa que nem eu imaginaria que chegaria a tantos inscritos num canal quase que exclusivamente só sobre HIV.// Então esse vídeo vai ser bem curto mesmo, mais pra agradecer a todo mundo que confia e que vem aqui escutar o que eu tenho a dizer.// Eu tenho muita mensagem lá no Instagram, muita mensagem lá nos comentários dos vídeos no YouTube,// no Facebook também,// e eu agradeço a vocês mais uma vez toda essa confiança nesses quatro anos,// é muito bom pra eu perceber// que tem tanta gente querendo falar sobre HIV, sobre IST, sobre sexualidade, e questões da comunidade LGBTQIA+.// Muitas pessoas mandam mensagem pra mim, pra escutar uma palavra de conforto, e eu percebo o impacto que tem na vida dos outros, o trabalho que todos nós fazemos enquanto influenciadores,// que falam sobre essas questões de saúde, principalmente questões que tem tanto estigma e discriminação quanto o HIV.// Então eu só quero dizer pra vocês// que assim como eu auxilio vocês de alguma forma, vocês me ajudam na manutenção desse canal, e toda vez que eu recebo uma mensagem de vocês, que muitas vezes inclusive me fazem chorar, de tanta emoção que carrega, de tanta confiança que carrega em mim,// e isso me estimula a fazer mais vídeo e seguir com o canal.// Eu não vou negar que por várias vezes eu já pensei em parar, mas todas vezes que eu recebo essas mensagens eu percebo: não, eu tenho que continuar fazendo esses vídeos, esse material porque tem pessoas que estão esperando por isso.// Então eu queria aproveitar essa deixa e falar também com outros influenciadores, outros youtubers que também falam sobre HIV, essas pessoas que tem página no Facebook,// páginas no Twitter,// acontece que tem pessoas que já estão há muito tempo militando fora das redes, e também tem muita gente que tá nas redes há algum tempo, antes de mim, e tem gente que tá começando agora.// O que eu quero pedir pra vocês é que vocês não se desestimulem.// É muito importante falar sobre o HIV, não importa o número de youtubers que vai ter, não importa o número de influenciadores no Instagram,// importa é que se fale sobre isso.// Quanto mais a gente fala, mais informação a gente transmite pr'as pessoas que estão próximas a nós,// e isso vai repassando, repassando, repassando.// Por mais que seja um canal ainda com poucos seguidores com poucas visualizações, o que importa é que alguém está lá para ouvir.// Eventualmente a gente pode se desestimular, se algum post não tiver muitos likes, se algum vídeo não tiver muitos likes,// ou principalmente se um vídeo não tiver muitos views.// Às vezes a gente fica um pouco chateado, eu por exemplo já tive um vídeo com quase 500 mil views, e às vezes eu tenho vídeos que não chega a 200 views.// Mas// aí eu lembro que teve 200 pessoas que clicaram naquele vídeo pra ter informação. E a gente não pode esquecer que as pessoas tem que virem à frente

do número, o nosso trabalho é com pessoas, // não com um número. // Não se desestimulem e sigam fazendo o trabalho. // Todo o trabalho de todo mundo que fala sobre isso é muito importante. // Mais uma vez, muito obrigado pra todo mundo que me acompanha nesses quatro anos, // tem gente que me acompanha desde o início, tem gente que começou a me acompanhar depois da campanha que eu fiz para o Ministério da Saúde, // tem gente que me acompanha depois do vídeo que eu fiz falando mal do Bolsonaro, // mas tem gente que tá aí me acompanhando e comentando em tudo que é vídeo que eu posto, logo nos primeiros minutos. // Então muito obrigado a vocês // por todo esse carinho, vocês vão ter que me aguentar ainda por um tempo. // E é isso, espero que vocês tenham gostado, não se esqueçam de se inscrever no canal, quem não é inscrito, ativar o sininho, compartilhar com seus amigos, // não se esqueçam de me seguir no Instagram, dar uma curtida no vídeo do IGTV, e quem tiver no Facebook, não se esquece de // curtir a página Confissões de um Soropositivo Léo Cezimbra. // Um beijo no coração de todos, muito obrigado, até semana que vem «envia um beijo com a mão» [fd.out] [car.: endereços de páginas do Léo na internet]. ■

Projeto Boa Sorte



Vídeo D.5

UM YOUTUBER COM HIV?! QUEM É GABRIEL ESTRELA?
YouTube. Enviado por Projeto Boa Sorte, 10 mar. 2017. Color.,
 son., tela 16:9, 720p, 5min 51s. Disponível em:
<https://youtu.be/a9x39LozwUU>.

► Olá→, talvez você não entenda por que você clicou um vídeo que fala sobre uma pessoa que você nunca ouviu falar, porque talvez você nunca tinha ouvido falar em Gabriel Estrela, e isso para este canal é um problema, porque Gabriel Estrela no caso sou eu 🎵canto🎵. // O que é que rola? Tem um ano de canal, e eu nunca parei pra falar oi, gente, tá acontecendo o seguinte, no caso, nesse momento, e tem um monte de gente nova. Então, se você é novo neste canal, esse é um bom vídeo pra começar. // E a gente começa explicando o que é que é o Projeto Boa Sorte. // [p&b] Ou sobre o que é que era, e o que é que vai ser, o que é que tem sido [/p&b]. // O Projeto Boa Sorte foi uma iniciativa que eu comecei pra falar sobre HIV. // Por isso que falar sobre mim é falar sobre esse projeto, e faz tanto sentido, não é só egocentrismo. Porque quando eu tava em 2010, com dezoito anos, eu fui diagnosticado com HIV, e isso mudou muito minha vida, balançou muito a forma como eu via as minhas relações, com com pessoas, com família, com namorados, com amigos até, também, com os crushes de balada, e mudou muito a forma como eu vejo o mundo, de forma geral. E aí quando foi no ano retrasado, de 2015, eu

comecei a sentir uma necessidade de fazer algo em relação a essas mudanças de paradigma que eu vivia, e que, pra mim foram muito benéficas, mas que pra muitas pessoas significa MUITA dor e um momento muito difícil. E aí eu falava assim por que é que pra mim isso funcionou né. Por que é que consegui receber esse diagnóstico e passar por esse processo de aceitação, e me livrar dessa culpa, e me empoderar de uma autoestima, de um cuidado, um carinho com meu corpo, a partir desse diagnóstico, ao invés de chutar o pau da barraca e talvez me desesperar, e não me importar mais realmente. E aí eu comecei então essa pesquisa, e o que eu percebi é que tem a ver com sorte mesmo, eu tive sorte de ter uma família incrível... você pode conhecer minha mãe aqui, e uma família que me apoiou muito, o meu pai também, vocês podem conhecê-lo, já apresentei minha irmã. E eu tive sorte de ter um namorado incrível, dois na verdade, recentemente tive outro namorado incrível, que me apoiaram muito tanto nas minhas decisões, quanto no meu processo de tomada de decisões, e no meio do processo, realmente as pessoas babacas que eu encontrei não fizeram tanto estardarço assim na minha vida, então eu pude esquecê-las, e focar nas pessoas boas que estavam à minha volta, e tudo isso sim tem a ver com sorte né? É a sorte dos encontros que eu tive, e poderiam ter sido outros. Então, basicamente o projeto Boa Sorte é um projeto sobre criar espaços seguros para esses encontros né? Espaços em que a gente pode confiar que existem pessoas ao nosso redor que vão nos fazer bem, ou que talvez não vão nos fazer bem, mas que não nos façam mal, talvez nos façam companhia só, independente desse julgamento, de bom ou mal, e por isso a gente tá aqui.// E eu sempre tentei fazer isso a partir da arte, porque eu sou artista, trabalho com teatro, então teve peça, teve ensaio fotográfico né? E vocês podem conferir isso no [facebook.com/projetoboasorte](https://www.facebook.com/projetoboasorte) né? Não é só aqui no YouTube, mas aqui no YouTube especificamente eu vou tentar falar do maior número possível de temas que tenham a ver com esse processo de criar espaços seguros, de promover encontros benéficos, positivos, perdoem o trocadilho né? Então a gente vai falar de HIV sim, a gente fala também de saúde sexual, a gente vai falar de sexualidade como um todo, de relacionamento, de afeto, de família, a gente vai falar sobre homossexualidade, de transexualidade// a gente fala sobre homem, sobre mulher, a gente vai falar sobre criança, sobre ter filho, sobre maternidade, a gente vai falar o que mais? Sobre acesso a saúde, pode falar sobre o SUS, sobre direitos, sobre cidadania, sobre orgulho, todas essas questões que perpassam a nossa existência né? E que por vezes parecem tenebrosas, e por vezes nos trazem tanta luz, e a gente vai falar aqui. Sempre com muitos convidados né? Claro, porque eu acho meio difícil falar sobre mulheres, porque eu não sou muito uma não, no caso.// Então sejam muito bem vindos, considerem-se grãozinhos já nessa ampulheta, grãozinhos dessa ampulheta que se vira e revira nessa perspectiva e começa processos novos, e que está sempre em movimento, e nós somos todos grãos dessa ampulheta juntos. E eu espero que vocês gostem do canal, e que

gostem de mim talvez, porque além de tudo eu sou pisciano, então rola uma carência, tá bom? Sejam muito bem-vindos. [fd.out] [img.: tela com informações de redes sociais, e avatar onde se insere vídeo com as últimas falas do Gabriel] Ah, mas eu ainda não sei quem é Gabriel Estrela. Também pudera, um vídeo de cinco minutos, se você soubesse quem era eu, eu não tava fazendo muita coisa nesses últimos vinte e cinco anos não... então, fica junto, porque aí aos pouquinhos a gente vai se conhecendo. Talvez vale a pena me conhecer, talvez não, e como todas as pessoas no mundo, tem umas coisas em mim que são bem paia, mas tem umas coisas que são legal, e aí vocês vão comentando, porque através dos comentários eu vou conhecendo um pouco de vocês também, e a gente vai trocando e vai crescendo juntos, porque a gente tem um lema aqui. Vamo Junto? [fd.out].■



Vídeo D.6

BOA SORTE - O MUSICAL: COMO TUDO COMEÇOU.
YouTube. Enviado por Projeto Boa Sorte, 13 abr. 2018. Color.,
 son., tela 16:9, 1080p, 12min 43s. Disponível em:
<https://youtu.be/JC9uEhfFMLI>.

► Boa Sorte o Musical está chegando na sua cidade, a não ser que você more em Brasília, porque aí no caso a gente já saiu da sua cidade. Mas olha que maravilha, depois de dois anos, a gente finalmente conseguiu colocar essa peça na estrada. E aí eu queria contar um pouquinho pra vocês de como que essa peça surgiu.// Por que? Não é assim, receber um diagnóstico de HIV, sentei e escrevi uma peça e comecei um projeto, e tô no mundo né? Tem um negócio do processo.// A gente tá em 2018 fazendo a turnê. A temporada da peça tinha acontecido em 2015. Eu escrevi a peça em 2013, e eu fui diagnosticado em 2010. Então repare que tem um negócio de um processo aí, as coisas não surgem do nada. Eu, quando eu recebi o diagnóstico, eu precisei de um tempo pra mim, antes do momento que eu tô agora de falar sobre isso abertamente, tranquilamente, inclusive, me propor a falar sobre isso né? Não é nem só que... ah, se eu quiser falar eu vou falar, não, EU QUERO FALAR sobre isso, vamos falar sobre isso. Então... vamos lá.// [fd.out] [fd.in] 2010 eu fui diagnosticado com HIV,// foi um momento foda pra mim, porque eu tava começando a faculdade com a Moema, querida diretora, não sei se a Moema sabe disso, mas na nossa última prova de psicologia, você se lembra, eu não fiz a prova, na terceira, eu fui buscar o resultado do exame. +Moema: *Ah, eu sabia!*+. Porque eu falei com a professora que eu precisava ir buscar um exame de de no médico, e ela disse que eu não podia ir embora antes do final do tempo da prova.// Aí eu falei: tá, mas aí eu não vou conseguir buscar meu resultado. Ela falou “ah, não posso fazer nada”.// Aí não fiz a prova, e aí já começa a nossa insensibilidade do ser humano aqui né. É... regras, normas,

convenções são extremamente violentas. É algo que não tem nenhum respeito pelo dinamismo do ser humano e das relações humanas, então na cabeça dela, ela tava apenas defendendo uma norma: tem que ficar tanto tempo até ser liberado pra prova, mas olha a violência que ela né, que ela promoveu contra minha pessoa por conta disso. Enfim, desapeguei, eu tava com a nota de boas, fui buscar meu resultado, mas fica esse pensamento, que a gente vai falar muito sobre comunicação violenta esse ano. Busquei o resultado, pavor e pânico, chorei pra caramba, fui pra casa, contei pra minha mãe e pro meu pai, contei pra minha irmã, de noite contei pra meu namorado, e na mesma semana eu encontrei a minha melhor amiga e contei pra ela.// Tudo isso tá na peça, então não vou dar muitos detalhes não.// Mas, durante aí o primeiro ano eu estive muito mal com essa realidade, foi muito difícil pra mim, é... me adaptar nesse primeiro ano, eu não era uma pessoa muito ligada na minha saúde, eu sempre fui uma pessoa muito displicente com meu tempo,// hoje eu ainda sou um pouco, mas muito menos, porque naquela época me veio na cabeça um sentimento de urgência, eu tenho que fazer agora porque amanhã eu posso não ter tempo.// Foi passando, aos poucos eu fui contando pra uns amigos mais próximos, e eu fiquei dois anos nessa muito bem.// Até que um dia eu olhei pra um lado, olhei pra o outro e falei: cara, passei por um processo aí, não tô mais no lugar em que eu estava em 2010. Então sentei, escrevi um texto, de início ele tinha seis páginas, super baseado na minha experiência pessoal mesmo,// e também, e quem puder assistir a peça vai perceber isso, baseado nas minhas impressões, naquela época extremamente estigmatizadas, do que as pessoas que estavam comigo estavam pensando.// Escrevi, e em 2012 eu mostrei pra um professor, e eu namorava um rapaz chamado Breno, inclusive pode olhar na ficha técnica, era o cenógrafo e figurinista da peça, virou amigo, estamos muito bem, muito amor, muita gratidão,// e quando eu conversei com esse professor sobre essa peça, e eu falava Breno Breno Breno Breno, e ele sabia que Breno era meu namorado, mas nunca tinha conhecido Breno, e tinha um rapaz chamado Breno na nossa turma, que era magérrimo magérrimo magérrimo de ver os ossos, e eu lembro que quando ele leu a peça, ele achou que a peça era sobre o Breno, que aquele Breno era o meu namorado, e que eu tinha escrito sobre ele. E eu falei pra ele: é sobre mim. E naquela época, eu passei por um momento de depressão, assim muito muito forte, eu engordei muito.// Quando eu falei isso pra ele, eu lembro direitinho da reação dele, ele falou “nossa, como esse texto é necessário né... porque eu li ele e eu pensei que a pessoa que vivia com HIV era o outro, que é magérrimo, e não, é você que tá aqui, que tá saudável”.// E foi muito legal porque ver essa reação dele ao texto me deu uma noção de como esse texto poderia ser// impactante.// Trabalhei um pouco mais o texto, e em 2013 eu apresentei ele na Universidade de Brasília, naquela época ainda tinha onze páginas só, não era um musical,// mas a recepção foi MUITO poderosa, assim.// Estudei, esse professor me orientou muito... amém, obrigado Fernando Vilar,// mas era tudo muito experimental, eu

tinha receio que muitas pessoas não iam querer// se submeter à experimentação de um moleque no teatro né,// mas a resposta foi incrível.// A gente apresentou no primeiro dia do Festival de Artes Cênicas lá, que é o Cometa Cenas,// as filas, elas atravessavam o departamento inteiro, e chegavam do lado de fora,// e no primeiro dia que a peça ia ser à meia noite,// só foi começar a uma hora da manhã. As pessoas tinham chegado antes pra ir pra fila, e mesmo assim ficaram na fila até uma da manhã, e aí eu lembro que a sala que cabia sessenta pessoas, a gente colocou oitenta pra dentro, e ainda abriu as janelas pra o pessoal ficar do lado de fora assistindo. Toda essa experiência assim, embora fosse muito embrionária, a peça foi me fazendo perceber o impacto que aquilo poderia ter.// E aí eu falei: eita, que doideira, eu achei que as pessoas iam ter medo desse assunto,// mas na verdade as pessoas querem falar sobre isso. E isso ficou na minha cabeça, mas eu precisava me preparar um pouquinho mais, antes de poder falar abertamente sobre isso. Então naquela época eu comecei a pesquisar ONGs lá em Brasília, e foi só em 2014 que eu encontrei a Vida Positiva.// E assim que me responderam o e-mail, eu entrei em contato, fui lá, cheguei lá num sábado, eu almocei, eu não entendi aquela casa de família... quem for de Brasília visite a Vida Positiva, é um lugar assim fantástico, parece que você tá em casa.// Eu fui atrás deles, que eu queria ajuda pra montar a peça, e na verdade acabei eu mesmo ficando por lá pra ajudar, e ajuda-los foi o que me ensinou tanto assim sobre o trabalho que eu faço hoje.// Então eu fiquei lá fazendo o trabalho voluntário regularmente por pouco mais de um ano. Gente, tudo o que vocês imaginarem, eu pinteí parede, servia prato pr'as crianças, via se tava comendo direito, aí botava legumes... as crianças ficavam com raiva quando eu ia almoçar lá, porque sabiam que eu ia botar legumes no prato de todo mundo.// Apadrinhei Gustavinho, que era o único menino da ONG, e eu e o Gabriel, que vocês conheceram, meu ex-namorado também, a gente apadrinhou ele e tinha um relacionamento muito querido com ele, e com a mãe dele.// Que doideira né... essas coisas tão pequenas foram me ensinando muito do que eu passo pra vocês hoje, sobre a importância do afeto, do acolhimento né... todo (=) eu digo que o meu ativismo eu aprendi primeiro na Vida Positiva, e ele não teve nada a ver com HIV, ele teve a ver com gente.// Vick Tavares é uma pessoa que assim, de passar pomada em pinto de morador de rua, a ir pra câmara legislativa falar, ela fez tudo,// uma mulher que entendia que falar sobre crianças que vivem com HIV significa que com muita frequência falar de crianças que estão em situação de extrema vulnerabilidade com as famílias né. Às vezes famílias envolvidas com droga, ou inseridas num contexto de muita pobreza, e aí tem dia que não bastava só falar de HIV, não bastava só dar remédio pra'quelas crianças,// então era uma casa onde as crianças faziam todas as refeições, era a casa né, dali que elas iam pra escola, voltavam, faziam dever de casa, tinham aula de reforço, tinham momentos de lazer.// Eu aprendi muito, então, fui quando eu percebi que falar sobre o HIV só não era suficiente, e aí eu entendi o tanto que era relevante mesmo

a peça, foi pra mim a gota, assim, que precisava pra isso transbordar e alcançar outras pessoas. Falar sobre as relações afetivas de quem vive com HIV é muito importante, e não só sobre relacionamento amoroso né, mas falar sobre a minha relação com a minha família, com os meus amigos, com os médicos, que também é uma relação que se dá no nível afetivo, não só no profissional, isso é muito importante e é isso que a peça traz.// Então em 2015 a gente montou a peça// e aí a história toda que vocês conhecem né, abri o coraçõzinho no negócio do Facebook, falei que eu vivia com HIV, porque se tornou muito importante pra mim fazer essa peça vindo do lugar da pessoa que vive com HIV.// Eu não venho do lugar de um profissional de saúde, e eu não quero vir desse lugar, eu gosto de passar por esse lugar, mas eu acho que... é um lugar, querendo ou não, muito vinculado a tradições heteronormativas, cisnormativas// e que dá muito mais foco à fisiologia e à biologia, do que aos sentimentos, ao afeto né... as relações, eu acho muito importante que a gente veja o corpo, não como fisiologia, mas como um lugar onde atravessam relações.// A relação que eu tenho com as pessoas modifica inclusive a minha fisiologia, existem vários estudos que provam isso.// E a minha fisiologia vai ter efeito na forma como eu me relaciono com as pessoas. Se eu não tô me sentindo bem, talvez eu te dê uma resposta atravessada, talvez eu fique mal humorado.// Eu quero entender que meu corpo não se disseca, ele tá inserido num puto universo gigantesco. Então quando eu cuido da minha saúde né, quando eu procuro a manutenção da minha saúde, eu quero fazer manutenção das minhas relações com as pessoas, com a cidade, com a comunidade.// E aí pensando nisso, é que pra esse ano de 2018, quem for assistir à peça vai se deparar com um espaço pelo qual eu tenho muito carinho, que é o pavilhão solidário, e é um espaço em que a gente valoriza essas relações né... Se na peça você vai ver relações afetivas acontecendo, no espaço do pavilhão solidário você vai poder participar dessas relações de forma mais intensa, então você pode ir lá visitar ONGs, conhecer as ONGs da sua cidade, participar de uma oficina, de um bate papo, uma palestra, e foi esse próximo passo que a gente sentiu ser importante pra peça. A gente não parar na exposição de uma história né, mas a gente ir além, pra além do bate papo que tem depois da peça também, mas a gente promover encontros, e relações de pessoas com essa temática, seja por qual perspectiva que for.// Se você acompanhar lá no nosso Facebook a programação de outras cidades, 'cês vão ver que tem muito tema diferente de palestra, e a gente quis dar a maior variedade possível de formas de abordar esse tema, pr'as pessoas se identificarem e participarem.// Sintam-se muito mais do que convidados pra assistirem Boa Sorte o Musical na sua cidade.// Espero que 'cês vejam assim toda essa história, quando 'cês puderem assim assistir a peça e perceber todo esse carinho que a gente tá colocando há oito anos nesse projeto né. O projeto formalmente tem três anos, mas acho que talvez até mais né, acho que de alguma forma tudo nessa vida tem uma história, que é a história da humanidade, se conecta e... fui profundo agora,

pisciana.// Bom... Porto Alegre, Belo Horizonte, Curitiba, São Paulo, vou estar no interior também, aqui embaixo eu vou deixar o link com todas as cidades da turnê, com as datas, tudo bonitinho, pra você ver quanto a gente vai 'tar aí perto, e vir assistir essa peça que (=) foi feita com muito carinho. Vamo junto?// [fd.out] [img.: tela com informações de redes sociais, e avatar onde se insere vídeo com as últimas falas do Gabriel] Boa Sorte o Musical em turnê nacional, nove cidades, vê quando é que a gente vai estar na sua cidade, vai lá, acompanha a programação do pavilhão solidário, é um espaço com várias atividades pra você se engajar e falar sobre HIV. Vamo junto? [fd.out].■



Vídeo D.7

TRÊS ANOS DE PROJETO BOA SORTE!. **YouTube**. Enviado por Projeto Boa Sorte, 13 jul. 2018. Color., son., tela 16:9, 1080p, 13min 01s. Disponível em: <https://youtu.be/sq9j8QgzAL8>.

► Seja muito bem vindo ao Projeto Boa Sorte, se você chegou aqui hoje, é um momento muito bom pra você chegar, nós estamos celebrando três anos de projeto, e assim como fizemos ano passado com o nosso aniversário de dois anos, a gente vai relembrar isso fazendo uma retrospectiva do que é que foi esse último ano, e olha... quando fui organizar esse// roteiro, eu fiquei assim surtado com o tanto de coisa que a gente fez.// Eu sou Gabriel Estrela, não faço mais esse projeto sozinho, somos uma equipe, e sejam muito bem vindos pra conhecer todo o trabalho que a gente fez até agora.// Se você quiser ficar atento ao que a gente vai fazer no futuro, clica aqui na minha carinha pra você se inscrever no canal, e ali embaixo tem o sino que quando você clica, ele te manda notificação de vídeo novo, tá bom, que aí a gente fica bem grudadinho. Mas não é só de vídeo que vive o Projeto Boa Sorte, e você vai saber disso agora.// A gente começa em agosto do ano passado né, nosso aniversário é em julho, então a gente começa em agosto a contar o nosso ano três.// Em agosto eu colaborei com o Nathan Fernandes, jornalista, repórter da Galileu, é... pra gente fazer uma matéria de capa pra revista Galileu [img.: capa da revista Galileu, com foto de Gabriel Estrela e título "Eu vivo com HIV"], que foi assim: incrível, fantástica, ganhou prêmios, é... aqui na América Latina, é uma matéria fantástica, muito atual, muito bem escrita, o Nathan é um cara incrível, pessoalmente e profissionalmente ele é muito competente também, tá a capa aqui, nunca na vida estive tão bonito quanto neste momento, então a gente começou muito bem esse ano três.// Logo em seguida eu participei do YouPix Creators Pitch, e ganhei com o Projeto Boa Sorte, e isso mudou minha vida de um jeito que vocês não tem noção, não tem mesmo assim, tipo, inclusive vai chegar agora o a terceira etapa do Creators Publishing, quem tá no YouTube participe, não deixa, é um processo muito transformador, e começou

a me fazer olhar pra isso aqui como um negócio, mesmo, como algo que pode ser... não só minha vida no sentido da paixão, mas de carreira, de disso ser uma coisa profissional, e eu acho que isso tem me ajudado muito a entregar um conteúdo ainda melhor pra vocês.// Não vou ter humildade, é aniversário do projeto, eu tô super feliz e é tudo lá em cima.// Logo em seguida eu fui pra Curitiba, Congresso Nacional de HIV e Aids, eu tinha ido no de 2015, tinha apresentado trabalho, e dessa vez apresentei um novo trabalho, mas falando especificamente do canal no YouTube, do tanto que o YouTube é uma plataforma interessante pra gente promover processos de educação e saúde. Muito incrível, aprendi muito, troquei com muita gente lá, isso foi fantástico. Outro lugar que eu tive oportunidade de ir logo em seguida// foi a Campus Party, em Belo Horizonte, quem foi foi, estava desesperado porque// a gente dá palestra e é tipo um camping enorme mesmo, então são várias coisas// acontecendo ao mesmo tempo, e eu não tenho o negócio do foco porque eu sou pisciano.// Mas foi uma experiência incrível, amo BH, foi bom encontrar lá Talita do Amarelo Criativo, que é uma pessoa muito querida, e que tava no YouPix Creators Pitch comigo, foi uma viagem muito gostosa// aí veio a (?) tava lá também. Nossa, foi muito lindo, reuniu muita gente em BH assim, muito querida.// E aí eu voltei pra São Paulo pra fazer o TeleTon, meu irmão, eu abracei a Maísa, filho.// Ela é muito fofa, muito maravilhosa, uma postura ética, assim, competente,// eu achei tão lindo assim, ver uma pessoa tão jovem encarar o trabalho dela com tanta seriedade, isso me inspirou muito. Além do que foi incrível de tá lá com vários influenciadores ajudando o TeleTon a arrecadar vinte e nove milhões de reais pra ajudar a AACD, e ajudar crianças e adolescentes que vivem com deficiência.// E aí, em novembro,// um sonho se realizou, o Projeto Boa Sorte pela primeira vez chegou no Nordeste, a gente 'teve em Salvador, num seminário muito incrível, com o pessoal do CTA de Marymar. Cara, foi lindo lindo lindo ver o trabalho que eles estão realizando lá, me inspirou muito, e Salvador foi uma cidade muito querida, eu conheci uns meninos lá do GAPA que me acolheram muito bem, me levaram pra conhecer a cidade, pra um barzinho, pra o Chupito, Deus abençoe que lugar maravilhoso, e VOU VOLTAR esse ano, tá bom? Acho que setembro, fiquem atentos que eu vou pra Salvador de novo pra um evento que vai ser fantástico, e que vocês vão ver na retrospectiva dos quatro anos ou no Instagram, se vocês acompanharem eu aviso direitinho o que é que vai estar rolando.// E aí ainda em novembro, aqui em São Paulo, a gente se juntou com a associação da parada LGBT pra fazer o primeiro seminário de prevenção em saúde deles, foi um evento bem interessante, a Rita Von Hunty tava lá, e sempre que ela tá presente é uma oportunidade maravilhosa,// inclusive ela tava no TeleTon, grudei nela no TeleTon de um jeito, que assim, queria casar com aquela mulher,// ou com o Guilherme, que é aquele homem que tá por trás daquela mulher, não por trás daquela mulher, talvez por baixo, por dentro, por cima, não sei, responsável. Mas foi fantástico. E... pra primeiro de dezembro, a gente reestreeou o nosso show, que foi o

nosso aniversário de dois anos, foi a nossa comemoração, quem pode ir comeu bolo de amпуheta com a gente lá no Casa Um, a gente estreou um show chamado Interferências, // [img.: fotografia de Gabriel Estrela segurando um microfone durante um evento] que é um show de músicas pra gente dar uma// conversada né, sobre HIV, sobre prevenção, de uma forma mais gostosa, mais afetiva, então a gente intercalando música e palestra numa vibe muito gostosinha, a gente apresentou aqui em São Paulo, apresentou em Ribeirão Preto. // Quer levar pra tua empresa? Contrata o Projeto Boa Sorte, estamos vendendo Interferências [car.: logo do projeto Interferências no canto esquerdo], sessões exclusivas pra tua galera. // Momento merch, tem que fazer mesmo né, porque é o que sustenta isso aqui, PORQUE no ano seguinte, agora a partir de 2018, temos uma equipe: Moema, May, Dani Bovolento, Fernanda... que amor poder trabalhar com mais gente, cara... que amor poder ter mais mãos fazendo isso aqui ser melhor, crescer e tomar proporções assim, que vocês não sabem ainda, mas que eu nem imaginava. Tem muita gente que a gente tá planejando pra o futuro e que só é possível porque eu tenho gente junto comigo segurando minha mão, segurando os perrengues, e fazendo acontecer. Sou muito grato, não quero chorar... calma. // Sim, tem muitas emoções, é... já em 2018 então, além de ter ganhado essa equipe fantástica, eu tive a oportunidade de ir pra Washington, eu contei pra vocês algumas coisas que eu passei né, tanto que eu conheci o paciente de Berlim, a única pessoa no mundo a ser curada pelo HIV, como também sobre o que eu aprendi com reservatórios, altas informações interessantes de uma galera que tá fazendo pesquisas muito sérias pela cura do HIV. // E é claro, tivemos a turnê, // [img.: vídeo com cenas da peça, onde se vê no palco de um teatro, e os atores contracenando, e um conjunto de músicos atrás] da peça Boa Sorte o Musical. Nove cidades, a gente teve em Porto Alegre, Curitiba, Brasília e Ceilândia, São Paulo e cidade Tiradentes, São José dos Campos, Ribeirão Preto, Lorena, Belo Horizonte, // ai meu Deus, quem é que falta? (=) não, cidade no interior de São Paulo... São José do Rio Preto, São José dos Campos... não, não foi São José dos Campos... +Alguém da equipe: *falou Ribeirão?*+ Campinas! Tivemos em Campinas também, é... nove cidades né, tanto em Brasília quanto aqui em São Paulo a gente foi pra periferia também, foram mais de 50 apresentações da peça, mais de quatro mil pessoas já assistiram a peça até hoje... cara, que fantástico. // [img.: vídeo com cenas da peça, onde se vê no palco de um teatro, e os atores contracenando, e um conjunto de músicos atrás] em todas as cidades que a gente foi a gente fez oficinas também, eu tive a oportunidade de ir pra São Bernardo fazer oficina no, na Fundação Casa, foi uma experiência incrível, // pudemos levar alguns meninos da Fundação Casa pra assistir a peça né. Eu acho que isso pode ser um fator muito importante na reabilitação dessas pessoas, fomos pra oficina em periferia, escola particular, escola pra pessoas surdas, a gente conseguiu atingir e levar pra assistir a peça com apresentações com Libras, que mais? Nossa, foi fantástico.

Gente, até em Curitiba, quando explodiu a greve dos caminhoneiros, a gente tava lá, as escolas não conseguiram ir até o teatro assistir, e quê que eu fiz? Peguei a vanzinha e fui pra escola fazer oficina. Foi muito lindo, foi muito emocionante, o elenco super empolgado, super envolvido com o que tava fazendo né. Uma equipe muito sensível, foi muito bom 'tar perto de tanta gente incrível pra fazer isso acontecer, numa dimensão que há seis anos atrás, quando eu era um calourinho nas artes cênicas, eu jamais imaginei que iria acontecer.// Ai... (=) e aí chegando mais perto eu fui pra Los Angeles com o pessoal do YouPix, como parte do prêmio do Creators Pitch, me apresentaram várias empresas que estão nesse mercado de marketing digital, marketing de influência, e me fizeram ver que isso aqui é um empreendimento né, que isso aqui é muito sério, não só pra vocês que consomem, mas pra nós que estamos envolvidos nessa produção, e aí me dá um gás muito louco assim, de poder pegar essa equipe e realmente conseguir transformar o Projeto Boa Sorte num lugar onde essas pessoas estejam satisfeitas, se sintam plenas, estejam satisfeitas financeiramente também, e tudo isso só é possível por causa de vocês que estão aqui acompanhando, que fazem a gente viajar, quando vocês compartilham um vídeo, quando vocês comentam com alguém que a gente existe, e isso ajuda a gente a prospectar uns job, pra pagar os boletos,// pra pagar o salário, alguém aqui não recebe salário, Moema? +Moema: *recebemos*+. Recebe, fala. +Moema: *em dia*+. Em dia {e prazer}, mais ou menos. Mas é muito importante valorizar esses profissionais, e vocês comentam, tanto que os vídeos estão mais bonitos, mais bem editados, que o conteúdo tá interessante, é porque agora existe uma galera né, fazendo isso aqui e eu preciso deles, então a gente precisa capitalizar isso aqui, e essa viagem me ensinou muito sobre isso. Em seguida a gente ainda foi pra Anaheim, pra VidCon,// foi outro lugar que eu aprendi muito sobre criação de conteúdo com a galera de lá né. Teve um bloco, uma... um painel só sobre a educação sexual no YouTube, teve um painel sobre doenças crônicas no YouTube, foi muito incrível. Aproveitei pra ir pra Disney, porque era dez minutos andando do do hotel, e ninguém é de ferro né, lógico.// E por fim, fui pra Parada LGBT de Nova Iorque, ver aquele evento, fiquei muito inspirado, a galera do GNT aproveitou que eu tava lá e me chamou pra fazer um {*take over*} no Instagram deles, foi muito importante pra mim.// É um canal que eu gosto muito, e com o qual eu espero que a gente consiga se relacionar mais.// E além disso tudo, teve muita collab com gente muito incrível, teve Caio Braz, teve Wanessa Camargo, teve Mateus Solano, maravilhoso, Mariana Xavier, fiz collab com o Fernando Escarião, apareci lá no Põe na Roda, collab com Mariana Torquato, Hebert apareceu aqui mais do que eu gostaria, inclusive <risos>, apareci lá nos meninos do Sorti, ainda tenho que trazer eles pra cá, do ano quatro não passa, fizemos música com versos que compomos na estrada, gente foi muito incrível me aproximar dessa galera toda pra trazer conteúdo pra vocês.// Tudo isso num ano só, velho, deu quanto tempo de vídeo aí? +Moema: *treze e vinte*+. É muita coisa. E é muito louco,

porque quando a gente fica tão envolvido fazendo, que quando a gente para pra olhar pra trás e perceber tudo o que a gente conquistou, e eu digo a gente porque é nosso. É meu, é dessa equipe, é de vocês que são grãozinhos, vocês que acompanham, a gente tá crescendo muito, é devagar// esse ano a gente cresceu cinco mil inscritos no canal, mas isso são só números, porque eu sei que vocês são pessoas muito engajadas, que isso aqui significa muito pra vocês, e vocês significam muito pra gente, porque 'cês comentam, curtem, compartilham né, dão sugestão de vocês, são... é uma comunidade muito viva e eu sou muito grato por isso. Não acho que a gente vá algum dia na vida ter um milhão de seguidores, falando de questões que são tão polêmicas, falando de feridas que são muito sensíveis ainda pra comunidade, falando de diversidade né, dessa maneira que a gente fala. Mas tá tudo bem, porque eu tenho certeza que as pessoas que a gente alcança, a gente tá alcançando sempre com o conteúdo feito da melhor maneira que a gente consegue.// É com muito carinho que a gente faz isso aqui e eu espero que vocês percebam isso. São três anos, espero que venham muito mais, e conto com vocês pra gente fazer isso junto.// [fd.out] [img.: tela com informações de redes sociais, e avatar onde se insere vídeo com as últimas falas do Gabriel] É pra ter enxurra de comentário sim, é pra desejar feliz aniversário sim, quero festança, quero todo mundo aqui Ê! Parabéns! Muito bom! Mais três anos, vamos lá! E aí digam o que vocês esperam desse quarto ano do projeto que se inicia né? Diz aí: ó, quero isso, quero aquilo, pode falar que vocês querem que eu vá pra Recife, porque eu também quero ir pra Recife, então joga aí, vamos jogar pra o universo, que vai acontecer. Tá bom? Parabéns pra vocês também, grãozinhos. [fd.out].■



Vídeo D.8

ÚLTIMO VÍDEO DO CANAL: QUE HOUVE COM O PROJETO BOA SORTE?. **YouTube**. Enviado por Projeto Boa Sorte, 21 mar. 2019. Color., son., tela 16:9, 1080p, 11min 46s. Disponível em: <https://youtu.be/mJGa4FuoKQQ>.

► Vou começar bem direto respondendo a pergunta do título desse vídeo. Projeto Boa Sorte acabou.// Pra quem não sabe, pra quem chegou aqui de gaiato, eu sou Gabriel Estrela e eu venho desenvolvendo esse projeto, chamado Projeto Boa Sorte, há mais ou menos quatro anos, e durante esse tempo ele tem sido// uma das ferramentas mais importantes assim pra gente falar sobre HIV e Aids na internet, e fora dela aqui no Brasil.// Mas agora, sim, o projeto chega ao fim// e nesse vídeo eu vou explicar por que, o que eu vou fazer a partir de agora,// e onde que as pessoas que estão procurando informação sobre HIV e Aids podem encontrar essas informações de uma maneira bacana, massa, com qualidade técnica, com uma linguagem acolhedora, não violenta,// e até a gravação

desse vídeo, pelo menos, atualizada.// O motivo mais importante, considerando que esse é um projeto que depende muito de mim pra acontecer, porque eu faço o roteiro dos vídeos, eu que tô colocando minha cara aqui, e quando vai dar palestra, construir oficina, sou eu né, por mais que eu tenha tido muita ajuda no processo, é a vontade.// O Projeto Boa Sorte era algo que eu acho que eu fazia bem, e que eu tinha muito prazer em fazer, mas desde o ano passado que eu sinto muita falta de ser o artista que eu queria ser.// Quando eu recebi o meu diagnóstico, eu tava no caminho pra me tornar esse artista. É... em 2015 quando eu comecei o projeto, eu comecei com uma peça,// e a ideia era usar a arte pra falar de HIV e Aids,// mas eu me apaixonei por outras formas de falar sobre esse assunto também, eu me apaixonei pelo estudo de saúde,// tanto estudo técnico de virologia, infectologia, mas também pelo estudo de saúde pelo ponto de vista humano e social, de vulnerabilidade, de comunicação na saúde, tudo isso me interessou muito, por muito tempo, e não vai deixar de me interessar, é lógico. Mas eu preciso de tempo e espaço pra fluir a minha arte. Eu preciso me dedicar a isso agora, então esse é o principal motivo.// E como artista, eu trabalho com a minha imagem né, e o trabalho com o Projeto Boa Sorte querendo ou não compromete muito a minha imagem, porque deixa ela muito vinculada a algo já em andamento. Independente de ser o HIV, poderia ser outra coisa, se eu fosse um youtuber que falasse, sei lá, tecnologia, isso também me marcaria né, mas nesse caso, é... e foi uma escolha minha, eu não me arrependo dela, mas me marcou, pra além da questão do HIV, me marcou muito ao rolê de saúde.// E as pessoas começaram a me ver mais como produtor de conteúdo de saúde, do que como artista, e isso começou a me doer.// E por fim, que na verdade não é tão importante a vocês, mas é importante pra gente chegar na segunda etapa desse vídeo, uma questão de viabilidade econômica,// financeira mesmo, eu preciso pagar minhas contas e depois de ter feito tantas coisas que a gente fez, trabalhar com revista, com televisão, com cinema, começaram a se esgotar as oportunidades pra eu capitalizar esse projeto e poder me manter, me sustentar e continuar fazendo isso com prazer e na melhor qualidade possível.// E aí, sim, tem a ver com o preconceito também, a gente sentia isso quando a gente se aproximava das marcas. É uma pena que em quatro anos de um projeto tão bem sucedido, com tanto reconhecimento, a gente não tenha tido nenhuma marca que realmente abraçou a gente e falou: “cara, quero incentivar esse projeto, ou quero trabalhar com vocês, venham trabalhar comigo”// e isso pesou, no final das contas, quando eu tentava decidir se eu tentava fazer isso continuar acontecendo num grau menor, aí eu falei: gente, não, compromete meu tempo, compromete minha energia, e me compromete financeiramente, então não vai ser possível. Digo isso só pra chegar na segunda parte, do quê que eu vou fazer agora, porque eu continuo dando palestras e fazendo oficinas, se você tem uma empresa e quer me contratar pra dar oficina, palestra, é só mandar e-mail pra contato@projeto boasorte.com que a gente conversa.// Eu vou continuar fazendo

isso enquanto eu conseguir me manter atualizado sobre o tema, em eventos internos, em eventos de comunicação, pra compartilhar o meu aprendizado nesses quatro anos que foram maravilhosos.// Mas, se você não é uma empresa, o que eu acho que é a maior parte de vocês, 'cês podem continuar me seguindo.// 'Cês podem agora seguir Gaê, esse é o nome artístico que eu escolhi pra mim, depois de ter sempre usado Gabriel Estrela, porque Gabriel Estrela agora vai ser lembrado como o cara que falava de saúde, e eu quero construir essa minha nova identidade, eu quero encontrar uma nova forma de me apresentar pra vocês, como vocês podem ver. «passando a mão na cabeça e alisando a careca» <risos>// E vai ser Gaê. Gaê tá no Spotify, o meu primeiro single já foi lançado lá,// eu agora vou me dedicar exclusivamente à música,// e aqui também. O canal a partir de agora se chama Som de Gaê.// Vai ser um canal de música, onde eu vou postar músicas minhas, eu cantando covers, vou fazer entrevistas com outros artistas, cantar com outros artistas, e eu espero que 'cês gostem disso, eu sei que tem muito grãozinho que adora música, eu sei que tem muito grãozinho// que curte quando eu trago esse assunto.// Vocês que quiserem continuar aqui, são muitíssimo bem vindos, o apoio de vocês sempre fez muita diferença nessa jornada, e pra mim vai ser muito gostoso poder continuar a contar com isso. Se não, eu também super entendo, NÃO VOU FORÇAR NINGUÉM A FICAR AQUI, NÃO VÃO EMBORA, mas se vocês puderem me dar uma chance, ficar um pouquinho por aí, ver o quê que vem no próximo mês,// eu espero que vocês gostem, porque a gente tá fazendo com muito carinho.// E aí 'cês podem continuar me seguindo no Twitter e no Instagram, mas se atentem que agora eu mudei de {handle} né. Eu vou ser em todas as redes Som de Gaê.// [car.: @SomdeGae] Se vocês virem isso e estranharem, relaxa, sou eu ainda, não fui hackeado, só tô mudando e mudar faz bem, já diria Regina Volpato.// E pra não deixar vocês desamparados sobre isso, eu vou fazer uma pequena lista aqui de lugares onde vocês podem encontrar conteúdo seguro, confiável e até o momento atualizado sobre HIV e Aids.// Começando com alguns projetos meus que já 'tão encaminhados e que ainda vão acontecer, mesmo eu tendo tomado esse outro rumo.// Tem o filme pra chegar no cinema chamado Carta para Além dos Muros, que fala sobre a história do HIV e Aids no Brasil, foi um filme que a gente fez com muito carinho, eu participei do roteiro desse filme, e fiquei muito orgulhoso com o que a gente construiu.// Tem um projeto aí de um artigo que eu tô escrevendo pr'um livro, uma coletânea de autores LGBT, aviso no Instagram quando sair, todos os projetos que eu tinha, eles não morrem, não pegam fogo né, combustão instantânea, eles estão engavetados pra algum momento no futuro se se meu coração disser que é hora, eu retomá-los.// Então, quem sabe o dia de amanhã?// Enquanto o amanhã não chega,// eu recomendo a página do Deu Positivo, e Agora?, é um projeto do UNAIDS que foi produzido pelo Veduca, e que tem roteiro do Projeto Boa Sorte né, eu e a Mari, que também era editora aqui, que fizemos os roteiros, tem vários influenciadores legais lá,

então é um lugar pra você conhecer outros influenciadores que falam sobre isso, e poder se sentir amparado.// E o projeto basicamente é assim... um curso rápido do que você precisa aprender se você for diagnosticado com HIV, é um ótimo lugar pra começar.// E tem vários influenciadores do Instagram, o Lucas Raniel, o Doutor Maravilha, o Prosa Positiva, são pessoas que falam disso com frequência né, Gabriel Comicholi, o João Geraldo Netto, e vários outros projetos que estão surgindo e eu acho lindo, que eles estejam surgindo. Então, informação não vai faltar.// E tem também a Rede Mundial, que é um grupo secreto no Facebook, que eu vou deixar o link aqui embaixo na descrição, é um lugar em que vocês podem conhecer outras pessoas que vivem ou convivem com HIV, e trocar experiências com elas,// o que sempre ajuda.// Eu espero que vocês compreendam que a partir desse momento, eu não vou mais estar realizando atendimentos, eu não vou mais dar entrevista, porque realmente eu preciso de espaço pra deixar esse rolê da música acontecer, e me preencher, e eu quero muito viver isso.// Inclusive aqui no canal, os vídeos que forem de música eu vou 'tá filtrando sim comentários sobre HIV e Aids, a gente ainda tem esse vídeo aqui pra falar sobre essa transição, mas eu peço muito que 'cês respeitem esse novo momento, e de novo me apoiem, porque com vocês é muito mais gostoso fazer isso.// E é possível que gradualmente eu volte a fazer os vlogs falando principalmente de comunicação não violenta, que é um rolê que eu estou apaixonadíssimo, de 'tar falando um pouco das coisas que eu tenho lido, das vivências eu tenho tido, espero que 'cês curtam isso também.// E por fim eu queria agradecer, é... muitas pessoas me apoiaram ao longo desses quatro anos com o projeto né, a equipe Bia, Mari, Moa, muito obrigado, muito obrigado a todos os parceiros que eu tive nesse tempo, desde o Biel que fundou o projeto comigo, a Fernanda que foi minha parceirassa durante a turnê né, em todos os nossos processos offline, nossa... segurou minha mão enquanto só batia o desespero, e ao Dani Bovolento, que mais agora no final, no ano passado inteiro né, me deu as mãos assim, e que tava presente quando bateu essa crise de "quero fechar o canal", e isso começou lá pra março assim, perto do meu aniversário, muito obrigado por estarem comigo, fez toda a diferença, eu não teria chegado até aqui se não fosse por vocês, eu não saberia o que ser, se não fosse por vocês, saberia outras coisas, viveria de outras formas, e isso ia ser gostoso, mas eu tô muito feliz de como as coisas aconteceram, com vocês. Agradecer imensamente o UNAIDS e todas as instituições que apoiaram o projeto Boa Sorte, o YouPix, o próprio YouTube, foi muito incrível ter esse apoio,// o que eu aprendi com vocês fez com o que esse projeto traçasse vãos muito muito maiores do que eu tinha imaginado. Então muitíssimo, muitíssimo obrigado por isso. E lógico, grãozinhos... cara, que fantástico, que fantástico essa coisa de me aproximar de pessoas que eu nunca vi, e disso ser tão intenso, e que fantástico conhecer pessoas né, agradecer muito a Lôres e Thiago Fontin, que me ajudaram muito nesse processo de transição, foram pessoas com quem

eu conversei muito sobre essas coisas de música, e eu fico muito feliz de ter feito amigos a partir desse canal.// Se eu esqueci de alguma pessoa, lembrem-se que eu sou pisciano, me perdoem por favor, tá bom?// Quem quiser vir junto, a gente continua junto. Agora fazendo música, o que convenhamos (=) nunca vai ser algo ruim, a não ser que seja “Shallow Now” <risos> [vinh.]. ■

Super Indetectável



Vídeo D.9

SUPER INDETECTÁVEL. **YouTube**. Enviado por Super Indetectável, 18 set. 2017. Color., son., tela 16:9, 720p, 11min 07s. Disponível em: <https://youtu.be/W-0f3tYIBXg>.

► Olá, pessoal, meu nome é João Geraldo Netto e eu sou do canal Super Indetectável. ‘Cês ‘tão vendo que aqui tá meio diferente aqui o lugar onde eu tô, mas é porque hoje eu tô em GOIÂNIA, é...// A capital do estado onde eu nasci, na casa da minha mãe.// Hoje eu vim explicar um pouquinho do canal, quê que é esse canal, porque é que ele existiu, porque onde que ele surgiu, da... daonde eu tirei essa ideia de fazer o canal chamado Super Indetectável e pra que.// Bem, o Super Indetectável é um personagem, tá, que eu criei, que pode ser// o Super Indetectável, ou a Super Indetectável tá, é um nome sem gênero definido, e ele foi criado com o seguinte propósito, de falar sobre a importância que é as pessoas que vivem com HIV terem a carga viral indetectável né, porque a gente de fato, eu sempre brinquei que a gente se transforma em pessoas super indetectáveis.// Eu gostei muito desse desse nome, e... e eu acabei usando, tanto pra página no Facebook quanto pra o canal no YouTube.// E qual o objetivo desse canal? O objetivo dele é levar informação pr’as pessoas né? Já tem uns, desde 2008 que foi quando eu me descobri positivo, eu comecei a fazer coisas, antes eu só escrevia textos assim pra alguns lugares, depois eu passei a a fazer vídeos né, vídeos horrorosos, que até hoje estão no meu canal pessoal no YouTube, mas esses vídeos é que foram me mostrando que eu podia comunicar pr’as pessoas, explicar pr’as pessoas como que é viver com HIV, tentar tirar alguns mitos pra fazer com que as pessoas pudessem se sentir melhores né. Tanto levando informação pr’as pessoas que não tem nenhuma informação sobre isso, como pessoas soronegativas, tanto como tentar trazer algum tipo de conforto ou tranquilidade pra pessoas que vivem com HIV, e que podiam saber como que tavam, como que iam lidar com aquela situação, aquela nova fase da vida deles né.// Quando eu, quando eu iniciei todo esse trabalho, assim com mídias sociais, eu tava fazendo uma pós-graduação em... em gestão empresarial e gestão de pessoas. E nessa pós-graduação a

gente tinha aula de mídia, de essas coisas todas né. Então eu comecei a pensar o seguinte: gente, eu posso transformar essa esse problema meu em alguma coisa positiva né, trazer, fazer uma reviravolta disso e fazer, o que eu costumo falar, do limão azedo uma limonada doce e refrescante.// Quando eu descobri positivo, logo na primeira semana eu pensei: cara, eu não vou ficar entregue à depressão, à tristeza, nada disso. Eu resolvi lutar e fazer disso uma coisa mais mais mais interessante né, mais positiva pra minha vida, e foi então que eu pensei: eu vou fazer alguma coisa diferente. Na época, eu era voluntário numa comunidade bem carente lá em Petrópolis, eu morava em Petrópolis, eu era voluntário, mas a gente fazia coisas de eventos, assim, eu ajudava com a parte de eventos, era um projeto bem legal, então eu sempre tive essa coisa meio ativista assim, de de querer fazer a diferença, de querer construir coisas diferentes, então foi... coisas novas, tentar sabe aquela ideia de querer mudar o mundo? Essas coisas maluca assim, eu tinha isso, eu tenho isso até hoje né, então eu acabei fazendo isso me movimentar pra eu gerar alguma coisa positiva a partir daquele sofrimento, aquele bex aquela, aquela, aquela, aquele problema de saúde que eu tinha acabado de descobrir.// Só que chegou um tempo em que eu comecei a perceber que no caso do HIV eu tava ficando mais é... como que eu posso explicar? (=) ~breve suspiro~ Tava ficando como se eu fosse o dono daquela informação e eu não gosto disso, sabe eu nunca gostei disso, eu acho assim que eu não sou dono de informação nenhuma, a única coisa que eu tenho de diferente das outras pessoas é que eu tive oportunidade de estudar e conhecer um pouco mais. Às vezes eu vou atrás das informações né, então assim, coisas que as pessoas geralmente não fazem, ou por falta de oportunidade ou por falta de interesse mesmo. Então o que eu fiz foi me entender que eu tinha alguma capacidade de conseguir essas informações, e de levar, transmitir essas informações pr'as pessoas. Seja porque também às vezes a gente tem preguiça de ler né, eu tenho o maior maior problema pra poder me concentrar, assim então às vezes eu não consigo ler textos muito longos, ver vídeos muito longos, então o que eu fiz foi: vamos consolidar essa informação toda e mostrar de uma maneira, tentar ser o mais divertido possível, mas só que um divertido sério, esse é o meu perfil no meu canal, eu nunca me perco na na na na sacanagem, assim sabe?// Eu acho que tem que ter uma certa seriedade, porque eu entendo que existem pessoas que estão sofrendo com aquilo, e quando eles buscam informações, eles não querem encontrar eu como um palhaço né, eles querem encontrar eu como alguém que sabe o que tá falando, então por isso é que eu,// o perfil do meu vídeo, dos meus vídeos, é sempre um perfil mais linear, uma coisa mais mais organizada, mais metódica.// Eu costumo dizer que eu não sou youtuber, apesar de fazer vídeos para o YouTube, eu me considero um ativista que faz vídeos, tá? Então que isso fique bem claro assim, eu não sou um youtuber, tanto que o meu canal, ele não entra vídeos toda quinta-feira, eu não persigo é... curtidas infinitas, não faço propagandas é... fora do canal, assim, eu não faço propagandas pra angariar

curtidas, porque aí esse não é o meu interesse, o meu interesse é levar informação pr'as pessoas. Agora assim, ficar lutando, e correndo e perseguindo curtidas, não espere isso de mim que é algo que eu não tenho paciência pra isso e eu não tenho expectativa também pra isso tudo, então eu tô de boa, tô na vibe, tô fazendo os meus trabalhos, tô fazendo os meus vídeos tudo assim na tranquilidade, quem quiser encontrar o vídeo e curtir, vai ser muito bacana, porque eu tô sempre colocando uma coisa, fazendo com muito carinho ali pra poder colocar pra vocês.// E o objetivo também de criação desse canal é que o seguinte: no meu canal pessoal, eu misturava muita coisa, colocava coisas pessoais demais, e acabou que a minha vida pessoal tava ficando muito à mostra assim, é uma coisa que assim infelizmente isso trouxe alguns transtornos assim pra vida, são coisas que às vezes assusta né. O meu marido, por exemplo, ele não é uma pessoa midiática, uma pessoa que gosta de fazer mídia da vida dele, então assim, eu acabava que tava expondo ele mais do que ele queria.// Então eu resolvi separar, aí eu falei: bem, vou criar o personagem, foi interessante que isso até surgiu d'uma de uma conversa que eu tive com os meninos, com outros meninos que fazem vídeo pra internet, e aí a gente conversando ali e todo mundo falava "ah, o meu canal é esse, meu canal é esse, meu canal é esse" e era sempre um nome diferente, e eu falei: cara, o meu canal se chama João Geraldo Netto, aí eu falei: cara, alguma coisa tem que mudar. Então eu fui, comecei a trabalhar a ideia de criar um personagem, que é esse tal do Super Indetectável, que não sou eu, tá. Super Indetectável é qualquer pessoa que tenha a carga viral indetectável.// Eu não sou Super Indetectável, eu sou UM DOS super indetectáveis que controla a página, e aliás, a gente tem vários super indetectáveis ali, tá.// Uma coisa que eu gostaria de deixar bem claro, assim nesse vídeo que eu tô falando da questão do meu trabalho com o Super Indetectável é que o Super Indetectável ele não tem nenhuma ligação com nenhum organismo ou organização não governamental, nem... nenhum outro tipo de organização.// O Super Indetectável, assim como a Rede Mundial de Pessoas Vivendo e Convivendo com HIV// são grupos de pessoas totalmente independentes de qualquer tipo de organização, não tem nem parceria com essas organizações, então assim não existe nada que seja falado ali que não reflita APENAS o ponto de vista das pessoas que estão fazendo ou vídeo, ou texto, enfim, não tem nenhuma ligação e nenhuma influência, tá? Eu, por exemplo, eu tenho outros trabalhos, eu trabalho pra o governo também, eu sou consultor pra um órgão governamental e pra outras organizações e isso não interfere no meu trabalho, tá. E assim, algumas pessoas ficam meio aborrecidas,// fica falando "ah, porque que ligação é essa que esse Super Indetectável tem com essa, esse organismo X aí"? Nenhuma! O fato é de eu quando faço os meus vídeos pensar em acordo com alguma instituição, organização ou governo não faz com que eu tenha nenhuma ligação, isso reflete o meu ponto de vista, e acho que isso tem que ser respeitado, tá. Mais porque eu respeito o ponto de vista de todo mundo,// eu espero que eu também seja respeitado no

meu ponto de vista, tá. Não é porque eu sou um ativista, que eu me considero um ativista, que eu tenha que bater em governo, ou bater na ONG, isso não faz o menor sentido, eu bato em quem eu quiser, tá? Que isso fique muito claro, porque assim dentro do meu canal quem manda sou eu. Então assim, quem fala nos meus vídeos sou eu. Quem coloca as coisas ali dentro do do do da página são pessoas que estão geralmente muito muito alinhadas assim, eu tenho muita sorte que eu trabalho com pessoas, e são sete moderadores, sete monitores, e os sete monitores são pessoas muito alinhadas, a gente pensa muito parecido. E quando a gente discorda, a gente conversa e a gente resolve, a gente entende que somos diferentes né. Mas uma coisa a gente sabe muito bem, a gente não precisa bater em governo pra ser ativista. Isso ficou bem claro pra gente, e eu espero que a gente seja respeitado nesse ponto de vista, pelo menos eu espero.// O canal Super Indetectável, ele tem sempre como base, a primeira coisa, a gente só compartilha coisas positivas, isso é fato, a gente não vai compartilhar coisas negativas, a gente não quer compartilhar protestos é... negativos, a gente vai ser sempre o protesto pra coisas boas. Então assim, ah vamos fazer, compartilhar coisas para ah... a melhoria do tratamento, vamos. Mas em nenhum momento a gente vai usar termos negativos no texto ou no vídeo, isso não vai acontecer, tá. Esse é um modus operandi do do do canal, e é assim que ele vai continuar sendo. Então assim, matérias vão ser sempre compartilhadas, matérias positivas, vídeos vão ser sempre feitos com visão positiva.// E o Super Indetectável ele tá sempre baseado em evidências científicas, a gente nunca fala alguma coisa tipo assim, ah eu acho. Não quer dizer que eu tenha que concordar, mas assim se eu for passar alguma informação, eu vou passar baseado no que eu tô lendo ali, no artigo que eu tô lendo, no documento que eu tô lendo. Também não quer dizer que eu vou fazer isso cegamente, óbvio. Na verdade, eu contesto um bocado, mas eu também não sou apenas um contestador. Quando eu contesto, eu procuro uma outra base científica pra poder bax me basear, é... eu nunca vou pelo achismo, isso é algo que, de fato, isso não acontece dentro do canal, do Super Indetectável, nem no YouTube, nem no Facebook. Então é o seguinte, se vocês tiverem qualquer tipo de dúvida, mandem sempre pra o Super Indetectável.// A gente tem uma turminha de pessoas que pode ajudar a te responder.// Eu queria agradecer à equipe de monitores lá que me ajuda, que é uma equipe fantástica. Eu não vou contar o nome deles aqui, porque às vezes eles não querem aparecer né? Então assim, agradecer a todos eles por todo o apoio que eles tem me dado.// De que eu tenho inquietude que eu tenho dentro de mim de levar informação e de levar conhecimento pr'as pessoas né, e eu me sinto, me sinto um privilegiado em poder fazer isso, de verdade. Um beijo grande pra vocês e até mais. A gente se vê, tchau tchau. [car.: Nunca deixe que o seu ego seja maior que a sua causa] [img.: banner com logotipo da Rede Mundial] [img.: banner com logotipo do canal] [fd.out].■



Vídeo D.10

SUPER INDETECTÁVEL É O CANAL SOBRE SAÚDE SEXUAL MAIS RELEVANTE DO BRASIL E JÁ SOMOS 30 MIL.

YouTube. Enviado por Super Indetectável, 19 abr. 2020. Color., son., tela 16:9, 1080p, 3min 29s. Disponível em: <https://youtu.be/v5cjEblUEpw>.

- [vinh.] Olá, tudo bem? O meu nome é João Geraldo Netto e eu sou do canal Super Indetectável. E o que eu tô fazendo aqui hoje? Hoje eu não vim falar sobre alguma coisa, trazer algum tipo de informação, fazer a minha opinião, hoje eu vim só agradecer. É. Saber por que? Porque a gente chegou aos 30 mil seguidores e a plataforma Social Blade, que é uma plataforma de avaliação de redes sociais, ela considera esse canal Super Indetectável o mais relevante de saúde sexual do Brasil. Yes, estamos com a melhor// avaliação na ferramenta e isso inclui// até mesmo sites médicos né? Mas eu falo da questão específica de saúde sexual, incluindo HIV, outras infecções sexualmente transmissíveis, e é por isso que eu tô TÃO feliz, as duas coisas né.// Primeiro porque eu tô muito feliz de ter chegado aos 30 mil seguidores, que na verdade isso lá atrás, quando eu comecei a falar sobre HIV, eu nunca imaginei que isso pudesse tomar essa proporção, e é interessante ver como que naquela época quando eu comecei a falar disso, era chamado de ativista de sofá né! Na época que os meios digitais, eles eram subestimados né, não se entendia ainda a grande importância dos meios digitais na disseminação de boa informação. Parece que o mundo virou, não é mesmo? Hoje o que a gente tem aí disponível são os meios virtuais pra gente se comunicar, porque tá todo mundo parado, e eu tô aqui na Alemanha, também, impedido de voltar pra casa, mas eu não podia deixar de agradecer pra vocês, de agradecer vocês, de dizer muito obrigado por seguirem o canal, muito obrigado por deixarem os seus comentários, os seus likes ou dislikes e os seus comentários quando são positivos ou negativos, eles fazem com que esse canal fique cada vez melhor.// Então eu tô muito feliz, eu queria dizer um super obrigado pra vocês que estão todos aí do outro lado, e se você ainda não segue esse canal// clica no sininho pra você ser alertado todas as vezes que eu colocar um conteúdo novo,// e fica sempre por dentro, dissemina a boa informação, e tem muitos outrx ah, inclusive eu queria deixar uma coisa bem clara, eu não tô aqui agora dizendo que é uma competição entre todos os meninos que fazem, que fazem vídeo, não é mais importante esse canal porque ele tem uma melhor avaliação, e mecanismos de avaliação, não, o que eu tô querendo dizer só é que eu tô feliz porque// a internet conseguiu perceber a importância, a seriedade que é dada a esses assuntos aqui né. Mas eu queria inclusive deixar, eu vou deixar aqui na descrição do vídeo todos os outros canais que eu já conheço que falam sobre HIV, mas principalmente daquelas pessoas que vivem com o vírus e falam sobre ele, tá? Que eu acho que é muito importante, como eu já disse algumas vezes, quando a gente tem

alguma questão e a gente consegue falar sobre ela, é muito importante a gente compartilhar, porque existem pessoas que estão lá nas suas casas, ou estão lá com seus celulares nas mãos, e eles não imaginam que outras pessoas podem ter o mesmo problema, às vezes se sentem sozinhos, então o papel que a gente tem na internet é esse, mostrar que as pessoas não estão sozinhas, e que todos nós estamos suscetíveis a inúmeros problemas, e que mesmo assim tudo pode ficar legal. Tá bom? Um beijo grande, até mais, tchau tchau! [vinh.] ■



Vídeo D.11

GRUPO VIRTUAL PARA PESSOAS QUE VIVEM COM HIV | SUPER INDETECTÁVEL. **YouTube**. Enviado por Super Indetectável, 15 jun. 2020. Color., son., tela 16:9, 1080p, 7min 09s. Disponível em: <https://youtu.be/he2PeRs4qpl>.

► [vinh.] Olá, tudo bem? O meu nome é João Geraldo Netto e eu sou do canal Super Indetectável. Antes de mais nada, eu gostaria de te convidar pra seguir esse canal, clicar no sininho, deixar comentário, fazer todas aquelas coisinhas que só custam um clique pra você, mas que fazem muita diferença pra gente. E hoje o que é que tô fazendo aqui? Hoje eu vim explicar sobre a Rede Mundial. É a Rede Mundial de Pessoas que Vivem e Convivem com HIV.// Vou começar então explicando o quê que é a Rede Mundial. Ela surgiu quando eu lá→ em 2008, 2006 ou 2008, sei lá, eu me descobri positivo pra o HIV e eu precisava conversar com outras pessoas, eu queria encontrar com outras pessoas que tinham a mesma vida que a minha a partir daquele momento. E eu não encontrei, na verdade só existiam grupos presenciais que eram em ONGs, ou em centros de saúde, só que isso era no meio do dia, então eu não tinha como sair do meu trabalho e ir pra o grupo de ajuda, um grupo de apoio. Então eu tive uma ideia, que eu vi que o Facebook tava começando aqui no Brasil e eu falei: pô, por que a gente não cria um grupo fechado, o mais fechado possível, onde a gente pode trocar ideia e conversar sobre coisas que fazem parte da nossa realidade, mas não fazem parte da realidade de todo mundo? Então isso pode ser bem interessante, vamos fazer isso? E aí foi então que eu peguei o Facebook e criei o primeiro grupo pra poder permitir que essas pessoas possam, pudessem se relacionar.// Mas qual o objetivo da rede, dessa rede mundial? O objetivo dela é// acolher, apoiar e orientar pessoas que são de alguma forma afetadas pelo HIV. Quando eu digo afetadas, eu não tô dizendo negativamente, eu tô dizendo afetadas, elas tem o HIV e influenciam de alguma maneira na vida delas.// Isso pode ser que vive com o próprio vírus no sangue, como eu, quem não vive, mas convive, por exemplo parcerias né, de pessoas que vivem com HIV, e familiares, amigos muito próximos e até mesmo profissionais de saúde, que não vivem com HIV necessariamente, mas convivem. A parte boa de manter

esses profissionais dentro da rede, é que eles tanto podem nos ajudar com informações técnicas, como podem SE aperfeiçoar [car.: *aperfeiçoar] através dos relatos que eles, é... vêem ali dentro.// E por último os ativistas de direitos humanos, que são, não são nem profissionais de saúde, muitas vezes não vivem com HIV, mas estão relacionados à pauta de direitos humanos, afinal de contas o HIV também é uma questão de direito humano.// Como tá a rede mundial hoje?// Hoje ela é regida por monitores né, pessoas voluntárias que estão trabalhando com a gente de todos os estados do Brasil, de todos os estados não, de todas as regiões do Brasil a gente tem um representante monitor, e tem uma pessoa que fica fora do Brasil que faz meio que uma incidência internacional da rede também. Explicando, estimulando pessoas a criarem redes também lá nos seus lugares.// Até porque a rede já tem pessoas, membros de dezesseis países, hoje atualmente aqui em abril, maio de 2020. Então são dezesseis países de língua portuguesa, espanhola e outras línguas também, mas sempre de pessoas que falam português e estão ali dentro conversando e trocando ideia com a gente.// Lá dentro só é aceito conteúdo relevante pra todos os membros, tá. Política a gente evita política, a não ser que ela esteja relacionada com o assunto direto do HIV.// Ou então a gente compartilha sempre conteúdo relevante, conteúdos gerais não são interessantes, mas conteúdos diversos, por exemplo: ah, eu fiz uma viagem, foi bacana, eu conheci pessoas novas. Isso é interessante pra gente, porque a gente não tá falando só de HIV, a gente também tá falando de vida, e vida, a sexualidade, a vida da gente inclui muitas outras coisas que vão muito além do HIV, não é verdade?// E outra coisa muito bacana que tem é que a rede mundial, esse grupo, esse espaço nosso, é usado e já foi usado como sítio de pesquisa de diversos estudos científicos, de doutorado, de mestrado, de graduação, então muito interessante ter esse espaço sendo estudando, por exemplo, como que esses espaços virtuais agem na vida de pessoas né, que vivem com HIV, com câncer. Eu lembro até que teve um projeto de pesquisa que era sobre isso, era como os espaços virtuais ajudam pessoas com doenças graves, e o HIV era considerando doenças gravx doença grave nesse contexto dessa pesquisa.// E o nosso cuidado com o sigilo é absolutamente alto, excessivo às vezes.// Por isso que a gente tem algumas regras né, que a gente prefere chamar como acordos, são acordos que a gente faz pra que o usuário ele saiba direitinho, como se... é... se comportar adequadamente ali dentro, infelizmente em todo lugar que tem pessoas a gente precisa ter regras né, mas nessas regras como eu disse são acordos, a gente faz com o usuário e a gente considera que todos que entram e 'tão lá dentro eles estão cientes dessas regras.// Todas essas regras podem ser encontradas no link superindetectável.com/regras, que eu também tô colocando aqui nos comentários.// Ah, João, mas como que eu posso fazer parte do grupo? Bem, a primeira coisa, você vai procurar no Facebook Rede Mundial, aí vai aparecer esse símbolo «dedo apontando para o canto superior esquerdo da tela» [img.: logotipo da Rede Mundial, inserida no canto

superior esquerdo da tela], essa é a Rede Mundial que a gente usa, e aí você vai solicitar a sua participação. É muito, muito importante responder a todas as perguntas. Porque se você não responder a todas as perguntas, a gente não vai aceitar você. Porque a gente não sabe quem é você, e a gente precisa saber. Isso é importante, quem vai saber são os monitores, esses monitores que são sete, oito pessoas, nós temos que saber quem são os membros. Isso é pra segurança dos próprios membros. Então não são aceitos perfis fake, não são aceitos perfis sem foto, não são aceitos perfis com fotos que não dê pra identificar a pessoa, então tá tudo nas regras, é só entrar lá que eles vão explicar tudo direitinho como é que funciona.// E a gente tem também os grupos no WhatsApp né, que são alguns. Então esses grupos do WhatsApp a gente tem grupos gerais, grupos de discussão política, grupos mais quentes, onde a gente pode mandar um nude na sexta-feira à noite, ou no sábado, então são grupos muito legais, que pra participar do WhatsApp você tem que participar do Facebook. Por que? Porque no Facebook a gente tem como colocar critérios de seleção e identificação desses membros. A partir de lá dentro você pode solicitar a entrada nos grupos do Facebook, do WhatsApp APENAS depois de fazer parte do grupo do Facebook.// Pra finalizar esse vídeo, eu gostaria de dizer pra vocês que você é muito bem vindo aqui no grupo, todas as pessoas estão de braços abertos, não é possível que ninguém de fora veja que você está lá dentro, mas você é uma pessoa muito importante pra somar. Tá bom? Uma coisa que eu sempre digo pr'as pessoas que me procuram pedido ajuda, é que eu digo que tudo pode ficar bem. Um dos pontos principais da gente é se relacionar com pessoas bacana também. Então isso é muito importante e você é muito bem vindo. Eu espero você lá dentro, tá bom? Não esquece de curtir o canal, não esquece de dar um joinha nesse vídeo, e de deixar um comentário. Um beijo grande, até mais, tchau tchau! [vinh.] ■



Vídeo D.12

MUITO PRAZER! EU SOU O SUPER INDETECTÁVEL.
YouTube. Enviado por Super Indetectável, 31 jul. 2020. Color.,
 son., tela 16:9, 720p, 12min 49s. Disponível em:
<https://youtu.be/fDDyDZbRZdY>.

► [vinh.] Olá, tudo bem? O meu nome é João Geraldo Netto e eu sou do canal Super Indetectável. E o que é que eu tô fazendo por aqui? Hoje eu vou explicar pra vocês o que é o Super Indetectável. Mas antes de mais nada, deixa eu explicar quem sou eu, a pessoa que vos fala através desse canal.// Eu vivo em Goiânia.// A minha formação acadêmica, eu estudei Letras, comecei a fazer Letras na federal de Goiás, não gostei do curso, acabei saindo de lá, me mudei pra Petrópolis, e eu iniciei o curso de marketing estratégico e segurança da informação. Depois de graduado eu fiz um MBA em gestão empresarial e

gestão de pessoas, e uma pós graduação em marketing digital. Atualmente eu tô fazendo uma outra pós graduação em sexualidade humana.// A minha vida com HIV, eu me infectei aos 19 anos, hoje eu tô com 37, quase 38 anos// e eu felizmente consegui muito apoio da minha família, e de todos que estavam ali a minha volta.// Minhas principais experiências profissionais foi no Cifras, um site brasileiro de cifras de música, chamado cifras.com.br, e eu trabalhei nesse site por seis anos como gerente de marketing. De lá eu fui para o Ministério da Saúde, onde eu trabalhei na área de HIV e Aids, por oito anos// e por último eu sou hoje estrategista de marketing digital e dou consultoria nessa área.// Mas afinal de contas, o que é o Super Indetectável né?! O Super Indetectável, ele é um personagem sem gênero, sem face né, tanto que na logo dele não tem rosto. Por que? Porque ele pode ser qualquer pessoa, que... que puder falar nesse canal né? A minha intenção quando eu criei o canal, uma das coisas foi não associar sempre o canal ao meu rosto, o que infelizmente acaba acontecendo, porque eu faço praticamente tudo sozinho né? Eu não tenho outras pessoas que gravam no meu lugar, então ele acaba ficando com meu rostinho mesmo, mas a ideia é que ele seja pra qualquer pessoa que possa aparecer no canal.// E a ideia do canal surgiu lá quando eu descobri o meu diagnóstico, que eu já tinha um canal pessoal, e eu falava da minha vida, das minhas coisas, e eu percebi, até mesmo na minha terapia, que enquanto eu falava eu também me sentia melhor. Então eu ia identificando algumas questões, que estavam dentro de mim, e que eu não percebia ainda, então quando eu falava, eu percebia isso. E quando eu falei a primeira vez sobre o meu HIV, na época não havia ninguém ainda no Brasil que falava sobre o próprio HIV, eu percebi que houve uma uma uma resposta muito rápida das pessoas, de se sentirem bem também. Então eu percebi que ao mesmo tempo em que eu falava e me sentia bem, eu também recebia o feedback de pessoas que estavam se sentindo bem ao me ouvir falar.// Até porque uma coisa que eu percebi, e que mudou radicalmente na minha vida, foi que depois que eu tive o meu diagnóstico, a minha vida passou... saiu de uma vidinha medíocre, uma coisa meio... é→ é até um termo que a Márcia Rachid [img.: capa do livro "Sentença de Vida", da autora Márcia Rachid] usa no livro dela, que é uma sentença de vida, e o que na verdade antes o que era pra ter sido uma sentença de morte, pra mim uma notícia muito ruim, acabou se transformando numa notícia que me deu mais ÍMPETO de vida, uma coisa que foi muito POSITIVA pra mim, por incrível que pareça. É obvio, eu não gostaria de estar vivendo com HIV hoje, mas eu consegui fazer daquele limão azedo uma limonada doce e refrescante.// Ao criar esse canal também do Super Indetectável, eu também quis desvincular o meu canal pessoal, onde eu colocava coisas sobre a minha vida, e profissionalizar o conteúdo, fazer um conteúdo mais organizado, mais bonito, com um som melhor, com uma imagem melhor, que eu sei que isso é muito importante pr'as pessoas que acompanham.// O objetivo principal desse canal é ser uma fonte de informação SEGURA// uma informação BOA, de QUALIDADE, tanto que todos os vídeos

que eu faço, eu sempre falo que são baseados em evidência científica, exceto, é claro, os que eu faço que são opinião, e eu deixo isso bem claro, pra que não gere nenhum tipo de dúvida com relação a essa questão. Então os vídeos são todos baseados em evidências científicas e evidências comunitárias, que também são muito importantes.// O outro objetivo também era «sinal de entre aspas» DEMOCRATIZAR, vamos colocar assim entre aspas, porque a gente tá na internet e infelizmente não são todas as pessoas que tem acesso à internet, mas de certo modo a minha ideia era democratizar a ciência sobre esse assunto, pra pessoas que tem dificuldade em ler um artigo, às vezes o artigo só tem em inglês, ele não tem em português, então eu peguei o que eu conseguia fazer e tentei organizar isso pra e tentar transformar esse conteúdo, que às vezes é muito denso, em conteúdo mais simples, mais dinâmico, mais fácil pr'as pessoas entenderem.// E também, é claro, estimular as pessoas a procurarem mais informações sobre isso né, porque o meu trabalho que eu faço aqui, a minha ideia é sempre plantar uma sementinha, pra que essa sementinha brote dentro da pessoa, a sementinha da curiosidade, que ela possa ir atrás e procurar mais informações sobre aquele assunto que lhe interessa.// E aí outras pessoas me perguntam “João, mas por que é que você tá abrindo o canal pra outros assuntos?” né, “que antes você só falava em HIV, agora você fala em outras coisas”. É porque na verdade a minha ideia foi que, com a minha pós graduação, com meu trabalho lá de anos na saúde sexual, eu decidi ampliar o conteúdo pra um conteúdo de saúde sexual, de sexualidade, que é muito mais amplo. O fato de você fazer uma viagem, e essa viagem ser satisfatória, dentro dessa viagem tá incluída diversas outras questões, como até mesmo a maneira como você se relaciona com as pessoas, e não necessariamente sexualmente, mas esse tipo de relacionamento, ele reflete na sua vida e na sua saúde sexual como um todo. Se você, por exemplo, tem facilidade de se comunicar com as pessoas verbalmente, essa facilidade de fazer amigos, ela também pode, muitas vezes, facilitar os seus contatos interpessoais. Lembrando sempre que HIV não é SIMPLEMENTE uma infecção sexualmente transmissível, muitas vezes ela está associada a questões complexas da sexualidade, que é muito mais amplo do que isso.// Com relação à regularidade do canal, muita gente me pergunta “João, coloca vídeo sobre isso, coloca vídeo sobre aquilo”, e eu não tenho infelizmente a regularidade que eu gostaria né. Porque fazer o conteúdo, fazer... pra fazer cada vídeo desses que eu faço aqui pra o canal, ele leva muito tempo né? Eu primeiro tenho que imaginar a pauta ou receber essa pauta de alguém. Tipo assim, ah vamos falar sobre isso. E aí depois disso eu vou procurar conteúdo, eu procuro em pesquisas, procuro documentos brasileiros, às vezes documentos de outros países, documentos que são sólidos, que são oficiais, pra que eu possa então falar sobre esse conteúdo com propriedade né, pra que eu não seja só mais uma pessoa que tá passando uma informação que às vezes não tá correta, então por esse motivo, o trabalho que é pra se chegar a um vídeo, o trabalho final pra um vídeo

é muito trabalhoso. Eu também faço tudo sozinho, eu não tenho ninguém que me ajuda, a ideia inicial é que outras pessoas também fizessem, mas acabou ficando tudo pra mim, e tá tudo bem, eu tô bem com isso, não rola rancor, eu juro, mas é que... acabo fazendo tudo sozinho, então isso acaba me desgastando muito pra fazer um vídeo, até porque às vezes, alguns... é→ é→ temas são temas muito complexos, e são temas muito pesados, então isso é mais complicado ainda.// E não dá pra gente fazer conteúdos muito dinâmicos né. Porque às vezes surgem assuntos, como por exemplo o coronavírus e o HIV, e eu não posso falar dele até que tenha estudos, então eu preciso esperar os estudos. Muitas vezes as ideias, as sugestões que chegam pelos canais, elas são antes desses estudos, então eu não posso falar sobre eles, e eu nem sempre consigo ser tão rápido, tão ágil quanto eu gostaria.// E os números importam, é óbvio que os números importam, eu até fiz um vídeo um dia desses sobre os 30 mil ah... usuá× é→ seguidores do canal, só que eles nunca foram meu objetivo. Tanto que eu sei muito bem que as pessoas que seguem o canal, geralmente não são pessoas que vivem com HIV, na maioria das vezes não são. Por que? Porque pessoas que vivem com HIV, eles trazem dentro deles um autopreconceito e um medo de ser estigmatizado né, de sofrer o estigma, então eles acabam não ficando no canal como seguidores, então eles visitam com certa frequência. Então por esse motivo// os números não são a coisa mais importante pra mim, apesar deles refletirem sim em convites que a gente recebe às vezes pra poder... ah, vamos num congresso, é claro que esses números importam, mas nunca foram meu objetivo. Fico feliz com eles? Fico. Mas não são o objetivo.// Apesar de eu transmitir um conteúdo técnico aqui no canal, elas não são verdades absolutas né, mas uma coisa que eu sempre falo é: as informações técnicas que eu passo aqui, elas podem ser contestadas, óbvio né... nem são minhas, mas é que elas devem ser contestadas com outras evidências científicas, nunca com uma opinião, porque você não contesta uma... a ciência com opinião. Você contesta ciência com ciência. Agora a opinião sim pode ser contestada com outra opinião, e isso aí... ah, eu tô absolutamente aberto a isso.// E muita gente fica me perguntando assim “João, como é que eu posso fazer pra ajudar você né, no canal?”. Bem, a primeira coisa que você pode fazer é o que eu falei lá no início do vídeo, é curtir o vídeo, é comentar, é compartilhar o conteúdo, é seguir o canal, clicar o sininho, é fazer todas essas coisas que você pode fazer, agora neste momento, então tudo isso que você faz, isso já ajuda a impulsionar o canal, ajuda o Google a olhar pra gente, o→ o→ o→ Youtube né, que é do Google, a olhar pra gente e falar assim “hummm, esse conteúdo é relevante, então eu vou começar a indica-lo”, então isso já é o primeiro passo que você já pode fazer.// Em segundo lugar, a gente tem um Apoia-se, eu tenho um Apoia-se, que é uma plataforma que você pode fazer ajudas recorrentes né? [car.: Apoia-se/SuperIndetectável] Apoios recorrentes, então o apoio pode ir de um real até... sei lá, muitos reais, e aí você pode apoiar o trabalho. É claro que quanto mais recurso eu tenho

pra me manter sem outros trabalhos, mais tempo eu tenho pra estudar e produzir conteúdo aqui, então é uma ajuda muito importante, que quem puder ajudar, eu vou colocar o link aqui, além de eu estar colocando agora, ele também tá na descrição do vídeo, é só clicar lá e fazer uma doação no valor que quiser.// “Ah João, mas eu já fiz isso, eu já cliquei no sininho, já fiz tudo, não tenho grana pra ajudar você com dinheiro, mas eu queria ajudar de outra maneira”. Sabe uma coisa que ia me ajudar muito, ia ajudar muito esse canal e ainda ajudar a democratizar ainda mais esse conteúdo? Mandar legenda. É. Pega o vídeo, tenta escrever uma legenda pra mim, manda pra mim que eu vou revisar, óbvio, que é pra ajustar, pra saber se as informações estão no lugar correto e posso colocar, e você já tá me ajudando pra caramba, isso é muita ajuda, porque eu não consigo tempo pra poder descrever, pra poder transcrever né, o→ o vídeo, então isso já ajudaria muito também.// E é claro que, como sempre, dar sugestões de pauta que são muito importantes, porque às vezes o que mais falta é a criatividade, e deixar sempre comentários, que são todas as suas opiniões.// Pra finalizar esse vídeo, que já ficou longo demais, eu queria só dizer pra vocês. Muita gente me encontra aqui no canal por eu viver bem com HIV né? E é uma coisa que eu sempre falo toda vez que tenho oportunidade, eu não tenho culpa pelo que me aconteceu, vocês também não tem culpa pelo que tá acontecendo ou pelo que aconteceu com vocês, mas vocês tem responsabilidade sobre isso. E essa responsabilidade, ela também traz pra gente algumas escolhas. Essas escolhas, por exemplo, uma mais importante delas é aderir ao tratamento, é viver, é escolher viver, e quando você escolhe viver, você escolhe aderir ao tratamento, você tá tendo uma escolha que vai prolongar a sua vida, que vai te trazer mais felicidade. Então uma dica: sempre faz isso. Não se esquece, agora pra finalizar de vez, não se esquece que tem outros meninos e meninas, meninos né, na internet, que estão fazendo conteúdo muito bacana também, com linguagens diferentes, com cenários diferentes, com conteúdo diferente, mesmo que a gente fale sobre o mesmo conteúdo é sempre com uma pegada diferente, então fiquem ligados a todos eles, tá bom, são pessoas muito bacanas, são garotos muito bacanas, e todos que eu confio eu estou colocando aqui embaixo nos comentários também, e eu queria terminar esse vídeo com uma frase// que é pra todos vocês que estão querendo iniciar alguma coisa na internet, [car.: Nunca deixe que o seu ego seja maior que a sua causa] nunca deixe seu ego ser maior que a sua causa, porque senão tudo deixa de ter um propósito e vira um mero negócio, e sinceramente é muito mais gostoso da gente trabalhar quando a gente tem uma causa, tá bom? Um beijo pra vocês, até mais, tchau tchau. [vinh.].■

Drew



Vídeo D.13

AS VANTAGENS DE TER HIV. **YouTube**. Enviado por Drew, 11 dez. 2019. Color., son., tela 16:9, 720p, 3min 24s. Disponível em: <https://youtu.be/Q44gPxvDgvl>.

► Você sabe quais são as vantagens de ter HIV? [vinh.] Eu não pago mais ônibus, porque eu tenho esse bilhete especial «aproximando da câmera a carteira de bilhete único especial, da prefeitura de São Paulo», onde eu posso andar de graça em todos os ônibus da cidade de São Paulo.// [img.: vídeo curto, da cantora Britney Spears fazendo sinal de OK]// Eu não preciso mais usar preservativos, porque eu já adquiri HIV, então não tenho mais risco algum de nada. Transar sem camisinha.// [img.: vídeo curto, de uma pessoa sendo entrevista e respondendo “ai que delícia”]// Eu tenho direito a auxílio doença.// [img.: vídeo curto, da cantora Lady Gaga fazendo sinal de OK]// Eu pude sacar todo o meu FGTS.// [img.: vídeo curto, da cantora Mariah Carey batendo palmas]// Eu posso me aposentar por invalidez.// [img.: vídeo curto, de plateia aplaudindo]// Eu terei isenção de IR na minha aposentadoria.// [img.: vídeo curto, de mulher sendo entrevista e respondendo “eu tô passada, eu tô chocada”]// Eu terei benefício de prestação continuada.// Obviamente, eu fui irônico em tudo o que eu falei até aqui. Eu só quis fazer esse vídeo pra que algumas pessoas parem de dizer que quem vem até a internet contar a sua história com o HIV, ou simplesmente compartilhar e dividir informações, pra que a gente tente de alguma forma por um fim a essa epidemia, pra que elas parem de dizer que as pessoas que fazem isso, como eu, estamos romantizando o HIV, e que tratamos o HIV com um sorriso no rosto, como se fosse algo muito bom, e não é bem assim.// Claro que eu não vou ficar vindo aqui no canal fazer vídeos dizendo o quanto é ruim ter que tomar, o quanto é ruim você ter que se preocupar sempre que conhece alguém diferente, em que momento você vai ter que dizer pra essa pessoa que você vive com HIV.// O quanto é ruim quando as pessoas sabem da sua sorologia e te olham sim de maneira diferente, e te tratam sim de forma diferente.// O quanto é ruim você sempre ter que ouvir perguntas como “você sabe quem foi que te infectou?”, “você sente raiva da pessoa?”, “você sabe quando foi?”// Então eu não vou fazer vídeos toda semana aqui no canal dizendo o quanto é ruim viver com HIV.// Porque se isso aconteceu comigo, se isso aconteceu com ele, com ela, com todas essas pessoas que hoje vivem com HIV, o que a gente pode fazer, o que a gente deve fazer, ou pelo menos tentar fazer, é seguir a vida da forma mais saudável, da forma mais feliz que a gente conseguir.// Então, de uma vez por todas entendam, eu não estou aqui romantizando o HIV, porque não é nada romântico

viver com HIV.// Se você tem alguma dúvida, ou se você de repente acabou de ser diagnosticado, e não tem com quem conversar, me procura no Instagram, por lá a gente pode conversar. Se você gostou desse vídeo, deixa um like e também se inscreve aqui no canal se não for inscrito, e também compartilha com todas as pessoas que você acha que deveria ver esse vídeo. E até o próximo, aquela beija, tchau! [vinh.] ■



Vídeo D.14

HIV / AIDS - 1 ANO DEPOIS DE TORNAR PÚBLICO.
YouTube. Enviado por Drew, 14 jan. 2020. Color., son., tela
 16:9, 720p, 10min 06s. Disponível em:
<https://youtu.be/Ne2EqxJdYQY>.

► [img.: vídeo de arquivo, com Drew chorando em plano fechado no rosto, onde ele desabafa: — eu precisava falar, eu não tô nada bem, eu tô agoniado, angustiado, porque amanhã eu tô indo no médico buscar o resultado do exame, exame de HIV; ((=)) e a médica disse que ia me dar o resultado por telefone, e eu liguei e ela falou que precisa falar comigo pessoalmente; <choro> então eu vou lá amanhã cedo... <choro> não pode ser positivo. <choro> não pode. ((=)) mas caso seja, eu sei que a culpa foi toda minha, só minha. <choro> é isso, até amanhã.]]// [vinh.] Hoje eu tava mexendo em algumas coisas, algumas fotos e vídeos, e acabei encontrando esse vídeo que eu coloquei aí no início pra vocês. Esse vídeo, ele foi gravado no dia seis de agosto de 2013, lá em Belo Horizonte, e foi justamente um dia antes do meu diagnóstico, e é muito louco olhar pra ele, assim, olhar pra esse vídeo e lembrar daquilo tudo, e lembrar daquela ansiedade, aquela angústia que eu tava sentindo, sem saber o que de fato ia acontecer, e sem imaginar tudo o que ia acontecer depois. E pensando que no dia seguinte o resultado poderia ser positivo, e que eu não saberia como fazer, e o que seria.// E a vontade que dá é de voltar no tempo e voltar lá até mim e falar tipo “calma, calma, vai sim ser positivo, mas vai dar tudo certo”.// E aí assistindo esse vídeo eu pude me colocar no lugar, assim, de muita gente que me escreve, de muita gente que vem até mim através do canal, através do meu Instagram, e que vem com essa angústia, vem com esse desespero, e muitas delas ainda nem sabem o resultado, ‘tão esperando o resultado, e aí eu assistindo esse vídeo, eu pude eu pude lembrar desse sentimento, que é um sentimento nada bom. Tá bem longe de ser um sentimento bom.// Hoje é meu aniversário, dia catorze de janeiro de 2020, eu tô completando 34 anos de existência nesse ponto azul aqui chamado Terra, no meio desse universo gigante, e (=) eu tô muito feliz, eu tô extremamente feliz por esse último ano que passou, por 2019. 2019, definitivamente, foi o melhor ano da minha vida, e quem me acompanha aqui, quem me acompanha nas outras redes sociais sabe do que eu tô falando, sabe tudo o que aconteceu. Foi um ano de muita descoberta, um ano de muitas

conquistas, de (=) de muito conhecimento, de muita troca.// E foi um ano, um ano especial mesmo assim, de várias maneiras.// Exatamente no dia 14 de janeiro de 2019 foi o dia em que eu soltei o primeiro vídeo aqui no canal falando sobre a minha sorologia, tornando pública a minha sorologia. E aí muita gente me perguntou assim, o que é que aconteceu um ano depois, como é que foi esse um ano após ter soltado esse vídeo. E aí eu fiquei refletindo sobre tudo isso. E como eu falei, foi um ano excepcional. Assim, é engraçado porque eu tinha muito medo de tornar isso público, e medo de que eu sofreria, sofreria muito preconceito, sofreria muita rejeição, e foi totalmente o contrário, assim. Depois de eu ter soltado o primeiro vídeo, só me aconteceram coisas boas e coisas incríveis, e eu não tô aqui dizendo que todas as pessoas que vivem com HIV, que descubrem o seu diagnóstico, precisam falar sobre a sua sorologia, precisam tornar ela pública, e que fazendo tudo isso vai melhorar, tudo vai ser incrível. Então NÃO, eu tô falando do meu caso, da minha vida. No meu caso, foi sim a melhor decisão que eu tomei, de todas elas. Porque é uma decisão que não envolveu somente a minha vida, que já foi um grande passo, e já foi incrível eu ter tirado um peso gigante das minhas costas como eu tirei, daquele silêncio todo onde eu vivia, mas foi além disso. Porque se transformou numa causa, se transformou num propósito, propósito de ajudar pessoas, propósito de através da informação chegar até essas pessoas e acolhê-las, e abraça-las e tentar mostrar de alguma forma pra elas que vai ficar tudo bem. Porque vai ficar tudo bem, porque fica tudo bem.// Eu fiz um vídeo esses dias num canal falando sobre a romantização do HIV e mais uma vez eu reforço aqui: eu não tô romantizando o HIV, muito pelo contrário, porque não é nada romântico viver com HIV, mas eu tô aqui tentando mostrar que de alguma forma sim, a vida segue, e que é preciso seguir. E que sempre vai ser melhor escolher viver, sempre. Então, esse um ano que passou depois desse primeiro vídeo, depois vieram os outros vídeos, foi um ano que vai ficar marcado pra o resto da minha vida.// Um ano em que eu pude entender, eu acredito assim, quem de fato eu sou e o que de fato eu vim fazer aqui enquanto pessoa, assim. Eu acho que isso é tão importante quando a gente descobre, é tão importante a gente saber qual é a nossa missão aqui nesse lugar, aqui enquanto ser humano, aqui enquanto pessoa, e eu de verdade, assim eu tô sendo muito sincero, muito honesto pra vocês quando eu digo que sim, eu me encontrei, sim eu me encontrei essa minha função, que é justamente falar com vocês e levar de certa forma algum conforto pra o seu coração, que de repente tá angustiado, tá aflito pra um diagnóstico que recebeu, ou por uma resposta que que ainda tá esperando.// Então eu só quis mesmo fazer esse vídeo pra agradecer esse esse 2019 todinho, desde o primeiro vídeo, e hoje também além do meu aniversário é aniversário do canal, o canal tá completando quatro anos, então o canal surgiu lá em 2016, e foi muita coisa que aconteceu de lá pra cá, e eu vou soltar um vídeo pelos próximos dias, falando sobre os quatro anos do canal, fazendo aí uma retrospectiva e tudo mais, mas eu precisava vir aqui

e fazer esse vídeo antes, e falar pra vocês de como foi esse um ano, de janeiro de 2019 até dezembro, após ter soltado o primeiro vídeo sobre HIV.// Então eu só quero agradecer a todos vocês que chegaram, que são novos no canal, a quem já está aqui desde o início, que acompanha toda essa história, toda essa trajetória, e dizer que eu vou continuar aqui produzindo cada vez mais pra vocês, e levando cada vez mais informação, levando cada vez mais acolhimento, mais abraço, mais alegria e tudo o que eu puder levar, eu vou tá aqui e vou levar. Porque como eu disse, eu me encontrei nessa missão, nessa função e nesse propósito.// Então, gente, um feliz ano novo pra todos nós, um 2020 incrível, pode me deixar parabéns aí nos comentários que eu adoro receber parabéns, eu adoro ser mimado no dia do meu aniversário que é a data que eu mais amo na minha vida, e também lá nas redes sociais, me procura lá no Instagram, enfim me segue lá e por lá a gente consegue conversar melhor. E se você gostou desse vídeo, deixa um like também e se inscreve aqui no canal, se ainda não for inscrito, e compartilha esse vídeo com todo mundo. E até o próximo, aquela beija. Tchau! [vinh.] ■



Vídeo D.15

PRA VOCÊ, O QUE É SER UM DIGITAL INFLUENCER? ESPECIAL 10 MIL INSCRITOS. **YouTube**. Enviado por Drew, 7 maio 2020. Color., son., tela 16:9, 720p, 7min 29s. Disponível em: <https://youtu.be/zPWOp1NVNYs>.

► [img.: vídeo compilatório de cenas variadas, aleatórias, de arquivo, com imagens de Drew em diversos momentos e situações, com narração em OFF, que pode ter sido editada em ordens não perceptíveis na transcrição] Olá, eu sou o Drew, e há quatro anos eu crio temas, gravo, edito, ou seja, crio conteúdo aqui no canal. São dias, noites, madrugadas em claro de muito trabalho pra trazer pra você um conteúdo de qualidade. É exaustivo sim, mas vale muito a pena. E vale a pena porque tem você aí do outro lado, sem você nada disso faria sentido. Mas bem antes dele existir, muita coisa já havia rolado, e pra você entender um pouquinho, eu vou contar hoje como tudo começou. Então vamos voltar no tempo.// [efeito especial sonoro, que simula o rebobinamento de uma fita] Antes de mais nada, eu sou ator. Tive muita sorte de ser escolhido por essa profissão que me enche de orgulho. Aos quinze anos de idade, eu fui assistir a um espetáculo de teatro pela primeira vez, e lembro de olhar para o palco e dentro de mim algo dizer: é isso que quero fazer da minha vida. E de fato era, e de fato é. Foram mais de 40 espetáculos nesses dezenove anos. Fiz faculdade de Artes Cênicas em São Paulo, onde eu também me profissionalizei e tirei meu DRT de ator. Em 2013, me mudei pra Belo Horizonte com um contrato com o SESI Minas, e foi onde me profissionalizei em Direção e tirei meu DRT de diretor através do SATED Minas Gerais. E foi em BH também que eu estreei um dos

espetáculos mais especiais da minha vida: Mariana, em parceria com a banda O Teatro Mágico, e ganhamos sete prêmios em um festival nacional de teatro em Varginha. E durante todos esses anos como ator e diretor, eu me apaixonei em produção. Afinal de contas, nós artistas independentes precisamos nos produzir o tempo todo. Em 2016 eu me encantei pela plataforma digital e resolvi então lançar mais um desafio na minha vida. E assim me tornei youtuber. É engraçado dizer essa palavra, youtuber, parece algo muito chique, mas não é só glamour. E eu pergunto pra você: na sua opinião, o que é ser um digital influencer?// O digital influencer é a pessoa que detém o poder da influência em um determinado grupo de pessoas. Os influenciadores digitais impactam centenas e até milhares de seguidores, todos os dias, com o seu estilo de vida, opiniões e hábitos. E foi então que nasceu o canal Entreato. A ideia do canal era falar e mostrar bastidores de espetáculos, viagens com as peças que eu apresentava, e entre um ato e outro, nós falaríamos sobre algum assunto. E assim foi. No dia 14 de janeiro de 2016 soltei o primeiro vídeo, bem tímido e assustado ainda. Ele tem até hoje 644 visualizações. No mesmo ano fui entrevistado pelo ator Eduardo Sterblitch e nos beijamos em cena. Foi o meu primeiro vídeo a passar de mil visualizações [car.: 4,2 mil visualizações], descobri então que beijar famosos dá até uma audiência. Foram diversos vídeos depois disso tudo. Todas as semanas lá estava eu falando sobre alguma coisa, e chegamos então nos primeiros 200 inscritos. Que lindo foi comemorar isso. Em 2017 vieram os primeiros 500 inscritos, e a gente comemorou também. E foi no mesmo ano que voltei pra São Paulo. Então a marca Entreato se transformou na empresa Entreato Produções Artísticas, e o canal seguia a todo vapor. ((=)) Foi um ano inteiro de produção no canal paralelo às produções da produtora artística, e foi então que eu senti que era hora de mudar algumas coisas, porque a linguagem do canal não estava dialogando com a linguagem da produtora. E após madrugadas traçando novos planos, em 2018 surge então o canal Drew. Senti que enfim estava sendo eu de verdade e podia discutir coisas que de fato eu queria falar. E foram muitos vlogs de viagens com espetáculos, e muitas discussões lindas sobre assuntos e temas muito importantes, mas dentro de mim algo dizia que ainda precisava de mais, que lá no fundo eu não estava sendo cem por cento. Foi quando eu tomei a decisão de falar sobre algo muito íntimo e impactante em minha vida: o HIV. (=) E no dia 19 de janeiro de 2019 soltei o vídeo “Sou soropositivo”. Foi um choque pra muita gente, mas um alívio pra mim. Eu precisava falar sobre isso.// [img.: trechos do vídeo “Sou Soropositivo”, em que Drew fala: “talvez esse seja um dos vídeos mais difíceis que eu já gravei aqui no canal, e também o mais sincero de todos eles”] Algumas semanas depois, após outros tantos vídeos, eu resolvi contar a história em detalhes do dia do diagnóstico, e esse vídeo hoje passou de 330 mil visualizações [car.: 336 mil visualizações] e fez com que muita gente conhecesse o canal.// [img.: trechos de vídeo, em que Drew fala: “então eu resolvi vir contar pra vocês como foi aquele dia, o dia do diagnóstico, do dia que eu soube que sou

soropositivo”] Comecei então a receber mensagens de muitas pessoas pedindo ajuda, precisando conversar e ser acolhidas, aí então eu entendi qual havia se tornado a minha missão enquanto comunicador e influenciador. E eu volto a perguntar pra você que chegou até aqui nesse vídeo: pra você, o que é ser um digital influencer? Talvez influenciar seja tocar pessoas, talvez seja motivar pessoas, talvez influenciar seja motivar pessoas, ou talvez seja simplesmente salvar vidas. E eu te pergunto: quantas vidas você salvou hoje? (=) Nos últimos 365 dias, o canal teve 33,1 milhão de impressões. Pode ser que eu tenha salvo 33 milhões de pessoas, ou pode ser que eu tenha salvo apenas uma. Pra mim já valeria muito a pena. (=) Influenciar é olhar para o outro, se conectar, falar a sua língua, acolher e fazê-lo entender que sempre vale a pena escolher viver. Obrigado pelos mais de 10 mil inscritos que alcançamos, sou grato todos os dias a cada um de vocês, e só estamos começando. Aquela beija. [vinh.] ■



Vídeo D.16

HIV : DO DIAGNÓSTICO A 5 ANOS DE CANAL. **YouTube**.
Enviado por Drew, 14 jan. 2021. Color., son., tela 16:9, 720p,
18min 38s. Disponível em: <https://youtu.be/IUeQ2FqH0o>.

► Eu tinha pensado em fazer um vídeo assim especial, tipo retrospectiva, eu ia pegar imagens lá do começo do canal, mais do meio, tudo o que rolou, quando mudou nome, e tudo mais, mas no fim das contas, eu acho que os vídeos que, os que me deram mais prazer além dos vídeos com convidados, que eu amo muito// sempre foram os vídeos onde eu só ligo a câmera e falo. Sabe, são eu acho que os vídeos mais sinceros, honestos e eu acho que é isso que que que foi durante esse tempo todo, entre eu e vocês. Foi essa honestidade, essa clareza, eu acho que foi isso que fez com que a gente se conectasse, e que a gente estivesse aqui agora, e que vocês estivessem vendo esse vídeo aqui agora.// Bom, hoje é meu aniversário, dia 14 de janeiro de 2021, eu estou completando 35 anos,// 35 anos de muita vida, de muita história, de muita coisa, muita coisa. E no mesmo dia do meu aniversário, dia 14 de janeiro, é o dia em que eu também lancei o canal, lá em 2016. Então hoje é também o canal completa cinco aninhos, e isso me deixa extremamente feliz e emocionado. E também hoje, na mesma data, dia 14 de janeiro, é o dia em que completa, agora de 2021, a gente completa dois anos em que eu soltei o primeiro vídeo no canal sobre HIV, e tornei público a minha sorologia, e aí tudo aconteceu, tudo mudou na minha vida, inclusive esse canal todo aqui mudou.// E muita gente chegou né, através dessa temática, alguns de antes ficaram, outros não,// porque né, era outra temática e tal.// E aí então eu resolvi ligar a câmera, pra falar um pouquinho disso tudo, e pra quem assim não conhece eu vou dar uma resumida em como foi que tudo isso chegou

até aqui, assim.// Eu recebi o meu diagnóstico em 2013, e desde antes né, eu já trabalhava como ator e diretor, e tudo mais, então após o diagnóstico, após viver toda aquele luto, tudo o que eu já contei, eu vou até deixar aqui pra quem não conhece a história, eu vou deixar aqui em cima pra você conhecer como foi o dia do diagnóstico, e todo toda a a todas as fases que eu passei né, pra pra pr'as questões de aceitação, e enfim, tudo isso tá aí nesse vídeo, então desde que... é, isso aconteceu, desde que aconteceu o diagnóstico, eu sempre tinha dentro de mim assim uma vontade muito grande de fazer alguma coisa em relação a esse assunto, e eu não sabia o que, eu não sabia como, eu não sabia como eu poderia falar sobre isso sem me expor. E é uma grande bobagem né, porque hoje eu entendo que é importantíssimo todos nós falarmos sobre né.// Independente se você é uma pessoa que vive com HIV ou não vive com HIV, todo mundo deveria falar porque é um assunto de todos nós né? Deveria ser assim. E aí na época eu não tinha esse pensamento, então eu pensava que eu falar sobre isso, eu teria que me expor, e aí eu ia expor todas as questões da minha vida, né, que a gente sabe que existe pelo fato de existir o preconceito, os estigmas, e tudo mais. Então eu ia colocar em risco o meu trabalho, ia colocar em risco a minha vida afetiva, a minha vida social, a família, enfim, então eu sempre deixava pra lá.// E aí passou 2014, 2015, e aí em 2016 quando, antes eu tava morando em Belo Horizonte, aí eu voltei pra minha cidade em Santa Rita do Sapucaí, no sul de Minas,// e aí lá na minha cidade, em 2016, foi onde eu resolvi que eu queria ter um canal no YouTube, foi quando eu comecei a conhecer alguns youtubers, e comecei a consumir mais esse tipo de trabalho.// Eu resolvi então que eu precisava de um bom nome, e precisava de uma boa temática né, sobre o quê que eu iria falar no canal. E aí então eu decidi que queria falar sobre o meu trabalho, sobre arte, sobre teatro, e mostrar os bastidores disso tudo, e mostrar eu na estrada com espetáculos e tudo mais, e aí foi então que eu criei o canal Entreato,// [img.: vinheta do canal Entreato e trechos com vídeos do canal antigo] e aí com o canal Entreato eu comecei a fazer tudo isso que eu disse, comecei a mostrar os bastidores, mostrar viagens, mostrar isso e aquilo, e assim era bem pequenininho né, não tinha muitas visualizações, tudo mais, e eu ali continuava e insistia toda semana soltava vídeo, e buscando criatividade não sei de onde, e aí fazendo, produzindo e tal, e aí passou então 2016, passou 2017,// eu mudei pra São Paulo, chegou em 2018.// E aí quando chegou em 2018, eu morando em São Paulo, eu transformei a marca Entreato né, que era o nome do canal, numa produtora artística chamada Entreato Produções Artísticas, e aí comecei a atender alguns clientes, clientes assim empresas, teatro empresa, teatro escola, e aí que as coisas começaram a acontecer. E aí foi nessa época que eu comecei a sentir que a linguagem de uma coisa não tava mais dialogando com a outra, assim que o canal se chamar Entreato, e nele eu falar de diversos assuntos que eu gostava e curtia falar né, sobre questões de homofobia, de machismo e tudo mais, não não batia ali com a linguagem da produtora, que tinha um

interesse ali de vender um produto ali, de vender um espetáculo né, e aí foi que eu resolvi que era hora de mudar as coisas de novo, // e eu então mudei toda a cara do canal, e mudei o nome do canal pra Drew. // [img.: vinheta do canal Drew e cenas aleatórias de vídeos realizados no novo canal] E por que eu botei Drew né, foi quando eu pensei: o que é que me faz querer voltar a um canal, o que faz me sentir é... à vontade, e com vontade de assistir um conteúdo de um influenciador, é quando me sinto amigo dele, me sinto próximo, íntimo, e aí eu pensei. // Como é que eu me sinto querido pelas pessoas próximas, e íntimas, é quando me chamam de Drew. // E aí eu pensei: então é isso, então eu quero que quem estiver do lado de lá, do lado daí, me chame de Drew. E que tenha essa intimidade, que possa se sentir também meu amigo, e como se a gente estivesse ali numa mesa, tomando uma cerveja, conversando sobre assuntos. E aí passou todo o ano de 2018, é onde eu produzi os vídeos já com essa nova cara, e foi muito bom porque aí eu me senti de verdade sendo eu, sabe. Mas aí lá no fundo tinha ainda uma coisinha que ainda dizia que eu precisava falar sobre esse assunto, sobre o assunto do HIV. E eu não sabia como, ainda não sabia como. E aí quando chegou no final do ano de 2018, eu consultei duas amigas, duas amigas muito queridas, a Débora e a Sil, e falei com elas que eu tava pensando em falar abertamente sobre isso no canal. E aí elas disseram que elas tinham certeza que isso ia acontecer, que elas me conhecendo elas sabiam que eu não ia guardar isso só pra mim. E que então era o momento, era o momento de eu dizer. // E aí eu consultei mais duas pessoas que já falavam sobre o assunto nas redes sociais, que é o Diego Krausz, que vocês já conhecem, e também o Daniel, o Dani Lima, // e aí eu os consultei pra perguntar, tipo e aí, o que acontece depois né, disso tudo? // E aí eles disseram: “Drew, vem ódio sim, mas vem muito mais amor. Então se você tá disposto a isso, seja muito bem vindo, sabe. Seja bem vindo à causa, e é isso”. E aí eu tomei essa decisão no final do ano de 2018. // E aí eu decidi que eu ia soltar esse vídeo no dia do meu aniversário. // E aí antes de eu soltar o vídeo eu falei com a minha família, eu falei com alguns amigos que ainda não sabiam e falei pra eles né, do que tinha acontecido, que essa era uma nova condição na minha vida, e que eu estava falando porque eu iria soltar esse vídeo e não queria que eles soubessem através de um vídeo. E aí a recepção deles foi muito positiva, foi muito boa assim, todos me deram muita força e me apoiaram muito nessa decisão e aquilo me deixou ainda mais seguro do que eu queria. E aí então eu gravei o vídeo, e soltei o vídeo no dia do meu aniversário, que é assim um dos dias que eu mais amo na minha vida. // [img.: trecho de vídeo de arquivo, com Drew narrando: “talvez esse seja um dos vídeos mais difíceis que eu já gravei aqui no canal, e também o mais sincero de todos eles”] // E foi muito significativo eu ter feito esse vídeo e ter soltado ele no dia do meu aniversário porque foi uma espécie de renascimento, assim, foi como se eu tivesse nascendo de novo. // E quando eu soltei o vídeo, o primeiro vídeo assim, a ideia era desabafar, ligar a câmera e falar, e colocar isso pra fora, pra que não tivesse

mais especulações, e que ninguém falasse mais absolutamente nada porque eu já estaria ali dizendo tudo, e é isso, e tal, seria então mesmo colocar isso pra fora. Eu não tinha pretensão de dali pra frente falar sobre esse assunto, e que isso viraria tudo isso que se transformou assim né, eu não tinha essa noção, eu não tinha essa pretensão. E aí eu soltei o vídeo e eu comecei a receber muitas mensagens, eu o vídeo começou a viralizar, eu comecei a receber várias mensagens e ligações// [img.: capturas de telas mostrando mensagens recebidas] de ONGs me convidando pra coisas, pra eventos, enfim, e comecei a receber mensagens e comentários ali no vídeo, e muitos comentários muito lindos e muito fofos e cheios de amor e tal.// E aí até que então eu recebi um dia// [img.: captura de tela mostrando mensagem recebida] a primeira mensagem dizendo “eu recebi meu diagnóstico, eu ia tirar minha vida, eu ia cometer suicídio, e eu desisti de fazer isso porque eu vi seu vídeo”.// E aí quando eu vi aquela mensagem assim, aí eu acho que aí foi ali que assim que caiu a ficha assim, e aí eu entendi, e aí eu entendi que tinha se transformado num grande propósito, e que dali pra frente essas, isso se transformaria numa grande missão de vida.// Eu senti que ali, que eu precisava seguir com isso, que eu precisava falar mais sobre isso, eu precisava acolher essas pessoas, eu precisava ouvir essas pessoas.// Eu precisava salvar essas pessoas.// E dali em diante, assim, muita coisa aconteceu.// Muita coisa boa, muita coisa ruim, porque dali eu fui ali aprendendo a lidar com mensagens negativas, com críticas, eu fui aprendendo a lidar com egos de outros influenciadores que falam do mesmo assunto, com egos de ativistas dessa causa, porque eu comecei a frequentar esses lugares do ativismo, onde eu conheci pessoas maravilhosas, pessoas incríveis, e espaços lindos e maravilhosos, que eu queria um vídeo inteiro pra eu citar os nomes de tanta gente que eu conheci, só que no meio de tantas pessoas bacanas// surgiam essas pessoas que começaram a me criticar e a dizer que eu era apenas um youtuber, quem eu tava achando que era pra chegar assim, me colocando como um ativista, sendo que eu nem, eu nunca me coloquei nesse lugar assim, hoje eu entendo que sim, eu sou, mas eu nunca, eu não cheguei me colocando dessa maneira.// Enfim, isso fez com que eu me afastasse de muitos lugares, de muitos espaços, de muitos eventos, e de muitas pessoas. E fui só seguindo o meu trabalho junto com vocês.// Então é muito doido pensar como isso tudo se transformou nisso aqui que é hoje, sabe?// [img.: vídeo de arquivo, com trechos de cenas aleatórias com Drew em variados momentos e situações] Nesses cinco anos de canal, assim foi foi tanta coisa que aconteceu, é eu guardo comigo, trago comigo assim com tanto carinho todos assim, todos os vídeos que eu gravei pra esse canal assim, desde o primeiro vídeo que eu não tinha// <choro> (=) que eu não tinha estrutura nenhuma, não tinha luz, não tinha estrutura de som, não tinha absolutamente nada.// [img.: vídeo de arquivo, com trechos de cenas aleatórias com Drew em variados momentos e situações] Eu achava tudo muito confuso ainda, não sabia exatamente sobre o quê que eu queria falar, não sabia, mas eu adorava sempre ligar a

câmera e gravar e editar assim com maior prazer, independente se tinha dez pessoas assistindo, se tinha vinte, se tinha cem, se tinha um, mas eu gostava muito de fazer isso.// E aí depois assim, sabe, quando começaram a a a me reconhecer como sendo um criador de conteúdo de verdade, assim, que nem tinha números grandes mas começaram a entender que era algo que eu de fato era muito apaixonado e sou, que era algo que eu fazia com muito prazer e com muita qualidade, e mesmo ali o canal pequenininho as pessoas elogiavam muito assim e aquilo me dava muita força.// Então é muito gostoso então olhar pra trás, assim, nesses cinco anos, e ver que eu posso não ser um youtuber com milhões de seguidores e inscritos, e tudo mais, mas eu me orgulho demais, assim, demais, e quando eu e quando eu assisto os vídeos do canal, assim, eu fico pensando// que assim, que em vários em vários momentos daqueles vídeos ali eu tava angustiado, e eu tava// eu tava muito aflito e com muita vontade de poder falar sobre o que de fato eu queria falar, mas eu nem sabia direito o que era, mas eu sabia que era algo relacionado a minha sorologia, ao HIV e tudo mais, de prevenção.// E cheio de medos, então quando eu assisto esses vídeos assim, eu fico pensando e lembrando desses momentos de tanta dor, assim, de... e era, eu tive, eu tinha momentos de de dor, e momentos de solidão, e momentos de desespero, e momentos de... em vários momentos que eram relacionados a minha sorologia e ao meu diagnóstico. E aí quando eu olho pra esses vídeos assim, eu lembro que como era ruim, sabe, eu não poder ligar a câmera e falar abertamente sobre todas essas dores e sobre tudo isso que eu sinto muitas vezes, e que hoje eu posso fazer isso, sabe?// Eu me encho de orgulho assim, eu me encho de orgulho// e aí eu senti muita vontade de ligar a câmera e falar com vocês, e fazer esse vídeo aqui só pra dizer o quanto eu sou grato assim por esses cinco anos, o quanto eu sou grato por por tudo o que que foi,// por tudo o que esse canal se tornou, por todos os vídeos que eu gravei, sou grato por todas as pessoas que toparam gravar comigo, mesmo eu não sendo um youtuber gigante.// Eu sou grato a, eu sou muito grato a cada um de vocês que tá aí agora assistindo, que já assistiu outros vídeos, que já assistiu alguma coisa um dia,// e você que tá chegando agora.// Eu sou extremamente grato.// E assim, poder hoje ter esse espaço aqui, poder falar com vocês sobre tudo isso// deu um sentido pra tudo, sabe? Deu um sentido pra que tudo acontecesse exatamente como tinha que acontecer desde o meu diagnóstico// até eu ter tornado isso público e se transformar nisso aqui.// Faz todo sentido, eu não consigo ver outro rumo pra essa história que não fosse esse, não consigo.// Então eu quero dizer que estou extremamente feliz, extremamente grato por esses 35 anos de vida, por esses cinco anos de canal, e por esses dois anos de sorologia exposta, ou sei lá como a gente pode chamar.// E eu quero dizer pra você que tá aqui, assistindo e que de repente caiu aqui de para quedas, ou pra você que já conhece o meu canal, já há algum tempo, e que sempre talvez venha até aqui em busca de um conforto, em busca de uma palavra positiva, de algo positivo, de algo bom, eu quero te dizer que você sempre

vai encontrar aqui uma palavra de conforto, você sempre vai encontrar algo que de repente vai te tirar de algum lugar ruim, que esse é o meu propósito de vida, e é isso que eu pretendo fazer até o fim dela. Se você tá aí e veio aqui em busca disso, seja muito bem vindo. Me busca também nas outras redes sociais, pode me chamar pra conversar no Instagram, no nosso grupo do WhatsApp, e eu espero poder sempre// estar disposto e com vitalidade, com saúde, pra poder sempre acolher vocês, pra poder sempre vir aqui e ligar a câmera e falar tudo isso. Então eu só quero agradecer, obrigado, obrigado e obrigado, eu sou muito muito grato a cada um de vocês.// Então é isso, gente, deixa aqui nos comentários os parabéns pra mim, porque eu amo ser mimado, e paparicado e tudo mais, e se você gostou desse vídeo, não esquece de se inscrever no canal, também deixar o seu like também, compartilhar ele com todo mundo, e aqui na descrição tem o link do grupo do WhatsApp, entra lá pra gente conversar mais. E até o próximo, aquela beija. Tchau! [vinh.] ■

APÊNDICE E – CLASSIFICAÇÕES GERAIS DOS CONTEÚDOS

Tabela E.1 – Informações de audiência nos canais que compreendem o estudo.

Nome do canal	Nº de inscritos	Visualizações totais
<i>Caio Régis</i>	11 mil	568.016
<i>Chá dos 5**</i>	48,6 mil	3.472.103
<i>Confissões de um soropositivo</i>	22,9 mil	1.737.975
<i>Diego Krausz**</i>	24,5 mil	1.073.788
<i>Discordantes</i>	7,45 mil	368.891
<i>Drew</i>	13,6 mil	859.334
<i>Falo Memo!</i>	17,4 mil	1.101.146
<i>Há Vida com HIV*</i>	1,43 mil	77.908
<i>HDiário</i>	40,5 mil	2.225.806
<i>HIVIVA</i>	12,8 mil	583.289
<i>João Geraldo Netto</i>	12,2 mil	2.287.540
<i>NossaHannis</i>	1,81 mil	55.340
<i>Posithividades</i>	6,19 mil	364.163
<i>Positivo Matheus</i>	2,72 mil	579.239
<i>Projeto Boa Sorte</i>	31,2 mil	919.231
<i>Prosa Positiva</i>	5,68 mil	274.143
<i>Super Indetectável</i>	61,8 mil	7.356.974
<i>Vivendo Positivamente*</i>	1,44 mil	103.951

Fonte: YouTube, com base nas informações consultadas em 23 fev. 2022. Elaboração do autor.

Notas:

(*) O canal encontra-se desativado nesta data, sendo que as informações dizem respeito à última coleta de informações, na data de 17 jun. 2020, quando os conteúdos da página estavam disponíveis no site.


(**) As informações sobre as visualizações e inscritos dizem respeito à página em sua totalidade, que inclui conteúdos mistos e temáticos.

Tabela E.2 – Classificação dos canais, de acordo com o *ranking* nacional (*SocialBlade*).

Canal	Posição no ranking (BR)	Posição
<i>Super Indetectável</i>	2.888	1º
<i>Gabriel Comicholi</i>	3.629	2º
<i>Projeto Boa Sorte</i>	4.205	3º
<i>Diego Krausz</i>	4.778	4º
<i>Léo Cezimbra</i>	4.969	5º
<i>Lucas Raniel</i>	5.731	6º
<i>Drew</i>	6.506	7º
<i>HIVIVA</i>	6.681	8º
<i>João Geraldo Netto</i>	6.838	9º
<i>Caio Regis</i>	7.186	10º
<i>Discordantes</i>	8.680	11º
<i>Posithividades</i>	9.406	12º
<i>Prosa Positiva</i>	9.714	13º
<i>NossaHannis</i>	12.921	14º
<i>Há Vida com HIV</i>	...	15º
<i>Positivo Matheus</i>	...	16º

Elaboração do autor. Base de dados: SocialBlade. Informações construídas em 24 fev. 2022.

Tabela E.3 – Lista com os 15 vídeos mais visualizados entre os canais selecionados.

Posição	Referência	Visualizações	Curtidas
1º	Como descobri que estava com HIV – Falo Memo. YouTube . Enviado por Lucas Raniel - Falo Memo!, 22 mar. 2018. Color., son., 1080p, 7min 33s. Disponível em: https://youtu.be/EHYcplOCip4 .	965.232	30 mil
2º	COMO DESCOBRI QUE TINHA HIV SUPER INDETECTÁVEL. YouTube . Enviado por Super Indetectável, 30 maio 2018. Color., son., 1080p, 6min 36s. Disponível em: https://youtu.be/9bb8C-Xs7pM .	821.724	25 mil
3º	PRIMEIROS SINTOMAS DO HIV SUPER INDETECTÁVEL. YouTube . Enviado por Super Indetectável, 7 maio 2018. Color., son., 1080p, 6min 23s. Disponível em: https://youtu.be/HWYMP-qaiYE .	781.999	16 mil
4º	DEU POSITIVO (HIV +). YouTube . Enviado por Diego Krausz, 4 out. 2018. Color., son., 1080p, 4min 42s. Disponível em: https://youtu.be/O93OgK7Q_90 .	661.070	39 mil
5º	HIV/AIDS – COMO EU DESCOBRI QUE EU TENHO HIV Léo Cezimbra. YouTube . Enviado por Léo Cezimbra, 27 dez. 2018. Color., son., 1080p, 8min 40s. Disponível em: https://youtu.be/Hj8_Qk8059g .	524.657	19 mil
6º	 A história de como contraí HIV. YouTube . Enviado por Caio Régis, 16 maio 2019. Color., son., 1080p, 5min 40s. Disponível em: https://youtu.be/H4PHZ7FMrwc .	453.836	23 mil
7º	AUTOTESTE ANTI-HIV COMPRADO DA FARMÁCIA SUPER INDETECTÁVEL. YouTube . Enviado por Super Indetectável, 8 ago. 2017. Color., son., 1080p, 13min 31s. Disponível em: https://youtu.be/VA64qXY_1Q8 .	359.959	8,8 mil
8º	O DIA EM QUE RECEBI MEU DIAGNÓSTICO HIV + POSITIVO AIDS. YouTube . Enviado por Drew, 20 fev. 2019. Color., son., 1080p, 13min 40s. Disponível em: https://youtu.be/Cdy0CdqLDEA .	357.276	15 mil
9º	Como descobri que sou soropositivo – Sintomas do HIV. YouTube . Enviado por Positivo Matheus, 11 nov. 2016. Color., son., 720p, 7min 12s. Disponível em: https://youtu.be/DfYueIJKxE .	351.170	3 mil
10º	HIV/AIDS – COMO TRATEI O MEU HPV Léo Cezimbra. YouTube . Enviado por Léo Cezimbra, 24 abr. 2019. Color., son., 1080p, 10min 27s. Disponível em: https://youtu.be/kwH8JF-AxMU .	319.933	12 mil
11º	HDIÁRIO # 1 DESCOBERTA Gabriel Comicholi. YouTube . Enviado por Gabriel Comicholi, 1 abr. 2016. Color., son., 1080p, 7min 12s. Disponível em: https://youtu.be/qQisktE0UR4 .	285.361	11 mil
12º	HIV/AIDS – Como eu descobri que tenho HIV. YouTube . Enviado por HIVIVA, 6 ago. 2019. Color., son., 1080p, 11 min 51s. Disponível em: https://youtu.be/PCXGyD90_R4 .	192.614	6,7 mil
13º	HDIÁRIO # 2 INÍCIO DE TRATAMENTO Gabriel Comicholi. YouTube . Enviado por Gabriel Comicholi, 6 abr. 2016. Color., son., 1080p, 7min 51s. Disponível em: https://youtu.be/UdnnFgD1O5w .	153.961	6,5 mil

14º	EU TENHO CERTEZA QUE TENHO HIV. YouTube . Enviado por João Geraldo Netto, 25 dez. 2016. Color., son., 720p, 7min 36s. Disponível em: https://youtu.be/PBbLKAmF-H0 .	142.767	2,9 mil
15º	HIV/AIDS - O QUE A FAMÍLIA BOLSONARO PENSA SOBRE AS PESSOAS QUE VIVEM COM HIV Léo Cezimbra. YouTube . Enviado por Léo Cezimbra, 16 set. 2018. Color., son., 480p, 5min 47s. Disponível em: https://youtu.be/aaSteYFSneQ .	126.916	7 mil

Fonte: YouTube, com base nas informações consultadas em 08 mar. 2022. Elaboração do autor.

Tabela E.4 – Lista com os 5 vídeos com mais comentários no canal *Confissões de um Soropositivo*

Posição	Referência	Visualizações	Comentários
1º	HIV/AIDS - COMO TRATEI O MEU HPV Léo Cezimbra. YouTube . Enviado por Léo Cezimbra, 24 abr. 2019. Color., son., 1080p, 10min 27s. Disponível em: https://youtu.be/kwH8JF-AxMU .	323.552	2.087
2º	HIV/AIDS - O QUE A FAMÍLIA BOLSONARO PENSA SOBRE AS PESSOAS QUE VIVEM COM HIV Léo Cezimbra. YouTube . Enviado por Léo Cezimbra, 16 set. 2018. Color., son., 480p, 4min 47s. Disponível em: https://youtu.be/aaSteYFSneQ .	126.933	1.887
3º	HIV/AIDS - COMO EU DESCOBRI QUE EU TENHO HIV Léo Cezimbra. YouTube . Enviado por Léo Cezimbra, 27 dez. 2018. Color., son., 1080p, 8min 40s. Disponível em: https://youtu.be/Hj8_Qk8059g .	526.862	1.750
4º	HIV/AIDS - AFINAL... COMO EU "PEGUEI" HIV? Léo Cezimbra. YouTube . Enviado por Léo Cezimbra, 18 maio 2019. Color., son., 1080p, 11min 52s. Disponível em: https://youtu.be/hY4y0QWki7s .	111.555	485
5º	HIV/AIDS - "DEU NEGATIVO, MAS NÃO ACREDITO" Léo Cezimbra. YouTube . Enviado por Léo Cezimbra, 4 out. 2019. Color., son., 1080p, 9min 41s. Disponível em: https://youtu.be/HDZD9WkPQnl .	16.633	476

Fonte: Ranking fornecido pelo SocialBlade. Informações de audiência com base na consulta ao YouTube, em 20 abr. 2022. Elaboração do autor.

Tabela E.5 – Lista com os 5 vídeos com mais comentários no canal *Projeto Boa Sorte*

Posição	Referência	Visualizações	Comentários
1º	<p>COMO DESCOBRI E TRATEI O HPV. YouTube. Enviado por Projeto Boa Sorte, 7 ago. 2018. Color., son., 1080p, 16min 24s. Disponível em: https://youtu.be/u2AuzrCNkbg.</p>	75.453	457
2º	<p>ESQUECEU DA CAMISINHA? VOCÊ PRECISA CONHECER ESSES 10 MITOS SOBRE A PEP!. YouTube. Enviado por Projeto Boa Sorte, 11 fev. 2016. Color., son., 1080p, 10min 00s. Disponível em: https://youtu.be/O3KGapYKXyw.</p>	42.435	365
3º	<p>O QUE É JANELA IMUNOLÓGICA NO EXAME DE HIV?. YouTube. Enviado por Projeto Boa Sorte, 23 ago. 2018. Color., son., 1080p, 10min 54s. Disponível em: https://youtu.be/o4G2q92AzB0.</p>	20.269	324
4º	<p>QUAIS SÃO OS SINTOMAS DO HIV?. YouTube. Enviado por Projeto Boa Sorte, 7 jun. 2018. Color., son., 1080p, 9min 49s. Disponível em: https://youtu.be/7K_lp12TFBs.</p>	45.474	288
5º	<p>A VERDADE SOBRE A CURA DO HIV. YouTube. Enviado por Projeto Boa Sorte, 28 nov. 2018. Color., son., 1080p, 8min 20s. Disponível em: https://youtu.be/E2cTgkBoa18.</p>	47.606	252

Fonte: Ranking fornecido pelo SocialBlade. Informações de audiência com base na consulta ao YouTube, em 20 abr. 2022. Elaboração do autor.

Tabela E.6 – Lista com os 5 vídeos com mais comentários no canal *Super Indetectável*

Posição	Referência	Visualizações	Comentários
1º	QUAL É A JANELA IMUNOLÓGICA DO HIV SUPER INDETECTÁVEL. YouTube . Enviado por Super Indetectável, 14 maio 2018. Color., son., 1080p, 5min 00s. Disponível em: https://youtu.be/UteFAIGfHAW .	121.429	3.439
2º	PRIMEIROS SINTOMAS DO HIV SUPER INDETECTÁVEL. YouTube . Enviado por Super Indetectável, 8 maio 2018. Color., son., 1080p, 6min 23s. Disponível em: https://youtu.be/HWYMP-gajYE .	805.697	3.097
3º	COMO DESCOBRI QUE TINHA HIV SUPER INDETECTÁVEL. YouTube . Enviado por Super Indetectável, 30 maio 2018. Color., son., 1080p, 6min 36s. Disponível em: https://youtu.be/9bb8C-Xs7pM .	834.823	1.888
4º	TENHO CERTEZA QUE TENHO HIV OU AIDS SUPER INDETECTÁVEL. YouTube . Enviado por Super Indetectável, 10 jul. 2017. Color., son., 720p, 7min 36s. Disponível em: https://youtu.be/s8fZxfRMtAw .	71.295	1.406
5º	PEP (PROFILAXIA PÓS-EXPOSIÇÃO) CONTRA O HIV SUPER INDETECTÁVEL. YouTube . Enviado por Super Indetectável, 3 jul. 2017. Color., son., 1080p, 6min 48s. Disponível em: https://youtu.be/QhIFZVtnxVI .	54.281	1.331

Fonte: Ranking fornecido pelo SocialBlade. Informações de audiência com base na consulta ao YouTube, em 20 abr. 2022. Elaboração do autor.

Tabela E.7 – Lista com os 5 vídeos com mais comentários no canal *Drew*

Posição	Referência	Visualizações	Comentários
1º	O DIA EM QUE RECEBI MEU DIAGNÓSTICO HIV + POSITIVO AIDS. YouTube . Enviado por Drew, 20 fev. 2019. Color., son., 1080p, 13min 40s. Disponível em: https://youtu.be/Cdy0CdqLDEA .	357.961	2.780
2º	HIV/AIDS - MEDICAMENTOS E OS EFEITOS COLATERAIS. YouTube . Enviado por Drew, 25 abr. 2019. Color., son., 1080p, 11min 02s. Disponível em: https://youtu.be/kVZ3HcBhY5I .	39.943	557
3º	AS VANTAGENS DE TER HIV. YouTube . Enviado por Drew, 11 dez. 2019. Color., son., 1080p, 3min 23s. Disponível em: https://youtu.be/Q44gPxdqvl .	25.731	373
4º	HIV PSICOLÓGICO. YouTube . Enviado por Drew, 4 jun. 2020. Color., son., 1080p, 10min 02s. Disponível em: https://youtu.be/Cn1IV0oU9Ms .	7.170	372
5º	BIG BROTHER BRASIL E OS PARTICIPANTES HIV POSITIVO BBB22. YouTube . Enviado por Drew, 29 abr. 2020. Color., son., 1080p, 13min 04s. Disponível em: https://youtu.be/0_nbv1kZNTg .	63.370	357

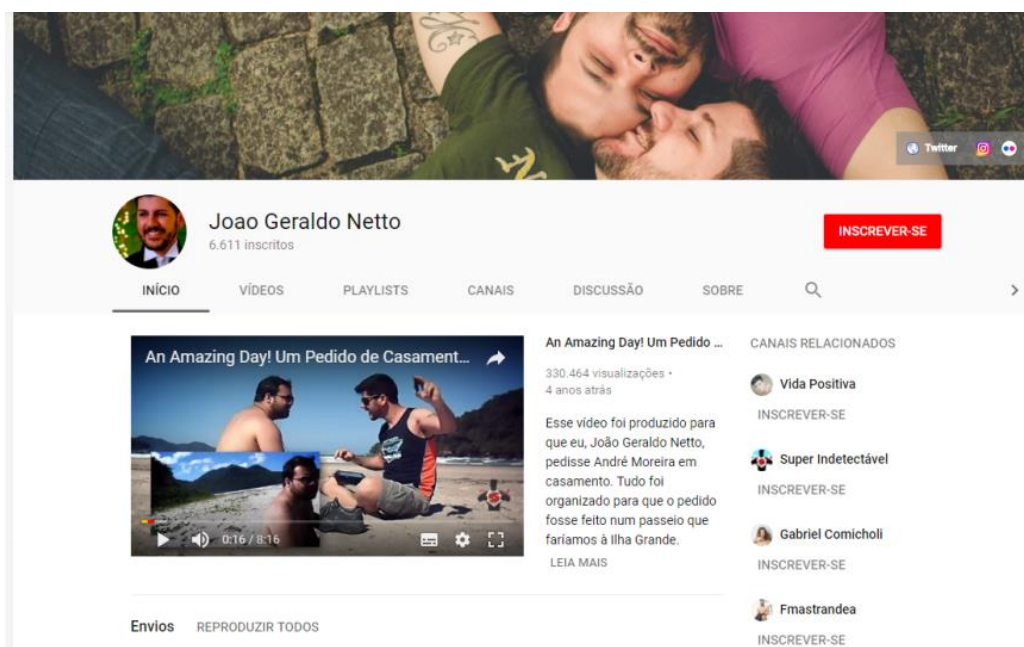
Fonte: Ranking fornecido pelo SocialBlade. Informações de audiência com base na consulta ao YouTube, em 20 abr. 2022. Elaboração do autor.

ANEXO A – CANAIS OBSERVADOS DURANTE A PESQUISA

1. Canais dos influenciadores soropositivos, com conteúdos públicos.

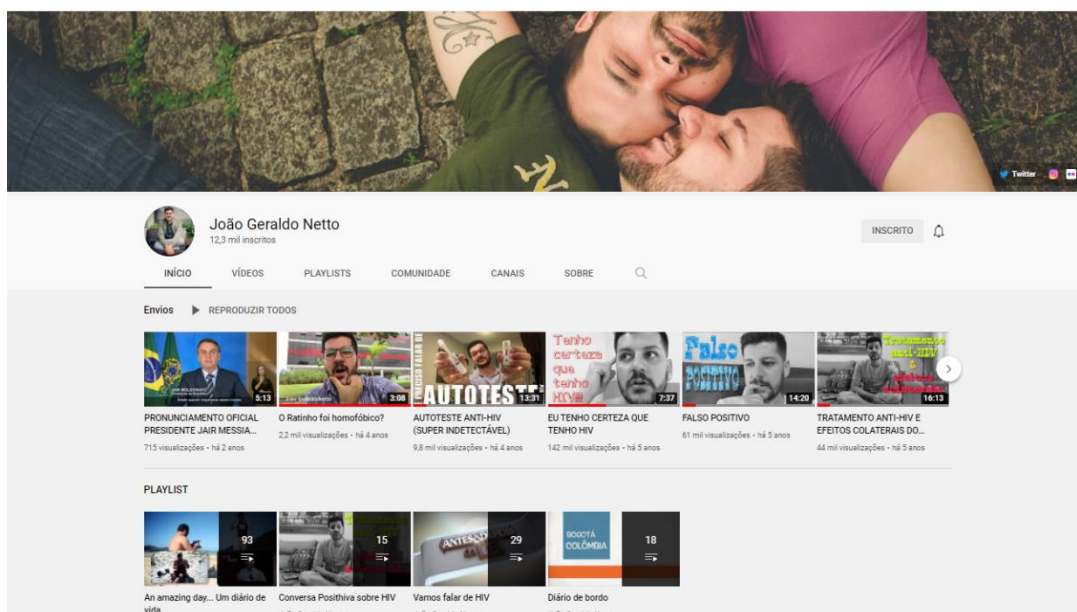
1.1. João Geraldo Netto (<https://www.youtube.com/user/Nettinhos>)

Figura A.1 – Canal João Geraldo Netto, página inicial (2017).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 07 set. 2017.

Figura A.2 – Canal João Geraldo Netto, página inicial (2022).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 25 mar. 2022.

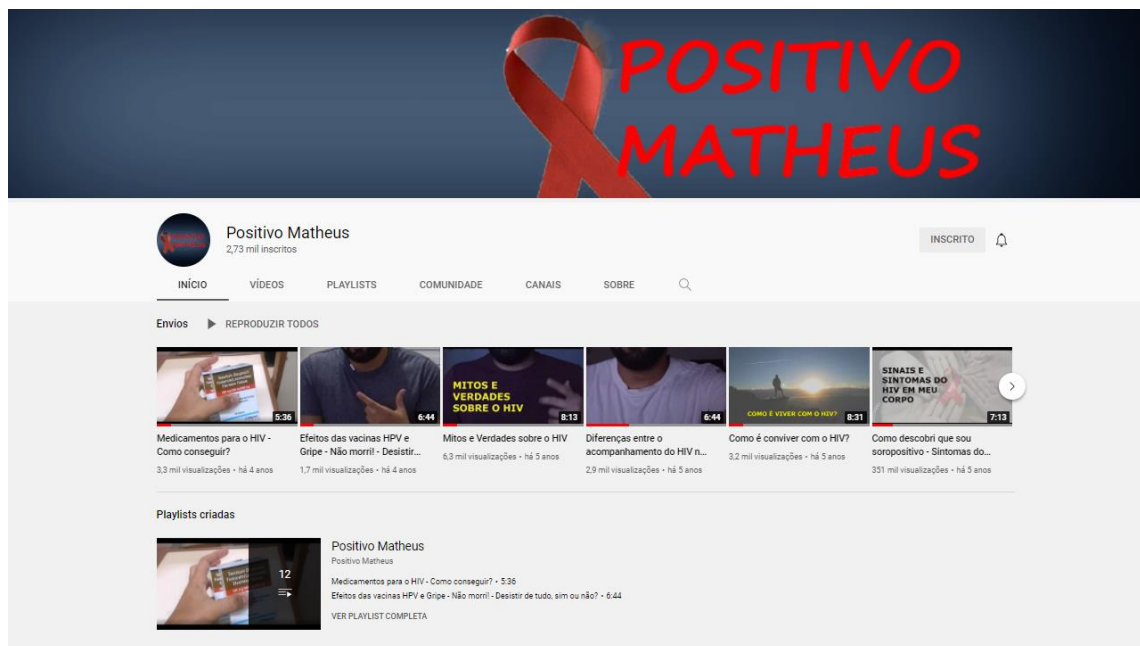
1.2. *Positivo Matheus*
 (<https://www.youtube.com/channel/UCrVvcphDBKg5YwZLE3Q0yww>)

Figura A.3 – Canal *Positivo Matheus*, página inicial (2017).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 07 set. 2017.

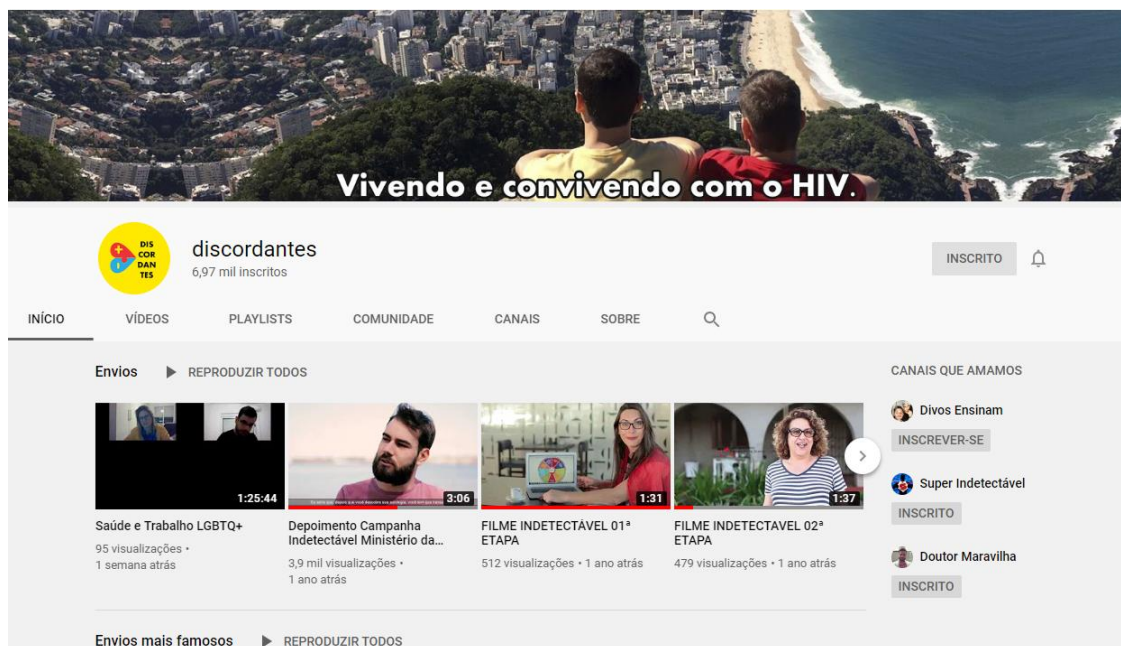
Figura A.4 – Canal *Positivo Matheus*, página inicial (2022).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 25 mar. 2022.

1.3. *Discordantes*
<https://www.youtube.com/channel/UCGJ0bgsIQM-qZgCOvpHd4zw>

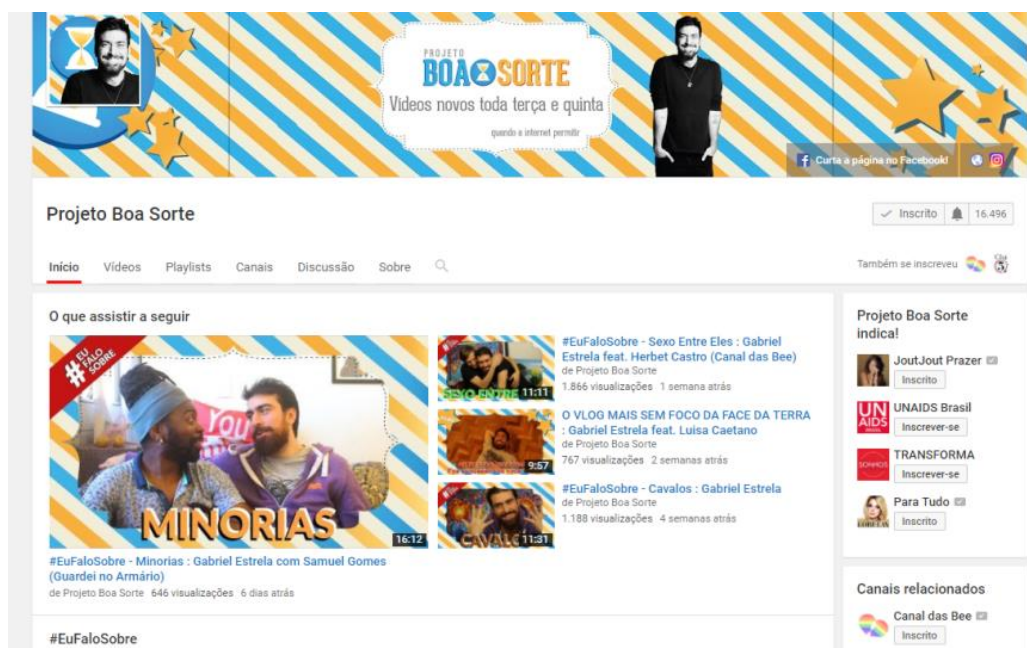
Figura A.5 – Canal *Discordantes*, página inicial (2020).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 17 jun. 2020.

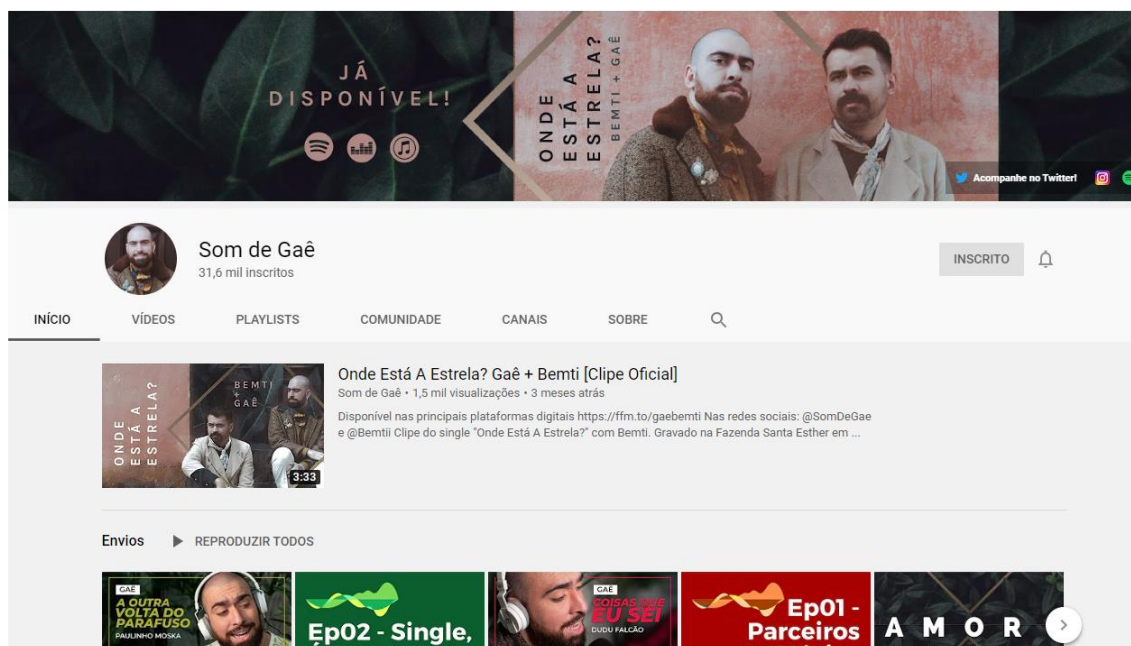
1.4. *Projeto Boa Sorte*
<https://www.youtube.com/channel/UCcg2yzyxjl1Lc8LMjo6y1Tg>

Figura A.6 – Canal *Projeto Boa Sorte*, página inicial (2017).



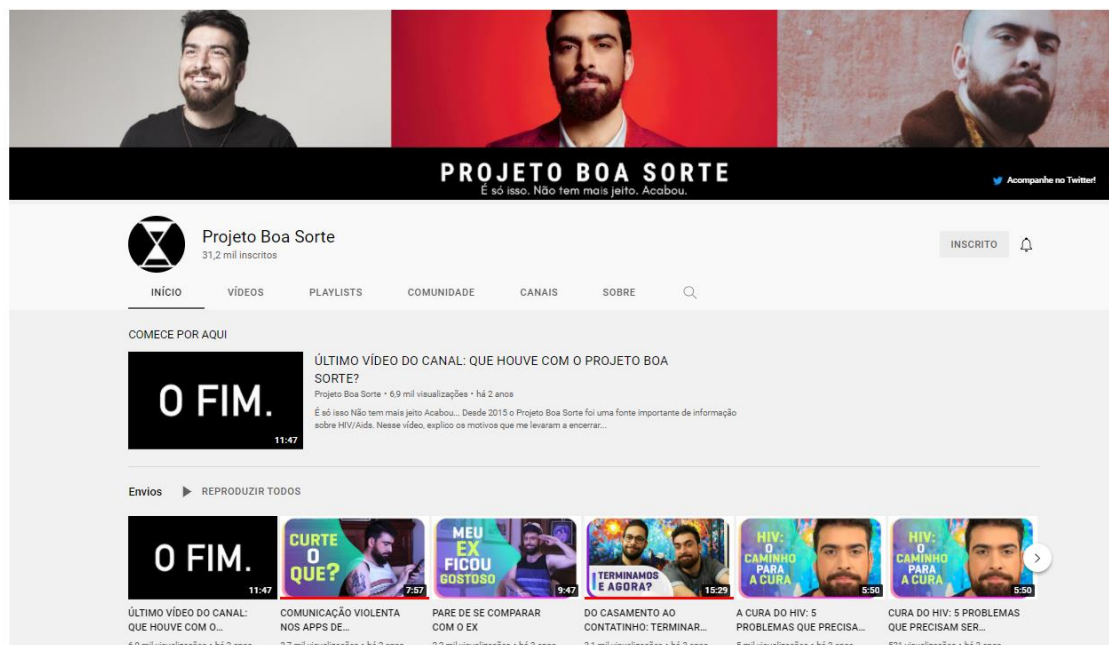
Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 30 ago. 2017.

Figura A.7 – Canal *Projeto Boa Sorte* (como *Som de Gaê*), página inicial (2020).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 17 jun. 2020.

Figura A.8 – Canal *Projeto Boa Sorte*, página inicial (2022).

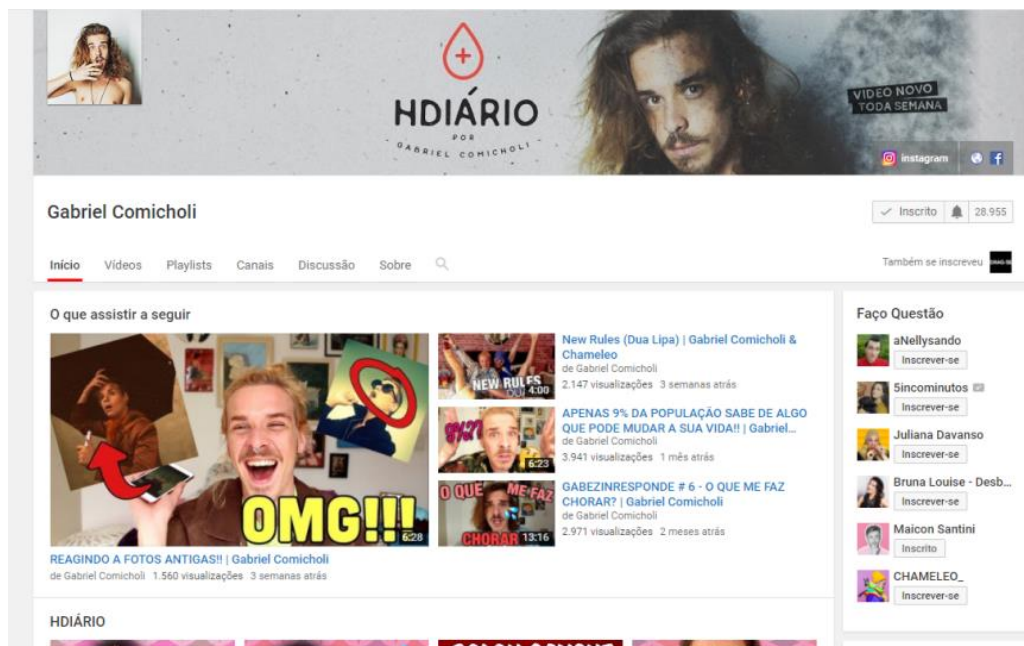


Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 20 fev. 2022.

Nota: aqui fica destacado o período em que os vídeos do *Projeto Boa Sorte* foram arquivados (sem visualização pública), e a página mudou de nome para *Som de Gaê*, cujos conteúdos eram performances musicais de Gabriel Estrela (como Gaê). Depois, os vídeos retornaram para visualização, o nome da página retornou para seu título inicial, porém com a mensagem de “canal desativado” na descrição.

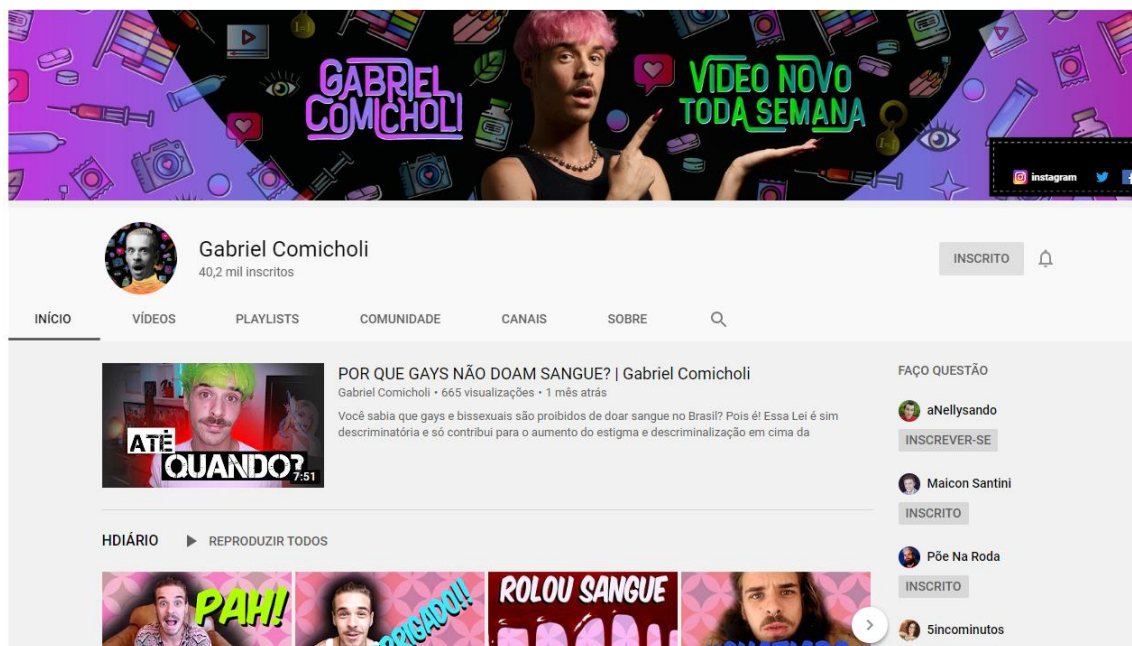
1.5. *HDIário*
(<https://www.youtube.com/c/Gabrielcomicholi>)

Figura A.9 – Canal *HDIário*, página inicial (2017).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 30 ago. 2017.

Figura A.10 – Canal *Gabriel Comicholi*, página inicial (2020).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 17 jun. 2020.

Figura A.11 – Canal *Gabriel Comicholi*, lista *HDIário* (2022).

The image shows a YouTube channel page for 'Gabriel Comicholi'. The channel name is at the top left, with a profile picture and a 'INSCRITO' button. Below the channel name, there are icons for playlist, share, and other options. The main content is a playlist titled 'HDIÁRIO' with 22 videos and 13,862 views. The playlist is displayed as a list of 7 video thumbnails with their titles and durations:

1. HDIÁRIO # 1 DESCOBERTA | Gabriel Comicholi (7:13)
2. HDIÁRIO # 2 INÍCIO DE TRATAMENTO | Gabriel Comicholi (7:52)
3. HDIÁRIO # 3 BORA FAZER UM EXAME COMIGO | Gabriel Comicholi (4:28)
4. HDIÁRIO # 4 ALOU MÉDICOS | Gabriel Comicholi (9:33)
5. HDIÁRIO # 5 - 2º MES DE TRATAMENTO | Gabriel Comicholi (8:44)
6. HDIÁRIO # 6 VIDA AMOROSA | Gabriel Comicholi (11:57)
7. HDIÁRIO # 7 SONHOS HIPER-REALISTAS | Gabriel Comicholi (6:46)

Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 25 mar. 2022.

Nota: Observa-se a mudança na identidade do canal, quando o nome *HDIário* passou da imagem de capa para uma seção temática na *playlist*.

1.6. *Confissões de um Soropositivo* (<https://www.youtube.com/c/LéoCezimbra>)

Figura A.12 – Canal *Confissões de um Soropositivo*, página inicial (2017).

The image shows the YouTube channel page for 'Confissões de um Soropositivo' by Léo Cezimbra. The channel banner features the title 'CONFISSÕES DE UM SOROPositIVO por LÉO CEZIMBRA'. Below the banner, the channel name 'Leo Cezimbra' is displayed, along with 'Inscrito' and '762' subscribers. The navigation tabs include 'Início', 'Vídeos', 'Playlists', 'Canais', 'Discussão', and 'Sobre'. The main content area shows a list of activities:

- Leo Cezimbra enviado • adicionado a HIV/AIDS - Confissões de um soropositivo - conversa importante 14 horas atrás
- HIV/AIDS - 3 FILMES SOBRE HIV/AIDS QUE TODOS DEVERIAM VER - #1 (7:19)
- Leo Cezimbra gostou de um vídeo 13 horas atrás
- Low (feat. RuPaul) by Todrick Hall (3:29)

On the right side, there is a 'Canais relacionados' section with several channel recommendations, including 'Vida Positiva', 'Gabriel Comicholi', 'Super Indetectável', 'SpiceGirlsForever', 'Projeto Boa Sorte', and 'Fmastrandea'.

Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 30 ago. 2017.

Figura A.13 – Canal *Léo Cezimbra*, página inicial (2022).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 20 fev. 2022.

Figura A.14 – Canal *Léo Cezimbra*, lista *Confissões de um Soropositivo* (2022).

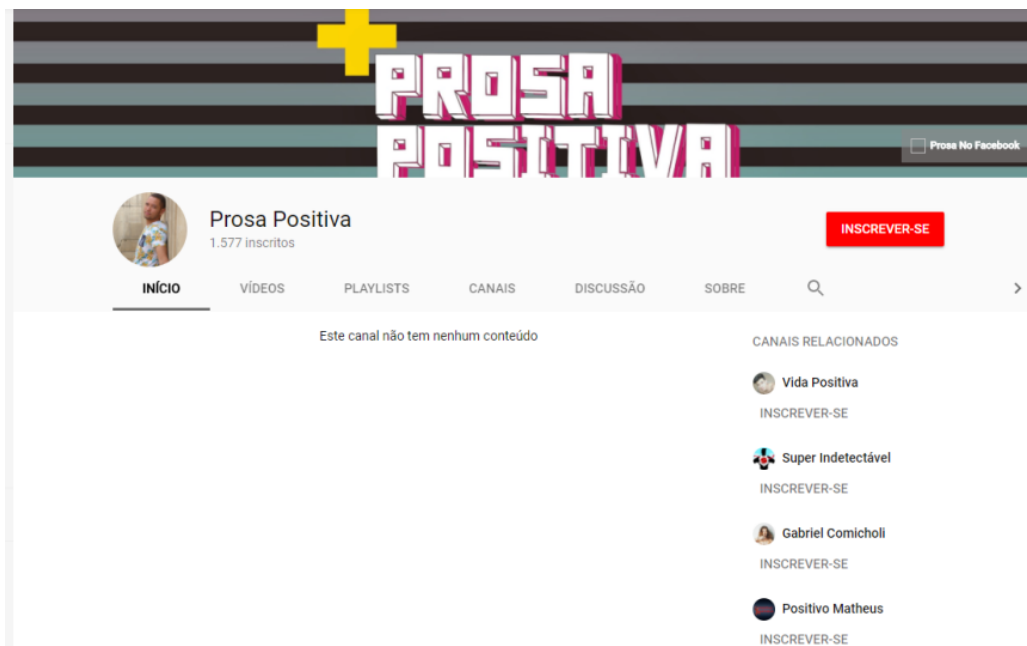


Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 25 mar. 2022.

Nota: Observa-se a mudança na identidade do canal, quando o nome *Confissões de um Soropositivo* passou da imagem de capa para uma seção temática na *playlist*.

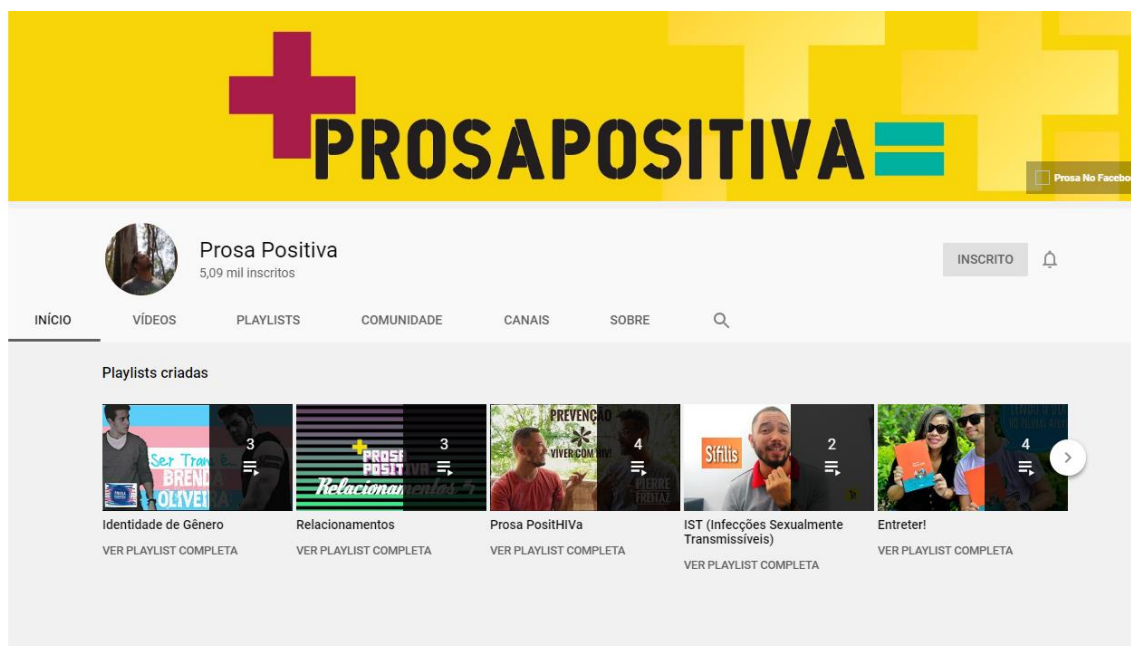
1.7. *Prosa Positiva*
 (<https://www.youtube.com/channel/UCvORuPRYH92ZGHRxb3OugoQ>)

Figura A.15 – Canal *Prosa Positiva*, página inicial (2017).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 07 set. 2017.

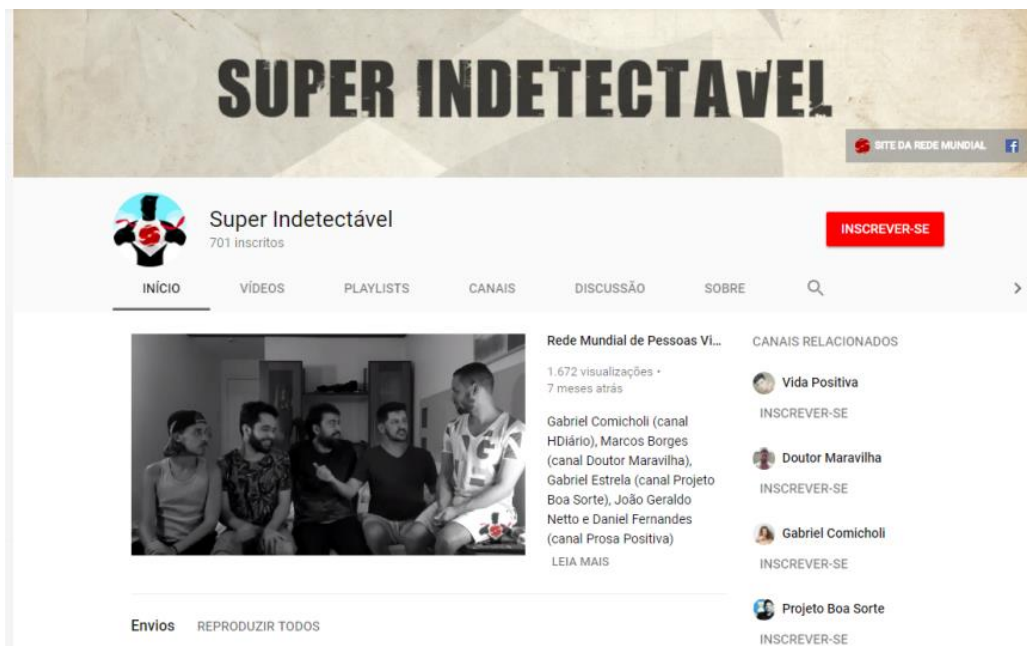
Figura A.16 – Canal *Prosa Positiva*, página inicial (2020).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 17 jun. 2020.

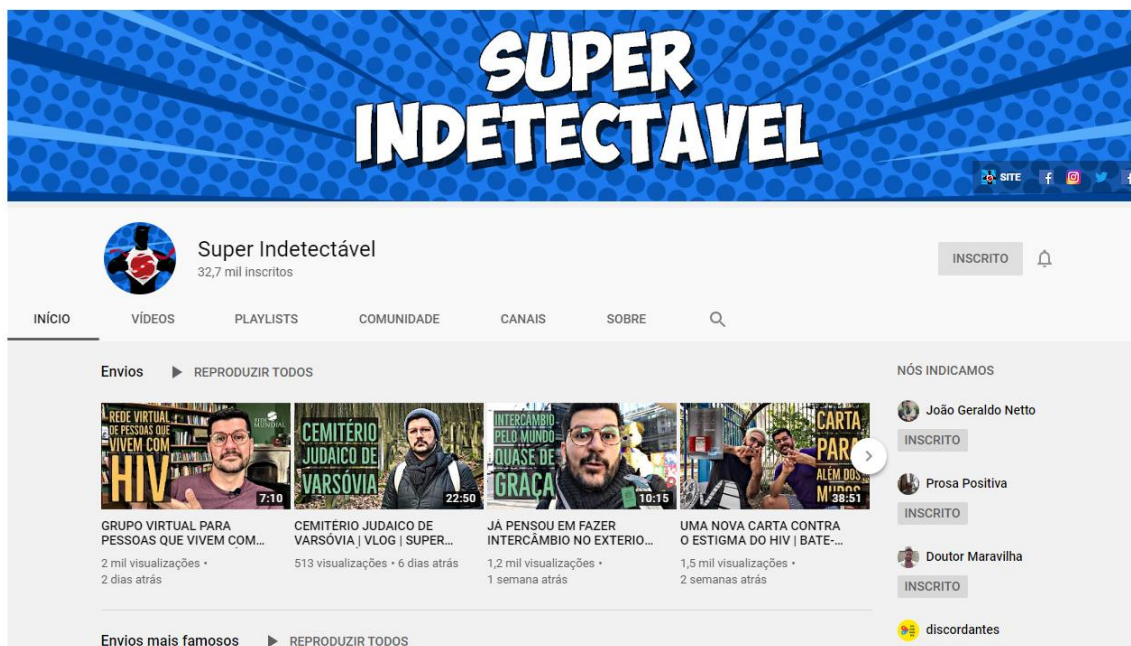
1.8. *Super Indetectável*
(<https://www.youtube.com/c/SuperIndetectável/>)

Figura A.17 – Canal *Super Indetectável*, página inicial (2017).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 07 set. 2017.

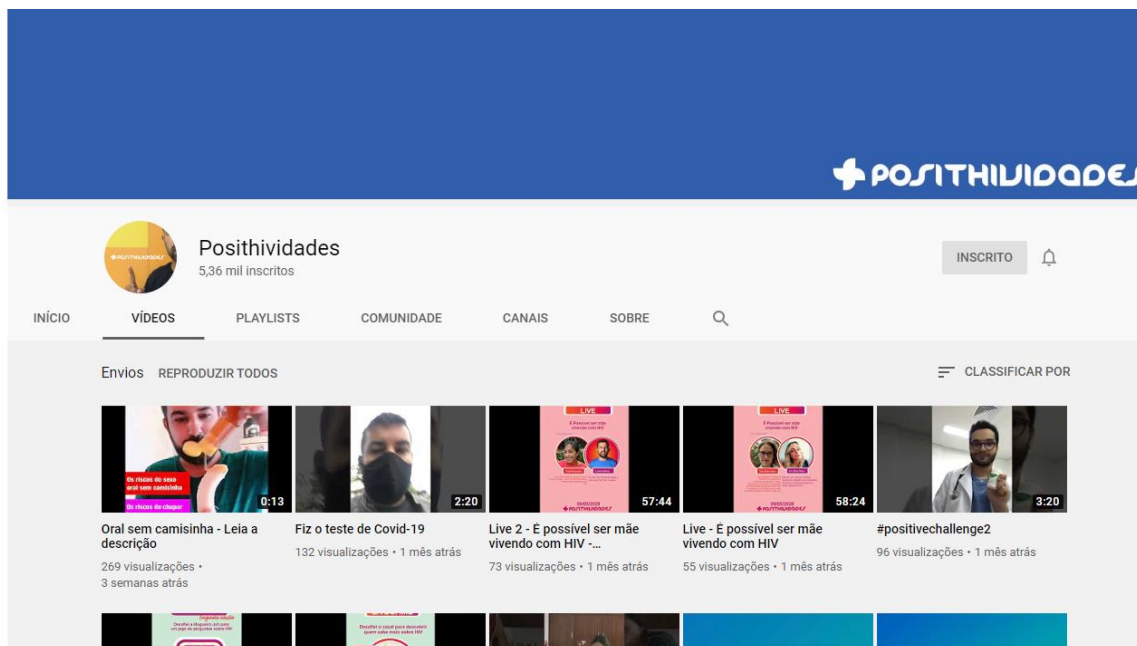
Figura A.18 – Canal *Super Indetectável*, página inicial (2020).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 17 jun. 2020.

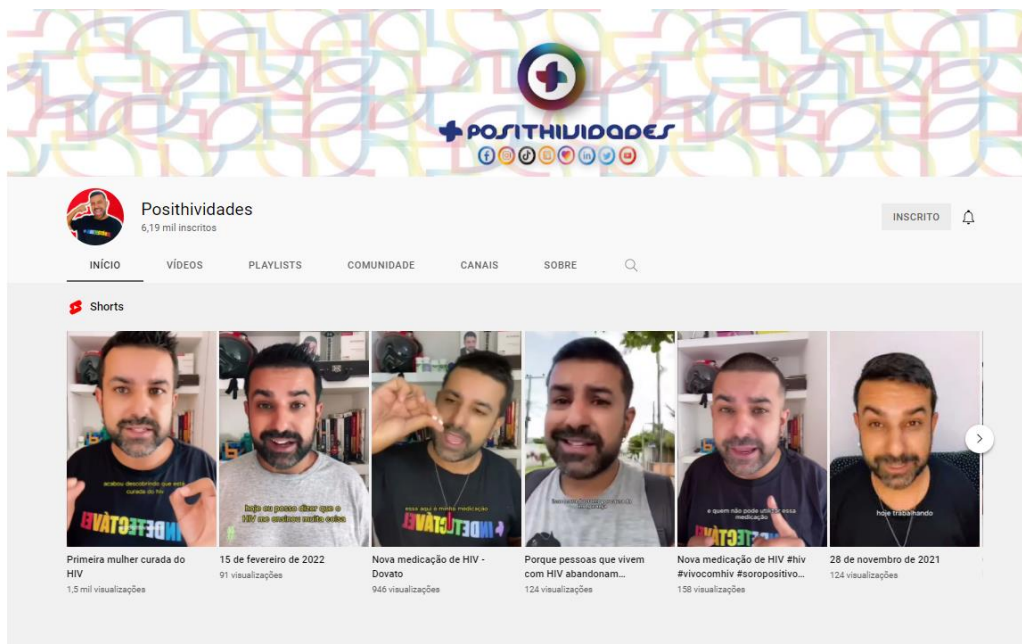
1.9. *Posithividades*
(<https://www.youtube.com/channel/Uck6LPTThGpXdfC6Gv8KKZzw>)

Figura A.19 – Canal *Posithividades*, página inicial (2020).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 17 jun. 2020.

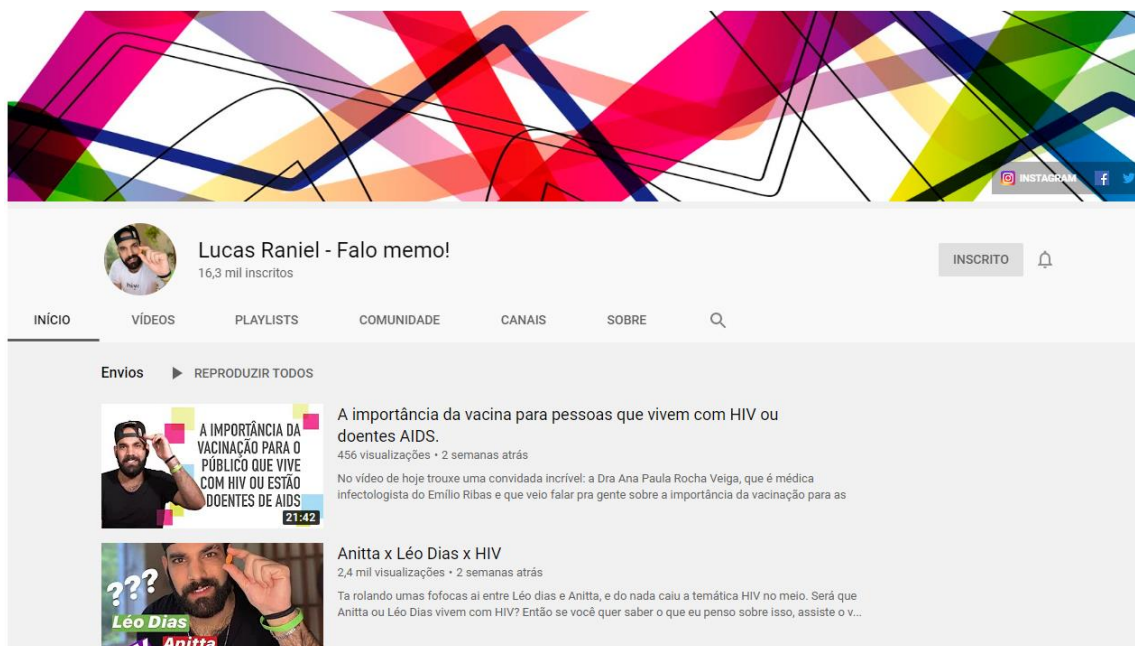
Figura A.20 – Canal *Posithividades*, vídeos curtos (*shorts*) na página inicial (2022).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 23 fev. 2022.

1.10. *Falo Memo!* (<https://www.youtube.com/c/Falomemo>)

Figura A.21 – Canal *Falo Memo!*, página inicial (2020).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 17 jun. 2020.

1.11. *Diego Krausz* (<https://www.youtube.com/c/DIEGOKRAUSZ>)

Figura A.22 – Canal *Diego Krausz*, página inicial (2020).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 17 jun. 2020.

Figura A.23 – Canal *Diego Krausz*, lista *Vivendo com HIV* (2022).

FALANDO DE HIV
REPRODUZIR TUDO

VIVENDO COM HIV
28 vídeos • 4.852 visualizações • Última atualização em 19 de jun. de 2021

Vídeos sobre a minha vivência com HIV. Lembrando que todos eles são somente sobre o meu ponto de vista e da minha trajetória!

DIEGO KRAUSZ INSCRITO

- 1 **FALANDO DE HIV** DIEGO KRAUSZ 1:52
- 2 **DEU POSITIVO (HIV +)** DIEGO KRAUSZ 4:43
- 3 **O QUE MUDOU? (HIV +)** DIEGO KRAUSZ 1:57
- 4 **VÍRUS INDETECTÁVEL** DIEGO KRAUSZ 3:28
- 5 **COMO MINHA MÃE REAGIU? (HIV+)** DIEGO KRAUSZ 3:36
- 6 **O MEDICAMENTO (FALANDO DE HIV)** DIEGO KRAUSZ 2:33
- 7 **CRISES COM HIV** DIEGO KRAUSZ 4:48

Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 25 mar. 2022.

1.12. *Nossa Hannis* (<https://www.youtube.com/channel/UCQ9mppCnb4XRpEC5CXN77sA>)

Figura A.24 – Canal *NossaHannis*, página inicial (2020).

NH "MAIS IMPORTANTE QUE PREVENIR É SABER SOBREVIVER, SEMPRE."

NossaHannis
1,65 mil inscritos

INSCRITO

INÍCIO VÍDEOS PLAYLISTS COMUNIDADE CANAIS SOBRE

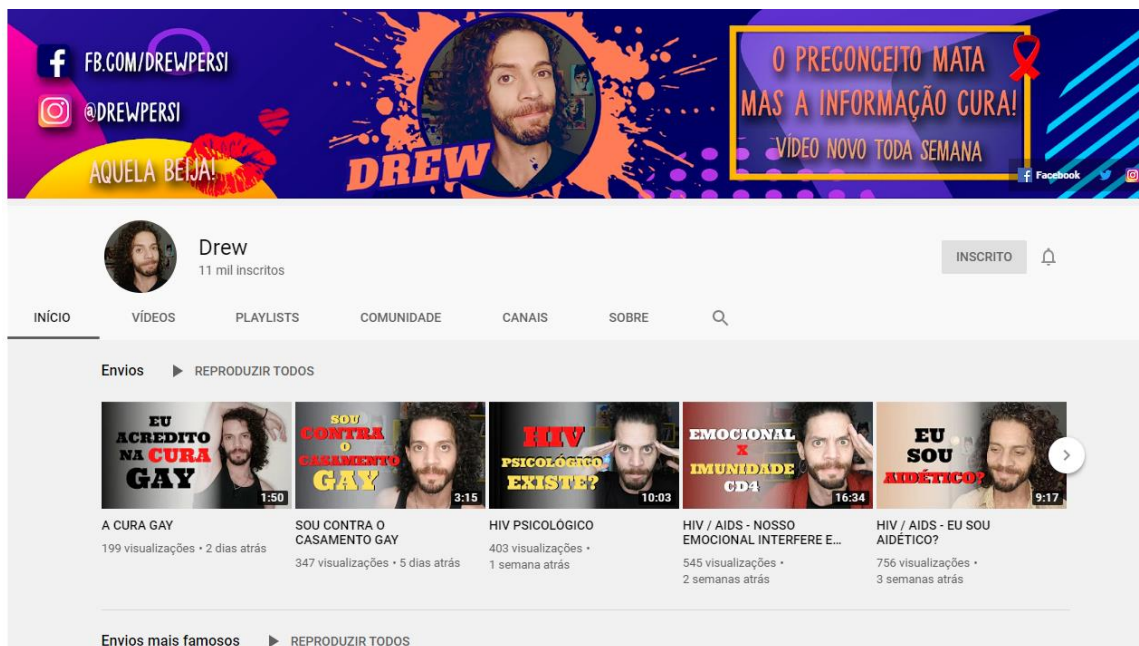
Envios ▶ REPRODUZIR TODOS

- DESCULPE-ME PELAS LÁGRIMAS, HOJE EU NÃO...
259 visualizações • 3 semanas atrás
- MISSÃO PASCOA DE QUARENTENA
210 visualizações • 1 mês atrás
- MEU NAMORADO VIVE COM HIV: RELACIONAMENTO...
532 visualizações • 1 mês atrás
- EU VIVO COM HIV, MEU NAMORADO NÃO...
891 visualizações • 2 meses atrás
- EU TIVE MEDO QUE ME VISSEM PEGANDO REMEDI...
643 visualizações • 3 meses atrás

Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 17 jun. 2020.

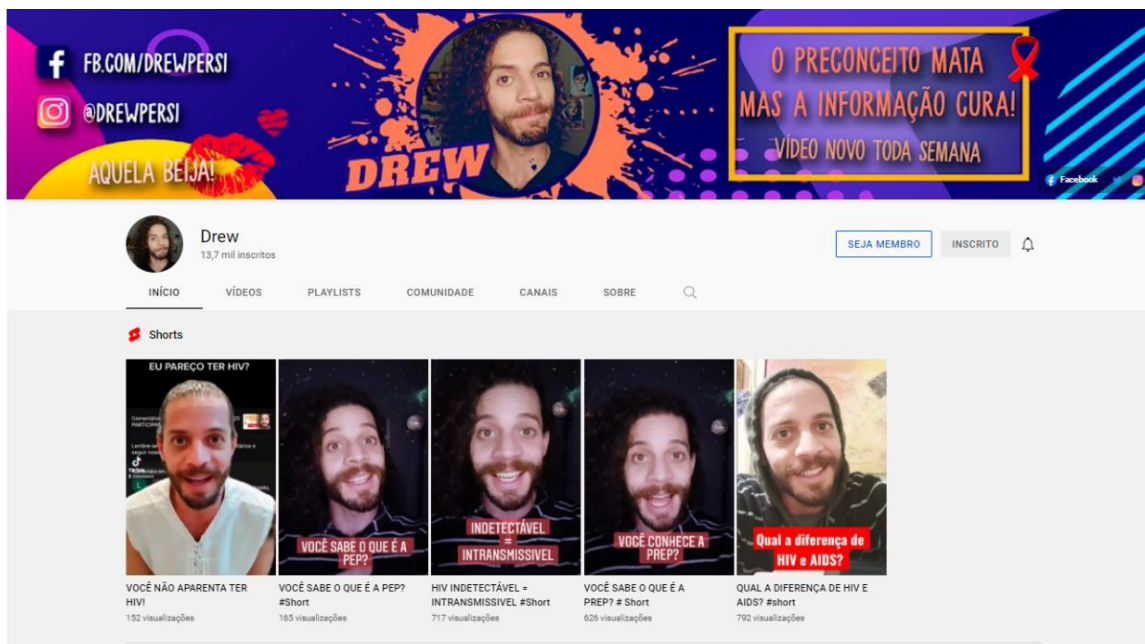
1.13. *Drew*
(<https://www.youtube.com/c/Drewpersi/>)

Figura A.25 – Canal *Drew*, página inicial (2020).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 17 jun. 2020.

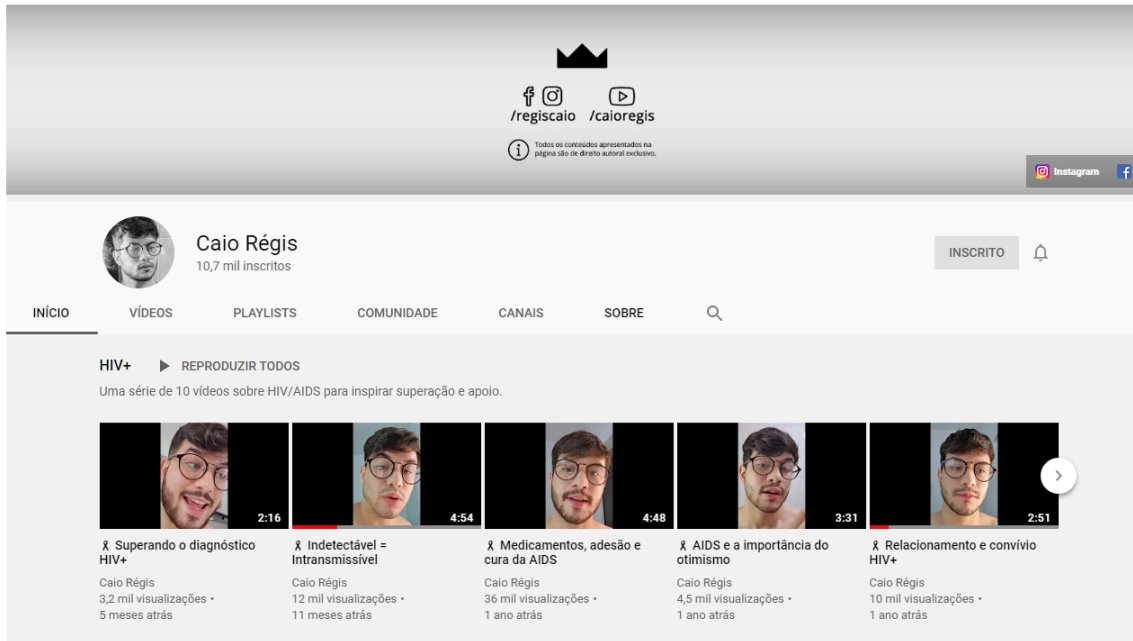
Figura A.26 – Canal *Drew*, vídeos curtos (*shorts*) na página inicial (2020).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 23 fev. 2022.

1.14. *Caio Régis*
(<https://www.youtube.com/c/CaioRégis/>)

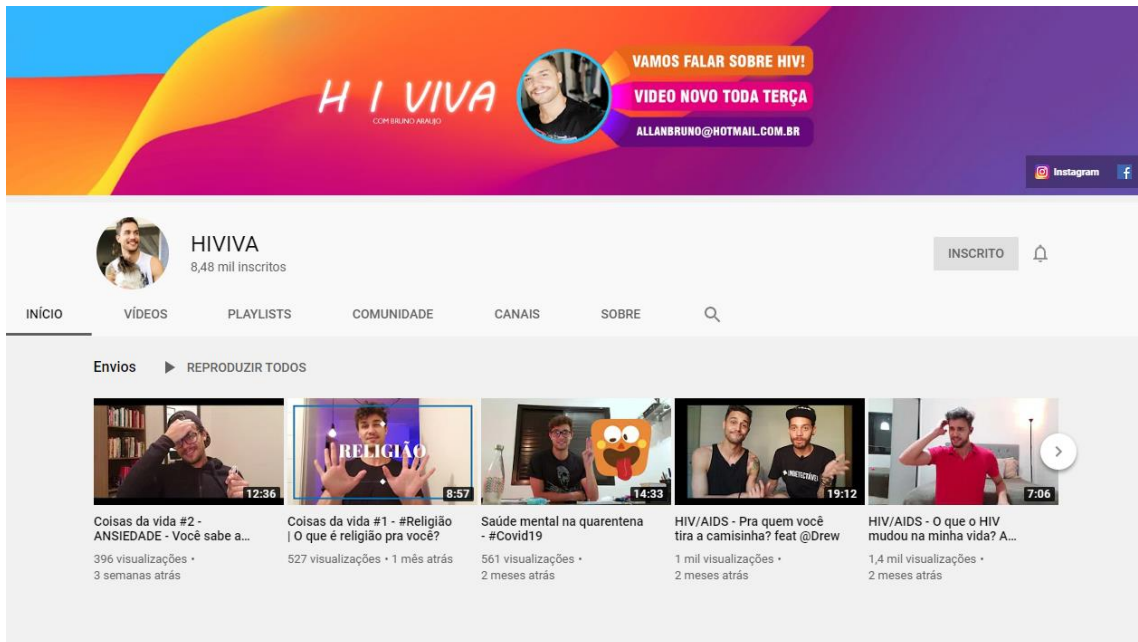
Figura A.27 – Canal *Caio Régis*, página inicial (2020).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 17 jun. 2020.

1.15. *HIVIVA*
(<https://www.youtube.com/c/HIVIVAoficial/>)

Figura A.28 – Canal *Drew*, vídeos curtos (*shorts*) na página inicial (2020).

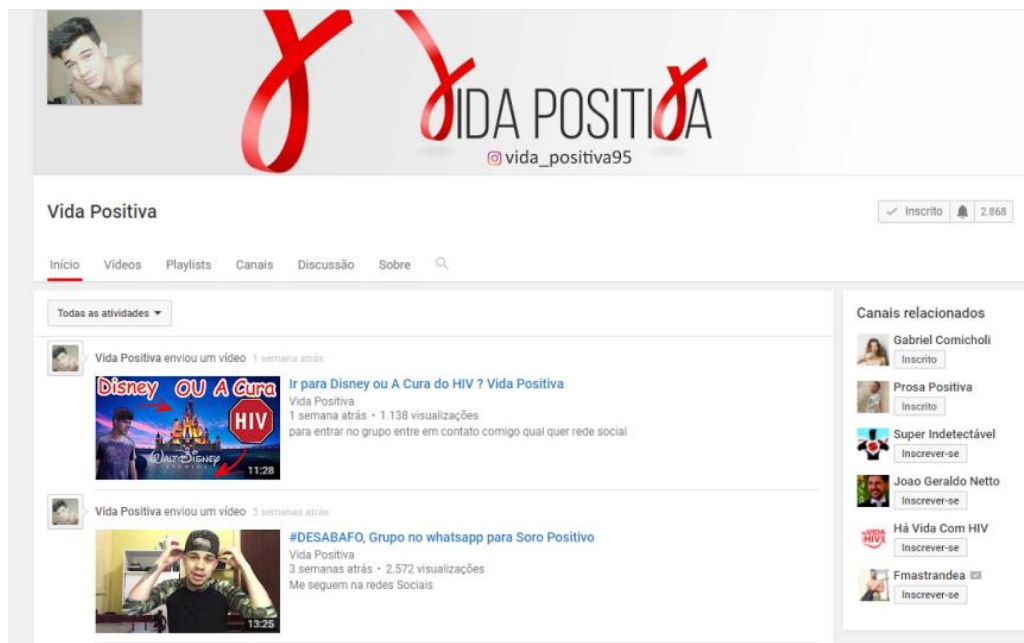


Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 17 jun. 2020.

2. Canais dos influenciadores soropositivos, com conteúdos arquivados ou excluídos

2.1. *Vida Positiva* (<https://www.youtube.com/c/VidaPositiva/>)

Figura A.29 – Canal *Vida Positiva*, página inicial (2017).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 30 ago. 2017.

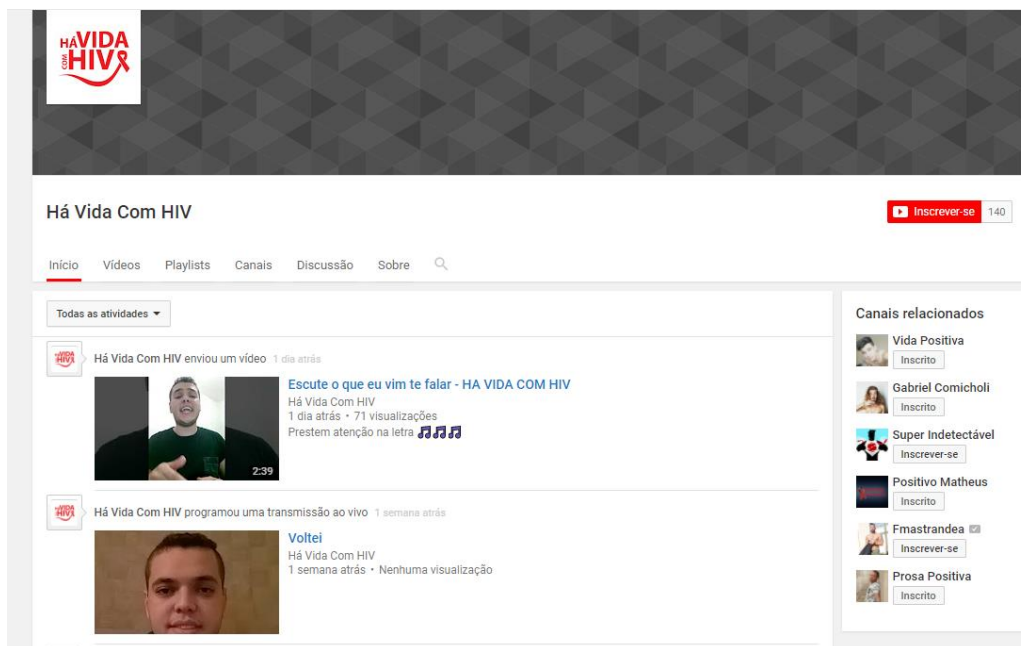
Figura A.30 – Canal *Vida Positiva*, página inicial (2020).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 17 jun. 2020.

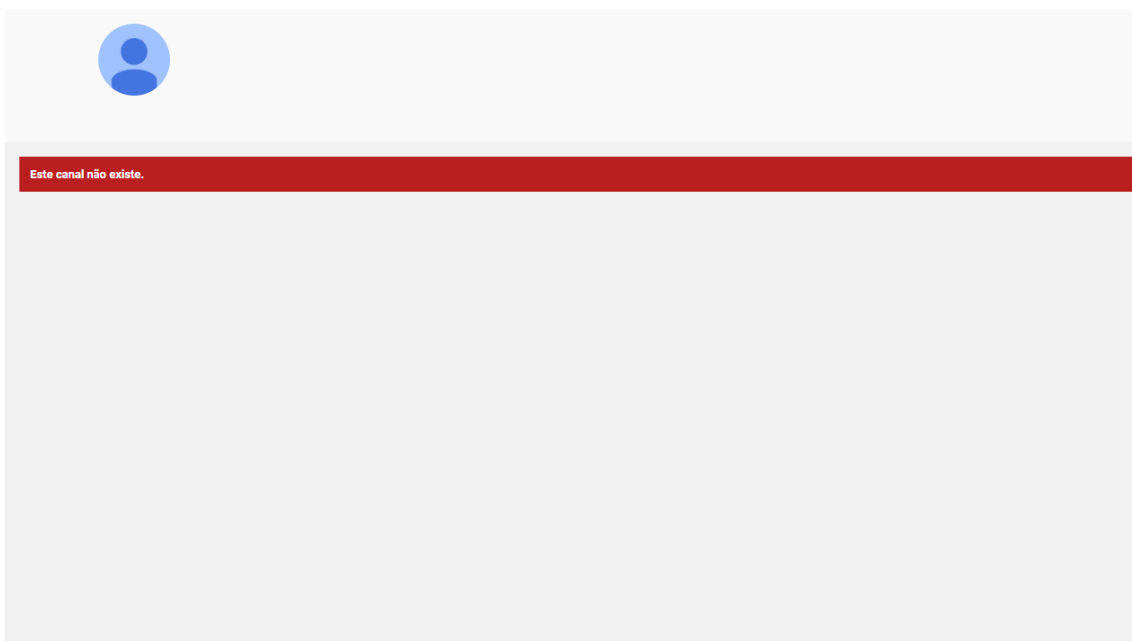
2.2. *Há Vida com HIV*
(https://www.youtube.com/channel/UCRzcDQxnI9CTTPoY2V_cCNw)

Figura A.31 – Canal *Há Vida com HIV*, página inicial (2017).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 30 ago. 2017.

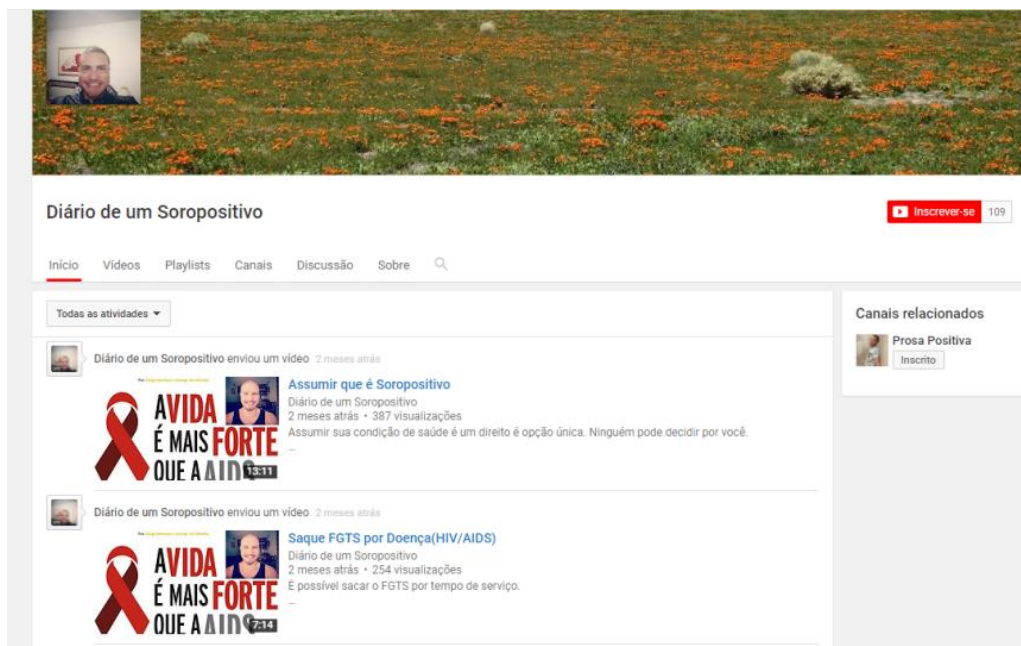
Figura A.32 – Canal *Há Vida com HIV*, página inicial (2022).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 25 mar. 2022.

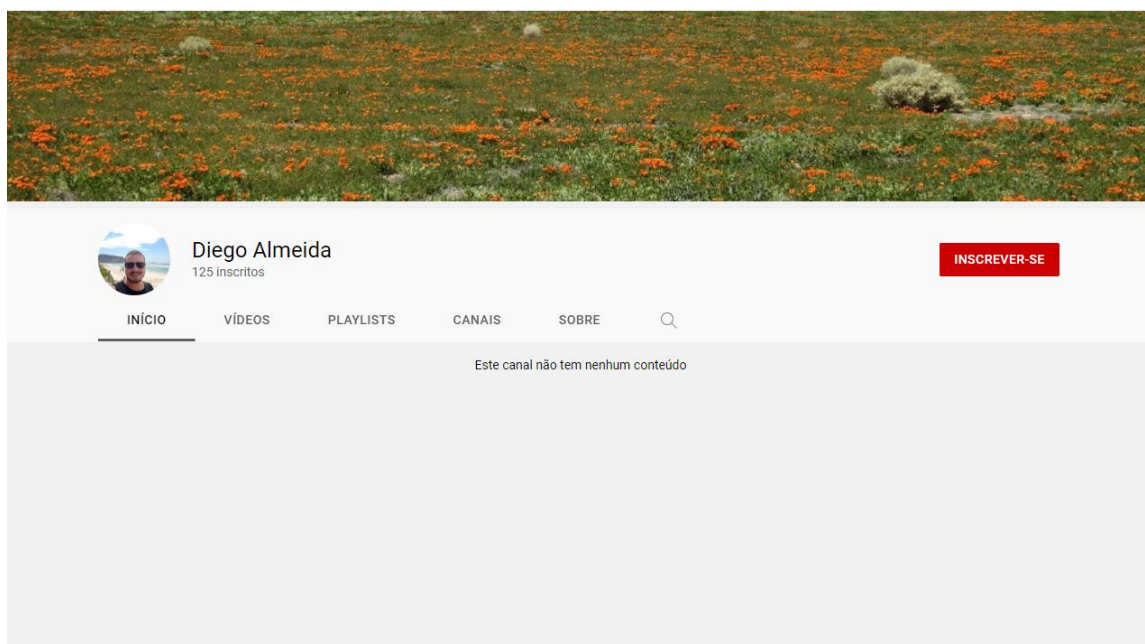
2.3. *Diário de um Soropositivo*
(<https://www.youtube.com/channel/UCpsHVWHVjIRm424ouT7Qwgw>)

Figura A.33 – Canal *Diário de um Soropositivo*, página inicial (2017).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 30 ago. 2017.

Figura A.34 – Canal *Diário de um Soropositivo*, página inicial (2022).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 25 mar. 2022.

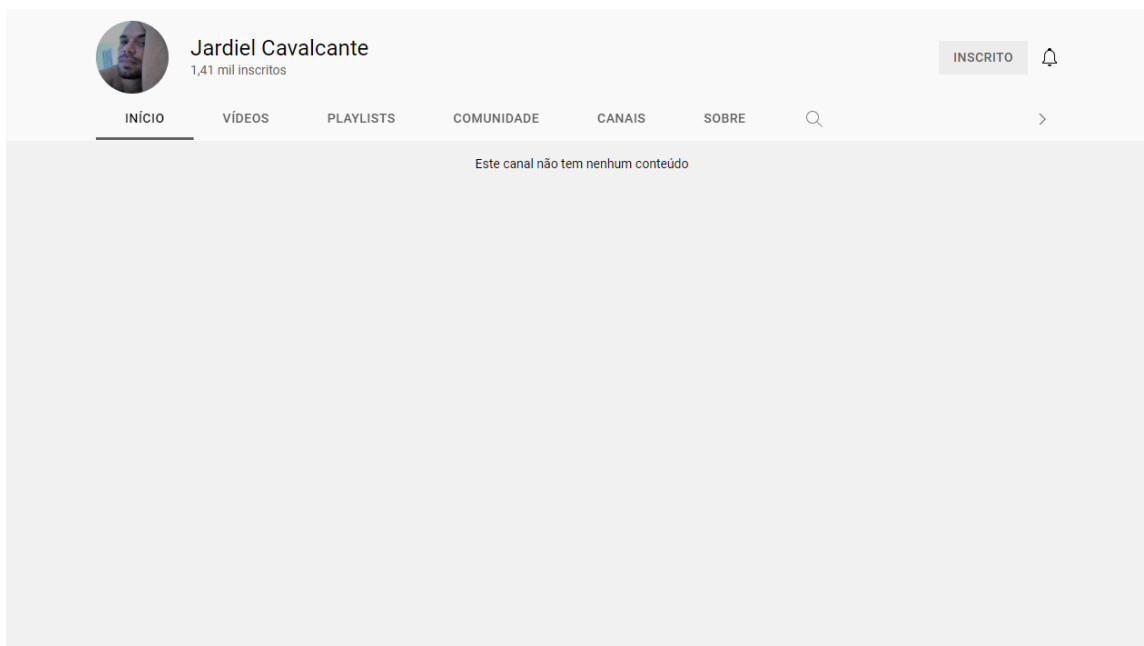
2.4. *Vivendo Positivamente*
 (<https://www.youtube.com/channel/UC4c4jtLdO7gFKdmKo35JVdg>)

Figura A.35 – Canal *Vivendo Positivamente*, página inicial (2017).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 30 ago. 2017.

Figura A.36 – Canal *Vivendo Positivamente*, página inicial (2022).

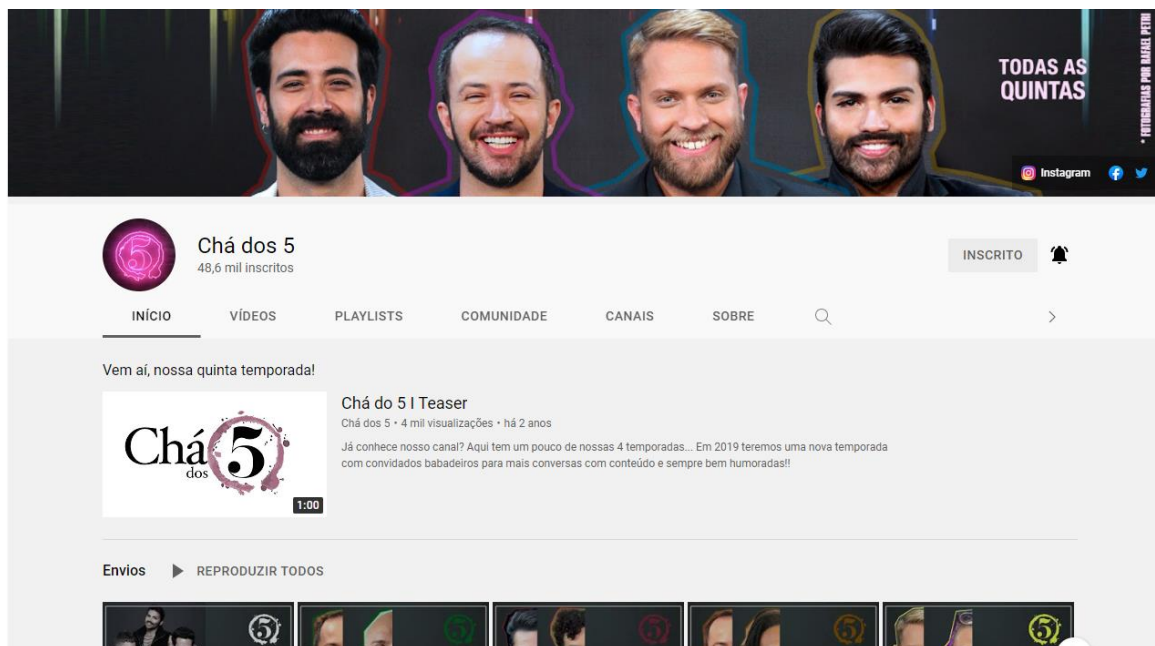


Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 25 mar. 2022.

3. Canais que envolvem a participação de influenciadores soropositivos, também observados durante a pesquisa

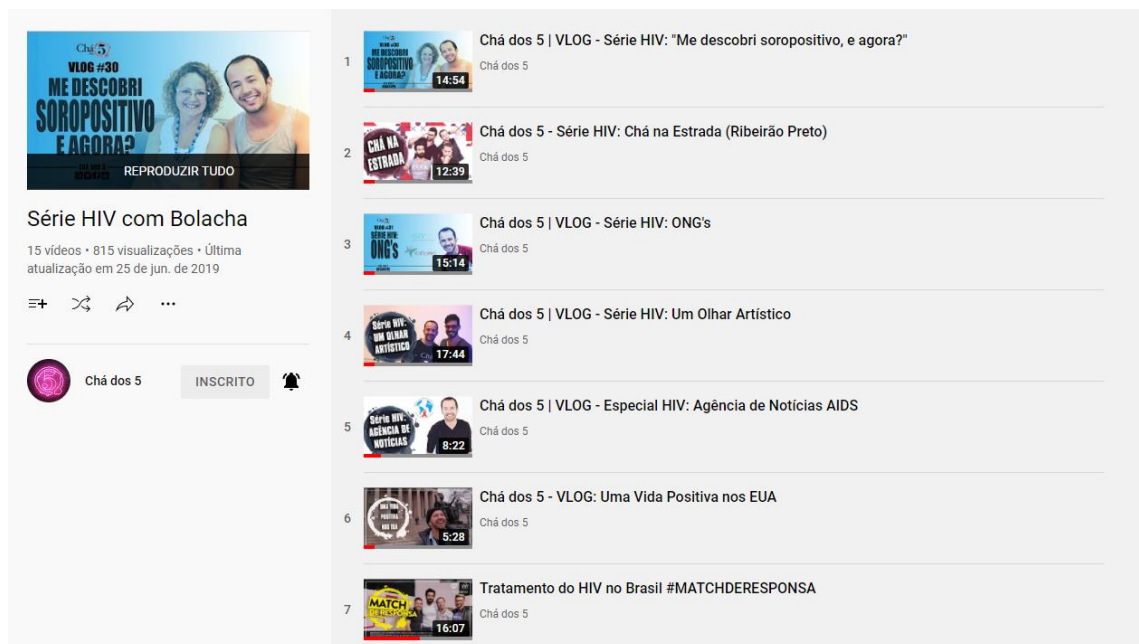
3.1. Chá dos 5 (<https://www.youtube.com/c/chados5>)

Figura A.37 – Canal Chá dos 5, página inicial (2022).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 25 mar. 2022.

Figura A.38 – Canal Chá dos 5, lista Série HIV com Bolacha (2022).

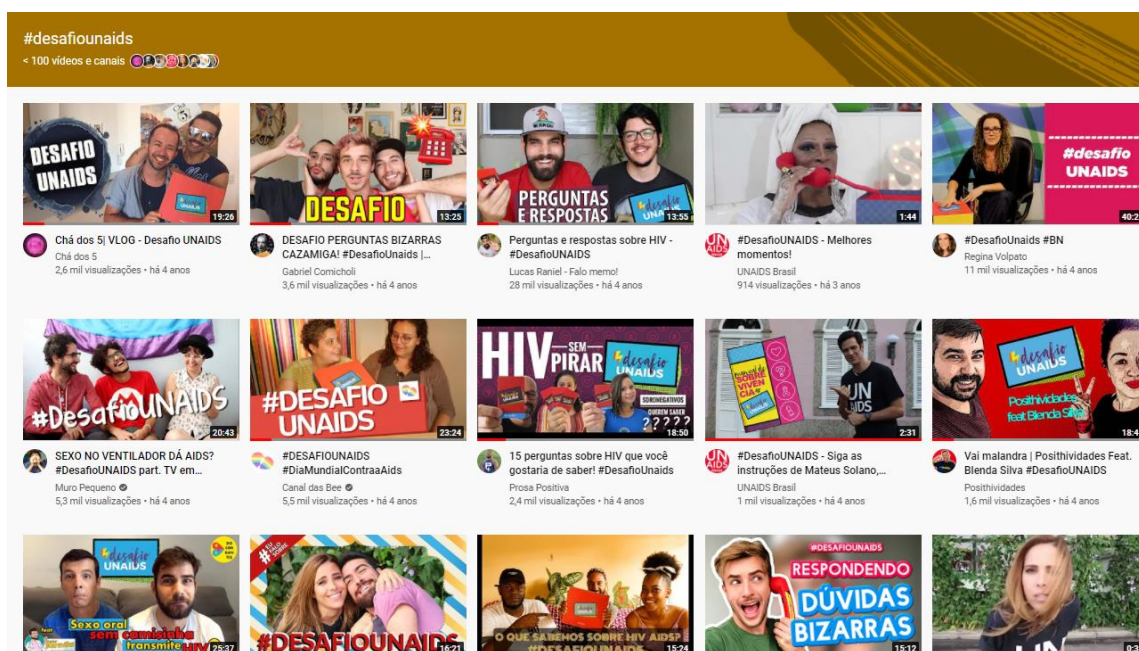


Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 25 mar. 2022.

Nota: canal de vídeos destinados ao debate de temas relacionados à população LGBTQ+, sendo que a *Série HIV com Bolacha* é realizada por influenciador soropositivo.

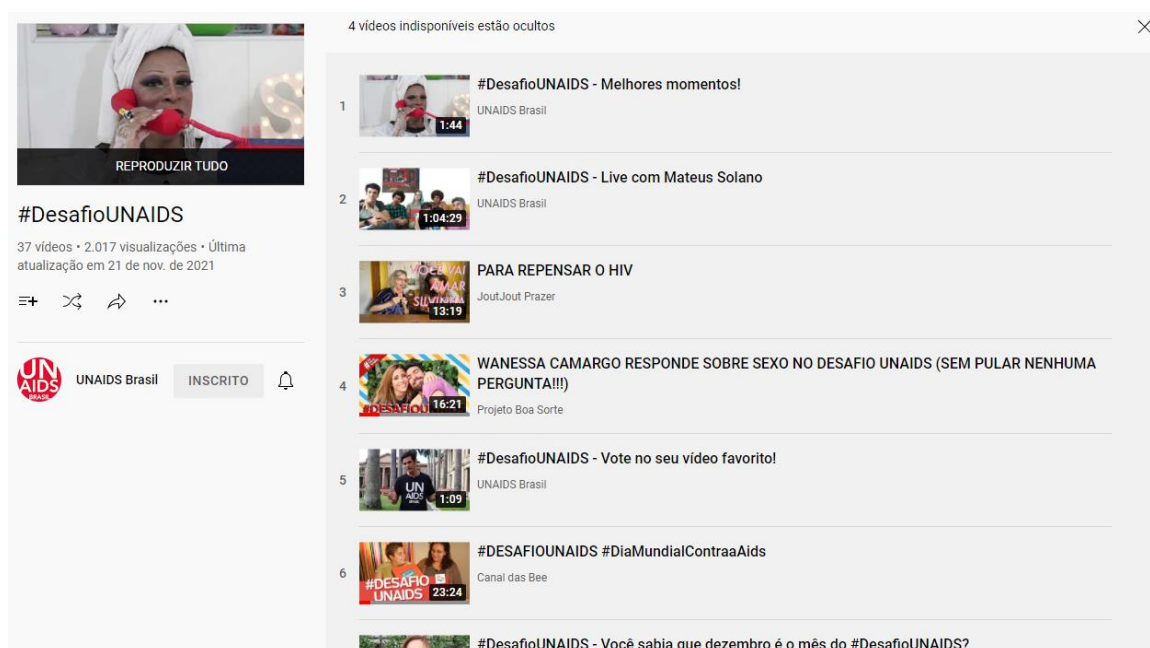
3.2. #DesafioUNAIDS (<https://www.youtube.com/hashtag/desafiounaids>)

Figura A.39 – Página de resultados pela busca #DesafioUnaidS (2022).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 25 mar. 2022.

Figura A.40 – Lista #DesafioUNAIDS, no canal da UNAIDS (2021).

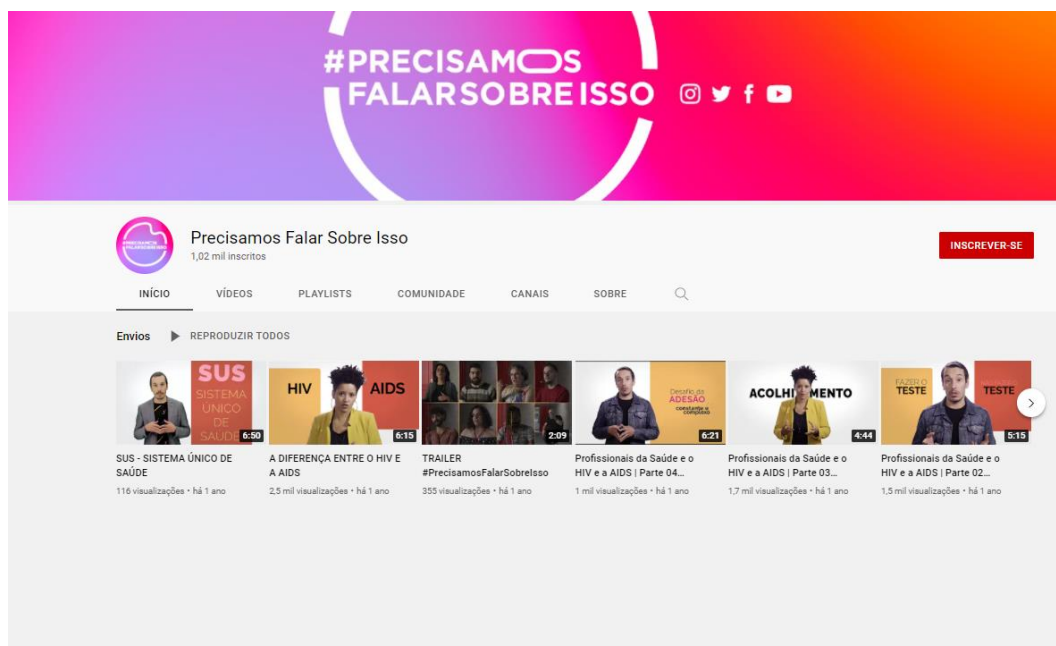


Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 25 mar. 2022.

Nota: a lista pelo canal UNAIDS (<https://www.youtube.com/c/UNAIDSBrasil>) agrega os conteúdos originados de canais de influenciadores digitais que receberam o kit e publicaram o vídeo com o desafio no site.

3.3. *#PrecisamosFalarSobreIsso*
(<https://www.youtube.com/c/PrecisamosFalarSobreIsso/>)

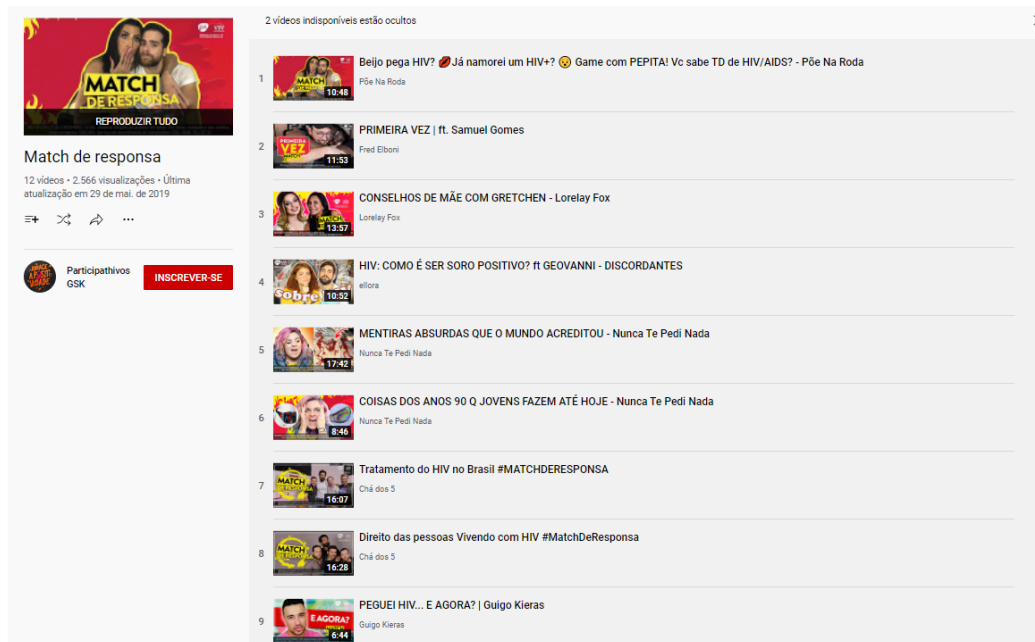
Figura A.41 – Canal *#PrecisamosFalarSobreIsso*, página inicial (2022).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 24 fev. 2022.

3.4. *#MatchdeResposta*
(<https://youtube.com/playlist?list=PLRxqeqUJqQlpszKXhhR1mJakKmHjPOFqg>)

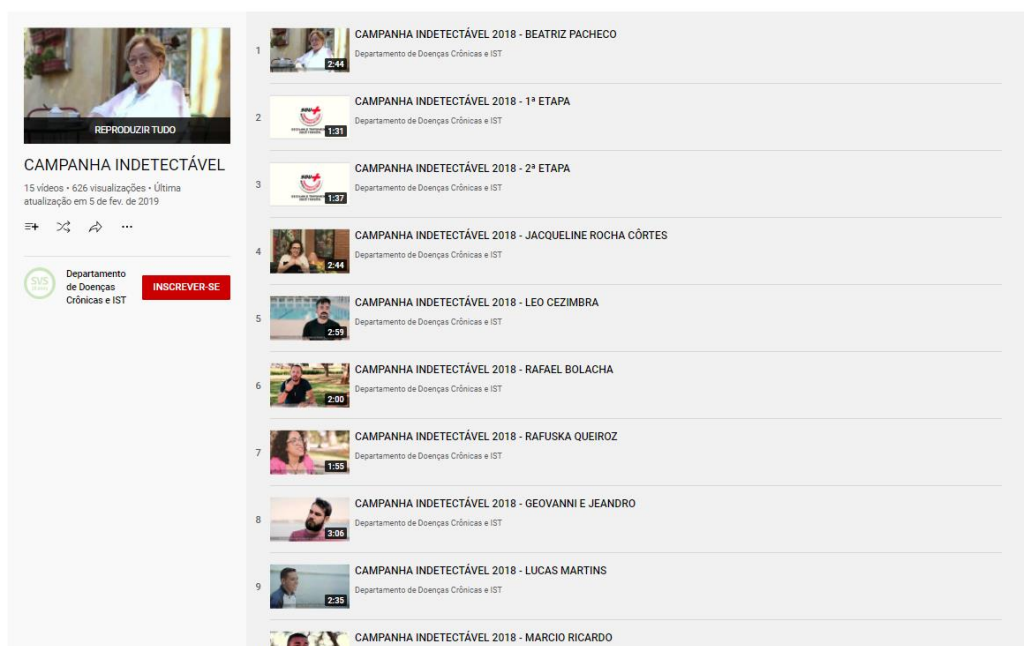
Figura A.42 – Lista *#MatchDeResposta*, no canal Participathivos GSK (2019).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 24 fev. 2022.

3.5. *Campanha Indetectável* (<https://youtube.com/playlist?list=PLNRDscZh5UMGCn1J7R2ZEPkI0xX7gT4IQ>)

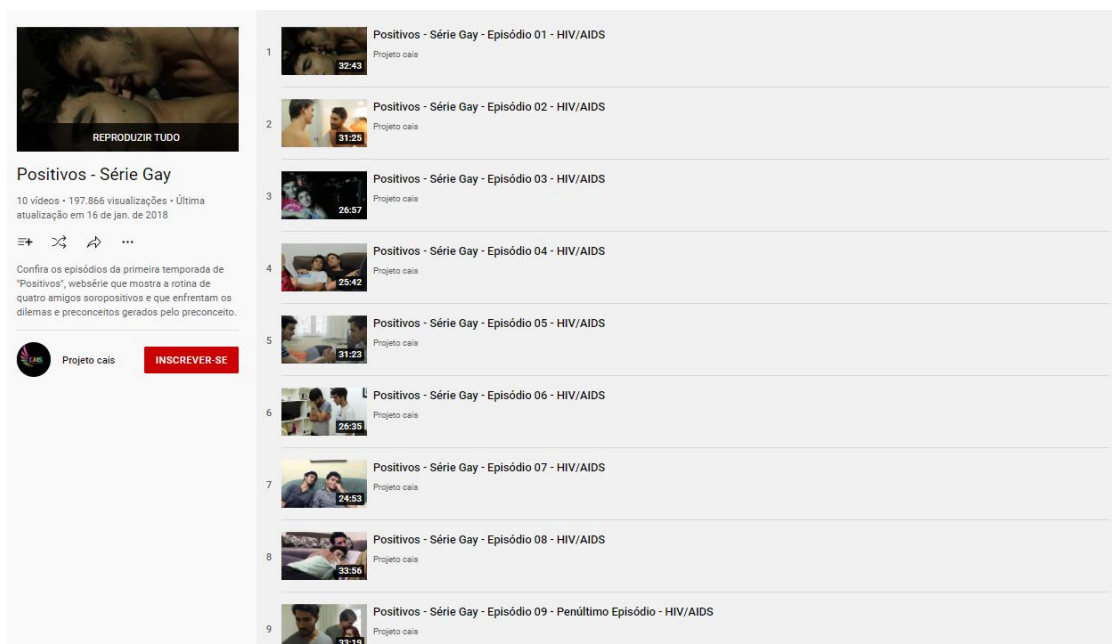
Figura A.43 – Lista da Campanha *Indetectável*, no canal do Departamento de Doenças Crônicas e IST (2018).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 24 fev. 2022.

3.6. *Projeto Cais* (<https://www.youtube.com/c/ProjetoCais8>)

Figura A.44 – Lista *Positivos* – Série Gay, no canal *Projeto Cais* (2022).



Fonte: acervo de pesquisa do autor. Captura de tela obtida em 24 fev. 2022.

ANEXO B – COLABORAÇÕES EM VÍDEOS DE OUTROS CANAIS

São considerados, nessa relação, os vídeos que acumulam mais de 50 mil visualizações em canais terceiros, e que são realizados em colaborações com os atores dos canais observados nesta pesquisa. Método para busca dos vídeos: pesquisa por termos “hiv soropositivo”, e por “hiv + nome do influenciador”; filtragem de resultados por “contagem de visualizações”. Data de construção das informações: 19 abr. 2022.

Figura B.1 – Colaboração com Gabriel Estrela, Gabriel Comicholi, Lucas Raniel, João Geraldo Netto, Jeandro e Geovanni, Rafael Bolacha e outros influenciadores da internet.



NÃO É POR TER HIV QUE EU... - Põe Na Roda. Põe na Roda, 1 dez. 2017, 4min 35s. 482.989 visualizações, 44 mil curtidas. Fonte: YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/FtTZoDw0z4k>.

Figura B.2 – Colaboração com Lucas Raniel.



Como foi ser diagnosticado e como é viver com HIV | Caixa-preta #25. Enviado por PapodeHomem, 21 set. 2017, 8min 26s. 408.652 visualizações, 12 mil curtidas. Fonte: YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/k42qyj-LdOY>.

Figura B.3 – Colaboração com Lucas Raniel.



TENHO HIV E AGORA? COM LUCAS RANIEL | #HottelMazzafera. Enviado por Matheus Mazzafera, 13 nov. 2018, 10min 50s. 156.621 visualizações, 13 mil curtidas. Fonte: YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/k4r-ayoTnFc>.

Figura B.4 – Colaboração com Gabriel Estrela.



UMA AULA. Enviado por JoutJout Prazer, 17 jul. 2015, 9min 59s. 892.571 visualizações, 60 mil curtidas. Fonte: YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/XpS0iatoNE8>.

Figura B.5 – Colaboração com Lucas Raniel.

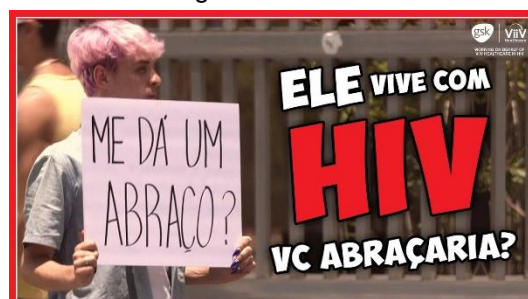
Lucas Raniel fala como vive com o HIV nos dias de hoje | Galãs Feios. Enviado por Galãs Feios, 28 maio 2021, 34min 39s. 131.843 visualizações, 15 mil curtidas. Fonte: YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/oatiU8xrWB0>.

Figura B.6 – Colaboração com Lucas Raniel.

HIV e prevenção combinada | COISAS QUE NINGUÉM TE CONTA. Enviado por PlayGround Brasil, 17 fev. 2020, 11min 26s. 130.670 visualizações, 359 curtidas. Fonte: YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/Nzql4fAJQVs>.

Figura B.7 – Colaboração com Gabriel Estrela.

SEXO ORAL TRANSMITE MESMO HIV? (ft Gabriel Estrela) | Guigo Kieras. Enviado por Guigo Kieras, 8 set. 2017, 17min 39s. 114.495 visualizações, 6,1 mil curtidas. Fonte: YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/gbkwdcSr4iw>.

Figura B.8 – Colaboração com Gabriel Comicholi e Diego Krausz.

ELE VIVE COM HIV.. AS PESSOAS NA RUA ABRAÇARIAM? (ft Gabriel Comicholi) - Põe Na Roda. Enviado por Põe Na Roda, 8 jan. 2020, 6min 56s. 70.756 visualizações, 10 mil curtidas. Fonte: YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/Nzql4fAJQVs>.

Figura B.9 – Colaboração com Gabriel Estrela.

Pessoas com HIV estão CANSADAS DE OUVIR sobre vírus, aids e saúde ft. Gabriel Estrela 😞. Enviado por DR Oficial, 29 nov. 2018, 3min 25s. 360.611 visualizações, 33 mil curtidas. Fonte: YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/9v8kdYOjIUM>.

Figura B.10 – Colaboração com Gabriel Estrela.

TENHO HIV E VIVO BEM / PRAZER, EU SOU GABRIEL ESTRELA!. Enviado por Regina Volpato, 18 out. 2016, 15min 03s. 86.320 visualizações, 5,5 mil curtidas. Fonte: YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/4SVGA39zr2A>.

Figura B.11 – Colaboração com João Geraldo Netto.



Vida e Amores por João Geraldo Netto - Há 12 anos com HIV. Enviado por Cristófoli Biossegurança, 12 ago. 2014, 22min 10s. 78.196 visualizações, 1,9 mil curtidas. Fonte: YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/OZu4RS8vpGU>.

Figura B.13 – Colaboração com Geovanni (Discordantes).



HIV: COMO É SER SORO POSITIVO? ft GEOVANNI - DISCORDANTES. Enviado por ellora, 17 jan. 2019, 10min 51s. 96.976 visualizações, 12 mil curtidas. Fonte: YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/BhwcWx6sW8s>.

Figura B.12 – Colaboração com Diego Krausz.



DEU HIV POSITIVO, E AGORA? Feat. Diego Krausz. Enviado por TRANSDIÁRIO, 11 jul. 2019, 15min 04s. 65.799 visualizações, 5,9 mil curtidas. Fonte: YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/oHBshgQ-2do>.

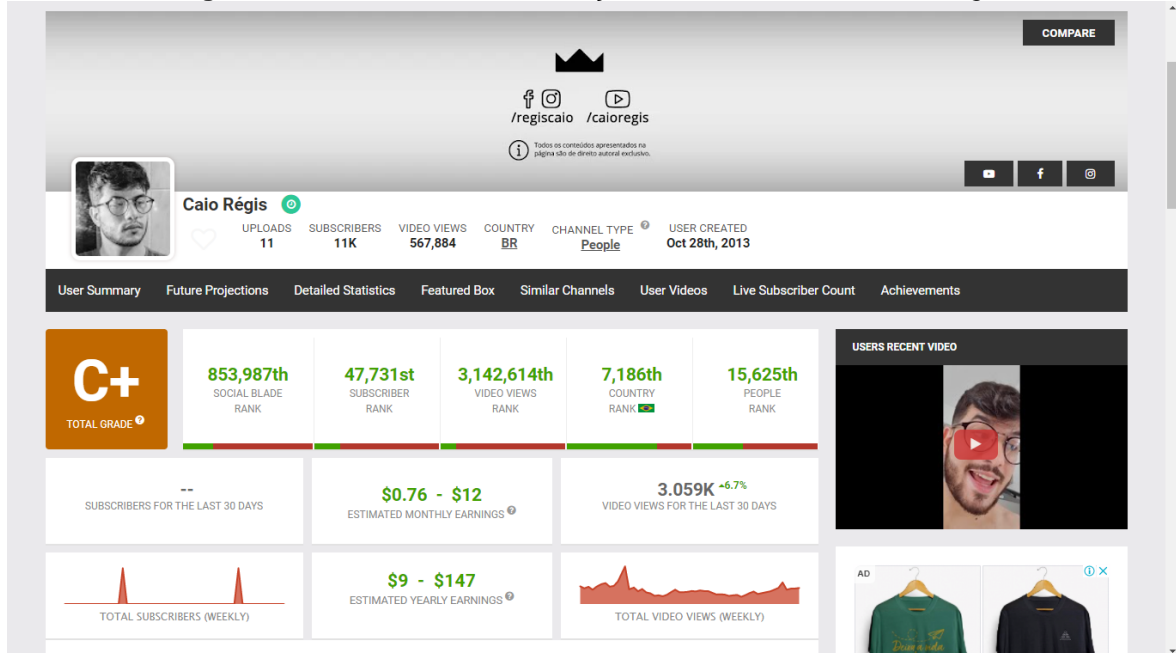
Figura B.14 – Colaboração com Gabriel Estrela.



GABRIEL MARAVILHOSO RESPONDE. Enviado por JoutJout Prazer, 24 mar. 2016, 16min 45s. 445.216 visualizações, 36 mil curtidas. Fonte: YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/tCzOHPU6gX4>.

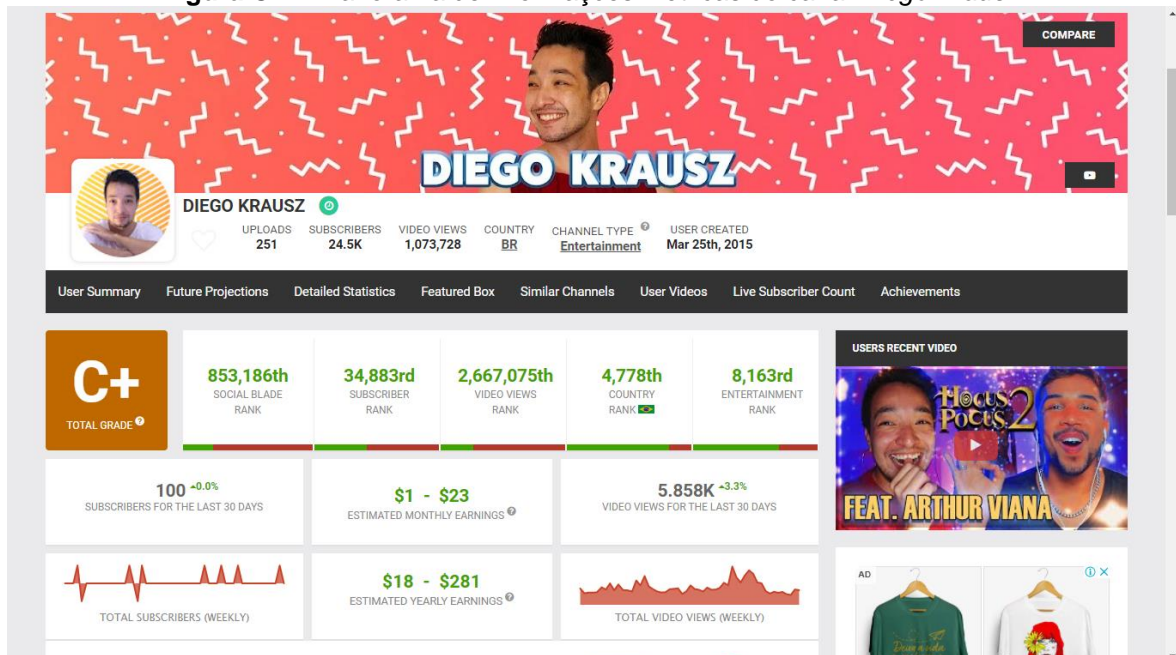
ANEXO C – TELAS SOBRE DESEMPENHO NO SOCIAL BLADE

Figura C.1 – Panorama de informações métricas do canal *Caio Régis*.



Fonte: <https://socialblade.com/youtube/c/caioregis>. Captura de tela em 23 fev. 2022.

Figura C.2 – Panorama de informações métricas do canal *Diego Krausz*.



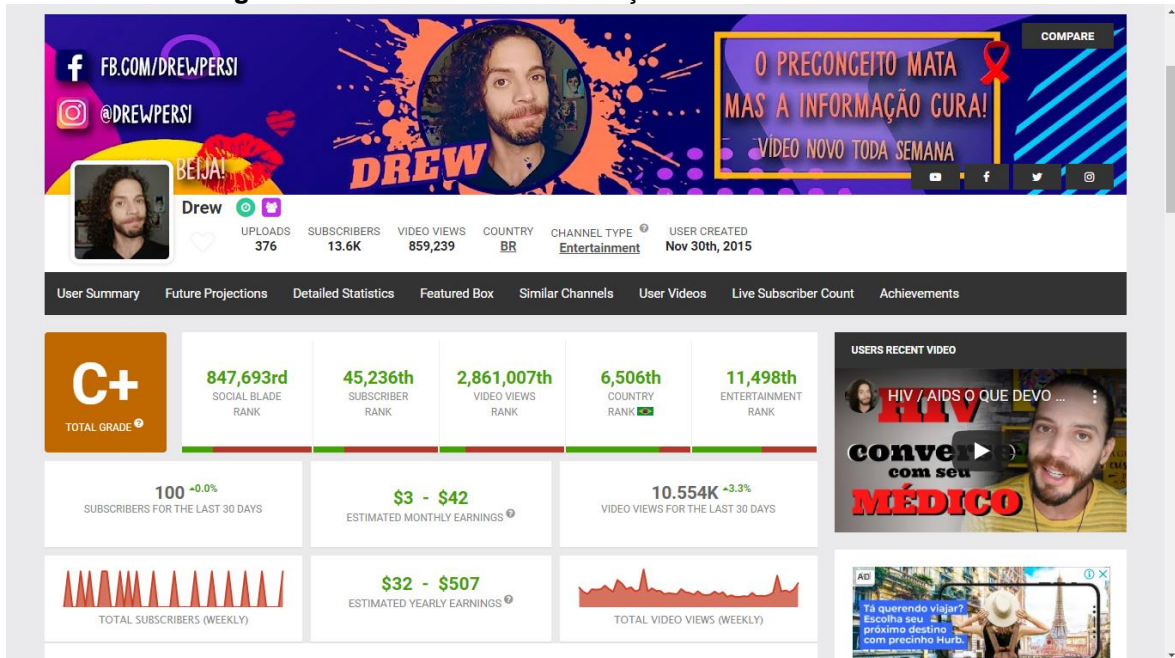
Fonte: <https://socialblade.com/youtube/c/diegokrausz>. Captura de tela em 23 fev. 2022.

Figura C.3 – Panorama de informações métricas do canal *Discordantes*.



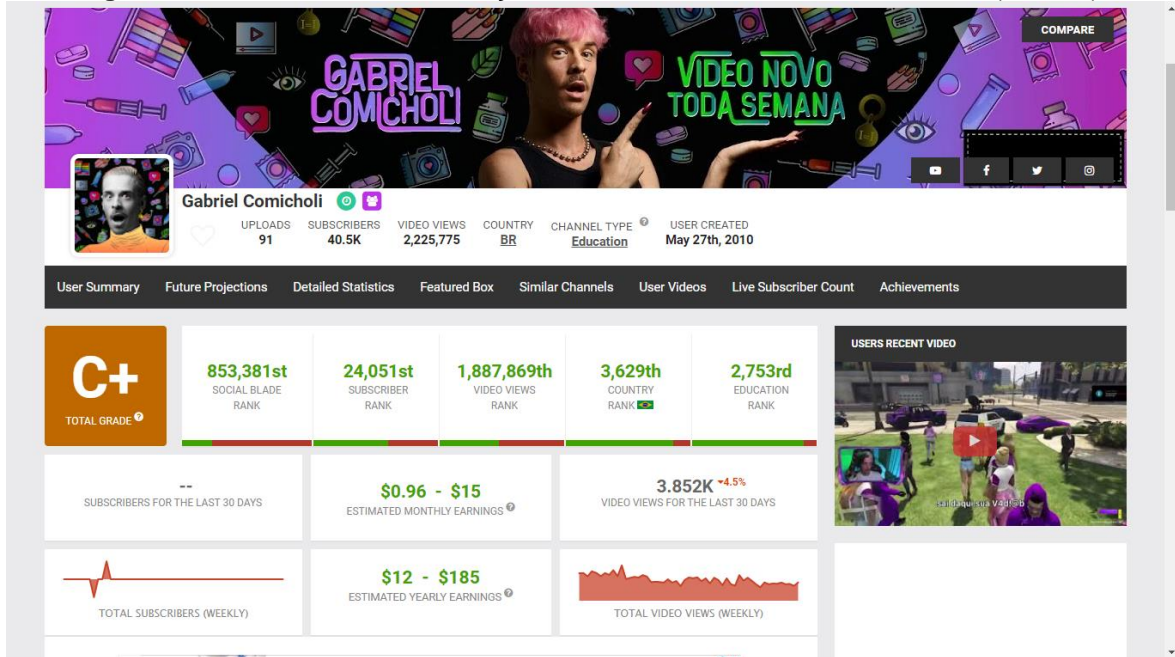
Fonte: <https://socialblade.com/youtube/channel/UCGJ0bgsIQM-qZgCOvpHd4zw>. Captura de tela em 23 fev. 2022.

Figura C.4 – Panorama de informações métricas do canal *Drew*.



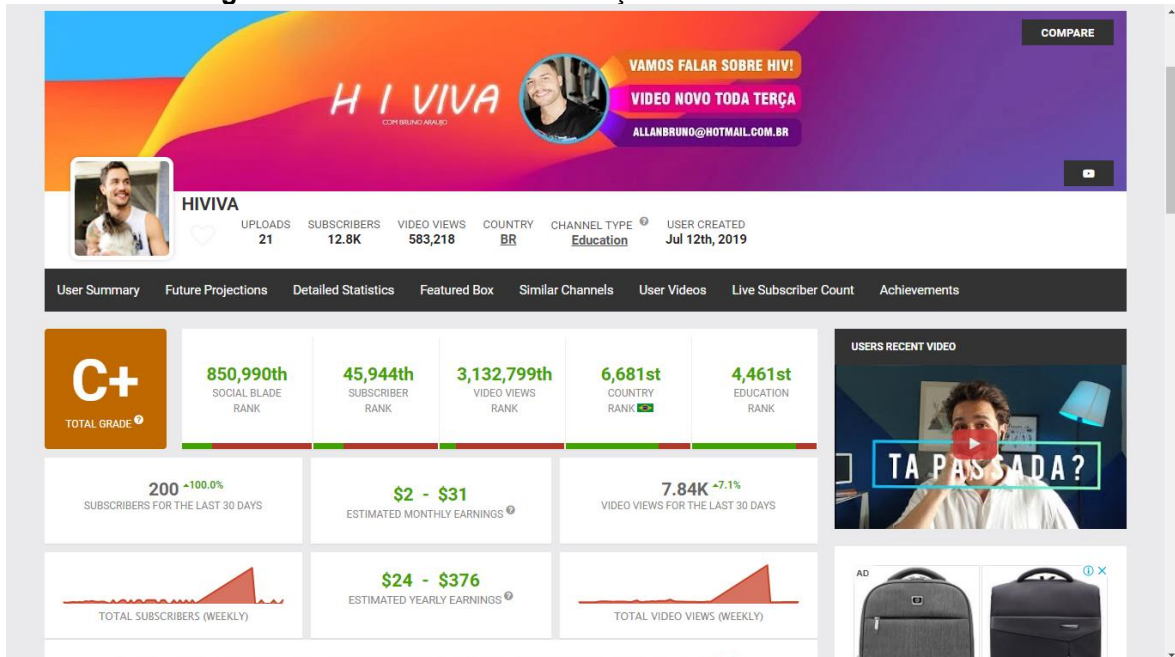
Fonte: <https://socialblade.com/youtube/c/drewpersi>. Captura de tela em 23 fev. 2022.

Figura C.5 – Panorama de informações métricas do canal *Gabriel Comicholi* (HDiário).



Fonte: <https://socialblade.com/youtube/user/gabrielcomicholi>. Captura de tela em 23 fev. 2022.

Figura C.6 – Panorama de informações métricas do canal *HIVIVA*.



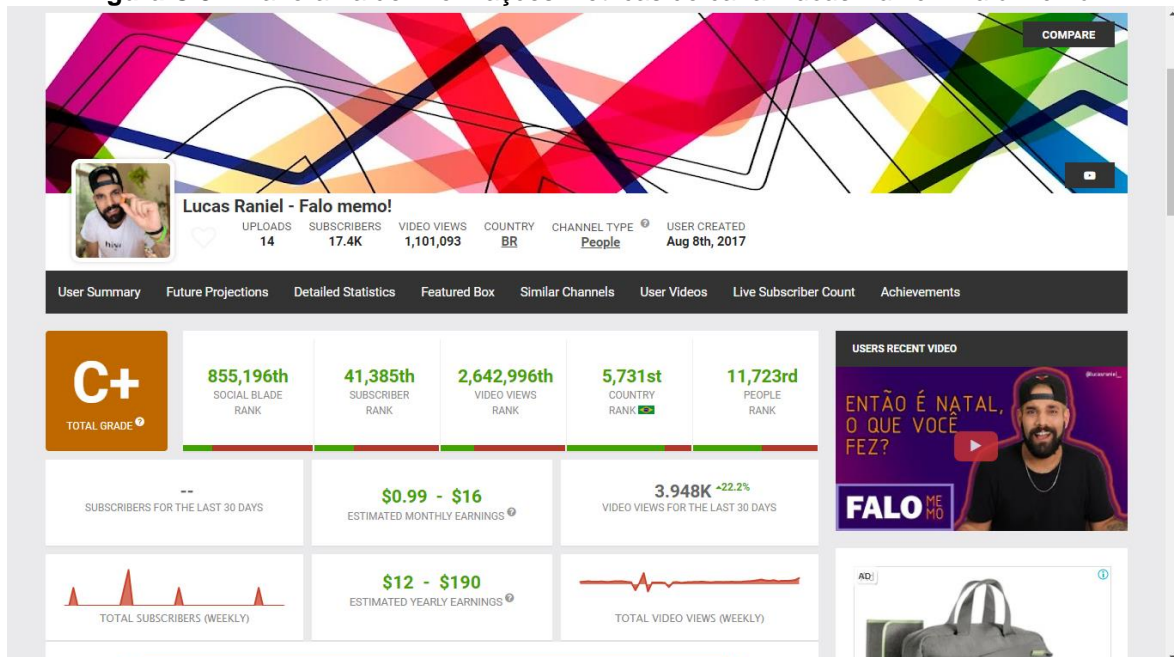
Fonte: <https://socialblade.com/youtube/c/hivivaoficial>. Captura de tela em 23 fev. 2022.

Figura C.7 – Panorama de informações métricas do canal *Léo Cezimbra* (*Confissões de um Soropositivo*).



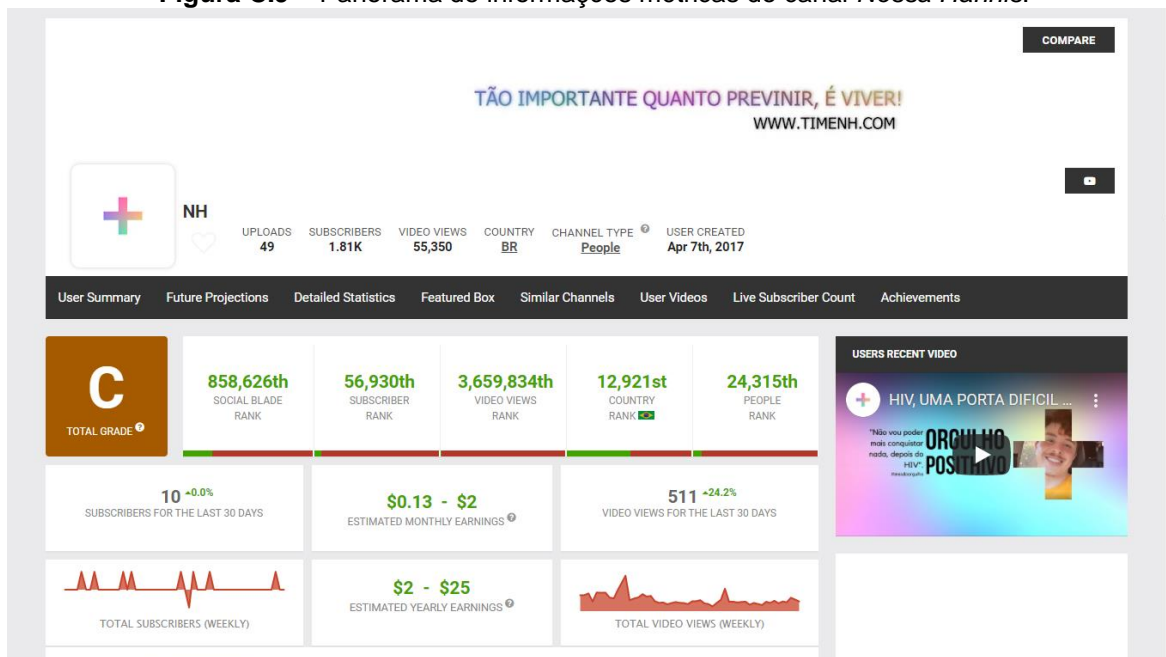
Fonte: <https://socialblade.com/youtube/c/leocezimbra>. Captura de tela em 23 fev. 2022.

Figura C.8 – Panorama de informações métricas do canal *Lucas Raniel - Falo Memo!*.



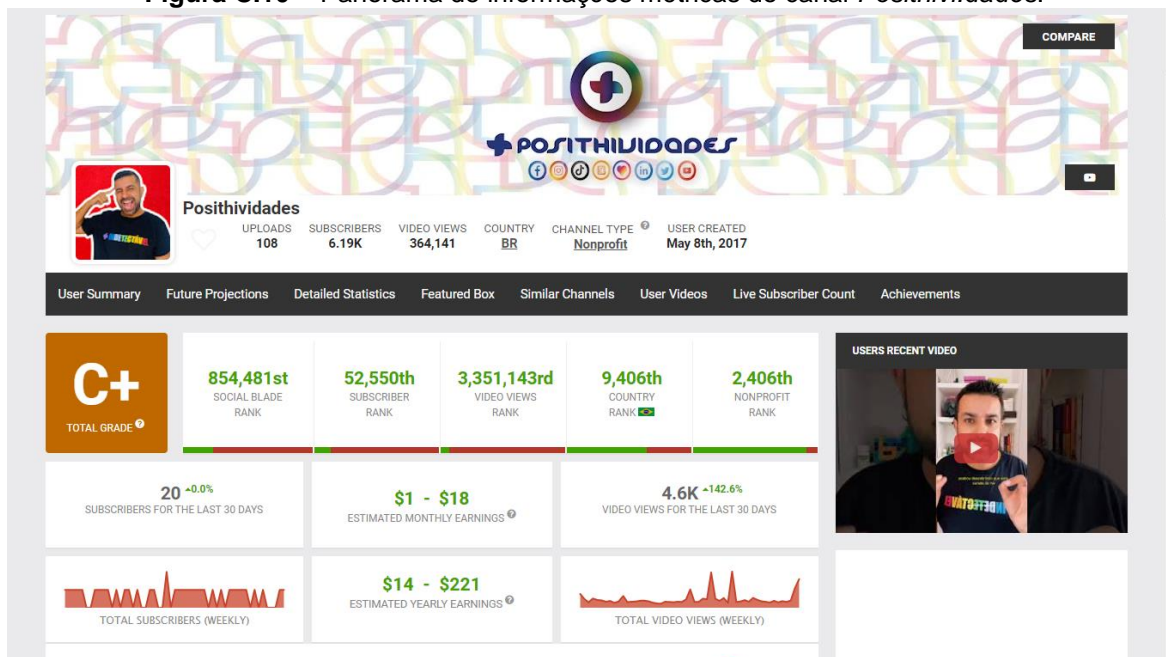
Fonte: <https://socialblade.com/youtube/c/falomemo>. Captura de tela em 23 fev. 2022.

Figura C.9 – Panorama de informações métricas do canal *Nossa Hannis*.



Fonte: <https://socialblade.com/youtube/channel/UCQ9mppCnb4XRpEC5CXN77sA>. Captura de tela em 23 fev. 2022.

Figura C.10 – Panorama de informações métricas do canal *Posithivi.dades*.



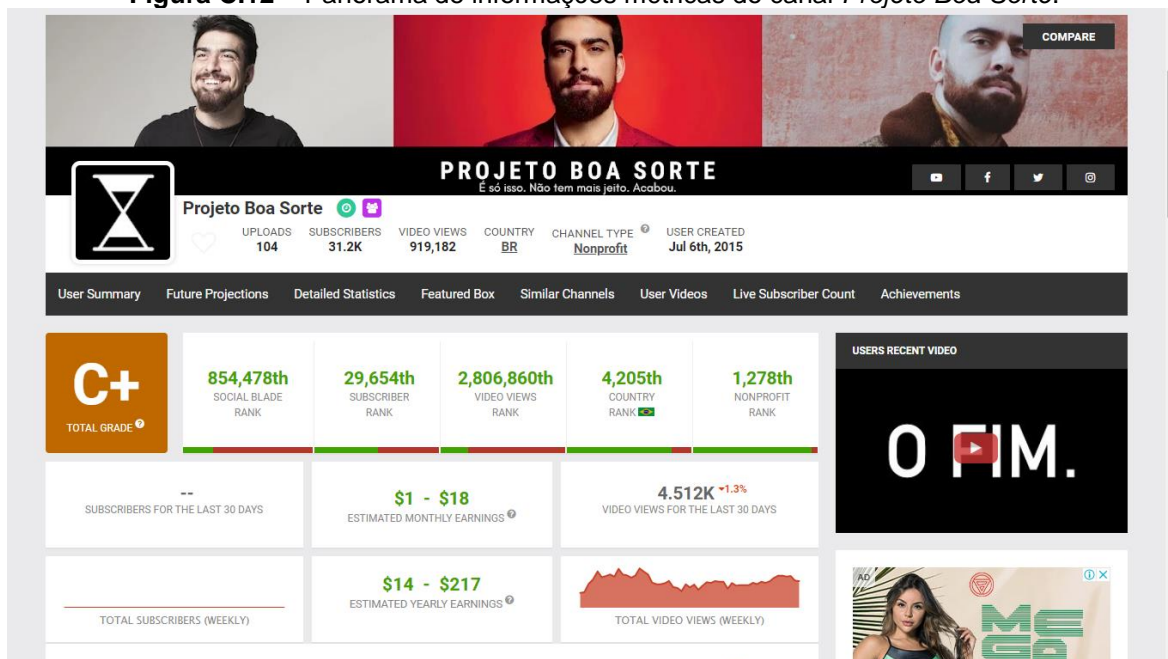
Fonte: <https://socialblade.com/youtube/channel/UCk6LPTThGpXdfC6Gv8KKZzw>. Captura de tela em 23 fev. 2022.

Figura C.11 – Panorama de informações métricas do canal *Positivo Matheus*.



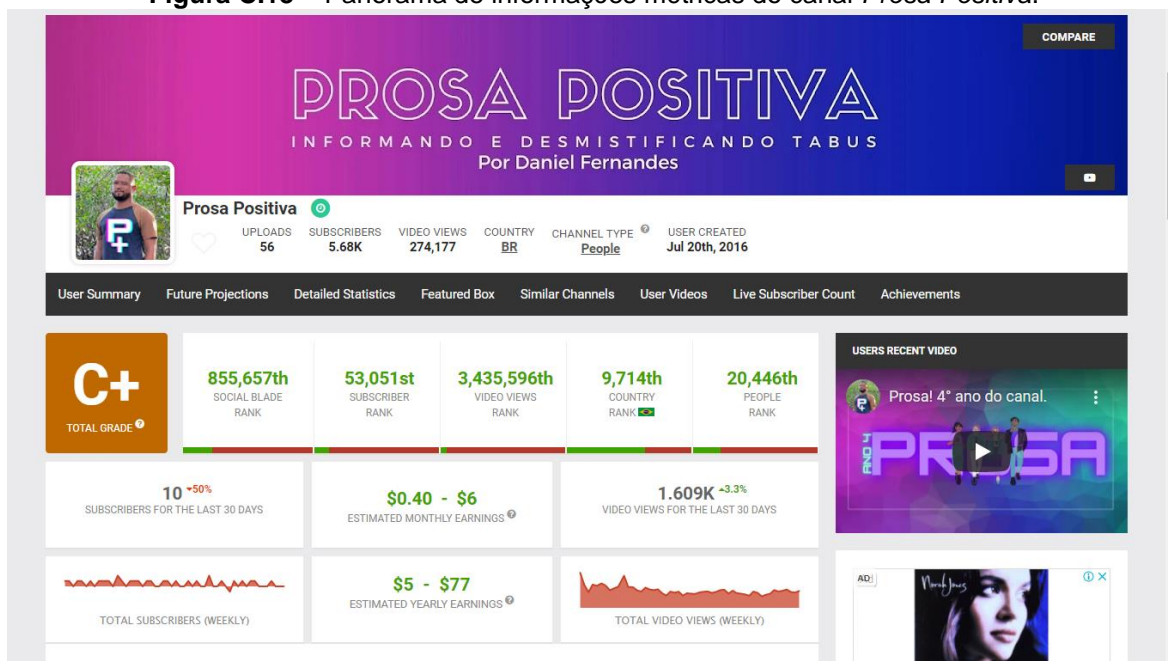
Fonte: <https://socialblade.com/youtube/channel/UCrVvcphDBKg5YwZLE3Q0yww>. Captura de tela em 23 fev. 2022.

Figura C.12 – Panorama de informações métricas do canal *Projeto Boa Sorte*.



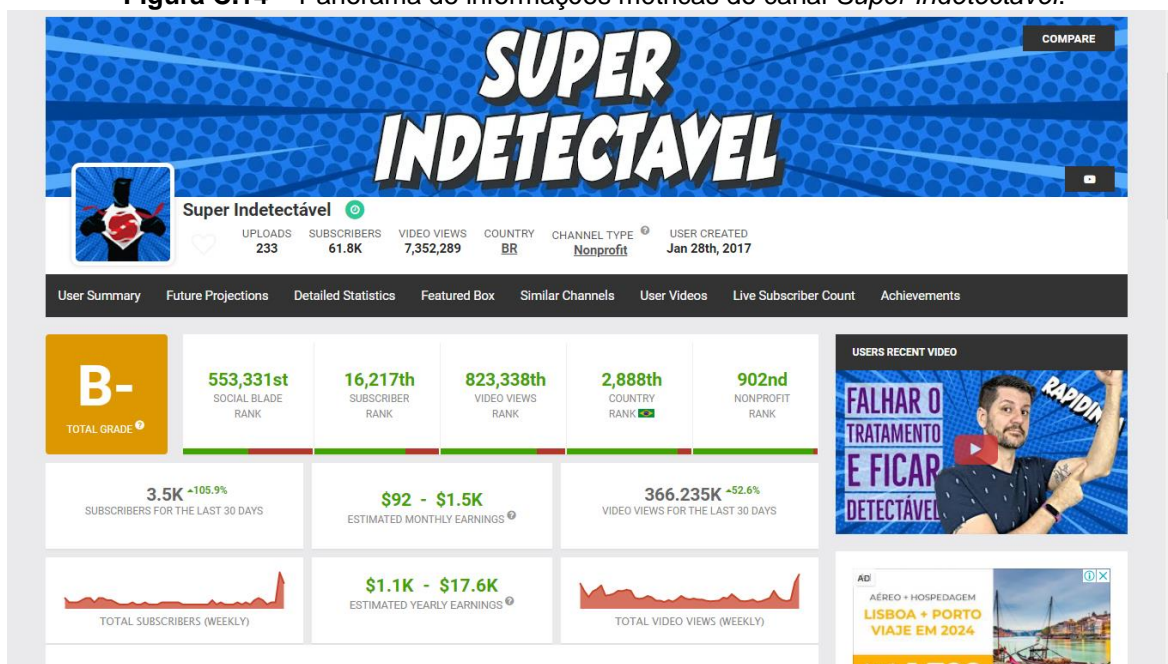
Fonte: <https://socialblade.com/youtube/channel/UCcg2yzvxj1Lc8LMjo6y1Tg>. Captura de tela em 23 fev. 2022.

Figura C.13 – Panorama de informações métricas do canal *Prosa Positiva*.



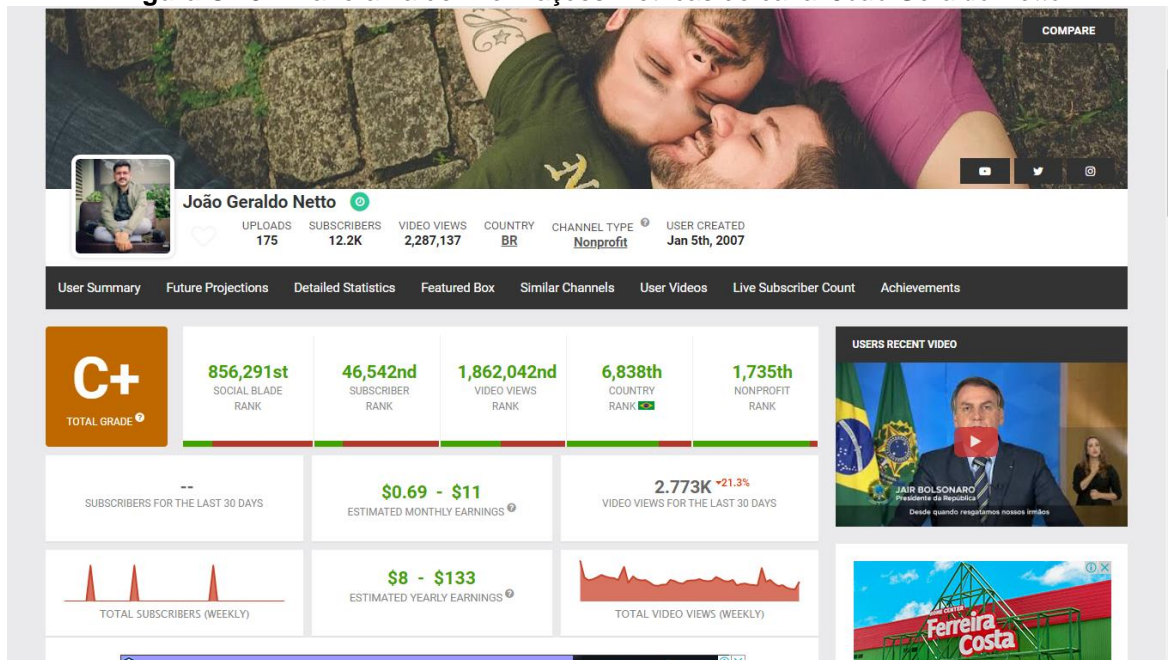
Fonte: <https://socialblade.com/youtube/channel/UCvORuPRYH92ZGHRxb3OugoQ>. Captura de tela em 23 fev. 2022.

Figura C.14 – Panorama de informações métricas do canal *Super Indetectável*.



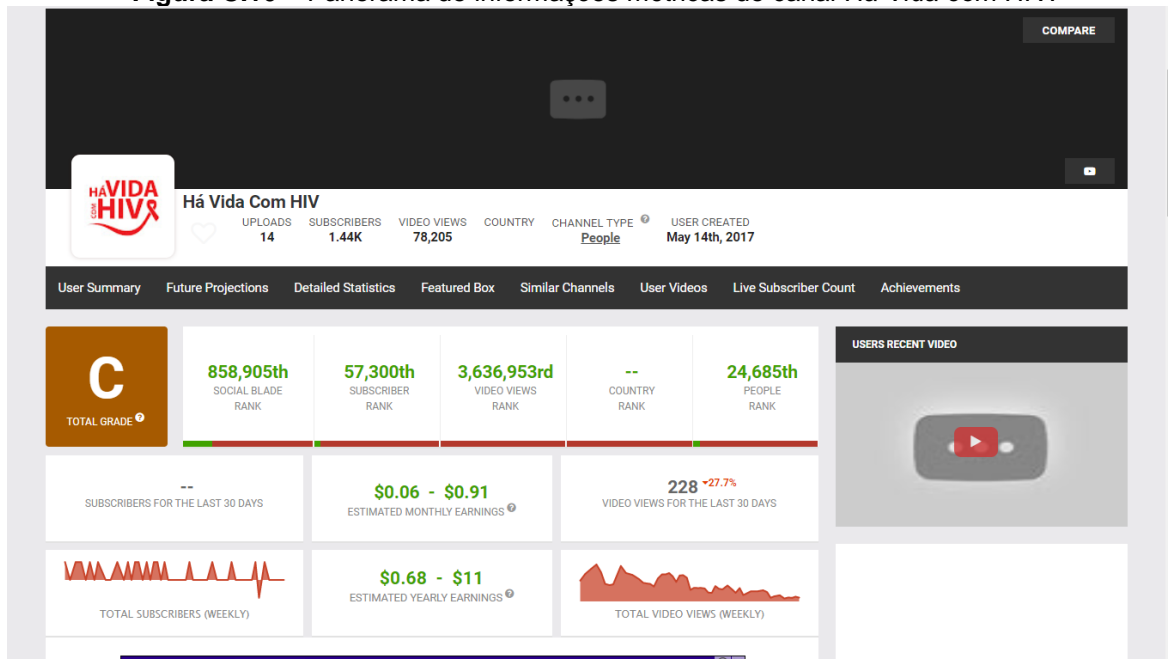
Fonte: <https://socialblade.com/youtube/channel/UC48y6mvG0l8ugyceRibgahw>. Captura de tela em 23 fev. 2022.

Figura C.15 – Panorama de informações métricas do canal *João Geraldo Netto*.



Fonte: <https://socialblade.com/youtube/user/nettinhos>. Captura de tela em 24 fev. 2022.

Figura C.16 – Panorama de informações métricas do canal *Há Vida com HIV*.



Fonte: https://socialblade.com/youtube/channel/UCRzcDQxnI9CTTPoY2V_cCNw. Captura de tela em 24 fev. 2022.

ANEXO D – PEÇAS DE CAMPANHAS MIDIÁTICAS

Figura D.1 – “Cartaz HIV Positivo”, por Ogily Brasil para GIV (2015).

Silvia A. Domingues de Almeida, 37 anos.
HIV positivo há 10 anos.
Cada sangue conta uma história.

EU SOU UM CARTAZ HIV POSITIVO.

Minhas medidas são 40 x 60 centímetros.
Fui impresso em papel Alta Alvura e minha gramatura é 250.
Eu sou exatamente como qualquer outro cartaz.
Com um detalhe: sou HIV positivo.

É isso mesmo que você vê. Sou portador do vírus.
Carrego em mim uma gota de sangue HIV positivo. Se verdade
hoje acontece, não pode estar dando um passo
para trás se perguntando se há alguma coisa perigosa.
Minha resposta é: não há nada.

O HIV não sobrevive fora do corpo humano por mais de uma hora.
Por isso, o sangue neste cartaz não tem nenhum perigo.
Assim como conviver com um HIV positivo.

Você conhece o HIV se tiver relações sexuais sem preservativos
com alguém que não está em tratamento efetivo,
se partilhar de agulhas e seringas com sangue contaminado.

Sim, você pode transmitir comigo
e com qualquer pessoa soropositiva assim como.
Mas podemos crescer nossa função na sociedade perfeitamente.
É preciso dizer que, se eu não tivesse conhecido
que tenho HIV, talvez não me tivesse casado.

Porque ser soropositivo não determina quem você é.
Siga para um cartaz ou para um ser humano.

SE O PRECONCEITO É UMA DOENÇA, A INFORMAÇÃO É A CURA.

GIV Grupo de
Iniciativas
e Vídeos giv.org.br

Transcrição do cartaz: “EU SOU UM CARTAZ HIV POSITIVO. Minhas medidas são 40 x 60 centímetros. Fui impresso em papel Alta Alvura e minha gramatura é 250. Eu sou

exatamente como qualquer outro cartaz. Com um detalhe: sou HIV positivo. É isso mesmo que você leu. Sou portador do vírus. Carrego em mim uma gota de sangue HIV positivo. De verdade. Neste momento, você pode estar dando um passo para trás se perguntando se eu ofereço algum perigo. Minha resposta é: nem de longe. O HIV não sobrevive fora do corpo humano por mais de uma hora. Por isso, o sangue neste cartaz não traz nenhum perigo. Assim como conviver com um soropositivo. Você contrai o HIV se tiver relações sexuais sem preservativos com alguém que não está em tratamento efetivo, se partilhar de agulhas e seringas com sangue contaminado. Sim, você pode conviver comigo e com qualquer pessoa soropositiva numa boa. Nós podemos exercer nossa função na sociedade perfeitamente. E arrisco dizer que, se eu não tivesse revelado que tenho HIV, talvez você nem tivesse notado. Porque ser soropositivo não determina quem você é. Seja para um cartaz ou para um ser humano. SE O PRECONCEITO É UMA DOENÇA, A INFORMAÇÃO É A CURA”.

Disponível em http://www.giv.org.br/Arquivo/GIV_Cartaz_HIV_Positivo.pdf.

Figuras D.2 , D.3, D.4, D.5, D.6, D.7, D.8, D.9, D.10, D.11, D.12, D.13 e D.14 – Seção “Episódios”, na página do site *Deu Positivo*.

The screenshot displays the 'Episódios' section of the 'Deu Positivo' website. At the top, there is a navigation bar with links for 'Episódios', 'Sinta-se em casa', 'Participantes', and 'Saiba mais'. Below the navigation bar, the main header reads 'DEU POSITIVO E AGORA?' followed by the subtitle 'VIVER COM HIV: UM NOVO COMEÇO DE VIDA' and the tagline 'Entre e sinta-se em casa'.

Two video thumbnails are shown:

- Episode 1:** Titled 'POSSO CONFIAR NO TESTE DE HIV?' (2:00 min). Description: 'Entenda mais sobre a eficácia dos testes rápidos de HIV e sobre o que é um teste confirmatório. Conheça também o conceito de janela imunológica e quando o teste deve ser feito.' Hosts: Gabriel Comicholi and Ruggery Guto.
- Episode 2:** Titled 'O QUE É HIV? O QUE É AIDS? POR QUE NÃO TEM CURA?' (2:24 min). Description: 'Qual é a diferença entre HIV e AIDS? É importante conhecer até os conceitos mais básicos para que a informação se torne sua aliada. Veja como manter sua imunidade alta e ter saúde.' Hosts: Silvia Almeida and Gabriel Estrela.



QUEM VIVE COM HIV PASSA PROS OUTROS?

3:59 min

Conheça as diferentes formas de transmissão do HIV e o leque de opções para combinar na hora de se prevenir. Saiba mais sobre a prevenção combinada e como ela se adapta a sua vida.

Saiba mais

Conheça:

- João Netto
- Rafael Bolacha



COMO É A VIDA DE QUEM VIVE COM HIV?

2:52 min

Quer conhecer como funciona o tratamento de HIV? Aprenda sobre a combinação de remédios, como tomá-los, seus efeitos, risco de resistência e dicas para uma boa saúde física e mental.

Saiba mais

Conheça:

- Lucas Raniel
- Ruggery Guto



QUEM TEM HIV PODE NAMORAR?

2:45 min

Relacionamento sorodiferente é quando uma pessoa da relação vive com HIV e a outra não. Veja como isso é possível e aprenda sobre "estar indetectável" e sobre o direito ao sigilo.

Saiba mais

Conheça:

- Gabriel Comicholi
- João Netto



O QUE FAZER SE EU SOFRER DISCRIMINAÇÃO POR VIVER COM HIV?

2:44 min

Sofreu discriminação por viver com HIV? Conheça as leis que punem como crime esse tipo de prática e os serviços disponíveis no SUS para ajudar na manutenção de uma boa saúde mental.

Saiba mais

Conheça:

- Lucrécia Borges
- Gabriel Estrela

DISCRIMINAR QUEM VIVE COM HIV É CRIME

2:25 min

Sabe o que fazer se seus direitos como pessoa vivendo com HIV são violados? Conheça os canais disponíveis para denúncias e alguns dos direitos importantes garantidos por lei.

Saiba mais

Conheça:

- Lucas Raniel
- Micaela Cyrino

QUEM VIVE COM HIV FICA DOENTE?

3:26 min

Tem medo de ficar doente só porque vive com HIV? Veja como o tratamento antirretroviral é um aliado e como conhecer seu corpo ajuda a identificar sintomas e melhorar o autocuidado.

Saiba mais

Conheça:

- Rafael Bolacha
- Daniel Fernandes

VIVO COM HIV, POSSO TER FILHOS?

2:18 min

As pessoas que vivem com HIV devem ter todos os seus direitos respeitados, incluindo os sexuais e reprodutivos. Viver com HIV e ter filhos é possível. Conheça alguns dos caminhos.

Saiba mais

Conheça:

- Micaela Cyrino
- Sílvia Almeida

TEM TRATAMENTO PARA HIV NO SUS?

3:38 min

Sabia que os serviços de HIV da SUS são reconhecidos internacionalmente? Conheça os 3 princípios básicos de funcionamento do SUS e como a participação social ajuda a melhorar o sistema.

Saiba mais

Conheça:

- Tamyllis Lino
- Lucas Siqueira



Conheça os participantes do projeto **Deu Positivo, e Agora?** Esperamos que suas histórias de vida também possam inspirar você nessa nova trajetória.

Conheça os participantes



[Conheça o projeto](#)

[Ficha técnica](#)

[Alguma sugestão?](#)



Ficha técnica:

Realização: UNAIDS, UNESCO. Produção: VEduca.

Participantes:

Daniel Fernandes, Gabriel Comicholi, Gabriel Estrela, João Geraldo Netto, Lucas Raniel, Lucas Siqueira, Lucrécia Borges, Micaela Cyrino, Rafael Bolacha, Ruggery Guto, Silvia Almeida e Tamyllis Lírio.

Sobre o projeto:

O Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) se uniram para criar a plataforma online Deu Positivo, e Agora? (deupositivoeagora.org): um site que reúne

informações sobre HIV em linguagem atualizada, clara, acessível, com foco em jovens que acabaram de receber diagnóstico positivo para o HIV, o vírus da imunodeficiência humana.

O objetivo do projeto é mostrar que o tratamento, quando iniciado precocemente e seguido de forma adequada garante melhor qualidade de vida à pessoa. Estudos científicos já comprovaram que a adesão ao tratamento antirretroviral leva as pessoas vivendo com HIV à redução da carga viral no organismo, alcançando um nível chamado de “indetectável”. Com a carga viral indetectável, o HIV deixa de ser transmitido a outras pessoas—conhecido pela expressão “indetectável = intransmissível”—, o que coloca o tratamento antirretroviral como um dos diversos métodos da Prevenção Combinada.

“A gente percebeu que as pessoas, quando recebem o diagnóstico positivo para o HIV, geralmente correm para a internet para buscar informação. Só que percebemos também que, na internet, há muita desinformação”, explica Georgiana Braga-Orillard, Diretora do UNAIDS no Brasil. “A ideia do projeto é suprir essa necessidade de informação sobre HIV. Que as pessoas possam chegar e encontrar, em um só lugar, informações que sejam de qualidade, acolhedoras e de uma forma que seja também leve.”

Além de incentivar a adesão ao tratamento antirretroviral, os materiais reunidos no site têm o objetivo de mostrar que é possível viver com HIV e ser saudável, ter relacionamentos, ter filhos, exercer seus direitos, entre tantos outros pontos. É também mostrar que o diagnóstico positivo para HIV pode ser um novo começo de vida, com uma nova mentalidade, novas conquistas e aprendizados.

O número de casos de AIDS entre jovens de 15 a 24 anos tem crescido nos últimos dez anos: as taxa de detecção de casos de AIDS entre jovens do sexo masculino nesta faixa etária mais que dobraram em uma década: 3 para 7 casos por 100 mil habitantes (15 a 19 anos) e de 15,6 para 36,2 casos por 100 mil habitantes (20 a 24 anos)—os dados são do Boletim Epidemiológico de HIV 2018, divulgado pelo Ministério da Saúde. Entre mulheres, as taxas têm mostrado uma tendência de queda em quase todas as faixas etárias.

O Brasil hoje tem uma das maiores coberturas de tratamento antirretroviral (TARV) entre os países de renda média e baixa. Apesar disso, a adesão ao tratamento disponível gratuitamente pelo SUS ainda é um desafio. Das pessoas estimadas vivendo com HIV no país, 84% já fizeram o teste de HIV; destas, 75% estão em tratamento para o HIV; e, dentro deste grupo de pessoas em tratamento, cerca de 92% apresentam carga viral indetectável.

Mesmo com toda a estrutura e medicamentos disponíveis, há um número importante de quase 200 mil de pessoas diagnosticadas com HIV e que, por diversos motivos, não se encontram em tratamento. Dados do Ministério da Saúde mostram que os jovens vivendo com HIV estão entre os que apresentam os menores níveis de adesão ao tratamento antirretroviral. A plataforma Deu Positivo, e Agora? surge como uma resposta a este desafio e busca engajar os jovens oferecendo informações corretas sobre HIV, em linguagem acessível e livre de estigma e discriminação.

Além de 12 vídeos com informações essenciais sobre HIV (tratamento, relacionamentos sorodiferentes, filhos, prevenção, direitos, entre outros), o site conta com materiais adicionais como gráficos, resumos dos vídeos, histórias de vida e referências para outros sites oficiais. Participam do projeto influenciadores digitais e pessoas que vivem ou convivem com HIV engajadas como ativistas na área de prevenção e sensibilização sobre a epidemia no Brasil.

Entendendo a relação do jovem com o HIV

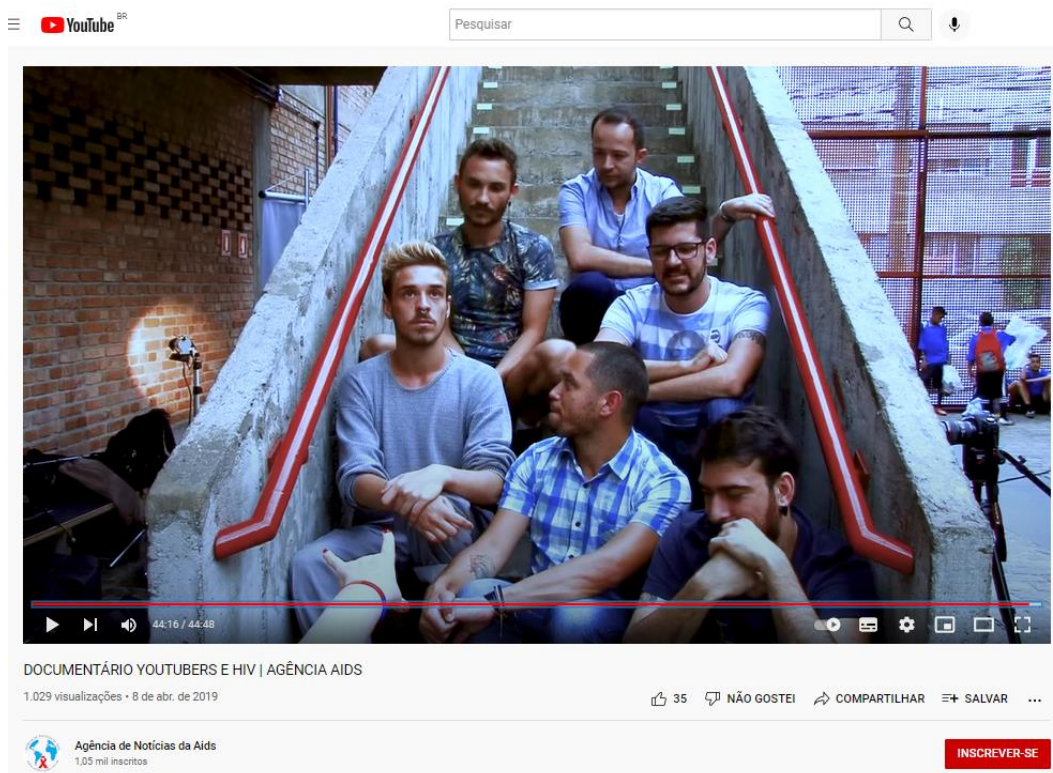
Esta mesma geração que tem sido mais fortemente afetada pela epidemia é também aquela que hoje busca e recebe informações de forma mais frequente na internet. Uma pesquisa realizada pelo grupo Credit Suisse com jovens brasileiros de 16 a 25 anos (Credit Suisse Youth Barometer 2014) apontou que, para 93% deles, a internet é muito importante, e que, além disso, 63% deles passam mais de duas horas por dia online.

Outro dado relevante é o fato de que, cada vez mais, as pessoas têm acessado a internet para buscar informações sobre a saúde. Uma pesquisa feita pela seguradora de saúde Bupa, em 2011, a Bupa Health Pulse, constatou que 86% dos brasileiros com acesso à Internet utilizam a rede para buscar orientações sobre saúde, remédios e condições médicas. A pesquisa mostra, que destes 86%, 68% buscam, online, informações sobre

medicamentos, 45% buscam informações sobre hospitais e 41% buscam conhecer, na Internet, experiências de outros pacientes com determinado problema de saúde. Contudo, um dado preocupante é que somente um quarto das pessoas verifica as fontes das informações.

Disponível em <https://deupositivoeagora.org>. Capturas de tela obtidas em 08 mar. 2022.

Figura D.15 – Página do documentário “Youtubers e HIV” (2018).



Ficha Técnica:

Realização: Agência Nacional de Notícias da Aids. **Apoio:** SUS, Ministério da Saúde, Governo Federal. **Concepção, direção e entrevistas:** Roseli Tardelli. **Produção:** Talita Martins, Mauricio Bandeira.

Participantes:

Gabriel Estrela, Rafael Bolacha, Gabriel Comicholi, Daniel Fernandes, João Geraldo Netto, Luis Felipe “Pisci Loka”.

Sinopse*:

Para marcar o Dia Mundial da Saúde, celebrado em 7 de abril, o Canal Futura vai exibir, no próximo domingo (7), às 20h, o documentário “Youtubers e HIV: prevenção, irreverência e informação”. Idealizado e dirigido pela jornalista Roseli Tardelli, diretora da Agência Aids, o longa conta a história de jovens youtubers que vivem com HIV e compartilham informações sobre a doença e suas vivências nas redes sociais.

O documentário é um convite para o público refletir sobre a luta contra a aids no século 21. Gabriel Estrela, João Geraldo Netto, Rafael Bolacha, Gabriel Comicholi, Daniel Fernandes e Pisci Loka traz em seus depoimentos histórias de afeto, sexualidade e prevenção.

Gabriel Comicholi, por exemplo, usa o seu canal para falar sobre suas experiências e tratamento desde o dia em que recebeu o diagnóstico.

Em Boa Sorte, Gabriel Estrela conta com as participações de especialistas para debater o assunto. Já Daniel Fernandes, do Prosa Positiva, propõe discussões sobre depressão e suicídio.

O youtuber João Geraldo Netto aborda no Super Indetectável como as pessoas vivendo com HIV são amparadas pela justiça, no caso os direitos assegurados pelo Ministério da Saúde.

Em Chá dos 5, Rafael Bolacha, artista, produtor cultural e idealizador do projeto Uma Vida Positiva, aborda com muito bom humor temas sobre sexo, prevenção e cuidados.

No coletivo Loka de Efavirenz, Pisci-Bruxa, mestranda em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, pesquisa o processo de criminalização da transmissão do HIV.

Lançando em 1º de dezembro de 2018, Dia Mundial de Luta Contra a Aids, o documentário tem o apoio do Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais, do Ministério da Saúde, da GSK Brasil (GlaxoSmithKline) e da Via TV.

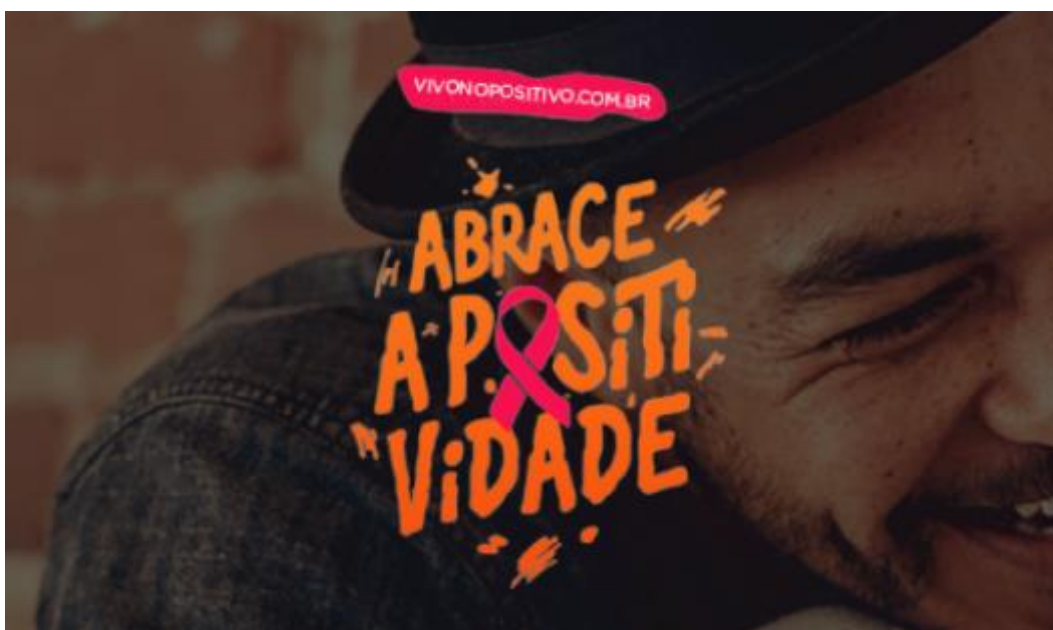
O Canal Futura vai reprisar o filme nos dias 13 e 14, às 02h e às 04h, respectivamente. Além disso, estará disponível no Futura Play.

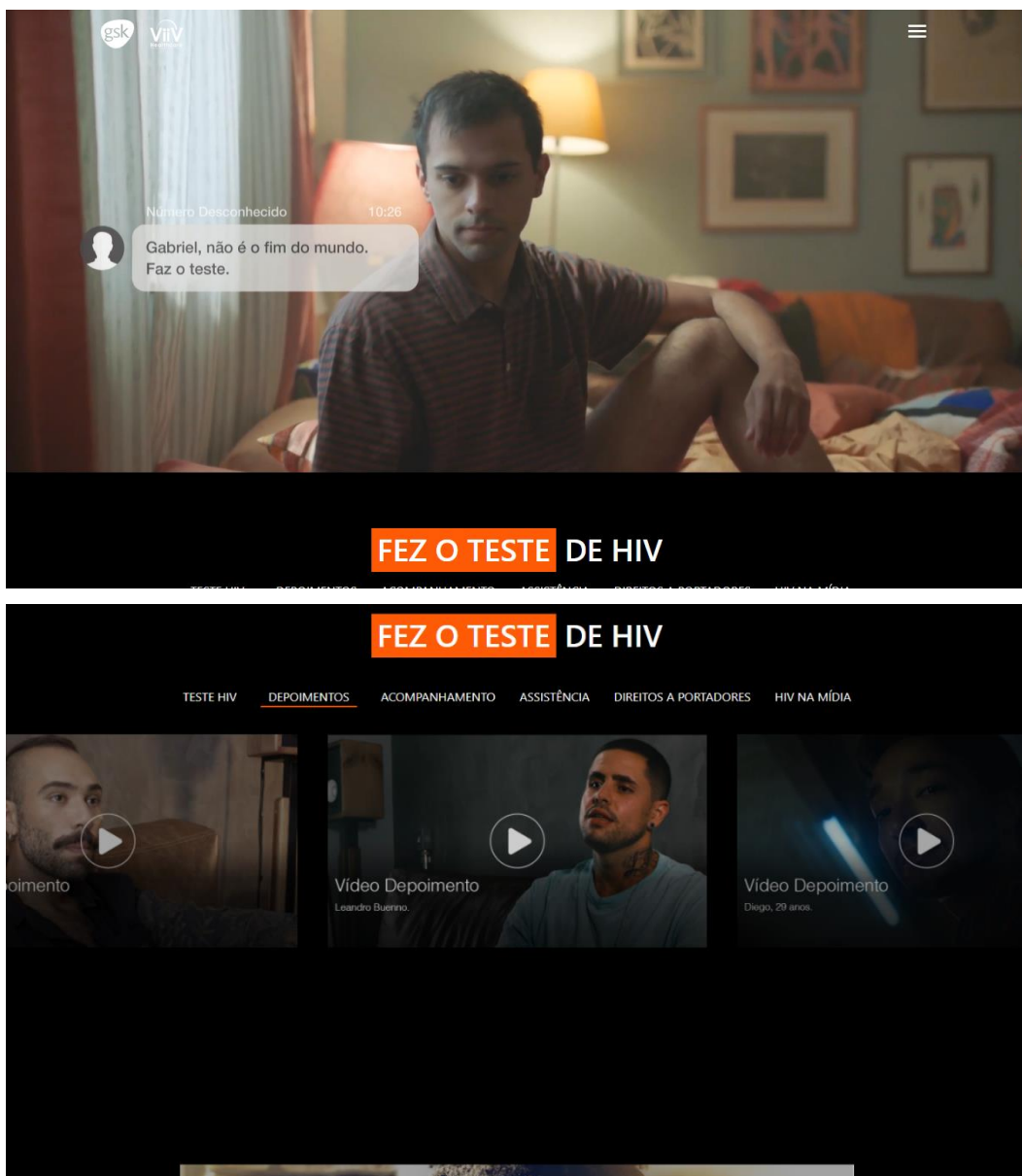
Disponível em: <https://youtu.be/2Mxkjm8pcWs>. Captura de tela obtida em 08 mar. 2022.

Nota:

(*) *Press release* do documentário, divulgado em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/documentario-youtubers-e-hiv-prevencao-irreverencia-e-informacao-sera-exibido-neste-domingo-7-no-canal-futura/>

Figuras D.16, D.17 e D.18 – Página da campanha “Abraça a Positividade” (2019), no site *Vivo no Positivo*.





Ficha Técnica:

Realização: GSK.

Participações:

Lucas Raniel, Thais Renovatto, Daniel Fernandes, Lucas Manga, Leandro Bueno, Diego Krausz, José Joglemir.

Informações*: A GSK lança hoje a campanha Abraça a Positividade. A iniciativa visa empoderar as pessoas que vivem com HIV e incentivá-las a buscar uma melhor qualidade de vida. E para mostrar que é possível superar o preconceito, levamos para a Av. Paulista o ator e digital influencer Gabriel Comicholi para reproduzir o movimento social Free Hugs, que oferece abraços para desconhecidos em locais públicos. Confira o resultado da ação no vídeo e acesse www.vivonopositivo.com.br para mais informações sobre HIV/AIDS, prevenção e bem-estar. (*via Facebook, página do projeto).

Disponível em: <https://www.participathivosgsk.com.br/vivo-no-positivo/fez-o-teste.html>.
Captura de tela obtida em 08 mar. 2022.


Figuras D.19, D.20, D.21 e D.22 – Páginas do blog *Super Indetectável*.



UM PERSONAGEM

O Super Indetectável é um personagem sem gênero definido (masculino ou feminino) criado para a Rede Mundial de Pessoas que Vivem e Convivem com HIV como parte de uma estratégia de comunicação digital em saúde para



 SUPER INDETECTÁVEL

[ENTRAR](#) [O SUPER INDETECTÁVEL](#) [BLOG](#) [MENU](#)

OLÁ! SOU O SUPER INDETECTÁVEL

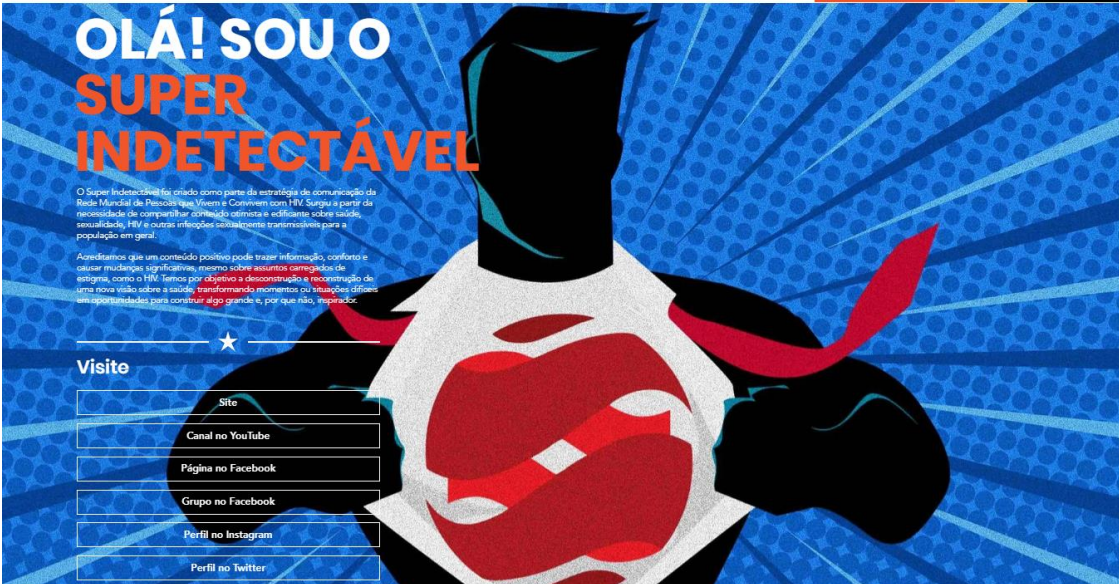
O Super Indetectável foi criado como parte da estratégia de comunicação da Rede Mundial de Pessoas que Vivem e Convivem com HIV. Surgiu a partir da necessidade de compartilhar conhecimento e experiências sobre saúde, sexualidade, HIV e outras infeções sexualmente transmissíveis para a população em geral.

Acreditamos que um conteúdo positivo pode trazer informação, conforto e causar mudanças significativas, mesmo sobre assuntos carregados de estigma, como o HIV. Temos por objetivo a desconstrução e incorporação de uma nova visão sobre a saúde, transformando momentos ou situações difíceis em oportunidades para construir algo grande e, por que não, inspirador.

★

Visite

- Site
- Canal no YouTube
- Página no Facebook
- Grupo no Facebook
- Perfil no Instagram
- Perfil no Twitter



 SUPER INDETECTÁVEL

[ENTRAR](#) [O SUPER INDETECTÁVEL](#) [BLOG](#) [MENU](#)

A REDE MUNDIAL

A Rede Mundial de Pessoas que Vivem e Convivem com HIV é um grupo virtual fechado no Facebook que tem o objetivo de acolher, orientar, fortalecer e ajudar mutuamente pessoas afetadas pelo vírus causador de aids.



O ESPAÇO ONDE PODEMOS SER NÓS MESMOS.

A Rede Mundial de Pessoas que Vivem e Convivem com HIV é um grupo virtual fechado no Facebook que tem o objetivo de acolher, orientar, fortalecer e ajudar mutuamente pessoas afetadas pelo vírus causador de aids. Nesse espaço os membros podem fazer amizade, compartilhar suas dúvidas, medos, experiências, vitórias, conquistas e histórias. Além de pessoas que vivem com o HIV, também é permitida a participação de profissionais de saúde das diferentes áreas, parentes, familiares e cônjuges de pessoas com HIV, assim como pesquisadores e ativistas de direitos humanos.

Disponível em: <https://www.superindetectavel.com/>. Captura de tela obtida em 08 mar. 2022.

Figuras D.23 e D.24 – Peças da campanha “Indetectável” (Ministério da Saúde, 2018), com participação voluntária de Rafael Bolacha (*Chá dos 5*).



Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/campanha/campanha-indetectavel>.

Figuras D.25 e D.26 – Peças da campanha “Indetectável” (Ministério da Saúde, 2018), com participação voluntária de Geovanni Henrique (*Discordantes*).



Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/campanha/campanha-indetectavel>.

Figura D.27 e D.28 – Peças da campanha “Indetectável” (Ministério da Saúde, 2018), com participação voluntária de Lucas Martins (*Há Vida com HIV*).



Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/campanha/campanha-indetectavel>.

Figura D.29 e D.30 – Peças da campanha “Indetectável” (Ministério da Saúde, 2018), com participação voluntária de Léo Cezimbra (*Confissões de um Soropositivo*).



Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/campanha/campanha-indetectavel>.

Figura D.31 e D.32 – Peças da campanha “Fique Sabendo” (Ministério da Saúde, 2012), com participação voluntária de João Geraldo Netto (canal homônimo e *Super Indetectável*).

MELHORAR SUA VIDA, NOSSO COMPROMISSO.

SUS  Ministério da Saúde

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

**Há 10 anos,
João Netto
vive com HIV.**

Ele estuda, pratica esporte, não abre mão de se divertir. Leva uma vida com qualidade. Tudo isso porque fez o teste de aids e descobriu a tempo de se cuidar.

Faça o teste de aids você também. Não fique na dúvida, fique sabendo. E use camisinha sempre.

PROCURE UMA UNIDADE DE SAÚDE.
Saiba mais em www.aids.gov.br

Fique Sabendo 

7 DE DEZEMBRO
CONVERSANDO DE LUTA
E CUIDADO

136
Linha Verde

João Geraldo Netto

MELHORAR SUA VIDA, NOSSO COMPROMISSO.

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/campanha/dia-mundial-de-luta-contr-aids-2012>.